Piratas de Dados

Bruce Sterling

O livro *Piratas de Dados (Islands in the Net),* de Bruce Sterling, é o segundo volume da *Coleção Zenith,* que apresenta obras-primas da Ficção Cientifica rigorosamente selecionadas.

Neste livro, Sterling - o principal articulador e ideólogo do Movimento *Cyberpunk* - narra a trajetória de Laura Webster, executiva de uma corporação multinacional, após seu envolvimento em um atentado político. O cenário é o futuro próximo. O acesso à informação é a moeda mais valorizada e potentes drogas são comuns no cotidiano.

O grande desafio é o Terceiro Mundo, que está de posse de versões pirateadas da tecnologia de ponta dos países desenvolvidos e disposto a não jogar pelas regras das grandes corporações, que detêm o poder no mundo por meio do controle informático e econômico.

Piratas de Dados prende a atenção dos leitores porque, em cada acontecimento, em cada personagem, em cada detalhe de pano de fundo, apresenta um universo hipertecnológico verdadeiramente convincente, com estilo super-realista e fascinante. É o avanço de nossa atual tecnologia de ponta, passando da ficção para a realidade.

Sterling mostra o futuro com uma riqueza tão grande de detalhes que as pessoas que lerem *Piratas de Dados* terão, daqui a trinta anos, a impressão de um *déjà vu,* de que já viram isso.

A tecnologia é explorada com muita emoção na história, onde são descritos pontos básicos da doutrina *cyberpunk*, como grandes corporações multinacionais exercendo o controle da Terra e a informática dominando tudo.

O conceito *cyberpunk* associa-se a uma realidade computadorizada em que pessoas e informações se misturam. O livro também apresenta um trabalho sério sobre o impacto social do advento das inteligências artificiais e dos experimentos tecnológicos aplicados não somente ao dia-a-dia dos seres humanos como também dentro deles, em seus cérebros ou nas reentrâncias de sua pele; são a invasão da mente com computadores cerebrais interfaciais, inteligência artificial e neuroquímica; e a invasão do corpo, com membros protéticos, circuitos implantados, cirurgia cosmética e alteração genética. Onde redes de computadores e o cérebro das pessoas estarão interligados, conectados diretamente ao computador.

Seja bem-vindo ao sec. XXI.

BRUCE STERLING

PIRATAS DE DADOS

Tradução: Norberto de Paula Lima

Título original: *Islands in the Net*
Copyright © 1988 by Bruce Sterling

Todos os direitos reservados à
Aleph Publicações e Assessoria Pedagógica Ltda
Av. Dr. Luiz Migliano, 1110 - 3ª andar - Morumbi - CEP 05711
São Paulo - SP - Tel. (011) 843-3202/843-0514

Ilustrações internas: Spacca

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sterling, Bruce, 1954-

Piratas de Dados / Bruce Sterling; tradução de Norberto de Paula Lima São Paulo; Aleph, 1990.
- (Coleção Zenith: v. 2)

1. Ficção Científica norte-americana 2. Romance norte-americano I. Título, n. Série
90733 CDD-813.5876

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção Científica: Literatura norte-americana 813.0876
2. Romances: Século 20: Literatura norte-americana 813.5
3.Século 20: Romances: Literatura norte-americana 813.5

Capítulo 1

O mar estava numa calma morna e parecia goma esverdeada misturada com lama quente. No horizonte, traineiras pescavam camarão. As colunas do cais se erguiam em grupos, como dedos enegrecidos, alguns metros além da arrebentação suave. Outrora, as casas de praia de Galveston se apinhavam contra as colunas manchadas de óleo; agora, os mariscos cresciam e as gaivotas rodopiavam ao redor deles e gritavam. O Golfo do México era um gigantesco gerador de furacões.

Laura leu o tempo e a distância percorrida com um rápido olhar para baixo. Mostradores verdes piscavam em seus dedões, mudando a cada passo, contando os quilômetros. Acelerou. As sombras da manhã caíam intermitentemente sobre ela enquanto corria.

Passou pela última série de colunas e avistou sua casa, lá longe, na praia. Sorriu, enquanto a fadiga evaporava numa onda de energia.

Tudo parecia valer a pena. Quando sentiu o novo fôlego, achou que podia correr para sempre; uma promessa de indestrutível confiança borbulhava em sua medula. Correu com a naturalidade de um animal, como um antílope.

A praia pulou para cima e bateu em sua cara. Ficou atordoada por um momento. Levantou a cabeça, respirou profundamente e gemeu. O rosto estava coberto de areia e os cotovelos haviam adormecido com o impacto da queda. Os braços tremiam enquanto se punha de joelhos. Olhou para trás.

Algo enganchara em seu pé. Era um pedaço de fio, preto e descascado. Ferro velho trazido pelo furacão, enterrado na areia. O fio enroscara em seu tornozelo esquerdo e a derrubara como se ela fosse um saco de batatas.

Laura se sentou respirando fortemente e chutou o fio solto. Onde a pele fora arrancada - pouco acima de sua meia - começou um sangramento e o choque frio deu lugar a uma dor quente e penetrante. Levantou-se e combateu o tremor, limpando a areia do rosto e dos braços. A areia arranhara a tela de seu relogiofone e se incrustara na pulseira.

- Que beleza! - ironizou. A raiva retardada trouxe de volta a energia. Abaixou-se e puxou o fio com força. Pouco mais de um metro de fio saiu da areia molhada.

Olhou em volta, procurando uma vareta ou um galho para escavar. A praia, como sempre, estava impecavelmente limpa. Recusava-se a deixar esse fio sujo. Algum turista poderia tropeçar e cair. Isso era impensável - na praia “dela”. Teimosamente, agachou-se e escavou com as mãos.

Acompanhou o fio estragado por mais uns trinta centímetros de profundidade, até a caixa descascada e cromada de um eletrodoméstico. Seu plástico, imitando madeira, desfez-se em seus dedos como se fosse uma velha folha de linóleo. Chutou várias vezes a máquina velha, para soltá-la. Depois, resmungando e ofegando,

arrancou-a de seu buraco na areia molhada. O aparelho ofereceu pouca resistência, como um dente podre.

Era um videocassete. Vinte anos de areia e sal o haviam transformado em sólida massa corroída. Um caldo ralo de areia e conchas trituradas escorreu do alojamento da fita.

Era um modelo velho, pesado e desajeitado. Laura, mancando, arrastou-o pelo fio. Olhou em redor, procurando uma lata de lixo. Avistou-a parada junto a dois pescadores, na água, com botas de cano alto. Chamou:

- Lata de lixo!

A lata girou sobre grandes rodas de borracha e foi em direção da voz. Abria caminho pela areia mapeando o terreno com pulsos de infra-som. Localizou Laura e guinchou quando parou a seu lado.

Laura sopesou o aparelho imprestável e jogou-o no latão aberto com um barulho alto e oco.

- Obrigado por manter nossas praias limpas - a lata entoou. - Galveston aprecia os bons cidadãos. Gostaria de se registrar para um valioso prêmio em dinheiro?

- Não, guarde-o para os turistas.

Laura continuou correndo para sua casa, sem forçar muito o tornozelo.

A casa destacava-se acima da linha de maré alta, sobre vinte colunas cor de areia. O chalé era um semicilindro liso de areia-concreto densa, mais ou menos da mesma cor e forma de um filão de pão queimado. Uma torre redonda de dois andares subia de seu centro. Arcos maciços de concreto mantinham-na quatro metros acima da praia.

Um toldo amplo, listrado de branco e vermelho, dava sombra para as paredes do chalé. Sob o toldo, uma varanda de madeira, desbotada pelo sol, circundava o prédio. Atrás do parapeito da varanda, o sol da manhã refletia-se nas portas de vidro de meia dúzia de quartos de hóspedes que davam para o mar, ao leste.

Três crianças dos hóspedes já estavam na praia. Seus pais eram de uma firma canadense pertencente à Rizome, e estavam todos de férias às expensas da companhia. As crianças estavam com roupas de marinheiro azuis e chapéus Fauntleroy do século XIX com fitas pendendo da aba. As roupas eram lembranças do bairro histórico de Galveston.

O maior, um menino de dez anos, correu diretamente para Laura, com um longo bastão de madeira sobre a cabeça. Atrás dele, um pipa-escultura se soltou dos braços dos outros, desdobrando asa após asa em tons pastéis de azul e verde. Ao ser solta, cada folha de pano tomava forma, apanhava o vento e saía voando. O menino diminuiu a marcha e virou-se, segurando firme. A longa pipa saracoteava como uma cobra, com movimentos estranhamente sinuosos. As crianças gritavam de alegria.

Laura olhou para a cobertura da torre do chalé. As bandeiras do Texas e do grupo industrial Rizome estavam sendo hasteadas. O velho senhor Rodriguez acenou-lhe por um momento e desapareceu atrás da antena parabólica. O velho estava

cumprindo as honras de sempre, iniciando mais um dia.

Mancando, Laura subiu a escada até a varanda. Empurrou as portas pesadas do saguão de entrada. Lá dentro, as paredes maciças do chalé conservavam o frescor da noite e o alegre perfume da cozinha texano-mexicana: pimentas, farinha de cereais e queijo. A senhora Rodriguez ainda não estava na recepção; ela acordava tarde, diferentemente de seu marido. Laura passou pelo refeitório vazio e subiu a escada da torre.

A porta de alçapão deslizou, abrindo-se quando ela se aproximou. Emergiu, pelo piso inferior da torre, numa sala de reuniões cheia de equipamentos de escritório modernos e cadeiras giratórias estofadas. Atrás dela, o alçapão sanfonado fechou.

David, seu marido, estava esticado numa espreguiçadeira, com o bebê em cima de seu peito. Os dois estavam dormindo. Uma das mãos de David espalhava-se confortavelmente sobre as costas do pijama da pequena Loretta.

A luz da manhã inundou as janelas redondas e espessas da torre, traçando uma diagonal pelo quarto. Dava aos rostos de pai e filha estranho brilho renascentista. A cabeça de David estava apoiada em um travesseiro e seu perfil, sempre admirável, parecia uma moeda dos Médici. O bebê tinha rosto relaxado e pacífico, pele de pêssego, assombrosamente fresca e nova, como se tivesse chegado ao mundo naquele instante, embrulhado em celofane.

David tinha enrolado uma fralda de lã e a jogado ao pé da cama. Laura abriu-a cuidadosamente sobre as pernas do marido e as costas da criança

Puxou uma cadeira e sentou-se ao lado deles, esticando as pernas. Uma onda de cansaço agradável passou por seu corpo. Saboreou-a um pouco e, depois, sacudiu o ombro descoberto de David.

- Bom dia!

Ele estremeceu. Sentou-se, segurando Loretta, que continuou dormindo, em sua onipotência de bebê.

- Agora ela dorme. Mas não às três da madrugada. A meia-noite da alma humana.

- Eu vou levantar, da próxima vez - disse Laura. - Mesmo.

- Que diabo, poderíamos colocá-la no quarto de sua mãe - David afastou o cabelo preto e comprido dos olhos e pôs as costas da mão na boca para bocejar. - Sonhei que via minha *persona optima*, a noite passada.

- Hã? - Laura ficou surpresa. - E como era?

- Não sei. O que eu esperava, pelas coisas que li a respeito. Flutuando, nebulosa, cósmica. Eu estava na praia. Pelado, acho. O sol estava nascendo. Era hipnótico. Um grande sentimento de euforia. Como se estivesse descobrindo algum elemento puro da alma.

Laura deu de ombros.

- Você não acredita, mesmo, nessa bobagem?

Ele se fez de indiferente.

- Não. Ver sua PO. É uma moda. Como o pessoal costumava ver Ovnis, lembra-se? Um cara lá do Oregon disse que teve um encontro com seu arquétipo pessoal. Em pouco tempo, todos, e seu irmão também, tiveram visões, histeria de massa, inconsciente coletivo ou coisa assim. Coisa idiota Mas é moderno, pelo menos. Muito do novo milênio.

Ele parecia obscuramente contente.

- Porcaria mística - retrucou Laura. - Se fosse realmente seu eu, ótimo, você estaria construindo algo, certo? Não vagabundeando na praia, procurando o Nirvana.

David mostrou-se submisso.

- Foi só um sonho. Lembra-se daquele documentário, sexta-feira passada? O cara que viu sua PO andando na rua, usando as roupas dele, usando o cartão dele? Ainda tenho um longo caminho a percorrer - olhou para o tornozelo dela e sobressaltou-se. - O que fez com sua perna?

Ela olhou.

- Tropecei num pedaço de lixo do furacão. Enterrado na areia. Na verdade, era um videocassete.

Loretta acordou e seu rosto se distendeu num grande bocejo desdentado.

- Mesmo? Devia estar lá desde aquele grande, de 2002. Vinte anos! Cristo, você pode pegar tétano.

Deu o bebê para ela segurar e pegou uma caixa de primeiros socorros no banheiro. No caminho de volta, apertou um botão no console. Um dos monitores planos da parede acendeu.

David se sentou agilmente no chão e pôs o pé de Laura no colo. Desamarrou o sapato dela e observou a situação.

- Coisa feia Você ficou mancando mesmo, gata.

Com cuidado, tirou a meia de Laura. Ela segurou o bebê, que não parava de se mexer, no ombro e observou o monitor, distraindo-se, enquanto David tratava da pele esfolada.

O monitor mostrava o jogo de Governo Mundial de David - uma simulação global. As cidades brilhavam em verde, saudáveis, ou vermelho, de convulsão social. Indicações crípticas passavam na parte de baixo do monitor. A África estava uma confusão.

- É sempre a África, não é?

- Sim - disse David, fechando de novo um tubo de gel anticéptico. - Parece uma queimadura de corda. Não sangrou muito. Vai cicatrizar logo.

- Estou bem.

Laura levantou-se, junto com Loretta, e disfarçou a dor, para ele não se preocupar. A ardência passou quando o gel penetrou. Ela sorriu.

- Preciso de uma ducha.

O relogiofone de David tocou. Era a mãe de Laura, chamando de seu quarto de

hóspedes, no chalé, lá embaixo.

- *Ohaiô,* vocês todos! Que tal ajudar a vovó a tomar café da manhã?

David estava alegre.

- Vou descer num minuto, Margaret. Não coma nada que ainda esteja vivo.

Os dois subiram até o quarto. Laura deu-lhe o bebê e foi para o banheiro, cuja porta fechou atrás dela.

Não conseguia entender por que David de fato gostava de sua mãe. Insistiu no direito de ela ver a neta, mesmo Laura não vendo a mãe há anos. David estava tendo um prazer inocente com a estada de sua sogra, como se uma visita de uma semana pudesse apagar anos de ressentimento mudo.

Para David, os laços de família pareciam naturais e sólidos, do jeito que as coisas deveriam ser. Seus pais haviam cuidado muito bem dele. Mas os pais de Laura haviam se separado quando ela tinha nove anos e a avó a criara. Sabia que família era um luxo, uma planta de estufa.

Entrou no *box* e a cortina fechou. A água, aquecida pelo sol, lavou a tensão e tirou os problemas de família da cabeça. Saiu e secou o cabelo. O cabelo assentou certo - usava um corte simples, curto, com mechas parecendo penas. Observou-se no espelho.

Depois de três meses, a maior parte de sua flacidez pós-parto desaparecera com seu programa de corridas. Os dias infinitos de sua gravidez eram lembrança que desaparecia, se bem que a imagem de seu corpo barrigudo ainda surgia em seus sonhos. Ela fora feliz, quase sempre - grande e dolorida, mas sobrevivendo com os hormônios da maternidade. Causara alguns maus momentos para David. “Mudanças de humor”, dizia ele, com boba tolerância masculina.

Nas últimas semanas, os dois estiveram nervosos, inquietos, como os animais de estábulo pouco antes de um terremoto. Tentando esquecer, conversavam só de amenidades. A gravidez era uma daquelas situações arquetipais que pareciam sempre provocar frases feitas.

Mas fora a decisão certa. Era a hora certa. Agora tinham a casa que planejaram e a criança que queriam. Coisas especiais, coisas raras, tesouros.

David mais uma vez colocara a mãe de Laura em discussão, mas isso passaria. Basicamente, as coisas estavam dando certo, eles estavam felizes. Nada muito estático, Laura pensava, mas uma felicidade sólida, do tipo que ela acreditava que eles mereciam.

Laura ajeitou a divisão do cabelo enquanto olhava no espelho. Aquela pequena mecha cinza.. Não havia tantos cabelos brancos antes do bebê. Agora, ela estava com 32 anos, casada há oito. Tocou as pequenas rugas nos cantos dos olhos, pensando no rosto de sua mãe. Tinham os mesmos olhos - distanciados um do outro, azuis, com toques de verde e de castanho. “Olhos de coiote”, dissera sua avó. Laura tinha o nariz longo e reto de seu falecido pai e a boca larga, com o lábio superior um pouco

pequeno. Os dentes da frente eram grandes e quadrados.

"Genética", pensou Laura. "Sempre passa para a geração seguinte. Então eles relaxam e deixam cair em cima de você. Sempre fazem isso. Só precisa pagar um extra pelos direitos autorais."

Maquilou os olhos, pôs um pouco de batom e vídeo-ruge. Vestiu a meia-calça, a saia que chegava até os joelhos, a blusa de mangas compridas de seda chinesa bordada e um paletó azul, adequado para o trabalho. Colocou um alfinete da Rizome na lapela.

Juntou-se a David e a sua mãe no refeitório do chalé. Os canadenses, que estavam em seu último dia de estada, estavam brincando com o bebê. Sua mãe tomava um café da manhã japonês, com bolinhos de arroz e peixinhos de olhos esbugalhados que cheiravam a querosene. David, por sua vez, arranjara o de sempre: comida natural maquilada. Ovos mexidos, bacon de soja, panquecas de *scop* denso e amarelo.

David era fanático por comida natural, grande devoto de comidas exóticas. Depois de oito anos de casamento, Laura já estava acostumada. Pelo menos, a técnica estava melhorando. Mesmo o *scop* - proteína unicelular - era melhor. Tinha gosto bom, se fosse possível esquecer a imagem de tanques de proteína cheios de bactérias até a boca.

David estava de macacão. Ia demolir uma casa. Estava com sua pesada caixa de ferramentas e o velho capacete de fibra do avô. A perspectiva de acabar com uma casa - trabalho braçal, sujo, pesado - sempre enchia David com uma alegria infantil. Ele ficava falante e punha molho apimentado nos ovos, sinais infalíveis de bom humor.

A mãe de Laura, Margaret Alice Day Garfield Nakamura Simpson, vestia traje típico de Tóquio, em crepe-da-china azul com uma faixa na cintura. Seu chapéu de palha, do tamanho de uma roda de bicicleta, estava preso à nuca por uma fita. Usava apenas o nome de Margaret Day, desde que recentemente se divorciara de Simpson, homem que Laura mal conheceu.

- Não é mais a Galveston de que eu me lembrava.

David completou o comentário da mãe de Laura:

- Sabe do que sinto falta? Sinto falta das ruínas. Quer dizer, eu tinha dez anos quando houve o desastre. Cresci em meio às ruínas, na ilha. Todas aquelas casas de praia, derrubadas, alagadas, jogadas por aí, como dados... Parecia um infinito cheio de surpresas.

A mãe de Laura sorriu.

- Foi por isso que você ficou aqui?

David bebericou seu suco de fruta, feito com um pó para misturar, de uma cor que não se encontrava na natureza.

- Bem, depois de 2002, todos que tinham bom senso foram embora. Deixou ainda mais espaço para nós, teimosos. Nós, os NI, os nascidos na ilha, éramos uma turma estranha - David sorriu com a própria piada. - Para viver aqui, é preciso ter um gosto estúpido pela má sorte. *Isla Mal Hado* era o nome original de Galveston, sabia?

Ilha da Má Sorte.

- Por quê? - quis saber Laura Estava brincando com ele.

- Foi Cabeza de Vaca quem a batizou assim. Seu galeão naufragou aqui, em 1528. Ele quase foi devorado pelos canibais. Índios *karankawa*.

- Mesmo? Os índios deviam ter outro nome para este lugar.

- Ninguém sabe qual era. Morreram todos de varíola. Os galvestonianos de verdade, quero dizer. Má sorte, eu acho - reconsiderou. - Tribo estranha os *karankawa*. Costumavam se lambuzar inteiros com gordura de jacaré. Eram famosos pelo fedor.

- Nunca ouvi falar deles - disse Margaret.

- Eram muito primitivos - continuou David, espetando com o garfo mais uma panqueca de *scop*. - Costumavam comer porcaria! Enterravam um veado recém-morto por três ou quatro dias, até amolecer, e...

- David! - advertiu Laura.

- Oh, desculpe - mudou de assunto. - Você precisava vir conosco hoje, Margaret. A Rizome tem um bom acordo paralelo com a prefeitura. Eles condenam o prédio, nós demolimos e todos se divertem. Quer dizer, não é muito dinheiro, não por padrões *zaibatsu*, mas dinheiro não é tudo na vida.

- Cidade da Diversão - disse a sogra.

- Pelo que vejo, esteve ouvindo nosso prefeito - falou Laura.

- Já pensou na gente que tem vindo para Galveston, nestes últimos tempos? - disse a sogra, de repente.

- Que quer dizer? - perguntou Laura.

- Estive lendo sobre esse seu prefeito. Tipo bem estranho, não é? Ex-balconista de bar, com grande barba branca, e que usa camisas havaianas em seu escritório. Parece ter esse comportamento estranho para atrair... Como é mesmo a palavra? Elementos marginais.

- Bem, não é mais uma cidade de verdade, não é? - disse David. - Não há mais indústria. O algodão foi embora, os navios foram embora, o petróleo acabou faz tempo. Tudo o que sobrou é vender contas coloridas para os turistas. Certo? E um pouco de... excentricidade social é bom para o turismo. E de se esperar que um turista burguês venha para cá.se arriscar um pouco.

- Então, gostam do prefeito? Pelo que sei, a Rizome apoiou a campanha dele. Isso quer dizer que sua companhia apóia o que ele faz?

- Quem sabe? - Laura retrucou, agastada. - Mamãe, você está de férias. Deixe a Marubeni descobrir o que quer saber sozinha.

As duas se encararam por um momento.

- *Aisumimasen* - disse sua mãe, por fim. - Lamento se parecia que estava espionando. Passei tempo demais no Departamento de Estado. Ainda tenho os mesmos reflexos. Mas, agora, sou o que eles chamam, humoristicamente, iniciativa particular -

deixou suas costeletas no prato e pegou o chapéu. - Resolvi alugar um barco a vela, hoje. Dizem que há uma plataforma marítima, da Opep, ou coisa assim.

- Otec - David corrigiu, distraído. - Usina de eletricidade. Sim, é bonito lá.

- Vejo vocês no jantar, então. Comportem-se.

Mais quatro canadenses chegaram para o café da manhã, bocejando. Margaret Day passou entre eles e saiu do refeitório.

- Você precisava pisar no calo dela? - comentou David, calmo. - O que há de mal com a Marubeni? Uma velha *trading* japonesa. Acha que mandaram a avó de Loretta para cá para roubar nosso *microchip* ou coisa assim?

- É hóspede da Rizome - respondeu Laura - Não gosto que ela critique nossa gente.

- Ela vai embora amanhã. Você poderia tratá-la melhor - Levantou-se, sopesando a caixa de ferramentas.

- Está bem, desculpe.

Não havia tempo para discutir mais o assunto. Hora de trabalhar.

Cumprimentou os canadenses e levou o bebê. Eles faziam parte de um setor de produção da Rizome em Toronto, em férias como recompensa por um aumento na produção. Estavam queimados de sol e alegres.

Entrou um outro par de hóspedes: o senhor e a senhora Kurosawa, do Brasil. Eram brasileiros de quarta geração, trabalhando para a Rizome-Unitika, ramo têxtil da empresa. Não falavam inglês e seu japonês era muito ruim, carregado com palavras portuguesas e muita mímica latina. Cumprimentaram Laura pela comida. Era o último dia deles, também.

Então começaram os problemas. Os europeus acordaram. Eram três e não eram da Rizome, mas banqueiros de Luxemburgo. Havia uma conferência dos banqueiros no dia seguinte, um acontecimento importante, ao que parecia. Os europeus haviam chegado um dia antes. Laura lamentou muito isso.

O luxemburgueses sentaram-se morosamente para o café da manhã. Seu líder e principal negociador era um certo *monsieur* Karageorgiu, homem muito magro, de seus cinqüenta anos, com olhos verdes e cabelo cuidadosamente ondulado. O nome indicava ser ele turco europeizado; seus avós provavelmente haviam sido trabalhadores migrantes na Alemanha ou no Benelux. Karageorgiu usava um terno muito bem feito, de linho italiano cor de creme.

“Seus sapatos brilhantes e de excelente qualidade são como objetos de arte”, pensou Laura. Sapatos feitos sob medida, como o motor de um Mercedes. Era quase dolorido vê-lo caminhar com eles. Ninguém da Rizome se atreveria a usar uma coisa assim; a gozação seria mortal. Fazia Laura recordar os diplomatas que vira quando criança, um padrão esquecido de elegância estudada.

Ele tinha um par de companheiros carrancudos, de terno preto: executivos juniores, pelo que ele mesmo dissera. Era difícil saber sua origem: os europeus eram cada vez mais iguais, hoje em dia. Um tinha um vago aspecto da Cote d'Azur, talvez

francês, ou corso; o outro era louro. Pareciam incrivelmente elegantes e bem dispostos. Relogiofones suíços sofisticados pendiam de suas mangas.

Começaram a queixar-se. Não gostavam do calor. Seus quartos cheiravam mal e a água tinha gosto salgado. Acharam os banheiros esquisitos. Laura prometeu ligar a bomba de calor e encomendar mais Perrier.

Não adiantou. Estavam mal-humorados. Ianques com ideologias estranhas que viviam em castelos de areia e praticavam democracia econômica Estava vendo que o dia seguinte seria pior ainda.

De fato, o ambiente era suspeito. Não sabia muito a respeito dessas pessoas; não tinha arquivos corretos a respeito deles. A Rizome-Atlanta fora sigilosa sobre reunião de banqueiros, coisa que não era comum para a matriz.

Laura tomou nota dos pedidos para o café da manhã e deixou os três banqueiros trocando olhares entediados com os hóspedes da Rizome. Levou o bebê para a cozinha. O pessoal da cozinha estava em plena atividade. O pessoal da cozinha era a velha senhora Delrosário, de setenta anos, e suas duas netas.

Delrosário era um tesouro, mesmo que mostrasse uma veia colérica quando seus conselhos eram ouvidos com algo menos do que total atenção e seriedade. Suas netas se arrastavam pela cozinha com um olhar submisso e abatido. Laura lamentava por elas e tentava dar-lhes uma folga sempre que podia. A vida não era fácil para os adolescentes, naqueles tempos.

Laura deu o preparado para o bebê comer. Loretta engoliu tudo com entusiasmo. Era como o pai, sob esse aspecto - maluca por comidas que nenhuma pessoa sensata engoliria.

Então o relogiofone de Laura tocou. Era da portaria. Laura deixou o bebê com a senhora Delrosário e foi até a recepção, passando pela sala do pessoal e pelo escritório do primeiro andar. Apareceu no balcão. A senhora Rodriguez ficou aliviada, olhando por sobre seus bifocais.

Estivera conversando com uma estranha, uma mulher anglo-saxônica, cinqüentona, com um vestido de seda preta e uma gargantilha de contas. A mulher tinha vasta cabeleira preta e seus olhos estavam fortemente delineados. Laura ficou pensando no que fazer com ela Parecia a viúva do faraó.

- É esta - disse-lhe a senhora Rodriguez. - Laura, nossa gerente.

- Coordenadora - corrigiu Laura. - Sou Laura Webster.

- Sou a reverenda Morgan. Telefonei antes.

- Sim. Sobre a corrida para a Câmara Municipal? - Laura tocou seu relogiofone, conferindo a entrevista. A mulher chegara meia hora antes. - Bem, dê a volta no balcão. Vamos conversar em meu escritório.

Laura levou a mulher até o pequeno escritório auxiliar, sem janelas. Era basicamente a sala do café do pessoal, com um terminal ligado ao *mainframe* do andar de cima. Era para cá que Laura trazia as pessoas que queria pressionar. O lugar tinha

adequada aparência de modéstia e penúria. David o decorara com o que achou em suas expedições de demolição: assentos de carro antigos, de vinil, e uma escrivaninha modular em plástico bege envelhecido. A luz do teto brilhava através de uma calota perfurada

- Café? - ofereceu Laura

- Não, obrigada Nunca tomo cafeína.

- Entendo - Laura pôs a cafeteira de lado. - O que podemos fazer pela senhora, reverenda?

- Você e eu temos muito em comum. Compartilhamos da mesma confiança no futuro de Galveston; ambas temos uma fatia da indústria do turismo - fez uma pausa. - Pelo que sei, foi seu marido quem projetou este edifício.

- Sim, foi ele.

- É barroco orgânico, não? Um estilo que respeita a Mãe Terra. Mostra um enfoque sem preconceitos de sua parte. Vanguardista, impressionante.

- Muito obrigada

"Lá vem ela", pensou Laura.

- Nossa igreja gostaria de ajudá-los a expandir seus serviços aos hóspedes de sua corporação. Conhece a Igreja de Ishtar?

- Acho que não entendi bem - disse Laura, cautelosa. - Nós, da Rizome, consideramos religião um assunto particular.

- Nós, as mulheres do templo, acreditamos na divindade do ato sexual - a reverenda Morgan encostou-se no assento em concha, alisando o cabelo com as duas mãos. - O poder erótico da Deusa pode destruir o Mal.

O *slogan* encontrou seu lugar na memória de Laura.

- Ah, sim - respondeu, polidamente. - A Igreja de Ishtar. Conheço seu movimento, mas não havia reconhecido o nome.

- É um nome novo. Os princípios são velhos. Você é muito jovem para lembrar-se da guerra fria - como muitos de sua geração, a reverenda parecia ter saudades daquilo, dos bons velhos tempos do bilateralismo, quando as coisas eram mais simples e cada manhã poderia ser a última. - Porque nós é que acabamos com ela. Invocamos a Deusa para afastar a guerra da humanidade. Derretemos a guerra fria com o divino calor dos corpos - a reverenda suspirou. - Os homens, ávidos de poder, reclamaram o crédito, é claro. Mas o triunfo foi de nossa Deusa. Ela salvou a Mãe Terra da loucura nuclear. E Ela continua a curar a sociedade, hoje em dia.

Laura assentiu com a cabeça.

- Galveston vive do turismo, senhora Webster, e os turistas esperam certas amenidades. Nossa igreja chegou a um acordo com a cidade e com a polícia. Gostaríamos de chegar a um entendimento com seu grupo, também.

Laura coçou o queixo.

- Acho que estou acompanhando seu raciocínio, reverenda.

- Nenhuma civilização existiu sem nós - disse friamente a reverenda - A

prostituta do templo é uma figura antiga e universal. O patriarcado a degradou e oprimiu, mas restauramos seu antigo papel como confortadora e terapeuta.

- Eu ia mesmo mencionar o ponto de vista médico.

- Ah, sim. Tomamos todas as precauções. Os clientes são submetidos a testes para sífilis, gonorréia, clamídia, herpes e também retrovírus. Todos os nossos templos têm clínicas totalmente equipadas. As doenças sexualmente transmissíveis caem dramaticamente onde quer que pratiquemos nossa arte. Posso mostrar-lhe as estatísticas. Também oferecemos um seguro de saúde. Garantimos todo o sigilo.

- A proposta é bem interessante - respondeu Laura tamborilando na mesa com um lápis. - Mas não é uma decisão que possa tomar sozinha. Terei prazer em levar suas idéias ao Comitê Central - respirou fundo. O ar na saleta estava denso com o *patchuli* da reverenda. "O cheiro da loucura", pensou Laura, de repente. - A senhora precisa compreender que a Rizome poderá ter algumas dificuldades com isso. A firma favorece fortes laços sociais entre seus associados. É parte da filosofia de nossa empresa. Alguns de nós poderão considerar a prostituição como sinal de decadência social.

A reverenda espalmou as mãos e sorriu.

- Já ouvi falar da política da Rizome. Vocês são democratas econômicos... Admiro isso. Enquanto igreja, negócio e movimento político, nós mesmas somos um grupo do neomilênio. Mas a Rizome não pode mudar a natureza do animal macho. Já servimos diversos de seus associados homens. Isso não a surpreende? - ela deu de ombros. - Por que arriscar a saúde deles com grupos amadorísticos ou criminosos? Nós, as mulheres do templo, somos seguras, confiáveis e economicamente razoáveis. A igreja sempre está pronta a fazer negócio.

Laura procurava dentro da escrivaninha.

- Deixe-me dar-lhe uma de nossas brochuras. - A reverenda abriu a bolsa. - Fique também com algumas das nossas. Tenho alguns panfletos de campanha. Sou candidata à Câmara Municipal.

Laura apanhou os panfletos. Impressos de alta qualidade. As margens estavam pontilhadas com cruzes egípcias, *yin-yangs* e cálices. Laura olhou rapidamente o texto denso, salpicado com palavras em itálico e em vermelho.

- Vejo que vocês são a favor de uma política liberal sobre drogas.

- Os crimes sem vítimas são instrumentos da opressão patriarcal - a reverenda procurou dentro da bolsa e tirou uma caixa esmaltada de pílulas. - Algumas destas vão defender essa tese melhor do que eu - colocou três cápsulas vermelhas sobre a mesa - Experimente-as, senhora Webster. Presente da igreja. Surpreenda seu marido.

- Desculpe. Não entendi.

- Lembra-se da embriaguez do primeiro amor? A sensação de que o mundo todo tinha novo significado por causa dele? Não gostaria de reconquistar aquilo? A maioria das mulheres gostaria. Sensação intoxicante, não é? E estes são os intoxicantes.

Laura ficou olhando para as pílulas.

- Está me dizendo que isso é a poção do amor?

A reverenda remexeu-se, incomodada, com um farfalhar de seda preta contra o vinil.

- Senhora Webster, por favor, não me confunda com uma bruxa. A Igreja de Wicca é coisa de reacionários. Não, isso não é a poção do amor, não no sentido folclórico. Só afetam aquele impulso da emoção. Não pode ser dirigida para alguém. Tem de fazer isso por si mesma.

- Soa arriscado.

- Então é o tipo de perigo para o qual as mulheres nasceram! Já leu romances? Milhões de pessoas fazem isso, procurando a mesma sensação. Ou já comeu chocolate? Chocolate é presente de amante e há um motivo, por trás da tradição. Pergunte a um químico sobre chocolate e precursores de serotonina, quando puder - a reverenda tocou a testa. - Tudo é a mesma coisa, aqui. Neuroquímica - apontou para a mesa. - A química está nessas pílulas. São substâncias naturais, criações da Deusa. Parte da alma feminina

Laura sentiu que, em algum ponto ao longo da reunião, a conversa suavemente fugiu à razão. Era como adormecer numa cama flutuante e acordar em alto-mar. O mais importante era não entrar em pânico.

- Essas coisas são legais?

A reverenda Morgan pegou uma pílula com as unhas bem pintadas e a engoliu.

- Nenhum exame de sangue mostraria nada diferente. Não se pode ser processado por causa do conteúdo natural de seu cérebro. Não, não são ilegais. Ainda. Graças à Deusa, as leis do patriarcado ainda estão atrás dos avanços da química.

- Não posso aceitá-las. Devem ser valiosas. É um conflito de interesses. - Laura apanhou-as e estendeu-as sobre a mesa.

- Esta é a era moderna, senhora Webster. Bactérias com genes enxertados podem fazer drogas às toneladas. Nossos amigos podem fabricá-las por trinta centavos cada uma - a reverenda Morgan levantou-se. - Tem certeza? - guardou as pílulas em sua bolsa. - Venha visitar-nos, se mudar de idéia. A vida com um só homem pode ficar tediosa muito facilmente. Acredite, nós sabemos. Se isso acontecer, podemos ajudá-la - fez uma pausa, meditando. - Em qualquer uma de diversas maneiras.

Laura sorriu formalmente.

- Boa sorte em sua campanha, reverenda.

- Obrigada. Agradeço seus bons votos. Como nosso prefeito sempre diz, Galveston é a Cidade da Diversão. Cabe a todos nós garantirmos que continue assim.

Laura apressou-se em despachar a outra. Observou da varanda enquanto a reverenda entrava num furgão autodirigido. O furgão saiu, com ruído suave. Um bando de pelicanos marrons cruzou a ilha, dirigindo-se para a Baía Karankawa. O sol de outono brilhava forte. Ainda eram o mesmo sol e as mesmas nuvens. O sol não se importava nem um pouco com a paisagem nas mentes das pessoas.

Voltou para dentro. Do outro lado do balcão, a senhora Rodriguez levantou os olhos, piscando.

- Estou contente porque meu homem não é mais jovem. *La puta*, hein? Ela não é amiga de nós, mulheres casadas, Laurita.

- É, acho que não - respondeu Laura, apoiando-se contra o balcão. Já sentia-se cansada e ainda eram dez da manhã.

- Vou à igreja, neste domingo - resolveu a senhora Rodriguez. - *Qué brujeria*, hein? Uma feiticeira! Viu aqueles olhos? Como uma cobra - fez o sinal da cruz. - Não ria, Laura.

- Rir? Que diabos, estou quase pendurando umas réstias de alho.

O bebê chorou, na cozinha. De repente, uma frase em japonês veio à mente de Laura: "*Nakitsura ni hachi*. Nunca chove, só tempestades. Só que soa melhor no original. Uma abelha para um rosto que chora. Por que nunca me lembro dessa droga, quando preciso?"

Laura levou o bebê para cima, até o escritório da torre, para ler a correspondência do dia.

A especialidade de Laura na corporação era relações públicas. Quando David projetou o chalé, Laura imaginou aquela sala para os negócios, equipada para grandes conferências; era um nó em escala natural da rede global.

O chalé fazia a maior parte de seus negócios por telex, imprimindo diretamente a partir da linha, como informações sobre os hóspedes e os horários de chegada. A maior parte do mundo, mesmo a África, estava ligada ao telex, hoje em dia. Era mais barato, mais simples e a Rizome era favorável a isso.

O fax era mais sofisticado; fac-símiles de documentos inteiros, fotografados e passados pelas linhas telefônicas como correntes de números. Fax era bom para gráficos e fotografias; o telefax era basicamente uma copiadora com telefone. Divertido brincar com ele.

O chalé tinha também muito tráfego telefônico; voz sem imagem, ao vivo e gravada. Também voz com imagem: videofone. A Rizome era favorável a chamadas pré-gravadas unidirecionais, por serem mais eficientes. Havia menor chance de desperdício numa chamada gravada numa só direção. E o vídeo pré-gravado poderia receber legendas para todos os grupos lingüísticos da Rizome; uma grande vantagem, para uma multinacional.

O chalé também estava equipado para teleconferências, em que diversas linhas telefônicas eram operadas simultaneamente. A teleconferência era a fronteira dispendiosa em que os telefones se confundiam com a televisão. Dirigir uma teleconferência era uma arte que valia a pena conhecer, especialmente no setor de relações públicas. Era um cruzamento entre presidir uma reunião e dirigir um noticiário televisivo. Laura já o fizera muitas vezes.

Ela se deu conta de que, durante toda a sua vida, a rede se tornava maior e mais

coesa. Os computadores faziam tudo. Uniam outras máquinas, fundindo-as. Televisão-telefone-telex. Gravador de som, gravador de vídeo, disco laser. Torre de transmissão ligada à antena de microondas, ligada a satélite. Linha telefônica, tevê por cabo, cabos de fibra óptica transmitindo palavras e imagens em torrentes de pura luz. Tudo costurado junto numa rede por todo o mundo, um sistema nervoso global, um polvo informático. Havia muita mistificação a respeito, também. Era fácil fazer tudo isso soar transcendentalmente incrível.

Passou a conhecer melhor o sistema quando se familiarizou com ele. Para dizer a verdade, naquele instante parecia muito mais notável que Loretta estivesse sentando-se muito mais ereta em seu colo.

- Veja só, Loretta! Como você consegue ficar com a cabeça reta! Olha só, meu docinho... Uga, ugui, ugui...

A rede se parecia muito com a televisão, outra antiga maravilha da época. Era um imenso espelho. Refletia o que lhe era mostrado - em geral, a banalidade humana. Laura passou velozmente pelo lixo da correspondência eletrônica Catálogos de compras à distância. Campanhas para a Câmara Municipal. Sociedades beneficentes. Seguros de saúde.

Laura apagou todo o lixo e passou aos negócios. Havia uma mensagem de Emily Donato.

Emily era a principal fonte de notícias de Laura quanto ao que se passava nos bastidores do Comitê Central da Rizome. Emily Donato era membro de primeira classe do comitê.

A aliança de Laura com Emily já tinha doze anos. Haviam conhecido uma à outra na faculdade, numa aula sobre comércio internacional. Como compartilhavam os mesmos interesses, foi fácil fazer amizade. Laura, uma “diplopeste”, passara a infância no Japão, como filha de embaixador. Os primeiros anos de Emily foram vividos em meio às grandes indústrias do Kuwait e de Abu Dhabi. As duas haviam sido colegas de quarto, na faculdade.

Depois de se formarem, examinaram suas ofertas de emprego e decidiram juntas pelo grupo industrial Rizome. A Rizome parecia moderna, aberta, tinha planos. Era grande o bastante para ser forte e descentralizada o suficiente para ser ágil. Desde então, as duas trabalhavam juntas para a companhia.

Laura chamou a mensagem e a imagem de Emily apareceu no monitor. Estava sentada atrás de sua escrivaninha antiga, numa casa de Atlanta, matriz da Rizome. Emily morava num prédio de apartamentos no centro da cidade, numa célula de uma colméia maciça de cerâmica e plástico estrutural.

Ar filtrado, água filtrada, saguões parecidos com ruas, elevadores como metrôs verticais. Uma cidade em pé, para um mundo superpovoado.

Naturalmente, tudo no apartamento de Emily esforçava-se para dissimular esses fatos. Havia inúmeros detalhes caseiros e pequenos toques de solidez vitoriana: cornijas, bastante barroco, iluminação suave. O papel da parede atrás dela tinha

desenhos de arabescos floridos, dourado sobre marrom. Sua escrivaninha, polida, estava arrumada com cuidado, como um cenário: teclado baixo ao alcance de sua mão direita, porta-lápis e caneta com uma pena de pavão de lado, um peso para papéis de cristal de carbonato brilhante.

A blusa rendada cinza de tecido sintético chinês tinha leve brilho de madrepérola. Cabelo castanho penteado à máquina, com trancas complicadas e cachinhos dickensianos nas têmporas. Usava brincos compridos, de malaquita, e um holograma de camafeu redondo. A imagem de Emily no vídeo era bem dos anos 1920, uma reação moderna contra o aspecto seco de "vestir-se para o sucesso" de muitas gerações de mulheres de negócio. Aos olhos de Laura, aquela moda sugeria uma *belle* sulina de antes da Guerra de Secessão, encharcada de graça feminina.

- Tenho o rascunho do relatório - anunciou Emily. - É mais ou menos o que esperávamos.

Emily puxou uma cópia do relatório trimestral de uma gaveta e folheou as páginas.

- Vamos ao que interessa. A eleição para o comitê. Temos doze candidatos, o que é uma piada, mas só três são sérios. Pereira é um cara honesto, você poderia jogar pôquer via telex com ele, mas ele não poderá sobreviver àquele desastre de Brasília. Tatiaka deu um golpe de mestre com aquele negócio de madeiras em Osaka. Ele é bem flexível para um assalariado à antiga, mas falei com ele em Osaka, no ano passado. Bebia muito e tentou beliscar-me. Além do mais, está no ramo de contrapropostas, e esse território é meu.

- Então, voltamos a Suvendra. Ela chefia o escritório de Jacarta, de modo que o contingente do Extremo Oriente a apóia, mas ela é muito velha - Emily franziu o cenho. - E ela fuma. Um hábito feio e tende a dirigir as pessoas na direção errada. Aqueles tubinhos de câncer indonésios, com aroma de cravo... Uma tragada e você está pronta para uma biópsia - estremeceu.

- Mesmo assim, Suvendra é a melhor alternativa. Pelo menos vai reconhecer nosso apoio. Infelizmente, aquele imbecil do Jensen vai concorrer usando a juventude como plataforma e vai tirar votos que nós poderíamos arrebanhar. Mas vamos tentar, mesmo assim - puxou um cacho. - Estou cansada de fazer papel de jovem ingênua, de qualquer modo. Quando eu me candidatar de novo em 25, acho que vou pleitear os votos anglo-saxônicos e feministas.

Folheou as páginas, com o nariz torcido.

- OK, um resumo rápido da linha do partido. Avise-me se precisar de mais informação sobre os argumentos. Projeto agrícola nas Filipinas: sem chance. Agricultura é um buraco negro e os preços mínimos de Manila vão cair. Projeto conjunto com a Kymera: sim. Negociações de *software* russo: sim. Os soviéticos ainda têm problemas de falta de moeda forte, mas podemos fazer uma boa contraproposta sobre gás natural. Projeto habitacional no Kuwait: não. República Islâmica: os termos

são bons, mas politicamente é suspeito. Não.

Fez uma pausa.

- Agora, aqui está uma que você não sabia. *United Bank of Grenada*. O comitê está tentando impor esse negócio - pela primeira vez, Emily não se sentia à vontade. - É um banco estrangeiro. Não me atrai muito, mas o comitê acha que é hora para um gesto de boa vontade. Não vai fazer bem para nossa reputação se tudo isso vier a público, mas parece inofensivo. Podemos ir adiante - Emily abriu rápido uma gaveta, com um suspiro em voz alta, e pôs de lado o relatório.

- Chega, para este trimestre. As coisas parecem boas, no geral - sorriu. - Alô, David, se estiver assistindo. Se não se importa, queria ter uma conversinha particular com Laura, agora.

O monitor ficou em branco por um bom tempo. Mas esse tempo não custava muito. Chamadas pré-gravadas unidirecionais eram baratas. A chamada de Emily fora comprimida num só pulso de alta velocidade e enviado de máquina para máquina durante a noite, com taxa reduzida

Emily reapareceu no monitor, desta vez em seu quarto. Vestia uma camisola de cetim rosa e branco e seu cabelo estava escovado. Estava sentada com as pernas cruzadas em sua cama de reposteiro, uma antigüidade vitoriana Emily refizera o acabamento de sua cama antiga, que rangia, com laça moderna, que enrijecia. Essa película transparente era tão implacavelmente dura e rígida que soldava toda a estrutura que passava a se comportar como se fosse de ferro fundido.

Instalara a câmera do videofone em uma das colunas da cama Os negócios tinham acabado; o assunto era pessoal. A legenda do vídeo mudara com a expressão de Emily. Ela tinha expressão de cachorro triste. Um novo ângulo da câmera, na parte superior da cama, ajudava a transmitir esse estado de espírito. Sua aparência era de causar pena

Laura suspirou, fazendo uma pausa na reprodução. Mudou Loretta de lugar, em seu colo, e acariciou-a, distraída Estava acostumada a escutar os problemas de Emily, mas era difícil, antes do almoço. Especialmente naquele dia. A sensação de estranheza começava a aumentar. Levantou o dedo da tecla de pausa

- Bem, estou de volta - disse Emily. - Suponho que você já adivinhou o que é. Arthur, de novo. Tivemos outra briga. Brutal, desta vez. Começou como uma daquelas coisas triviais, sobre coisa nenhuma, na verdade. Ah, sobre sexo, acho, ou pelo menos foi o que ele disse. Mas para mim, surgiu do nada. Pensei que ele estava sendo sacana sem motivo. Começou a agredir-me, usando Aquele tom de voz, você sabe. Quando ele fica assim, fica impossível.

- Começou a berrar e eu a gritar. As coisas viraram um inferno. Quase me bateu. Fechou o punho e tudo - Emily fez uma interrupção, dramática - Corri para cá e tranquei a porta na cara dele. E ele não disse nada. Deixou-me aqui. Quando saí, tinha ido embora. E levou... - sua voz tremeu por um instante. Emily demorou a retomar, afastando uma mecha comprida do cabelo. - Levou aquela foto que tirou de mim, com

um vestido antigo, que eu gostava muito. Isso foi há dois dias e ele não atende o maldito telefone - estava quase chorando.

- Não sei não, Laura. Tentei de tudo. Tentei os homens da firma, caras de fora, mas não tenho sorte. Quer dizer, ou eles querem que eu seja propriedade deles e serem o centro do universo, ou querem saber só de cama e mesa, expondo você a sabe Deus que doença. Só tem piorado desde que estou no comitê. Os homens da Rizome, nem pensar, agora. Passam por mim nas pontas dos pés, como se eu fosse uma mina terrestre.

Olhou para fora do campo da câmera

- Vem, Kitty - uma gata persa pulou para a cama - Talvez seja eu, Laura. Outras mulheres chegam a termos decentes com os homens. Você, com certeza conseguiu. Acho que preciso de ajuda de fora - hesitou. - Alguém mandou um anúncio anônimo no quadro de avisos da divisão de comércio. Sobre uma droga psiquiátrica Os conselheiros matrimoniais a estão usando. Chamam-na romance. Já ouviu falar? Acho que é ilegal, ou coisa assim - acariciou a gata, distraída Suspirou.

- Bem, isso não é nada de novo. A chorosa história de Emily, ano 32. Acho que tudo acabou entre Arthur e eu, agora. Ele é um artista. Fotógrafo. Não está no negócio. Pensei que poderia dar certo. Mas eu estava errada, como sempre - deu de ombros. - Talvez eu deva considerar o lado positivo, não? Nunca me pediu dinheiro e não me deu retrovírus. E não era casado. Um verdadeiro príncipe.

Reclinou-se na cabeceira de mogno, com aspecto cansado e indefeso.

- Não devia contar-lhe isso, Laura, de modo que apague o mais rápido possível. Esse negócio com o Banco de Granada... Essa reunião que você vai ter é parte dele. A Rizome está patrocinando uma conferência sobre bancos de dados e pirataria em informática. Não parece ser nada de novo, mas ouça só: é com piratas de verdade, ao vivo. Tipos estrangeiros suspeitos, dos paraísos informáticos. Lembra-se da briga que armamos para que o chalé fosse equipado para grandes reuniões?

Emily fez uma careta e espalmou as mãos.

- Bem, os europeus já devem estar por aí. São os mais bem comportados, o mais perto do legítimo. Mas pode esperar alguns granadinos, amanhã, com um de nossos agentes de segurança. O comitê já lhe enviou o programa, mas não com todos os detalhes. Pelo que você deve saber, são todos banqueiros legítimos. Seja boazinha com eles, está bem? Podem ser malandros para nós, mas o que eles fazem é completamente legal em seus pequenos enclaves.

Emily franziu a testa. A gata caiu com um ruído surdo, fora da câmera.

- Eles têm mordido a gente durante muitos anos e precisamos chamá-los à razão. Não é bom para a Rizome ser hospitaleira com piratas, de modo que bico fechado, hein? Estou bancando a idiota ao dar-lhe essa dica. Se alguém souber que eu deixei passar essa informação, o comitê vai me advertir seriamente. Portanto, seja bem mais discreta do que eu. OK, fim da mensagem. Mande-me uma fita do bebê, está bem?

Diga alô para o David - o monitor apagou.

Laura sabia de tudo. Ela apagou a fita. “Obrigada, Emily. Banqueiros de dados piratas, nada mais, nada menos. Canalhinhas matreiros de algum paraíso informático estrangeiro. O tipo de caras que mastigam palitos de fósforos e usam paletós de couro de tubarão. Isso explica os europeus. Banqueiros uma ova! Eram artistas da fraude de computador. Malandros.”

Eles eram nervosos, isso sim. Sobressaltados. Não era de surpreender. O potencial geral para embaraço naquela situação era muito grande. Um telefonema para a polícia de Galveston e Laura poderia estar em águas muitíssimo quentes.

Ficou furiosa com o comitê por ter escondido isso. Mas podia intuir os motivos. Quanto mais pensava no assunto, mais entendia ser um gesto de confiança Seu chalé estava prestes a ficar bem no centro de uma ação bastante delicada. Poderiam facilmente fazer isso em outro chalé, como no dos Warburtons, nas montanhas Ozark. Como estava, teriam de confiar nela. E ela ia cuidar de tudo.

Depois de um almoço tardio, Laura levou os canadenses para o anfiteatro na torre. Chamaram Atlanta e receberam as mensagens mais recentes. Deixaram passar perto de duas horas até partirem, sorrindo para videofones e fofocando. Uma das mulheres ficou sem vídeo-ruge e emprestou o de Laura.

Às quatro da tarde, o relatório trimestral de outono chegou, um pouco cedo. As impressoras trabalharam ruidosamente. Os Kurosawa pegaram sua cópia em português e saíram.

David apareceu às cinco da tarde e trouxe sua equipe de demolição. Invadiram o bar, acabaram com a cerveja e correram para cima, para ver o bebê. A mãe de Laura chegou, queimada de sol por causa de seu passeio de barco até o Otec, o Conversor de Energia Térmica Oceano, orgulho cívico de Galveston e uma alegria. Um dos homens de David participara de seu projeto. Todos pareciam deliciados em trocar informações técnicas sobre o conversor.

David estava salpicado de sujeira e serragem dos pés à cabeça, assim como seus quatro companheiros. De camiseta, macacão de brim e botas pesadas, pareciam trabalhadores voluntários da Depressão. De fato, os amigos de David eram um dentista, dois engenheiros marítimos e um professor de biologia, mas sua aparência era totalmente outra. Laura cutucou o suspensório do marido:

- Os banqueiros europeus viram vocês entrando?

David sorriu paternalmente, enquanto os amigos admiravam a nova habilidade de Loretta: agarrar seus próprios pulsos suados.

- Viram, e daí?

- David, você está fedido!

- Um pouco de suor honesto! O que somos nós, marxistas? Que diabo, eles nos invejam! Aqueles carregadores de papel de Luxemburgo estão morrendo de vontade de ter um dia de trabalho honesto.

O jantar com os amigos de David teve grande sucesso. David contrariou seus

princípios e comeu camarões, mas recusou-se a tocar as verduras.

- As verduras estão cheias de veneno! As plantas usam guerra química. Pergunte a qualquer botânico!

Felizmente, ninguém levou o assunto muito longe. A turma de demolição chamou furgões e foi cada um para sua casa. Laura fechou tudo para a noite e o pessoal guardou a louça. David foi tomar banho.

Laura foi mancando até o andar de cima, para juntar-se ao marido. O sol estava se pondo. O senhor Rodriguez baixou as bandeiras e desceu, devagar, três lances de escada até a sala do pessoal. Era um velho estóico, mas Laura achou que estava com aspecto cansado. Tinha trabalhado como salva-vidas. O ânimo exagerado dos canadenses o deixou em farrapos.

Laura chutou as sandálias para longe e pendurou o casaco e a saia no armário do quarto. Arrancou a blusa, sentou na cama e tirou a meia-calça. Seu tornozelo machucado inchara; estava feio, azulado. Esticou bem as pernas e encostou-se na cabeceira da cama. Um ventilador de teto começou a funcionar e o ar fresco incidiu sobre a cama. Laura permaneceu sentada, de roupa de baixo, sentindo-se cansada e ligeiramente fraca

David saiu nu do banheiro e desapareceu para dentro do quarto do bebê. Ela o ouviu falando como criança. Laura consultou a agenda do dia seguinte em seu relogiofone. Sua mãe iria embora. O vôo para Dallas sairia pouco antes da chegada dos granadinos. Fez uma careta. Sempre problemas.

David saiu do quarto do bebê. Seu cabelo comprido estava dividido ao meio, molhado e penteado, escorrido, sobre as orelhas e o pescoço. Parecia um padre russo demente. Deixou-se cair na cama e dirigiu um grande sorriso malicioso para Laura. “Um padre russo demente com gosto pelas mulheres”, pensou ela, desanimando.

- Grande dia - esticou-se ele. - Trabalhei até mais não poder. Amanhã, estarei com o corpo todo dolorido, mas agora sinto-me muito bem. Vivo.

David olhou para ela com os olhos semicerrados, mas Laura não estava com vontade. Uma sensação de ritual estabeleceu-se entre eles, uma barganha tácita. O objetivo era fazer que o estado de espírito de um deles prevalecesse para aquela noite. Estragar a situação não valia.

Havia diversos níveis nessa brincadeira. Os dois lados ganhavam se o mesmo estado de espírito fosse atingido depressa, por puro carisma. O segundo prêmio era quando um dos dois ganhasse sem se sentir culpado. A vitória de Pirro era prevalecer, mas sentindo-se podre. Depois, os diversos níveis de ceder: graciosamente, resignadamente e mártir pela causa.

Trapacear era mais fácil; aí os dois perdiam. Quanto mais demorasse o ritual, maior a possibilidade de estragar tudo. Era um jogo difícil, mesmo com oito anos de prática.

Laura ficou a imaginar se devia contar a ele sobre a Igreja de Ishtar. Pensar

naquela entrevista reavivava sua sensação de repugnância em relação a sexo, como o desgosto que sentia ao ver pornografia. Decidiu não mencionar nada naquela noite. David poderia entender tudo errado se pensasse que a iniciativa de Laura faria com que ela se sentisse uma prostituta.

Enterrou aquela idéia e partiu para outra. A primeira mordida de culpa provocou sua resolução. Talvez devesse desistir. Olhou para os pés.

- Minha perna está doendo.

- Pobrezinha - David se inclinou e olhou de perto. Seus olhos arregalaram. - Jesus!

De repente, David passara a tratá-la como se ela fosse uma inválida. O estado de espírito mudou de imediato e o jogo acabou. Ele beijou a ponta do próprio dedo e tocou bem de leve o machucado.

- Agora está melhor - disse ela, sorrindo. Ele reclinou-se na cama e entrou debaixo do lençol, com aspecto resignado e pacífico. Foi fácil. Vitória de primeira classe para a menininha aleijada.

Depois já seria tripudiar, mas Laura resolveu mencionar sua mãe.

- Tudo vai ficar bem quando as coisas voltarem ao normal. Mamãe vai embora amanhã.

- De volta para Dallas, hein? Que pena, estava acostumando-me com a velhinha.

Laura o chutou de leve por baixo dos lençóis.

- Bem, pelo menos não trouxe nenhum namorado imbecil.

David suspirou.

- Você é muito dura com ela, Laura. É uma mulher que fez carreira pela velha escola, só isso. Havia milhões como ela, e homens também. A geração dela gosta de se divertir. Vivem sozinhos, cortam seus vínculos, vivem livres e intensamente. Por onde passam, as famílias se desfazem - deu de ombros. - E daí? Ela teve três maridos. Com aquela aparência poderia ter tido vinte.

- Você sempre fica do lado dela Só porque ela gosta de você. “Porque você é como papai”, disse para si mesma, mas logo bloqueou esse pensamento.

- Porque ela tem os seus olhos - respondeu ele, dando-lhe um beliscão rápido e sorrateiro.

Laura pulou, assustada.

- Seu rato!

- Ratazana - corrigiu.

David havia mudado o estado de espírito de Laura e se sentia melhor.

- Não vivo sem essa ratazana.

- Você é quem sabe.

- Apague a luz.

David virou para o lado oposto ao de Laura.

Ela arrumou o cabelo pela última vez. Apagou as luzes, tocando no pulso.

Pousou o braço sobre o corpo adormecido do marido e encostou-se nele, no escuro. Era tão bom...

Capítulo 2

Depois do café da manhã, Laura ajudou a mãe a fazer as malas. Ficou surpresa ao ver o fantástico volume de quinquilharias que a mãe sempre levava consigo: caixas de chapéu, latas de *spray* para os cabelos e de vitaminas, fluido para lentes de contato, câmera de vídeo, vaporizador para roupas, ferro de passar portátil, frisadores para os cabelos, máscara para dormir, seis pares de sapatos com formas de madeira para que não deformassem nas malas. Tinha até uma caixinha entalhada para guardar os brincos. Laura ergueu um diário de viagem encadernado em couro.

- Mamãe, por que precisa disto? Não pode chamar a Rede?

- Não sei não, querida fico tanto tempo viajando. São como meu lar, para mim, todas essas coisas.

Pôs os vestidos na mala, com um farfalhar de tecido.

- Além do mais, não gosto da Rede. Nem mesmo cheguei a gostar da televisão por cabo - hesitou. - Seu pai e eu costumávamos brigar por causa disso. Ele seria um verdadeiro rede maníaco agora, se estivesse vivo.

Laura estendeu o braço, para o interior do quarto.

- Mas, mamãe, veja só essas coisas.

- Laura, gosto de meus pertences e paguei por todos eles. Talvez as pessoas não estimem suas posses agora como fazíamos no pré-milênio. Como poderiam? Todo o dinheiro delas vai para a Rede. Para jogos, negócios ou televisão. Coisas que vêm pelos fios - fechou o zíper de sua mala. - Os jovens destes tempos talvez não sonhem com uma Mercedes ou uma hidromassagem, mas vão ficar se gabando o tempo todo por causa de seu acesso aos dados.

Laura ficou impaciente.

- Que coisa boba, mamãe. Não há nada errado em ter orgulho daquilo que se sabe. Uma Mercedes é só uma máquina. Não prova nada a seu respeito como pessoa.

O relogiofone tocou; o furgão estava lá embaixo.

Ajudou a mãe a descer com as malas. Foram precisas três viagens. Laura sabia que precisaria esperar no aeroporto, de modo que levou o bebê numa bolsa de lona.

- Eu pago a viagem - disse a mãe. Enfiou o cartão na ranhura de cobrança do furgão. A porta abriu, carregaram as malas e entraram.

- Como vai? - disse o veículo. - Por favor, anuncie seu destino claramente no microfone. *Anuncie usted su destinación claramente en el microfone, por favor*.

- Aeroporto - disse Laura, entediada.

- ... sss ... Obrigado! O tempo estimado de viagem é de doze minutos. Obrigado por usar o Sistema de Transporte de Galveston. Alfred A. Magruder, prefeito.

O furgão acelerou aos poucos, com o modesto motor emitindo um ruído agudo. Laura ergueu as sobrancelhas. Os dizeres do furgão tinham mudado.

- Alfred A. Magruder, prefeito?

- Galveston é a Cidade da Diversão! - respondeu o furgão. Laura e a mãe trocaram olhares. Laura desviou a atenção.

A Estrada 3005 era a principal via de saída da ilha. Os dias de glória da estrada haviam passado há muito; a via era assombrada pelas lembranças do petróleo e dos carros baratos desenvolvendo cem quilômetros por hora. Longos trechos de asfalto ficaram totalmente esburacados e foram substituídos por tela plástica. A tela estalava ruidosamente debaixo dos pneus.

Para a esquerda, a oeste, grandes lajes de concreto partidas margeavam a estrada, parecendo dominós caídos. Alicerces de edificações não tinham valor como sucata. Sempre eram os últimos a desaparecer. Mato de praia aparecia por todo o lugar: grama, arbustos e juncos. Para a direita, ao longo da praia, as ondas lambiam os pilotis de casas de praia há muito desaparecidas. Os pilotis assumiam inclinações estranhas, como pernas de flamingos em água rasa.

A mãe tocou os finos cachos da filha e o bebê gorgolejou.

- Isso não a incomoda, Laura? Toda essa ruína...

- David gosta do lugar.

A mãe fez força para falar com calma.

- Ele a trata bem? Você parece feliz com ele. Espero que seja verdade.

- David é muito bom, mãe - Laura temia essa conversa. - Você viu como vivemos agora. Não temos nada para esconder.

- Da última vez que nos encontramos, Laura, você estava trabalhando em Atlanta. Matriz da Rizome. Hoje, é dona de pensão - hesitou. - Não que não seja um bonito lugar, mas...

- Acha que dei um passo atrás em minha carreira - Laura meneou a cabeça. - Mamãe, a Rizome é uma democracia, se você quer poder, precisa receber votação. Isso significa que é preciso conhecer muita gente. Contato pessoal significa tudo para nós. Manter uma pensão, como você disse, significa exatamente isso. As melhores pessoas de nossa companhia ficam no chalé, como hóspedes. É lá que elas nos vêem.

- Não é bem disso que me lembro. Poder é onde está a ação.

- Mãe, a ação está em todo lugar, agora. Por isso temos a Rede - Laura estava fazendo grande esforço para manter a polidez. - Não é uma coisa em que David e eu topamos por acaso. É um cartão de visitas para nós. Sabíamos que precisaríamos de um lugar para ficar enquanto o bebê fosse pequeno. Então projetamos as plantas, apresentamos à companhia, mostramos iniciativa, flexibilidade... Foi nosso primeiro grande projeto como equipe. Hoje, todo mundo nos conhece.

- Muito bem... - sua mãe continuou, devagar. - Vocês planejaram tudo muito direitinho. Têm ambição e o bebê. A carreira e a família. Marido e emprego. Tudo muito bonito, Laura Não posso acreditar que seja tão simples.

Laura estava gelada.

- Claro que você iria dizer isso, não é?

O silêncio caiu, pesado. A mãe ficou alisando a barra da saia

- Laura, sei que minha visita não foi fácil para você. Já faz muito tempo desde que tomamos caminhos diferentes. Espero que possamos mudar tudo isso, agora.

Laura nada disse. Sua mãe, teimosamente, continuou.

- As coisas mudaram desde que sua avó morreu. Já faz dois anos. Ela não pode mais ajudar nenhuma de nós. Laura, quero ajudar, se puder. Se houver qualquer coisa de que precisa... Qualquer coisa. Se precisar viajar, pode deixar Loretta comigo. Ou se precisar de alguém com quem conversar.

Hesitou e tentou tocar o bebê, num gesto de carência. Pela primeira vez, Laura realmente viu as mãos da mãe: as mãos enrugadas de uma velha

- Sei que sente falta da avó. Deu a sua filha o nome dela. Loretta - acariciou o rosto do bebê. - Não posso tomar o lugar dela, mas quero fazer alguma coisa, Laura. Pelo bem de minha neta.

Parecia um velho e decente gesto de família, considerou Laura, mas era um favor nada bem-vindo. Sabia que seria preciso pagar pelo favor da mãe, com reconhecimento e intimidade. Não precisava disso; ela e David tinham a companhia por trás deles, afinal, a boa e sólida *gemeinschaft* da Rizome.

- Está muito bem, mamãe. Obrigada pelo oferecimento. David e eu apreciamos muito.

Laura virou o rosto para a janela.

A estrada melhorou quando o furgão atingiu uma região zoneada para reurbanização. Passaram por uma longa marina, com muitos barcos a vela com piloto automático, para aluguel. Depois atravessaram uma galeria de lojas, construída, como o chalé, de areia-concreto. Seu estacionamento estava cheio de furgões. Pela janela, observaram os grandes luminosos da galeria: “Camisetas”, “Cerveja”, “Vinho”, “Vídeo” e “Entre! Está fresquinho aqui!”

- Os negócios estão indo bem, para um dia útil - comentou Laura Os freqüentadores eram principalmente pessoas de meia-idade de Houston, livres, por aquele dia, dos edifícios altos onde estavam aprisionados. Bandos delas vagavam pela praia, sem destino, olhando para o mar, gratas pelo horizonte totalmente desobstruído.

A mãe continuou a pressionar.

- Laura, eu me preocupo com você. Não quero governar sua vida, se é o que está pensando. Você se saiu muito bem sozinha e gostei muito disso; verdade. Mas as coisas podem dar errado sem que você tenha culpa - hesitou. - Quero que aprenda com nossa experiência, a minha e a de minha mãe. Nenhuma de nós teve sorte com os maridos, com os filhos. E não foi por não tentarmos.

A paciência de Laura estava acabando. A experiência de sua mãe era algo que a assombrara cada dia de sua vida. Mencioná-la agora - como se fosse algo que poderia ter escapado da memória da filha - parecia-lhe grosseiro e irracional.

- Não basta tentar, mãe. Tem de planejar antes. Foi algo que sua geração nunca

fez muito bem - apontou pela janela. - Viu aquilo?

O furgão alcançara o extremo sul do quebra-mar de Galveston. Estavam passando por um subúrbio, outrora paraíso de classe média, com gramados impecáveis e campo de golfe. Agora, era um *barrio* e as grandes casas haviam sido subdivididas, convertidas em bares e armazéns latinos.

- As pessoas que construíram este subúrbio sabiam que estavam ficando sem petróleo, mas não previram coisa nenhuma. Construíram tudo ao redor de seus preciosos carros, mesmo sabendo que estavam transformando os centros das cidades em guetos. Agora, os carros se foram e todos que tinham dinheiro mudaram correndo para o centro da cidade. Aí os pobres foram empurrados para cá. Só que eles não podem pagar contas de água e os gramados ficam ao léu. Não podem comprar aparelhos de ar condicionado e ficam derretendo de calor. Ninguém teve o bom-senso de construir varandas, mesmo tendo varandas todas as casas construídas no Texas em duzentos anos!

A mãe, obediente, olhava pela janela. Era meio-dia e todas as janelas estavam abertas por causa do calor. Dentro, os desempregados suavam em frente de suas televisões subsidiadas. Os pobres viviam barato. O *scop* de baixa qualidade, recém-saído das tinas e secos como cereais, custava apenas alguns centavos por quilo. Todos nos guetos dos subúrbios comiam *scop*, a proteína unicelular. O prato universal do Terceiro Mundo.

- Mas é isso que estou tentando lhe contar, querida - disse a mãe. - As coisas mudam. Você não pode controlar. E o azar existe.

Laura foi ríspida:

- Mãe, foram as pessoas quem construíram essas casas imprestáveis. Elas não brotaram. Foram construídas visando lucro rápido, sem que se pensasse a longo prazo. Conheço as casas, ajudei David a derrubá-las. Olhe só!

A mãe parecia consternada.

- Não entendo. São casas baratas, onde os pobres podem viver. Pelo menos eles têm teto, não é?

- Mamãe, são drenos de energia! São feitas de alvenaria, cimento e cal!

A mãe meneou a cabeça.

- Não sou mulher de arquiteto, querida. Posso ver que você não gosta nada dessas casas, mas você fala como se a culpa fosse minha.

O furgão entrou na rua 83, rumando para o aeroporto. O bebê dormia apoiado no peito de Laura, que o apertou mais, sentindo-se deprimida e com raiva. Não sabia como deixar as coisas claras para sua mãe sem perder a calma. Se pudesse dizer "mamãe, seu casamento foi como uma dessas casas baratas: você o usou e mudou-se para outro lugar... Tirou meu pai de sua vida como se ele fosse um carro usado e me deu para vovó criar, como uma casa que não satisfaz mais a seu gosto..." Mas não conseguia dizer isso. Não podia forçar as palavras a sair.

Uma sombra passou baixo por suas cabeças, em silêncio. Um avião de

passageiros Boeing, intercontinental, a cauda marcada com o vermelho e azul da AeroCubana. Para Laura, lembrava um albatroz de asas amplas e delgadas como navalhas sobre um corpo alongado e estreito. Os motores zumbiam.

A visão de aviões sempre era nostálgica para Laura. Em anos felizes, passara a infância quase toda em aeroportos antes de sua vida de filha de diplomata ser destruída. O avião desceu suavemente, com a precisão do comando por computador e as asas expelindo películas de frenagem amarelas. “Projeto moderno”, pensou Laura, orgulhosa ao observá-lo. As finas asas cerâmicas do Boeing pareciam frágeis. Mas poderiam dividir ao meio uma daquelas casas decadentes, como uma navalha cortaria queijo.

Entraram no aeroporto pelos portões de uma grade de plástico vermelho. Fora do terminal, os furgões faziam fila no ponto de táxi.

Laura ajudou a mãe a tirar as malas do furgão e colocá-las num carrinho de bagagem, que estava a espera. O terminal fora construído no estilo barroco orgânico inicial, com paredes isolantes, grossas como as de uma fortaleza, e portas deslizantes duplas. Dentro havia sempre frescor agradável e cheiro forte de líquido de limpeza de chão. Monitores planos pendurados no teto indicavam a todo momento as chegadas e as partidas. O carrinho de bagagem acompanhava seus passos.

Não havia tanta gente assim. O Aeroporto Scholes não era dos maiores, não importa o que a cidade alegava. A Câmara Municipal o expandira depois do último furacão, numa tentativa final de levantar o moral cívico de Galveston. Muitos contribuintes prontamente usaram-no para deixar a cidade de vez.

Conferiram a bagagem. Laura ficou observando sua mãe conversar com o funcionário das passagens. De novo, era a mulher de quem Laura se lembrava: elegante, fria, impecável, autocontrolada numa casca diplomática de Teflon. Margaret Day: ainda uma mulher atraente, aos 62 anos. As pessoas duravam para sempre, naqueles tempos. Com alguma sorte, sua mãe poderia viver mais uns quarenta anos.

Foram juntas para o saguão de embarque.

- Deixe-me segurá-la mais uma vez.

Laura passou-lhe o bebê. Sua mãe carregava Loretta como um saquinho de esmeraldas.

- Se eu disse algo que a desagradou, vai me perdoar, não é? Não sou mais tão jovem e há coisas que não entendo.

A voz era calma, mas o rosto tremeu um pouco, com uma estranha expressão de quem pedia socorro. Pela primeira vez Laura percebeu o quanto custara a sua mãe passar por tudo aquilo, como ela se humilhara impiedosamente. Sentiu uma súbita simpatia, como se tivesse encontrado um estranho ferido na porta de sua casa.

- Não, não - gaguejou, sem parar de andar. - Tudo foi muito bem.

- Vocês são gente moderna, você e David. De certa maneira, parecem muito inocentes para nós, os decadentes pré-milenares - sorriu, conformada. - Tão livres de

dúvidas...

Laura ficou pensando sobre isso enquanto entravam no saguão. Pela primeira vez, teve uma intuição turva do ponto de vista da mãe. Ficou ao lado da poltrona dela, onde os outros passageiros para Dallas não poderiam escutar.

- Parecemos dogmáticos. Seguros. É isso?

- Não! - corrigiu apressadamente a mãe. - Não é o que queria dizer.

Laura respirou fundo.

- Não vivemos sob terror, mamãe. Essa é a verdadeira diferença. Ninguém está ameaçando com mísseis minha geração. Por isso pensamos num futuro, em longo prazo. Porque sabemos que teremos um futuro - Laura abriu as mãos - e não conquistamos por nós mesmos esse luxo. O luxo de parecermos seguros. Vocês é que nos deram isso.

Laura relaxou um pouco, sentindo-se virtuosa

- Bem... - a mãe estava fazendo força para encontrar as palavras certas. - É algo assim, mas... O mundo em que você cresceu a cada ano está mais suave e controlado. Como jogar uma rede sobre os destinos. Mas Laura, isso não aconteceu, na verdade. Preocupo-me com você.

Laura estava surpresa. Nunca vira a mãe como uma fatalista tão doentia Parecia estranhamente antiquada. Mas estava sendo sincera, como se estivesse pronta para pregar uma ferradura em cima da porta ou rezar uma novena. As coisas haviam sido um pouco estranhas... Malgrado ela mesma, Laura sentiu um arrepio passageiro de superstição. Meneou a cabeça.

- Está bem, mãe. David e eu... sabemos que podemos contar com você.

- É tudo o que eu lhes peço - sorriu. - David foi maravilhoso. Mande-lhe lembranças minhas.

Os outros passageiros levantaram, arrebanhando suas valises e sacolas. Sua mãe beijou o bebê, levantou e devolveu-o. O rosto de Loretta entristeceu e ela começou a choramingar cada vez mais alto, até gritar.

- Ai, ai, ai - disse Laura, em voz baixa Aceitou um rápido e desajeitado abraço de sua mãe. - Tchau.

- Telefone.

- Está bem.

Sacudindo Loretta para acalmá-la Laura ficou observando sua mãe ir embora, misturando-se com o povo, na rampa de embarque. Uma estranha entre os outros. Irônico, pensou. Esperara por este momento sete dias e agora que acontecia, sentia dor. Ou como se fosse uma dor.

Laura deu uma olhada rápida em seu relogiofone. Precisava matar uma hora antes da chegada dos granadinos. Foi até o café. As pessoas ficavam olhando para ela e para o bebê todo o tempo. Num mundo tão cheio de gente velha, bebês eram grande novidade. Mesmo os estranhos ficavam derretidos, fazendo caretas e tchauzinhos.

Laura sentou-se, bebericando o péssimo café do aeroporto, deixando que a tensão se dissipasse. Gostou que sua mãe tivesse ido. Podia sentir pedacinhos

reprimidos de sua personalidade voltando lentamente ao lugar certo, como as plataformas continentais emergindo depois de uma era glacial.

Uma moça, dois guichês adiante, estava interessada no bebê. Seus olhos estavam acesos e ficava chamando a atenção de Loretta, sorrindo muito. Laura ficou a olhá-la, admirada. Algo no rosto largo e sardento da moça pareceu-lhe a quintessência do texano. Um aspecto rústico, legado genético de alguma mulher de olhar duro, com roupas de couro, do tipo que dava tiros em território *comanche* e deu à luz seis filhos sem anestesia. Isso transparecia na exagerada maquilagem da moça, também: batom vermelho-sangue, olhos fortemente delineados, cabelo preso... Laura percebeu, chocada, que era uma prostituta da Igreja de Ishtar.

O vôo dos granadinos foi anunciado, como conexão de Miami. A prostituta da igreja sobressaltou-se e seu rosto ficou animado. Laura foi atrás dela, que se apressava em chegar ao saguão de desembarque.

Laura juntou-se a ela enquanto o avião se esvaziava. Examinou todos os passageiros num relance, procurando seus hóspedes. Uma família de pescadores de camarão vietnamitas. Uma dúzia de cubanos desleixados mas otimistas, com sacolas de compras. Um grupo de colegiais sérios e bem vestidos, com suéteres de seus grêmios. Três operários de plataformas petrolíferas, homens velhos com chapéus de *cowboy* e botas de engenheiro.

De repente, a mulher de Ishtar aproximou-se e falou:

- Você é da Rizome, não é?

- *Raizom* - corrigiu Laura.

- Então, você deve estar esperando por Chacal e o velho, não? - seus olhos brilhavam, o que dava a seu rosto ossudo estranha vivacidade. - A reverenda Morgan falou com você?

- Sim, encontrei-me com a reverenda - disse Laura, diplomaticamente. Ela nada sabia sobre alguém chamado Chacal.

- Seu bebê é tão bonitinho... - sorriu a mulher. - Veja, ali estão eles! - levantou o braço sobre a cabeça e fez sinal, agitada. O decote profundo de sua blusa deixava à mostra pontas de lingerie vermelha. - Iuu-huu! Chacal!

Um *rastaman* de aspecto antiquado, de trancinhas, abriu caminho em meio à multidão. O velho usava um *dashiki* de mangas compridas de tecido sintético barato sobre calças *baggy* de amarrar e sandálias. O jovem companheiro do *rastaman* usava uma jaqueta de náilon, óculos escuros e jeans. A mulher correu e abraçou-o.

- Chacal!

O jovem, com súbita demonstração de força, levantou a mulher da igreja e rodopiou com ela. Seu rosto escuro, de feições regulares, não tinha expressão por trás dos óculos escuros.

- Laura?

Surgira uma mulher ao lado de Laura, silenciosamente. Era uma das

coordenadoras de segurança da Rizome, Debra Emerson. Era uma mulher anglo-saxônica de olhar triste, cerca de sessenta anos, traços finamente cinzelados e pouco cabelos. Laura conversara com ela muitas vezes pela Rede e encontrara-a uma vez em Atlanta.

Trocaram breves abraços formais e beijos no rosto, no estilo da Rizome.

- Onde estão os banqueiros? - perguntou Laura.

Debra fez um sinal, com a cabeça, na direção do *rastaman* e seu companheiro. Laura sentiu um aperto no peito.

- São esses?

- Esses banqueiros estrangeiros não seguem bem os nossos padrões - disse Debra, sem tirar os olhos deles.

- Sabe quem é aquela mulher? O grupo a que ela pertence?

- Igreja de Ishtar - respondeu Debra, que não parecia nada contente. - Olhou para Laura. - Não lhe contamos tudo ainda, por causa do sigilo, mas sei que você não é ingênua. Tem boas relações na Rede. Deve saber como estão as coisas em Granada.

- Sei que Granada é um paraíso informático - reconheceu Laura, cautelosamente. Não tinha certeza do que poderia dizer.

Debra Emerson fora alta funcionária da CIA, quando essa agência existia e seus altos funcionários desfrutavam de grande prestígio. O trabalho de segurança não tinha mais todo esse *glamour*. Debra tinha aspecto de quem sofrera em silêncio, uma espécie de translucidez ao redor dos olhos. Gostava de saias cinzentas de cordurol e blusas de mangas longas em areia e bege.

O velho *rastaman* avançou como pôde, sorrindo.

- Winston Stubbs.

Tinha os maneirismos do Caribe, pronúncia de vogais com mais musicalidade, quebrando-as com fortes consoantes britânicas. Apertou a mão de Laura.

- E Chacal Thompson, isto é, Michael Thompson - virou-se e chamou: - Chacal!

Chacal foi chegando, braço em torno da cintura da garota da igreja.

- Sou Laura Webster.

- Sim, sabemos - respondeu Chacal. - Esta é Carlotta.

- Sou a agente de ligação deles - Carlotta interpôs, toda sorrisos. Arrumou o cabelo preto com as duas mãos. Laura entreviu uma cruz egípcia tatuada no pulso direito. - Trouxe muita bagagem? Tenho um furgão esperando.

- Eu-e-eu temos negócios na ilha - explicou Stubbs. - Vamos para seu chalé mais tarde, esta noite. Depois eu chamo pela Rede, falou?

Debra interveio:

- Se é assim que quer, senhor Stubbs.

- Mais tarde - confirmou Stubbs. Os três saíram, chamando um carrinho de bagagem.

Laura ficou observando os três, abismada.

- Eles deveriam ficar andando soltos por aí?

Debra suspirou.

- É uma situação delicada. Lamento que você tenha vindo até aqui por nada, mas isso é só uma das esquisitices deles - disse, esticando a alça de sua grande bolsa a tiracolo. - Vamos chamar um táxi.

Ao chegar ao chalé, Debra desapareceu no andar superior, na sala de conferências. Em geral, Laura e David comiam no refeitório, onde podiam estar com os hóspedes. Naquela noite, porém, ficaram com Debra e jantaram na torre, sentindo-se incomodamente conspiratórios.

David arrumou a mesa. Laura abriu uma bandeja de tampa com pimentões recheados e arroz à espanhola. David ficou com a comida dietética.

- Quero ser o mais aberta e franca possível com vocês - murmurou Debra. - A esta altura, vocês já devem ter percebido a natureza de nossos hóspedes.

- Sim - respondeu David, longe de estar contente.

- Então podem entender a necessidade de segurança. Naturalmente, confiamos na discrição de vocês e de seu pessoal.

David sorriu.

- Que bom saber disso.

Debra estava um tanto perturbada.

- O comitê tem planejado esta reunião há algum tempo. Esses europeus que vocês têm hospedado não são banqueiros comuns. São do *EFT Commerzbank*, de Luxemburgo. Amanhã à noite vai chegar um terceiro grupo. O *Yung Soo Chim Islamic Bank*, de Cingapura.

David deixou o garfo a meio caminho da boca

- E eles também são...?

- Sim, piratas de dados.

- Entendo - disse Laura, sentindo um arrepio de medo. - Grandes negócios, então.

- Muito grandes - confirmou Debra, deixando o assunto assentar por um momento. - Oferecemos a eles seis possíveis locais para a reunião. Poderia ter sido igualmente na casa dos Valenzuela, em Puerto Vallarta, ou na dos Warburton, em Arkansas.

- Quanto deverá durar? - quis saber David.

- Cinco dias. Talvez uma semana - previu Debra, bebendo um pouco de chá gelado. - Cabe a nós oferecer segurança total, uma vez iniciada a reunião. Entenderam? Portas trancadas, cortinas puxadas. Nada de muita gente entrando e saindo.

David titubeou.

- Vamos precisar de suprimentos. Vou falar com a senhora Delrosário.

- Eu posso tomar conta dos suprimentos.

- A senhora Delrosário é muito exigente quanto aos lugares onde faz as compras.

- Deixem pra lá - interrompeu Debra, tentando ajudar. - A alimentação não será o principal problema. - Retirou cuidadosamente a pele do pimentão recheado. - Alguns dos hóspedes talvez tragam a própria comida.

David se admirou.

- Quer dizer que eles têm medo de nossa comida? Acham que podemos envenená-los, é isso?

- David, antes de mais nada, já é sinal de grande confiança deles na Rizome que os três bancos tenham concordado em se reunir aqui. Não é de nós que eles desconfiam, mas uns dos outros.

David ficou alarmado.

- Em que, exatamente, estamos nos metendo? Tem criança pequena, aqui! Para não falar em nosso pessoal.

Debra pareceu magoada.

- Você se sentiria melhor se o chalé estivesse cheio de guardas armados da Rizome? Ou se a Rizome tivesse guardas armados? Não podemos nos confrontar com essa gente pela força nem devemos tentar. Essa é a nossa força.

- Você está dizendo isso porque somos inermes, não podemos ser atacados - opinou Laura.

- Queremos reduzir a tensão. Não podemos prender esses piratas, processá-los, esmagá-los. Decidimos negociar. Essa é uma solução moderna. Afinal, funcionou para a corrida armamentista Está funcionando no Terceiro Mundo.

- Exceto na África - interpôs David. Debra deu de ombros.

- É um esforço a longo prazo. A antiga guerra fria Oriente-Ocidente, o conflito Norte-Sul... Eram lutas de antigamente. Lutas que herdamos. Mas agora nos defrontamos com um desafio verdadeiramente moderno. Esta reunião é parte dele.

David pareceu um pouco surpreendido.

- Vamos lá; não são conferências sobre armas nucleares. Já li sobre esses "paraísos". São piratas vulgares. Malandros artistas que não contam na ordem geral das coisas. Chamam a si mesmos de banqueiros e usam ternos alinhados. Podem ter seus jatos particulares e caçar javalis nas florestas da Toscana; ainda são malandros vulgares.

- Essa atitude é certa - emendou Debra - mas não subestime os paraísos. Até agora, como você disse, eles são apenas parasitas. Roubam *software*, falsificam registros e vídeos, invadem a privacidade das pessoas. São problemas menores, mas ainda não supera o que o sistema pode tolerar. Mas, e o potencial deles? São mercados negros em potencial para engenharia genética, transplantes de órgãos, substâncias neuroquímicas, toda uma galáxia de produtos da moderna tecnologia de ponta. Os calouros soltos pela Rede já são problema suficiente. O que acontecerá quando um engenheiro genético cortar um gene a mais?

David estremeceu.

- Bem, isso não pode ser tolerado.

- Mas são governos com soberania nacional - disse Debra. - Uma pequena nação terceiromundista, como Granada, pode tirar proveito jogando rápido e rasteiro com as novas tecnologias. Podem muito bem ter esperanças de se tomarem o centro das inovações, como as Ilhas Caimã e o Panamá se tomaram centros financeiros. Leis são um peso a ser carregado e as multinacionais sempre estão tentadas a se esquivar delas. O que acontecerá com a Rizome se nossos competidores se evadirem as leis em outros países?

Deixou que eles meditassem um pouco.

- Há questões mais profundas, que afetam toda a estrutura do mundo moderno. O que vai acontecer se as indústrias do futuro tiverem criminosos como pioneiros? Vivemos num planeta superpovoado e precisamos de controles, que precisam ser estritos. Caso contrário, haverá uma onda de corrupção.

- É uma agenda apertada - respondeu David, pensando no assunto. - De fato, parece não haver saída.

- Também a Abolição - respondeu Debra. - Mas os arsenais se foram - sorriu.

"A velha linha de sempre", pensou Laura. A antiga geração do *baby-boom* usara esse argumento durante anos. Talvez pensasse que ajudaria a explicar por que ainda estava tomando conta de tudo.

- Mas a história não pára nunca. A sociedade moderna defronta-se com nova crise central. Será que vamos conseguir controlar o caminho do desenvolvimento rumo a fins humanos e sadios? Ou teremos um *laissez-faire* anárquico? - disse Debra, terminando com os últimos pedaços de seu pimentão.

- Essas questões são bem reais. Se quisermos viver num mundo reconhecível para nós, temos de lutar por esse privilégio. Nós, na Rizome, temos de fazer nossa parte. É o que estamos fazendo. Aqui e agora.

- Você está defendendo bem sua tese - interveio David -, mas imagino que esses piratas vêem a coisa de modo diferente.

- Vamos ouvir o lado deles daqui a pouco - sorriu Debra -, mas poderemos preparar algumas surpresas para eles. Os paraísos informáticos estão acostumados com multinacionais no estilo antigo, mas democracia econômica é um animal de espécie diferente. Devemos deixar que eles constatem isso por si, mesmo que signifique algum risco para nós.

- Não está achando seriamente que eles vão tentar alguma coisa? - estranhou David.

- Não, não creio. Se o fizerem, muito simplesmente chamamos a polícia. Seria um escândalo para nós; afinal, esta reunião é secreta. Mas um escândalo pior, acho, para eles - respondeu Debra, cruzando, cuidadosamente o garfo e a faca sobre o prato. - Sabemos que há um pequeno risco, mas a Rizome não tem exército particular. Nenhum cara de óculos escuros com valises cheias de dinheiro e armas. Isso saiu de moda - seus olhos se iluminaram um pouco. - Temos de pagar, porém, pelo luxo da

inocência. Precisamos difundir o perigo entre todos os associados da Rizome. Agora, é a vez de vocês. Entendem, não é?

Laura estava pensativa.

- Chegou nossa vez de entrar no palco - disse, depois de algum tempo.

- Exatamente.

- Coisas que acontecem... - disse David. E era isso mesmo.

Os negociadores deveriam ter chegado ao chalé à mesma hora, nos mesmos termos. Mas não eram tão sensatos. Preferiram dar umas voltas e atrapalhar uns aos outros.

Os europeus chegaram cedo, em sua tentativa de mostrar que estavam perto dos juízes da Rizome e negociando a partir de uma posição de força. Mas logo ficaram entediados e cheios de suspeitas mesquinhas.

Debra estava reconfortando David e Laura quando chegou o contingente de Cingapura. Era composto por três pessoas também: um velho chinês chamado Shaw e dois compatriotas malaios. O senhor Shaw era meio careca e usava óculos, vestia um terno muito grande para ele e falava muito pouco. Os dois malaios usavam chapéus pretos *songkak,* de dois bicos, na frente e atrás, e emblemas costurados de seu grupo, o *Yung Soo Chim Islamic Bank*. Os malaios eram homens de meia-idade, muito sóbrios, muito dignos, mas não como banqueiros. Como soldados. Andavam empertigados, com os ombros retos e seus olhos estavam sempre atentos para qualquer coisa.

Trouxeram montanhas de bagagem, até mesmo seus próprios telefones e uma pequena geladeira, cheia de bandejas de comida embrulhadas em papel de alumínio.

Debra fez as apresentações. O olhar de Karageorgiu era agressivo. Shaw estava totalmente calmo e inexpressivo. Os acompanhantes pareciam prontos para uma luta livre. Debra levou os cingapurianos para cima, até a sala de conferências, onde poderiam telefonar e comunicar à matriz que tinham chegado inteiros.

Ninguém tinha visto os granadinos desde o dia anterior, no aeroporto. Eles não telefonaram, apesar de suas vagas promessas de fazer isso. O tempo passou. Os outros consideraram essa atitude um insulto estudado e resmungaram enquanto bebiam. Separaram-se, afinal, para jantar. Os cingapurianos consumiram sua própria comida, em seus quartos. Os europeus queixaram-se muito da bárbara cozinha texano-mexicana. A senhora Delrosário, que tinha caprichado ao máximo, quase chorou.

Os granadinos finalmente apareceram ao cair da noite. Como Debra, Laura estava muito preocupada. Cumprimentou-os na recepção:

- Ainda bem que chegaram. Houve algum problema?

- Nada disso - respondeu Winston Stubbs, mostrando os dentes, num sorriso ensolarado. - Eu-e-eu estávamos na cidade. Lá na ilha.

O antigo *rastaman* usava chapéu de *cowboy,* do tipo vendido como *souvenir,* pendurado no pescoço, sobre suas trancas até os ombros. Estava de sandálias e vestia uma berrante camisa havaiana.

Seu companheiro, Chacal Thompson, cortara o cabelo. Decidiu vestir *slacks,*

camisa de manga comprida e paletó, parecido com os dos associados da Rizome. Não lhe caíram muito bem; Chacal parecia agressivamente convencional. Carlotta, a moça da igreja, estava com uma camiseta cavada vermelha viva, minissaia e muita maquilagem. Um cálice cheio estava tatuado em seu ombro sardento.

Laura apresentou o marido e o pessoal do chalé para os granadinos. David deu aos piratas seu melhor sorriso de anfitrião: amigo e tolerante, somos todos amigos, aqui na Rizome. Exagerou um pouco, talvez, porque Winston Stubbs tinha a imagem do pirata tradicional. Coisa de *rastafari*.

- Como vai? - disse David. - Espero que gostem da estada conosco.

O velho parecia cético. David abandonou os exageros.

- Fica frio - disse ele, tentando melhorar sua imagem.

- Tudo frio - respondeu Winston Stubbs, surpreso. - Eu não ouvia isso há quarenta anos. O senhor gosta daqueles antigos discos de reggae, senhor Webster?

- Os meus pais é que tocavam, quando eu era criança.

- Ah, já vi tudo. Eram o doutor Martin Webster e Grace Webster, de Galveston.

- Isso mesmo - respondeu David. Seu sorriso desapareceu.

- Você é quem projetou este chalé. Areia-concreto, feita com material da praia, não é? - disse Stubbs, olhando David de alta a baixo. - Tecnologia apropriada. Poderíamos usar isso nas ilhas, cara.

- Obrigado - respondeu David, meio sem saber o que fazer. - Obrigado pelo elogio.

- Poderíamos ter lugar para uma relações públicas, também - disse Stubbs, sorrindo, olhando de soslaio para Laura. Sobressaíram veias em seus olhos, como se fossem bolinhas de gude rachadas. - A reputação de Eu-e-eu poderia melhorar. Muita pressão sobre Eu-e-eu. Dos Luditas de Babilônia.

- Vamos todos para a sala de conferências - disse Debra. - Ainda é cedo. Temos tempo para conversar.

Discutiram dois dias inteiros. Laura compareceu às reuniões como assistente de Debra Emerson e logo percebeu que a Rizome era um intermediário apenas tolerado. Os piratas de dados não tinham o mínimo interesse em iniciar novas carreiras como pós-industriais corretos e honestos. Encontraram-se para enfrentar uma ameaça.

Todos os três grupos de piratas estavam sendo chantageados.

Os chantagistas, quem quer que fossem, demonstravam conhecer muito bem a dinâmica dos paraísos informáticos. Jogaram com muita habilidade, usando divisões e rivalidades entre os paraísos; ameaçaram um banco, depois depositaram o dinheiro da chantagem em outro. Os paraísos, que normalmente abominavam publicidade, encobriram os ataques. Foram deliberadamente vagos sobre a natureza das perdas. Temiam expor em público suas fraquezas. Estava claro, também, que suspeitavam uns dos outros.

Laura nunca soubera da verdadeira natureza e da real extensão das operações

desses paraísos, mas ficou sentada em silêncio, ouvindo e assistindo, e aprendeu depressa.

Os piratas copiavam fitas de vídeo comerciais às centenas de milhares, vendendo-as em mercados terceiromundistas fracamente policiados. Suas equipes de ladrões de *software* sempre achavam mercado para programas cuja proteção contra cópias arrancavam. Este tipo de pirataria não era nada de novo; datava dos primeiros dias da indústria da informática.

Mas Laura nunca pensou no lucro que podia ser conseguido ao se contornar as leis sobre privacidade do mundo desenvolvido. Milhares de empresas legais mantinham dossiês sobre pessoas: fichas de empregados, histórico médico, transações de crédito. Na economia da Rede, era impossível fazer negócio sem essas informações. No mundo legal, as empresas purgavam periodicamente esses dados, como exigido por lei.

Mas nem todos eram apagados. Grande quantidade deles acabava nos paraísos informáticos, passados mediante suborno de funcionários, derivações em linhas de dados e pura espionagem comercial. As companhias regulares operavam com fatias especializadas de conhecimento, mas os paraísos faziam seus negócios coletando dados em outros países. Memória era barato, e seus bancos de dados eram enormes - e sempre crescentes.

Nunca lhes faltavam clientes. Companhias de crédito, por exemplo, precisavam evitar altos riscos e correr atrás de maus pagadores. As seguradoras tinham problemas semelhantes. Os pesquisadores de mercado sempre tinham fome de dados precisos sobre as pessoas. O mesmo ocorria com os que precisavam levantar fundos. Malas diretas especializadas encontravam mercado florescente. Os jornalistas faziam assinaturas e uma rápida chamada a um banco de dados podia resultar em dolorosos boatos, que os governos e empresas se apressavam em suprimir.

As agências de segurança privada sentiam-se em casa no submundo da informática. Desde o colapso do aparato de informação da guerra fria, havia legiões de agentes desmobilizados, cada vez mais velhos, procurando ganhar a vida na iniciativa privada. Uma linha telefônica direta e protegida com os paraísos era ativo importante para o detetive particular.

Até serviços de namoro por computador tiravam vantagem da situação.

Os paraísos estavam em vias de se tornar um verdadeiro Grande Irmão, comerciando fragmentos esparsos de informação, depois reunindo-os e revendendo-os, formando um novo e sinistro conjunto.

Faziam seu negócio resumindo, condensando, indexando e verificando como qualquer banco de dados comercial moderna. A diferença, claro, é que os piratas eram carnívoros. Devoravam outros bancos de dados sempre que podiam, ignorando sumariamente os direitos autorais, simplesmente armazenando qualquer coisa em que pusessem as mãos. Isto não exigia a última palavra da ciência da computação. Só toneladas de memória e muita paciência.

Diversamente dos contrabandistas do passado, os piratas de dados nunca precisavam tocar seu butim; dados não têm substância. O *EFT Commerzbank*, por exemplo, era uma corporação legal de Luxemburgo. Seus centros nervosos legais estavam escondidos com toda a segurança no Chipre turco. O mesmo valia para os cingapurianos; tinham a fachada honrada na rua Bencoolen, enquanto suas máquinas ronronavam alegres em Nauru, ilha e nação soberana do Pacífico de doze mil habitantes. Por sua vez, os granadinos agiam descaradamente.

Todos os três grupos também eram bancos monetários, o que era prático para lidar com o dinheiro dos clientes e também fonte imediata dos subornos que se fizessem necessários. Desde a invenção da transferência eletrônica de fundos, o próprio dinheiro transformou-se apenas numa espécie de informação. Os governos que os guardavam não estavam dispostos a discutir esses pormenores.

Laura imaginava que, assim, os princípios básicos de funcionamento estavam bem claros. No entanto, não criavam solidariedade, mas competição violenta

Trocavam insultos livremente nos pontos mais quentes. A linhagem ancestral dos paraísos dotava-os de uma herança infeliz, por vezes embaraçosa Em momentos de franqueza ocasional, esses grandes e vexatórios fatos vinham à superfície, como baleias expelindo borrifos, enquanto Laura ficava boquiaberta.

Ela ficou sabendo que o *EFT Commerzbank* tinha raízes principalmente nas antigas conexões da heroína do sul da França e da Mano Nera da Córsega. Depois da Abolição, as operações clandestinas foram modernizadas por ex-agentes secretos franceses de La Piscine, a legendária escola corsa de sabotadores paramilitares.

Esses comandos de direita, por tradição os mercenários da espionagem européia, derivaram naturalmente para a marginalidade assim que o governo francês deixou de remeter cheques.

Outra força provinha de uma galáxia menor de grupos ativistas franceses de direita, que abandonaram os atentados a bomba a trens e os incêndios a sinagogas para aderir ao jogo da pirataria de dados. Novos aliados eram as famílias de criminosos da minoria turca européia, completadas por contrabandistas de heroína, que mantinham ligação incestuosa com os subterrâneos do fascismo turco.

Tudo isto fora despejado em Luxemburgo e deixado a fermentar por vinte anos como um bolo tenebroso. Depois, formara-se um verniz de respeitabilidade e o *EFT Commerzbank* passara a tentar romper com o passado.

Os outros grupos recusavam-se a facilitar o caminho. Ao ser encurralado por Winston Stubbs, que recordou o evento, *monsieur* Karageorgiu foi forçado a admitir que fora um membro dos Lobos Cinzentos da Turquia quem atirara no papa.

Karageorgiu defendeu os lobos, insistindo que aquela ação fora puramente "negócio". Alegou que fora vingança pela agulhada do corrupto Banco Ambrosiano, do Vaticano. O Ambrosiano, explicou, foi um dos primeiros bancos "subterrâneos" da Europa, anterior ao sistema a que pertenciam. Os padrões eram diferentes nos dias de

glória do terrorismo italiano.

Além do mais - Karageorgiu lembrou com toda a calma -, o pistoleiro turco apenas deixara ferido o papa João Paulo II. Nada além de um pontapé na canela. Diferente da Máfia siciliana, que ficou tão furiosa com as traquinagens do banco que envenenou de verdade o papa João Paulo I.

Laura não acreditava muito nisso - notara que a Debra sorria, quieta, consigo mesma -, mas ficou claro que os outros piratas não tinham dúvidas. A história se encaixava com precisão no folclore de suas empresas. Assentiram com as cabeças quando ouviram com uma espécie de nostalgia. Mesmo Shaw pareceu vagamente impressionado.

Os antecedentes do *Islamic Bank* também eram heterogêneos. Os sindicatos do crime das Tríades eram seu principal componente. Além de serem confrarias de criminosos, as Tríades sempre tiveram seu lado político, desde suas antigas origens de rebeldes antimanchus na China do século XVII.

As Tríades atravessaram os séculos com prostituição, jogos e drogas, interrompendo ocasionalmente essas atividades para fazer revoluções, como a República Chinesa, de 1912. Mas suas fileiras incharam demais depois de a República Popular da China ter absorvido Hong Kong e Formosa. Muitos capitalistas renitentes fugiram para a Malásia, Arábia Saudita e Irã, onde os petrodólares ainda corriam soltos. Prosperaram, vendendo fuzis e lança-foguetes portáteis aos separatistas curdos e aos *mudjahidin* afegãos, cuja terra ensangüentada florescia com papoula e maconha. As Tríades esperavam, com assustadora paciência, que a nova dinastia vermelha começasse a rachar.

De acordo com Karageorgiu, as sociedades secretas das Tríades nunca esqueceram as guerras do ópio, de 1840, em que os britânicos deliberada e cinicamente viciaram o populacho chinês em ópio negro. As Tríades, alegava Karageorgiu, deliberadamente promoveram o uso da heroína no Ocidente, numa tentativa de corromper o moral ocidental.

Shaw reconheceu que essa iniciativa seria simples questão de justiça, mas negou que fosse verdade. Argumentava que, além disso, a heroína deixara de ser moda no Ocidente. A fração do povo que a usava diminuía à medida que ia envelhecendo, e os usuários de drogas modernos eram mais sofisticados. Preferiam neuroquímicos indetectáveis em vez de grosseiros extratos vegetais. Esses neuroquímicos é que estavam borbulhando aos montes nos cadinhos de alta tecnologia do Caribe.

Essa acusação feriu Winston Stubbs. O subterrâneo *rastafari* nunca foi a favor das drogas pesadas. As substâncias que eles elaboravam eram sacramentais, como o vinho da comunhão, para auxiliar na meditação *i-tal*.

Karageorgiu fez um muxoxo. Conhecia bem as fontes reais do sindicato do crime granadino e recitou-as, deliciado. Colombianos, loucos por cocaína, passeando pelas ruas de Miami com furgões blindados, cheios de fuzis *Kalashnikov*. Degradados cubanos, ex-presidiários, ainda com as tatuagens da prisão, que matariam por um

cigarrinho. Vigaristas sulistas norte-americanos, como “Big Booby” Vesco, especializados em trapacear em jogos de azar, em vários pontos do litoral.

Winston Stubbs ouviu o homem pacificamente, tentando apaziguar o horror de Laura com um franzir de sobrancelhas de incredulidade e meneando a cabeça, mas irritou-se com a última observação. Indignado, disse que Robert Vesco a certa altura, controlara o governo da Costa Rica e que, no caso legendário da IOS, Vesco liberara 60 milhões de dólares de fundos de aposentadoria da CIA ilegalmente investidos. Esse golpe mostrava como o coração de Vesco era sincero. Não havia vergonha nenhuma em tê-lo como antepassado. O homem era um bravo pioneiro.

Depois do segundo dia, as negociações foram interrompidas e Laura, abalada, foi ter com Debra Emerson no lado da varanda que dava para o mar, para uma conversinha particular.

- Bem - disse Debra, alegre -, agora podemos respirar ar puro.

- É como tirar a tampa de uma fossa - uma brisa salgada veio do mar e Laura estremeceu. - Não vamos chegar a lugar nenhum com essas negociações. Está bem claro que eles não têm intenção nenhuma de se corrigir. Eles mal nos toleram. Acham que somos espiãs.

- Ora, acho que estamos progredindo bastante.

Desde que as negociações começaram, Debra relaxara, num à vontade profissional. Ela e Laura se esforçaram para ir além de seus papéis formais e para estabelecer o tipo de confiança pessoal entranhada que mantinha a unidade da Rizome como empresa pós-industrial. Laura sentiu maior segurança ao perceber que Debra também levava a sério os princípios da empresa.

Também foi bom que o comitê reconhecesse a necessidade de Laura saber de tudo. Ela chegou a pensar que tentariam argumentar sobre segurança e que precisaria ir à rede da empresa fazer um escândalo. Em vez disso, coloram-na no coração das negociações. Nada mau para a carreira de uma mulher que ainda estava começando. Laura sentia-se agora vagamente culpada por suas primeiras suspeitas, desejando até que Emily nada lhe tivesse contado.

Debra mordiscou uma pralina e ficou olhando para o mar.

- Até agora, apenas escaramuças. Auto-afirmação machista. Mas logo vão tratar de negócios. O ponto crítico são os chantagistas. Com nossa ajuda, com uma pequena orientação, vão unir forças em defesa própria.

Uma gaivota notou que Debra estava comendo. Interrompeu sua trajetória e esvoaçou, esperançosa, sobre o corrimão da varanda, com brilho nos olhos amarelos.

- Unir as forças? - perguntou Laura.

- Não é tão ruim quanto parece. É seu pequeno tamanho e seus reflexos rápidos que tornam os paraísos informáticos perigosos. Um grupo grande e centralizado ficaria burocratizado.

- Acha mesmo?

- Eles têm fraquezas que nós não temos - disse Debra, afundando-se mais em sua espreguiçadeira. Ela cortou um pedaço de pralina e ficou estudando o pássaro, que continuava por lá. - A principal fraqueza dos grupos criminosos é sua desconfiança congênita. É por isso que tantos deles confiam em laços de família, especialmente famílias de minorias oprimidas, dois motivos para gerar lealdade ao grupo contra o mundo exterior. Mas uma organização que não pode confiar na lealdade de seus membros é forçada a confiar na *gesellschaft*. Em métodos industriais.

Sorriu, levantando a mão, e continuou:

- Isso significa regulamentos, leis, hierarquias formais rígidas. A violência não é o forte da Rizome, Laura, mas entendemos de estruturas administrativas. As burocracias centralizadas sempre protegem o *status quo*. Não inovam. A inovação é que é a verdadeira ameaça Não é tão ruim eles nos piratearem - Debra jogou um pedaço de doce para a gaivota, que o apanhou instantaneamente. - O problema surge quando eles ficam mais inteligentes do que nós.

- Quanto maior o corpo, menor o cérebro, é essa a estratégia? - perguntou Laura - O que aconteceu com o bom e velho princípio do “dividir para governar”?

- Não se trata de política, mas de tecnologia. Não é o poder deles que nos ameaça, mas a imaginação. A criatividade vem de grupos pequenos. Foram os grupos pequenos que nos deram a luz elétrica, o automóvel, o computador pessoal. As burocracias nos deram a usina nuclear, congestionamentos de trânsito e redes de televisão. As primeiras três coisas mudaram tudo. As outras três são apenas história

Mais três gaivotas gulosas vieram do nada. Esbarraram-se, gritando de fome. Laura disse:

- Não acha que deveríamos tentar algo mais forte, como enfiá-los na prisão?

- Não a culpo por pensar assim, mas você não sabe a que essa gente sobreviveu. Alimentam-se da perseguição. Isso os deixa unidos, cria um abismo de classes entre eles e a sociedade, deixa que nos assaltem sem a menor crise de consciência. Não, Laura, precisamos deixar que eles cresçam, precisamos deixá-los participar de nosso *status quo*. A luta é de longo prazo. Vai durar décadas. Vidas inteiras. Tal como a Abolição.

- Humm... - comentou Laura, sem gostar muito da idéia - Os mais velhos ficavam falando da Abolição. Como se abolir bombas que poderiam destruir todo o planeta exigisse um gênio transcendente. Nem todos compartilham dessa filosofia Caso contrário, esses tubarões não estariam aqui, tentando se devorar - continuou, baixando a voz. - Quem você acha que os está chantageando? Um deles mesmo? Aqueles cingapurianos... Ficam tão indiferentes, superiores. Parecem muito suspeitos.

- Poderia ser. Quem quer que seja, é profissional - disse Debra, plácida, jogando o último pedaço de doce para as gaivotas e se levantando tremendo. - Está ficando frio.

Entraram. Dentro do chalé, determinara-se uma rotina Os cingapurianos sempre se retiravam para seus quartos depois das negociações. Os europeus divertiam-se na

sala de conferências, aumentando a conta de telecomunicações do chalé.

Os granadinos, por outro lado, pareciam profundamente interessados no chalé em si. Inspecionaram-no da torre até os alicerces, perguntando sobre o projeto por computador e de areia-concreto, e elogiando. Desde então, os granadinos pareciam ter gostado muito de David. Reuniram-se com ele no saguão do térreo pela terceira noite.

Laura foi ajudar a lavar os pratos. O pessoal estava se saindo bem, a despeito das exigências da segurança. Todos achavam excitante ter criminosos de verdade por ali.

A senhora Rodriguez cunhara apelidos apropriados para os hóspedes: *los ópios, los morfinos* e, é claro, *los marijuanos.* Winston Stubbs, *el jefe de los marijuanos,* era o favorito deles. Não só era o que mais se parecia com um pirata, mas tentara dar-lhes gorjeta várias vezes. Os europeus *morfinos,* porém, estavam na lista negra de todos.

Debra Emerson também não escapou; só era chamada de *la espia.* Todos concordavam que ela era esquisita. *Un poço loca.* Mas era da Rizome, de modo que estava tudo bem.

Laura não fora correr por três dias. Seu tornozelo estava melhor, mas o confinamento forçado estava lhe causando ansiedade. Precisava de uma bebida. Juntou-se a David e aos granadinos no bar.

David estava mostrando sua coleção de discos. Colecionava velhas canções texanas - *western, swing, blues,* polcas, baladas americano-mexicanas. Uma fita de *mariachis* de sessenta anos estava tocando pelos alto-falantes do saguão, rápidos acordes de harmônica pontilhados com gritos mexicanos. Laura, que crescera habituada ao som de sintetizador e música pop russa, achava aquilo esquisito pra burro.

Serviu-se de um copo da bebida da casa e ficou com eles, numa mesa baixa. O velho estava bem à vontade numa poltrona, de pileque. Chacal Thompson e a mulher da igreja estavam juntos, num sofá.

Durante os debates, Chacal estivera muito animado, às vezes quase eufórico. Junto com sua bagagem, Chacal trouxera uma garrafa térmica com o que ele disse ser leite fermentado para a flora intestinal. Estava bebendo isso. Laura ficou pensando o que poderia ser. Chacal não poderia ter mais de 22, 23 anos. Era jovem demais para ter úlcera.

Carlotta bebia suco de laranja. Deixara bem claro que nunca tomava café ou álcool. Sentava-se bem junto de Chacal, apertando sua coxa, coberta com meias pretas, contra a perna dele, acariciando os cachos de sua nuca. Ela nunca participara dos debates, mas dormia com Chacal. Observava-o com arrebatamento animal, corno as gaivotas, fora do chalé.

A imagem de Carlotta e Chacal - amor e juventude a 78 rotações por minuto - deixava Laura incomodada. Havia alguma coisa horrivelmente estranha no clima dos dois, como se estivessem deliberadamente fingindo um romance. Puxou uma cadeira

para perto de David.

- Então, o que vocês acham? - perguntava ele.

- Melhor do que aquela cantoria de *cowboy* - disse Chacal, com os olhos cor de âmbar brilhando. - Mas você não pode dizer que isso aí é sua raiz. Isso é música do Terceiro Mundo.

- Uma ova, é música texana. Sou texano.

- Eles estão cantando em espanhol, cara.

- Mas eu falo espanhol - retrucou David. - Talvez não tenha notado que o pessoal da casa é hispano-texano.

- Ah, visto, eu notei - respondeu Chacal. Era a primeira vez que ele falava totalmente em seu dialeto regional. - Notei também que vocês dormem lá em cima, na torre do castelo - disse, apontando para cima - Enquanto eles dormem aqui, perto da cozinha

- Ah, percebeu? - David respondeu, sentindo-se agredido. - Quer que essa gente de idade suba dois lances de escadas, enquanto deixamos o bebê aqui, para acordar nossos hóspedes?

- Estou falando do que vejo. Você diz: “Não mais escravos assalariados, direitos iguais na grande mãe Rizome. Todos votam. Nada de chefes, mas coordenadores. Nada de diretoria, mas um Comitê Central.” Mas sua mulher ainda dá as ordens e eles ainda cozinham e limpam.

- Claro - interrompeu Laura -, mas não para nós, Chacal; para vocês.

- Essa foi boa - respondeu Chacal, cravando os olhos injetados em Laura. - Você fica falando bem depois daqueles cursos de Relações Públicas na universidade. Diplomática, como sua mãe.

Súbito silêncio.

- Cala a boca, Chacal - murmurou o velho. - Você está ficando muito assanhado.

- Sim... - disse David, ironizando. - Talvez você devesse beber menos desse leite.

- Não há nada neste leite - defendeu-se, empurrando a garrafa para Laura, que estava mais perto. - Pode experimentar.

- Está bem - respondeu Laura, abruptamente. Bebeu um gole. Estava enjoativamente adocicado. Devolveu a garrafa. - Isso me lembra uma coisa David, deu a mamadeira para o bebê?

David sorriu, admirando a bravata dela

- Dei.

Não havia nada no leite, concluiu ela. Não ia acontecer nada com ela. Bebeu um pouco de vinho, para tirar o gosto do leite. Carlotta riu de repente, quebrando a tensão.

- Você é um chato, Chacal - disse começando a massagear os ombros dele. - Não adianta ficar provocando o senhor e a senhora Casados. Eles são caretas, só isso.

Não são como nós.

- Você não percebe nada, garota. Não os ouviu falando lá em cima. - Chacal perdera o controle, e também seu sotaque. Estava soando mais e mais como um locutor de televisão por cabo. Aquele inglês monótono da televisão do Meio-Atlântico. Linguagem da rede global. Chacal segurou a mão de Carlotta.

- Os caretas não são mais aqueles. Agora, querem tudo. O mundo inteiro. Um só mundo. O deles - disse, levantando-se e puxando-a consigo. - Vamos, menina. A cama precisa ser chacoalhada.

- *Buenos noches* - exclamou David, enquanto eles saíam. - *Suenos dulces, cuidado con las chinches!*

Chacal ignorou-o.

Laura serviu-se de mais um copo e engoliu metade de seu conteúdo. O velho abriu os olhos.

- Ele é muito jovem.

- Eu fui indelicado - disse David, arrependido. - Mas, não sei não, aquela velha história de América imperialista... Isso mexe comigo. Desculpe.

- Não, América, não - disse o velho. - Vocês, ianques, não são a Babilônia. Agora, só são parte dela. Babilônia: multinacional; Babilônia: multilateral. - Ele cantarolava estas palavras.

- A Babilônia vem nos apanhar onde nós vivemos - suspirou. - Vocês gostam daqui, eu sei. Perguntei as velhas, disseram que elas também gostam. Dizem que vocês são bons, que seu bebê é uma gracinha. Mas onde ela vai crescer? Em seu belo mundo, com suas regras bem bonitinhas? Ela não vai ter um lugar como este. Já pensaram nisso? Antes, vocês vão cair em cima de nós - e se levantou, bocejando. - Amanhã, hein? Amanhã. - E saiu.

O silêncio caiu.

- Vamos pra cama - disse Laura, por fim. Subiram as escadas.

A menina dormia pacificamente. Laura estivera checando o monitor do berço com o relogiofone. Tiraram a roupa e entraram na cama juntos.

- Que velho estranho, aquele Stubbs - comentou David. - Cheio de histórias. Disse... disse que estava em Granada, em 83, quando houve a invasão dos fuzileiros americanos. O céu estava cheio de helicópteros disparando em cubanos. Tomaram a estação de rádio e tocaram música pop ianque. *Beach Boys*, disse ele. Pensei de início que estava se referindo aos fuzileiros. *Beach boys*.

Laura ficou preocupada.

- Você está deixando que ele o influencie, David. Aquele simpático velhinho e sua ilhota. Sua pobre ilhota está dando uma bela mordida em nosso traseiro. Aquela observação sobre minha mãe... Devem ter dossiês sobre nós, do tamanho de uma lista telefônica. E aquela garota da igreja, hein? Não gosto nem um pouquinho daquele negócio.

- Temos muito em comum com Granada - continuou David. - Galveston já foi um paraíso. O bom e velho Jean Lafitte, lembra-se? Lá em 1817. Abordagem de navios, *io-ho-ho*, e uma garrafa de rum, e toda aquela velha rotina - David achou graça. - Talvez você e eu pudéssemos iniciar um paraíso desses, está bem? Um pequenininho, que pudéssemos operar a partir da sala de conferências. Poderíamos até descobrir quantos dentes tem a avó de Chacal.

- Nem pense nisso - disse Laura, completando, depois de uma pausa: - Aquela menina, Carlotta. Acha que ela é atraente?

Ele se enterrou um pouco no travesseiro.

- Um pouco, sim.

- Você ficou olhando para ela o tempo inteiro.

- Acho que ela tinha tomado aquelas pílulas da igreja. Romance. Faz alguma coisa com as mulheres, para ficarem com aquele brilho. Mesmo que seja falsificado.

- Eu poderia tomar uma daquelas pílulas - sugeriu Laura, com todo o cuidado. - Já fiquei tão louca por você, antes. Não causa nenhum dano permanente.

David deu risada.

- Mas o que há com você esta noite? Não consigo acreditar que você bebeu aquele leite. Você teve sorte de não ver cachorrinhos azuis saltando para fora da parede - disse. Sentou-se na cama e espalmou as mãos: - Quantos dedos?

- Quarenta.

- Laura, você está de pileque. - David empurrou-a para baixo e beijou-a. Era bom. Era bom sentir-se esmagada debaixo do peso dele. Um aperto quente, sólido e confortável.

- Muito bem - disse ela. - Dê-me mais dez beijos.

O rosto de David estava bem perto e ela sentia o cheiro do vinho, de seu próprio hálito.

Beijou-a duas vezes, esticou a mão e acariciou-a com paixão. Laura esticou os braços ao redor dele e fechou os olhos, desfrutando. Uma mão boa, forte e quente. Relaxou, abandonando-se ao prazer. Um bela porção de química, com a comichão do prazer se transformando em desejo. O alerta que tomara conta dela durante o dia evaporou enquanto se abandonava. “Adeus, Laura calculista; alô Laura sensual, há quanto tempo!” Começou a beijá-lo com intensidade, do jeito que sabia ser do gosto dele. Era bom de fazer, e como ele gostava!

“Lá vamos nós”, pensou. Uma trepada gostosa. Nada poderia ser melhor. Sorriu, junto ao rosto de David.

Aquele olhar dele. Assustara-a algumas vezes, no início, e deixou-a excitada. O doce David se fora e havia algo de novo no lugar dele. Uma outra parte, primitiva. Algo que ela não podia controlar e que poderia acabar com seu próprio autocontrole também. O sexo fora assim nos primeiros dias do namoro, uma coisa forte, selvagem e romântica, não inteiramente feita de prazer. Muito perto de desmaiar, muito perto da dor. Tão estranho...

Mas não naquela noite. Pegaram bom ritmo. Um forte abraço e movimento sem parar. Sexo bom, concreto, confiável. Chegando perto do orgasmo como se assentam tijolos. Os anjos arquitetos assentam tijolos assim, nas paredes do céu. Primeira fileira, segunda fileira, sem pressa, terceira fileira, quase no fim, agora, e pronto. O clímax a invadiu e ela gemeu de felicidade. Ele ainda precisava continuar. Não ia adiantar querer mais um, e nem ia tentar, mas veio, de qualquer maneira, um pulso pequeno com um prazer todo especial, como sentir cheiro de *brandy* na sala ao lado.

Então, foi a vez de David. Ela rolou para o lado dele da cama e sentiu o suor de David esfriando em sua própria pele. Sensação boa, íntima como um beijo.

- Ai, meu Deus - disse, sem querer dizer realmente nada, só deixando escapar as palavras. Ele escorregou as pernas para debaixo das cobertas. David estava feliz, eles se amavam e tudo estava certo no mundo. Logo estariam dormindo.

- David?

- Sim, luz da minha vida.

Ela sorriu.

- Você acha que somos caretas?

David colocou as mãos por trás da nuca, com os braços apoiados no travesseiro. Olhou-a de lado e disse:

- Cansou da posição tradicional?

- Grande ajuda a sua. Não é disso que estou falando.

Viu que Laura falava sério e hesitou.

- Eu não sei, anjo. Somos gente, é só. Temos uma filha e um canto no mundo... Não sei o que isso significa.

Sorriu, cansado, e rolou para seu lado na cama, jogando uma perna sobre as dela. Ela atenuou as luzes com o relogiofone. Não disse mais nada, e em poucos minutos, ele estava dormindo.

O bebê acordou Laura, choramingando. Desta vez, ela conseguiu forçar-se a levantar. David esparramou-se de bruços, no lugar dela. “Muito bem”, pensou ela. “Que durma onde está molhado.”

Levantou a filha, trocou a fralda. “Isso tinha de ser sinal de alguma coisa”, pensou, azeda. Com certeza, a vanguarda dos rebeldes inimigos do sistema nunca precisou trocar fraldas.

Laura esquentou mamadeira de Loretta e tentou alimentá-la, mas não adiantava nada Chutava, inclinava-se para trás e sacudia a cabeça... Era uma criança de muito bom humor, pelo menos de dia, mas se acordasse à noite, transformava-se numa pilha de nervos.

Não estava chorando de fome ou de solidão, mas emitia guinchos trêmulos, que diziam que não sabia o que fazer consigo mesma. Laura resolveu levá-la para a varanda. Isso costumava acalmá-la. Afinal, a noite parecia agradável. Vestiu o robe.

No céu, três quartos da Lua. Laura andava descalça sobre as tábuas úmidas do

assoalho. Luar sobre ondas. Tinha aspecto sobrenatural. Era tão lindo que parecia até engraçado, como se a natureza tivesse decidido imitar não a arte, mas uma pintura em veludo do tamanho de um sofá.

Andava para lá e para cá, acalentando Loretta, cujos guinchos diminuíam para soluços ocasionais. Laura pensou em sua mãe. Mães e filhas. Desta vez, seria diferente.

Um remoto arrepio a perpassou. Sem avisar, transformou-se em medo. Levantou a cabeça, assustada, e era uma coisa que achou simplesmente inacreditável.

Estava pendurado no ar, à luz da Lua, zumbindo. Uma ampulheta, cortada por um disco translúcido. Laura gritou. A aparição ficou ali, dependurada por um momento, como que desafiando-a a acreditar nela. Então inclinou-se em pleno ar e dirigiu-se para o mar. Em instantes, saiu do alcance de sua visão.

A menina estava assustada demais para chorar. Laura a esmagara contra o peito, em pânico, e parecia tê-la assustado com algum reflexo primitivo. Um reflexo do tempo das cavernas, quando os horrores do vodu pulavam do escuro, além da luz da fogueira. Coisas que sentiam o cheiro de leite e sabiam que carne jovem era macia. O espasmo sacudia Laura dos pés à cabeça.

Uma das portas dos quartos de hóspedes abriu-se. A luz do luar refletiu-se no cabelo grisalho de Winston Stubbs. O cabelo cacheado de um xamã. Ele saiu para a varanda só de *jeans*. Seu peito grisalho tinha o aspecto abatido da idade, mas era forte. Era como se fosse outra pessoa.

- Ouvi um grito. O que aconteceu, irmã?

- Vi uma coisa - disse Laura, com voz trêmula. - Você me assustou. Desculpe.

- Eu estava acordado. Ouvi a menina. Nós, os velhos, não dormimos muito. Um animal, talvez? - perguntou, olhando para a praia. - Preciso de meus óculos.

O choque começou a diminuir.

- Vi uma coisa no ar - disse ela, agora com mais firmeza. - Uma espécie de máquina, acho.

- Uma máquina. Não um fantasma?

- Não.

- Você está com cara de quem viu o bicho-papão tentar pegar sua filha, menina. Mas era uma máquina... Não estou gostando nada disso. Há máquinas e máquinas, sabe? Poderia ser um espião.

- Um espião - repetiu Laura. Era uma explicação e ela pôs seu cérebro em funcionamento de novo. - Não sei, eu já vi aviões-robôs. As pessoas usam-nos para pulverizar plantações. Mas eles têm asas. Não são como discos voadores.

- Você viu um disco voador? - Stubbs perguntou, impressionado. - Crucial! Para onde foi?

- Vamos entrar - disse Laura tremendo. - Por certo, o senhor não vai querer vê-lo.

- Mas eu estou vendo - confirmou Stubbs. Apontou. Laura virou-se para ver.

A coisa estava deslizando na direção deles, por sobre a água. Estava zumbindo

baixo. Planou sobre a praia em alta velocidade. Ao se aproximar, abriu fogo. Um jorro de balas barulhentas arrebentou o peito e o abdome de Stubbs, empurrando-o contra a parede. Seu corpo se abriu com o impacto.

A coisa voadora desviou-se por cima do teto e seu zumbido foi diminuindo como se desaparecesse na escuridão. O corpo de Stubbs escorregou para as tábuas da varanda. Suas tranças deslizaram para o lado. Era uma peruca. Debaixo dela, era calvo.

Laura levantou a mão e tocou seu próprio rosto. Algo estava machucando, ali. Grãos de areia, pensou vagamente. Grãos de areia que saltaram dos furos de bala. Aqueles furos nas paredes de sua casa eram das balas que trespassaram o velho. Os furos pareciam pretos, à luz do luar. Estavam cheios do sangue dele.

Capítulo 3

Laura ficou olhando enquanto removiam o corpo. O falecido senhor Stubbs. Sorridente e alegre Winston Stubbs, todo feito de malícia e piscadelas de pirata, então um pequeno cadáver careca com o peito esmagado. Laura inclinou-se no parapeito molhado da varanda, observando enquanto a ambulância saía pelo cordão de isolamento. Policiais contrafeitos controlavam o trânsito. Começara a chover naquela manhã, devido a uma frente fria de setembro, vinda do continente.

Laura virou-se e empurrou a porta principal. Lá dentro, o chalé estava vazio; era o local de um desastre. Todos os hóspedes haviam ido embora. Os europeus abandonaram sua bagagem ao fugir. Os cingapurianos também haviam saído rapidamente em meio à confusão.

Laura subiu para o escritório da torre. Passava pouco das nove da manhã. Lá dentro, Debra Emerson pré-gravava chamadas para o Comitê Central. Num murmurar baixo, repassava os detalhes do assassinato pela quarta vez. O fax zumbia com as cópias.

Laura serviu-se de um café, deixando derramar um pouco sobre a mesa. Sentou-se e pegou o comunicado dos terroristas. O pronunciamento chegou à linha da Rizome só dez minutos depois do crime. Já o lera três vezes, com incredulidade. Leu a declaração mais uma vez. Precisava entender aquilo. Tinha de lidar com aquela coisa.

Boletim da Ação Direta da ELCT - Comunicado Especial Para os Agentes da Lei

As 7h21 (Greenwich) de 12 de setembro de 2023, comandos especiais do Exército Livre do Contra-Terrorismo (ELCT) executaram uma sentença contra Winston Gamaliel Stubbs, tido como alto funcionário da unidade do crime organizado de pirataria e subversão conhecida como United Bank of Grenada. O povo oprimido de Granada vai rejubilar-se com este ato de justiça, há muito adiado, contra a junta de governo criptomarxista de traficantes de drogas, que usurpou as legítimas aspirações políticas do povo da ilha, respeitador da lei.

A execução da sentença teve lugar no Chalé Rizome, em Galveston, Texas, EUA (telex GALVEZRIG, telefone 713-454-9898), onde o Rizome Industries Group, Inc., uma multinacional baseada nos Estados Unidos, estava engajado em uma conspiração criminosa com os malfeitores granadinos.

Acusamos a supramencionada corporação, Rizome Industries Group, Inc., de tentar chegar a um acordo covarde com esse grupos criminosos, num esquema imoral e ilegal de proteção, que merece a mais firme condenação dos agentes da lei estaduais, nacionais e internacionais. Com esse ato de cobiça cega, a Rizome

Industries Group, Inc. traiu cinicamente os esforços de instituições legítimas, particulares e públicas, de conter a ameaça do terrorismo de Estado sustentado pelo crime.

Tem sido há muito tempo política do ELCT atacar sem piedade os vermes criptototalitários que pervertem as doutrinas de soberania nacional. Por trás dessa máscara de legalidade nacional, o United Bank of Grenada forneceu apoio informático, financeiro e de informações a um complexo de organizações párias. O marginal executado, Winston Stubbs, em particular, manteve estreito envolvimento pessoal com grupos famigerados, como os Cavaleiros Tanzanianos de Jah, a Revolução Cultural Indiana e as Células Capitalistas Cubanas.

Ao eliminar essa ameaça à ordem internacional, o ELCT prestou serviço valioso a verdadeira causa de sustentar a lei e a justiça globais. Temos intenção de continuar nosso curso de ação militar direta contra os recursos econômicos, políticos e humanos do assim chamado United Bank of Grenada, até que esta instituição desumana e opressora seja inteira e permanentemente liquidada.

Um dossiê de informações mais completo sobre os crimes do falecido Winston Stubbs poderá ser acessado nos arquivos do próprio United Bank: Discagem Direta (033) 75664543, Número da conta corrente: FR2774. Alçapão: 23555AK. Senha: liberdade.

"Tão seco", pensou Laura, pondo o papel de lado. Parecia prosa gerada por computador, torrentes longas e obsessivas de cláusulas... Stalinista. Não tinha graça nem paixão, só o martelar contínuo de um robô. Qualquer profissional de relações públicas poderia ter escrito melhor... Ela mesma poderia ter escrito melhor. Poderia ter feito muito mais para fazer sua empresa, seu lar, sua gente e ela mesma parecer lixo... Sentiu súbito impulso de fúria impotente e não pode conter as lágrimas. Laura combateu-as. Retirou a remalina da mensagem e enrolou-a entre os dedos, olhando para o nada.

- Laura?

David estava subindo a escada, carregando o bebê. O prefeito de Galveston vinha atrás dele.

- Senhor prefeito! Bom dia! - Laura sobressaltou-se e se pôs em pé. O prefeito Alfred A. Magruder cumprimentou-a com a cabeça:

- Laura.

Era um anglo-saxônico gorducho de cerca de sessenta anos. Sua barriga estava enrolada num colorido *dashiki* tropical. Usava sandálias e jeans e tinha barba longa, de Papai Noel. O rosto de Magruder estava vermelho e seus olhos azuis, com bolsas de gordura bronzeada, tinham a fixidez da fúria mal contida. Arrastou os pés pela sala e jogou sua valise sobre a mesa.

Laura foi logo falando.

- Senhor prefeito, esta é nossa coordenadora de segurança, Debra Emerson.

Senhora Emerson, este é Alfred Magruder, prefeito de Galveston.

Debra levantou-se da mesa lateral. Ela e Magruder mediram um ao outro. Avaliaram-se com ligeiros tremores involuntários de desagrado. Nenhum deles estendeu a mão. “Más vibrações”, Laura pensou, tremendo por dentro, “ecos de uma guerra civil há muito tempo enterrada”. As coisas já estavam saindo do controle.

- Algum figurão vai baixar por aqui daqui a pouco - Magruder anunciou, olhando para Laura - e seu marido aqui me disse que seus amigos piratas estão ao largo de minha ilha.

- Foi impossível detê-los - respondeu Debra. Sua voz tinha a irritante calma de uma professora primária.

Laura interrompeu.

- O chalé foi metralhado, senhor prefeito. Acordou todo o pessoal. Todos ficaram em pânico. E os hóspedes... Levantaram-se e fugiram antes que qualquer um de nós pudesse pensar em alguma coisa. Chamamos a polícia...

- E sua matriz - completou Magruder, depois de uma pausa - Quero um registro de todas as chamadas internas e para fora deste lugar.

Laura e Debra falaram ao mesmo tempo.

- Bem, é claro que chamei Atlanta...

- O senhor vai precisar de um mandado... - Magruder interrompeu-as.

- A Convenção de Viena vai confiscar seus registros, de qualquer maneira. Não fiquem me amolando com aspectos técnicos, está bem? Estamos indo depressa demais, por aqui, e é assim mesmo, na Cidade da Diversão. Mas vocês exageraram, desta vez. E alguém vai para a frigideira, por causa disto, certo?

Olhou para David, que concordou, com o rosto congelado numa tentativa de se mostrar atencioso e de boa vontade. Magruder continuou atacando:

- Agora, quem vai ser? Serei eu? - disse, pondo o polegar no peito. Vestia camisa folgada florida. - Serão vocês? Ou serão esses malditos piratas de fora? - tomou fôlego. - Isso foi uma ação terrorista, compreende! Essa merda não devia acontecer nunca mais.

Debra Emerson era toda polidez e tensão.

- Mas ainda acontece, senhor prefeito.

- Talvez na África, mas não aqui!

- O objetivo é cortar a realimentação entre terrorismo e a mídia global - disse Debra -, de modo que não precisam se preocupar com má publicidade. A Convenção de Viena especifica...

- Escute aqui - disse Magruder, dirigindo toda a força de seu olhar contra Debra. - Você não está lidando com nenhum moleque, está bem? Quando este assunto esfriar, você poderá retirar-se para seu esconderijo de espiões lá em Atlanta, mas eu vou continuar por aqui, tentando promover uma cidade em cima da corda bamba! Não é a imprensa que me assusta, é a polícia! Polícia global, também, não a local, porque

com essa eu me entendo. Não quero entrar para a lista negra deles, ligado aos mafiosos dos paraísos informáticos. Não preciso de gente como vocês para usar minha ilha para esses imbecis. Não senhora, não preciso mesmo.

Laura estava fervendo de raiva.

- Mas que diabo é isto? Será que nós é que atiramos nele? Nós é que fomos o alvo, vossa excelência, está bem? Vá lá fora e dê uma olhada em minha casa. - ficaram todos olhando para ela, chocados com a explosão.

- Poderiam ter-nos matado. Poderiam ter explodido todo o chalé - continuou Laura, pegando o comunicado dos terroristas e sacudindo-o na frente de Magruder. - Eles até nos escreveram diretamente, para nos provocar! O ELCT, seja lá o que for, é o matador: o que fazer com ele?

O rosto da menina se contraiu e ela tentou choramingar um pouco. David a embalou nos braços, afastando-se um pouco. Laura baixou a voz.

- Senhor prefeito, sei qual é sua intenção. Lamento tudo isto ou qualquer outra coisa que o senhor tenha para me dizer, mas precisamos enfrentar a verdade. Essa gente dos paraísos informáticos é profissional e já fugiu faz tempo. Exceto, talvez, o outro granadino, Chacal Thompson, que acho que sei onde está. Está no submundo aqui de Galveston, com a garota da igreja. Quer dizer, com suas amigas da Igreja de Ishtar, senhor prefeito.

Olhou de relance para David. O rosto dele tinha mudado, passara para o lado de Laura. Parecia transmitir-lhe encorajamento:

- Vá em frente, menina. Não queremos que eles investiguem a igreja, não é? Esses grupos marginais estão todos interligados. Puxe um fio e a coisa toda se desfaz.

- E terminamos pelados - completou David. - Todos nós.

O prefeito fez uma careta, então desistiu.

- Mas é exatamente o que eu estava dizendo.

- Limitação de danos - disse Debra.

- Isso mesmo. - Debra sorriu.

- Bem, agora estamos chegando a algum lugar.

O relogiofone de Laura soou. Ela consultou o mostrador. Era uma chamada com prioridade.

- Vou lá para baixo. Deixo vocês conversando.

David acompanhou-a até embaixo, com Loretta num dos braços.

- Esses dois velhos... - resmungou.

- É... - disse Laura, parando um pouco ao entrar no refeitório.

- Você foi grande - disse ele.

- Obrigada.

- Você está bem?

- Sim, estou bem. Por ora.

O pessoal do chalé, com os olhos congestionados pela noite em claro, estava sentado ao redor da mesa maior, conversando em espanhol. Todos estavam

desalinhados e nervosos. O tiroteio tirara-os da cama às duas da manhã. David ficou com eles.

Laura atendeu a chamada no escritório pequeno, do térreo. Era Emily Donato, pálida, chamando de Atlanta.

- Acabei de ouvir. Você está bem?

- Metralharam o chalé. Mataram o velho *rastaman* e eu estava bem do lado dele - parou um pouco. - Fiquei com medo do aparelho espião. Stubbs saiu para me proteger, mas estavam esperando por ele e mataram-no ali mesmo.

- Mas você não foi atingida.

- Não, por causa das paredes. Você sabe, areia-concreto. As balas entraram sem ricochetear - disse Laura, fazendo outra pausa e passando os dedos pelos cabelos. - Nem acredito que estou aqui, conversando a respeito disso.

- Eu só queria dizer... Bem, que estou com você, sempre. Com você e David - disse Emily, erguendo dois dedos juntos. - Solidariedade, OK?

Laura sorriu pela primeira vez em várias horas.

- Obrigada, Em - respondeu Laura, contemplando agradecida o rosto da amiga. A maquilagem de vídeo de Emily não estava certa; havia *blush* demais e os olhos estavam mal delineados. Laura tocou seu próprio rosto lavado. - Esqueci minha maquilagem de vídeo - deixou escapar, percebendo a coisa pela primeira vez. Sentiu pânico, sem motivo. Justamente naquele dia, em que ficaria na Rede todo o tempo.

Havia ruído no saguão. Laura espiou o outro lado do balcão pela porta aberta do escritório e viu uma mulher de uniforme. Usava cabelo curto, blusa militar, cartucheira grande e chapéu de *cowboy,* que estava na mão. Uma *Texas Ranger*.

- Jesus! Os *rangers* estão aqui.

Emily meneou a cabeça, com olhos arregalados.

- Vou desligar, sei que está com as mãos cheias.

- OK, tchau.

Laura desligou. Saiu de trás do balcão e correu para o hall. Um homem loiro, à paisana, acompanhava a *ranger* até o chalé. Vestia terno cinza escuro, aberto na cintura, gravata larga berrante de padrão gerado por computador... Usava óculos escuros e tinha um terminal *laptop* na mão. O agente de Viena.

- Sou Laura Webster - disse, dirigindo-se à *ranger*. - Coordenadora do chalé - estendendo a mão para a *ranger,* que ignorou, olhando Laura com muita hostilidade.

O agente de Viena armou seu terminal portátil, apertou a mão de Laura e sorriu, com toda a simpatia. Era muito bonito, com aspecto quase feminino. Tinha maçãs do rosto salientes de tipo eslavo, uma longa mecha de cabelo loiro sobre uma das orelhas e uma pinta marcando a face direita. Ela soltou a mão com relutância, como que tentada a beijá-lo.

- Lamento conhecê-la nessas circunstâncias, senhora Webster. Sou Voroshilov. Este é meu agente de ligação local, a capitã Baster.

- Baxter - corrigiu a *ranger*.

- A senhora testemunhou o ataque, pelo que sei - retomou Voroshilov.

- Testemunhei.

- Excelente. Preciso entrevistá-la.

Ele fez uma pausa e tocou um pino no canto de seus óculos escuros. Um longo cabo de fibra óptica saía pela haste, atrás da orelha, e ia até o paletó. Laura percebeu então que os óculos escuros eram câmeras de vídeo, do novo modelo de mapa de *bits* com um milhão de pequenas lentes de um pixel. Ele a estava filmando.

- Os termos da Convenção de Viena exigem que eu lhe informe de sua posição legal. Primeiro, suas declarações serão gravadas e a senhora está sendo filmada. Suas declarações serão mantidas em arquivo por diversas agências dos governos signatários da Convenção de Viena. Não tenho a obrigação de especificar essas agências nem a quantidade ou localização dos dados desta investigação. Pela convenção, a investigação não está sujeita a leis sobre liberdade de informação ou sobre privacidade. A senhora não tem direito a um advogado. As investigações sob a convenção têm prioridade global sobre as leis de sua nação ou de seu Estado.

Laura concordou com a cabeça, mal prestando atenção naquela rotina. Já ouvira tudo aquilo antes na televisão. Os filmes policiais davam muita ênfase à Convenção de Viena. Os homens apareciam, exibindo carteiras holográficas, cancelavam a programação dos táxis e disparavam em controle manual, caçando bandidos. Nunca esqueciam de sua maquilagem de vídeo.

- Entendo, camarada Voroshilov.

Ele levantou a cabeça.

- Que cheiro interessante. Gosto de cozinhas regionais.

Laura lembrou-se de dizer:

- Aceita alguma coisa?

- Chá de hortelã, seria muito bom. Ou então apenas chá, se não tiver o de hortelã.

- E a senhora, capitã Baxter?

- Onde ele foi morto? - disse a *ranger*, encarando-a.

- Meu marido poderá ajudá-la quanto a isso... - respondeu Laura, recorrendo ao relogiofone. - David?

David olhou para dentro do saguão pela porta do refeitório. Viu a polícia, virou-se e deu alguma ordem rápida em espanhol para os outros. Tudo o que Laura entendeu foi *"los rinches"*, os *rangers*, mas as cadeiras foram arrastadas e a senhora Delrosário apareceu depressa.

Laura fez as apresentações. Voroshilov dirigiu os intimidadores óculos escuros para todos, um de cada vez. As lentes eram um pouco assustadoras - de um certo ângulo, Laura podia ver uma teia muito fina embutida nas lentes opacas. Nada de peças móveis. David saiu com o *ranger*.

Laura viu-se bebericando chá com o agente da Convenção de Viena no

escritório do térreo.

- Decoração interessante - observou Voroshilov, colocando-se à vontade no banco de carro de vinil e arregaçando as mangas da camisa sobre as mangas do paletó.

- Obrigada, camarada.

Voroshilov ergueu os óculos, num gesto estudado, observando-a demoradamente com seus olhos absolutamente azuis.

- Você é marxista?

- Democrata econômica.

Voroshilov desviou o olhar, numa ironia involuntária, e recolocou os óculos sobre o nariz, continuando:

- Já ouviu falar do ELCT antes de hoje?

- Nunca. Nunca ouvi falar dele.

- O pronunciamento não faz menção aos grupos da Europa ou de Cingapura.

- Não creio que soubessem que os outros estavam aqui. Nós, da Rizome, quero dizer, somos muito cuidadosos com a segurança. A senhora Emerson, nossa encarregada de segurança, poderá informá-lo melhor quanto a esse aspecto.

Voroshilov sorriu.

- A noção norte-americana de “segurança”. Estou tocado - disse, fazendo uma pausa. - Por que se envolveu nisso? Não é sua especialidade.

- Mas agora é. O que é o ELCT? Pode ajudar-nos contra eles?

- Ele não existe. Bem, existiu, há muitos anos. Todos aqueles milhões que seu governo gastou, pequenos grupos aqui, pequenos grupos ali. Coisas feias, subprodutos dos velhos dias da guerra fria. Mas o ELCT é só fachada, um conto de fadas. E uma máscara atrás da qual os paraísos informáticos se escondem para golpear uns aos outros - fez o gesto de apontar uma pistola. - Como as antigas Brigadas Vermelhas, metendo fogo na OTAN; a Unita angolana, metendo fogo nos cubanos - sorriu. - De modo que aqui estamos, sentados nestas belas poltronas, bebendo este chá gostoso, como gente civilizada. Porque você tropeçou no lixo que sobrou. Porque seu avô não gostava do meu.

- O que planeja fazer?

- Eu deveria dar uma bronca em você. Mas vou dar uma bronca é em sua ex-comissária da CIA, lá em cima. E minha amiga *ranger* vai dar uma bronca, também. Minha amiga *ranger* não está se importando muito com a sujeira que vocês aprontaram com a bela reputação texana - abriu o monitor de seu terminal e digitou alguns comandos. - Você viu o avião-robô que fez os disparos.

- Sim.

- Diga-me se é um destes.

As imagens foram passando, lampejos de quatro segundos de gráficos de computador, belamente sombreados. Aviões com asas curtas, sem janelas nem cabine; eram radiocontrolados. Alguns salpicados com camuflagem. Outros mostravam

números de identificação em cirílico ou hebraico.

- Não, não era nenhum desses.

Voroshilov não se abalou e digitou mais alguma coisa Aparelhos ainda mais esquisitos apareceram: dois pequenos *blimps*. Então uma coisa esqueletal, como uma mistura de helicóptero e velocípede. Depois, uma bola de golfe com dois rotores. E então, um amendoim cor de laranja.

- Espere - disse Laura. Voroshilov congelou a imagem.

- É esse aí. Aquele trem de aterrissagem, como uma churrasqueira - prosseguiu ela, olhando a imagem. A parte mais estreita do amendoim tinha duas grandes pás contra-rotativas. - Quando as pás se movem, refletem a luz e ele fica parecendo um disco voador - disse em voz alta. - Um disco voador com bolas grandes em cima e em baixo.

Voroshilov examinou o monitor.

- Você viu um *Canadair CL-227 VTOL RPV*. Veículo de pilotagem remota com decolagem e aterrissagem vertical. Tem alcance de trinta milhas. Milhas, que medida boba... - comentou, digitando uma observação em seu teclado cirílico. - Provavelmente lançado de algum ponto da ilha pelos assassinos... Ou talvez de uma embarcação. Coisa fácil de lançar. Não precisa de pista.

- O que eu vi era de cor diferente. De metal aparente, acho.

- E equipado com metralhadora. Não é equipamento padrão. Mas um aparelho velho como esse já está no mercado negro de armas há muito, muito tempo. Barato de comprar, se a pessoa tem os contatos certos.

- Então não pode detectar os donos?

Ele a olhou com ar de lástima.

O relogiofone de Voroshilov tocou. Era a *ranger*.

- Estou aqui na varanda. Tenho uma das balas.

- Deixe-me adivinhar. Padrão OTAN 35 milímetros.

- Afirmativo.

- Pense só nos milhões e milhões de cartuchos da OTAN não detonados - meditou Voroshilov. - É muito mesmo para o mercado africano, não é? Um cartucho não detonado tem uma espécie de pressão maligna, não acha? Algo dentro dele pede para ser disparado... - parou, mantendo as lentes inexpressivas fixas em Laura. - Você não estava me acompanhando.

- Desculpe, pensei que você estava conversando com ela. Não há nada que possa fazer?

- A situação parece clara. Trabalho interno, como costumam dizer. Um dos grupos piratas tinha colaboradores nesta ilha. Provavelmente o *Singapore Islamic Bank*, famoso por suas traições. Tinham a oportunidade de matar Stubbs e foi o que fizeram - disse, fechando o monitor. - Durante meu vôo até Galveston, acessei o arquivo em Granada, sobre Stubbs, que foi mencionado no comunicado do ELCT. Leitura interessante. Os assassinos tiraram proveito da natureza dos bancos dos

paraísos informáticos. Os arquivos codificados são totalmente seguros, mesmo contra os próprios piratas. Só um paraíso desses viraria sua força contra si mesmo dessa maneira humilhante.

- Mesmo assim, vocês devem poder nos ajudar.

Voroshilov encolheu os ombros.

- A polícia local pode executar algumas coisas. Identificar as embarcações locais, por exemplo. Ver se alguma delas estava ao largo e quem a alugou. Mas posso afirmar, com alívio, que não foi um ato de terrorismo político. Eu classificaria como guerra de gangues. O comunicado do ELCT é apenas uma tentativa de turvar as águas. Um caso para a Convenção de Viena tem certas restrições de publicidade que eles achariam úteis.

- Mas um homem foi morto aqui!

- Foi um homicídio, sim. Mas não uma ameaça à ordem política dos signatários da Convenção de Viena.

Laura ficou chocada.

- Então, para que você serve?

Voroshilov pareceu magoado.

- Ora, somos muito bons para aliviar a tensão internacional, mas não somos uma força de polícia global - respondeu, esvaziando sua xícara de chá e colocando-a de lado. - Moscou vem pressionando em favor de uma verdadeira força policial global há muitos anos, mas Washington fica sempre no caminho. Sempre desperdiçando tempo com o Grande Irmão, liberdades civis, leis sobre privacidade. Sempre a mesma velha história.

- Enfim, você não pode nos ajudar.

Voroshilov levantou-se.

- Senhora Webster, a senhora convidou esses gângsteres a sua casa, não eu. Se tivesse nos chamado antes, teríamos desaconselhado o mais enfaticamente possível - disse, pegando seu terminal. - Preciso entrevistar seu marido, agora. Obrigado pelo chá.

Laura deixou-o e subiu a escada, indo para o escritório de telecomunicação. Debra e o prefeito estavam em um dos divãs de palhinha, com a satisfação de gente que tinha liquidado um debate. Magruder estava abrindo caminho a garfadas em um café da manhã texano-mexicano atrasado, composto de *migas* e massa de feijões temperados frita.

Laura sentou-se numa cadeira do outro lado da mesa e inclinou-se para a frente, trepidando de raiva.

- Bem, os dois parecem estar à vontade.

- Você esteve falando com o representante de Viena? - indagou Debra.

- Ele não vai ajudar em nada.

- KGB - farejou Debra.

- Ele diz que, se não é crime político, não é da jurisdição deles.

Debra pareceu surpreendida.

- Hum! É a primeira vez que isso acontece com eles.

Laura ficou olhando para a outra.

- Bem, e nós, o que faremos?

Magruder pôs um copo de leite sobre a mesa.

- Vamos fechar seu estabelecimento, Laura.

- Só por pouco tempo - acrescentou Debra.

Laura deixou cair o queixo.

- Fechar meu chalé? Por quê? Por quê?

- Já elaboramos tudo - explicou Magruder. - Veja: se for apenas um crime, então a mídia vai cair como chumbo sobre nós. Vão carregar nas tintas e vai ser pior que alarme de tubarões para o turismo. Mas se fecharmos o estabelecimento, vai parecer coisa de espionagem. Secreto. E ninguém fica bisbilhotando quando o pessoal de Viena aparece - deu de ombros. - Quero dizer, vão descobrir o que é, fatalmente, mas aí a notícia já será velha. E os danos serão limitados - levantou-se. - Preciso conversar com aquela *ranger*. Sabe como é: garantir que a cidade de Galveston vai cooperar de todas as maneiras possíveis - finalizou, pegando sua maleta e saiu correndo escada abaixo.

Laura ficou olhando para Debra.

- Então, é assim? Evitam o escândalo e David e eu pagamos o preço?

Debra sorriu, com toda a gentileza.

- Não fique impaciente, querida. Nosso projeto não terminou só por causa desse ataque. Não se esqueça: em primeiro lugar, é por causa de ataques como esses que os piratas concordaram em se reunir.

Laura ficou atordoada. Sentou-se. A esperança, em meio à confusão.

- Então, ainda vão continuar atrás disso? A despeito de tudo?

- Claro, Laura. O problema mal se foi, não é? Não; está mais perto de nós do que nunca. Temos sorte por não perdemos você, uma associada muito valiosa.

Laura levantou a cabeça, admirada. O rosto de Debra Emerson estava muito calmo. Era o rosto de uma mulher que simplesmente retransmitia a verdade. Não era adulação, mas um fato. Laura endireitou-se.

- Bem, foi um ataque à Rizome, não foi? Um ataque direto a nossa companhia.

- Sim. Encontraram uma fraqueza nossa. O ELCT achou ou quem está por trás desse nome - disse Debra, ficando séria. - Deve ter havido vazamento no sigilo. Aquele avião... Eu suspeito que esteve de tocaia durante vários dias. Alguém sabia da reunião e ficou vigiando o lugar.

- Um vazamento na segurança da Rizome?

- Não devemos tirar conclusões apressadas. Mas precisaremos descobrir a verdade. É mais importante que este chalé, Laura. Muito mais importante - respondeu, fazendo uma pausa. - Podemos chegar a um acordo com os investigadores de Viena.

Podemos chegar a um acordo com a prefeitura de Galveston. Mas essa não é a parte mais difícil. Prometemos segurança aos participantes da conferência e fracassamos. Agora precisamos de alguém para acalmar as águas. Em Granada.

O Retiro Chattahoochee, da Rizome, ficava no sopé das montanhas Smoky, cerca de noventa quilômetros a nordeste de Atlanta. Mais de trezentos hectares de morros cobertos por florestas, num vale com um riacho pedregoso que, naquele ano, estava seco. Chattahoochee era um dos lugares favoritos do Comitê Central; estava perto da cidade o suficiente para ser cômodo e longe o bastante do rosto coletivo do comitê.

Era comum levar para o retiro os recém-recrutados. De fato, foi lá que Emily apresentara Laura a David Webster, na velha casa de pedra da fazenda, a que não tinha cúpula geodésica. Laura não conseguia olhar para esses morros do Chattahoochee sem lembrar daquela noite: David, um estranho alto, magro e elegante numa roupa azul-noite, com uma bebida na mão e cabelos negros caindo pelos ombros.

Todos os convidados daquela festa, pelo menos os recém-recrutados, haviam caprichado para recorrer a uma elegância sofisticada. Queriam ir contra a corrente, mostrar que não iam se confundir com os outros assim tão fácil. Mas lá estavam eles, anos mais tarde, nos bosques da Geórgia, com o Comitê Central, não como recrutas novos, mas como associados no pleno exercício de seus direitos, seguindo suas carreiras.

Claro que a composição do comitê já tinha mudado completamente, mas certas tradições persistiam.

Podia-se constatar a importância da reunião pela calculada informalidade das suas roupas. Os problemas normais seriam abordados em Atlanta, coisa rotineira de escritório, mas a situação de Granada era uma crise verdadeira. Portanto, todo o comitê estava com roupas para o campo. Jeans desbotados, camisas de flanela com mangas enroladas até o cotovelo... García-Meza, gordo industrial mexicano, que parecia ser capaz de cortar moedas com os dentes, levou uma grande cesta de piquenique.

Era engraçado pensar que Charlie Cullen era o diretor-presidente. Laura não encontrara Cullen depois que ele fora nomeado, se bem que tivessem conversado pela Rede, quando estavam construindo o chalé. Ele era bioquímico, especializado em plásticos para engenharia. Sujeito bastante simpático, grande administrador da Rizome - porque era possível confiar instintivamente nele -, mas não lembrava muito um lutador de rua. A partir de sua nomeação passou a usar um chapéu de feltro cinza caído para a parte de trás da cabeça. Nem parecia chapéu, mas auréola ou coroa. Engraçado como a autoridade afeta as pessoas.

Todo o rosto de Cullen mudara. Com queixo quadrado, nariz largo e boca severa, começava a parecer um George Washington negro. O Washington original, não

o presidente negro do mesmo nome, eleito pouco antes.

Havia os outros componentes: Sharon Mclntyre, mentora de Emily Donato no comitê, e a própria Emily, que arrumara seu cabelo cacheado num lenço, de modo que parecia ter trabalhado na limpeza de um fogão a lenha até pouco antes. Kaufmann, o europeu da *realpolitik,* esforçava-se para parecer refinado mesmo de jeans e mochila. De Valera, o temperamental e excêntrico do comitê, que tendia sempre a se destacar e vir com as melhores idéias. Gauss, o professoral, e o amigável e conciliatório Raduga. No fim da fila, o velho senhor Saito, usando chapéu de pele e bifocais ao estilo Benjamin Franklin, mas apoiando-se num cajado nodoso alto, como uma espécie de híbrido de eremita taoísta.

Então havia ela mesma, David e Debra Emerson. Não eram membros do comitê, mas testemunhas dos acontecimentos.

Cullen parou numa clareira coberta de folhas secas do outono. Foram reunir-se longe de equipamentos eletrônicos por segurança. Deixaram até seus relogiofones para trás, numa das casas da fazenda.

Sharon e Raduga abriram uma grande toalha xadrez de piquenique. Todos sentaram-se no chão, em círculo. Deram-se as mãos e cantaram um hino da Rizome. Depois, comeram.

Era fascinante observar a reunião. O comitê realmente estava trabalhando, com verdadeiro senso de comunidade. Tornaram prática comum conviver semanas, lavando as roupas uns dos outros, cuidando dos filhos uns dos outros. Era a política da empresa. Eram eleitos, mas uma vez no poder recebiam ampla autoridade e esperava-se que se saíssem bem. Para a Rizome, este comportamento significava uma conspiração em pequena escala, mais ou menos aberta.

Claro, o modismo da intensa *gemeineschaft* ia e vinha. Anos antes, quando Saito era diretor-presidente, houve um período legendário em que ele levou todo o comitê para Hokkaido. Lá, levantavam-se antes do nascer do sol para tomar banho nus nas cascatas geladas, alimentavam-se de arroz integral e, sendo verdadeiros os boatos, mataram, evisceraram e comeram um veado quando permaneceram três dias numa caverna. Depois ninguém no comitê falou muito sobre a experiência, mas não havia como negar que o grupo se tornara muito coeso.

Claro que era o tipo de lenda que se agregava a qualquer centro de poder de uma empresa, mas o comitê alimentava essa mística. A Rizome instintivamente voltava à mais entranhada solidariedade em tempos ruins.

Tudo estava longe de ser perfeito. Isso ficava evidente pela forma como estavam agindo - por exemplo, quando De Valera e Kaufmann exageravam na discussão sobre quem ia cortar e servir o pão. Mas também era possível ver que funcionava. A associação à Rizome era mais do que meramente um emprego; era tribal. Podia-se viver e morrer por ela.

Foi uma refeição simples. Foram servidos queijo, maçãs, pão, patê de presunto - que obviamente era *scop* maquilado - e água mineral. Depois, passaram aos negócios,

sem chamar ninguém à ordem, mas levando cada um para a roda.

Começaram pelo ELCT. Tinham mais medo dele do que de Granada. Os granadinos eram piratas, mas pelo menos ficavam em segundo plano, ao passo que o ELCT, quem quer que fossem seus componentes, embaraçara seriamente a empresa. Devido a isso tinham de se preocupar com Viena, se bem que Viena estava vacilando. Até mais que o normal.

A Rizome estava determinada a seguir a pista do ELCT. Não esperava que fosse simples ou fácil, mas a Rizome era uma grande multinacional com milhares de associados e filiais em todos os continentes. Tinha contatos em toda a Rede e tradição de paciência. Mais cedo ou mais tarde, chegaria à verdade, não importando quem a estivesse escondendo.

O alvo imediato das suspeitas era Cingapura - quer o *Islamic Bank*, quer o governo, se bem que as fronteiras entre os dois eram vagas. Ninguém duvidava que Cingapura seria capaz de executar o homicídio de Galveston. Cingapura não assinara a Convenção de Viena e gabava-se abertamente de seus serviços de inteligência e militares.

Era difícil entender, porém, por que compraria briga com Granada, depois de concordar em negociar e, em especial, com uma provocação grosseira como a morte de Stubbs, que, com toda a certeza, enfureceria Granada sem causar dano estratégico verdadeiro. Cingapura era arrogante e tecnologicamente sem escrúpulos, mas ninguém diria que era estúpida.

Assim, o comitê concordou em suspender o julgamento, enquanto esperava mais evidências. Havia também muitas possibilidades, naquele momento, e tentar cobrir todas elas só causaria paralisia geral. Entrementes, tomariam a iniciativa, ignorando o comunicado terrorista.

O ELCT era obviamente uma ameaça - presumindo que tivesse existência autônoma em relação às pessoas que o comitê já estava investigando -, mas teve uma excelente oportunidade para matar uma associada da Rizome - Laura - e evitou fazer isso. Era um pequeno conforto.

A discussão passou para a situação em Granada.

- Não sei o que podemos fazer em campo em Granada que não possamos conseguir por meio da Rede - disse Raduga.

- Já é hora de deixar de fazer essa falsa distinção! - disse De Valera.

- Com nosso equipamento *on Une* mais recente, a tecnologia usada por Viena, *nós somos* a Rede. Quero dizer, em termos macluhanescos, um associado da Rizome no vídeo pode ser uma *ponta-de-lança cognitiva* para toda a companhia...

- Não somos Viena - disse Kaufmann. - Não significa que vai funcionar para nós.

- Estamos numa situação de inferioridade em relação a Granada, agora

- disse Cullen. - Não estamos em posição de falar em invasão de mídia

- Sim, Charlie - retrucou De Valera -, mas você não vê que é exatamente por isso que *vai funcionar*. Entramos pedindo desculpas, mas saímos doutrinando.

Cullen franziu a testa.

- Fomos os responsáveis pela morte de um dos maiorais deles, Stubbs. Seria como se um de nós fosse morto. Como se perdêssemos o senhor Saito.

Palavras simples, mas Laura pôde ver que os atingia. Cullen tinha um jeito todo especial para puxar as coisas para a escala humana. Todos ficaram sensibilizados.

- Essa é a razão pela qual *eu* deveria ir para Granada - disse Saito. Ele nunca falava muito. Nem precisava.

- Não gosto disso - disse García-Meza, o linha-dura do grupo. - Por que tornar esta situação numa luta olho-por-olho? Não é nossa culpa que os piratas tenham inimigos. Não fomos nós que atiramos neles. E nós não perdemos gente nossa, pois eles nunca estiveram se defrontando conosco. Creio que este enfoque diplomático foi um engano. Não podemos impedir a ação de ladrões dando beijinhos neles - ironizou, fazendo uma pausa -, mas concordo que não podemos vacilar agora. Nossa credibilidade está em jogo.

- Não podemos deixar que isto degenere numa guerra de gângsteres - declarou Gauss. - Precisamos restaurar a confiança que tanto nos custou estabelecer, de modo que precisamos convencer Granada de três coisas: que não fomos nós que fizemos isso, que ainda somos dignos de confiança e que eles podem ganhar cooperando conosco, mas não pelo confronto.

Esse tipo de resumo barato era típico de Gauss; matou a conversa.

- Acho que Heinrich acertou bem no alvo - disse Cullen, afinal -, mas não podemos convencer ninguém por controle remoto. Precisamos enviar gente que possa ir além da superfície e atinja os granadinos no mesmo pé. Vamos mostrar a eles de que somos feitos, como trabalhamos.

- Muito bem - disse David bruscamente. Laura se surpreendeu: sentia a pressão acumulando, mas presumiu que iam deixar que ela se acostumasse com a idéia. - E óbvio - disse ele. - Laura e eu somos as pessoas de que vocês precisam. Granada já nos conhece, tem dossiês a nosso respeito com um palmo de espessura. Também estávamos lá quando Stubbs foi morto. Se vocês não enviarem nós dois, as testemunhas oculares, vão ficar pensando por que isso não aconteceu.

Os membros do comitê ficaram em silêncio por um momento, pensando em seu tom de voz ou apreciando seu sacrifício. Laura acrescentou:

- David e eu nos sentimos responsáveis. Não tivemos sorte até agora, mas queremos ver o projeto executado. Também não temos outras tarefas, desde que Galveston fechou nosso chalé.

Cullen parecia infeliz. Não com eles, mas com a situação.

- David e Laura, aprecio essa atitude correta. Muito corajosa. Sei que têm noção do perigo. Melhor que nós, pois estão envolvidos pessoalmente.

David fez pouco caso. Nunca reagia bem a elogios.

- Francamente, tenho menos medo dos granadinos do que das pessoas que dispararam.

- Excelente ponto. Também devo observar que os terroristas atiraram neles na América - disse Gauss -, não em Granada, onde a segurança é muito mais forte.

- Eu é quem deveria ir - objetou Saito. - Não porque eu seria melhor

- uma mentira educada -, mas porque sou um velho. Tenho pouco a perder.

- E eu vou com ele - interveio Debra Emerson, falando pela primeira vez. - Se há alguém culpado por esse fracasso na segurança, certamente não são os Webster. A culpa é minha. Eu também estava no chalé. Posso testemunhar tão bem quanto Laura.

- Não podemos entrar nisso esperando que nossa gente venha a ser morta! - argumentou De Valera, apaixonadamente. - Precisamos arranjar as coisas de maneira que eles nem *pensem* que podemos ser alvejados. Ou isso, ou nem vamos. Porque, se essa confiança falhar, vai ser guerra e vamos virar soldados gângsteres, não democratas econômicos.

- Sem armas - concordou Cullen -, mas temos uma armadura, pelo menos. Podemos dar a nossos diplomatas a armadura da Rede. O que quer que aconteça, estará na linha 24 horas. Saberemos exatamente onde estão e o que fazem. Tudo o que virem e ouvirem será gravado e distribuído. Toda a Rizome estará por trás deles, um fantasma da mídia por cima de seus ombros. Granada vai respeitar. Já concordaram com esses termos.

- Acho que Charlie está certo - disse García-Meza, inesperadamente.

- Não vão ferir nossos diplomatas. De que adiantaria? Se querem sabotar a

Rizome, não começarão com os Webster só porque estão à mão. Não são tão ingênuos. Se atirarem em nós, vão mirar a cabeça. Atacarão a nós, o comitê.

- Jesus! - disse De Valera.

- Estamos tratando com tigres - insistiu García-Meza. - Esta operação é vital e vamos precisar observar cada passo. De modo que estou gostando de ter aqueles óculos de Viena. Vamos precisar deles.

- Deixem-me ir - pediu Debra. - São jovens, têm uma filha pequena.

- Em verdade - alegou De Valera -, acho que essa é a principal vantagem dos Webster como candidatos. Acho que são eles que devem ir, e devem levar a menina - sorriu para o círculo, desfrutando da agitação. - Vejam bem, pensem. Um pacífico casal, com um bebê. A imagem diplomática perfeita de nossa companhia, porque é verdadeira. Não é assim que eles são! Pode soar calculista, mas é uma defesa psicológica perfeita.

- Bem - disse García-Meza -, não costumo concordar com De Valera, mas isso é inteligente. Esses piratas são metidos a machos. Ficariam com vergonha de lutar contra bebês.

Kaufmann foi enfático:

- Eu não queria mencionar isso, mas o passado de Debra, no serviço de

informações norte-americano... Simplesmente não é uma coisa que um país do Terceiro Mundo, como Granada, vai aceitar. E eu *não* quero enviar um membro do comitê porque, francamente, um alvo como esse é muito tentador - voltou-se para eles. - Espero que vocês entendam, David e Laura, que não estou tocando em seu alto valor como associados.

- Não gosto disso - disse Cullen. - Talvez não haja escolha, mas não gosto de arriscar gente da companhia.

- Estamos todos em perigo, agora - reconheceu García-Meza, sombrio. - Não importa quem escolhamos.

- Acredito nessa iniciativa! - declarou De Valera. - Forcei isto desde o começo. Sei das conseqüências. Realmente acredito que os granadinos vão aceitar. Eles não são bárbaros e sabem o que lhes interessa. Se nossos diplomatas forem feridos no cumprimento do dever, assumirei a responsabilidade e renunciarei a meu posto.

Emily não gostou nada desse arroubo teatral.

- Não seja não-Rizome, De Valera! Não vai fazer bem a eles! De Valera não deu importância à acusação.

- David, Laura: espero que vocês entendam minha oferta no sentido que eu pretendia. Somos associados, não patrões e peões. Se vocês forem feridos, eu não vou me eximir. Solidariedade.

- Nenhum de nós vai recuar - disse Cullen. - Não podemos dar-nos a esse luxo. Laura e David: vocês sabem o que está em jogo. Se não conseguirmos acertar os ponteiros com Granada, poderemos mergulhar num desastre. Estamos pedindo que vocês se arrisquem, mas estamos lhes dando o poder de pôr a todos nós em risco. Esse tipo de poder é muito raro nesta empresa

Laura sentiu o peso da responsabilidade. Queriam uma resposta. Estavam todos olhando para eles. Por sua vez, o casal não tinha ninguém para quem dirigir o olhar.

Ela e David já tinham conversado em particular. Sabiam que podiam esquivar-se a essa tarefa sem sentirem culpa. Mas haviam perdido sua casa, e isto punha abaixo todos seus planos. Parecia melhor assumir o risco, seguir o fluxo da crise e confiar em suas novas habilidades para enfrentá-la. Melhor do que ficarem sentados como vítimas e deixarem que os terroristas brincassem impunemente com suas vidas. Estavam decididos.

- Podemos fazer - disse Laura. - Se vocês nos apoiarem.

- Está combinado.

Pronto. Todos se levantaram e recolheram as tralhas do piquenique. Voltaram para as casas da fazenda.

Laura e David começaram a treinar imediatamente com os vídeo-óculos. Eram os primeiros comprados pela companhia, assombrosamente caros. Ela nunca tinha percebido antes, mas cada par custava o mesmo que uma casa pequena.

Examinaram-nos bem. Vistos de perto, tinham a estranha aura dos instrumentos

científicos. Artigos que não eram de consumo, mas muito especializados, muito *clean*. Pesados, também: uma película de plástico rígido, muito bem recheado com circuitos supercondutores caros. Não tinham lente de verdade, apenas milhares de detectores de luz com mapeamento de bits. Sua saída não-processada era um borrão prismático - um *software* gráfico processava todas as imagens, profundidade do campo e assim por diante. Pequenos feixes invisíveis mediam a posição dos globos oculares do usuário. O operador, com um monitor na frente, não dependia, porém, do olhar do usuário. Com aquele *software*, podia examinar qualquer coisa que estivesse no campo visual.

Via-se claramente através dos óculos, mesmo que fossem opacos do lado de fora. Podiam até ser ajustados para compensar astigmatismo ou qualquer outra deficiência visual.

As hastes foram feitas sob encomenda para os dois. Quanto a isto, não era problema, era tecnologia velha.

O Retiro Chattahoochee tinha uma sala de telecomunicações que fazia a do chalé de Galveston parecer do pré-milênio. Receberam um curso intensivo de técnica de vídeo-óculos. Estritamente prático, treinamento típico da Rizome. Os dois se revezavam andando sobre diversos tipos de terrenos, esquadrinhando as coisas ao acaso, refinando suas técnicas. Muita coisa para ser observada: estufas, lagoas de aqüicultura, pomares de pessegueiros, moinhos de vento. Havia uma creche em regime de semi-internato, onde uma funcionária da Rizome cuidava de Loretta. A Rizome tinha feito inovações no sistema de creches, anos antes, mas as pessoas não gostaram - muito parecido com um *kibbutz*, nunca pegou.

O retiro fora uma fazenda economicamente ativa antes do surgimento da proteína unicelular, que acabou com os alicerces da agricultura. Era um pouco ultrapassada, como muitas outras fazendas modernas. Culturas especializadas, culturas em estufas. Muito do trabalho em estufas comerciais era feito dentro das cidades, onde estavam os mercados.

Então iam para dentro para observar suas gravações, quando tinham vertigens. Depois, tentavam de novo, com livros equilibrados sobre a cabeça A seguir revezavam-se, um deles monitorando as imagens e o outro andando, recebendo instruções, reclamando que era difícil e xingando de brincadeira Era bom estar trabalhando em alguma coisa. Sentiam-se mais no controle.

Laura resolveu que tinha de funcionar. Iam representar um número de propaganda para os granadinos e deixariam que eles representassem um teatrinho de propaganda para os dois; isso era tudo. Um risco, sim, mas também o maior que teriam assumido dentro da companhia, o que significava muito, por si só. O comitê não cometera a grossura de falar diretamente sobre recompensa, mas nem precisava; não era assim que as coisas eram feitas na Rizome. Tudo isso ficava subentendido.

Perigoso, sim. Mas os filhos da mãe haviam metralhado a casa dela. Laura desistiu da ilusão de que qualquer outro lugar poderia ser seguro. Sabia que não. Não

até que tudo isso acabasse.

Fizeram uma escala de duas horas em Havana. Laura deu de comer para a menina. David esticou-se em sua cadeira de plástico azul, apoiando um pé sobre o outro. Usava sandálias. Alto-falantes de má qualidade junto ao teto tocavam música pop russa. Nenhum carrinho-robô - em vez deles, carregadores com carrinhos de mão. Velhos faxineiros, também, que empurravam escovões que pareciam ter nascido com eles. Na fileira seguinte de cadeiras de plástico, um menino cubano, entediado, jogou um copo de papelão, de refrigerante, e pisoteou. Laura ficou olhando a cartolina derreter-se.

- Vamos encher a cara - disse David.

- O quê?

David colocou seus vídeo-óculos no bolso do paletó, tomando cuidado para não sujar as lentes.

- Veja só. Vamos ficar na linha o tempo todo, em Granada. Não teremos tempo para relaxar, nenhum tempo para nós mesmos. Mas temos um vôo de

oito horas pela frente. Oito horas dentro de um avião, certo? Isso é uma licença para fazer qualquer loucura, se quisermos. A aeromoça vai cuidar de nós. Vamos tomar um pileque.

Laura olhou bem para o marido. O rosto dele estava abatido. Ela também sentia-se assim. Os últimos dias tinham sido um inferno.

- Vamos - disse ela. David sorriu.

Ele pegou a cestinha do bebê e foram até o *dutyfree* mais próximo, um cubículo cheio de chapéus de palha baratos e cabecinhas de palhaço esculpidas em cocos. David comprou para ela um litro de rum cubano. Pagou em dinheiro. O comitê advertiu-os contra o uso de cartões, muito fácil de detectar. Os paraísos informáticos espionavam todas as transações eletrônicas.

A balconista cubana colocou as notas numa gaveta. David deu-lhe uma nota de 100 ECU's. Ela lhe deu o troco com um sorriso malicioso. Estava vestida de vermelho, mascando chiclete e ouvindo samba com fones de ouvido. Rebolava um pouco. David disse uma gracinha em espanhol e a balconista lhe sorriu.

O chão não parecia sólido debaixo dos sapatos de Laura. O piso dos aeroportos não era parte do mundo. Tinha sua própria lógica - cultura de aeroporto. Ilhas globais numa rede de aerovias. Um cruzamento em lugar algum cheio de suor *ejet lag,* com o cheiro de bagagem.

Subiram no avião pelo Portão 16. AeroCubana. A mais barata do Caribe, porque o governo cubano estava subsidiando os vôos. Os cubanos ainda estavam melindrados com suas décadas de isolamento forçado, durante a guerra fria.

David pedia Coca-Cola sempre que a aeromoça passava, e completava-as com doses mortais de muito rum. Longo vôo até Granada. As distâncias eram grandes, na região. O Caribe estava salpicado com dobras fractais profundas de vagas oceânicas esverdeadas. As aeromoças exibiram um filme russo dublado, um musical estridente de

Leningrado com muitas seqüências de dança, muitos penteados extravagantes e luzes estroboscópicas. David ficou assistindo, usando os fones de ouvido, cantarolando e fazendo Loretta saltitar sobre seu joelho. A menina estava assustada com a viagem - seus olhos estavam sempre arregalados e seu rostinho estava inexpressivo como uma máscara *kachina*.

O rum atacou Laura como alcatrão narcótico e quente. O mundo tomou-se exótico. Os homens de negócios, nas poltronas da frente, tinham ligado seus terminais nos conectores de dados acima de suas cabeças, perto dos ventiladores. Estavam doze mil metros acima de uma região não identificada do Caribe, mas ainda ligados à Rede. As fibras ópticas estavam penduradas como tubos intravenosos.

Laura reclinou sua poltrona e ajustou o ventilador sobre seu rosto. O enjôo da viagem deu sinal um pouco abaixo do entorpecimento alcoólico. Mergulhou numa modorra anestesiada. Sonhou... Estava usando uma roupa igual à das aeromoças da AeroCubana, com bonitos números azuis, uma espécie de uniforme paramilitar da década de 40, com ombros quadrados e saia lisa, empurrando um carrinho pelo corredor. Dava a todos copinhos plásticos com alguma coisa...

Leite... Todos esticavam as mãos exigindo esse leite com olhares de desespero e gratidão patética. Estavam muito contentes por ela estar ali e realmente queriam sua ajuda. Sabiam que ela podia tomar as coisas melhores... Todos pareciam assustados, esfregando seus peitos suarentos, como se algo doesse ali...

Um tranco a acordou. A noite caíra. David estava sentado debaixo de um foco de luz vinda de cima, observando o monitor de seu teclado. Por um momento, Laura sentiu-se totalmente desorientada, com cãibras nas pernas, dor nas costas. Tinha babado... Alguém, David, provavelmente, colocara um cobertor em cima dela.

- Minha *persona optima* - resmungou. O avião pulou duas ou três vezes.

- Está acordada? - perguntou David, arrancando seu fone de ouvido da Rizome. - Estamos atravessando mau tempo.

- É?

- Setembro no Caribe.

"Estação dos furacões", pensou ela; ele nem precisava dizer. David verificou seu novo e complicado relogiofone:

- Ainda temos uma hora.

No monitor, um associado da Rizome com chapéu de *cowboy* gesticulava eloqüentemente para a câmera. Uma cordilheira destacava-se atrás dele. David congelou a imagem com um toque.

- Está respondendo a correspondência?

- Não, estou muito bêbado - respondeu David. - Só olhando. Este cara é Anderson, em Wyoming. E um bolha - David desligou rapidamente o monitor. - Todo o tipo de merda... Desculpe, quero dizer, *inputdemocrático*. Empilhado aqui para nós, vindo de Atlanta. Pensei em gravar tudo isso em disco, antes de sairmos do avião.

Laura sentou-se, estremunhada.

- Ainda bem que você está aqui comigo, David. Ele pareceu surpreso e comovido.

- Onde mais eu poderia estar? - disse, acariciando com força a mão de Laura

Loretta estava dormindo entre os dois, numa cadeirinha desmontável de fio cromado e plástico estofado amarelo. Parecia que um alpinista *high tech* traria oxigênio para encher a cadeirinha. Laura tocou o rosto da menina.

- Ela está bem?

- Claro. Dei um pouco de rum para ela Vai ficar horas dormindo. Laura parou no meio de um bocejo.

- Você lhe deu... David estava brincando.

- Então você chegou a esse ponto - disse Laura. - Dopando uma criança inocente. - A piada forçou-a a acordar. - Será que não há limite para sua depravação?

- Todo o tipo de limite enquanto estou na linha - disse David. - Que é como vamos ficar, sabe Deus por quantos dias. Vai estragar nosso estilo, *baby*.

- Hum... - Laura tocou sua própria face e lembrou que estava sem maquilagem de vídeo. Tirou seu conjunto de cosméticos das profundezas de sua bolsa a tiracolo e levantou-se. - Preciso fazer a maquilagem antes de aterrissarmos.

- Quer tentar uma rapidinha no banheiro, de pé mesmo?

- Não; provavelmente está grampeado - respondeu Laura, quase tropeçando em cima dele, ao sair para o corredor.

Ele sussurrou, segurando-lhe o pulso:

- Dizem que se pratica mergulho em Granada, quem sabe se a gente pode transar debaixo d'água, onde ninguém pode nos espionar.

Ela ficou encarando o marido:

- Você bebeu todo aquele rum?

- Não ia deixar estragar.

- Rapaz!

Ela usou o banheiro, fez a maquilagem em frente do modesto espelho de aço. Quando voltou a sua poltrona, estavam começando a descer.

Capítulo 4

Uma aeromoça agradeceu quando passaram pela porta. Desceram pela passagem acarpetada até o Aeroporto de Punta Salinas. - Quem está na linha? - murmurou Laura. “Emily”, veio a voz em seu fone de ouvido. “Estou acompanhando você”. David parou de mexer com a cestinha do bebê e ergueu a mão para ajustar seu volume. Os olhos dele, assim como os de Laura, estavam escondidos atrás dos vídeo-óculos dourados. Ela procurou nervosamente seu cartão-passaporte, imaginando como seria a alfândega. O saguão do aeroporto estava cheio de *posters* poeirentos mostrando praias granadinas muito brancas, gente local sorridente vestida com roupas bem coloridas, dez anos fora de moda, e letreiros chamativos em cirílico e em japonês *katakana*.

Um jovem soldado, mulato, desencostou-se da parede, quando eles se aproximaram.

- São o casal Webster?

- Sim?

Laura enquadrou-o em seus óculos e esquadrinhou-o dos pés à cabeça. Estava com camisa e calças caquis, cinturão de lona com coldre, boina com estrela, óculos escuros, apesar da noite. As mangas arregaçadas mostravam bíceps escuros e brilhantes. Pôs-se a marchar ao lado deles, as pernas marcando o passo enfiadas em botas de campanha de amarrar.

- Por aqui. Atravessaram rapidamente o salão de desembarque, cabeças baixadas, ignorando outros tantos viajantes cansados. Na alfândega, seu acompanhante mostrou um cartão de identificação; passaram sem parar.

- Vão trazer sua bagagem depois - disse o escolta, por entre os dentes- - Tem um carro esperando.

Usaram uma saída de emergência e desceram um lance de escadas enferrujadas. Por um breve e abençoado momento, pisaram em terra de verdade e respiraram ar de verdade. Úmido e nublado; tinha chovido. O carro era um *Hyundai Luxury Saloon*, com janelas espelhadas, cujas portas abriram quando se aproximaram.

O escolta escorregou para o banco dianteiro; Laura e David alojaram-se atrás, com o bebê. As portas fecharam com um ruído surdo, como escotilhas de tanque, e o carro começou a deslocar-se. Sua suspensão fez com que passassem com toda a suavidade sobre o calçamento de pedras esburacado e tomado pelo de mato. Laura olhou para trás, para o aeroporto, enquanto se afastavam - focos de luz sobre uma dúzia de riquixás a pedal e táxis manuais enferrujados.

O ar condicionado do *Saloon* envolveu-os num arrepio antisséptico.

- Na linha, pode ouvir-nos? - perguntou Laura.

“Um pouco de estática de imagem, mas está bem”, Emily sussurrou. “Belo

carro, hein?”

- E... - respondeu David.

Uma vez fora dos limites do aeroporto, viraram para o norte, indo por uma estrada margeada por palmeiras. David inclinou-se para a frente, dirigindo-se ao escolta.

- Para onde estamos indo, amigo?

- Levando vocês para um alojamento seguro - disse o soldado, virando-se em seu assento, jogando um cotovelo sobre o encosto. - Talvez quinze quilômetros. Acomodem-se, relaxem, *tá* bem? Fiquem girando seus polegares ianques, tentem parecer inofensivos - comentou, tirando os óculos escuros.

- Ei! - disse David. - É Chacal! Chacal fez uma careta.

- Capitão Thompson, para você, *bwana*.

A pele de Chacal estava agora muito mais escura do que em Galveston. Laura pensou em algum tipo de tintura para a pele. Disfarce, talvez. Pareceu melhor não comentar nada.

- Que bom vê-lo em segurança - disse ela. Chacal rosnou.

- Nunca tivemos uma chance de lhe contar - comentou Laura - como lamentamos sobre o senhor Stubbs.

- Eu estava ocupado, correndo atrás daqueles meninos lá de Cingapura - Chacal olhava para as lentes dos óculos de Laura, visivelmente concentrando-se para falar com o pessoal dos videoteipes de Atlanta, visando falar com a Rizome por intermédio dela. - Isso, enquanto nossa segurança da Rizome estava correndo como galinha com a cabeça cortada. A gangue de Cingapura saiu correndo logo depois de ter matado. Fui atrás deles no escuro. Correram mais de um quilômetro para o sul, ao longo da costa, depois subiram num belo iate, confortável, que esperava ao largo. Um *ketch* de bom tamanho; havia dois outros homens a bordo. Peguei o número do registro - grunhiu. - Alugado por Lao Binh Huynh, assim chamado “eminente homem de negócios viet-americano”, que vive em Houston. E rico, o tal de Huynh: tem meia dúzia de mercearias, um hotel e uma transportadora.

“Diga-lhe que vamos investigar isso”, sussurrou Emily, em tom ansioso.

- Vamos investigar isso - disse David.

- Está um pouco atrasado, *bwana* Dave. O senhor Huynh desapareceu há alguns dias. Alguém o jogou para fora de seu carro.

- Jesus! - comentou David.

Chacal olhou pela janela, entediado. Casas diversas, brancas, surgiram no escuro sob os faróis do Hyundai, as paredes brilhando como se fossem laqueadas. Um bêbado solitário correu para fora da estrada, quando o carro buzinou uma vez, fortemente. Uma praça de mercado, deserta; telhados de zinco, mastro de bandeira, estátua colonial, pedaços de cesta destroçada. Quatro cabras esquálidas - seus olhos brilhavam, vermelhos, pelo farol, como algo saído de um pesadelo.

- Isso prova coisa alguma contra o banco de Cingapura - disse Laura. Chacal

estava irritado; seu sotaque desapareceu.

- Que provas? Acha que estamos planejando processá-los? Estamos falando de guerra! - parou um pouco. - Mas é muito engraçado. Ianques pedindo provas, hoje em dia! Alguém explodiu o encouraçado *Maine* e, dois meses depois, o malvado do Tio Sam invadiu Cuba. Sem nenhuma prova.

- Bem isso é só para mostrar como aprendemos a lição - respondeu David, com toda a calma. - A invasão de Cuba falhou mesmo. Baía dos Porcos. Grande humilhação para o imperialismo ianque.

Chacal olhou para ele com desprezo.

- Estou falando de 1898, cara! David arregalou os olhos.

- 1898? Mas isso foi na Idade da Pedra.

- Mas nós não esquecemos - disse Chacal, olhando pela janela - Estão na capital, agora. Saint George.

Prédios de vários andares, de novo com aquele estranho acabamento plástico brilhante. Aqui e ali, um pouco de mato na encosta de um morro, palmeiras com folhas retorcidas como trancas dos *rastafaris*. Antenas parabólicas e de tevê comuns por todos os telhados. Parabólicas antigas voltadas para cima em gramados mal conservados - "talvez como piscinas para os passarinhos?", ficou Laura a pensar.

- Esses prédios são do governo - explicou Chacal. - Projetos habitacionais. Ali, no morro, é *Fort George*. O primeiro-ministro vive lá.

Atrás do forte, um trio de grandes antenas de rádio com luzes de aviso para aviões piscando em sincronismo; lampejos vermelhos corriam do chão para o céu, parecendo lançar-se para cima, no negror estrelado. Laura inclinou-se para espiar sobre o ombro de David. O vulto escuro das fortificações de Fort George, delineado pelas luzes em movimento, dava-lhe uma sensação de inquietude.

Laura fora informada sobre o primeiro-ministro de Granada. Seu nome era Eric Louison e seu Movimento do Novo Milênio governava Granada como um Estado monopartidário. Louison tinha por volta dos oitenta anos e raramente era visto fora de seu gabinete secreto de piratas de dados. Anos antes, depois de tomar o poder, Louison fez um discurso apaixonado em Viena, exigindo investigação do "fenômeno da *persona optima*". Por causa disto, provocou uma reação de ironia e mal-estar.

Louison seguia a infeliz tradição de patriarcas-governantes e praticantes de vodu. Homens que eram exatamente como Papa Doe, com facões na cintura e cassetetes. Olhando para o alto do morro, Laura teve uma clara imagem mental do velho Louison. Velho, magro, unhas amareladas, andando com dificuldade, insone, pelas masmorras do castelo. Num uniforme com dragonas douradas, bebericando sangue de bode morno, os pés descalços enfiados em duas caixas de *Kleenex*...

O Hyundai cruzou a cidade, iluminada por lâmpadas cor de âmbar. Passaram por uns poucos triciclos brasileiros, besourinhos pintados de amarelo e preto, movidos a álcool. Saint George tinha o aspecto modorrento de uma cidade onde parece que as

ruas são enroladas como tapetes e recolhidas, nas noites dos dias úteis. Pelos padrões modernos do Terceiro Mundo, era uma cidade pequena - talvez cem mil habitantes. Meia dúzia de arranha-céus destacavam-se, no centro, no velho e feio estilo internacional, paredes monótonas cobertas de janelas brilhantes. Uma bela igreja colonial antiga com uma torre alta e quadrada, com relógio. Gruas de construção estavam paradas sobre o esqueleto geodésico de um novo estádio.

- Onde está o banco? - perguntou David. Chacal encolheu os ombros.

- Em todo lugar. Onde estiverem os fios.

- Bela cidade - disse David. - Sem favelas, ninguém morando debaixo dos viadutos. Vocês poderiam ensinar alguma coisa para a Cidade do México - continuou, sem resposta. - E Kingston, também.

- Vamos ensinar alguma coisa para *Atlanta* - retorquiu Chacal. - Nosso banco... Vocês acham que somos ladrões. Não é bem assim, cara. Seus

bancos é que estiveram chupando o sangue desse povo por quatrocentos anos. Estamos tirando a forra, agora.

As luzes da capital haviam ficado para trás. Loretta mexeu-se em sua cesta, moveu os braços e, ruidosamente, encheu a fralda.

- Ai, ai, ai - disse David, abrindo a janela.

O cheiro de umidade e poeira da chuva quente dos trópicos encheu o carro. Outro aroma entrou com ele, temperado, penetrante, desconcertante. Cheiro de cozinha. Noz moscada, Laura percebeu. Metade da produção mundial de noz-moscada vinha de Granada. Noz moscada de verdade, natural, das árvores. Circundaram uma baía, com luzes piscando numa plataforma marítima, refletidas por águas calmas, e o clarão de indústrias refletido por nuvens cinzentas, à frente.

Chacal franziu o nariz e olhou para Loretta como se ela fosse lixo.

- Para que trazer esse bebê? E perigoso, por aqui.

Laura desprezou-o e pegou uma fralda nova. David respondeu:

- Não somos soldados. Não queremos ser alvos fáceis.

- Maneira engraçada de pensar - respondeu Chacal.

- Talvez você achasse que ela estaria mais segura em casa- disse Laura. - Sabe, aquele lugar que foi metralhado.

- OK - conformou-se Chacal. - Talvez possamos fabricar um bebê a prova de bala.

Emily falou, na linha:

“Ele não é engraçadinho? Está sendo desperdiçado, aqui. Podia ser comediante da televisão.”

Chacal notou o silêncio.

- Não se preocupe, Atlanta - disse em voz alta. - Vamos tomar conta desses hóspedes melhor do que vocês tomaram conta dos nossos.

“Essa doeu”, disse o murmúrio.

Cobriram mais cinco quilômetros em silêncio. “Escutem”, disse Emily, “vocês

não deveriam ficar jogando fora todo esse tempo, de modo que vou reproduzir para vocês alguns trechos escolhidos dos discursos da campanha eleitoral para o comitê...” Laura ficou ouvindo, com atenção; David ficou brincando com a menina e olhando pela janela. Então o Hyundai saiu da rodovia, indo para oeste por uma estrada de cascalho. Emily interrompeu um discurso sobre as *holdings* da Rizome na costa do Pacífico, na área de madeira e microchips. O carro subiu um morro, em meio a um denso bosque de casuarinas. Parou em meio à escuridão.

- Carro, buzine - Chacal disse para o Hyundai, que obedeceu. Holofotes de arco voltaico acenderam-se sobre duas colunas, junto aos portões de uma fazenda. O alto dos muros da fortaleza rebrilhou com cacos de vidro.

Um guarda veio correndo, atrasado. Um miliciano adolescente com uma arma automática pendurada nas costas. Chacal saiu do carro. O guarda sacudiu o sono que ainda lhe restava e ficou embaraçado. Quando os portões se abriram, Chacal fez valer sua patente e repreendeu o garoto.

- Ei, verifiquem essa merda fascista - David murmurou, para registro. O carro rolou para um pátio coberto de cascalho e com uma fonte de mármore, seca, no meio, com roseiras sendo invadidas pelo mato. As luzes do portão, agora distantes, mostravam uma escada baixa, caiada, subindo até uma grande varanda, fechada com tela. Acima da varanda, janelas iluminadas em um par de torres, que imitavam uma careta. Alguma noção vitoriana colonial de mansão senhorial. “Verifique!”, Emily comentou.

- Uma mansão Queen Anne! - disse David.

O carro parou junto à escada e suas portas se abriram. Saíram para a atmosfera úmida e perfumada dos trópicos, levando o bebê e seus pertences. Chacal juntou-se a eles, tirando um cartão-chave.

- De quem é este lugar? - perguntou David.

- Seu, por ora.

Chacal levou-os escada acima e através do alpendre aberto e escuro. Passaram por uma mesa coberta de poeira Uma bola de pingue-pongue resvalou no pé de David, quicando na escuridão e por entre o brilho fraco dos esqueletos de espreguiçadeiras de alumínio. Chacal colocou seu cartão-chave numa porta dupla de pau-rosa com acabamento de latão.

As portas abriram; as luzes do hall acenderam. David surpreendeu-se.

- Um lugar tão velho com sistema doméstico instalado!

- Claro - esclareceu Chacal. - Já pertenceu a um figurão do banco, o velho senhor Gelli. Foi ele quem mandou instalar.

Vozes de estranhos ecoram pelo hall. Entraram na sala de estar: papel de parede aveludado, diva e duas poltronas com estampa de flores e espaldar alto, mesa de café em forma de rim, carpete num tom purulento de marrom.

Dois homens e uma mulher, com uniforme branco de empregados, estavam

ajoelhados junto a um carrinho de bebidas. Levantaram-se, apressadamente, embaraçados.

- Não está funcionando - o homem mais alto disse, lamentando. - Andou atrás de nós o dia inteiro.

- Estes são seus empregados - disse Chacal. - Jimmy, Rajiv e Rita. O lugar ainda está com um pouco de mofo, mas eles vão tomá-lo confortável para vocês.

Laura inspecionou-os. Jimmy e Rajiv mais pareciam batedores de carteiras e os olhos de Rita lembravam bolinhas de vidro pretas. Olhou para Loretta como se a imaginasse num guisado com cenouras e cebolas e perguntou:

- Vamos receber hóspedes?

- Não - estranhou Chacal.

- Tenho certeza que Jimmy, Rajiv e Rita são muito capazes - disse Laura, diplomaticamente -, mas, a menos que haja necessidade imperiosa de criados, ficaríamos mais à vontade sozinhos.

- Vocês tinham criados em Galveston - disse Chacal. Laura cerrou os dentes.

- O pessoal do chalé é associado da Rizome. Nossos colaboradores.

- O banco escolheu esse pessoal para vocês. Tinha boas razões - disse Chacal, conduzindo Laura e David para uma outra porta. - O quarto principal é aqui.

O quarto tinha uma grande cama d'água com reposteiros e banheiro. A cama estava pronta. Incenso de gardênia queimava sobre uma velha escrivaninha de mogno. Chacal fechou a porta atrás de si.

- Os criados vão protegê-los contra espiões - disse-lhes com calma e autocontrole. - De gente e de coisas, coisas com câmeras, sabem? Não queremos que eles fiquem curiosos a seu respeito, sobre o porquê estão aqui - fez uma pausa, para que absorvessem a informação -, de modo que este é o plano: vamos fazer com que vocês passem por cientistas loucos.

- Para quê? - perguntou David.

- Tecnologia, *bwana*, consultores contratados. Altos tecnocratas, a elite de Granada - Chacal fez outra pausa. - Não percebem? Como pensam que fazemos esta ilha funcionar? Temos cientistas loucos em todo lugar, por aqui. Ianques, europeus, russos, todos vêm para cá, gostam do lugar, percebem? Casas grandes, com criados - e, piscando propositadamente, completou: - e outras coisas gostosas.

- Grande! - disse David. - Nós vamos ter escravos na plantação, também?

Chacal sorriu.

- Vocês dois são muito simpáticos, mesmo.

- Por que não nos fazer passar por turistas? - perguntou Laura. - Vocês devem receber alguns turistas, não?

- Madame, aqui é o Caribe. O fundo do quintal da América, percebe? Estamos acostumados a ver americanos por aí Não nos incomodam mais - parou, como se pensasse no assunto. - Exceto que os retrovírus, aquela bonita doença ianque, causa problema entre as mocinhas trabalhadoras.

Laura procurou controlar-se.

- Essas atrações não nos tentam, capitão.

- Ah, desculpe. Esqueci que vocês estavam na linha com Atlanta. Precisam ter boas maneiras, nada de conversa fiada... Enquanto eles podem ouvir.

"Oh", Emily sussurrou de repente, "se vocês forem hipócritas, vai significar que ele terá o direito de se comportar como um imbecil".

- Você quer provar que somos hipócritas - respondeu David -, porque isso lhe dará o direito de insultar-nos.

Desprevenido, Chacal hesitou.

- Olhe aqui - David falou alto -, somos seus hóspedes. Se quiser nos rodear com esses "criados", é problema seu.

- Talvez vocês não confiem em nós? - continuou Laura, fingindo reconsiderar. - Boa coisa, ter alguns criados para nos espionar, caso resolvamos nadar de volta para Galveston.

- Vamos pensar nisso - disse Chacal, relutante.

A campainha da porta tocou o primeiro verso de uma velha canção.

- *l'm dream-ing of a White Christmas* - David cantarolou, reconhecendo-a.

Correram para a porta, mas os criados já estavam lá. Era a bagagem que chegava. Rajiv e Jimmy estavam retirando as malas do furgão.

- Posso carregar o bebê, madame - ofereceu-se Rita, junto ao cotovelo de Laura. Laura fingiu não ter escutado, olhando pelo mosquiteiro da varanda. Dois novos guardas vigiavam, junto aos holofotes do portão.

Chacal deu-lhes dois cartões-chave.

- Agora, preciso ir. Tenho mais o que fazer, ainda esta noite. Fiquem bem à vontade. Peguem o que quiserem, usem o que quiserem, a casa é de vocês. O velho senhor Gelli não vai reclamar.

- Quando vamos nos reunir com o banco? - perguntou Laura.

- Bem cedo - disse Chacal, inexpressivo. A seguir, desceu a escada; a porta do Hyundai abriu e ele entrou sem mudar o passo. O carro partiu.

Foram ter com os criados na sala de estar e pararam, criando um nó de tensão não resolvida.

- Uma ceia leve, senhor, senhora? - sugeriu Rajiv.

- Não, obrigado, Rajiv.

Laura não sabia dizer a ascendência étnica de Rajiv. Indo-caribenho? Hindu-granadino?

- Preparo o banho para a senhora? Laura meneou a cabeça.

- Podem começar a nos chamar de David e Laura.

Os três granadinos olharam uns para os outros, sem saber o que dizer. Loretta escolheu muito bem o momento para explodir em soluços.

- Estamos todos um pouco cansados, pela viagem - disse David, em voz alta. -

Acho que vamos, hã... retirar-nos para o quarto. De modo que não vamos precisar de vocês, obrigado.

Houve uma escaramuça para ver quem carregava as malas. Rajiv e Jimmy ganharam. Triunfalmente, carregaram a bagagem para o quarto principal.

- Vamos desfazer as malas para vocês - anunciou Rajiv.

- Não, obrigado! - David abriu os braços e dirigiu-os para fora. Trancou a porta, atrás de si.

- Estaremos lá em cima, se precisarem de nós! - Jimmy gritou através da porta. - O intercomunicador não funciona, precisam gritar!

David tirou Loretta da cesta e foi preparar a fórmula da menina. Laura deixou-se cair na cama, sentindo-se invadir pela fadiga.

- Enfim, sós.

- Sem contar milhares de associados da Rizome - disse David, lá do banheiro. Saiu, e colocou a menina sobre a cama. Laura apoiou-se sobre um cotovelo e segurou a mamadeira de Loretta.

David verificou todos os armários embutidos.

- Parece seguro. Não tem outras entradas e saídas. Belo trabalho em madeira.

Puxou seu fone de ouvido com uma careta e colocou seus vídeo-óculos sobre o criado-mudo, apontando-os cuidadosamente para a porta.

"Não se preocupem comigo", disse Emily no ouvido de Laura. "Se David quiser dormir pelado, eu corto essa parte."

Laura riu, sentando-se na cama.

- Vocês e suas piadinhas indecentes - comentou David.

Laura trocou a menina, vestindo-a com um pijama de papel. Loretta estava satisfeita, com sono e contente. Seus olhos giravam debaixo das pálpebras, quase fechadas. Na vigília, ela fazia doces movimentos de fechar os punhos, como se tentasse agarrar-se, mas sem lembrar como fazer. Era engraçado como ela se parecia com David quando dormia.

Despiram-se, e ele pendurou suas roupas no armário embutido.

- Ainda mantêm o guarda-roupa do velho - disse ele, mostrando para Laura uma série de roupas de couro. - Bom alfaiate, hein?

- O que é isso? Roupa de sado masoquista?

- Coldre de ombro - respondeu David. - Coisa de macho. Bangue-bangue.

- Terrível.

Mais armas malditas. Cansada como estava, temia o sono; já pressentia mais um pesadelo a sua espera. Ligou seu equipamento num relogiofone grande, que estava em sua mala.

- Que tal?

"Deve servir", a voz de Emily soou forte no alto-falante do relógio. "Vou embora, mas o vigia da noite já vem."

- Boa noite.

Laura enfiou-se debaixo do lençol. Colocaram o bebê entre eles. Amanhã, procurariam um berço.

- Luzes, apaguem.

Laura despertou com relutância. David já estava usando jeans, camisa tropical, sem botões, e os vídeo-óculos.

- A campainha - explicou. Ela tocara de novo, com a mesma velha melodia.

- Ah - ela resmungou, olhando para o relógio ao lado da cama. Oito da manhã. - Quem está na linha?

"Sou eu, Laura", disse o relógio. "Alma Rodriguez."

- Ah, senhora Rodriguez - Laura disse para o relógio. - Como está a senhora?

"Ora, o velho está mal com a bursite, hoje."

- Que pena! - Laura resmungou, esforçando-se para sentar na cama, pois o colchão de água oscilava muito.

"Este chalé fica bem vazio, sem vocês ou seus hóspedes", disse a senhora Rodriguez, tentando ficar animada. "A senhora Delrosáno diz que suas duas meninas ficam rodando pela cidade, como animais selvagens."

- Bem, não lhe conte que... - Laura parou de falar de repente, atingida pelo choque cultural. - Nem mesmo sei onde estou.

"Está bem, Laurita?"

- Sim, acho... - hesitou, olhando rapidamente em tomo de si, naquele quarto estranho, e localizou a porta do banheiro. Isso ajudaria.

Quando voltou, vestiu-se rapidamente e colocou os óculos. "Ai! Que esquisito, quando a imagem se mexe assim!", disse a senhora Rodriguez, no fone de ouvido de Laura. "Deixa-me enjoada!"

- Você e eu. Com quem David está falando? Com os tais criados? "Você não vai gostar nada", disse a senhora Rodriguez, secamente. "É a bruxinha, Carlotta."

- Jesus! O que mais, agora?

Pegou Loretta, que arregalava os olhos e se espreguiçava, e levou-a para a sala de estar. Carlotta estava no sofá; trouxera uma cesta de vime cheia de coisas para comer. - Comidinha - anunciou, apontando para a cesta.

- Muito bem - disse Laura. - Como está, Carlotta?

- Tudo bem - a outra respondeu, muito animada. - Bem-vinda a Granada! Bela casa vocês têm, eu estava dizendo para seu marido.

- Parece que Carlotta vai ser nosso agente de ligação hoje - comentou David.

- Eu não me importo, já que Chacal está muito ocupado - disse Carlotta. - Além do mais, eu conheço a ilha e posso mostrar tudo para vocês. Quer um suco de papaia, Laura?

- Está bem - respondeu, ocupando a outra poltrona, mas sentindo-se inquieta, pois queria correr na praia. Naquela situação, não haveria oportunidade para isso. Balançou Loretta no joelho. - Então o banco confia em você para nos mostrar o lugar?

- Estou ligada por som - disse Carlotta, inclinando-se. Um par de fones de ouvido leves estava à volta de seu pescoço e um fio descia até um telefone em seu cinturão de tachas. Vestia uma blusa de algodão de mangas curtas e uma minissaia de couro, deixando vinte centímetros de barriga à mostra.- Precisam tomar muito cuidado com a comida, por aqui. Tem *houngans* nesta ilha, que podem mesmo acabar com vocês.

- *Houngans?* - espantou-se David. - Quer dizer, aquela gente que projeta drogas?

- Eles mesmos. Têm venenos do vodu por aqui que podem fazer coisas com seu sistema nervoso central que eu mesma não teria coragem de fazer com um chefe de Estado-Maior do Pentágono! Mandam para cá cientistas malucos, biotecnólogos e os cruzam com os velhos mestres zumbis. Acabam mais danados que cães raivosos! - comentou, passando um copo de suco para Laura. - Se estivesse em Cingapura, a esta hora, estaria numa pior!

Laura ficou olhando para o copo, desconfiada.

- Ora, vocês estão bem seguros, comigo - disse Carlotta. - Comprei tudo isso eu mesma, no mercado.

- Obrigada, foi muita consideração de sua parte - disse David.

- Bem, nós, texanos, precisamos ser unidos! - retorquiu Carlotta, estendendo a mão para a cesta. - Experimentem um destes *tamales,* que eles chamam de "pastéis". São como *curries* em massa, pequenos. Comida índia. Das índias Orientais, quero dizer, porque acabaram com os índios daqui há muito tempo.

"Não coma!", advertiu a senhora Rodriguez. Laura ignorou-a.

- São bons! - disse ela, mastigando.

- Sim, perseguiram eles até *Pont Sauteur,* a Ponta do Saltador, quer dizer - disse Carlotta para David. - Os índios caribe. Eles sabiam que os colonizadores de Granada estavam atrás deles, de modo que pularam todos juntos no mar, de um rochedo. E para lá que vamos, hoje: *Pont Sauteur*. Tenho um carro, lá fora.

Depois do café da manhã, pegaram o carro de Carlotta. Era uma versão mais longa do triciclo brasileiro, com uma espécie de guidão de moto para direção manual.

- Gosto da direção manual - confessou Carlotta, quando entravam. - Alta velocidade, grande sensação do pré-milênio.

Buzinou alegremente, com um botão para o polegar, enquanto passavam pelos guardas do portão. Os guardas acenaram; parecia que a conheciam. Carlotta acelerou, espalhando cascalho pela estrada que descia o morro, até chegarem à rodovia principal.

- Acha seguro deixar aqueles escravinhos domésticos com as nossas coisas? - Laura perguntou a David. Ele encolheu os ombros.

- Acordei-os e pus todos para trabalhar. Rita está cortando o mato em volta das roseiras, Jimmy está limpando a piscina e Rajiv vai desmontar a bomba da fonte. Laura riu.

David estalou os nós dos dedos, olhos distantes, na expectativa.

- Quando voltarmos, nós mesmos poderemos fazer alguma coisa.'

- Vai querer trabalhar na casa? David pareceu surpreso.

- Uma casa grande e antiga como aquela? Claro que sim! Não podemos deixar que ela se estrague!

Durante o dia, a rodovia tinha mais movimento, com muitos Toyota e Datsun enferrujados. Os carros passavam por um estrangulamento causado por uma obra, onde os operários estavam só matando o tempo, à sombra do rolo compressor. Os operários olharam para Carlotta, sorrindo, quando ela passou bem perto, com o triciclo.

- Ei, queriiidaaa! - um deles cantarolou, acenando.

De repente, um caminhão militar, coberto de lona apareceu, vindo do norte. Os operários pegaram suas pás e picaretas e começaram a trabalhar. O caminhão passou por eles, pelo acostamento. Estava cheio de milicianos ente-diados.

Dois quilômetros mais adiante, passaram por uma cidade chamada Grand Roy.

- Estou na igreja daqui - disse Carlotta, apontando, enquanto o motor reclamava da falta de controle. - Belo templo, pequeno, com meninas do lugar, com idéias estranhas sobre a Deusa, mas estamos ensinando umas coisas para elas.

Canaviais, pomares de noz-moscada, montanhas azuis ao longe, a oeste, com picos vulcânicos envoltos em nuvens. Passaram por mais duas cidades, desta vez maiores: Gouyave e Victoria. Calçadas cheias de mulheres negras em roupas tropicais coloridas, umas poucas mulheres de *sari* indiano; parecia que os grupos étnicos não se misturavam muito. Poucas crianças, mas muitos milicianos de uniforme caqui. Em Victoria, passaram por um bazar onde uma estranha e ensurdecedora música jorrava pelos alto-falantes de mais de um metro de altura colocados na calçada. Seus proprietários ficavam sentados atrás de mesas de aglomerado cheias de fitas e vídeos. Os compradores se acotovelavam com vendedores de cocos e velhos empurrando carrinhos. Bem alto, nas paredes, fora do alcance dos grafiteiros, velhos anúncios sobre Aids, alertando para atos sexuais anormais, na linguagem crua das agências oficiais de saúde.

Depois de Victoria, tomaram rumo oeste, contornando o litoral na ponta norte da ilha. O terreno começou a se elevar.

Guindastes vermelhos despontavam no horizonte, em *Pont Sauteur*, como um rendilhado, contra o céu. Laura pensou de novo nas torres de rádio vermelhas com suas estranhas luzes intermitentes... Pegou a mão de David. Ele apertou a dela e sorriu, olhando Laura por trás de seus óculos, sem poder ver os olhos da mulher.

De repente, estavam sobre um morro e podiam ver tudo ao redor. Um grande complexo marítimo avançava água adentro, como uma versão de Veneza feita por um magnata do aço. Só ângulos fortes, treliças e água esverdeada cruzada por cabos flutuantes... Longos quebra-mares feitos de rochas empilhadas estendiam-se para o norte por quilômetros; as ondas saltavam aqui e ali sobre eles, sendo que as águas

internas eram acalmadas por campos de bóias quebra-ondas...

- Senhora Rodriguez - disse David, calmo -, precisamos de um técnico marítimo na linha. Avise Atlanta.

"OK, David, é pra já."

Laura contou trinta edificações principais sobre o mar. Estavam cheias de gente. A maioria era para perfuração de petróleo. As plataformas tinham longas colunas de vinte andares de altura e as bases, de cinco andares, destacavam-se bem alto sobre a água. Gigantes marcianos, com joelhos cercados por docas de carregamento e pequenas balsas ancoradas. O sol de Granada refletia-se em alojamentos do tamanho e da forma de *trailers*, parecendo pequenos brinquedos a bordo das plataformas.

Um par de Otec grandes e redondos deslocava-se placidamente, engolindo água do mar quente para acionar suas caldeiras de amônia. Redes tentaculares de cabos flutuantes iam das usinas de força até as plataformas cheias de um emaranhado verde e amarelo de tubulações.

Saíram da rodovia. Carlotta apontou:

- Foi dali que eles pularam!

Os rochedos de *Pont Sauteur* tinham apenas doze metros de altura, mas as pedras embaixo tinham aspecto ameaçador. Seria mais bonito com uma furiosa arrebentação, mas os quebra-mares e as bóias haviam transformado aquele trecho do mar numa sopa lamacenta e parada.

- Num dia claro, pode-se ver Carriacou dos rochedos - comentou Carlotta. - Há muitas coisas para ver naquela ilhota. Ela é parte de Granada, também.

Estacionou o triciclo numa faixa de cascalho branco, ao lado de uma doca seca. Dentro dela, soldas branco-azuladas rebrilhavam. Deixaram o carro.

A brisa marinha veio para terra, com cheiro de uréia e amônia. Carlotta abriu os braços para trás e inspirou.

- Fábricas de fertilizantes. Como nas velhos tempos, no Golfo do México, hein?

- Meu avô trabalhava numa dessas fábricas - disse David. - Os velhos complexos de refinarias... Lembra-se, Carlotta?

- *Lembrar!* - ela riu. - São estas *mesmas*, pelo que sei. Compraram toda essa porcaria de tecnologia morta a preços baixos. Compraram, abandonada no lugar - parou de falar e prestou atenção em seus fones. - Andrei está esperando... Ele poderá explicar tudo melhor. Vamos.

Passaram pelas sombras de grandes guindastes e subiram os degraus calcários de um quebra-mar, até a praia. Um homem loiro, muito bronzeado, estava sentado na doca de pedras, bebendo café com dois estivadores. Os três usavam camisas largas, de algodão, jeans cheios de bolsos, capacetes de fibra e sapatos especiais com biqueira de aço.

- Afinal, aí estão eles - disse o loiro, levantando-se. - Alô, Carlotta. Alô, senhor e senhora Webster. Este deve ser sua filha. Que menininha mais linda! -

brincou, tocando o nariz da criança com o indicador sujo de graxa. Loretta olhou para ele e deu-lhe seu melhor sorriso desdentado.

- Meu nome é Andrei Tarkovsky. Eu vim da Polônia - disse o técnico, que, depois de olhar para suas mãos sujas, pediu desculpas. - Desculpem por não dar a mão.

- Tudo bem - respondeu David.

- Pediram-me para mostrar a vocês parte do que fazemos aqui - explicou Andrei, apontando para o extremo do *pier*. - Tenho um barco.

Era um barco de pântano, com proa chata e jato de água de popa. Andrei deu-lhes coletes salva-vidas, até um pequeno, para o bebê. Apertaram os cintos. Loretta, surpreendentemente, estava gostando da brincadeira. Desceram até a lancha por uma escadinha.

David sentou na popa. Laura e o bebê ficaram na proa, sobre um banquinho acolchoado, olhando para trás. Carlotta esparramou-se no piso. Andrei desamarrou o barco e deu a partida. Dirigiram-se para o norte, sobre a água barrenta.

David voltou-se para Andrei e perguntou algo sobre unidades de craqueamento catalítico. Naquele momento, uma nova voz apareceu na linha.

"Alô, Rizome-Granada, aqui é Eric King, San Diego... Podem dar-me outra vista daquela unidade de destilação... Não, você, Laura, olhe para aquela coisa amarela, grande..."

- Eu faço isso - gritou Laura para David, pondo a mão sobre o ouvido.

- Eric, o que você quer que eu olhe?

"Para a sua esquerda... E... Jesus, não via uma dessas há vinte anos... Dê-me uma varredura lenta, horizontal, a partir da esquerda... Sim, bonito!" Ficou calado enquanto Laura perscrutava o horizonte. Andrei e David estavam discutindo:

- Sim, mas vocês pagam pelas matérias-primas - Andrei dizia para David, acaloradamente. - Aqui, temos energia térmica do oceano - apontou para um Otec, - que é grátis. Amônia é NH3. O nitrogênio está no ar, que é de graça. O hidrogênio, da água do mar, que também é de graça. Tudo o que custa é o investimento do capital.

"E, e a manutenção", comentou Eric King, pessimista.

- E, e a manutenção - Laura repetiu em voz alta.

- Não é problema, com os polímeros modernos - completou Andrei.

- Resinas inertes... Pintamos quase tudo com elas... Reduzem a corrosão a quase nada. Vocês devem conhecer.

- São muito caras - respondeu David.

- Não para nós. Nós as fabricamos, também.

Pilotou a lancha até debaixo de uma plataforma. Quando cruzaram sua sombra, Andrei desligou o motor. Deslizaram para a frente; o piso plano da plataforma, de dez mil metros quadrados, cheio de tubulações, erguia-se a seis metros da água. Numa doca flutuante, no nível do mar, um estivador os observava, indiferente, com o rosto

contornado por fones de ouvido.

Andrei dirigiu-os para uma das quatro colunas da plataforma. Laura conseguiu observar o brilho da grossa camada de polímero sobre os tubos e suportes. Não havia mariscos na linha d'água. Nem algas nem lodo. Nada crescia sobre aquela estrutura. Era lisa como gelo.

David voltou-se para Andrei, acenando animadamente. Carlotta sentou-se no piso da lancha e pendurou as pernas para fora, sorrindo para a parte de baixo da plataforma.

"Queria mencionar que meu irmão, Michael King, esteve em seu chalé no ano passado", disse King, na linha. "Deu ótimas recomendações do lugar."

- Obrigada, é bom saber disso - Laura disse para o ar. David estava conversando com Andrei, alguma coisa sobre envenenamento por cobre e biocidas embutidos. Ignorou King, diminuindo o volume de seu aparelho.

"Estive acompanhando esse caso de Granada. Considerando as circunstâncias terríveis, vocês até que se saíram bem."

- Obrigada pelo apoio e pela solidariedade, Eric.

"Minha mulher concorda comigo, mesmo que ela ache que o comitê deveria ter feito algo melhor... Está a favor da Indonésia, certo? Suvendra?"

Laura parou um pouco. Já fazia algum tempo que não se lembrava das eleições para o comitê. Emily apoiava Suvendra.

- Sim, é isso mesmo. "E Pereira?"

- Gosto do Pereira, mas não tenho certeza se é a pessoa certa. Carlotta sorriu para a mãe, que, como uma idiota, resmungava para o ar,

para alguém invisível. Esquizóide. Laura estremeceu. Muita informação de uma vez só. Com os olhos e ouvidos ligados em realidades separadas, seu cérebro sentia-se dividido, com costuras invisíveis, tudo lentamente derretendo como cera, como se fosse irreal. Estava sendo "queimada" pela Rede.

"OK, eu sei que Pereira estragou tudo em Brasília, mas ele é honesto. Que tal Suvendra, em relação ao *Islamic Bank*? Isso não a desagrada?"

David, ainda empenhado na conversação com o emigrado polonês, parou de chofre e levou a mão ao ouvido.

"O *Islamic Bank*", pensou Laura, com um pequeno calafrio. Claro. Alguém da Rizome estava negociando com os piratas de dados de Cingapura. Claro que seria Suvendra. Tudo encaixava: Debra, Suvendra e Emily Donato. As "velhinhas" da Rizome em ação.

- Hum... Eric - disse David, em voz alta. - Esta não é uma linha particular.

"Oh", disse King, com voz de quem foi apanhado em flagrante.

- Teremos prazer em receber seu recado, se puder escrever e enviar pelo correio. Atlanta pode codificar para você.

"Claro", respondeu King. "Coisa estúpida que fiz... Minhas desculpas."

Laura lamentou por ele. Até gostou que David tirasse o outro de seu pé, mas

não da maneira como as coisas soaram. O cara estava sendo franco e aberto, numa maneira muito da Rizome e eles estavam dizendo para ele controlar a língua porque estavam num negócio de espionagem. O que o técnico iria pensar?

David olhou para ele e esticou os braços, espreguiçando-se. Parecia estar frustrado.

Televisão. Uma espécie de esmalte invisível de televisão cercava e escudava os dois. Era como esticar a mão para tocar o rosto de alguém, mas sentir que, em vez disso, seus dedos atingiam vidro frio.

Andrei ligou o motor de novo. Ganharam velocidade, cortando as ondas. Laura arranjou cuidadosamente seus vídeo-óculos, piscando, enquanto o cabelo ondulava ao vento.

Águas do Caribe, sol sorridente, a rebrilhante e fresca sensação de velocidade debaixo da proa. Volumes complicados de industria pesada destacavam-se acima das ondas poluídas. Grandes, peculiares, ambiciosos... Cheio de uma presença que se impunha a cada instante. Laura cerrou os olhos. Granada! Mas que diabos estava ela fazendo lá? Sentiu-se tonta com o choque cultural. Um chiado de conversa distante de Eric King. De repente, a Rede, longínqua, parecia enterrar-se em sua cabeça, como uma peruca. Sentiu forte impulso de arrancar aqueles óculos e jogá-los no mar.

Loretta espichou-se nos braços de Laura e puxou a blusa da mãe com um punho bem cerrado. Laura forçou-se a abrir os olhos. “Loretta, a realidade”, pensou. Seu pequenino guia infalível. A vida real era onde estava a filha.

Carlotta se aproximou, pelo fundo molhado da lancha, e cruzou os braços atrás da cabeça.

- Laura, sabe o porquê de tudo isto? A outra negou com a cabeça

- Um exercício, nada mais. Qualquer uma destas plataformas poderia conter todo o *Bank of Grenada*! - disse Carlotta, apontando para uma estrutura bizarra a estibordo, um ovo geodésico achatado cercado por molhes reforçados. Parecia uma bola de futebol achatada sobre pernas alaranjadas de aranha. - Talvez os computadores do banco estejam lá. Mesmo se o “homem” desembarcar em Granada, o banco pode fugir, como num judô elétrico! Toda essa tecnologia oceânica... Podem fugir para águas internacionais, onde o “homem” não pode alcançar.

- O “homem”?

- O homem, o complexo, a conspiração. Você sabe. O patriarcado, a lei, a polícia, os caretas. A Rede. Eles.

- Ah, você quer dizer, nós. Carlotta riu.

Eric King interrompeu, incrédulo.

“Mas quem é essa mulher esquisita? Pode dar-me outra vista daquela estação geodésica? Obrigado, David... Puxa! Você sabe com que parece? Com o seu chalé!”

- Eu estava pensando justamente nisso! - David disse alto, cobrindo o fone com a mão. Seus olhos estavam fixos na estação e estava quase caindo pelo bordo da

lancha. - Podemos passar perto dali, Andrei?

Andrei fez que não.

As estações se afastaram, atrás deles, com suas estruturas angulosas recortadas contra o verde tropical da praia. A água ficou mais encapelada. A lancha começou a sacudir, a proa chata açoitando cada onda e salpicando Laura com água.

Andrei gritou e apontou além da proa, à esquerda. Laura virou-se para olhar. Era um dique longo, cinza escuro, um grande quebra-mar. Um edifício de quatro andares erguia-se sobre uma de suas extremidades. A instalação era grande - o dique negro tinha pelo menos vinte metros de altura e talvez quatrocentos metros de comprimento.

Andrei dirigiu-se para lá e, enquanto se aproximavam, Laura viu mastros brancos contra o céu, acima do dique - postes de rua, muito altos. Ciclistas passeavam pela rua como insetos dotados de rodas. O edifício da administração parecia cada vez mais estranho a medida que se aproximavam - um andar menor do que o anterior, empilhado com alguma inclinação, com longas escadas de metal do lado de fora. Sobre o teto, muitos equipamentos: antenas parabólicas, uma antena de radar. O andar superior era redondo e pintado de branco naval, como uma chaminé.

Era uma chaminé!

"Aquilo é um ULCC", disse Eric King.

- Um o quê, Eric? - quis saber Laura.

"Ultra Large Crude Carrier. Superpetroleiro. Os maiores navios já construídos. Costumavam fazer a rota do Golfo Pérsico constantemente, nos velhos tempos", riu King. "Granada tem superpetroleiros! Eu sempre imaginava para onde é que tinham ido."

- Quer dizer que está flutuando? - perguntou Laura. - Aquele quebra-mar é um navio? Aquilo tudo se mexe?

- Pode levar meio milhão de toneladas - disse Carlotta, desfrutando a surpresa de Laura. - É como um arranha-céu cheio de petróleo. Maior que o *Empire State*. Muito maior - deu risada. - Claro que não tem mais petróleo. Agora é uma cidade. Uma grande fábrica.

Dirigiram-se para lá à toda velocidade. Laura viu as ondas arrebentando contra o casco, como se ele fosse um rochedo. O superpetroleiro, em resposta, sequer oscilava. Era grande demais. Ela jamais imaginara um navio como aquele. Era como se alguém tivesse recortado parte do centro de Houston e o soldado no horizonte.

No extremo mais próximo do gigantesco convés, ela pode ver... O quê? Mangueiras, varais com roupas, gente aglomerada junto à amurada muito longa... Centenas de pessoas. Mais do que qualquer navio teria como tripulação.

- Eles vivem lá, não é? - Laura disse para Carlotta.

- Acontece muita coisa a bordo desses navios.

- Quer dizer que há mais de um?

- Talvez - respondeu Carlotta, indiferente, tocando as pálpebras para indicar os

vídeo-óculos de Laura. - Digamos que Granada é uma boa bandeira de conveniência.

Laura ficou olhando para o superpetroleiro, esquadrinhando cuidadosamente toda sua extensão para que Atlanta tivesse boas condições de gravação.

- Mesmo que o banco tivesse comprado o navio apenas como sucata, é muito aço. Deve ter custado milhões.

- Você não sabe muito sobre mercado negro, não é? - interrompeu Carlotta. - O problema é sempre dinheiro. O que fazer com ele, quero dizer. Granada é rica, Laura. Está ficando cada vez mais rica, o tempo todo.

- Mas por que comprar navios?

- Agora, está entrando na ideologia. Precisa perguntar a Andrei.

Laura podia ver direito como era velho aquele monstro. Seus flancos estavam marcados por grandes manchas de ferrugem, contida debaixo de camadas de laça moderna. A laça aderia, mas ficava feia. Em certos lugares, tinha o aspecto enrugado do plástico estragado. O casco infinito de folha de aço tinha sido deformado pelas tensões de dilatação térmica e mesmo a enorme resistência dos plásticos modernos não conseguia contê-la. Laura viu marcas, manchas e bolhas de ferrugem onde o plástico soltara-se em placas, como lama seca. Tudo isso fora coberto com novas manchas de cola e remendos grandes e feios. Uma centena de tons de preto, cinza e vermelho-ferrugem. Aqui e ali, turmas de operários haviam grafitado o casco com um colorido intrincado: 'Tankerskankers"; "Turma Mangusto, os melhores"; "Batalhão Charles Nogues".

Atracaram numa doca flutuante, no nível do mar. A doca era como um polvo achatado de borracha amarela, com passagens que se irradiavam e com uma plataforma flutuante no centro. Um elevador, em forma de gaiola, descia do convés por um guindaste de 23 metros de altura. Seguindo Andrei, entraram na gaiola, que subiu aos trancos. David, que gostava de alturas, observava avidamente por entre as barras, enquanto o mar se afastava debaixo. Atrás de seus óculos escuros, sorria como um menino de dez anos. Laura percebeu que ele estava mesmo gostando enquanto agarrava a cesta do bebê, com os nós dos dedos brancos de tanta força que fazia. Mas, com o elevador, estava tudo bem.

O guindaste fez o elevador pairar sobre o convés. Enquanto isso ocorria, Laura viu seu operador, uma velha negra de uniforme, manuseando as alavancas e mascando chiclete. Debaixo deles, o convés monstruoso se estendia como a pista de um aeroporto, interrompida por construções funcionais de aparência diversa: escotilhas, ventiladores, hidrantes, tanques de espuma, dutos hidráulicos envoltos em papel de alumínio, em forma de "U" invertido, sobre as ciclovias. Barracas alongadas, também, e áreas verdes: árvores em jardineiras, estufas com cobertura de plástico sobre pomares de cítricos. Montanhas de sacos de estopa cheios e muito bem empilhados.

Desceram sobre um "X" feito com fitas, com um solavanco.

- Todos para fora - disse Andrei.

Saíram, e o elevador levantou de imediato. No ar, Laura percebeu um odor familiar debaixo da ferrugem, da maresia e do plástico. Cheiro tímido, de fermentação, como *tofu*.

- *Scop*! - disse David, deliciado. - Proteína unicelular!

- E - confirmou Andrei. - O *Charles Nogues* é um navio de comida.

- Quem é esse Nogues? - perguntou David.

- Herói local - respondeu Andrei, com rosto solene. Carlotta dirigiu-se a David.

- Charles Nogues atirou-se de um rochedo.

- O quê? - surpreendeu-se David. - Era um dos índios caribe?

- Não, era um dos negro libertos que vieram depois e lutaram contra a escravidão. Mas os casacas vermelhas apareceram e eles morreram lutando - disse Carlotta que, depois de uma pausa, continuou: - Que trapalhada de merda, a história de Granada. Aprendi tudo isso com Chacal.

- A tripulação deste navio é a vanguarda do Movimento do Novo Milênio - falou Andrei. Os quatro seguiam-no, caminhando para o distante e alto vulto na superestrutura do navio. Não era difícil encará-lo como um complexo de escritórios, porque o navio oferecia a sensação de estarem andando em uma sólida cidade. O tráfego passava por eles em ciclovias, com homens pedalando pesados riquixás de carga. - Membros de confiança do partido - disse o loiro polonês Andrei. - Nossa *nomenklatura.*

Laura ficava um passo atrás, segurando a cesta do bebê, enquanto David e Andrei avançavam juntos, ombro a ombro.

- Começo a perceber os conceitos. Desta vez, se forem expulsos de sua ilha, como Nogues e os caribes, terão um belo lugar para onde fugir, certo? - disse David, estendendo o braço para o navio à volta.

Andrei concordou, sério:

- Granada lembra de suas muitas invasões. Seu povo é muito corajoso e visionário, também, mas o país é pequeno. As idéias, hoje, são grandes, David. Maiores que as fronteiras.

David mediu Andrei de alto a baixo:

- Mas que diabos um cara de Gdansk está fazendo aqui, afinal?

- A vida é muito chata no bloco socialista - disse o polonês, distraído.

- Só socialismo de consumo, sem valores espirituais. Eu queria estar onde estava a ação. A ação está no Sul, hoje em dia. O Norte, nosso mundo desenvolvido, é tedioso. Previsível. E essa a diferença.

- Então você não é um daqueles “cientistas malucos”? Andrei desdenhou.

- Eles são úteis, apenas. Nós os compramos, mas eles não têm papel verdadeiro no Movimento do Novo Milênio. Eles não entendem a “Tecnologia do Povo”.

Laura até podia ouvir as maiúsculas, dada a ênfase que ele dava. Não estava gostando nada do rumo que as coisas tomavam. Resolveu intervir.

- Soa muito bonito. Como conciliar isso com fábricas de drogas e pirataria de dados?

- Toda informação deveria ser livre - respondeu Andrei, reduzindo o passo. - Quanto às drogas... - enfiou a mão num bolso lateral de seu jeans. Mostrou um rolinho de papel de alumínio e estendeu a ela.

Laura observou. Pequenos retângulos destacáveis, de adesivo. Parecia uma tira nova de etiquetas adesivas.

- E daí?

- São para grudar - Andrei explicou, pacientemente. - A cola tem um agente que faz passar a droga pela pele. A droga veio de um laboratório de *wetware*.

E THC sintético, o princípio ativo da maconha. Esse rolinho de papel é o equivalente a muitos quilos de haxixe. Vale cerca de 20 ECUs. Muito pouco. Nada tão excitante; nada tão romântico, hein? Nada para ficar tão nervosa.

- Cristo! - reagiu Laura, tentando devolver o rolinho.

- Por favor, fique com ele. Não significa muito. Carlotta manifestou-se:

- Ela não pode ficar com isso, Andrei. Vamos lá, eles estão na linha e os patrões estão espiando - provocou, enfiando o rolo de papel em sua bolsa, enquanto sorria para Laura. - Sabe, Laura, se você apontar esses óculos para a direita, posso grudar um pouco deste cristal em sua nuca e ninguém em Atlanta jamais vai saber. Você pode correr como o Niagara, com esta coisa. Cristal de THC, menina! A Deusa estava viajando quando inventou isto.

- São drogas de alteração da mente! - protestou Laura soando rígida e moralista, mesmo para seus ouvidos. Andrei sorriu, indulgente e Carlotta riu alto, mas Laura continuou: - Isso é perigoso.

- Talvez ache que a coisa vai pular do papel e morder você - disse Andrei, acenando polidamente para um *rastafari* que passava

- Ora, você sabe o que quero dizer - respondeu Laura, voltando ao assunto.

- Sei, sei - bocejou Andrei. - Nunca usam drogas, mas e o efeito sobre gente mais tola e fraca que vocês? Estão sendo paternalistas em relação a outras pessoas. Invadindo a liberdade delas.

Passaram por um grande guindaste elétrico para a âncora e por uma bomba gigantesca, com tanques pintados, de dois andares, numa floresta de tubos.

Rastafaris com capacetes de fibra e pranchetas andavam por passagens de ferro sobre a tubulação.

- Você não está sendo justo - argumentou David. - Drogas podem aprisionar as pessoas.

- Talvez - respondeu Andrei. - Se elas não tiverem nada melhor em suas vidas. Mas veja só a tripulação deste navio. Parecem farrapos drogados? Se a América sofre com as drogas, talvez devessem perguntar o que falta à América.

"Mas que idiota", comentou Eric King, de repente. Ignoraram-no.

Andrei levou-os por três lances de escada de ferro perfurado, presos à superestrutura cheia de escotilhas do *Charles Nogues*. Havia um fluxo intermitente de gente subindo e descendo as escadas, com multidões a conversar nos conveses. Todos vestiam o mesmo tipo de jeans com muitos bolsos e camisas de algodão sempre iguais. Mas uns poucos escolhidos tinham porta-canetas no bolso da camisa, com duas, três ou mesmo quatro delas. Um cara, um *rastafari* com barriga de cervejeiro, testa enrugada e careca, tinha meia dúzia de hidrográficas folheadas a ouro. Era seguido por um bando heterogêneo.

- Viva, socialismo de verdade - Laura resmungou para Carlotta.

- Posso carregar o bebê, se quiser - disse Carlotta, sem dar-lhe atenção. - Deve estar ficando cansada.

Laura hesitou.

- OK.

Carlotta sorriu enquanto Laura entregava-lhe a cestinha, passando a tira pelo ombro.

- Alô, Loretta - brincou Carlotta, acariciando a menina, que olhou para cima, em dúvida, mas deixou passar.

Entraram por uma porta estanque, com cantos arredondados e vedação de borracha, que dava num saguão com iluminação fluorescente. Muito lambris velho e arranhado, linóleo rasgado. As paredes estavam cheias de coisas penduradas - "Arte do povo" - Laura adivinhou, com muito vermelho dourado e verde berrantes, homens e mulheres tentando alcançar um céu azul cortado por um *slogan*...

- Aqui é a ponte - anunciou Andrei.

Parecia um estúdio de televisão, com dúzias de monitores, grandes conjuntos de botões enigmáticos, mesa de navegação com luminárias articuladas e telefones. Através de uma parede envidraçada acima dos monitores, via-se o convés do navio estendendo-se como uma estrada de 24 faixas. Pequenas manchas de oceano, muito, muito longe - tão longe que não importavam. Olhando pelas janelas, Laura viu duas grandes chatas de carga no lado esquerdo do petroleiro, antes completamente escondidas pela massa do navio.

As chatas bombeavam suas cargas para bordo por meio de tubulações volumosas, cheias de nervuras. A cena era meio desagradável, como a sexualidade parasítica de certos peixes de águas profundas.

- Não quer olhar? - Carlotta perguntou, balançando a menina para a frente e para trás.

Andrei e David já estavam totalmente absorvidos no exame de mostradores e conversando a um quilômetro por minuto. Assuntos profundamente interessantes, como fracionamento de proteínas e turbulência em correntes de fluidos. Um oficial do navio estava ajudando a explicar. Era um dos figurões, com várias canetas, e parecia muito estranho: pele negra aveludada e cabelo loiro e fino.

- Aí está o tipo de coisa que David gosta - disse Laura.

- Pode sair da linha um segundo, então?

- Hã? Qualquer coisa que queira contar, pode dizer para Atlanta.

- Deve estar brincando - respondeu Carlotta, revirando os olhos. - O que é que há, Laura? Conversamos em particular todo o tempo no chalé e ninguém se importou conosco.

Laura ponderou:

- Você na linha, o que acha?

"Que diabo, confiamos em você", disse King. "Vá em frente! Pelo que estou vendo, não há perigo."

- Bem... Está bem, enquanto David estiver aqui para me vigiar - decidiu, indo até a mesa de navegação, tirando os vídeo-óculos e o fone de ouvido. Voltou para Carlotta, tendo o cuidado de ficar sempre no campo visual dos óculos. - Pronto.

- Você tem olhos muito estranhos, Laura - murmurou Carlotta. - Uma espécie de amarelo-esverdeado... Esqueci como eram. E mais fácil conversar com você quando não está com aquele aparelho. Fica parecida com um inseto.

- Muito obrigada. Talvez devesse ir mais devagar com os alucinógenos.

- Por que esse orgulho? Aquela sua avó, Loretta Day, de quem tanto se orgulha, ela se acabou com drogas, não é?

- O que a minha avó tem a ver com isso? - surpreendeu-se Laura.

- Ela criou você, cuidou de você, em lugar de sua mãe. E sei que você a respeitava muito - respondeu Carlotta, jogando os cabelos para trás e sorrindo para a chocada Laura. - Sabemos tudo sobre você... E ela... e David... Quanto mais se vai para trás, mais fácil fica bisbilhotar os registros, porque ninguém fica guardando esses dados. Há muita coisa para guardar e ninguém se importa! Mas o banco se importa. Então fica com tudo - estreitou os olhos. - Certidões de casamento, divórcios, cartões de crédito, nomes, endereços, telefones... Jornais, verificados ao longo de vinte, trinta anos, por computadores, para isolar cada menção de seu nome... Vi o dossiê deles sobre você. Sobre Laura Webster. Todo tipo de fotos, fitas, centenas de milhares de palavras. Realmente esquisito... Conheço você tão bem, de certa forma sinto como se estivesse dentro de sua cabeça. Às vezes sei o que você vai dizer com antecedência e então começo a rir. Laura enrubesceu.

- Não posso impedi-la de invadir minha privacidade. Talvez isso lhe dê uma vantagem injusta sobre mim, mas não vou fazer nenhum julgamento. Estou apenas representando minha gente.

Um grupo de oficiais desfez-se nas proximidades de um dos monitores, deixando a ponte com ar de severa devoção ao dever.

- Por que está me contando essas coisas, Carlotta?

- Não tenho certeza... - disse Carlotta, parecendo desconcertada, até mesmo um pouco ressentida. - Acho que é porque não quero vê-la caminhando às cegas para o que vai acontecer. Acha que está segura porque trabalha para o homem, mas o homem já

teve seus dias. O futuro de verdade está aqui, neste lugar- Carlotta baixou a voz e aproximou-se. Estava falando sério. - Você está do lado errado, Laura. O lado que vai perder no fim. Essa gente tem coisas que o homem não quer que brinquem com elas. Mas o homem não pode fazer nada a respeito, porque eles o têm na mão. Podem fazer coisas aqui que os caretas têm medo até de pensar.

Laura esfregou o ouvido esquerdo, um pouco machucado com o prende -dor do fone.

- Está mesmo impressionada com essa tecnologia de mercado negro, Carlotta?

- Estou, isso é verdade - disse Carlotta, sacudindo a cabeleira -, mas eles têm Louison, o primeiro-ministro. Ele pode chamar seus *optimals*. Pode chamá-los, Laura. Suas *personas,* entende? Andam por aí, em plena luz do dia, enquanto ele nunca abandona aquele velho forte. Eu já os vi... Andando pelas ruas da capital... Parecem velhos baixinhos.

Carlotta estremeceu. Laura ficou olhando para ela com uma mistura de desgosto e pena

- O que isso deveria significar?

- Não sabe o que é uma *persona optimal* Não tem substância; tempo e distância nada significam para elas. Podem ouvir e escutar... Espionar você... Ou talvez atravessar seu corpo! Dois dias depois você cai morta, sem nenhuma marca.

Laura suspirou; Carlotta tivera seu momento de show. Podia entender a tecnologia dos fora-da-lei, mas essa besteira mística nunca a atraíra muito.

David e o emigrado polonês estavam examinando um monitor de *CadCam,* sorrindo todo o tempo.

- Andrei acredita nessas coisas?

Carlotta encolheu os ombros. Seu rosto foi fechando, ficando distante, outra vez.

- Andrei é político. Temos todo tipo de gente, em Granada... Mas tudo dá na mesma, no fim.

- Talvez dê, se você não tiver cabeça. Carlotta olhou-a com piedade.

- Melhor colocar meu aparelho, de novo - disse.

Almoçaram com o capitão do navio. Era um tipo barrigudo com seis canetas de ouro. Seu nome era Blaize. Dezenove dos outros comissários do navio juntaram-se a ele no refeitório cavernoso do superpetroleiro, cheio de candelabros e lambris. Usaram aparelhos de porcelana antiga de bordas douradas, com as insígnias da *P & O Shipping Line*, e foram servidos por garçons adolescentes, uniformizados, que carregavam grandes baixelas de aço. Comeram *scop* - várias formas assustadoras de scop. Sopas. Peito de frango simulado, aromatizado com noz-moscada. Coisinhas fricassê, espetadas em palitos de dente.

Eric King não esperou acabar o almoço. Saiu da linha, deixando-os com a senhora Rodriguez.

- De modo algum atingimos nossa capacidade máxima - anunciou o capitão

Blaize num sotaque enrolado, do Caribe -, mas estamos nos aproximando, pouco a pouco, das cotas de produção, a cada mês. Com essa atividade, aliviamos o solo produtivo de Granada... Sua erosão... A superpopulação, o senhor entende, senhor Webster... - a voz de Blaize deslizava por uma cadência hipnótica, causando estranhas ondas de tédio no cérebro de Laura. - Imagine, senhor Webster, o que uma frota de navios como este poderia fazer em favor das misérias da Mãe África.

- Imagino, quero dizer, entendo as implicações - disse David, atacando com gosto seu *scop*.

Havia música ambiente, em volume baixo. Laura tentou escutar. Um vocalista do pré-milênio, cordas melosas e saxofones de jazz... "Sabe-se lá o que para você, minha querida... Bu, bu, bu, buu..." Quase podia identificar o cantor... Dos filmes velhos. Cosby, isso mesmo. Bing Cosby.

Agora, efeitos digitalizados começaram a aparecer e algo horrível aconteceu. Súbito, algum animal pulou na garganta de Cosby. Suas joviais vibrações de bom rapaz anglo-saxônico esticaram-se eletricamente - arruu - com ruídos de lobisomem. Cosby passava a fazer vocalizações - ub, ub, ub

- de trás para a frente, como uma ferida no peito, chupando ar. O ruído demencial estava chegando até os outros, mas ninguém prestava atenção.

Laura virou-se para o membro da tripulação a sua esquerda, que tinha três canetas. O sujeito estava dando tchauzinho para o bebê, que estava com Loretta, e ergueu os olhos, com ar de culpado, quando ela perguntou.

- A música? Nós a chamamos de didge-ital... dig-ital, entendeu, D. J. Ital... Toca por todo o navio.

Isso mesmo, tinham feito alguma coisa horrível com o pobre e velho Bing, enquanto ele não estava olhando. Parecia que sua cabeça era de folha metálica.

Blaize e Andrei estavam dando uma aula sobre dinheiro para David. O rublo granadino. Granada tinha economia fechada, livre de dinheiro; todos na ilha tinham cartões de crédito individuais, retirados no banco. Esta política impedia que o "maldito dinheiro global", o ECU, circulasse. E isso "cortava como navalha os tentáculos do imperialismo cultural e financeiro da Rede".

Laura escutava aquelas relações públicas rústicas com amarga surpresa. "Não estariam tagarelando nesse nível de retórica se não tentassem esconder uma verdadeira fraqueza", pensou. Estava claro que o banco mantinha arquivadas todas as transações de crédito da população para poder espionar sobre os ombros de todos. Mas isso era coisa *orwelliana*. Mesmo os velhos e maldosos Mao e Stálin não poderiam fazer essa coisa funcionar.

David ergueu as sobrancelhas e, inocentemente, perguntou sobre pagamentos por fora, um velha prática dos dias do pré-milênio no bloco oriental. Andrei assumiu aspecto rígido e virtuoso. Laura escondeu seu sorriso com uma garfada de cenouras falsificadas. Apostava qualquer coisa que um maço de ECU por debaixo da mesa

compraria o corpo e a alma do granadino médio. Sim, era como aqueles velhos vagabundos *ruski,* que atormentavam os turistas em Moscou à cata de dólares, no tempo em que havia dólares. As pulgas grandes tinham pulgas menores, e os grandes mercados negros tinham pequenos mercados negros. Engraçado!

Laura gostou, com a certeza de ter descoberto algo. Naquela noite, precisava escrever para Debra Emerson, em Atlanta, numa linha codificada, e contar-lhe: "Sim, Debra, há um ponto onde enfiar um pé-de-cabra." Debra saberia como fazer. Seria como o velho e maldoso trabalho da CIA antes da Abolição... Como é que chamavam a coisa? Desestabilização.

- Não é como o Pacto de Varsóvia, antes da abertura - continuou Andrei, sacudindo sua bela cabeça loira. - Nossa ilha é mais como um pequeno país da Opep: Kuwait, Abu Dhabi... Dinheiro fácil demais devora valores sociais, toma a vida uma Disneylândia. Só grandes *Cadillac* e os ratos dos desenhos... Vazio, sem significado.

Blaize sorriu um pouquinho, como um Buda.

- Sem a disciplina do movimento - trovejou devagar -, nosso dinheiro fluiria de volta, como água descendo a ladeira, da periferia do Terceiro Mundo até os centros da Rede. Seu "mercado livre" trapaceia conosco; é um mercado de escravos da Babilônia, na verdade! A Babilônia levaria nosso melhor pessoal, também... Iriam para onde os telefones já funcionam, para onde as ruas já estão pavimentadas. Querem a infra-estrutura, onde a Rede é mais grossa e onde é mais fácil prosperar. E um círculo vicioso, que causa a miséria do Terceiro Mundo.

- Mas, hoje, a aventura está aqui! - interrompeu Andrei, inclinando-se para a frente. - Não há mais fronteiras em sua América, David, meu amigo! Hoje, só há advogados e burocratas e "declarações de impacto social"...

Andrei torceu o nariz e deu com o garfo na mesa

- Grandes celas de papel para esmagar a vida e a esperança dos modernos pioneiros! A mesma feiúra e o mesmo crime do velho Muro de Berlim, David. Só que mais esperto, com mais relações públicas - disse, olhando de esguelha para Laura. - Cientistas e engenheiros, e arquitetos também. Somos irmãos, David. Os que trabalham de verdade, no mundo. Onde está nossa liberdade? Onde, hein?

Andrei parou, sacudindo para trás uma mecha de cabelo loiro. De repente, tinha o aspecto dramático de um orador, um homem retirando inspiração dos poços mais profundos da sinceridade.

- Não temos liberdade! Não podemos perseguir nossos sonhos, nossas visões. Os governos e as empresas nos domesticam com suas rédeas! Para e-les, só fazemos creme dental colorido, papel higiênico mais macio e televisores maiores, para estupidificar as massas! - entusiasmou-se, cortando o ar com a mão. - Mundo de homens velhos, com os valores dos velhos! Com acolchoados confortáveis em todos os cantos vivos, ambulâncias sempre por perto. A vida é mais do que isso, David. A vida tem de ser mais do que isso!

Os oficiais do navio tinham parado para escutar. Quando Andrei acabou,

concordaram, entre si.

- Isso mesmo, homem, certíssimo...

Laura observou-os trocando olhares de camaradagem. O ar estava viscoso como um xarope da *gemeinschqft* da tripulação, reforçada pela linha do partido. Era tão familiar para ela como a sensação de fraternidade nas reuniões da Rizome, mas mais forte, menos racional. Militante - e assustadora, porque era muito boa. Para ela, era uma tentação.

Sentou-se calmamente, tentando relaxar, ver através dos olhos deles, sentir e entender. Andrei continuou, inflamado, acelerando o ritmo, pregando as necessidades genuínas do povo, o papel social do técnico engajado. Era uma grande misturada: alimento, liberdade, trabalho significativo. E o novo homem, a nova mulher, com seus corações junto do povo, mas de olho nas estrelas... Laura observou a tripulação. O que estariam sentindo? A maioria era jovem, a elite engajada do movimento, saída das cidadezinhas sonolentas das ilhas, indo para um lugar como aquele. Imaginou-os subindo e descendo as escadas de seu estranho mundo de aço, quente e borbulhante, como ratos de laboratório. Tampados numa garrafa e afastando-se das leis, normas e regras da Rede.

Tantas mudanças, choques e novidades quebravam as pessoas por dentro. Ofuscadas por todo esse potencial, ansiavam por jogar fora regras e limites, cheques e balanços - tudo desacreditado, tudo mentira da velha ordem. “Claro”, pensou Laura. Era por isso que os governantes de Granada podiam recortar genes como confete e arrancar dados para seus dossiês de Grande Irmão, sem pensar duas vezes. Quando o povo marcha numa só direção, fazer perguntas inconvenientes só atrapalha.

Revoluções. Novas ordens. Para Laura, essas palavras tinham o gosto de teia de aranha do pensamento do século XX. Inúmeros movimentos de massa visionários ocorreram ao longo daqueles cem anos e, sempre que eclodiam, o sangue corria aos borbotões. Granada podia ser a Rússia de 1920, a Alemanha de 1940, o li ã de 1980. Tudo o que faltava era uma guerra.

Claro que não podia ser uma grande guerra; não naqueles dias. Mas mesmo uma pequena guerrilha terrorista podia sujar tudo num lugar pequeno como Granada. Mortes suficientes apenas para elevar o nível de histeria e tornar cada dissidente um traidor. “Uma guerrinha”, pensou, como a que já começava a se configurar...

Andrei parou. David sorriu para ele, meio sem graça.

- Posso ver que já fez esse discurso antes.

- Você é cético com palavras - disse Andrei, deixando de lado seu guardanapo. - Sábia atitude. Mas podemos mostrar-lhe os fatos e a prática, a menos que queira esperar a sobremesa.

David olhou para Laura e para Carlotta.

- Vamos lá - disse Laura. *Scop* adoçado não era coisa para se ficar esperando.

Fizeram um sinal com a cabeça para a tripulação, agradeceram polidamente ao

capitão e deixaram a mesa. Saíram do refeitório por outro saguão e pararam junto a dois elevadores. Andrei apertou um botão e entraram; as portas deslizantes fecharam atrás deles.

A estática trovejou na cabeça de Laura.

- Jesus Cristo! - disse David, agarrando seu fone. - Saímos da linha! Andrei olhou para trás, sobre os ombros.

- Relaxem, sim? É só um momento. Não podemos pôr transmissores em todo lugar.

- Oh! - reagiu David, olhando para Laura.

Ela agarrou o cestinho do bebê enquanto o elevador descia. É, haviam perdido a armadura da televisão e estavam inermes. Andrei e Carlotta podiam atacá-los, nocauteá-los com seringas de anestésico. Acordariam em algum lugar, amarrados a mesas com médicos de vodu enlouquecidos costurando pequeninas bombas-relógio de veneno em seus cérebros...

Andrei e Carlotta nem se moviam, com o aspecto bovino, paciente, das pessoas dentro dos elevadores. Nada aconteceu.

As portas abriram. Laura e David foram para o corredor, agarrando os fones de ouvido. Longos segundos de estalos de estática. Depois, um rápido *staccato* de pulsos de dados. Por fim, a gritaria aguda e ansiosa, em espanhol.

- Estamos bem, bem, só uma pequena interrupção - disse Laura para a senhora Rodriguez.

David reconfortou-a mais demoradamente, em espanhol. Laura não entendeu tudo, mas percebeu o distante tom de voz: temores frenéticos da velhinha, soando fraca e trêmula. Claro, a boa e velha senhora Rodriguez só estava preocupada com eles mas, a despeito de si mesma, Laura sentiu-se contrariada. Ajustou os óculos e empertigou-se.

Andrei estava esperando, tolerando aqueles doidos com boa vontade, segurando aberta uma porta. Do outro lado, havia um grande vestiário com chuveiros e pias de aço inoxidável e uma penetrante luz azul; o ar cheirava a sabonete e ozona. Andrei abriu com desenvoltura um armário com vedação de borracha, cujas prateleiras estavam cheias de roupas cirúrgicas verdes: túnicas, calças com elásticos, redes para cabelos, máscaras e pequenas galochas de amarrar.

- Senhora Rodriguez - disse David, animado. - Parece que vamos precisar de um biotecnólogo da Rizome na linha.

Andrei inclinou o corpo sobre uma pia e pegou uma gota de desinfetante cor-de-rosa. Ensaboou-se vigorosamente. Ao lado dele, Carlotta apanhava água num copo de papel esterilizado. Laura viu-a apanhar uma pílula Romance, vermelha, em sua bolsa. Engoliu-a com a facilidade de quem tem longa prática.

De dentro de seu cesto, Loretta fechou os olhinhos. Não gostara da iluminação do lavatório ou, talvez, do cheiro. Choramingava ritmadamente, e depois começou a gritar. Seus lamentos ecoaram fortemente nas paredes e a assustaram, levando a um

novo esforço.

- Oh, Loretta Você tem sido tão boazinha, ultimamente - acalentou-a Laura, chutando o berço, para que se abrisse, e apoiando-o no chão. Loretta,

no entanto, ficou vermelha como um tomate e agitou os braços. Laura verificou a fralda e suspirou. - Posso trocá-la aqui, Andrei?

Andrei estava lavando o rosto; apontou com o cotovelo para a tampa de uma lixeira. Laura procurou no carrinho e desenrolou a esteira para troca de fraldas de dentro de seu tubo.

- Que prático! - disse Carlotta, chegando perto e olhando sobre o ombro da outra. - Como uma persiana.

- É - respondeu Laura. - Veja, quando aperto este botão do lado, as bolhas do acolchoado aparecem.

Colocou a esteira sobre uma mesa de laminado e pousou Loretta sobre ela. A menina guinchava, em terror existencial.

Ela esperneava. A bundinha estava coberta por cocô. A essa altura, Laura aprendera a olhar sem ver. Limpou tudo com presteza, com um pano embebido em óleo, sem dizer nada.

Carlotta estava com nojo e olhou para longe, para o carrinho.

- Puxa! Essa coisa é mesmo complicada! Olhe, estas abas saem e dá para montar uma banheirinha...

- Me dá o talco, Carlotta.

Laura passou um *spray* seco no traseiro do bebê e envolveu-o numa nova fralda. Loretta gritava como alma penada. David apareceu.

- Limpem-se, eu a levo.

Loretta olhou para a máscara cirúrgica do pai e gritou de angústia.

- Pelo amor de Deus! - disse David.

"Não devia levar o bebê para uma zona de risco biológico", disse uma voz na linha.

- Mesmo? - David gritou. - Ela não vai querer usar a máscara, com certeza.

Carlotta ergueu os olhos.

- Eu posso ficar com ela - disse, com toda boa-vontade. "Não confie nela", disse a voz na linha.

- Não podemos deixar o bebê longe da gente - David disse para Carlotta. - Você entende.

- Bem - respondeu Carlotta, decidida. - Eu podia ficar com os óculos de Laura. Assim, Atlanta poderia ver tudo o que eu fizesse. Enquanto isso, Laura estaria segura com você.

Laura hesitou.

- Meu fone é feito sob medida.

- Ele é flexível. Eu poderia usá-lo um pouco. Vamos, eu sei que posso fazer

isso.

- Você na linha, o que acha? - perguntou David.

"Sou eu, Millie Syers, de Raleigh. Lembra-se? John, eu e nossos filhos estivemos em seu chalé, em maio."

- Oh, alô - disse Laura. - Como está, professora Syers?

"Bem, curei-me de minhas queimaduras de sol", riu Millie Syers. "Por favor, não me chame de professora, é muito não-Rizome. Aliás, se quiser um conselho, eu não deixaria minha filha com uma pirata de dados vestida como uma puta."

- Ela é uma puta - disse David. Carlotta sorriu.

"Bem! Acho que isso explica tudo. Ela não deve ver muitos bebês, em seu ramo de atividade... Hum, se ela usasse o aparelho de Laura, acho que poderia ficar de olho no que ela faz; se tentasse algo, eu poderia gritar. Mas nada a impede de tirar os óculos e sair correndo com o nenê."

- Estamos dentro de um superpetroleiro, Millie - disse David. - Temos três mil granadinos à nossa volta.

Andrei terminara de amarrar suas botas de borracha.

- Cinco mil, David - disse, mais alto que os soluços penetrantes do bebê. - Não acham que estão levando esse assunto muito longe? Todos esses pormenores de segurança?

- Prometo que ela vai ficar bem - disse Carlotta, levantando a mão direita, com o dedo central dobrado contra a palma. - Juro pela Deusa.

"Céus! Ela é uma das...", ia dizendo Millie Syers, mas Laura perdeu o resto, ao tirar o dispositivo. Era glorioso tirar aquilo da cabeça. Sentia-se livre e limpa pela primeira vez em muito tempo; sensação esquisita, com um súbito e estranho impulso de pular debaixo de um chuveiro e ensaboar-se. Encarou Carlotta.

- Muito bem, Carlotta. Estou confiando a você a coisa que mais amo no mundo. Entende, não é? Não preciso dizer mais nada.

Carlotta assentiu, séria.

Laura lavou-se e vestiu o uniforme. Os gritos da menina os acompanharam fora do aposento.

Andrei levou-os para outro elevador, no fundo do lavatório. Laura olhou uma última vez para a porta e viu Carlotta andando para lá e para cá com o nenê, cantarolando.

Andrei entrou atrás deles, deu as costas e apertou o botão.

- Estamos perdendo o sinal, de novo - David avisou. As portas de aço fecharam-se.

Desceram devagar. De repente, Laura sobressaltou-se ao sentir David acariciando seu traseiro. Olhou para ele.

- Ei, neném - ele murmurou. - Estamos fora do ar. Puxa! Estava ansioso por privacidade.

No elevador, teriam quase trinta segundos de paz - enquanto Andrei não virasse

para eles.

Ela olhou para David, frustrada, querendo dizer... O quê? Garantir-lhe que não era tão mau, assim. E que ela também sentia o mesmo. Que podiam sair-se bem, mas que ele devia comportar-se. E que aquilo era mesmo engraçado e ela lamentava que ele estivesse nervoso.

Mas nada disso podia ser dito. Com a máscara cirúrgica e os óculos com fios dourados, o rosto de David era totalmente estranho. Sem ligação humana.

As portas abriram; sentiram uma lufada de ar e os ouvidos estalarem. Viraram à esquerda, para uma outra sala.

- Está bem, Millie - disse David, distraidamente. - Estamos bem, deixe Carlotta em paz...

Ficou resmungando atrás da máscara, sacudindo a cabeça e falando para o ar. Como um louco. Era estranho - quando não era você que se comportava assim. A sala também era estranha. Desorganizada e improvisada, teto inclinado, assim como as paredes. Era de *papelão* marrom e tela de galinheiro, mas tudo recoberto por uma espessa camada de plástico translúcido. Às luminárias chegavam fios comuns, domésticos, grampeados ao teto sob uma espessa camada de laça. Tudo era grampeado, não havia um só prego. Laura tocou a parede, pensativa. Era de plástico de qualidade, liso e duro como porcelana, e ela sabia, pelo tato, que um homem forte não poderia rachá-lo com um machado.

Mas havia tanto plástico - e ele era tão caro!

Talvez nem tanto - se não se pagasse seguro, horas extras aos operários, nunca se fechasse a fábrica para inspeção de segurança e não houvesse sub-sistemas, sistemas de controle anti-acidentes, muito menos registros de cada modificação em triplicata. Claro: até mesmo energia nuclear era barata quando se trabalhava depressa e descuidadamente.

Mas as regras da bio-segurança eram dez vezes mais estritas - ou supostamente o eram. Talvez o plutônio fosse ruim, mas, pelo menos, não podia pular de uma cuba e crescer sozinho.

- Esta sala é feita de papelão! - disse David.

- Não, é epóxi térmico sobre papelão - explicou Andrei. - Está vendo aquele plugue? É uma tubulação de vapor. Podemos derreter toda esta sala a qualquer momento. Não que precisemos, claro.

No fim da sala, pararam junto a uma grande porta estanque. Tinha o símbolo internacional de risco biológico: o círculo com três pontas, em preto e amarelo. “Bom projeto gráfico”, pensou Laura, enquanto Andrei virava o fecho da porta; a sua maneira, o símbolo era tão assustador quanto a caveira com as tíbias cruzadas.

Passaram pela porta e saíram num patamar de bambu laqueado. Ficava a doze metros de altura e dava para uma caverna de aço do tamanho de um hangar para aviões. Haviam chegado a uma seção do porão do superpetroleiro. Via-se o casco de aço,

suavemente encurvado. Tudo cheio de maquinaria surreal, como os brinquedos de um gigante descuidado, de dez anos de idade, que gostasse de brincar de química.

O corredor de papelão, a plataforma de bambu e suas passagens frágeis estavam aparafusadas a uma gigantesca estrutura. No outro extremo, a parede do hangar erguia-se, ao longe; uma grande parede de aço reforçado com lon-garinas, coberta por um mural colorido - um quadro com homens e mulheres de boinas e macacões, marchando debaixo de bandeiras. Os olhos eram grandes, grandes como bolas de basquete, fixos no ar... Os braços eram castanhos, arredondados e monolíticos e refletiam como cera, num estranho brilho subaquático.

A estranha iluminação do hangar vinha de candelabros líquidos. Eram banheiras de aço com o fundo de vidro, cheias de radiação fria e suave - um xarope espesso, branco e luminescente, que lançava sombras estranhas sobre as ondulações e irregularidades do teto de papelão.

O local era barulhento: ruídos industriais, zumbido constante de motores sob carga, trepidação e guinchos na tubulação. O ar quente e úmido tinha cheiro suave e agradável, como arroz cozinhando. Havia, às vezes, odores estranhos - ácidos, poeira com cheiro de lima. Uma alucinação de encanador: grandes torres de aço inoxidável com nervuras, de três andares, bases protuberantes cheias de outros tubos. Lâmpadas-piloto verdes e vermelhas, como urna árvore de Natal, brilhando como jóias baratas... Um bando de tripulantes com macacões brancos, de papel, lendo os instrumentos, inclinados sobre calhas longas, tampadas com vidro, com um mingau borbulhante dentro...

Seguiram Andrei escada abaixo. David observava tudo muito cuidadosamente e resmungava para seu aparelho.

- Por que não estão com uniformes iguais aos nossos? - perguntou Laura.

- *Nós* é que precisamos usá-los - respondeu Andrei. - Aqui embaixo é que é esterilizado. Nós é que temos bichinhos silvestres na pele - riu. - Não espirrem nem toquem nas coisas.

Desceram mais três lances de escada, ainda acima do casco, e tomaram outra passagem, que levava a escritórios com paredes de vidro que davam para a fábrica, a partir de uma plataforma de bambu.

Andrei levou-os para dentro. Os escritórios eram silenciosos e frescos, com ar filtrado e lâmpadas elétricas. Havia escrivaninhas, telefones, calendários, uma geladeira ao lado de caixas de Pepsi-Cola em lata. “Como um escritório nos Estados Unidos”, Laura pensou, olhando em volta. 'Talvez há vinte anos atrás...”

Uma porta em que se lia “Particular” abriu e um homem anglo-saxônico saiu. Estava usando uma bomba de aerossol. Virou-se e notou-os.

- Oh, Olá, Andrei...

- Alô. Sou Laura Webster, este é David, meu marido...

- Ah, são vocês! Onde está o bebê?

Diversamente de todos que haviam encontrado até então, o estranho usava

paletó e gravata. Era um paletó antigo, no brilhante estilo Taipan, que fora a grande moda dez anos antes.

- Não quiseram trazer a pequenina para cá, não é? Mas é perfeitamente seguro, não precisavam se preocupar - disse, olhando para eles; a luz se refletia em seus óculos. - Podem tirar essas máscaras, está tudo bem, aqui dentro... Estão gripados? Têm qualquer doença assim?

Laura puxou a máscara para debaixo do queixo.

- Não.

- Preciso pedir-lhes para não usar os... Banheiros. Está tudo interligado aqui embaixo, tudo isolado, vedado e reciclado. Água, oxigênio, tudo! Como uma estação espacial.

Sorriu.

- Este é o doutor Prentis - disse Andrei.

- Ah! - disse Prentis. - Sou uma espécie de chefio aqui embaixo, como devem ter adivinhado... Vocês são americanos, certo? Meu nome é Brian.

- Prazer, Brian - David ofereceu a mão. Prentis recuou.

- Lamento, isso também não é legal... Querem uma Pepsi? - Pôs o pulverizador sobre uma escrivaninha e abriu a geladeira. - Tenho *Doo-Dads*, *Twinkies*, carne seca...

- Ah, acabamos de comer... - David estava ouvindo alguma coisa na linha. - Obrigado, de qualquer modo.

- Tudo selado em plástico, tudo perfeitamente seguro! Fechado na caixa! Têm certeza que não querem nada? Laura? - Prentis abriu uma Pepsi. - Bem, vai sobrar para mim.

- Meu contato na linha - disse David. - Ela quer saber se você é o Brian Prentis que escreveu um trabalho sobre... Desculpe, não entendi bem, polissacarídeos de alguma coisa.

Prentis assentiu com a cabeça.

- Sim, eu escrevi isso.

- A recepção tem algum ruído, aqui embaixo - desculpou-se David.

- Na *Ohio State University*, há muito tempo atrás - respondeu Prentis.

- Quem é essa pessoa? Alguém da Rizome, certo?

- Professora Millie Syers, pesquisadora da Rizome na *North Caroline State University*...

- Nunca ouvi falar - disse Prentis. - Então! O que há de novo em nosso Estado? E o show humorístico *Los Angeles ao* Vivo? Nunca perco um episódio.

- Dizem que é muito engraçado - disse Laura. Ela nunca tinha assistido ao programa.

- Os caras que fazem os *Breadhead Brothers*, me matam de rir... Sabem, temos de tudo, aqui em baixo. Qualquer coisa que esteja na Rede, não só dos Estados Unidos! Aquelas companhias de tevê a cabo do continente, eles cortam muita coisa. Coisas

exóticas, do Brasil... - piscou. - Aquelas coisas japonesas... Puxa!

- Pornografia não é mais tão bem recebida quanto antes - objetou Laura

- Sim, eles são mais moralistas - concordou Prentis. - Não concordo com isso. Acredito numa abertura total... Honestidade, sabe? As pessoas não deviam passar a vida com viseiras.

- Pode dizer-nos o que faz aqui? - quis saber Laura.

- Mas claro. Usamos *E. coli* auxotrófica. São auxótrofos homossséricos, principalmente, se bem que usamos dupla auxotrofia quando tentamos alguma coisa mais difícil... Os fermentadores, os reatores de torre, têm *Saccharomyces*... E uma linhagem comum. *Copyright* de proteína, nada muito avançado, somente tecnologia de *scop*, consagrada pelo uso. Com oitenta por cento de capacidade, bombeamos quinze toneladas por instalação por dia, peso seco... Claro que não a deixamos bruta. Fazemos muito do que eles chamam de "maquilagem", para dar sabor.

Prentis foi para uma das janelas.

- Aquelas calhas menores são para dar sabor. Textura, flavorização, fermentação secundária... - disse, sorrindo para Laura. - As coisas normais que qualquer dona-de-casa poderia fazer no conforto de sua própria cozinha! Batedeiras, microondas, liquidificadores, só que em escala maior. E tudo.

Prentis olhou para David e, depois, para longe; os óculos escuros deixavam-no incomodado. Olhou para Laura, prestando atenção em seu decote.

- Na verdade, não é tão novo. Se já comeu pão, queijo ou cerveja, já comeu leveduras e fungos. Tudo isso: *tofu*, molho de soja; vocês ficariam surpresos se soubessem o que é preciso para fazer molho de soja. Acreditem ou não, é muito mais seguro que o chamado alimento natural. Verduras frescas!

- Prentis falou alto, dando risada. - Estão cheias de venenos naturais! Há casos registrados em que as pessoas morreram simplesmente porque comeram batatas!

- Ei - disse David -, você está ensinando o padre nosso para o vigário, amigo.

Laura virou-se para as janelas.

- Isso não é novidade para nós, doutor Prentis. A Rizome tem uma divisão de alimento sintético... Fiz um trabalho de relações públicas para eles, certa vez.

- Mas isso é bom, é muito bom! - disse Prentis, concordando, surpreendido. - As pessoas têm, sabem, preconceitos absurdos... Sobre "comer micróbios".

- Talvez tivessem, anos atrás - respondeu Laura -, mas agora, é mais diferença de classe social. E coisa para gente pobre. Alimento para gado.

Andrei cruzou os braços.

- Idéia burguesa norte-americana...

- Bem, há um problema de marketing - retomou Laura -, mas concordo com você. A Rizome não vê nada de errado em alimentar os que têm fome. Temos alguma prática nesse campo e é o tipo de transferência de tecnologia que poderia ajudar muito uma indústria em desenvolvimento. Ouvi seu discurso, lá em cima, Andrei, e há muita coisa comum entre nós, mais do que você poderia imaginar.

David concordou.

- Há um jogo, nos Estados Unidos, chamado Governo Mundial. Eu jogo muito, é muito popular... A tecnologia de proteínas, como esta, é uma das principais ferramentas para garantir a estabilidade do mundo. Sem ela há tumultos, as cidades decaem, os governos são depostos... E não é só na África.

- Aqui, trata-se de trabalho. Não é um jogo.

- Não fazemos essa distinção - disse David, seriamente. - Não temos "trabalho" na Rizome. Só coisas a fazer e pessoas para fazê-las - sorriu, sentindo-se vencedor. - Para nós, brincar é aprender... Você joga Governo Mundial e aprende que não pode ficar sentado e deixar as coisas se estragarem. Não se pode pegar um salário, fazer lucro, ser peso morto dentro do sistema. Na Rizome sabemos disso. Aliás, foi por isso que viemos para Granada - virou-se para Prentis. - Tenho uma cópia em meu equipamento. Chame-me, posso transmitir para você. Para você também, Andrei.

Prentis torceu o nariz.

- Posso acessar o banco daqui, David... Jogos de computador, têm uns duzentos mil arquivados, de todos os tipos, em todas as línguas...

- Pirateados? - perguntou Laura. Prentis ignorou-a.

- Mas Governo Mundial... Vou dar uma olhada, pode ser divertido. Gosto de ficar atualizado...

David tocou seu fone de ouvido.

- Há quanto tempo está em Granada, doutor Prentis?

- Dez anos e quatro meses. Com um trabalho muito compensador - respondeu, apontando a maquinaria. - Olhe para isso e pode pensar: instalação de segunda, improvisada... Mas temos algo que nunca vão ter, no continente. Temos o verdadeiro espírito empresarial...

Prentis foi para trás da escrivaninha e abriu uma gaveta, com força.

Começou a empilhar coisas sobre o tampo da mesa; limpador de cachimbo, facas *X-acto,* lente de aumento, uma pilha de fitas cassetes, presas com um elástico.

- Podemos enfrentar qualquer coisa, aqui, virar de cabeça para baixo, olhar de qualquer ângulo... Pode-se analisar, discutir... Os rapazes do dinheiro, aqui, não gostam daqueles outros, do continente, confiam em você. E como uma verba em aberto, só que melhor. Temos a verdadeira liberdade intelectual...

Mais cacarecos sobre a mesa; carimbos, pesos para papel; modelos de moléculas...

- E sabem festejar, também! Talvez não acredite, ao ver os chefes lá no convés, mas também nunca viu o Carnaval em Granada... Viram verdadeiros macacos! Eles sabem se acabar... Aqui está - disse, mostrando um tubo de plástico sem nada escrito; parecia creme dental. - Isto é muito bom!

- O que é? - perguntou David.

- O quê? Apenas a maior loção para bronzear que já fabricamos, é isso! -

respondeu, jogando o tubo para David. - Inventamos isso aqui em Granada, mesmo. Não é apenas filtro solar e emoliente, que só revestem a epiderme. Isto aqui entra nas células, muda a estrutura das reações...

David abriu a tampa. Um cheiro forte de menta encheu a sala.

- Ufa! Tampou de novo.

- Não. Fique com ela. David pôs o tubo no bolso.

- Nunca vi isso no mercado.

- Mas claro que não viu. Sabe por quê? Porque os federais ianques o recusaram, foi por isso. "Risco mutágeno", "carcinogênico". Uma ova, meu irmão! - gritou, fechando a gaveta violentamente. - Luz solar pura! Isso é um risco *real* de câncer. Mas não, isso eles deixam passar, não é? Porque é "natural" - desdenhou. - Claro, se você usar essa loção todos os dias durante quarenta anos, talvez fique com um problema. Ou talvez já tenha úlcera gástrica, de tanto beber! Isso pode arruinar você de alto a baixo, mas eles não proíbem bebida, não é? Malditos hipócritas.

- Entendo seu ponto de vista - respondeu Laura -, mas veja o que foi feito com os cigarros. Álcool também é uma droga e as atitudes das pessoas...

Prentis empertigou-se.

- Não me venha com essa! Drogas? Olhou para Andrei.

- O *Charles Nogues é* um navio de alimentos - interveio Andrei. - Já disse antes.

- Não fabrico drogas! - disse Prentis. - Acredita nisso?

- Claro - disse David, surpreso.

- As pessoas vêm aqui embaixo e tentam alguma coisa comigo - queixou-se Prentis. - Elas dizem: "Ei, Brian, amigo, aposto que você tem toneladas de *syncoke;* guarde algumas colherinhas pra nós, hein? - encarou os outros. - Muito bem: estou fora disso. Totalmente.

Laura piscou.

- Não estamos tentando dizer que... Prentis esticou o dedo para David, raivoso.

- Vejam, ele está escutando. O que estão-lhe contando pela Rede, hein? Tudo a meu respeito, aposto. Jesus Cristo!

Levantou-se da escrivaninha

- Eles nunca se esquecem, não é? Claro, sou famoso! Eu fiz aquilo. O processo Prentis de polissacarídeos. Homem, eu fiz milhões para a Biogen. E também me acertaram com aquelas proteínas quentes... - levantou o polegar e o indicador. - Eu estava assim do Prêmio Nobel, quem sabe? Mas eram bioativos vivos. Segurança tipo três. Então me fizeram mijar numa xícara - olhou para Laura. - Sabe o que quero dizer.

- Testes de dopagem - disse Laura - como se faz com os pilotos...

- E eu tinha uma namorada - Prentis falou devagar. - Como um fio de alta voltagem. Não uma dessas da Deusa, mas uma garota de programa... Ela disse: "Brian, você vai se sair bem, depois de algum estímulo." Ela tinha razão! - limpou os óculos. - Droga, ela foi a melhor diversão que já tive!

- Lamento - disse Laura, no súbito silêncio embaraçado que se seguiu. - Eles o despediram?

- Não de início. Mas tiraram de mim tudo o que era importante. Quiseram me entregar para os psicólogos... Um laboratório como aquele é como um convento, porque, se você foge, sabe, se foge com um pouco de geléia no bolso... Geléia perigosa... Geléia *patenteada.*

- Sim, é duro mesmo - disse David. - Acho que eles dirigem toda sua vida social.

- Bem, não passam de idiotas - Prentis continuou, agora mais calmo. - Caras com imaginação... Visionários... precisamos de espaço vital. Espaço para relaxar. Uma organização como a Biogen acaba cheia de burocratas. Robôs. Por isso não estão chegando a lugar algum - recolocou os óculos e sentou-se sobre a escrivaninha, balançando os pés. - Uma conspiração, isso é o que é. Todas aquelas multinacionais da Rede, estão todas comprometidas umas com as outras. Mercado fechado, não existe competição de verdade. Por isso estão gordas e preguiçosas. Mas não é o que acontece aqui.

- Mas se é perigoso... - começou Laura.

- Perigoso? Diabo, vou mostrar-lhe o que é perigoso - animou-se. - Fique aqui, volto logo, vocês precisam ver. Todos deveriam ver.

Pulou da mesa e desapareceu no escritório dos fundos. Laura e David trocaram olhares desconcertados. Olharam para Andrei, que concordou com Prentis.

- Ele está certo, vocês sabem.

Prentis reapareceu. Estava brandindo uma cimitarra de quase um metro de comprimento.

- Jesus Cristo! - disse David.

- É de Cingapura - respondeu Prentis. - São fabricadas para o mercado do Terceiro Mundo. Já viu uma dessas? - sacudiu-a. David deu um passo atrás. - E um facão de mato - disse, impaciente. - Você é texano, certo? Já deve ter visto um facão de mato, antes.

- Já - respondeu David -, serve para desmatar...

Prentis desceu o facão. Atingiu a escrivaninha com um ruído agudo. O canto da mesa saiu voando e caiu, rodopiando.

A lâmina do facão atravessara facilmente a madeira. Cortou um triângulo de doze centímetros do tampo, incluindo duas seções das laterais e o fundo da gaveta. Prentis pegou a lasca e colocou-a sobre a mesa, como se fosse uma pirâmide.

- Sem rebarbas! Quer tentar, Dave?

- Não, obrigado. Prentis sorriu.

- Vá em frente! Posso supercolar logo depois. Faço isso o tempo todo. Tem certeza?

Estendeu o facão quase solto, com o braço estendido, e deixou cair, enterrando-

o um centímetro no tampo.

- Uma faca cruel - disse Prentis, limpando as mãos. - Talvez ache perigoso, mas ainda não viram nada. Sabe o que é isso? Tecnologia para camponeses, meu irmão. Agricultura de coivara. Sabe o que poderia fazer com o que sobrou das florestas tropicais do planeta? Vai transformar cada bóia-fria brasileiro num Paul Bunyan, é isso aí. A biotecnologia mais perigosa do mundo é um cara com uma cabra e um machado.

- Machado, o cacete! - vociferou David. - Essa coisa é um monstro! Não pode ser legal! - inclinou-se sobre a mesa e escaneou-a com seus óculos. - Nunca pensei nisso... Sei que usamos lâminas cerâmicas em máquinas-ferramenta... Mas dentro de indústrias, com normas de segurança! Não se pode vendê-las para qualquer um. Seria como vender lança-chamas para qualquer um!

Andrei manifestou-se.

- Não diga isso para a gente, David; diga para Cingapura. Eles são tecnocapitalistas radicais. Não se importam com florestas. Não têm florestas para perder...

Laura concordou.

- Não é lavoura, é destruição em massa. Isso precisa parar. Prentis concordou.

- Temos uma chance de acabar com isso, o que significaria colocar todo lavrador do mundo para fora do negócio. E. O velho “senhor lavrador” e sua esposa, e seu milhão de filhos. Estão devorando o planeta vivo.

Prentis enfiou a mão casualmente pelo buraco da mesa e puxou um tubo de cola.

- Isso é tudo o que importa. Claro, talvez tenhamos cozinhado algumas drogas, em Granada, liberado alguns programas, mas era só para ter o capital inicial. Fabricamos alimentos. E abrimos empregos para fabricar alimentos. Está vendo aquela gente toda trabalhando lá embaixo? Você não os veria numa fábrica do continente. Do jeito que fazemos aqui, é trabalho intensivo. Gente que poderia ter sido camponesa, fazendo seu próprio alimento, para seu país, e não como esmola, jogada de algum avião por caridade, doado pelas nações ricas.

- Não fazemos objeção quanto a isso - alegou Laura.

- Mas claro que fazem - retrucou Prentis. - Não querem as coisas simples è baratas. Querem que elas sejam caras e controladas, totalmente seguras. Não querem camponeses e crianças em favelas com esse tipo de poderio tecnológico. Vocês têm medo disso - disse, apontando para o facão -, mas não podem ter as duas coisas ao mesmo tempo. Toda tecnologia é perigosa, mesmo sem peças móveis.

Um longo silêncio. Depois, Laura voltou-se para Andrei.

- Obrigada por trazer-nos aqui embaixo. Colocou-nos em contato com um problema genuíno.

Voltou-se para Prentis.

- Obrigada, Brian.

- De nada - respondeu Prentis, enquanto levantava os olhos esgazeados dos seios de Laura, que tentou sorrir para o cientista.

Prentis pousou o tubo de cola com cuidado.

- Querem visitar a fábrica?

- Gostaria muito - respondeu David.

Deixaram o escritório, recolocando as máscaras. Desceram e se misturaram aos operários. A turma não se parecia muito com "meninos de favela". Compunha-se principalmente de gente de meia-idade, em geral mulheres, que usavam redes nos cabelos; seus uniformes de papel tinham o brilho dos antigos sacos de padaria. Trabalhavam em turnos de 24 horas. Um terço do pessoal estava dormindo, em cubículos à prova de som, aglomerados debaixo do mural gigantesco, como mariscos de isopor.

Ajudado por Millie Syers, David fez perguntas pertinentes sobre o equipamento. Houve algum vazamento nos recipientes? Não. Problemas de azedamento? Só os refugos usuais, voltando ao estado silvestre. Bactérias processadas tendiam à reversão depois de milhões de gerações. E bichos silvestres não produziam - só comiam *goop* e cresciam. Deixados a multiplicar à custa dos bons, os reacionários logo tomavam tudo, de modo que eram escoimados dos tanques impiedosamente.

E o resto do *Charles Nogues*, além daquelas paredes estanques? Ora, o navio estava cheio de fábricas como esta, da proa à popa, todas com vedação de segurança para que não houvesse vazamentos. Muito bombeamento dos resíduos para cá e para lá entre essas unidades. Usavam as velhas bombas do navio-tanque, ainda em boas condições. Os sistemas de vedação do navio, feitos para impedir explosões de gás de petróleo, eram ideais para trabalho com risco biológico.

Laura interrogou algumas das mulheres. Estavam gostando do trabalho? Claro. Tinham todo tipo de vantagens, aumentos nos limites no cartão de crédito, quando superavam as cotas, ligações por tevê com suas famílias, recompensas especiais para receitas novas que tivessem sucesso... Não se sentiam sufocadas, lá embaixo? Mas claro que não, em comparação com as moradias apinhadas do governo, lá na ilha. Um mês inteiro de férias, também. Claro, cocava um bocado, quando aquela bactéria da pele voltava...

Passearam pela fábrica por uma hora, subindo por armações de bambu sobre as longarinas de reforço do casco, de dois metros. David falou com Prentis.

- Disse alguma coisa sobre os banheiros?

- Sim, desculpe. *AE. coli é* uma bactéria nativa dos intestinos... Se sair por aí, vamos ter muitos problemas.

David encolheu os ombros, embaraçado.

- A comida lá em cima estava boa, comi muito. Meus cumprimentos ao chefe.

- Obrigado - respondeu Prentis. David tocou seus óculos.

- Acho que esquadrinhei tudo... Se Atlanta tiver perguntas, podemos entrar em contato?

- Hum... - fez Prentis. Andrei interrompeu.

- Isso vai ser um pouco difícil, David. Mas não foi adiante.

David esqueceu e ofereceu a mão de novo. Quando saíram, puderam ver Prentis andando, pela janela do escritório, acionando sua bomba de inseticida. Voltaram pela mesma passagem. Andrei estava contente.

- Gostei de você ter conhecido o doutor Prentis. Ele é muito dedicado, mas sente falta de seus patrícios.

- Parece que lhe faltam alguns confortos - comentou David.

- É - disse Laura - Como uma namorada. Andrei surpreendeu-se.

- Ora, o doutor Prentis é casado. Com uma operária granadina.

- Ah - disse Laura, sentindo a gafe. - Deve ser maravilhoso... E você, Andrei, se casou?

- Só com o movimento - respondeu Andrei. Não estava brincando.

O sol estava se pondo, quando voltaram à casa cercada. Havia sido um longo dia

- Você deve estar cansada, Carlotta - disse Laura, enquanto saíam, com alguma dificuldade, do triciclo. - Por que não entra e janta conosco?

- Gentil de sua parte - disse Carlotta, sorrindo com toda gentileza Seus olhos brilharam e seu rosto enrubesceu um pouco. - Mas não posso, esta noite. Tenho a comunhão.

- Tem certeza? - insistiu Laura. - Esta noite está bem, para nós.

- Poderei vir ainda, esta semana Poderia trazer meu namorado. Laura titubeou.

- Estarei testemunhando, então. Carlotta meneou a cabeça

- Não, não vai. Eu mesma ainda não testemunhei - disse, estendendo a mão, ainda sentada no banco do motorista, e dando um tapinha no cesto do nenê. - Tchau, pequenina. Tchau pra vocês todos. Eu telefono ou apareço.

Acelerou, atirando cascalho para todos os lados, e saiu pelo portão.

- Típico - comentou Laura.

Subiram até a varanda. David tirou seu cartão-chave.

- Bom “comunhão” parece importante...

- Não para Carlotta. Ela é uma vigarista. Quero dizer, sobre o banco. É uma jogada, não percebe? Vão nos dar um chá de cadeira neste casarão velho, em vez de deixarem apresentar meu caso. Vão chamar Carlotta para testemunhar primeiro, só para nos deixar esperando.

- E o que você acha?

- Claro. É por isso que Chacal nos levou para passear mais cedo - disse, seguindo o marido para dentro da mansão. - Estão trabalhando em cima da gente, David; isto tudo é parte de um plano. Aquele passeio, tudo... O que está cheirando tão bem?

Rita fizera o jantar enquanto esperava por eles. Carne de porco recheada com pimentão e salsa, *creole ratatouille*, pão feito na hora e, de sobremesa, suflê gelado com rum. A sala de jantar estava à luz de velas, com toalha nova e flores. Era

impossível recusar - não sem ofender Rita. Era alguém com quem eram forçados a dividir a casa, afinal... No mínimo tinham de experimentar alguma coisa, por educação... Depois daquele scop nojento, tudo era tão delicioso que até doía. Laura comeu como uma loba.

Nada de pratos para lavar. Os empregados limparam tudo, empilhando em carrinhos de pau-rosa. Trouxeram *brandy* e ofereceram charutos cubanos. Queriam levar o bebê, também; Laura não deixou.

Havia um estúdio, na parte de cima. Não era lá grande coisa Não tinha livros - apenas centenas de vídeos e discos velhos, de plástico. Ainda assim, foram para lá com o *brandy*. Parecia a coisa certa a fazer.

Muitas fotos emolduradas, nas paredes. Laura examinou-as, enquanto David investigava as fitas, curioso. Estava claro de quem se tratava: o velho senhor Gelli, o antigo proprietário. Era bochechudo, hiperativo, com um braço amigável sobre os ombros de gente do *show business* de *Las Vegas*, todos vagamente familiares - e repulsivos... Ali estava ele reverenciando um tipo estranho vestido de branco. Laura assustou-se, ao perceber que era o papa.

David colocou uma fita no aparelho, sentou-se no sofá - um monstro acolchoado demais, de veludo vermelho - e ligou a televisão com um controle remoto ultrapassado. Laura sentou-se junto dele.

- Achou alguma coisa interessante?

- Filmes de amadores, acho. Ele tinha muitos. Peguei o mais recente. Uma festa na mansão. Um bolo grande e feio na sala de jantar, *smorgasbord* transbordando com comida.

- Eu não devia ter comido tanto - disse Laura.

- Olha só o doido com chapeuzinho de papel - disse David. - Deve ser um cientista maluco, com certeza. Pode ver direito, Atlanta?

Uns guinchos fracos saíram do fone de ouvido de Laura; estava solto, dependurado. Sentia-se pouco à vontade por ter compartilhado o fone com Carlotta; era como compartilhar uma escova de dentes ou um... Bem, era melhor nem pensar naquilo.

- Por que não tira o seu, David? - disse, tirando seus óculos e os apontando para a porta, guardando-os contra intrusos. - Estamos seguros aqui, certo? Nada pior que o quarto.

- Bem... - David parou a fita e levantou-se. Apertou o botão do inter-comunicador, junto à porta. - Alô. Jimmy? Sim, quero que nos traga aquele relógio que está junto da cama. Agora mesmo. Obrigado - e voltou ao sofá.

- Não devia fazer isso.

- Dar ordens como se fossem escravos? Sim, eu sei. Muito não-Rizome. Mas tive umas idéias... Quero falar com o Departamento Pessoal amanhã...

Batida discreta na porta David pegou o relógio de Jimmy.

- Não, nada mais... Tá, vá em frente, traga a garrafa. Ligou seu fone de ouvido

no relógio.

- Que tal, Atlanta?

"Vocês poderiam apontar um aparelho para o televisor", disse o relógio, em voz alta. "Ficar olhando para aquela porta é uma chatice."

Laura não reconheceu a voz do cara; era algum rizoniano do turno da noite e já tinha desistido de saber quem era.

A fita continuava. David tinha tirado o som.

- Muitos anglo-saxônicos nessa festa - comentou David. - Sinto falta dos *rastafaris*.

Laura bebia seu *brandy*. Parecia envolver sua língua em ouro derretido.

- E - disse, sentindo o buquê da bebida. - Há muitas facções nesta i-lha, e não acho que se entendam muito bem. Há os revolucionários do movimento, os místicos do vodu, os da alta tecnologia, os da baixa tecnologia...

- Os pobres da rua, só procurando casa e comida...

Batidas na porta. O *brandy* chegara. David levou-o para o sofá.

- Sabe que poderiam estar nos envenenando com isto? - disse, enchendo os cálices de novo.

- Poderiam, mas senti-me pior quando deixei Loretta para trás com Carlotta. Ela tem sido tão boazinha que acho que Carlotta deu-lhe alguma pílula da felicidade... - comentou, jogando longe seus sapatos e encolhendo as pernas. - David, essa gente sabe o que está fazendo. Se quisessem nos envenenar, poderiam fazer com alguma coisa que nunca perceberíamos.

- É o que repetia para mim mesmo, enquanto comia o *ratatouille*.

Um milionário bêbado tinha abordado o cinegrafista e gritava, alegre, bem na frente da objetiva.

- Olha só o palhaço! Esqueci de mencionar a facção local de marginais vagabundos... - retomou David. - São precisos todos os tipos de gente para fazer um paraíso informático, acho.

- Não faz muito sentido - disse Laura, afundando com facilidade na meditação insinuada pelo *brandy*. - E como varrer uma praia depois de uma tempestade, com todo tipo de caco velho jogado nas praias douradas de Granada... Se reunir essa gente, talvez formem um grupo coeso, desde que atingiram um ponto sensível. Mas, fazendo muita pressão, derreterão e formarão um monstro. Estava pensando, hoje. Os velhos nazistas costumavam acreditar que a Terra era oca e em todo tipo de bobagem mística, mas seus trens eram sempre pontuais e sua polícia secreta era diabolicamente eficiente.

David pegou a mão da mulher e olhou-a com curiosidade.

- Está mesmo empenhada nesse negócio, não está?

- É importante, David. A coisa mais importante que já fiz. Pode acreditar que estou envolvida. Completamente.

- Notei que você estava um pouco tensa quando lhe passei a mão no elevador.

Ela riu.

- Estava nervosa... É bom relaxar aqui, só nós dois.

Na fita, um idiota de gravata borboleta estava cantando num palco improvisado e outro, de cabelo molhado, fazia gracinhas e contava piadas... A câmera continuava focalizando os homens da platéia. Grandes operadores rindo uns dos outros, com a jovialidade brincalhona dos grandes operadores rindo uns dos outros...

Passou o braço em volta de Laura. Pousara a cabeça em seu ombro.

"David não está encarando isto tão seriamente quanto eu", pensou ela. "Talvez porque não tenha estado no terraço com Winston Stubbs..." Cortou o pensamento desagradável e pegou mais *brandy*.

- Você deveria ter apanhado uma fita mais antiga. Talvez pudéssemos saber como era este lugar antes que o velho Gelli trouxesse seus decoradores.

- Não vi nosso amigo Gelli em nenhuma dessas fitas. Deve ser uma festa de seu sobrinho ou coisa assim... Opa!

O cenário mudara para junto da piscina. Era mais tarde. Uma festa de piscina, tarde da noite, muitas tochas, toalhas... Moças opulentas, só de tanga.

- Pela vaca sagrada! - disse David, fazendo voz de palhaço. - Mulher pelada! Homem, esse cara sabia mesmo viver!

Uma multidão de moças seminuas bebericando, penteando o cabelo molhado com gestos longos e sensuais, cotovelos para fora. Deitadas, sonolentas ou totalmente adormecidas, como se estivessem se bronzeando à luz das tochas. De todas as cores, também.

- Que bom ver alguma gente de cor, finalmente - disse Laura, azeda.

- Essas meninas devem ter acabado com a festa; não sobrou lugar para os convidados.

- São putas?

- Devem ser.

Laura parou um pouco.

- Espero que isso não se transforme numa orgia ou coisa assim.

- Não vai. Olhe como o câmera acompanha os peitinhos. Não estaria tão excitado se soubesse que alguma coisa quente e da pesada aconteceria depois - comentou, com ar de conhecedor, pondo de lado seu copo vazio. - Olha, pode-se ver parte do velho jardim naquela cena.

Congelou a imagem. "Ei!" protestou o relógio.

- Desculpe - respondeu David.

A fita continuou. Os homens gostavam de ver mulheres assim: quadris balançando, estremecendo, toda aquela pele feminina colorida. Laura ficou pensando nisso, sob o efeito do *brandy*. A bebida não estava ajudando muito. Mas, a despeito de David estar fingindo não ligar, ela sentia que estava reagindo e, de alguma estranha maneira, ela mesma se sentia um pouco excitada.

Por um momento, ninguém os espionava, pensou, maliciosamente. Talvez se se

encolhessem no sofá e ficassem bem quietinhos...

Uma mulata com jóias nos tornozelos subira no trampolim. Foi até a ponta, inclinou-se graciosamente e ia tentar um mergulho de cabeça. Ensaiou por cinco longos segundos e pulou...

- Jesus Cristo! - disse David, congelando a imagem no meio do salto. Laura piscou.

- O que há de tão especial...

- Não nela, neném. Olhe.

Voltou a fita. A garota voou para trás e pousou sobre a prancha. Inclinou o corpo, até a cintura, andou para trás... David congelou de novo.

- Ali - apontou. - Na extrema direita, perto da água. E Gelli. Naquela espreguiçadeira.

Laura arregalou os olhos.

- E mesmo... Parece mais magro.

- Olhe como se movimenta..

A moça andou pela prancha.. A cabeça de Gelli vacilava Um movimento espasmódico, compulsivo. O queixo movia-se segundo um “8” e os olhos estavam fixos no nada. Parou de tremer, controlou-se, fazendo uma careta com o esforço. Sua mão subiu. Uma mão encarquilhada, como um feixe de gravetos, bem dobrada no pulso.

No primeiro plano, a moça mergulhou graciosamente, com as pernas esbeltas, bem retas, os dedos apontados, com se fosse uma ginasta. Atrás dela, Gelli tremeu, fazendo três tentativas de movimento no rosto, rapidamente, estremecendo, como uma coisa ritualizada. Então a moça saltou e a câmera foi em outra direção. Gelli desapareceu.

- O que havia de errado com ele? - sussurrou Laura. David estava pálido, lábios apertados.

- Não sei. Problema nervoso, obviamente.

- Mal de Parkinson?

- Pode ser. Ou alguma coisa que talvez nem tenha nome.

David desligou a televisão. Levantou-se e desligou o fone do relógio. Colocou os óculos, cuidadosamente.

- Vou responder a correspondência, Laura.

- Vou com você.

Laura demorou para conciliar o sono. Houve pesadelos, também.

Na manhã seguinte, inspecionaram os alicerces para verificar se havia rachaduras e cupins. Abriram todas as janelas, tomando nota dos vidros quebrados e dos batentes tortos. Verificaram se havia vigas empenadas e bolor no sótão, checaram as tábuas do assoalho da escada, a inclinação do piso, catalogaram o grande número de rachaduras e bolhas nas paredes.

Os empregados observavam cada vez com mais ansiedade. Na hora do almoço, tiveram uma pequena discussão. Jimmy, segundo transpirou, considerava-se o

“mordomo”, enquanto Rajiv era o “mestre de cerimônias” e Rita a “cozinheira” e “babá”. Não eram peões de obra. Para David, soava grotescamente antiquado; as coisas precisavam ser feitas, então por que não fazê-las? Qual era o problema?

Responderam com orgulho ferido. Eram empregados domésticos qualificados e não operários braçais das frentes do governo. Tinham certos lugares a preencher e certos trabalhos associados aqueles lugares. Todos sabiam disso. Sempre fora assim.

David riu. Disse-lhe que agiam como colonos do século XIX. E a tecnologia de ponta de Granada e sua revolução antiimperialista? Surpreendentemente, esse argumento não os comoveu. Bem, se não queriam ajudar, não era problema dele. Podiam pôr os pés para cima e ficar bebendo *pina colada*.

Ou mesmo poderiam assistir à televisão, como sugeriu Laura. Por acaso, tinha algumas fitas de recrutamento da Rizome, que poderiam explicar como a Rizome se posicionava em relação aquelas coisas...

Depois do almoço, Laura e David continuaram sua implacável inspeção. Subiram as torres, onde os criados tinham seus alojamentos. Os pisos estavam em péssimo estado, havia goteiras e os intercomunicadores estavam em curto. Antes de saírem, Laura e David propositalmente arrumaram as camas.

À tarde, David ficou se bronzeando no fundo seco da piscina. Laura brincava com o bebê. Depois, David checou o sistema elétrico, enquanto a mulher respondia a correspondência. O jantar foi, de novo, fantástico. Estavam cansados e recolheram-se cedo.

O banco os estava ignorando. De sua parte, devolveram o favor.

No dia seguinte, David pegou sua caixa de ferramentas. Fez disso um pequeno ritual inconsciente, como um duque inspecionando suas esmeraldas. A caixa pesava seis quilos, tinha o tamanho de uma valise grande e fora montada amorosamente por artífices da Rizome de Kyoto. Olhando o interior, com o brilho de cerâmica cromada e encaixes de espuma para arrumar tudo, podia-se ter uma imagem mental dos caras que a fizeram: sacerdotes zen do torno de bancada de túnicas brancas, caras que viviam de arroz integral e óleo de máquina...

Pé-de-cabra, alicates, maçarico de propano, solda, chave inglesa, broca telescópica, *ohmímetro*, descascador de fios, alicates de bico fino... Cabos de ébano estriado que podiam ser usados em chaves de fenda e verrumas... O conjunto de ferramentas de David era a coisa mais cara que tinham. Trabalharam no encanamento toda a manhã. Começaram pelo banheiro dos criados. Trabalho duro e sujo, muita coisa para se fazer deitado. Depois de seu culto ao sol, durante a tarde, David ficou do lado de fora da casa. Descobriu algumas ferramentas de jardinagem num barracão e atacou o jardim da frente, sem camisa e usando seus óculos. Laura percebeu que ele convencera os dois guardas do portão a ajudá-lo. Estavam podando os galhos secos, capinando e contando piadas.

Ela nada tinha a relatar para Atlanta, de modo que passou o tempo com

conversa mole. O que não era de surpreender: havia muitos conselhos gratuitos de todos os pontos cardeais. Vários idiotas exprimiam seu grave desapontamento por ainda não conhecerem um laboratório de drogas secreto de Granada.

Um programa gráfico da Rizome estava aparecendo como versão pirateada em Cuba - o banco estaria envolvido nisso? A Rizome entrara em contato com o governo polonês. Varsóvia dizia que Andrei Tarkovsky era operador do mercado negro, procurado por falsificar passaportes.

A campanha eleitoral da Rizome estava esquentando. Parecia que Suvendra estava chegando perto. Pereira - o senhor "Boa Gente" - tinha desempenho notavelmente bom.

David entrou para tomar banho antes do jantar.

- Pensei que você ia pegar fogo, lá fora.

- Não, não vou; cheire só. Era forte o cheiro de suor, misturado com um pouco de hortelã. Sua pele parecia coberta de óleo.

- Oh, Não! Não está usando aquela coisa do tubo, está?

- Mas claro - respondeu David, surpreso. - Prentis disse que era o melhor bronzeador. Não esperava que eu acreditasse sem experimentar, não é? - examinou os braços. - Usei ontem, também. Juro que já estou mais escuro e não me queimei nem um pouquinho.

- David, você não tem jeito, mesmo... Ele apenas sorriu.

- Acho que hoje vou fumar um charuto, depois do jantar!

Foram jantar. Os criados ficaram perturbados com aquelas fitas de recrutamento. Queriam saber o quanto daquilo era verdade.

- Tudo - respondeu Laura, inocentemente.

Quando foram para a cama, ela pediu a Atlanta que lhe retransmitisse uma fita em japonês - histórias de mistério de Edogawa Rampo. David caiu no sono de imediato, acalentado por aqueles polissílabos sem significado. Laura ouvia, enquanto ia pegando no sono, deixando a gramática estrangeira mergulhar naqueles lugares onde o cérebro armazenava as línguas. Gostava do japonês direto e jornalístico de Rampo, nada de circunlóquios complicados e alusões enlouquecedoramente veladas...

Horas depois, estava acordada, no escuro. Gente falando inglês, depressa.

- Neném, acorde, novidades...

Emily Donato falou, em meio à escuridão: "Laura, sou eu."

Laura virou-se na cama de água, que sacudia para todos os lados. O quarto estava na penumbra e as cores eram cinzentas.

- Luzes, acender! - resmungou. Um forte brilho, no teto. Ela olhou para o relógio, de olhos semicerrados. Duas da madrugada. - O que há, Emily?

"Pegamos o ELCT", proclamou o relógio, na voz familiar de Emily. Laura sentiu uma pontada de dor de cabeça.

- Quê?

"O ELCT, Laura. Sabemos quem está por trás. Quem eles são de verdade. É

Molly."

- Ah, os terroristas.

Sobressalto e medo perpassaram por ela. Acordara.

- Molly? Molly quem?

"O governo de Molly", disse Emily.

- País do norte da África - disse David, de seu lado da cama. - República do Mali. Capital, Bamako; principal exportação, algodão; crescimento populacional, dois por cento. David, o jogador de Governo Mundial.

Mali. O nome soava apenas vagamente familiar.

- O que eles têm a ver com qualquer coisa?

"Estamos investigando. Mali é um daqueles países famintos do Saara, com governo militar; a coisa não anda bem por lá... O ELCT é o grupo de fachada deles. Recebemos esta informação de três fontes diferentes."

- De quem? - perguntou Laura

"Kymera, IG Farben e Departamento de Estado da Argélia."

- Parece bom - respondeu Laura. Confiava na *Kymera Corporation*. Os japoneses não faziam acusações levianas. - O que diz a polícia de Viena?

"Nada. Querem ficar de fora. Estão encobrindo alguma coisa, acho. Mali nunca assinou a Convenção de Viena... O Comitê Central se reúne amanhã. Vai chegar gente da Kymera e da Farben. Todos acham que a coisa fede."

- Que querem que façamos?

"Conte isso ao banco, quando derem seu testemunho. Não foi Cingapura que matou o homem deles. Muito menos o *Commerzbank*. Foi a polícia secreta de Mali."

- Jesus! - respondeu Mary. - Está bem...

"Vou remeter-lhe alguns dados de apoio, numa linha codificada... Boa noite, Laura; se ajuda saber, também estou acordada até tarde." Emily desligou.

- Uau! - Laura sacudiu a cabeça, para acordar de vez. - As coisas estão começando a acontecer... - virou-se para o marido. - Nossa!

- E... - disse David, estendendo um braço e o mostrando a ela. - Estou preto.

- David... Você ficou todo preto! - exclamou, puxando depressa o lençol e mostrando seu peito e abdome. Sentiu um arrepio na nuca. - David, o-lhe só! Sua pele está preta! Inteirinha!

- Está... Estava tomando sol pelado, na piscina - explicou, encolhendo submissamente os ombros pretos, que contrastavam bastante com o impecável travesseiro branco. - Lembra-se daquele marinheiro? Um cara preto, mas loiro, lá no *Charles Nogues!* Fiquei cismado quando vi...

Laura fechou os olhos, tentando lembrar.

- O negro loiro... Sim, mas pensei que ele tinha tingido o cabelo...

- O cabelo era natural, o que mudou foi a pele. Foi aquele bronzeador que Prentis me deu. Afeta o pigmento da pele, a melanina, acho. Está um pouco manchado

aqui no meu... púbis. Como se eu tivesse sardas muito escuras, grandes, manchas mesmo... Eu devia ter perguntado o que aconteceria.

- Está óbvio o que acontece, David. Deixa a pessoa preta!

Laura começou a rir, a mente apanhada entre o chocante e o ridículo. Ele parecia tão diferente...

- Você está bem, amor?

- Sinto-me bem - respondeu ele, friamente. - E você, como se sente a respeito disso?

- Deixe-me olhar para você... - olhou bem para o púbis do marido, e começou a soluçar de tanto rir. - Bem, não é tão engraçado, mas... David, você parece uma girafa - comparou, esfregando o ombro dele fortemente com o polegar. - Não sai, é como... Meu bem, desta vez, você conseguiu entrar numa fria.

- Isso é revolucionário - respondeu ele, sério. Os dois começaram a gargalhar.

- Estou falando sério, Laura. Você pode ficar preta com o conteúdo de um tubo. Não vê o que significa?

Ela mordeu os nós dos dedos, até se controlar de novo.

- David, as pessoas não querem se arriscar a um câncer de pele só para ficarem pretas.

- E por que não? Eu ficaria. A gente vive sob o sol forte do Texas. Todos os texanos deveriam ser pretos. Naquele tipo de clima, é melhor. Nada mais sensato.

Ela ficou olhando para ele, mordendo o lábio.

- Mas isso é muito... Muito esquisito. Você não é preto de verdade. Você tem nariz e boca anglo-saxônicos. Olhe, tem uma mancha na orelha que você ainda não viu!

Gritou de tanto rir.

- Pare com isso, Laura, está me deixando louco - pediu David, ajeitan-do-se na cama. - Está certo, talvez eu não pareça um preto, olhando de perto, mas no meio de uma multidão, sou um preto. Ou num carro. Ou andando pela rua. Ou num comício. Isso poderia mudar tudo.

A animação dele surpreendeu-a.

- Nem tanto, David. O diretor-presidente da Rizome é preto. Os Estados Unidos já tiveram um presidente preto.

- Bobagens, Laura, não finja que o racismo é uma questão morta. Por que acha que a África está naquela tremenda confusão? Esses granadinos realmente descobriram uma coisa importante! Já tinha ouvido alguma coisa assim, mas do jeito que foi descrita, era como uma experiência maluca... Mas é tão fácil! Imagino o quanto fabricaram. Quilos? Toneladas?

Os olhos de David estavam cheios do fogo visionário.

- Vou chegar para um cara do Terceiro Mundo e dizer: “Alô! Sou um explorador imperialista branco americano e sou preto como um ás de espadas, compadre!” E a maior coisa de que já vi.

Laura preocupou-se.

- É só a cor. Não muda como você se sente a respeito de si mesmo, por dentro. Ou a maneira como age, tampouco.

- Uma ova! Até um novo corte de cabelo pode fazer muita diferença para a pessoa - reclinou-se contra o travesseiro, acomodando a cabeça. As axilas estavam manchadas. - Preciso usar mais.

Agora ele estava envolvido. Finalmente. Fora preciso algo muito estranho para despertá-lo, mas agora iria até o fim. Descobriu algo para aumentar sua adrenalina e estava correndo. Tinha de novo aquele olhar. Do jeito que era quando se casaram, quando estavam planejando o chalé juntos. Ela gostou.

Ela passou a mão pelo peito dele, admirando o contraste de seu braço es-belto contra suas costelas escuras.

- Parece bonito, David, mesmo... Fica-lhe bem... Acho que nunca lhe contei, mas sempre tive uma quedinha por homens pretos - beijou-lhe o ombro. - Eu conheci aquele cara, no colégio, ele e eu...

David de repente saltou da cama.

- Atlanta, quem está na linha?

"Hã? Meu nome é Nash, Thomas Nash; vocês não me conhecem."

- Tom, quero que dê uma olhadinha nisto.

David pegou seus óculos e dirigiu-os contra si mesmo, dos pés à cabeça.

- Que lhe parece?

"Hum, parece que há um probleminha de brilho, Rizome Granada. Você está pelado, certo?"

Laura esperou que David voltasse para a cama. Em vez de voltar, ele começou a chamar outras pessoas. Ela caiu no sono enquanto ele ainda discutia.

Capítulo 5

Eles estavam sob o piso da mansão, trabalhando com um macaco hidráulico, quando ouviram Chacal chamando: - Ei, você, *bwana blondiel* Tem de sair agora. Está na hora de entrar na dança... - rastejaram de volta para a luz do sol da tarde. Laura puxou a si mesma para fora, pelo buraco de ventilação do alicerce e ficou de pé.

- Alô, capitão.

Passou a mão pelo cabelo, tirando vários pedaços de teias de aranha.

David saiu rastejando, depois dela. Seus jeans e jaqueta estavam sujos de barro seco nos cotovelos e joelhos. Chacal Thompson sorriu para o rosto escuro de David.

- Namorando nativos, loirinha? Onde está o grande caçador branco?

- Muito engraçado - respondeu David.

Chacal levou-os de volta à ala oeste da mansão. Enquanto passavam debaixo das árvores *ylang-ylang* recém-podadas, David recolocou os óculos e pôs o fone de ouvido.

- Quem está na linha? O quê? Que diabo, tem lama em minhas lentes. Limpou-as com a barra da camisa, conscienciosamente.

Dois jipes militares estavam esperando no cascalho. Capotas de aço, verde-oliva, com janelas prateadas. Três milicianos uniformizados estavam sentados nos pára-choques, chatos e quadrados, bebericando refrigerantes em copos de papelão. Chacal deu um forte assobio: o guarda mais magro ficou em posição de sentido e abriu a porta. Um decalque colorido brilhava na porta: vermelho vivo, dourado e verde - a bandeira de Granada.

- Hora de confessar, senhora Webster. Estaremos prontos para partir assim que a senhora também estiver pronta

- Ela vai trocar de roupa... - disse David.

- Não, não vou precisar - interrompeu Laura. - Estou pronta a qualquer hora. A menos que seu banco pense que eu vá sujar os estofados.

Tirou seus óculos de um bolso abotoado da blusa. Chacal virou para David, apontando o segundo jipe.

- Temos um show turístico especial para você, hoje. Este outro jipe será sua escolta e vão levá-lo à praia. Temos algumas construções muito especiais. Você vai adorar, Dave.

- Tá - respondeu David -, mas primeiro preciso terminar um reforço debaixo da casa ou a cozinha vai desabar - abraçou Laura de repente, com força. - Parece que eu vou ficar com Loretta, hoje - cochichou no ouvido dela. - Boa sorte, neném. Dê duro neles.

Ela o beijou com força. Os soldados sorriram para eles.

Laura subiu no jipe, no assento do passageiro da frente. Um dos soldados subiu

atrás, seu fuzil de assalto fazendo barulho. Chacal dependurou-se do lado de fora. Tinha colocado óculos de cristal polarizado. Observou o céu cuidadosamente, protegendo os olhos com as duas mãos. Satisfeito, acomodou-se no assento do motorista e bateu a porta.

Chacal deu a partida com uma antiquada chave de ignição. Passou pelas curvas fechadas da propriedade a uma velocidade de arrepiar, dirigindo des-cuidadamente, com apenas uma de suas mãos escuras no volante. Laura agora entendia por que a cor de sua pele variava. Não era maquilagem, mas truques técnicos de camaleão, dentro das células. Muitas mudanças - talvez demasiadas. As lúnulas de suas unhas pareciam estranhamente amareladas. Também estivera roendo as unhas.

Sorriu para ela, à vontade. Dirigindo, parecia eufórico. Estimulantes, pensou Laura, contrariada.

- Você não está nada bem - exclamou Chacal. - Não acredito que não tenha pedido um tempo para colocar um pouco de ruge.

Laura tocou o rosto, involuntariamente.

- Quer dizer maquilagem de vídeo, capitão? Pensei que seria uma audiência fechada.

- Oh! - reagiu Chacal, surpreso com a formalidade dela. - Agora entendo. Enquanto a câmera não estiver olhando para você, pode andar por aí de qualquer jeito e se fazer de proletária, hein? - riu. - E se sua antiga colega de escola vir você assim? Aquela que se veste como uma *belle* sulina? Emily Donato?

- Emily é minha melhor amiga - disse Laura, cortante. - Já me viu muitas vezes pior do que isto.

Chacal ergueu as sobrancelhas. Falou mais descontraidamente.

- Já pensou, sobre essa Emily e seu marido? Ela o conhecia antes de você. Até o apresentou para você.

Laura controlou sua súbita raiva. Esperou um pouco.

- Você tem se divertido bastante, Chacal? Correndo descalço sobre minha vida pessoal? Aposto que isso lhe dá uma verdadeira sensação de poder, não? E como ralhar com esses guardas adolescentes dessa sua milícia de brinquedo.

Chacal olhou agressivamente pelo retrovisor. O guarda no assento traseiro fingiu não estar ouvindo.

Foram para o sul, pela estrada. O céu estava totalmente encoberto, os montinhos verdes formados pelas árvores, escuros e estranhos, nas encostas vulcânicas enevoadas.

- Acha que não sei o que pretende? - perguntou Chacal. -- Todo esse trabalho na casa? Sem pagamento. Só para causar impressão. Dando aos empregados fitas de propaganda.. Tentando comprar nossa gente.

- Um posto na Rizome não é suborno - respondeu Laura friamente. - Se trabalham conosco, merecem um lugar conosco - passaram por uma usina de açúcar abandonada. - E difícil para eles fazer nosso trabalho domésti- - co e à noite, serem

seus espiões domésticos.

Chacal encarou-a.

- Esses amaldiçoados óculos... - chiou, de repente.

- Atlanta, vou sair da linha - disse Laura.

Ela tirou seu aparelho e abriu o porta-luvas. Uma caixa de papelão de munição caiu sobre seu pé. Ignorou-a e enfiou os óculos lá dentro - alguém reclamava pelos fones - e bateu a portinhola de aço.

Chacal reclamou.

- Vai lhe causar problemas. E melhor colocar de volta.

- Dane-se. Vale a pena, só para ouvi-lo sem sotaque - sorriu para ele, sem graça. - Vamos lá, soldado. Conte. Não vou deixar que você me provoque o caminho todo até o banco, só para me sondar, ou seja lá o que for que pensa estar fazendo.

Chacal flexionou suas mãos musculosas sobre o volante.

- Não está com medo de ficar sozinha comigo? Agora está fora da Rede. Está sem ação, não é? - provocou, cutucando-a nas costelas, como que experimentando uma peça de carne. - E se eu estacionar ali no mato e fizer uma brincadeira de mau gosto com seu corpo?

- Jesus! - isso nunca ocorrera a ela. - Não sei, capitão. Acho que arrancaria fora seus malditos olhos.

- Puxa, que maldade! - disse Chacal, sem nem olhar para ela. Estava de olho na estrada, dirigindo depressa, mas sua mão direita, com inacreditável

rapidez, agarrou o pulso de Laura, com o som de um tapa. A mão dela ficou amortecida pela dor, que subia pelo braço.

- Tente soltar. Tente.

Ela fez força, sentindo de verdade o primeiro pulso do medo. Era como puxar uma morsa. Ele nem estremeceu. Chacal não parecia ser tão forte, mas seu braço marrom nu estava travado como ferro fundido. Era antinatural.

- Você está me machucando - disse, tentando ficar calma. Havia um pequeno tremor de ódio em sua voz.

Chacal riu, triunfante.

- Agora, escute-me, garota. Todo este tempo, você...

Laura mergulhou em seu assento e afundou o pé no freio. O jipe virou violentamente para um lado e para o outro; o soldado no assento de trás gritou. Chacal soltou-a, como se ela queimasse; suas mãos agarraram o volante com a velocidade do pânico. Fora de controle, passaram sobre vários buracos no acostamento. As cabeças bateram no teto duro. Dois segundos de caos sa-colejante. Depois, estavam de volta à estrada, ainda balançando um pouco.

Seguros. Chacal suspirou fundo.

Laura endireitou-se e esfregou o pulso, em silêncio.

Algo realmente desagradável acontecera entre eles. Ela não sentia mais medo,

se bem que os dois quase haviam morrido juntos. Não fizera idéia de que seria tão ruim - um jipe manual - mas conseguira safar-se. Por impulso. A raiva que fervera de repente, quando suas inibições desapareceram, sumiu com o olho de vidro da televisão da Rede.

Os dois agindo como bêbados furiosos, quando a Rede se fora.

Acabara, agora. O soldado - o rapaz - no assento de trás estava agarrando seu fuzil, em pânico. Não estivera sentindo a Rede - tudo era mistério para ele, aquela repentina lufada de violência, como um furacão. Apareceu sem razão, sumiu sem razão... Sequer sabia se já tinha acabado.

Chacal continuou dirigindo, os olhos voltados para a frente.

- Winston Stubbs - disse ele, por fim. - Era meu pai.

Laura meneou a cabeça. Chacal não lhe contaria isso sem motivo. Era a única maneira na qual ele sabia desculpar-se. A notícia não a surpreendeu muito, mas, por um momento, sentiu os olhos marejados. Reclinou-se contra o assento, relaxando, respirando. Precisava ser cuidadosa com ele. As pessoas deviam ser cuidadosas umas com as outras.

- Você devia ter sentir muito orgulho dele - disse ela, gentilmente, hesitante. - Ele era um homem especial - continuou, sem obter resposta. - Da maneira como ele olhava para você, eu sabia...

- Eu falhei para com ele - respondeu Chacal. - Eu era o guarda-costas dele e o inimigo o levou.

- Sabemos quem foi - contou Laura. - Não foi Cingapura. Foi um governo africano, a polícia secreta da República do Mali.

Chacal olhou para Laura como se ela tivesse enlouquecido. Seus óculos polarizados tinham pulado fora durante o quase acidente e seus olhos amarelados brilhavam como os de uma fuinha.

- Mali é um país *africano*.

- Qual a diferença?

- Estamos lutando pelo povo da África! Mali... Nem mesmo é um paraíso informático. O país é miserável. Não teriam motivo. Estão mentindo para você, para que repita isso.

- Sabemos que Mali é o ELCT. Chacal desdenhou.

- Qualquer um pode usar essa sigla. Estão pedindo dinheiro para ficar quietos e sabemos onde isso leva. A Cingapura - sacudiu a cabeça, lentamente. - A guerra está chegando, Laura Tempos muito ruins. Você nunca deveria ter vindo para esta ilha

- Precisávamos vir. Éramos testemunhas.

- Testemunhas - repetiu Chacal, com desprezo. - Sabemos o que aconteceu em Galveston, nunca precisamos de vocês para isso. Vocês são reféns, Laura. Você, seu marido, até mesmo seu bebê. Reféns da Rizome. Sua companhia está no meio e, se eles favorecerem Cingapura contra nós, o banco vai matar vocês.

Laura umedeceu os lábios e se endireitou no banco.

- Se chegarmos à guerra, muita gente inocente vai morrer.

- Fizeram você de trouxa. Sua companhia. Mandaram você para cá, sabendo de tudo!

- Guerras matam. David e eu não somos tão inocentes como outros. Ele virou a direção com força.

- Não está com medo, menina?

- E o senhor, está, capitão?

- Sou um soldado.

Laura forçou-se a encolher os ombros.

- O que significa isso numa guerra de terrorismo? Mataram um hóspede em minha casa. Na minha frente, na frente de minha filha Vou fazer o que puder para pegá-los. Sei que é perigoso.

- Você é uma inimiga corajosa.

Chacal passou para uma estrada secundária, por uma aldeia miserável cheia de poeira vermelha e de latas enferrujadas. Começaram a subir um morro no interior da ilha. O sol penetrou as nuvens por um momento e galhos bateram contra o pára-brisa.

De um curva muito fechada na encosta da montanha, Laura viu à distância a enseada da cidade colonial de Grand Roy - telhados antigos, vermelhos, pequenas colunas nas varandas, ladeiras. Uma plataforma de perfuração estava pousada sobre o mar, como uma aranha marciana.

- Você é uma idiota - disse Chacal. - Está tentando empurrar propaganda do que pensa, que todo mundo vai jogar limpo. Isto não é um shopping center ianque, onde pode vender a paz a todos, como Coca-Cola. Não vai funcionar... Mas não acho que deva morrer tentando. Não seria correto.

Deu algumas ordens. O miliciano mexeu-se atrás dele e passou para Laura uma jaqueta militar e um sobretudo preto, com capuz.

- Vista isso - disse Chacal.

- Está bem - concordou, Laura, pondo a volumosa jaqueta sobre sua blusa de operária. - Para que serve este roupão?

- E um *chador*. As mulheres muçulmanas usam isso. Muito modesto, mesmo... E vai esconder esse cabelo loiro.

Uma vez dentro daquele saco preto, ela sentiu um pouco do cheiro de sua dona anterior - cigarros aromatizados e *attar* de rosas.

- Não foi o Islamic Bank...

- Sabemos que foi o banco. Tem mandado aviões-espiões todos os dias, em vôos curtos de Trinidad. Sabemos qual fazenda estão usando, tudo. Temos nossas próprias fontes. Não precisamos que vocês nos contem nada - apontou com a cabeça para o porta-luvas. - Pode pôr sua televisão. Já disse tudo o que tinha para dizer.

- Não queremos ferir você ou sua gente. Só queremos seu bem...

- Pegue a televisão.

Ela pegou os óculos. Emily estava gritando em seu ouvido. “O que está fazendo? Está bem?”

- Estou bem, Emily. Me dá uma folga!

“Não seja idiota, Laura. Vai prejudicar nossa credibilidade nisso. Nada de negociações secretas! Causa má impressão. E como se eles estivessem ganhando você. Já está ruim o suficiente, sem ninguém pensando que você está negociando por trás do pano.”

- Vamos para o quartel Fedon - disse Chacal, em voz alta. - Estão ouvindo, aí em Atlanta? Julian Fedon era um negro francês. Viveu durante a Revolução Francesa e pregou direitos humanos. Os franceses contrabandearam armas e ele tomou fazendas, libertou os escravos e armou-os. Queimou os escravocratas na fogueira. Participou da luta armada quando chegaram os casacas vermelhas... O exército levou meses para invadir seu forte.

Chegaram a uma região de morros recortados - um deserto vulcânico. Um paraíso tropical salpicado com altas torres de vigia. De início, elas pare-

ciam inofensivas, como torres de caixas d'água. Mas as casamatas eram armadas, com metralhadoras saindo por fendas pequenas. Suas laterais estavam cheias de holofotes e bolhas de radar e o teto servia para o pouso de helicópteros. Os elevadores iam até o alto e mergulhavam na terra, sem porta visível.

Subiram o morro por uma estrada calçada com pedras duras e negras. Cascalho de escavações. Havia montes dessas pedras por todos os lugares, grandes rochedos, semi-escondidos debaixo de matagal denso, florido e cheio de pássaros...

O quartel Fedon era um novo tipo de fortaleza. Não havia sacos de areia, nenhum portão ou sentinela. Só as casamatas enfileiradas, surgindo mudas da terra verde como cogumelos mortais de cerâmica e aço. Torres vigiando uma à outra, vigiando as colinas, vigiando o céu.

“Túneis”, pensou Laura. “Devem haver túneis subterrâneos unindo aquelas torres mortais. E armazéns de munição.” Tudo subterrâneo, as torres destacando-se da superfície numa geometria de zonas de fogo estratégicas.

Que tal seria atacar aquele lugar? Laura podia imaginar o povo raivoso e faminto, com suas tochas patéticas e coquetéis molotov, correndo por entre as torres como ratos debaixo dos móveis. Incapazes de achar qualquer coisa do tamanho deles, qualquer coisa que pudessem tocar ou ferir, ficando assustados, com seus gritos tendo apenas o silêncio como resposta, começando a rastejar, em grupos sussurrantes, para a falsa proteção das pedras e das árvores. Enquanto isso, cada passo soaria tão alto quanto um tambor para os microfones escondidos e os corpos brilhariam como velas humanas no monitor infravermelho de algum artilheiro...

A estrada simplesmente acabava, numa clareira de dois mil metros quadrados de piso nu entremeado de grama. Chacal desligou o motor e pegou seus óculos. Olhou pelo pára-brisa.

- Ali, Laura. Está vendo? - disse, apontando para o céu. - Perto daquela nuvem

cinza, como uma cabeça de lobo...

Não conseguiu ver nada. Nem uma manchinha.

- Um avião-espião?

- Sim. Dali, eles podem contar nossos dentes, com uma teleobjetiva. E do tamanho certo, também... Muito pequeno para um míssil burro achar, e os mísseis inteligentes custam mais caro do que aquele avião.

- Ouviram um barulho ritmado acima deles. Laura apertou os olhos. Uma sombra esqueletal cruzou a clareira. Um helicóptero de carga estava flutuando acima deles.

Chacal saiu do jipe. Ela viu a sombra lançar uma corda e a ouviu bater no teto do jipe. Os ganchos foram fechados e Chacal subiu no jipe de novo. Num instante, estavam decolando, com jipe e tudo.

O chão afastou-se, rapidamente.

- Segure-se - disse Chacal. Parecia entediado. O helicóptero desceu-os sobre a torre mais próxima, sobre uma grande rede amarela. Os braços da rede rangeram, com molas pesadas, o jipe oscilando como um bêbado; depois os braços baixaram e eles puderam descer.

Laura saiu tremendo. O ar parecia como numa manhã no paraíso. Em volta deles, as encostas das montanhas, demasiado inclinadas para o cultivo de qualquer coisa; morros verdes cobertos de neblina cinza, como uma paisagem chinesa. As outras torres eram como aquela: topos cercados por parapei-tos baixos de cerâmica. Na torre mais próxima, a quarenta metros, soldados quase nus jogavam vôlei.

O helicóptero desceu ao lado, na marca preta de seu ponto de pouso. O deslocamento de ar do rotor despenteou o cabelo de Laura.

- Como é que vocês fazem durante os furacões? - gritou. Chacal pegou seu braço e levou-a para uma portinhola.

- Há outras maneiras de entrar, além dos helicópteros, mas você não precisa saber.

Com um gesto brusco, abriu as duas folhas da porta, revelando um pequeno lance de escadas, até um elevador.

“Espere”, veio a voz de um estranho no ouvido dela. “Não consigo lidar com vocês dois ao mesmo tempo e não sou arquiteto militar. Esta coisa junto ao mar é bem estranha... David, sabe de alguém na Rizome que conheça assuntos militares? E, acho que não... Laura, pode ganhar uns vinte minutos?”

Laura parou. Chacal se impacientou.

- Não vai ver muito, se é o que a detém. Vamos descer depressa.

- Outro elevador - Laura disse para Atlanta. - Vou sair da linha.

- Está ligado - reconfortou-a Chacal. - Eles sabiam que você viria. Desceram rapidamente seis andares. Saíram num túnel de pedra estriado, da largura de uma rodovia de duas pistas. Viu engradados militares, com dize-res em cirílico, do antigo

Pacto de Varsóvia. Grandes encerados sobre volumes estranhos de Deus-sabe-lá-o-quê. Chacal deu alguns passos à frente, com as mãos nos bolsos.

- Conhece o túnel do Canal da Mancha que une a Inglaterra à França? Era frio. Ela cruzou os braços por dentro das mangas largas do *chador*.

- Sim, e daí?

- Aprenderam muito sobre construção de túneis. Tudo em bases de dados abertas. Prático.

Aquelas palavras ecoavam estranhamente. As luzes do teto acendiam à medida que avançavam e apagavam-se atrás deles. Caminhavam pelo túnel debaixo de um foco de luz que os acompanhava.

- Já visitou a Linha Maginot?

- Que é isso?

- Grande linha de fortificações que os franceses escavaram, há noventa anos. Contra os alemães. Visitei uma vez. Winston levou-me lá - disse, ajeitando a boina. - Grandes cúpulas antigas de aço, enferrujando no meio de pastagens. Há túneis ferroviários por baixo. Às vezes, os turistas passeiam por lá - deu de ombros. - Só servem para isso. Este lugar também vai ficar assim, um dia.

- Que quer dizer?

- Os petroleiros são melhores. Eles se movem.

Laura acompanhou o passo do capitão. Estava assustada.

- Cheira mal, aqui, Chacal. Como nos petroleiros...

- E plástico das pistolas de arame. Dos exercícios de guerra. Se a pessoa é apanhada por uma dessas armas, há um cheiro estranho enquanto o plástico endurece. Depois, parece que você está embrulhado em arame farpado...

Ele estava mentindo. Havia laboratórios lá embaixo. Em algum lugar da escuridão. Ela sentia isso. Aquele ligeiro cheiro de ácido...

- Aqui é território de guerra - disse ele. - Quando os invasores vão nos pagar. Não que possamos detê-los, não mais do que Fedon fez. Mas vão pagar com sangue. Estes túneis estão cheios de coisas que pulam em cima de você, vindas do escuro... - soltou um muxoxo. - Não se preocupe, não vai ser com vocês, ianques. Os ianques não têm muita coragem, hoje em dia. Mas com seja-lá-quem-for. Babilônia.

- O homem. Chacal sorriu.

Os diretores do banco estavam esperando por ela. Estavam simplesmente ali, no túnel, debaixo de um foco de luz. Tinham uma longa mesa de reuniões retangular e algumas poltronas confortáveis de couro. Garrafas térmicas com café, cinzeiros, alguns terminais e lápis. Estavam conversando uns com os outros. Sorrindo. Pequenas fumarolas dos cigarros elevavam-se debaixo de luz.

Levantaram-se, quando a viram. Cinco homens negros. Quatro vestindo temos elegantes; um deles usava uniforme com estrelas nos ombros. Três sentaram-se à esquerda da mesa, dois à direita.

A poltrona na cabeceira da mesa estava vazia Também a outra em seu lado

direito. Chacal acompanhou-a até a cadeira no outro extremo da mesa.

O general falou.

- Isso é tudo, capitão.

Chacal fez continência e deu meia-volta. Ela ouviu suas botas marcando o passo, enquanto se afastava na escuridão.

- Bem-vinda a Granada, senhora Webster. Por favor, queira sentar-se.

Todos se sentaram, com rangidos de couro. Havia placas com seus nomes, premeditadamente viradas para ela. “Dr. Castleman”, “Sr. Rainey”, “Sr. Gould”, “Gen. Creft” e “Sr. Gelli”. O senhor Gelli era o mais jovem. Parecia ter quarenta anos; era italiano e sua pele estava preta. Os assentos vazios tinham placas, também: “Sr. Stubbs” e “Primeiro-ministro Eric Louison...”

- Meu nome é Gould - disse o anglo-saxônico atarracado de pele negra, cerca de 65 anos, vídeo-ruge e peruca eriçada. - Estou na qualidade de presidente desta comissão especial de inquérito, examinando as circunstâncias da morte de um cidadão granadino, o senhor Winston Stubbs. Não somos um tribunal e não podemos decidir sobre assuntos legais, se bem que podemos oferecer conselho e orientação ao primeiro-ministro. Sob a lei granadina, senhora Webster, não deveria responder a uma comissão especial como esta, mas o falso testemunho acarreta pena de perjúrio. O senhor Gelli vai administrar-lhe o juramento. Senhor Gelli?

Ele logo levantou-se e leu:

- Levante sua mão direita, por favor. A senhora jura solenemente, ou afirma...

- Sim - respondeu Laura.

Castleman era o mais estranho do grupo. Era extremamente balofo e tinha cabelos compridos, até os ombros, e barba rala; fumava uma cigarrilha que já estava no filtro. Seus olhos eram azuis e afastados um do outro. Com a mão esquerda, manipulava um pequeno teclado.

Rainey estava entediado. Remexia seu papel e tocava seu nariz preto anglo-saxônico, como se doesse. Tinha um brinco de esmeralda e um pesado bracelete de ouro. O general Creft parecia ser mesmo negro, se bem que sua pele mulata fosse a mais clara de todos. Seus olhos nunca piscavam, como os de um crocodilo, e com os nós dos dedos das mãos estavam machucados, como se fossem um brigão de rua. Mãos que estariam mais à vontade agarrando alicates ou uma mangueira de borracha

Interrogaram-na por hora e meia. Eram polidos e falavam em voz baixa. Gould foi o que mais falou, interrompendo-se para folhear suas notas. Rainey não se importava - a reunião aqui não era nada animada, para seu gosto; estaria mais contente pilotando lanchas velozes na frente da Guarda Costeira da Flórida.

Creft assumiu o centro das atenções quando lhe perguntaram sobre o avião-robô. Tinha um álbum cheio de fotos do Canadair CL-227 - o amendoim laranja equipado com a temível variedade de metralhadoras, lançadores de napalm, depósitos de gases... Ela apontou o modelo que mais parecia com o perfil de que se lembrava.

Creft passou-o silenciosamente para seus colegas. Todos concordaram...

Gelli não falou muito. Ele era o sócio mais jovem. O modelo antigo de Gelli obviamente não acompanhara o passar do tempo. Alguém o colocara fora da jogada...

Ela esperou pelo momento certo de revelar suas novidades sobre o ELCT. Chamou seu terminal na mansão, carregou as evidências que Emily lhe enviara e jogou tudo no colo deles. Examinaram tudo, com as interjeições convenientes. Castleman passou voando por tudo a 2400 bauds, seus olhos empapuçados devorando parágrafos inteiros de cada vez.

Eram todos muito bem educados. Estavam céticos. O presidente do Mali, um certo Moussa Diokité, era amigo pessoal do primeiro-ministro Louison. Os dois países compartilhavam laços fraternos e tinham planos para missões de intercâmbio cultural. Desgraçadamente, os planos de intercâmbio pacífico falharam por causa do constante estado de crise de todos os países saarianos. Mali nada tinha a ganhar com um ataque a Granada; estava desesperadamente empobrecido e arrasado por distúrbios civis.

A evidência também era ruim. Argélia e Mali tinham uma antiga disputa de fronteiras; o Departamento de Estado da Argélia seria capaz de dizer qualquer coisa. Quanto à IG Farben, sua lista das ações terroristas do ELCT no Chipre turco era impressionante e útil, mas nada provava. A Kymera Corporation estava paranóica, sempre culpando os estrangeiros pelas ações das *yaku-za,* gangues de criminosos do Japão. Culpar Mali era um vôo da imaginação, quando os cingapurianos eram claramente os agressores.

- Como sabe que foi Cingapura? - perguntou Laura. - Vocês podem provar que Cingapura matou o senhor Stubbs? Cingapura atacou o chalé da Rizome em Galveston? Se puderem provar isso, vocês terão jogado limpo, ao passo que o Islamic Bank terá quebrado o acordo. Prometo que então vou apoiar suas queixas de todas as maneiras que puder.

- Apreciamos sua posição - respondeu Gould. - Prova legal num homicídio cometido por controle remoto é, claro, um tanto difícil... A senhora já esteve em Cingapura?

- Não. A Rizome tem um escritório lá, mas...

- A senhora teve chance de ver o que fazemos aqui, em nossa ilha. Acho que a senhora deve entender agora, que não somos os monstros tais como somos pintados.

O rosto liso do general Creft enrugou-se, com brilho de presas. Estava sorrindo para ela - ou, ao menos tentava. Castleman mexeu-se, com um grunhido, e começou a tocar as teclas de funções.

- Uma viagem a Cingapura seria esclarecedora para a senhora - disse Gould. - Estaria interessada?

- Em que qualidade?

- Como nossa negociadora. Como representante do United Bank of Grenada - disse Gould, digitando algo em seu teclado. Observando o monitor, prosseguiu: - Deixe-me lembrar que a Rizome opera sob severas restrições legais. Muito

provavelmente, a Convenção de Viena vai encerrar inteiramente as investigações da Rizome - ergueu os olhos para ela. - A menos que junte-se a nós, senhora Webster, nunca vai saber quem a atacou. Vai ter de voltar a seu chalé metralhado sem nunca saber quem foi seu inimigo ou quando vai atacar de novo...

Foi a vez de Rainey. Tinha um sotaque da Flórida, antigo.

- Sei que sabe que temos muitas informações sobre a senhora e seu marido. Esta não é uma decisão súbita de nossa parte, senhora Webster. Conhecemos sua competência; vimos até seu trabalho naquela casa protegida onde hospedamos vocês - sorriu. - Gostamos de sua atitude. Em suma, acreditamos em vocês. Sabemos como tiveram de lutar, dentro da Rizome, para ter chance de construir seu chalé e colocar suas idéias em prática Conosco, não precisariam lutar. Sabemos deixar gente criativa fazendo seu trabalho em paz.

Laura tocou seu fone de ouvido. Silêncio total na linha.

- Vocês me cortaram da Rede.

Rainey espalmou as mãos, seu bracelete de ouro refletindo a luz.

- Parecia a coisa mais prudente a fazer.

- Querem que eu abandone minha companhia.

- "Abandonar"; que palavra feia! Queremos que se junte a nós. Seu marido, David, também. Prometemos um nível de apoio que poderia surpreendê-la - disse Rainey, fazendo um sinal com a cabeça para o monitor à frente de Laura, onde uma planilha financeira estava aparecendo. - Claro, sabemos de seu valor financeiro pessoal. Ficamos admirados ao saber que vocês, sem a Rizome, não possuem quase nada! Claro, vocês têm as ações, mas as coisas que construíram não pertencem a vocês; só tomam conta delas para a empresa. Já conheci encanadores com salários maiores que os seus! Mas as coisas são diferentes, aqui. Sabemos ser generosos.

- Parecem gostar da casa da fazenda - interveio Gould. - E sua. Poderíamos passar a escritura hoje mesmo. Podem contratar seus empregados, claro. Transporte não é problema: vamos colocar um helicóptero, com piloto, a sua disposição. Posso assegurar-lhe que estarão mais protegidos sob a segurança do banco do que jamais poderiam estar nos Estados Unidos.

Laura observou o monitor a sua frente. Foi um choque: estavam falando de *milhões* - milhões de rublos granadinos, claro. Dinheiro engraçado.

- Não tenho nada a oferecer que valha tanto.

- Temos uma imagem pública infeliz - disse Gould, triste. - Voltamos nossas costas para a Rede e fomos tidos como bandidos. Reparar esse mal valeria seu emprego a longo prazo, senhora Webster. É adequado a suas habilidades. A curto prazo, temos de tratar da crise de Cingapura. Não há caso de amor entre nós e nosso concorrente, mas uma guerra aberta não serve a nenhum dos dois. E a senhora é a candidata perfeita para ser portadora de uma proposta de paz.

- Claro como água - murmurou Castleman, que contemplava a superfície

brilhante de sua caixa de cigarrilhas, de ouro. Abriu-a e acendeu outra.

- A senhora tem uma credibilidade com Cingapura que falta até mesmo a nossos embaixadores - disse Gould. Um traço de irritação perpassou por seu rosto, com a indiscrição de Castleman.

- Não poderei dar uma resposta sem consultar minha empresa. E meu marido.

- Seu marido parece gostar da idéia - respondeu Gould. - Claro que já tocamos no assunto com ele. Isso mudaria seu modo de pensar?

- Minha empresa não deve ter gostado nada de vocês terem cortado a linha. Não foi esse nosso acordo.

- Não a cortamos, exatamente - disse Castleman. - A linha ainda está ligada, mas estamos transmitindo uma simulação... - seus dedos gorduchos estalaram no ar. - Um trabalho gráfico fácil; sem pano de fundo, só luz, escuridão, uma mesa e cabeças falando. Nada disso existe, como vê. Não temos existido, há algum tempo.

Gelli riu nervosamente.

- Então vou encerrar esta reunião de nossa comissão de investigação - disse Gould. - Você poderia ter-me contado, Castleman.

- Lamento.

- Quero dizer que teria encerrado a investigação oficialmente, mesmo antes de sairmos da linha para esta tentativa de recrutamento.

- Lamento mesmo, Gould - disse Castleman. - Sabe que não tenho a mesma opinião sobre este tipo de coisa.

- Mas, agora, podemos raciocinar juntos - alegou Rainey, com ar de alívio. Inclinou-se e pegou algo debaixo da mesa. Reapareceu segurando um narguilé rastafariano de bambu, com um recipiente de chifre, enegrecido pela resina queimada. Parecia ter mil anos, mumificado em tiras de couro e contas dependuradas. - Sua excelência quer juntar-se a nós?

- Vou desligar - disse Castleman. Rapidamente digitou algo em seu teclado. As luzes atenuaram-se até a penumbra suave.

Rainey jogou uma sacola de couro sobre a mesa e abriu seu cordão com um ruído de sopro.

- Puxa vida! - exultou, tirando de lá um pouco de maconha. Começou a encher o forninho com gestos hábeis e rápidos.

O primeiro-ministro estava sentado à cabeceira da mesa. Era um homem negro de baixa estatura, com óculos escuros e jaqueta militar de colarinho alto. Tinha surgido do nada.

- Bem-vinda a Granada - disse ele. Laura ficou olhando.

- Por favor, não fique alarmada, senhora Webster - disse o primeiro-ministro Louison. - Este não é um procedimento formal. Muitas vezes raciocinamos juntos desta maneira. O sacramento da meditação.

Rainey empurrou o narguilé sobre a mesa. Louison apanhou-o e usou um acendedor cromado, tirando ruidosas baforadas. A maconha se acendeu com um chiado

raivoso e chamas azuladas dançaram no forninho.

- Queimem o papa! - disse o general Creft.

A cabeça de Louison estava envolvida em fumaça. Soprou uma baforada para a direita, por sobre a cadeira vazia de Stubbs.

- Em memória de um bom amigo.

Passou o tubo a Rainey, que aspirou ruidosamente; o narguilé borbulhou.

- Fogo e água - disse ele, passando para Gelli.

Gelli apanhou-o entusiasticamente e acomodou-se em sua poltrona. Empurrou para Laura.

- Não se assuste - falou. - Nada disto está acontecendo, de verdade. Laura passou o tubo para o general Creft. O ar estava ficando azulado com a fumaça adocicada. Creft tragou e soprou fortemente. Laura estava sentada, tensa, na beirada da cadeira.

- Lamento não poder juntar-me a sua cerimônia. Eu ficaria desacreditada como negociadora aos olhos de minha empresa.

Rainey caiu na gargalhada. Todos riram à volta da mesa.

- Eles não vão ficar sabendo - disse Gelli.

- Eles não vão entender - falou Castleman, ainda soprando fumaça

- Nem vão acreditar - completou Gould.

O primeiro-ministro inclinou-se para a frente, os óculos brilhando. Suas medalhas cintilavam.

- Alguns homens negociam com informação - disse para Laura - e outros com a verdade. Mas alguns negociam com magia. A informação flui em torno deles. A verdade flui para você. Mas a magia... Flui *através* de você.

- Isso é um truque - disse Laura, segurando a borda da mesa. - Vocês querem que eu me junte a vocês. Como posso confiar em vocês? Eu não sou mágica...

- Sabemos o que você é - disse Gould, como se falasse com uma criança. - Sabemos tudo a seu respeito. Você, sua Rizome, sua Rede. Acha que seu mundo abrange o nosso. Mas não é assim. Seu mundo é um subcon-

junto do *nosso* - golpeou a mesa *com* a *mão* aberta; o barulho foi o de um tiro. - Vê, sabemos tudo a seu respeito. Mas você *não sabe nada* sobre nós.

- Você tem uma piada, talvez - falou Rainey. Estava recostado em sua poltrona, examinando as pontas dos dedos, com os olhos semicerrados e o rosto vermelho. - Mas você nunca vai ver o futuro, o futuro de *verdade,* até que aprenda a abrir sua mente. Contemplar todos os níveis...

- Todos os níveis debaixo do mundo - continuou Casfleman. - Truques, como você chama. A realidade nada mais é senão níveis e mais níveis de truques. Tire esses estúpidos óculos escuros e poderemos mostrar-lhe... Muitas coisas.

Laura pôs-se de pé num pulo.

- Coloquem-me de volta na Rede! Não têm o direito de fazer isso. Ponham-me

de volta, agora!

O primeiro-ministro riu. Uma risadinha seca. Colocou o tubo fumegante sobre a mesa. Recostou-se, ergueu ambas as mãos teatralmente e sumiu.

Os diretores do banco levantaram-se junto com ele, empurrando suas poltronas para trás. Estavam rindo e sacudindo as cabeças. Ignoravam-na.

Saíram juntos, devagar, rindo, murmurando, rumo à escuridão do túnel, deixando Laura só, debaixo do foco de luz, com os monitores acesos e as canecas de café a esfriar. Castleman esquecera a cigarreira...

"Oh, meu Deus", veio uma voz suave em seu ouvido. 'Todos desapareceram! Laura, ainda está aí? Está bem?"

Laura sentiu seus joelhos dobrarem. Ela deixou-se cair para trás, em sua poltrona.

- Debra, é você?

"Sim, querida. Como é que eles fizeram isso?"

- Não tenho certeza - respondeu.

Sentia a garganta seca como uma lixa. Serviu-se de um pouco de café, tremendo de nervosismo, sem se importar com o que poderia estar misturado na bebida.

- O que você viu, exatamente? O que eles fizeram?

"Bem... Parecia uma discussão bem razoável... Disseram que apreciavam sua mediação e que não nos culpavam pela morte de Stubbs. Depois, repentinamente, isto: você, sozinha. Num momento, estavam sentados, falando, e no seguinte, as poltronas estavam vazias e o ar cheio de fumaça. Como um efeito especial de vídeo. Foi isso o que você viu, Laura?"

- Um efeito especial - repetiu Laura, engolindo o café quente. - E... Eles é que escolheram este lugar para a reunião, não? Estou certo que o prepararam de alguma forma.

Debra riu, calma.

"Claro. Conseguiram assustar-me... Por um momento receei que você me diria que eles eram todos *personas optimas*. Ha, ha. Que truque barato." Laura pousou sua caneca, lentamente.

- Como foi que eu me saí?

"Oh, muito bem, querida. Era bem seu modo de ser. Ofereci algumas sugestões menores, na linha, mas você pareceu distraída... O que não era de surpreender, numa reunião tão importante... De qualquer jeito, agiu bem."

- Ah, muito bem - dirigiu o olhar para cima. - Tenho certeza que, se pudesse alcançar o teto e espiar em torno daquelas luzes, acharia hologramas ou coisa assim.

"Por que perder tempo?" Debra riu. "E estragar o inofensivo toque dramático deles... Notei que David também passou algumas horas muito interessantes... Tentaram recrutá-lo! Esperávamos por isso."

- O que foi que ele disse?

"Foi muito educado. Saiu-se bem, também." Ouviu passos. Chacal surgiu da

escuridão.

- E então? Aqui está você falando para o ar, de novo - esparramou-se descuidadamente sobre a poltrona de Gelli. - Está bem? Está meio pálida - espiou curioso, para um dos monitores. - Deram-lhe um suadouro?

- São durões, seus chefes.

- Bem, este é um mundo duro. Deve estar querendo voltar para seu bebê... O jipe está esperando, lá no telhado... Vamos embora.

A descida da torre, oscilando para todos os lados, mexeu com o estômago de Laura. Sentia-se verde, enquanto desciam a estrada cheia de curvas, rumo à praia. Chacal dirigia muito depressa. Os morros inclinados e românticos sacudiam e mergulhavam com os solavancos, como um cenário barato.

- Devagar - disse ela - senão vou vomitar. Chacal alarmou-se.

- Por que não me avisou? Vamos parar - e saiu da estrada, saeolejan-do, até a sombra de algumas árvores. Desligou o motor. - Fique aqui - ordenou ao soldado.

Ajudou Laura a sair. Ela pendurou-se no braço de Chacal.

- Se eu pudesse andar um pouco.

Chacal conduziu-a para longe do jipe, olhando para o céu de novo, por reflexo. Um borrifo de chuva fez barulho contra a folhagem, lá em cima.

- Mas o que é isso? - perguntou ele. - Está pendurada em mim o tempo todo. Tomou as pílulas de Carlotta ou coisa parecida?

Ela afastou-se, relutante. Ele parecia quente e sólido. Feito de carne humana. Chacal riu ao vê-la balançando, mas sem mexer os pés.

- O que há? O tio Dave deu-lhe alguma coisa? Laura enrubesceu.

- Sua mãe não lhe ensinou a não ser um maldito chauvinista? Não posso acreditar!

- Ei - disse Chacal, em voz baixa. - Minha mãe era uma daquelas garotas de Winston. Quando ele estalava um dedo, ela pulava como uma bala. Nem todas são sensíveis como você, sabe? - comentou, agachando-se debaixo de uma árvore e apanhando um galho fino e comprido. - Então eles lhe pregaram uma peça, hein? - revirou o graveto entre os dedos. - Contaram alguma coisa sobre a guerra?

- Um pouco. Por quê?

- A milícia tem estado em alerta total há três dias. Nos quartéis, dizem que os *terries* deram um ultimato ao banco. Ameaçam com o fogo do inferno. Mas cansamos de pagar o que eles querem. Então, o que parece é que vamos estourar algumas cabeças.

- Conversa de quartel - retrucou Laura. De repente, sentiu-se sufocada com o *chador* longo e preto. Tirou-o pela cabeça.

- Melhor ficar com a jaqueta - disse-lhe Chacal. Havia um brilho em seus olhos. Gostava de vê-la jogando as roupas fora. - Um presentinho meu, para você.

Ela olhou à volta, respirando com dificuldade. O perfume da floresta tropical.

Cantos de pássaros. Chuva. O mundo ainda estava lá, não importando o que se passava nas cabeças das pessoas...

Chacal cutucou um cupinzeiro entre as raízes da árvore, enquanto esperava por ela.

Sentia-se melhor, agora. Entendia Chacal. A desagradável discussão que tiveram antes parecia quase necessária. Agora ele a olhava não como se fosse uma peça de carne ou uma inimiga, mas o tipo de olhar que estava acostumada a receber dos homens. Ele não era tão diferente de outros rapazes. Talvez um pouco esquisito, mas um ser humano. Sentiu impulso de camaradagem humana por ele; quase sentiu que poderia abraçá-lo. Ou, ao menos, convidá-lo para jantar.

Chacal olhou para suas próprias botas.

- Disseram que você era uma refém? Disseram que iam matar você?

- Não. Queriam contratar-nos. Para trabalhar para Granada. Chacal começou a rir.

- Isso é bom; bom mesmo. Engraçado - levantou-se, relaxado, contente, como se estivesse livrando-se de um peso. - Vai aceitar?

- Não.

- E; pensei que não. Mas devia.

- Por que não janta conosco, esta noite? Talvez Carlotta possa vir. Vamos conversar bastante. Nós quatro.

- Preciso tomar cuidado com o que como - disse Chacal. Soara sem sentido, mas para ele significava alguma coisa

Chacal deixou-a na mansão. David chegou uma hora depois. Escancarou a porta e veio pelo hall gritando e sacudindo o bebê.

- De volta para casa. Lar, doce lar...

Loretta estava rindo, excitada. Laura estava esperando, na sala de estar de mau gosto, engolindo seu segundo coquetel de rum.

- Mãe da minha filha! - disse David. - Onde estão as fraldas e como foi seu dia?

- Elas estão no berço.

- Usei todas. Meu Deus, o que está cheirando tão bem? O que está bebendo?

- Rita fez o ponche dos lavradores.

- Bem, eu também quero - pediu David, desaparecendo com a menina e trazendo-a com uma fralda nova, com a mamadeira.

- Você se divertiu hoje, não é, David?

- Você nem acredita no que eles têm lá - disse David, esparramando-se no sofá com o bebê no colo. - Encontrei outro dos Andrei. Quero dizer, seu nome não era Andrei, mas agia como se fosse. Um coreano. Grande fã de Buckminster Füller. Estão fazendo arcadas maciças do nada! E por nada! Areia-concreto e pedras do mar... Afundam grades de ferro no mar, passam uma certa voltagem e o resultado: os sólidos começam a aglomerar-se... Carbonato de cálcio, certo? Como as conchas! Estão

fazendo crescer edifícios no mar, com essa “pedra do mar”. Nada de licenças para construção... Sem avaliação de impacto ambiental... Nada.

Engoliu quatro dedos de rum turvo e suco de lima, depois tremeu:

- Menina! Eu até gostaria de mais um destes... Laura, foi a coisa mais sensacional que já vi. As pessoas estão vivendo lá. Alguns estão debaixo da água... Não se sabe onde as paredes terminam e começa o coral.

Loretta agarrava-se avidamente a sua mamadeira.

- E ouça só isto: eu estava andando com minhas roupas de trabalho e ninguém prestava atenção! Só mais um preto, hein? Mesmo com o velho... Jesus! Esqueci o nome do Andrei coreano... Ele estava me mostrando o lugar, mas era tudo muito informal e fiquei conhecendo tudo.

- Querem que você trabalhe com eles?

- Mais do que isso! Ofereceram-me uma verba de quinze milhões de *rublos* e carta branca para executar o que quisesse - revelou, tirando os óculos e colocando-os no braço do sofá. - Claro que eu disse “nada feito”. De jeito nenhum iria ficar aqui sem minha mulher e minha filha. Mas, se pudéssemos estabelecer algum tipo de cooperação com a Rizome, claro que sim! Começaria amanhã mesmo.

- Eles também querem que eu trabalhe para eles. Estão preocupados com sua imagem pública...

David encarou-a e estourou de rir.

- E claro que estão. Natural. Que diabo, dê-me mais uma dose disso. Conte-me sobre a reunião.

- Foi verdadeiramente esquisito.

- Acredito! Você devia ver o que eles estão fazendo no litoral. Tem crianças de dez anos ali que nasceram, literalmente paridos, dentro da água do mar. Tem *tanques-maternidade*... Tem mulheres de plantão para ajudar o parto nesses tanques... Já falei dos golfinhos? - bebeu um pouco do drinque.

- Golfinhos.

- Já ouviu falar de acupuntura com laser? Quero dizer, aqui, ao longo da espinha... - inclinou-se para a frente, deslocando o bebê. - Ah, desculpe, Loretta - trocou-a de braço. - De qualquer modo, poderei contar mais tarde. Então você foi dar seu testemunho, hein? Foram muito duros?

- Não exatamente...

- Se querem que desertemos, não pode ter sido tão ruim.

- Bem... - começou a responder Laura. Tudo escapava a seu controle. Estava sentindo-se cada vez mais sem esperança. Não havia maneira de dizer a ele o que realmente acontecera... O que ela pensara que aconteceu... Especialmente fora da linha, na frente das câmeras de Atlanta. Haveria ocasião, mais tarde. Com certeza. - Se pudéssemos conversar em particular...

David fez uma careta.

- Sim, essa coisa de ficar sempre na linha, é uma droga... Bem, posso fazer com que Atlanta nos envie de volta as fitas de seu testemunho. Vamos examiná-las juntos, e você me explicará tudo - silêncio. - A menos que haja algo que você tenha de me dizer agora mesmo.

- Não...

- Pois eu tenho algo a lhe contar - terminou o drinque. - Ia esperar até depois do jantar, mas não posso - sorriu. - Carlotta me paquerou.

- Carlotta? - reagiu Laura, chocada. - Fez o quê? - empertigou-se.

- Ela esteve aqui. Estávamos fora da linha por um segundo, numa das salas de aquicultura. Não estava ligada, entende? E ela aproximou-se, deslizou a mão por dentro de minha camisa e disse... Eu não me lembro exatamente, mas foi mais ou menos assim: "Já imaginou como poderia ser? Sabemos muita coisa que Laura não sabe."

Laura ficou lívida.

- Como foi isso? Essa coisa da mão dela? David piscou e seu sorriso desapareceu.

- Só passou a mão nas minhas costelas. Para mostrar que estava falando sério, eu acho - colocou-se na defensiva. - Não me culpe. Não pedi isso.

- Não estou culpando você, mas é comigo que você tem de falar sério - retomou Laura. Longo silêncio. - E não gostei que você ficasse tão alegre a respeito.

David não podia esconder um sorriso.

- Ora, acho que fiquei cheio de vaidade. Quer dizer, todos que conhecemos sabem que temos um relacionamento sólido; não tem muitas mulheres se jogando em cima de mim... Sabe, nem foi tanto uma paquera. Era mais uma carícia para começar um programa, como uma proposta de negócios.

Deixou Loretta agarrar seus dedos.

- Não leve a sério. Estava certa quando disse que eles nos tentariam. Usam tudo o que podem. De drogas não gostamos. Dinheiro... Bem, a gente não se preocupa só com isso... Sexo? Acho que mandaram Carlotta tentar e ela concordou. Nada disso significa muito. Mas, puxa, *potencial criativo*... Não tenho vergonha de dizer que me apanharam em meu ponto fraco.

- Que coisa cretina para fazer - comentou Laura. - No mínimo, ela podia ter mandado outra garota da igreja.

- E, mas talvez outra garota parecesse melhor... Desculpe. Esqueça o que eu disse. Estou bêbado.

Ela forçou-se a pensar no assunto. Talvez ele estivesse fora da linha só por cinco minutos e, apenas talvez, pudesse concordar. Talvez tivesse mesmo ido para a cama com Carlotta. Já podia sentir seu mundo rachando só com essa idéia, como gelo sobre águas profundas e escuras.

David brincava com a filha, com expressão inofensiva no rosto. Não. Não havia maneira pela qual ele pudesse ter feito isso. Ela nunca havia duvidado antes. Nunca daquela maneira.

Era como se doze anos de amadurecimento se abrissem em rachaduras negras. Lá no fundo, cicatrizes do medo destruidor do mundo que ela sentira, aos nove anos, quando seus pais se separaram. O rum azedou em seu estômago e ela sentiu uma eólica repentina.

"Outra conspiração", pensou, sombria. Não iam fazer isso com ela. Todo mundo, no fundo, era inseguro. Conheciam a dela - conheciam a história de sua vida. Mas não iam brincar com seus sentimentos particulares, com seus medos, e fazer com que ela duvidasse da realidade. Não os deixaria fazer isso. Nada mais de fraquezas. Nada, senão firme resolução, até que pusesse um ponto final em tudo isso.

Levantou-se e cruzou rapidamente o quarto, até o banheiro. Jogou longe as roupas sujas. Achou uma mancha. Seu período menstrual começara - o primeiro, desde a gravidez.

- Que droga! - disse, começando a chorar.

Entrou debaixo do chuveiro e deixou o jato forte de água com cheiro estranho bater no rosto.

Chorar ajudou, lavando a fraqueza como se fosse veneno. Laura passou base e sombra nos olhos, para que David não percebesse que chorara. Pegou um vestido de noite para o jantar.

David ainda estava com a cabeça cheia das coisas que tinha visto. Ela o deixou falar, sorrindo e concordando, à luz das velas colocadas por Rita. Ele falava sério sobre ficar em Granada.

- A tecnologia é mais importante que a política. Essa porcaria nunca dura, mas uma inovação real é um ativo infra-estrutural permanente!

Os dois poderiam formar uma verdadeira "Rizome Granada". Seria como montar o chalé, mas numa escala vinte vezes maior e com dinheiro *a rodo*. Mostrariam a eles o que um arquiteto da Rizome podia fazer e seria a ponta-de-lança para alguns valores sociais sadios. Mais cedo ou mais tarde, a Rede tornaria aquele lugar civilizado - seria resgatado daquela loucura de pirataria. Granada não precisava de drogas, mas de alimento e moradia.

Foram para a cama e David estendeu o braço na direção de Laura. Teve de dizer-lhe que estava menstruada. Ele se surpreendeu, mas gostou.

- Pensei que você estivesse estressada. Já faz um ano, não é? Deve ser estranho, sentir isso de volta.

- Não, é apenas... natural. Você se acostuma.

- Você não falou muito esta noite - disse David, esfregando suavemente a barriga da mulher. - Está misteriosa.

- Só cansada. Não estou conseguindo pensar direito.

- Não deixe que eles lhe abatam. Esses idiotas do banco não são tão importantes. Espero que tenhamos chance de conhecer o velho Louison, o primeiro-ministro. Nos projetos, as pessoas falam dele como se esses bandidos do banco fossem

apenas meninos de recados - hesitou. - Não gostei da maneira como falavam de Louison. Como se estivessem com medo.

- Chacal me contou que falam muito sobre guerra. O exército está em alerta. As pessoas estão tensas.

- Você *está* tensa - disse ele, massageando-a. - Seus ombros estão duros como madeira - bocejou. - Sabe que pode contar-me qualquer coisa. Não temos segredos.

- Quero ver as fitas amanhã - disse ela. - Vamos estudá-las juntos, como você disse.

"Deve haver uma falha nelas", pensou. Em algum ponto, uma piscada ou um grupo de pixels mal colocados. Algo que provasse que elas haviam sido forjadas e que ela não estava louca. Não podia tolerar que pessoas pensassem que ela estava cedendo. Arruinaria tudo.

Laura foi incapaz de dormir. O dia passou por sua mente muitas e muitas vezes. As eólicas eram fortes. À meia-noite e meia, ela desistiu e vestiu um roupão.

David fizera um berço para Loretta, um curralzinho quadrado, almofadado com cobertores. Laura observou sua menininha e acariciou-a com o olhar. Depois, voltou para David. Era engraçado como os dois se pareciam, ao dormir. Pai e filha. Uma estranha vitalidade humana que passara por ela, que ela alimentara dentro de si mesma. Maravilhosa, dolorosa, exótica. A casa estava silenciosa como a morte.

Ouviu trovões à distância. Do norte. Explosões surdas, repetidas. Ia chover. Seria bom um pouco de chuva tropical para acalmar os nervos.

Andou silenciosamente pela sala de estar, até a varanda. Ela e David haviam removido toda a tralha e varrido o lugar; passara a ser confortável. Abriu os braços de uma velha poltrona Morris e reclinou-se, pondo para cima suas pernas cansadas. O ar quente do jardim, com o perfume denso de *ylang-ylang*. Nada de chuva. O ar estava cheio de tensão.

As luzes distantes do portão acenderam. Laura piscou e levantou a cabeça. Os dois guardas da noite - ainda não sabia seus nomes - tinham saído e conversavam usando seus telefones de cintura.

Ouviu um estalo acima da cabeça. Silencioso, quase imperceptível, como uma viga estalando. Depois um outro: um choque metálico fraco e um farfalhar. Muito silencioso, como pássaros pousando.

Algo caíra sobre o telhado. Algo atingira o alto de uma das torres - seu telhado de zinco caiu sobre as vigas.

Um brilho branco espalhou-se sobre o quintal, silencioso. Luz branca, do alto da mansão. Os guardas levantaram a cabeça, espantados. Levantaram os braços, surpresos, como atores canastrões.

O telhado começou a estalar.

Laura levantou-se e gritou o mais que pôde.

Correu pela casa escura até o quarto. O bebê acordara e estava chorando, com medo. David estava sentado na cama, tonto.

- A casa está pegando fogo - disse ela. Ele saltou da cama e tropeçou nas calças.

- Onde?

- No telhado. Em dois lugares. Bombas incendiárias, acho.

- Oh, Jesus! Agarre Loretta que eu vou avisar os outros.

Ela amarrou Loretta no cestinho e jogou seus terminais numa mala. Já estava sentindo o cheiro da fumaça, quando terminou. Havia rumor e estalos.

Carregou a menina e a mala para o quintal. Deixou Loretta no cestinho, atrás da fonte, e virou-se para olhar. Uma das torres estava tomada pelas chamas. Uma úlcera de fogo espalhava-se pela ala oeste.

Rajiv e Jimmy saíram, carregando e amparando Rita, que tossia e chorava. Laura correu na direção deles. Enterrou suas unhas no braço descoberto de Rajiv.

- Onde está meu marido, seu filho da puta!

- Lamento, madame! - choramingou Rajiv, puxando nervosamente as calças, que estavam caindo. - Lamento, madame, lamento muito...

Ela o empurrou com tanta força que ele girou e caiu. Voou escadas acima e entrou de novo, ignorando todos os gritos.

David estava no quarto. Agachado, com uma toalha molhada contra o rosto. Usava os vídeo-óculos e tinha os dela no alto da cabeça. O relógio de cabeceira estava preso debaixo do braço.

- Só um segundo - resmungou, olhando-a de forma inexpressiva, com traços dourados. - Preciso achar minha caixa de ferramentas.

- Dane-se, David, vamos embora!

Laura puxou o braço do marido, que a acompanhou relutantemente, tropeçando.

Uma vez fora, precisaram recuar por causa do calor. Um a um, os quartos de cima começaram a explodir. David deixou cair a toalha, aparvalhado.

- Combustão espontânea - disse, contemplando.

Uma língua de fogo golpeava uma janela do andar de cima. Cacos de vidro espirravam para o gramado.

- O calor está acumulando - resmungou David, cinicamente. - Um quarto inteiro incendeia-se de uma só vez. A pressão do gás acaba arrebentando as paredes.

Os soldados os empurraram para trás, segurando seus estúpidos e inúteis fuzis de arame à altura do peito, como cassetetes de policiais. David recuou com relutância, hipnotizado pela destruição.

- Já vi simulações disso, mas nunca vi acontecer antes - comentou, sem se dirigir a ninguém em particular. - Jesus, que espetáculo!

Laura empurrou um dos soldados adolescentes quando ele pisou em seu pé descalço.

- Mas como você ajuda, seu burro! Onde estão os bombeiros ou seja lá o que vocês usem neste fim de mundo?

O menino deu um passo para trás, tremendo, e deixou cair sua arma.

- Olhe o céu! - gritou apontando para nordeste.

Um vulto baixo de nuvens iluminadas no horizonte norte. Iluminadas como a aurora, com um âmbar feio.

- Mas que diabo - disse David, abismado. - Aquilo está a quilômetros de distância... Laura, é *Point Sauteur*. Todo o complexo que está lá. A refinaria está pegando fogo!

- Fogo do inferno - lamentou o soldado começando a soluçar e passando a mão no rosto. O outro, mais alto, chutou-o fortemente na perna.

- Pegue sua arma, pedaço de bosta!

Um clarão distante iluminou mais as nuvens.

- Olha, espero que não tenham acertado os petroleiros - disse David. - Espero que aqueles coitados das plataformas tenham botes salva-vidas - segurou o fone de ouvido. - Está ouvindo, Atlanta?

Laura puxou seu dispositivo da cabeça. Deu as costas e pegou Loretta, no cestinho. Tirou a criança, que chorava sem parar, e apoiou-a contra o peito, embalando-a e reconfortando-a.

Então recolocou os óculos.

Agora podia observar, sem sentir tanta dor.

A mansão queimou inteiramente, o que levou toda a noite. O pequeno grupo, aglomerado na casa da guarda, ouvia notícias de desastre nos fones de ouvido.

Perto das sete da manhã, um helicóptero militar, parecido com uma aranha, apareceu e desceu junto à fonte.

Andrei, o emigrado polonês, saltou. Pegou uma grande caixa com o piloto e juntou-se aos outros, perto do portão.

O braço esquerdo de Andrei estava enfaixado e cheirava a substâncias químicas.

- Trouxe sapatos e uniformes para todos os sobreviventes.

A caixa estava cheia de embrulhos plásticos com os jeans e camisas de mangas curtas do exército.

- Lamento muitíssimo termos sido tão maus anfitriões - disse-lhes Andrei, contristado. - O povo de Granada pede desculpas.

- Pelo menos, sobrevivemos - disse Laura, pondo os pés, agradecida, nos sapatos de lona. - Quem assumiu a autoria dos atentados?

- Os malfeitores do ELCT romperam todos os limites do civilizado.

- Era o que eu imaginava - disse Laura, pegando a caixa - Vamos todos trocar de roupa, um de cada vez, na casa da guarda. David e eu iremos primeiro.

Lá dentro, ela tirou seu roupão leve e abotoou a camisa nova, engomada, e os jeans pesados. David pôs uma camisa e os sapatos.

Saíram e Rita entrou, tremendo.

- Agora, se quiserem acompanhar-me até o helicóptero - disse Andrei. - O

mundo precisa saber sobre esta atrocidade...

- Está bem - respondeu Laura. - Quem está na linha?

“Praticamente todo mundo”, disse Emily. 'Temos vocês ao vivo transmitidos para toda a empresa e para duas agências de notícias. Viena vai ter muito trabalho com isto... A coisa é grande demais.”

Andrei parou junto à porta do helicóptero.

- Podem deixar o bebê?

- Nem pensar - disse David, enfaticamente. Subiram em duas maças na traseira e David colocou o cestinho de Loretta no colo. Andrei tomou o assento do co-piloto e apertaram os cintos.

Subiram e afastaram-se com um chiado baixo de rotores. David observou as ruínas enegrecidas da mansão.

- Têm idéia do que atingiu nossa casa?

- Sim. Havia muitos aviões pequenos, baratos; de papel e bambu, como pipas de crianças. Não podem ser detetados pelo radar. Muitos foram abatidos, mas não antes de lançar muitas bombas. Pequenos bastões de termite com gelatina incendiaria

- Estavam apontados para nós, em particular? Isto é, para a Rizome? Andrei deu de ombros, amarrado em seus cintos.

- Difícil dizer. Muitas casas como essa queimaram. O comunicado menciona vocês... Tenho-o aqui.

Deu-lhes uma folha. Laura passou os olhos por ela: linha de data, procedência e vários parágrafos do lixo stalinista de sempre.

- Já sabem o número de baixas?

- Até agora, setecentas. Está subindo. Ainda estão puxando corpos das plataformas marítimas. Atingiram-nas com mísseis antinavio.

- Meu bom Deus - disse David.

- Armamento pesado. Temos helicópteros procurando navios. Podem ter usado diversos, mas há muitos navios no Caribe e os mísseis têm longo alcance - procurou algo no bolso da camisa. - Já viu um destes antes?

Laura pegou o objeto de seus dedos. Parecia um grande clipe de papel, feito de plástico, salpicado de verde e marrom, pesando quase nada.

- Não.

- Este falhou. Explosivo plástico. Uma mina. Pode estourar o pneu de um caminhão, a perna de uma mulher ou de uma criança - falava com tom de voz frio. - Os aviõezinhos espalharam centenas delas. Nunca mais vão passear pelas estradas. Nem vamos pisar fora do complexo.

- Mas que louco filho da puta... - ia dizendo David.

- Querem negar-nos nosso país - respondeu Andrei. - Esses dispositivos vão derramar nosso sangue ainda por muitos meses.

A terra afastou-se debaixo deles; logo estavam sobre o Caribe. O helicóptero

virou.

- Não voe para a fumaça - disse Andrei para o piloto. - E tóxica.

A fumaça ainda formava colunas, em duas plataformas marítimas. Pareciam mesas gigantes com os tampos cheios de carros incendiados. Duas chatas de combate ao fogo lançavam jatos compridos de espuma sobre elas.

Os guindastes desceram até a superfície; seu complicado mecanismo hidráulico estava imerso no mar. A água estava cheia de restos enegrecidos - aglomerados de tecido, longos trechos de cabos plásticos. Coisas flutuantes com braços rígidos que pareciam bonecos. Laura afastou os olhos, engasgada com a dor.

- Não, olhe bem - insistiu Andrei. - Eles nunca nos mostraram seus rostos... Essa gente precisa ter um rosto, pelo menos.

-- Não posso olhar - disse ela, bruscamente.

- Então feche os olhos, atrás dos óculos.

- Está bem - concordou, apoiando seu rosto cego contra a janela. - Andrei, o que você vai fazer?

- Vocês vão embora esta tarde. Como vêem, não podemos mais garantir sua segurança. Vocês vão sair assim que o aeroporto estiver livre de minas. Serão os últimos vôos. Não queremos mais estrangeiros. Nada de jornalistas bisbilhoteiros. Nada dos vermes da Convenção de Viena. Nós vamos fechar as fronteiras.

Ela abriu os olhos. Estavam planando sobre a praia. *Rastafaris* seminus estavam puxando cadáveres sobre as docas. Uma menina morta, roupas caídas, encharcadas. Laura reprimiu um grito, agarrando o braço de David. Um nó na garganta. Caiu de volta no assento, lutando contra seu estômago.

- Não vê que minha mulher está passando mal? - David reclamou. - Já chega.

- Não - disse Laura, trêmula. - Andrei está certo... Andrei, escute. Não há meio pelo qual Cingapura possa ter feito isso. Não é uma guerra de gangues. E atrocidade.

- Eles nos dizem o mesmo - Andrei admitiu. - Acho que estavam com medo. Esta manhã, capturamos seus agentes em Trinidad. Parece que estiveram brincando com aviõezinhos e fósforos.

- Vocês não podem atacar Cingapura! - falou Laura. - Mais mortes não resolverão nada!

- Não somos Cristo ou Gandhi - disse Andrei, lenta e cuidadosamente. - Isso é terrorismo. Mas há um terror mais profundo do que este... Um medo mais antigo e escuro. Conte a Cingapura sobre esse terror. Acho que você sabe algo a respeito, Laura.

- Quer que eu vá a Cingapura? Vou para lá. Se puder parar com isso.

- Eles não precisam ter medo de aviõezinhos de brinquedo - disse Andrei -, mas pode dizer a eles que tenham medo do escuro, medo da comida, do ar e de suas próprias sombras.

David olhou para Andrei, boquiaberto. O polonês suspirou.

- Se forem inocentes devem provar e juntar-se a nós imediatamente.

- Sim, claro - respondeu Laura de pronto. - Precisam lutar juntos. A Rizome pode ajudar.

- Caso contrário, tenho dó de Cingapura - continuou Andrei, com um olhar que ela nunca vira em rosto humano. Era a coisa mais distante que há da piedade.

Andrei deixou-os no pequeno aeroporto militar, em Pearls. Mas o vôo de evacuação que prometera não veio - tudo deu errado. Finalmente, depois de escurecer, um helicóptero de carga levou Laura e David ao aeroporto civil de *Point Salines*.

A noite foi perpassada com faróis e a estrada para o aeroporto estava saturada com o tráfego. Uma companhia de infantaria mecanizada tomara os portões do aeroporto. Um caminhão explodido na lateral da estrada queimava aos poucos. Passara por cima de um monte de minas em miniatura

O helicóptero levou-os com precisão por sobre a cerca. Dentro, o aeroporto era um congestionamento de peruas de luxo e limusines.

Milicianos de jaqueta e capacetes de fibra estavam delimitando o aeroporto com estacas de bambu. Sapadores. Assim que o helicóptero pousou no calçamento tomado pelo mato, Laura ouviu um estalo e viu um clarão quando uma das hastes de bambu atingiu uma mina.

- Olhem por onde andam - disse o piloto, brincando e abrindo a porta. Um miliciano, de uniforme, com cerca de dezenove anos, parecia animado com a atividade da noite. Qualquer tipo de destruição era excitante, não parecia importar que fosse a de seu povo. Laura e David desceram no calçamento, levando o bebê adormecido no cesto.

O helicóptero levantou vôo silenciosamente. Um carrinho de bagagem passou por eles, no escuro. Alguém amarrara improvisadamente dois escovões na frente do carrinho. Laura e David dirigiram-se com todo o cuidado para as luzes do terminal. Só 25 metros. Alguém já deveria ter varrido as minas... Contornaram um carro esporte de cor malva Dois homens gordos, com muita maquilagem de vídeo, estavam adormecidos ou bêbados nos confortáveis assentos em concha do carro.

Os soldados gritaram para eles, fazendo sinal:

- Ei! Saiam daí! Vocês! Nada de roubar, nada de saquear!

Passaram pelo pórtico bem iluminado do aeroporto. Boa parte dos vidros havia sido esmagada ou explodida; dentro, o saguão estava apinhado. Ruído de multidão excitada, calor de corpos correndo, fazendo barulho. Um avião cubano decolou; seu gracioso chiado de decolagem foi abafado por toda aquela gente.

Um militar com galões nos ombros agarrou o braço de David.

- Papéis. Cartão de passaporte.

- Não tenho. Escapamos de um incêndio.

- Sem reserva, sem passagens? Não pode entrar sem passagem - disse o coronel, examinando seus uniformes de soldado, desconcertado. - Onde arranjaram esses óculos com televisão?

- Gould e Castleman nos mandaram - mentiu Laura, com naturalidade. Depois tocou os óculos. - Havana é escala para nós. Somos testemunhas. Contatos com o exterior. Você entende.

- Sim - respondeu o coronel, esquivando-se. Dirigiu-os para dentro, onde logo se misturaram à multidão.

- Foi brilhante! - disse David. - Mas ainda não temos passagens. “Podemos cuidar disso!”, disse Debra Emerson. “Temos a empresa de aviação cubana na linha, agora. Eles é que estão organizando a evacuação. Podemos arranjar no próximo vôo para vocês.”

- Grande.

“Estão quase de volta. Tentem não se preocupar.”

- Obrigado, Atlanta. Solidariedade. - David olhou o povo. Havia pelo menos trezentas pessoas. - Puxa, é uma convenção de cientistas loucos...

“É como chutar um tronco podre”, pensou Laura. O aeroporto estava fervilhando de anglo-saxônicos e europeus de rosto emburrado. Pareciam divididos entre gângsteres exilados bem-vestidos e técnicos em drogas já naturalizados. Dezenas de refugiados sentados no chão, nervosamente agarrados a seus pertences. Laura pisou nos pés de uma mulher negra, magra, desmaiada sobre um amontoado de malas de luxo, com um adesivo de droga colado no pescoço. Meia dúzia de prostitutas usando blusas de Trinidad estavam jogando crepe no chão, gritando, entusiasmadas, em alguma língua eslava. Duas crianças de dez anos, gritando, corriam uma atrás da outra, em meio a um grupo de homens que, metodicamente, esmagavam fitas de vídeo.

- Olhe só - disse David, apontando.

Um grupo de mulheres vestidas de branco ficava à margem da multidão. Olhando com certo desdém. “Enfermeiras”, pensou Laura. “Ou freiras.”

- Prostitutas do templo! - disse David. - Olhe, ali está Carlotta!

Abriram caminho até ela, desviando-se de coisas no chão. De repente, um grito, perto deles:

- O que querem dizer, que não podem mudar nada?

Quem gritava estava acenando com um cartão de crédito granadino no rosto de um capitão da milícia.

- Há milhões neste cartão, seu idiota! - era um garboso anglo-saxônico de paletó e tênis, que brilhavam com inscrições. - E melhor chamar seu maldito chefe, Jack!

- Sente-se - ordenou o capitão, empurrando o homem.

- Certo - respondeu o outro, mas não se sentou. Enfiou o cartão na lapela. - Tudo bem, mudei de idéia. Vou preferir os túneis. Leve-me de volta aos túneis, amigo - sem resposta. - Você não sabe com quem está falando, *pô*! - agarrou o capitão pela manga.

O capitão desvencilhou-se com um golpe curto. Depois deu-lhe uma rasteira. O queixoso caiu sentado, pesadamente. Pôs-se de pé de novo, com os punhos fechados.

O capitão soltou sua pistola e disparou à queima-roupa. Uma pelota de plástico líquido de alta velocidade. Um ninho de cobras de elástico malcheiroso voou sobre o peito do homem, prendendo seus braços, pescoço, rosto e uma mala próxima. Ele caiu no chão, chocado.

Um rumor de alarme, de todos. Três soldados rasos correram em auxílio do capitão, armas engatilhadas.

- Fique sentado! - gritou o capitão, enfiando outra carga na câmara. - Todos para baixo! Agora!

A vítima do plástico começou a sufocar. As pessoas se sentaram. Laura e David, também. Todos como uma onda, como num evento esportivo. Alguns cruzaram as mãos na nuca, como que por reflexo. O capitão sorriu e brandiu a pistola por cima deles.

- Melhor - disse, chutando o homem na passagem.

De repente, as "freiras" aproximaram-se, juntas. Sua chefe era uma negra, que puxou o capuz, revelando cabelo grisalho e o rosto enrugado.

- Capitão - disse ela calmamente -, este homem está sufocando.

- Ele é um ladrão, irmã - respondeu o capitão.

- Pode ser, capitão, mas ele ainda precisa respirar. Três das mulheres da igreja ajoelharam junto à vítima, puxando os fios do pescoço. A velha - "uma abadessa", pensou Laura, contrafeita - voltou-se para a multidão e abriu as mãos no gesto de bênção da igreja, com o dedo recurvado.

- A violência não serve a ninguém. Por favor, façam silêncio. Afastou-se. As irmãs a seguiram, sem nada dizer. Deixaram a vítima do arame onde estava, fungando baixinho. O capitão pouco se importou e recolocou sua arma e deu as costas, fazendo gestos para seus homens. Depois de algum tempo, as pessoas começaram a levantar.

"Muito bem feito", disse Debra.

David ajudou Laura a erguer-se e pegou o cesto da filha.

- Ei! Carlotta! - seguiram-na.

Carlotta dirigiu umas poucas palavras à abadessa, puxou a touca para trás e afastou-se das outras irmãs.

Sua cabeleira estava puxada para trás. Seu rosto anguloso estava lavado. Era a primeira vez que viam Carlotta sem maquilagem.

- Estou surpresa, vendo você ir embora - disse Laura. Carlotta meneou a cabeça.

- Atingiram nosso templo. Um revés temporário.

- Lamento - disse David. - Fomos incendiados, também.

- Voltaremos - respondeu Carlotta, sem se importar. - Onde há guerra, há prostitutas.

Os alto-falantes se manifestaram: uma aeromoça cubana estava falando em espanhol.

- Ei, somos nós - disse David, de repente. - Estão nos chamando no balcão. Fique com Loretta, eu vou.

Saiu correndo. Laura e Carlotta olharam uma para a outra.

- Ele me contou o que você fez - disse Laura. - Caso você estivesse imaginando coisas.

Carlotta quase riu.

- Ordens, Laura.

- Pensei que éramos amigas.

- Amigas, talvez. Mas não irmãs. Sei onde está minha lealdade. Assim como você.

Laura sopesou o cesto de Loretta e passou a alça pelo ombro.

- Lealdade não lhe dá o direito de estragar minha vida familiar. Carlotta piscou.

- Família, hein? Se família significasse tanto para você, estaria cuidando de seu homem e de sua filha no Texas, em vez de arrastá-los para a linha de frente.

- Como se atreve! David acredita nisto tanto quanto eu.

- Não, ele não acredita. Você o arrastou, para poder subir na hierarquia de sua empresa - respondeu, levantando a mão. - Laura, ele é só um homem. Você precisa afastá-lo das armas. O velho mal está à solta, de novo. Os homens estão cheios do veneno da guerra.

- Isso é loucura!

Carlotta meneou a cabeça

- Você não está em seu ambiente, Laura. Está querendo colocar seu corpo entre uma arma e uma vítima? Eu estou. Mas você não, não é mesmo? Não tem fé.

- Tenho fé em David. Tenho fé em minha empresa. E você? Que tal a fé no velho Chacal?

- Chacal é um soldado profissional. E bucha de canhão, cheio do mal da guerra.

- Então é isso? - perguntou Laura, abismada. - Apenas abandoná-lo? Dispensá-lo, assim?

- Não estou tomando Romance, agora - respondeu Carlotta, como se isso explicasse tudo. Procurou em seu hábito e entregou a Laura um frasco de pflulas vermelhas. - Olhe, tome estas, não preciso delas agora, e pare de ser tão boba. Toda essa bobagem que você pensa é tão importante... Duas destas e você fica louca. Volte para Galveston, Laura, vá para algum hotel e transe com o David até cansar. Esconda-se debaixo das cobertas e fique fora do caminho, onde não vai se machucar.

Carlotta cruzou os braços e recusou-se a pegar o frasco de volta. Laura enfiou-o nervosamente no bolso de seu jeans.

- Então, era completamente artificial. Você nunca teve nenhum sentimento genuíno por Chacal.

- Eu o estava vigiando para a igreja. Ele mata gente.

- Não posso acreditar - respondeu Laura, encarando a outra. - Não gosto muito de Chacal, mas aceito-o como pessoa. Não como um monstro.

- Ele é um assassino profissional - disse Carlotta. - Matou mais de uma dúzia de pessoas.

- Não acredito em você.

- O que você esperava? Que ele carregasse um machado e babasse? O capitão Thompson não segue suas regras. Os *hougans* estiveram trabalhando nele durante anos. Ele não é uma "pessoa aceitável"; é como uma ogiva armada! Você pensou em fábricas de drogas; Chacal Thompson é uma fábrica de drogas.

- O que isso deveria significar?

- Quero dizer que as tripas dele estão cheias de bactérias. Das especiais, pequeninas fábricas de drogas. Onde você acha que ele arranjou esse apelido: Chacal? Ele toma um iogurte e se transforma numa máquina de matar.

- São as enzimas. Os micróbios as comem. Deixam-no rápido, forte, não sente dor nem tem dúvidas. Vão jogá-lo contra Cingapura e... Lamento por aquela ilhota.

Chacal Thompson - um assassino louco, criado por drogas. Ainda não conseguia acreditar. Mas qual deveria, afinal, ser o aspecto de um homem assim? A cabeça de Laura estava girando.

- Por que não me contou nada, antes? Carlotta olhou-a com comiseração.

- Porque você é careta, Laura.

- Pare de me chamar disso! O que a faz tão diferente?

- Olhe só para você. Você é educada. Você é inteligente. Você é bonita. Está casada com um maldito arquiteto. Têm uma filha maravilhosa e amigos influentes.

Os olhos dela estreitaram-se, quando começou a vociferar:

- Agora, olhe para mim. Sou ninguém. Feia. Sem família. Meu pai me surrava. Nunca terminei a escola; mal sei ler e escrever. Sou disléxica, ou seja lá como chamam. Já pensou no que acontece com as pessoas que não conseguem ler e escrever? No seu lindo mundo da Rede, com todos esses malditos dados? Não, nunca pensou nisso, não é? Se eu encontrasse um lugar para mim, seria nas garras de gente como você - tomou fôlego, puxando o capuz de volta sobre a cabeça. - E estou ficando velha, também. Aposto que você nunca pensou no que acontece com as garotas da igreja, quando ficam velhas. Quando não podemos fazer a velha magia negra com seus preciosos maridos. Bem, não se preocupe comigo, *senhora Webster.* Nossa Deusa cuida de si mesma Nossa igreja possui hospitais, clínicas, casas de repouso. Tomamos conta das pessoas. A Deusa deu-me minha vida, não você ou sua Rede. De modo que não lhe devo nada! - parecia pronta para cuspir na outra - Nunca esqueça isso.

David veio com as passagens.

- Tudo pronto. Vamos sair daqui. Graças a Deus.

O alto-falante anunciou um vôo; as pessoas começaram a murmurar. O bebê começou a choramingar. David tirou o cestinho da mulher.

- Está bem, Carlotta?

- Tudo bem - respondeu ela, com um sorriso. - Vão visitar-me em Galveston,

não vão? Nossa reverenda Morgan acaba de ganhar uma cadeira na Câmara Municipal. Temos grandes planos para a cidade.

- Esse é nosso vôo - interrompeu David. - Que bom que não temos bagagem. Mas, puxa, vou sentir falta daquela caixa de ferramentas!

Capítulo 6

O vôo foi um pesadelo - como um vagão de gado. Bagagem empilhada por todos os lados, todos os assentos tomados e refugiados sentados no corredor. Nada para comer ou beber. Um mercado negro instantâneo, enlatado numa gaiola voadora de alumínio. Havia cinco comissários de bordo cubanos, armados. Ficavam reprimindo o mercado negro - nele, negociantes suados tentavam juntar algum dinheiro. Seus rublos granadinos, de brinquedo, não tinham mais qualquer significado; precisavam de ECU's e estavam vendendo qualquer coisa - anéis cor-de-rosa, tiras de adesivos de drogas, irmãs, quando as tinham... Isolados do mundo, dez mil metros acima do Caribe, mas ainda cumprindo esses rituais. Mas com mais rapidez, sem sentido, pulando e saltitando...

- Como um lagarto se livrando da cauda - comentou Laura. - Foi o que o banco fez com essa gente. Deixe que a Rede fique com eles, que a polícia de Viena os apanhe. Para distrair a atenção.

- Você disse para Andrei que ia para Cingapura.

- Isso mesmo.

- De jeito nenhum.

- Estamos até o pescoço, não vamos recuar.

- Que diabo, poderíamos ter sido mortos, hoje. Esse problema não é nosso. Não mais. Já ficou muito grande para nós.

- Então, o que fazer? Voltar para o chalé e esperar que eles se esqueçam de nós?

- Há muitos outros chalés - respondeu David. - Você e eu poderíamos ir para um bom retiro, repousar, relaxar um pouco, afastar-se das televisões. Pôr as idéias em ordem.

Um retiro. Laura não gostava da idéia. Retiros eram para os aposentados da Rizome, fracassados ou gente problemática. Um lugar para ficar enferrujando enquanto outros tomavam decisões.

- Não serviria para nada. Desacreditaria a tentativa da Rizome negociar. Mas estivemos certos ao tentar. Precisamos fazer alguma coisa Está chegando a um ponto crítico. O que aconteceu prova isso.

- Isso deve ser feito pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos - respondeu David - ou pela polícia de Viena, que é uma autoridade global, não por nossa empresa.

- A Rizome é global! Além do mais, Granada atiraria num diplomata ianque assim que o avistasse. O Departamento de Estado! Ora, vamos, David, seria melhor enviar uns caras com placas no pescoço dizendo: "Refém" -- suspirou. - Além do mais, os federais não teriam peso no caso.

- E uma guerra. Guerras são travadas por governos, não por empresas.

- Isso é conversa do pré-milênio. O mundo mudou.

- Você poderia ser um daqueles cadáveres na água. Ou eu, ou Loretta Não percebe isso?

- Percebo melhor que você. Não estava a meu lado quando mataram Stubbs.

David ficou vermelho.

- Que coisa mais idiota para dizer. Agora estou aqui, não é?

- Está?

Os músculos do maxilar de David retesaram; ele ficou olhando para as mãos, forçando-as a não bater em Laura.

- Acho que depende, não é? Do que você pensa que está fazendo.

- Sei quais são meus objetivos a longo prazo. Já é mais do que você pode dizer - disse ela, tocando o rosto da criança - Em que mundo ela vai viver? E isso o que está em jogo.

- Soa realmente nobre. A um passo da megalomania. O mundo é maior que nós dois. Não vivemos no "globo", Laura. Vivemos um com o outro. E com nossa filha - respirou fundo, para desabafar. - Cansei, é isso. Talvez minha hora já tenha chegado. Certo, fiquei na linha de frente para a Rizome. Fiz minha parte. Vigiei os cadáveres, minha casa foi incendiada, debaixo de meu nariz. Mas não me pagam o suficiente para eu arriscar a vida.

- Ninguém paga tanto, mas não podemos ficar vendo as pessoas serem mortas e dizer que está tudo bem, que isso não é da nossa conta

- Não somos indispensáveis. Deixe outro brincar de Joana d'Arc - argumentou David.

- Mas eu sei o que está acontecendo - disse ela. - Isso me toma valiosa. Vi coisas que as outras pessoas não viram. Nem mesmo você, David.

- Grande! Agora vai começar a dizer como eu vivo no mundo da lua. Ouça, senhora *Webster*, vi mais da Granada real que a senhora. Coisas de verdade, não esse jogo de poder idiota que você faz com a Rede de suas "velhinhas". Que droga, Laura! Precisa aprender a perder e a conhecer seus limites!

- Você quer dizer *seus* limites. Ele a olhou fixamente.

- Claro. Se quiser entender desse jeito. Meus limites. Cheguei neles. É isso aí. Fim da discussão.

"Muito bem, ele desistiu de escutar. Vamos ver se ele gosta de silêncio", pensou Laura, afundando no assento, furiosa.

Depois de algumas horas, percebeu que cometera um erro. Mas era tarde demais para voltar atrás.

A polícia abordou o avião no aeroporto de Havana. Os passageiros foram conduzidos não exatamente sob a mira das armas, mas quase. Estava escuro e chovia. Atrás de uma distante fileira de cavaletes pintados com faixas, a imprensa de língua espanhola levantava suas câmeras e gritava perguntas. Um exilado tentou ir na direção

deles, sacudindo os braços, mas rapidamente teve de voltar.

Entraram numa ala do terminal que estava cercada de jipes e fervilhava de agentes da alfândega. A polícia de Viena estava presente, muito bem-vestida à paisana, com seus terminais portáteis e óculos estranhos.

Os refugiados começaram a ser alinhados pelos policiais. Os agentes cubanos pediam documentos. Triunfantes, escoltaram um grupo de técnicos sorridentes à frente dos vistosos vienenses. Batalhas simbólicas entre polícias. Cuba nunca fora tão agitada pela convenção.

- *Laura-san ni o-banashi shitai no desu ga!* - alguém exclamou.

- *Koko desu* - respondeu ela, tentando localizar as pessoas. Era um jovem casal japonês, perto de uma porta de saída, ao lado de um policial cubano, uniformizado. - Vamos - disse ela para David, na primeira vez que lhe dirigia a palavra em horas, rumando para o casal. - *Donata ni goyo desu ka?*

A mulher sorriu, embaraçada, e se inclinou:

- *Rara Rebsta?*

- *Hai,* sou eu - disse Laura, fazendo um sinal para David. - *Kore wa David Webster to iu mono desu.*

A mulher estendeu a mão para o cestinho de Loretta. Surpreso, David deixou que ela a pegasse. A jovem franziu o nariz.

- *O-mutsu o torikaetea hoga iito omoimasu.*

- Sim, elas acabaram - respondeu Laura Olhares de desentendimento. - Fraldas. *Eigo wa shabere masukal*

Os jovens menearam as cabeças, tristes.

- Eles não falam inglês - disse Laura para David.

- *iQué tal?* - disse David. - *Yo no hablo japonês. Un poquito solo.* Hã... *¡Quien és Ustedes? Y su amigo interesante?*

- Somos de Kymera Habana - disse o homem, mais contente, incli-nando-se e apertando a mão de David. - *¡Bienvenidos a Cuba, senor Rebsta! Soy Yoshio, y mi esposa, Mika. Y ei capitán Reyes, dei Habana Securidad...*

- É *a Kymera Corporation* - disse David.

- Sim, eu sei.

- Parece que fizeram um acordo com a polícia local. Kymera. Estão conosco, certo? Democratas econômicos.

- *Solidaridad* - disse Yoshio, erguendo dois dedos Depois piscou e abriu a porta.

A Kymera havia mandado um carro; estava bem preparada. Tinha de tudo. Passaportes novos para eles - legais. Novos terminais. Fraldas e comida para bebês. Roupas novas que quase serviam, ou serviriam, se não tivessem comido tanto nos banquetes de Rita. Esfriaram as coisas com a polícia de Cuba. Laura achou melhor não perguntar como.

Passaram uma noite sossegada numa miraculosa e confortável segurança em um dos prédios da Kymera de Havana. Ficaram fora da Rede, em privacidade total; uma espécie de êxtase, como se convalescessem de uma doença. Seus aposentos eram menores e tudo ficava mais perto do chão, mas, em tudo o mais, era como se passassem uma semana no chalé da Rizome. Conversavam em japonês e em espanhol sobre frutos do mar e saque e conheceram o adorável filho de quatro anos dos Takeda.

- A Rizome mostrou-nos algumas das fitas - disse Yoshio, parando para traduzir. - Estamos nos organizando, colocando todas as cartas na mesa.

- Então vocês viram o ataque terrorista - comentou Laura. Yoshio concordou com a cabeça.

- O Mali foi longe demais.

- Tem certeza que foi o Mali?

- Temos. Costumávamos contratá-los. Laura ficou desconcertada.

- A Kymera contratava o ELCT?

Yoshio parecia sentir-se culpado, mas resolveu confessar.

- Sofríamos muito com a pirataria. O Exército Livre Contra o Terrorismo nos ofereceu seus serviços, para assustar os piratas, desencorajá-los e, até mesmo, matá-los. Eram eficientes. Nós o pagamos secretamente, durante anos. Assim fizeram muitas outras empresas. Parecia melhor do que organizar um exército com nossa gente.

David e Laura conversavam. David estava escandalizado.

- Os japoneses contrataram terroristas mercenários? Yoshio parecia impaciente.

- Não somos japoneses! A Kymera está registrada no México.

- Ah...

- Sabe como são as coisas no Japão - disse Yoshio, com desprezo. - Gordos! Preguiçosos! Está cheio de velhos, ultrapassados... - bateu em sua taça e Mika serviu-lhe saque. - Sucesso demais no Japão! A política japonesa é que criou essa crise mundial. Muita coisa por debaixo do pano. Muitas mentiras bem-educadas; *hipokurasi*...

Usou o termo inglês; os termos japoneses para hipocrisia soavam demais como cumprimentos.

- Pensamos que o Exército Livre era um mal necessário - continuou. - Nunca poderíamos adivinhar que fosse tão ambicioso. Tão inteligente, tão veloz. O ELCT é o lado escuro de nossos conglomerados, nossos *keiretsu*.

- Mas o que o Mali tem a ganhar?

- Nada! O Exército Livre é o dono do país. Conquistou-o enquanto estava enfraquecido pela fome. Ficou cada vez mais forte, enquanto nós, em silêncio, pagavamos-lhe e fingíamos não saber que existia. Costumava esconder-se, como um rato. Agora ficou grande como um tigre.

Mais traduções.

- O que está dizendo? - quis saber David.

- Que a Rede tem furos demais. Todos esses criminosos... Cingapura, Chipre, Granada, mesmo o Mali, que criamos... Devem ser esmagados. Precisava acontecer. Está acontecendo hoje. A Terceira Guerra Mundial está aí.

Mika riu.

- E uma guerra pequena - admitiu Yoshio. - Não sairia nas manchetes, não é? Pequena, silenciosa, por controle remoto. Lutas em lugares para onde ninguém olha, como a África. Lugares que negligenciamos, porque não podíamos lucrar neles. Agora precisamos deixar de sermos tão cegos.

- Essa é a política oficial da Kymera, hoje em dia? - perguntou Laura.

- Não só nossa - respondeu Yoshio. - Essa conversa está espalhando depressa, depois do ataque. Estávamos preparados para algo assim. A Kymera está lançando uma ofensiva diplomática. Estamos apresentando nossa posição a muitas outras multinacionais. Leste, oeste, sul, norte. Se pudermos agir em conjunto, nosso poder será grande.

- Propõe uma espécie de cartel global de segurança? - indagou Laura.

- Esfera Global de Co-Prosperidade! - disse Mika - Que lhe parece?

- Hum... - meditou David. - Nos Estados Unidos, isso é conhecido como "conspiração em detrimento do comércio".

- A quem é sua lealdade? - perguntou Yoshio, sobriamente. - Estados Unidos ou Rizome?

Laura e David trocaram olhares.

- Certamente não se resume a isso - disse Laura.

- Acha que os Estados Unidos podem recolocar tudo no lugar? Rearmar-se, invadir os paraísos informáticos e impor a paz?

- De modo algum - disse David. - Os outros signatários de Viena cairiam em cima de nós... "América Imperial". Cristo, não se passariam seis meses antes de os outros jogarem carros-bomba em cima de nós em todo o mundo - cutucou, pensativo, com seus palitinhos, uma pelota de *sukiyaki*. - *Y a*v *de mi, los rusos*. Não que os soviéticos signifiquem muito, hoje em dia, mas se sofressem algum ataque... Olhe, a agência para cuidar dessas coisas é a Convenção de Viena. Os espiões deles têm licença para deter o terrorismo. É esse o trabalho deles.

- Por que não estão se mexendo? - perguntou Yoshio.

- Bem - disse David, incomodado. - Acho que é como costumava acontecer com a ONU: uma boa idéia, mas na hora de trabalhar, nenhum governo soberano quer...

- *Exactamente* - retrucou Yoshio. - Nenhum governo. Mas nós poderíamos ficar muito contentes com uma força policial global. E Viena é um grupo global. *Un grupo nuevo-milenário*. Como um *keiretsu* moderno.

Laura afastou seu prato, esforçando-se para falar japonês.

- Viena existe para proteger a "ordem política". Para proteger os governos. Não têm nada a ver conosco. As empresas não podem assinar tratados diplomáticos.

- Por que não? - disse Yoshio, bruscamente. - Um tratado é apenas um contrato. Está falando como minha avó. O mundo é nosso, agora. E há um tigre à solta nele! Um tigre feito por nós, porque tolamente pagamos a outros para que fossem as garras e os dentes de nossas empresas.

- Quem vai pendurar o guizo no gato? - perguntou Mika, em inglês, colocando mais saque na chaleira elétrica.

Yoshio riu deles.

- Que caras mais tristes! Por que ficar tão chocado? Já estão agindo como diplomatas da Rizome. Subverter Granada em favor da política de sua empresa. Não sejam tão... Como é a palavra? Imperscrutáveis! Sejam mais modernos! - estendeu os braços do quimono. - Agarrem o problema com as duas mãos!

- Não vejo como isso seja possível - disse Laura.

- E bem possível - respondeu Yoshio. - A Kymera e a Farben estudaram o problema. Com a ajuda de outros aliados, como a Rizome, poderíamos multiplicar o orçamento de Viena muitas vezes, rapidamente. Poderíamos contratar muitos mercenários e colocá-los sob comando de Viena. Poderíamos fazer um ataque de surpresa contra o Mali e matar o tigre imediatamente.

- Isso é legal? - inquiriu David. Yoshio deu de ombros.

- A quem perguntar? Quem decide isso? Governos como os Estados Unidos? Ou o Japão? Ou o Mali, ou Granada? Ou nós é que decidimos, em vez deles? Vamos votar - propôs, levantando a mão. - Eu digo que é legal.

Mika levantou a mão.

- Eu também.

- Quanto tempo podemos esperar? - perguntou Yoshio. - O Exército Livre atacou uma ilhota, mas poderia ser Manhattan. Devemos esperar que ataquem Manhattan?

- Mas você está falando sobre subornar a polícia global - interveio Laura. - Isso soa como um golpe de Estado!

- *Kudctah!* - disse Yoshio, piscando. Encolheu os ombros. - Por que continuar atuando por intermédio de governos? Vamos eliminar os intermediários.

- Mas Viena nunca concordaria. Ou não?

- Por que não? Sem nós, nunca seriam um verdadeiro exército global.

- Deixe-me entender bem isso - disse Laura. - Está falando sobre um exército de empresa, sem nenhum suporte legal de nenhuma nação, invadindo nações soberanas?

- Uma revolução não é uma festa - disse Mika, levantando-se graciosamente e começando a tirar a mesa. Yoshio sorriu.

- Os governos modernos são fracos. Nós é que os *fizemos* fracos. Por que fingir que não é assim? Podemos jogá-los uns contra os outros. Precisam de nós mais do que nós precisamos deles.

- *Traición* - disse David.

- Vamos chamar de “greve” - sugeriu Yoshio.

- Mas quando reunirem todas as suas empresas - interferiu Laura -, a polícia do governo estará prendendo seus conspiradores em todos os lugares.

- Uma corrida contra o tempo, não é? - observou Yoshio, animado. - Mas vamos ver quem controla a polícia de Viena. Vão fazer muitas prisões antes de tudo acabar. Os burocratas nos chamam “traidores”? Nós podemos chamá-los de “simpatizantes do terrorismo”.

- Mas você está falando de revolução global!

- Chame de “racionalização” - replicou Yoshio, entregando um prato para Mika. - Soa melhor. Removemos barreiras desnecessárias no fluxo da Rede global. Barreiras que, por acaso, são governos.

- Mas com que mundo ficaríamos, então?

- Dependeria de quem fizesse as novas regras. Quem se juntar ao lado vencedor poderá votar. Se não... - respondeu Yoshio, encolhendo os ombros.

- E? E se nosso lado perder?

- Então as nações vão lutar contra nós e vão julgar-nos por traição - falou Mika. - Os tribunais resolveriam a questão. Em cinqüenta anos, talvez.

- Acho que queimaria meu passaporte japonês e me tornaria um cidadão mexicano - falou Yoshio, pensativo. - Talvez todos nós pudéssemos nos tornar cidadãos mexicanos. O México não se queixaria. Ou poderíamos tentar Granada! Poderíamos tentar um novo país a cada ano.

- Não traia *nosso* governo - interveio Mika. - Traia o governo de todo o mundo. Ninguém jamais chamou isso de traição.

- As eleições da Rizome estão chegando - falou Yoshio. - Dizem que são democratas econômicos. Se acreditam na Rede, em sua própria moralidade, não podem escapar dessa questão. Por que não fazer uma votação?

No aeroporto de Atlanta, Laura teve a sensação de constrangimento que a cidade sempre lhe dera. A megalópole, o ritmo acelerado... Tantos americanos com roupas limpas e dispendiosas e bagagem volumosa, vagando sob as gigantescas estruturas geodésicas de milhões de ECUs, uma geometria de desenho limpo de luz e espaço. Móbiles abstratos rosa-claros, reagindo ao fluxo da multidão, mergulhando e girando bem devagar, lá em cima. Como bandos de flamingos cibernéticos em fuga.

- Uau! - disse David, cutucando-a com o cesto do bebê. - Quem é a gata que está com Emily?

Duas mulheres se aproximavam. Uma, baixa e de rosto redondo, saia comprida e blusa de renda: Emily Donato. Laura sentiu alegria e alívio. Emily estava lá. A cavalaria da Rizome. Laura acenou.

A companheira de Emily era uma mulher negra, alta, com cabelos frisados à máquina e porte de manequim. Esbelta e elegante, com pele cor de café e rosto adorável.

- Ei, é... - disse Laura. - Qual é o nome dela... Dianne alguma coisa

- Dianne Arbright, do jornal da tevê a cabo - disse David, ainda admirando-a - Medalhão da mídia. Olhe, tem pernas, como gente de verdade!

David abraçou Emily fortemente, levantando-a do chão. Emily riu e beijou-lhe o rosto.

- Oi! - disse Laura para a jornalista, apertando sua mão fria e forte. - Suponho que ficamos famosos.

- Ficaram. Está cheio de jornalistas por aqui - disse Dianne, levantando a lapela de seu casaco de seda. - Aliás, estou ligada em áudio.

- Nós também, acho - respondeu Laura - Tenho uma estação de televisão na minha bagagem.

- Vou dividir as informações com os outros correspondentes - explicou Dianne. Havia sinal de gotas de suor em seu lábio superior, sob a suave perfeição de sua maquilagem de vídeo. - Não podemos levar ao ar, mas compartilhamos as informações por baixo do pano - continuou, olhando rapidamente para Emily. - Você sabe como é.

Laura observou a jornalista com estranha sensação de deslocamento. Conhecer Dianne Arbright em pessoa era como ver a Mona Lisa “de verdade”, um original desgastado pelo excesso de reproduções.

- Por causa de Viena? Dianne fez uma careta.

- Passamos parte do filme do desastre da Rizome dois dias atrás. Sabemos como foi feio lá: as mortes, as formas de ataque. Mas, depois, Granada fechou as fronteiras e Viena passou a censurar tudo o que pomos no ar.

- Mas isso é grande demais para segurar - respondeu Emily. - Todos sabem. Isso passa dos limites. Alguém acabou de arrasar um país inteiro, pelo amor de Deus!

- E a maior operação terrorista desde Santa Vicenza - acrescentou a jornalista.

- O que aconteceu aqui? - perguntou David, inocentemente.

Dianne olhou para David da maneira que alguém encara quem não tem esperança.

- Talvez vocês possam contar-me exatamente o que aconteceu em seu chalé, em Galveston.

- Ah... - disse David. - Acho que sei o que você quer dizer.

- Limitação de danos - disse Laura. - Foi isso o que aconteceu em Galveston.

- E em muitos outros lugares, durante anos - disse Dianne. - De modo que vocês são duas pessoas em segundo plano, sem registro, resistindo com a velha Primeira Emenda... - a jornalista fez um sinal para um estranho de paletó marrom no meio do povo, que sorriu e respondeu com outro sinal. - Mas Viena não pode impedir-nos de descobrir a verdade; só pode nos impedir de levar a história ao público.

Esgueiraram-se para uma das saídas. Dianne deu umas batidinhas em seu relogiofone de platina

- Tenho uma limusine esperando...

- A polícia de Viena está aqui! - disse David. Dianne ergueu os olhos, placidamente.

- Não... E só um cara com vídeo-óculos.

- Como sabe? - perguntou David.

- Ele não tem a vibração certa dos vienenses - explicou a jornalista, pacientemente. - Vídeo-óculos não querem dizer muita coisa; eu mesma os uso, as vezes.

- Nós usamos vídeo-óculos durante dias - falou Laura.

- Quer dizer que vocês gravaram tudo? Todo seu passeio em Granada? Em fita? - perguntou Dianne, olhando para ela.

- Cada minuto - disse David. - Quase tudo.

- Isso vale muito - disse Dianne.

- Deve valer - resmungou David. - Foi um verdadeiro inferno.

- Emily - disse Dianne -, quem possui os direitos e quanto vocês querem?

- A Rizome não barganha notícias - respondeu ela, virtuosamente. - Isso é coisa de *geselschaft*... Além do mais, há o detalhe de explicar o que o pessoal da Rizome estava fazendo num paraíso informático.

- Hum... - disse Dianne -, esse aspecto é delicado.

Portas duplas de vidro abriram e fecharam para eles, e a longa limusine da jornalista abriu a porta sobre a calçada, em meio a uma fila de táxis. A limusine tinha janelas espelhadas e um conjunto de antenas de microondas no teto que parecia armas de raios refrigeradas a água. Todos entraram, atrás de Dianne. A limusine saiu silenciosamente.

- Agora estamos seguros - anunciou Dianne, abrindo a portinhola de um armário e retocando a maquilagem num espelho. - Meu pessoal adaptou esta limusine; é à prova de espionagem.

Dirigiram-se para uma rampa de acesso curva. Setembro. O dia era feio, cinzento, com nuvens pesadas no horizonte de Atlanta. Uma cordilheira de arranha-céus: pós-modernos, neogóticos, barroco orgânico. Até uns caixotes, relíquias do pré-milênio, anões perto de seus estranhos sucessores.

- Há três carros atrás de nós - disse Emily.

- Têm inveja de minhas fontes - sorriu Dianne, seus olhos iluminan-do-se como televisores. David virou-se para olhar.

- Estão espionando todos nós. Todo o Comitê da Rizome. Espionam nossos apartamentos. Acho que Viena está "grampeando" nossas linhas - disse Emily, esfregando os olhos. - Dianne, tem um bar neste carro?

Dianne estava pegando um lápis de sobrancelhas.

- Peça à máquina.

- Carro, faça-me um Quimono Sujo - ordenou Emily, esfregando o pescoço, esmagando cachos de cabelo. - Não tenho dormido muito. Estou meio esgotada.

- Estão mesmo atrás de nós? Viena? - perguntou David.

- Estão atrás de todo mundo. Parece que desmancharam um formigueiro - o

carro deu a Emily uma mistura turva que tinha cheiro de saque. - Essa reunião que tivemos com a Kymera e a Farben, “de cúpula”, como disseram... - comentou, piscando e bebericando. - Laura, senti falta de você.

- Está ficando louca - respondeu Laura, completando um velho refrão dos dias de colégio. Como Emily parecia cansada! Pés-de-galinha, mais cabelos brancos... Cansada pra burro, por que disfarçar? Ambas estavam na casa dos trinta. Não eram mais colegiais. Velhas. Por impulso, massageou os ombros de Emily.

- Obrigada - disse a outra.

- Com quem você está? - David perguntou a Dianne.

- Quer dizer, com quem minha empresa está?

- Não, suas lealdades básicas.

- Ah, sou profissional. Uma jornalista americana.

- Americana? - David ainda duvidava.

- Não acredito em Viena. Espiões e censores dizendo para os americanos o que podemos ou não dizer. Disfarces para encobrir a publicidade sobre os terroristas. Sempre foi uma péssima idéia - respondeu, inclinando a cabeça para trás. - Todo o sistema, toda a estrutura política, vai estourar! - golpeou o assento com a palma da mão. - Estive esperando anos por isso! Cara, estou tão contente com isso quanto um caruncho dentro de um saco de milho! - surpreendeu-se consigo mesma. - Como meu avô costumava dizer...

- Meio anárquico... - disse David, balançando o cestinho sobre os joelhos. Loretta não gostava da estridência política; seu rostinho estava se contraindo.

- Os americanos costumavam viver assim! Chamávamos “liberdade”. David duvidou.

- Quero dizer, falando realisticamente, a estrutura global de informação... - deixou Loretta agarrar seus dedos, e tentou acalmá-la.

- Estou dizendo que precisamos arrancar as máscaras e enfrentar nossos problemas - retrucou Dianne. - Certo, Cingapura é um Estado pária e acabou com nossos rivais. Ótimo. Que paguem o preço da agressão.

- Cingapura? - perguntou David. - Você acha que Cingapura é o ELCT?

Dianne inclinou-se para trás e olhou para os três.

- Bem, estou vendo que o pessoal da Rizome tem outra opinião.

Havia uma leveza perigosa em sua voz. Laura já ouvira aquele tom, durante as entrevistas, imediatamente antes que Dianne colocasse sua vítima em xeque.

A menina começou a chorar.

- Não falem todos ao mesmo tempo - brincou Dianne.

- Como sabe que é Cingapura? - interrogou Laura.

- Como? Está bem, vou contar-lhes - concedeu Dianne, fechando a porta do armário de maquilagem com a ponta de sua bota italiana. - Sei disso porque os bancos de dados piratas de Cingapura estão cheios dessa história. Sabe, nós, jornalistas, precisamos de um lugar para trocar informações onde Viena não fique em nossos pés.

E por isso que cada um de nós que vale alguma coisa é um pirata de dados.

- Ah...

- E estão rindo de tudo isso em Cingapura. Estão se gabando. Está tudo bem em público - encarou-os. -Já lhes contei. Agora, vocês me contem.

- O ELCT é a polícia secreta da República do Mali - falou Emily.

- Não me venha com essa - cortou Dianne, desanimada. - Vocês ouvem coisas feias sobre Mali todo o tempo. Nada é novo. Mali é um regime de fome, cheio de mercenários e sua reputação fede. Mas não se atreveria a armar um golpe tão grande e flagrante como o ataque do ELCT contra Granada. Mali, desafiando Viena com uma atrocidade terrorista internacional? Isso não faz sentido.

- Por que não? - quis saber Laura.

- Porque Viena poderia nocautear Mali amanhã. Não há nada para detê-la. Outro golpe na África não apareceria nem nas notícias da meia-noite. Se o ELCT fosse Mali, Viena teria acabado com ele há muito. Mas, Cingapura, bem! Já viram Cingapura?

- Não, mas...

- Cingapura odeia Granada. E os dois abominam Viena. Odeiam a idéia de uma ordem política global, a menos que a dirijam. São rápidos, fortes, inescrupulosos e têm sangue frio. Fazem os *rastafaris* granadinos parecerem Bill Cosby.

- Quem? - perguntou David. - Você quer dizer, *Bing* Cosby? Dianne o encarou por um instante.

- Você não é preto de verdade, não é? Ou essa aí não é sua filha, amigo.

- Hã? Ah, sim, foi aquela... loção de bronzear. Dianne fez um gesto com a mão.

- Está bem, eu estive na África e me disseram que eu parecia francesa. Mas o Mali... E pura desinformação. O Mali não têm dinheiro nem motivo e tudo isso é boato velho...

A limusine parou, o que a interrompeu.

- Edifício Oxford, senhorita Arbright.

- Ponto final - disse Emily, colocando seu drinque de lado. - Voltaremos a falar com você, Dianne.

Dianne voltou a acomodar-se no banco.

- Olhe. Vou querer aquelas fitas de Granada.

- Eu sei.

- E elas não vão valer muito se Viena fizer algum movimento importante. Isso tira qualquer matéria da Rede.

- Carro, abra a porta.

Emily saiu. Laura e David apressaram-se atrás dela.

- Obrigada pela carona, Dianne.

- Fiquem em contato.

As portas da limusine bateram.

O andar térreo do Edifício Oxford era como uma cidade em miniatura. Luz solar saudável e artificial jorrava de lâmpadas fluorescentes sobre as pequenas mercearias finas e butiques discretas. Havia segurança particular, vestida como os Keystone Cops, com chapéus altos engraçados e casacas com botões de latão. Adolescentes de aspecto suave cruzavam em bicicletas de bancos de espaldar alto na frente das vitrinas de cores pastéis.

Entraram num mercadinho, à procura de fraldas e comida para bebês, colocando a conta no cartão de Emily. Juntaram-se a um grupo de duas dúzias de moradores chateados, esperando em fila, num banco curvo, de madeira de lei. Um elevador chegou e todos embarcaram. Os andares passavam rápidos, num fantasmagórico silêncio de levitação magnética, com o suspiro ocasional de um passageiro ou o virar as páginas de um jornal.

Saíram no andar de Emily e seus ouvidos estalaram. O ar tinha o mesmo cheiro no térreo ou no qüinquagésimo andar. Nas paredes havia mapas com códigos de cores. Pegaram um ônibus no saguão. Degraus e passagens destacavam-se para todos os lados, levando a pátios - o que os sociólgos chamavam “espaço protegido”. Emily conduziu-os para fora do ônibus e subiu por uma passagem. Um robô da segurança passou, rastejando. Era um microrrobô de aspecto desagradável, com olhos esbugalhados e focinho coberto de pó. Emily passou o cartão na porta, para abri-la.

Entraram num apartamento de três aposentos - *art déco,* branco e preto. David levou a filha para o banheiro, enquanto Emily passava para a pequena cozinha.

- Uau! - disse Laura. - Você mudou muito o apartamento.

- Não é meu, é de Arthur. Sabe, o fotógrafo?

- Aquele cara com quem você estava namorando?

As paredes estavam cheias de ampliações: estudos de paisagens, árvores desfolhadas, uma modelo de rosto redondo, em branco e preto, como Greta Garbo com ar de culpada no rosto...

- Puxa! - Laura quase riu, apontando. - Essa é você! Ei! Saiu bem!

- Gostou? Eu também. Quase sem retoque... Tá legal, fizeram um pequeno trabalho de digitalizador - disse Emily, espiando o interior do free-zer. - Temos almôndegas de frango, peixe, carneiro ao *curry* Rajaratnam, para dois...

- Algo simples e americano - sugeriu Laura. - A última coisa que ouvi dizer é que você e Arthur tinham brigado.

- Mas, agora, estamos de bem e muito bem - falou Emily, brincando.

- Desculpe se não temos comida melhor, mas a última coisa que Arthur e eu fazemos aqui é cozinhar... Sabe, meu apartamento está todo vigiado, mas está oito andares mais embaixo. Num ninho de ratos como o Edifício Oxford, é como se fosse em Dallas... Este lugar é como uma casa protegida, como qualquer outra. Arthur não esquenta. Acho até que ficou excitado com toda a agitação - sorriu. - Sou a mulher misteriosa dele.

- Vou conhecê-lo?

- Não está na cidade, mas espero que sim - respondeu Emily, encaixando as bandejas no microondas. - Tenho muitas esperanças... Acho que finalmente descobri o método do romance moderno.

Laura riu.

- E como é?

- Vida melhor através da química - disse Emily, corando. - Romance. Já lhe contei?

- Hã... Não - Laura remexeu o bolso do jeans, onde, além de uns trocados e de amendoins salgados do avião, havia outra coisa. - Quer dizer, isto aqui?

Emily arregalou os olhos para o frasco de plástico.

- Jesus! Você passou pela alfândega com o bolso cheio de "pimentas vermelhas"?

- Não são ilegais, não é? - estranhou Laura. - Esqueci delas.

- Onde arranjou isso?

- Em Granada. Com uma puta. Emily deixou cair o queixo.

- Essa é a Laura Webster que conheci? Está de barato com elas, agora?

- Bem, e você, andou tomando?

- Só umas duas vezes... Posso ver? - pediu Emily, sacudindo o frasco.

- Menina, parece uma megadose... Não sei, tomei e fizeram de mim uma panaca... Você pode até achar que voltei para Arthur rastejando depois da briga que tivemos, mas parece que fez bem para nós dois. Acho que é errado ser tão orgulhosa. Tome uma dessas e todas as outras coisas, os problemas, parecerão não fazer sentido... Você e David não estão tendo problemas, não é?

- Não... - defendeu-se Laura.

David saiu do banheiro com o bebê recém-trocado no colo. Emily escondeu rapidamente o frasco numa gaveta da cozinha.

- O que houve? Vocês duas estão com ar de quem aprontou alguma coisa, de novo.

- Estava dizendo como vocês mudaram - disse Emily. - Sabe de uma coisa, Dave? Você fica bem de preto. Melhorou bem o visual.

- Engordei um pouco em Granada.

- Mas continua bem. Ele quase sorriu.

- Isso mesmo, elogie o bobalhão... Vocês duas estavam falando da política da empresa, não é? Podem contar-me as más notícias - disse ele, sentando-se numa banqueta do bar, preta e cromo. - Presumindo que seja seguro conversar aqui dentro...

- Todos estão falando sobre vocês. Os Webster ganharam *muitos* pontos com essa.

- Ótimo. Talvez possamos descansar um pouco, agora.

- Não sei, não - advertiu Emily. - Francamente, vocês serão muito solicitados. O comitê quer que vocês compareçam a uma sessão do conselho. São os especialistas

da situação! E também há Cingapura.

- Mas que droga! - disse David.

- O Parlamento de Cingapura está procedendo a sessões abertas sobre sua política de paraíso informático. Suvendra está lá. Tem sido nosso contato com o Islamic Bank e vai testemunhar. A coisa está complicada.

- Suvendra pode cuidar disso - argumentou David.

- Claro - respondeu Emily -, mas se cuidar *direitinho,* vai ganhar a eleição para o comitê com toda a facilidade.

- Mas espere um pouco... - alarmou-se David.

- Não sabe como a coisa mudou aqui no continente. Há um mês, era assunto secundário, mas, agora, é uma crise central. Ouviu como Dianne falava. Um mês atrás, uma jornalista de primeira linha como ela não teria tempo para mim, mas, de repente, somos irmãzinhas. Muita solidariedade - Emily levantou dois dedos. - Vai acontecer alguma coisa, e logo. Dá para sentir o cheiro. Como Paris 1968 ou Gorbatchóv, no começo. Mas pelo mundo inteiro - falava sério. - Podemos estar no centro dos acontecimentos.

- Ou enterrados embaixo deles, a sete palmos! - exclamou David. - O que querem? Estiveram falando com aqueles doidos da Kymera?

Emily encolheu-se.

- Kymera... Aquela corpocracia não é bem recebida entre nós, mas merece atenção... Viena tem agido estranhamente.

- Viena sabe o que está fazendo - respondeu David.

- Talvez, mas será que é o que queremos? - perguntou Emily, pegando pratos e travessas de plástico. - Acho que Viena está esperando. Vai deixar as coisas piorarem, até que alguém, em algum lugar, lhe dê carta branca, para limpar a casa globalmente. Nova ordem mundial e novo exército mundial.

- Não estou gostando nada disso - replicou David.

- E o que temos agora, mas sem as falhas aparecerem.

- Gosto de falhas - respondeu David.

- Neste caso, vão tentar convencer Cingapura a ser sensata - a campainha do forno tocou. - Só por alguns dias, David. Cingapura tem um governo de verdade, não um marginal qualquer fazendo fachada, como Granada. Seu testemunho ao Parlamento de Cingapura poderia fazer grande diferença na política deles. Suvendra diz que...

O rosto de David ficou carregado.

- Vamos ser mortos. Não entenderam, ainda? Todos os becos e falhas do sistema se tornarão zonas de combate. Há gente lá fora que nos mataria por nada e, se puder nos matar por dinheiro, vai ficar encantada! Sabem quem somos, é o que mais me assusta. Somos valiosos, agora... - queixou-se, esfregando o queixo barbudo. - Vamos fugir daqui, para um chalé ou retiro e, se quiser cuidar de Cingapura, Emily, chame Viena e financie a divisão do Exército Combatente da Rizome. Esses piratas estão falando sério; nunca vamos convencê-los a fazer nada pacificamente! Não até que

ponhamos um maldito tanque em cada esquina! Até que achemos os filhos da puta que apertaram os botões que afogaram aquelas crianças em Granada. Mas não minha filha! Nunca mais!

Laura furou o papel de alumínio que cobria as almôndegas de frango, fumegantes. Não sentia mais fome. Aqueles corpos afogados... Rígidos, sendo levados pela correnteza... Correnteza escura, de ódio.

- Ele tem razão. Não com minha Loretta. Mas um de nós precisa ir para Cingapura.

David engasgou.

- Mas, por quê?

- Porque somos necessários lá, por isso. Porque eles têm o que queremos: poder para controlar nossas vidas. As respostas de verdade. A verdade!

David ficou olhando para a mulher.

- A verdade. Acha que pode descobri-la? Você acha que é tão importante assim?

- Não sou importante. Sei que não sou muita coisa, agora. Sou o tipo de pessoa que é empurrada para todo canto, insultada e tem a casa metralhada. Mas posso fazer-me importante, se me empenhar. Pode acontecer. Se Suvendra precisa de mim, eu vou.

- Você nem conhece Suvendra!

- Sei que ela é da Rizome e luta por nós. Não podemos dar as costas a uma sócia. E quem disparou contra nosso chalé vai pagar por isso.

O bebê começou a choramingar. David acomodou-se melhor e falou com muita calma.

- E nós, Laura, você, eu e Loretta? Você poderia morrer lá.

- Não é só pela companhia; é por nós! Fugir não vai nos dar segurança.

- O que devo fazer, então? Ficar para trás, mandando beijinhos enquanto você vai tornar o mundo seguro para a democracia?

- Então o quê? As mulheres sempre fizeram isso em tempo de guerra! - Laura fazia força para não levantar a voz. - Você é necessário aqui de qualquer modo, para assessorar o comitê. Eu vou para Cingapura.

- Não quero que você vá.

David tentava ser incisivo e durão, colocar sua posição perante Emily como um ultimato, mas não conseguiu parecer convincente. Tinha medo de que algo acontecesse a Laura. Estava quase implorando.

- Vou voltar; nada vai me acontecer.

As palavras soaram como reconforto, não como recusa, mas David continuava sentindo-se ferido.

Silêncio sepulcral. Emily sentia-se mal.

- Talvez não seja esta a hora de discutir esse assunto. Vocês foram submetidos a muito estresse. Ninguém diria que vocês estão agindo de um jeito não-Rizome.

- Nem precisariam dizer isso - respondeu Laura. - Sabemos como sentir isso sem que nos digam.

David manifestou-se.

- Vocês vão agir assim mesmo, não importa o que eu diga. Não adiantava hesitar, agora. Melhor terminar logo.

- Eu vou, eu preciso. E comigo, agora. Está dentro de mim, David. Já vi coisas demais. Se não fizer algo, nunca mais vou conseguir dormir.

- Muito bem - disse ele. - Não adianta argumentar, não é isso? Ou eu lhe dou uma surra ou peço o divórcio.

David levantou-se do bar, abatido, e deu alguns passos, muito tenso, arrastando os pés. De alguma maneira, ela conseguiu dominar-se, ficar quieta, e deixar que ele lutasse consigo mesmo.

Por fim, ele falou alto:

- Acho que estamos no centro de tudo agora, gostemos ou não. Que diabo! Pelo que sei, metade da Rizome está na lista negra de algum terrorista só porque tomou posição. Se recuarmos na frente de criminosos, nunca mais viveremos bem - parou, olhando para Laura.

Ela ganhara. Laura sentiu o rosto, rígido e teimoso, abrir-se num sorriso. Desarmado e radiante, um sorriso para ele. Ela tinha orgulho do marido. Orgulho porque ele era tal como era - e porque Emily presenciara tudo.

David sentou-se de novo junto ao bar e encarou a mulher.

- Mas não é você quem vai; eu vou.

Ela tomou a mão dele e observou-a. Uma mão macia, quente e forte.

- E assim que a coisa funciona, conosco. Você é o homem das idéias, David. Eu ponho as pessoas em movimento.

- Deixe que eu leve um tiro - disse ele. - Não suportaria se algo lhe acontecesse. Estou falando sério.

- Nada vai acontecer, querido. Eu mesma vou fazer esse serviço e voltarei. Coberta de glórias - disse Laura, abraçou fortemente o marido.

Ele afastou-se, pondo-se de pé.

- Nem isso você vai me conceder? Vou embora - e foi para a porta. Emily abriu a boca. Laura agarrou o braço da amiga. David deixou o apartamento.

- Deixe-o ir - disse Laura. - Ele é sempre assim, quando brigamos. Ele precisa disso.

- Lamento.

- Foi muito ruim para nós. Estivemos todo o tempo na linha. Ele precisa liberar a tensão - Laura estava quase chorando.

- Estão com *jet lag*. "Queimados" pela Rede. Vou pegar um lenço de papel para você.

- Normalmente eu me dou melhor com ele - disse Laura, forçando um sorriso -, mas, agora, sinto-me um trapo.

- Puxa! - Emily deu-lhe um lenço. - Não é de admirar.

- Desculpe.

Emily tocou-lhe o ombro.

- Eu sempre a atormento com meus problemas, Laura, mas você nunca procura meu apoio. Sempre tão controlada. Todos dizem isso - hesitou. - Você e David precisam de um tempo juntos.

- Teremos todo o tempo do mundo quando eu voltar.

- Talvez fosse bom reconsiderar.

- Não adianta, Emily. Não podemos nos esquivar - respondeu Laura, limpando os olhos. - Foi algo que Srubbs me contou antes de ser morto. Um mundo só significa que não há lugar para se esconder - meneou a cabeça, jogou o cabelo para trás e enxugou os olhos. - Que diabo! Cingapura está a um telefonema de distância. Vou ligar para David todos os dias. Estarei perto dele.

Capítulo 7

Cingapura. A quente luz tropical entrava pelas venezianas de madeira marrom. Um ventilador de teto rangia e oscilava, rangia e oscilava, e a poeira fazia uma lenta dança atômica acima da cabeça de Laura. Estava numa cama, do quarto do andar superior, do velho celeiro de frente para a água. O quartel-general da Rizome em Cingapura.

Relutantemente, Laura sentou-se na cama, piscando, com um linójeo fino, imitando madeira, frio e pegajoso debaixo de seus pés suarentos. A *siesta* dera-lhe dor de cabeça.

Vigas maciças em forma de "I" perpassavam pelo piso e teto, sua caiação descascando sobre manchas de ferrugem que pareciam bolor. As paredes à volta estavam cobertas com pilhas de engradados e caixas de papelão. Spray em lata para cabelos, prejudicial à atmosfera. Sabonete cosmético para mulheres cheio de antibióticos de amplo espectro. Tônicos fraudulentos de zinco e *ginseng* que alegavam curar a impotência e fazer bem para o baço. Toda essa porcaria já estava no lugar quando os proprietários anteriores faliram. O pessoal de Suvendra recusava-se a vender.

Mais cedo ou mais tarde, o estoque seria inutilizado e eles assumiriam a prejuízo, mas, entretanto, uma turma de lagartixas tomava conta de tudo, em meio às frestas. Aquelas lagartixas pelas paredes, com suas peles translúcidas e pupilas em fenda, dedos achatados. Ali vinha uma, abrindo caminho com toda agilidade no teto manchado de água. Era a grande, como uma matrona, que gostava de se acomodar bem em cima de sua cabeça, lá junto ao lustre.

- Alô, Gwyneth - disse Laura para o bicho, bocejando.

Olhou para o relogiofone. Quatro da tarde. Ainda estava com sono atrasado, pressa, preocupação e *jet lag*, mas era hora de levantar-se e voltar ao trabalho.Vestiu rapidamente o jeans, tentou desamassar a camiseta. Seu terminal estava sobre uma mesinha dobrável, atrás de uma grande cesta de vime com flores de papel. Algum político de Cingapura enviara-lhe o buquê como presente de boas-vindas. Usual. Conservou o presente, porque nunca vira flores de papel como as de Cingapura. Eram extremamente elegantes, quase assustadoras, em sua perfeição de réplica de museu. Hibiscos vermelhos, crisântemos brancos. As cores nacionais. Lindas, perfeitas e irreais. Cheiravam a água de colônia francesa.

Sentou-se e ligou o terminal, carregando os dados. Abriu uma garrafa de água mineral e serviu-se numa xícara de chá ornada de dragões. Bebeu um pouco e estudou a tela. Depois, ficou absorta.

O mundo em sua volta desaparecera. No fundo preto, letras verdes. O mundo interior da Rede.

Parlamento da República de Cingapura Comissão Especial sobre Política de informática Sessões Públicas, 9 de outubro de 2023

Presidente da Comissão

S. P. Jeyaratnam, M. P. (Jurong), PIP

Vice-Presidente

Y. II. Leong.M. P. (Moulmein), PIP

A. bin Wang.M. P. (Brás Basah), PIP

T. B. Pang, M. P. (Queenstown), PIP

C. II. Quah, M. P. (Telok Blangah), PIP

Dr. R. Razak, M. P. (Anson), Partido Anti-Trabalhista

Transcrição do Testemunho

Sr. Jeyaratnam: ...acusações que só podem ser consideradas calúnias gratuitas!

Sra. Webster: Conheço bem a flexibilidade das leis locais sobre calúnia.

Sr. Jeyaratnam: Está denegrindo a integridade de nosso sistema legal?

Sra. Webster: A Anistia Internacional tem uma lista de dezoito ativistas políticos locais, falidos ou presos pelos processos de calúnia de seu governo.

Sr. Jeyaratnam: Esta comissão não será usada como saco de pancadas globalista! A senhora poderia aplicar padrões tão elevados a seus bons amigos lá de Granada?

Sra. Webster: Granada é uma ditadura autocrática, praticando tortura política e assassinato, senhor presidente.

Sr. Jeyaratnam: De fato. Mas isso não impediu que vocês, americanos, se aproximassem deles. Ou que nos atacassem: um democracia industrial irmã.

Sra. Webster: Não sou uma diplomata dos Estados Unidos, sou uma sócia da Rizome. Minha preocupação direta é com a política de suas empresas. As leis de informática de Cingapura promovem a pirataria industrial e a invasão de privacidade. Seu Yung Soo Chim lslamic Bank pode ter uma boa fachada de legalidade, mas prejudicou os interesses de minha empresa tanto quanto o United Bank of Grenada. Ou mais. Não queremos ofender seu orgulho ou soberania, ou seja lá-o-que-for, mas queremos que essas políticas mudem. Foi por isso que vim até aqui.

Sr. Jeyaratnam: Está igualando nosso governo democrático com um regime terrorista.

Sra. Webster: Não os estou igualando, porque não posso acreditar que Cingapura seja responsável pelo ataque brutal que testemunhei. Mas os granadinos acreditam, porque sabem muito bem que eles e vocês são rivais na pirataria. Portanto, vocês têm um motivo. Quanto à vingança, eu acho... Eu sei que eles são capazes de qualquer coisa.

Sr. Jeyaratnam: Como de qualquer coisa? Quantos batalhões possui esse curandeiro?

Sra. Webster: Só posso lhe falar do que eles me contaram. Pouco antes de eu sair, um oficial granadino chamado Andrei Tarkovsky deu-me uma mensagem para vocês.

[Testemunho da senhora Webster apagado]

Sr. Jeyaratnam: Ordem, por favor! Isto é propaganda terrorista comum... 0 presidente aceita o aparte do senhor Pang.

Sr. Pang: Sugiro que a mensagem subversiva seja apagada do registro.

Sra. Quah: Apoio a moção.

Sr. Jeyaratnam: Assim seja.

Dr. Razak: Senhor presidente. Quero registrar minha objeção a esse insensato ato de censura.

Sra. Webster: Cingapura pode ser a próxima! Eu vi acontecer! Legalismos; isso não vai ajudá-los se eles semearem minas em sua cidade e lançarem bombas incendiárias!

Sr. Jeyaratnam: Ordem! Ordem, por favor, senhoras e senhores.

Dr. Razak: ...um tipo de hoteleira?

Sra. Webster: Nós, na Rizome, não temos "empregos", doutor Razak. Só coisas afazer e as pessoas para fazê-las.

Dr. Razak: Meus prezados colegas do Partido Inovador do Povo poderiam chamar isso de "ineficiência".

Sra. Webster: Bem, nossa idéia de eficiência tem mais a ver com realização pessoal do que posses materiais.

Dr. Razak: Pelo que sei, um grande número dos empregados da Rizome não trabalha.

Sra. Webster: Bem, tomamos conta dos nossos. Claro que boa parte das atividades está fora da economia do dinheiro. Uma economia invisível que não é quantificável em dólares.

Dr. Razak: Em ECU, a senhora quer dizer.

Sra. Webster: Sim, desculpe. E como no trabalho doméstico: não se ganha nenhum dinheiro por ele, mas é como a sua família sobrevive, não é? Só porque não está num banco, não quer dizer que não exista. Aliás, não somos "empregados", somos "sócios".

Dr. Razak: Em outras palavras, o seu motivo é alegria lúdica, em vez de lucro. Substituíram "trabalho", o fantasma humilhante da "produção forçada" por uma série de passatempos variados, como jogos. Substituíram a motivação da cobiça por uma rede de laços sociais, reforçados por uma estrutura de poder eletiva.

Sra. Webster: Sim, acho que é isso... Se é que entendi suas definições.

Dr. Razak: Quanto tempo vai demorar até que possam eliminar o "trabalho" inteiramente?

"Cingha Pura" significava "Cidade do Leão". Mas nunca houve leões na Ilha de Cingapura.

Esse nome tinha de fazer algum sentido. A lenda local dizia que o "leão" tinha sido um monstro marinho.

Do lado oposto ao Estádio Nacional de Cingapura, um mar de pessoas erguia suas lanternas e mostrava a Laura seu monstro. O "leão do mar", de Cingapura, era feito de quadrados de cartolina, formando um brilhante mosaico.

Quando ele passava, era ouvido o ruidoso e patriótico aplauso de uma multidão composta por setenta mil pessoas.

O "leão do mar" tinha um corpo alongado e escamoso, como o de um peixe, e a cabeça de leão do antigo Império Britânico. Havia uma estátua dele no Parque Leão do Mar, na foz do rio Cingapura. A coisa tinha perto de nove metros de altura, um híbrido genuinamente monstruoso.

Oriente e Ocidente - como gatos e peixes - nunca os dois vão se encontrar. Até que alguma alma brilhante simplesmente cortasse a cabeça de um, para espetar o leão no resto do corpo. E ali estava. Cingapura.

Tinha quatro milhões de habitantes e os maiores arranha-céus do mundo.

Suvendra, sentada junto de Laura nas arquibancadas, ofereceu-lhe um saco de papel com chips de banana. Laura pegou um punhado e bebeu mais limonada. No estádio estavam vendendo as melhores refeições rápidas que já experimentara.

Lá no campo, outra figura ensaiada. Um grande rosto sorridente, desta vez, os pixels de cartolina grandes e grosseiros demais, como gráficos de computador de má qualidade.

- É o espécime, que estão mostrando.

Suvendra tentava ajudar. Mulher malaia, pequenina, cerca de cinqüenta anos, cabelo oleoso num chino e orelhas pequenas e protuberantes. Usava vestido amarelo, boné para jogar tênis e uma echarpe da Rizome. Perto dela, um gorducho eurasiano mastigava sementes de girassol e cuidadosamente cuspia as cascas num saquinho plástico de lixo.

- O quê? - perguntou Laura.

- Capitão do espaço. O astronauta deles.

- Ah, claro.

Então esse era o astronauta de Cingapura, sorrindo dentro de seu capacete. Parecia uma cabeça decapitada espetada dentro de um televisor.

Um barulho vindo do lado oeste do céu fez Laura encolher-se. Seis pterodátilos preto-foscos sobrevoaram o estádio. Coisas feias. Eram jatos de combate da Força Aérea de Cingapura, a esquadrilha acrobática, os Anjos de Cromo ou sei-lá-o-quê. Os jatos cuspiam plumas de fumaça laranja de suas asas em flecha. Em resposta, a multidão ficou de pé, alegre, gritando e brandindo seus programas.

A brigada dos meninos e meninas invadiu o campo de futebol, com camisetas vermelhas e brancas e bonés pequenos. Assumiram posição, agitando fitas que estavam

na ponta de um bastão. Escolares antissépticos, marchando, todas as raças e credos, mesmo que fosse difícil discernir um do outro.

- Bem treinados, não? - disse Suvendra.

- Sim...

Um telão ficava no lado leste do campo. Mostrava a imagem ao vivo da cobertura de televisão do *Cingapura Broadcasting Service*. A câmera deu um close na tribuna nobre do estádio. Os figurões locais observavam as crianças com aquele olhar sorridente e sentimental que os políticos sempre têm para os filhos de seus eleitores.

Laura estudou-os. O cara de paletó de linho era S. P. Jeyaratnam, o czar das comunicações. Um tamil, de sobrancelhas espetadas que mais parecia um estrangulador *thug*. Jeyaratnam era ex-jornalista, agora chefe dos carrascos do Partido Inovador do Povo. Tinha talento para gerar violência. Laura não gostou de enfrentá-lo.

O primeiro-ministro de Cingapura notou a câmera. Retirou seus óculos escuros com armação de ouro por alguns instantes e piscou para a objetiva.

As pessoas, que se acotovelavam no estádio, acharam graça no gesto. Rindo amigavelmente, o primeiro-ministro cochichou algo com a mulher a seu lado; uma jovem atriz chinesa, que usava um penteado alto e um chalé dourado. A moça riu, numa pose estudada. O primeiro-ministro afastou uma mecha de cabelo preto da testa e sorriu, quando se pôde ver seus belos dentes.

O telão deixou as celebridades e voltou ao movimento das pernas de uma colegial, usando botas e fazendo suas evoluções.

As crianças deixaram o estádio sob os aplausos de todos e os soldados da Polícia Militar entraram, perfilados em duas filas. Capacetes brancos, presos no queixo, cinturões brancos do tipo Sam Browne, roupa caqui engomada, botas rebrilhando. Os soldados ficaram de frente para o público e começaram uma complicada ordem unida. Armas colocadas nos ombros numa onda cronometrada com toda a precisão.

- Hoje, Kim parece bem - observou Suvendra. Todos chamavam o primeiro-ministro pelo nome inicial. Chamava-se Kim Swee Lok - ou Lok Kim Swee, para seus amigos de etnia chinesa.

- Humm... - foi a resposta de Laura.

- Está muito calada, esta tarde - disse Suvendra, dando um leve toque no braço de Laura. - Ainda cansada com a audiência?

- Esse cara lembra meu marido - deixou escapar Laura.

- Deve ser um rapagão, seu marido - disse Suvendra, sorrindo.

Laura não se sentiu muito bem. Voara ao redor do mundo depressa demais - o choque cultural tinha estranhos efeitos colaterais. Uma região de seu cérebro, acostumada a certos padrões, estava hiperativa. Vira balconistas de loja de Cingapura com rosto de astros do cinema e policiais de rua que pareciam presidentes. Mesmo Suvendra lembrava Laura por Grace Webster, sua sogra. Sem semelhança física, mas a

mesma vibração. Laura sempre se entendera bem com Grace.

A pose estudada e simpática de Kim fez Laura sentir-se esquisita. A influência dele sobre aquela cidade-Estado tinha uma intimidade pessoal que era quase erótica. Era como se Cingapura tivesse casado com ele. Seu Partido Inovador do Povo aniquilara a oposição nas urnas. Democrática e legalmente, mas a República de Cingapura passara a ser essencialmente um Estado mono-partidário.

Toda aquela republiqueta, com seu tráfego intenso e povo alegre e disciplinado, estava agora nas mãos de um gênio visionário de 32 anos. Desde sua eleição para o Parlamento aos 23 anos, Kim Lok reformara o funcionalismo público, dirigiu um amplo esquema de reurbanizaçao e revitalizou as Forças

Armadas. Enquanto se envolvia com casos amorosos públicos e notórios, conseguira de algum modo terminar os cursos superiores de Engenharia e Ciências Políticas. Sua ascensão ao poder fora irresistível, sustentada por uma estranha mistura de ameaças e grande popularidade.

Os soldados terminaram em posição de sentido e fizeram continência. O povo levantou-se para cantar o hino nacional, que tinha o nome de *Conte Comigo, Cingapura*. Milhares de chineses, tâmis e malaios, sorridentes, bem-vestidos, cantavam em inglês.

O povo retomou seus lugares, fazendo aquele ruído peculiar de centenas e centenas de pessoas em movimento. Cheiravam a aniz e óleo de bronzear, misturado com sorvete. Suvendra ergueu o binóculo, na direção da tribuna de honra, cercada por vidro à prova de bala.

- Agora vem o grande discurso. Talvez comece com o vôo do astronauta, mas vai terminar com a crise de Granada, como sempre. Dá para adivinhar tudo o que ele vai fazer.

- Certo - Laura ligou seu pequeno gravador.

Eles se voltaram e olharam fixamente, na expectativa, a tela de vídeo.

O primeiro-ministro levantou-se, colocando cuidadosamente os óculos escuros no bolso do paletó. Apoiou-se na beirada da tribuna com as duas mãos, inclinando-se para a frente, queixo erguido e ombros para trás.

Um silêncio tenso e atento tomou a multidão. A mulher ao lado de Laura, uma matrona chinesa de calças largas e chapéu de palha, juntou os joelhos, nervosa, e cruzou as mãos no colo. O cara que comia sementes de girassol colocou-as junto aos pés.

A câmera deu um close. A cabeça e os ombros do primeiro-ministro destacaram-se no telão. Uma voz sedosa, amplificada, macia e íntima ressoou no sofisticado sistema de alto-falantes.

- Meus caros amigos cidadãos...

- Vai ser mesmo um discurso importante! - cochichou Suvendra apressadamente, enquanto o “Semente de Girassol” pedia silêncio.

- No tempo de nossos avós, os norte-americanos visitaram a Lua Neste

momento, uma antiga estação espacial do bloco socialista ainda circula na órbita da Terra.

- Porém até hoje a maior aventura da humanidade enfraqueceu-se. Os mercenários do poder estrangeiros não mais estão interessados em novas fronteiras. Os globalistas sufocaram esses ideais. Seus antigos e desajeitados foguetes espaciais ainda tentam imitar os mísseis nucleares com que outrora ameaçaram o planeta.

- Mas, senhoras e senhores, amigos concidadãos, hoje eu venho à vossa presença e digo-lhes que o mundo não se adapta à visão de Cingapura! - a

população começou a aplaudir freneticamente. O primeiro-ministro esperou, sorrindo. Depois levantou a mão e pediu silêncio.

- O vôo orbital do capitão Yong-Ju é o maior feito espacial de nossa era. Seu feito demonstra a todos que nossa república agora detém a mais avançada tecnologia de lançamentos espaciais da Terra. Tecnologia limpa, rápida e eficiente; baseada em nossos modernos avanços em supercondutividade e lasers sintonizáveis. Inovações que outras nações parecem incapazes de imitar ou sequer imaginar.

Nesse instante, foram ouvidos sorrisinhos secos e gritos alegres das setenta mil pessoas.

- Hoje, homens e mulheres do mundo todo voltam seus olhos para Cingapura. Estão assombrados pela grandeza de nosso feito; a crua verdade que mostra a mentira de anos de globalismo. Ficam a cismar como nossa cidade de quatro milhões de almas triunfou onde nações continentais falharam.

- Mas nosso sucesso não é segredo. Ele estava inerente em nosso destino, como nação. Nossa ilha é adorável, mas não pode nos alimentar. Por dois séculos, nós, da Cidade do Leão, ganhamos cada grão de arroz com nossa inteligência.

Enquanto ele falava apareceu um rosto austero no telão e uma onda de emoção correu pelo povo.

- Esta luta deu-nos força. A dura necessidade forçou Cingapura a assumir este pesado fardo. Desde Merdeka, nos igualamos aos progressos dos países do mundo desenvolvido e, até mesmo, os ultrapassamos. Aqui nunca houve lugar para preguiça ou corrupção. Mas enquanto nos lançávamos para a frente, aqueles vícios devoravam o cerne da cultura global - disse o primeiro-ministro, com sorriso nos lábios.

- Hoje, o gigante norte-americano adormece. Seu governo está reduzido a uma paródia televisiva; o bloco socialista segue seus sonhos vazios de avareza consumista. Mesmo os antigamente poderosos japoneses ficaram muito cuidadosos e frágeis.

- Atualmente, sob o encanto maligno da Convenção de Viena, o mundo desliza seguramente para uma cinzenta mediocridade. Mas o vôo do capitão Yong-Ju marca um ponto de inflexão. Hoje, nossa luta histórica entra numa nova fase; é por trunfos mais altos do que quaisquer que encaramos antes.

- Os impérios sempre quiseram dominar esta ilha. Lutamos contra os opressores japoneses por três impiedosos anos de ocupação. Mandamos embora os

imperialistas britânicos, de volta à sua decadência européia. O comunismo chinês e a traição malaia tentaram subverter-nos, sem sucesso. Neste momento, a rede da mídia globalista transborda de propaganda tendenciosa, apontada contra nossa ilha.

Com essas palavras, Laura estremeceu no balsâmico ar dos trópicos.

- As tarifas foram elevadas e cotas de exportações impostas sobre nossos produtos. Além de conspirações lançadas contra nossas indústrias pioneiras por multinacionais estrangeiras. Por quê? O que fizemos para merecer esse tratamento?

- A resposta é simples. Nós os vencemos no território deles mesmos. Tivemos sucesso, onde os globalistas falharam! - disse o primeiro-ministro. Com um gesto de mão, cortou o ar, fazendo com que sua pulseira refletisse.

- Se vocês viajarem por qualquer outra nação desenvolvida do mundo de hoje, vão encontrar o desleixo, a decadência e o cinismo. Em todo lugar abdica-se do espírito pioneiro. As ruas estão cheias de lixo e as fábricas destruídas pela corrosão. Homens e mulheres abandonados, em total desespero, formam a fila dos desempregados. Artistas e intelectuais, sem objetivos nem propósitos, mexiam em jogos vazios de alienação inquieta Por todo lugar, a rede entorpecente de propaganda sobre um mundo só.

- O regime da Cultura Cinza não se detém por nada para defender e estender seu *status quo*. A Cultura Cinza não consegue enfrentar o vigor desencadeado por Cingapura, com sua competição livre. Assim, fingem desprezar nosso talento, nossa ousadia. Vivemos num mundo de luditas, que dão bilhões de dólares para preservar florestas horríveis, mas nada para as aspirações mais elevadas da humanidade.

- Encantados pela promessa vazia de segurança, o mundo fora de nossas fronteiras está adormecido. As perspectivas são ruins. Mas há esperança, pois Cingapura hoje está viva e desperta, como nenhuma outra sociedade jamais esteve.

- Meus amigos, concidadãos: Cingapura não vai mais aceitar um papel imposto e secundário na periferia do mundo. Nossa Cidade do Leão não é o quintal de ninguém, não é um Estado-marionete! Esta é a Era de Informática e nossa falta de território - apenas de terras - não mais nos segura. Num mundo que está caminhando rumo à sonolência medieval, nossa Cingapura é o centro em potencial de uma renascença!

Enquanto isso, a mulher de calças apertadas segurou a mão do marido.

- Ergui-me perante vocês hoje para dizer que está chegando uma batalha; uma luta pela alma da civilização. Nossa Cingapura vai liderar essa batalha! E vamos ganhar!

Depois dessas palavras, o público aplaudiu entusiasmado. Por todo o estádio, homens e mulheres - membros do partido, talvez? - ficaram em pé. Aproveitando a situação a multidão erguia-se, em grupos. Laura e Suvendra ergueram-se também, para não serem diferentes. A gritaria parou e o estádio ressoava com aplauso em uníssono.

- Ele é um chatinho - murmurou Laura. Suvendra concordou, ainda fingindo aplaudir.

- Caros senhoras e senhores - retomou o primeiro-ministro, em voz baixa. A

multidão aquietou-se.

- Nunca fomos um povo complacente. Nós, cingapurianos, nunca abandonamos nossa sábia tradição de serviço militar universal. Hoje, colhemos os frutos desse longo sacrifício, em tempo e esforço. Nossas pequenas, mas avançadas Forças Armadas, agora alinham-se entre as melhores do mundo moderno. Nossos adversários ameaçaram e vociferaram durante anos, mas nunca se atreveram a provocar a forte Cingapura. Eles sabem muito bem que nossas Forças de Deslocamento Rápido podem retaliar, cirúrgica e velozmente, qualquer canto do globo!

- Assim, a batalha com que nos defrontaremos será sutil, sem fronteiras bem-delimitadas. Vai desafiar nossa vontade, nossa independência, nossas tradições e nossa própria sobrevivência como povo.

- A primeira escaramuça já desponta sobre nós. Refiro-me à recente atividade terrorista contra a ilha caribenha de Granada. O governo de Granada - se é que pode ser assim chamado...

Nesse instante, ouviu-se algumas risadas para aliviar a tensão.

- O governo de Granada alegou publicamente que certos elementos aqui de Cingapura têm a responsabilidade por este ataque. Chamei o Parlamento para conduzir uma exaustiva investigação pública deste assunto. Atualmente, senhoras e senhores, não posso comentar detalhadamente este tema. Não vou prejudicar a investigação, nem vou colocar em perigo nossas vitais fontes de inteligência. Entretanto, posso adiantar-lhes que os inimigos de Granada podem ter-se utilizado dos canais comerciais de Cingapura como fachada. Se isso for verdade, asseguro-lhes hoje que as partes responsáveis pagarão um elevado preço por isso.

Com o olhar de muita sinceridade, Laura observava os rostos do povo. As pessoas sentavam-se em bancos, sérias, mas com um semblante confiante e enobrecidas.

- Meus caros, senhoras e senhores, nós, desta ilha, não temos ressentimentos contra o povo sofredor de Granada. Pelos canais diplomáticos, já lhes estendemos a mão, oferecendo auxílio médico e técnico em seu momento de crise. Estes atos de boa vontade foram rejeitados. Golpeado pelo cruel ataque, seu governo está em frangalhos e sua retórica poucas vezes é racional. Até que a crise se acalme, precisamos fincar o pé contra atos de provocação. E bom recordar que os granadinos nunca foram um povo disciplinado. Tenhamos esperança que, quando seu pânico se dissipar, eles voltem à sensatez - afirmou Kim.

Ele tirou as mãos da tribuna, com os nós dos dedos brancos de tanto fazer força, e afastou uma mecha de cabelo dos olhos. Fez uma pequena pausa, abrindo e fechando os dedos, como se estivessem formigando, e prosseguiu:

- Entretanto, porém, eles continuam com ameaças beligerantes. *Granádia* não consegue reconhecer que, basicamente, temos interesses comuns.

Laura estranhou a palavra “Granádia”.

- Um ataque contra a soberania de *Granádia* é uma ameaça em potencial à nossa própria. Devemos aceitar a possibilidade, a probabilidade, de estar em curso uma estratégia de dividir-para-conquistar. Ocorrendo... Hoje...

Nesse instante Kim afastou o olhar da câmera. De repente, no telão, gotas de suor em sua testa maquilada pareciam grandes como bolas de futebol. Longos segundos passaram-se. Pequenos grupos murmuravam ansiosos no meio da multidão.

- Hoje ou amanhã, vou declarar estado de sítio, concedendo poderes... ao Executivo. Poderes que serão necessários para proteger nossos cidadãos de possíveis atos subversivos... de ataques dos cinzentos globalistas ou dos negros. Os granadinos. Os negros... malditos! - vociferou Kim.

Ele afastou-se bruscamente da tribuna, quase caindo. Olhou para a esquerda de novo, buscando ajuda. Alguém fora do campo da câmera murmurou algumas palavras, ansiosamente. Kim balbuciou em voz alta:

- O que eu estava dizendo?

Procurou no bolso por um lenço e seus óculos caíram no chão. Limpou a testa e o pescoço. Uma repentina convulsão atacou-o. Tropeçou para a frente, agarrando-se na tribuna. Com rosto sisudo, gritou nos microfones:

- Os cachorros foderam com Viena! Senhoras e senhores, eu... receio e lamento que os párias dos vira-latas tenham fodido o Aiatolá! Venham lamber meu eu! Vocês deviam cagar no "Capitão do Espaço", maldito lançamento laser fodido...

O povo começou a dar gritos de horror. Ouvia-se um rumor surdo, enquanto a multidão de milhares de pessoa se erguia, aparvalhada.

Kim desabou e caiu atrás da tribuna.

Inesperadamente, levantou-se de novo, como uma marionete e abriu a boca. Não mais que de repente, diabolicamente, vomitou sangue e fogo. Uma torrente de chamas vividas jorrou de sua boca e olhos. Em segundos, seu rosto gigantesco, no telão, estava escurecendo, com um calor impossível. Um ensurdecedor grito de agonia abalou o estádio. O som das almas penadas e de folha metálica rasgada.

Seus cabelos acenderam-se, como uma vela, e a pele encarquilhou-se. Enfiou as unhas nos olhos em chamas. O ar tomou-se um furacão de ruído metálico.

Num instante, as pessoas das arquibancadas inferiores estavam invadindo o campo. Pulando, tropeçando, escalando a cerca, uns por cima dos outros. Passaram impetuosamente sobre os capacetes brancos dos policiais, como se pisassem sobre bóias.

O barulho não parava.

Laura sentiu um puxão forte em sua perna. Era Suvendra. Estava agachada debaixo do banco, apoiada nos cotovelos e joelhos. Gritou alguma coisa, impossível de ouvir. Depois fez um gesto para Laura se abaixar.

Laura titubeou. Quando olhou para cima, toda a multidão vinha para cima dela, fugindo da arquibancada como uma avalanche. Cotovelos, joelhos, ombros e pés assassinos.

Um corpo surgiu, vindo do nada, e Laura caiu para trás, sobre o banco da fileira de baixo. Deu de encontro com uma coisa que cedeu esponjosamente: era um corpo humano.

O cimento rachou e um pedaço atingiu seu rosto. Estava no chão e pisaram nela; um golpe doído nas costas, que tirou-lhe o fôlego. Pisoteada, não podia ver nada. Parecia que estava morrendo!

Segundos do mais puro e negro pânico. Então, começou a se arrastar, esgueirando-se, como Suvendra, debaixo de um banco, já solto. Mais gente descendo, agora. Um movimento louco e sem fim de pernas correndo. Um pé calçando sandálias pisou nos dedos dela. Ela puxou a mão, rapidamente.

Um menino tropeçou e caiu de cabeça, batendo o ombro no encosto de um banco. Vultos, o calor aumentando e o fedor do medo, barulho, corpos caindo, atabalhoadamente.

Laura cerrou os dentes e tentou lançar-se para a frente. Agarrou o menino pela cintura e puxou-o de volta. Abraçou-o e colocou-o debaixo de si.

Ele enfiou o rosto no ombro dela, agarrando-a com tanta força que a machucava. O cimento tremia debaixo de seu corpo, o estádio sacudia com a avalanche humana.

De repente, o barulho infernal dos alto-falantes desapareceu. Os ouvidos de Laura zuniam. Com uma espantosa surpresa, pôde ouvir o menino soluçando. Gritos de medo e dor despontavam no silêncio que então surgira.

O campo de futebol estava cheio de gente. Os bancos à volta dela estavam cobertos de objetos abandonados, como sapatos, chapéus e garrafas de bebidas. Lá embaixo, os feridos vagavam como bêbados. Alguns ajoelhavam, soluçando. Outros ficavam deitados, com fraturas.

Laura sentou-se na arquibancada, devagarzinho, segurando o menino no colo. Ele ainda escondia o rosto contra o ombro dela.

Faixas de estática de televisão perpassavam pelo telão. Ela respirava fundo, e tremia. Enquanto durou aquilo, não houvera tempo, só uma enlouquecedora e ensurdecedora eternidade. A loucura passara pela multidão como um furacão. Agora, tudo se fora.

Durou quase quarenta segundos.

Um velho *sikh* de turbante passou por ela mancando, sua barba branca pingando sangue. No gramado, o povo se retirava, devagar. A polícia tentava, em vários cantos do estádio, fazer as pessoas se acalmarem e sentar. Alguns obedeciam, mas a maioria se esquivava, estonteados e relutantes, como gado.

Laura lambeu os nós dos dedos, esfolados, e olhou para baixo, abismada

Tudo aquilo, por *nada*. Pessoas sensatas e civilizadas ficaram agitadas e, saindo de seus lugares, pisotearam umas as outras, até a morte. Agora que tudo acabara, as que estavam em condições de andar não tinham forças nem para deixar o

estádio. Algumas até *voltaram a seus lugares nas arquibancadas.* Rostos abatidos e pernas trêmulas; um ar de zumbi.

No outro lado do banco de Laura, uma mulher gorda num *sari* florido estava tremendo e gritando e batia no marido com um frouxo chapéu de palha, repetidamente.

Alguém tocou o ombro de Laura. Suvendra estava sentada ao seu lado, binóculos na mão.

- Você está bem?

- Mamãe - choramingava o menino. Ele tinha perto de seis anos, usava um bracelete de identificação dourado e uma camiseta com um busto de Sócrates.

- Escondi-me, como você - Laura disse para Suvendra. Pigarreou, ainda trêmula. - Foi muito bem pensado.

- Enfrentei coisas assim antes, em Jacarta.

- Mas, o que aconteceu?

Suvendra apanhou o binóculo e apontou para a tribuna de honra.

- Avistei Kim. Está vivo.

- Kim! Mas eu o vi morrer...

- Você viu um truque sujo. O que você viu é impossível. Nem mesmo Kim Swee Lok pode cuspir fogo e explodir- Suvendra abateu-se, amargurada. - Eles sabiam do discurso de hoje. Tiveram tempo de preparar tudo. Os terroristas.

- Oh, Jesus - disse Laura, cruzando as mãos.

- As autoridades desligaram, agora. Porque ele foi sabotado, *né*? Alguém colocou um filme pirata na tela e provocou um pesadelo. Para assustar a cidade - gritou Suvendra, apontando para o telão, cheio de estática.

- Mas e aquelas coisas malucas que Kim falou... Ele parecia estar dopado! - Laura alisou o cabelo do menino, distraída. - Aquilo precisava ser falsificado, também. Era tudo uma fita falsa. Certo? Mas Kim está bem.

- Não, eu o vi. Estavam carregando-o... Receio que a tribuna de honra tivesse alguma armadilha e Kim caiu nela - afirmou Suvendra olhando em seu binóculo.

- Quer dizer que tudo isso aconteceu? Kim realmente disse aquilo*?* Sobre cachorros e... Oh, meu Deus, não.

- Drogar um homem para que ele faça papel de louco, depois fazer com que ele pareça estar queimando vivo. Isso pode parecer agradável para um praticante de vodu. - Suvendra levantou-se, amarrando as fitas de seu chapéu debaixo do queixo.

- Mas Kim... disse que queria a paz com Granada.

- Ferir Kim foi um erro estúpido. Poderíamos ter arranjado a situação com sensatez - disse Suvendra. - Mas também, não somos terroristas. - Abriu a bolsa e retirou um cigarro.

Uma mulher com sua blusa de seda rasgada veio mancando, gritando por alguém chamado Lee.

- Não pode fumar em público - Laura advertiu, distraidamente. - E ilegal, aqui.

- A Rizome precisa ajudar essa gente pobre e enlouquecida. Espero que você

esteja se lembrando de seu treinamento de primeiros socorros - afirmou Suvendra, com olhar indiferente.

Laura estava em sua cama de acampamento da Rizome, sentindo-se como confete. Olhou para o relogiofone. Eram três horas da madrugada, hora de Cingapura, sexta-feira, 13 de outubro. A janela refletia palidamente com a luz azulada das lâmpadas de arco voltaico das docas da Lagoa Leste. Robôs-estivadores, sobre grandes esteiras, andavam sem problemas pela escuridão. Um guindaste mergulhava nas entranhas de um cargueiro romeno, o gigantesco braço de aço movendo-se com teimosa persistência, retirando enormes containeres, como se fossem pequenos brinquedos.

Uma televisão estava ligada no quartinho de Laura, com o som baixo. Um repórter local, um engomadinho aprovado pelo governo, como todos os repórteres daqui... como os de qualquer lugar, informava sobre o movimento de feridos nos hospitais.

Quando fechou os olhos, ainda podia ver os peitos arfando debaixo de camisas rasgadas e as mãos dos paramédicos, tentando salvar as vítimas. De certa forma, pior foram os gritos, mais enervantes que a visão do sangue. O tom enervante da dor, os sons animais que as pessoas emitem quando sua dignidade é arrancada para longe...

Onze mortos. Apenas onze, um milagre. Antes deste dia, ela nunca soubera como o corpo humano era resistente, que a carne e o sangue eram como borracha, cheios de inesperada elasticidade. Homens e mulheres ficaram embaixo de pilhas maciças e semoventes e, de algum modo, saíram vivos. Como a vovozinha chinesa com as costelas quebradas e a peruca arrancada, que agradecera muitíssimo a Laura com mesuras de desculpa de sua cabeça careca, como se o tumulto fosse inteiramente sua culpa.

Laura não conseguia dormir, ainda ressentindo-se de uma alquimia de horror e alívio. De novo, seus pesadelos irromperam para dentro de sua vida. Mas estava *reagindo melhor.* Desta vez, até conseguira salvar alguém. Saltara no meio da confusão e agarrou alguém, ao acaso: Geoffrey Yong. O pequeno Geoffrey, que vivia no bairro de Bukit Timah e estava no primeiro ano da escola e estudava violino. Devolvera-o, vivo e inteiro, para a mãe.

- Eu mesma tenho uma menininha - disse para a outra. A senhora Yong dera-lhe um inesquecível olhar de vasta e mística gratidão. Amabilidade de campo de batalha das irmãs combatentes do exército da maternidade.

Olhou novamente para o relogiofone. Agora era meio-dia, na Geórgia Podia telefonar de novo para David, em seu esconderijo no Retiro da Rizome. Seria bom ouvir a voz dele outra vez. Sentiam muita falta um do outro, mas, pelo menos, podiam se falar por telefone, e isso dava-lhe a visão do mundo exterior e contar-lhe que ela estava se saindo bem. Isso era muito importante para Laura, pois tirava um peso de sua consciência. Precisava desesperada-mente falar sobre o acontecido. Ouvir a vozinha

de Loretta. Arrumar tudo para cair fora desta cidade maluca, e voltar para seu lugar.

Digitou alguns números. Sons de discagem. Depois, nada A maldita engenhoca estava danificada ou coisa assim. Talvez tivesse quebrado durante o tumulto.

Sentou-se na cama e tentou algumas funções. Ainda continha todos seus compromissos e a lista de informações para turistas, que lhe fora dada pela alfândega... Talvez o sinal estivesse ruim, devido ao excesso de aço nas paredes do armazém. Dormira em lugares ruins, em outras ocasiões, mas este beco já era demais, mesmo para a Rizome.

A imagem da televisão chamou a atenção de Laura Quatro meninos com roupas brancas de caratê - não, túnicas gregas - correram para cima do repórter. Derrubaram-no na calçada na frente do hospital e estavam chutando e socando o homem, metodicamente. Jovens, talvez estudantes. Lenços listrados cobriam suas bocas e narizes. Um deles bateu na câmera com uma placa de protesto, falando apressadamente, em chinês.

A cena mudou para uma sala de estúdio onde uma eurasiana de meia-idade olhava, assombrada, para seu monitor.

Laura rapidamente aumentou o som. A apresentadora logo agarrou um bloco de folhas e começou a falar em chinês.

- Droga! - Laura mudou os canais.

Entrevista coletiva. Um chinês com roupa branca, de médico, tinha aquele aspecto estranho e repulsivo comum a alguns cingapurianos velhos - os mais ricos. Um rosto rígido de vampiro, fino, que não dava para identificar sua idade ou transfusões semanais de sangue tirado de terceiro-mundistas adolescentes...

- ...todas as funções, sim, - dizia o doutor “Vampiro”. - Hoje, muitas pessoas com a Síndrome de Tourette pode viver normalmente.

Sons indefinidos, vindos do andar debaixo. Essa coisa parecia gravada. Laura não sabia o porquê. Faltava um sentimento de coisa fresca.

- Depois do ataque, a senhorita Ting segurou as mãos do primeiro-ministro - disse o doutor “Vampiro” - Por causa disso, o agente de transferência contaminou também os dedos dela. Claro, a dosagem da droga foi muito inferior à recebida pelo primeiro-ministro. Ainda temos a senhorita Ting sob observação. Mas as convulsões e tudo mais não foram o caso dela, de modo algum.

Laura tomou um susto, e aversão. Aquela pobre atrizinha. Pegaram Kim por alguma coisa que ele tocou, e ela segurou as mãos dele. Segurar as mãos do líder de seu país, enquanto ele estrebuchava e gritava como um babuíno hidrófobo. “Cristo! O que deve ter pensado, quando viu que estava pegando a doença, também?” Laura não ouviu a pergunta seguinte. Sons indefinidos, Granada, sons indefinidos.

Testa enrugada, gesto de desdém:

- O uso de biomedicina no terrorismo político é... terrificante. Viola todo código ético concebível.

- Seu hipócrita odioso! - gritou para a tevê.

Alguém bateu de leve em sua porta. Laura sobressaltou-se e colocou sua camiseta de algodão.

- Entre!

O marido de Suvendra olhou para dentro, um homenzinho com uma rede no cabelo e pijama de papel.

-- Ouvi barulho e percebi que você estava acordada - disse ele, polidamente. Seu sotaque tomava-o ainda mais difícil de ser entendido do que Suvendra. - Há um mensageiro lhe procurando!

- Certo, obrigado. Desço já. - Ele retirou-se e Laura colocou seu jeans; jeans dos militares de Granada. Agora que estava longe, até que gostava da roupa. Colocou sandálias de borracha que comprara por ali mesmo, ao preço de um pacote de goma de mascar.

Saiu do quarto, para o saguão, descendo as escadas, sob as arcadas e a vitrina empoeirada. As paredes estavam forradas com pilhas de containeres, caixas de aço fechadas do tamanho de um ônibus. Havia também um robô das docas sobre um macaco hidráulico, sem rodas. O ar estava impregnado por um cheiro de arroz, gordura, café e borracha.

Fora do armazém, no pátio dos caminhões, um dos homens de Suvendra estava conversando com o mensageiro. Eles a perceberam e viu-se um pequeno clarão vermelho, quando o rapaz da Rizome pisou no cigarro.

Os pés do mensageiro, calçados com sandálias, estavam apoiados nas barras do riquixá, um elegante triciclo com acabamento em bambu laqueado e fios de aço.

O rapaz pulou de seu assento com a graça e a agilidade de um dançarino. Tinha uma camiseta branca e calças baratas, de papel. Parecia ter dezessete anos, um malaio com olhos castanhos e braços de atleta.

- Boa noite, madame.

- Oi - apertaram as mãos, e ele bateu o nó do dedo na palma da mão dela. Um cumprimento de sociedade secreta.

- Ele é “preguiçoso” e “burro” - avisou o rapaz da Rizome. Como o resto das pessoas locais de Suvendra, aquele rapaz da Rizome não era cingapuriano, mas mafilindonésio, de Jacarta. Seu nome era Ali.

- Hã? - fez Laura.

- Sou “inadequado para emprego convencional” - disse o mensageiro, como se isso explicasse tudo.

- Ah, certo - disse Laura entendendo agora. O rapaz era da oposição local. O Partido Anti-Trabalhista.

Suvendra conseguira um pouco de solidariedade com o líder dos antitrabalhistas. Seu nome era Razak. Como Suvendra, Razak era malaio, grupo minoritário numa cidade oitenta por cento chinesa. Conseguira reunir apoio local, se bem que frágil: em parte étnico, em parte de classe, mas, principalmente, lunáticos.

A filosofia política de Razak era bizarra, mas opusera-se teimosamente aos assaltos do partido governante, de Kim. Portanto, agora estava em posição de levantar questões embaraçosas no Parlamento. Seus interesses coincidiam parcialmente com os da Rizome, assim eram aliados.

Os antitrabalhistas faziam uso pleno da aliança. Bandos deles ficavam por perto do armazém da Rizome, segurando cartazes, usando os telefones e banheiros, tirando cópias de seus papéis na copiadora da companhia. De manhã, reuniam-se nos parques da cidade, comendo pasta de proteína e praticando artes marciais, com suas calças de papel, rasgadas. As pessoas se reuniam para rir deles.

- Obrigada por ter vindo tarde. Aprecio sua dedicação - falou Laura com ironia na voz.

- Sem problema, madame. Sou o observador de seus direitos civis. - respondeu o rapaz, dando de ombros.

- O quê? - gritou Laura, olhando para Ali.

- Vai ficar aqui a noite toda - disse Ali. - Estou observando seus direitos civis.

- Oh, obrigada - murmurou Laura, vagamente. Parecia uma desculpa para fazer o tempo passar, como qualquer outra. - Poderíamos mandar-lhe alguma comida, ou qualquer coisa.

- Eu só como *scop* - respondeu o menino. Pegou um envelope amassado, com o impresso do Parlamento, debaixo do assento de seu riquixá, em que se lia: "Honorável doutor Robert Razak, M. P. (Anson)."

- E de Bob - disse-lhes Laura, esperando recuperar um pouco do prestígio perdido e o abriu. Havia alguns garranchos vermelhos sobre o impresso.

Sobre nossa bem fundamentada oposição ideológica, nós, do Partido Anti-Trabalhista, conservamos arquivos no Yung Soo Chim Islamic Bank, e esta mensagem chegou às 21h50, destinada à senhora. Se for necessária resposta, não use o sistema telefônico local. Desejando-lhe a melhor sorte, nestes tempos difíceis. Segue-se a mensagem:

YDOOL EQKOF UHFNH HEBSG HNDGH QNOQP LUDOO. JKEIL KIFUL FKEIP POLKS DOLFU JENHF HFGSE! 11IFUE KYFEN KUBES KUVNE KNESE NHWQQ KVNEl? JEUNF HFENA OBGHE BHSIF WHIBE. QHIRS QIFES BEHSEIPHES HBESA HFIEW HBEIA!

DAVID

- É de David, meu marido.

- Marido - cismou o rapaz do partido. Parecia lamentar ela ter um.

- Por que isso? Por que simplesmente não me telefonou?

- Os telefones não estão funcionando direito - explicou o rapaz. - Estão cheios de fantasmas.

- Fantasmas? - perguntou Laura. - Quer dizer, espiões? O rapaz resmungou alguma coisa em malaio.

- Ele quer dizer demônios - traduziu Ali. - Maus espíritos.

- Está brincando? - disse Laura

- Disse que são maus espíritos - repetiu o rapaz, calmamente. - Dizendo ameaças terroristas para semear o pânico e a dissensão, delito, segundo o artigo 15, seção 3. Mas só em inglês, madame! Não usou a língua malaia, se bem que o uso do malaio também seja oficial pela Constituição de Cingapura.

- E o que o demônio dizia? - quis saber Laura.

- Os inimigos dos justos vão queimar com o fogo do inferno - citou o rapaz. - "Turbilhão Jah, para golpear o opressor". E outras coisas semelhantes. Chamou-me pelo nome - encolheu os ombros. - Minha mãe chorou.

- A mãe dele acha que devia arranjar um emprego - confidenciou Ali.

- O futuro pertence aos burros e preguiçosos - declarou o rapaz, dobrando as pernas e encarapitando-se com agilidade nas hastes de bambu de seu riquixá.

- Tamil e chinês; essas também foram deixadas de lado - falou Ali, esfregando o queixo.

Uma lufada soprou do mar. Laura esfregou os braços. Pensou se deveria dar uma gorjeta para o menino. "Não", lembrou-se, "o PAT tinha uma estranha fobia e não pegava dinheiro.

- Vou entrar novamente.

O rapaz olhou para o céu e disse:

- As monções de Sumatra estão chegando, madame - soltou algumas travas e puxou a capota sanfonada do riquixá. O náilon branco estava pintado de vermelho, preto e amarelo, com um Buda risonho, coroado de flores.

Dentro do armazém, o senhor Suvendra estava sentado sobre um tapete, à luz leitosa da geodésica. Via televisão e tomava café numa caneca. Laura sentou-se no chão perto dele, cruzando as pernas.

- Eu não sou como essa turma de coveiros - disse ele. - O que diz sua mensagem'?

- O que acha disto? É de meu marido.

- Não é inglês... Código criado por computador - explicou ele, examinando o texto.

Um robô das docas entrou com um container nas costas. Empilhou-o com um poderoso impulso hidráulico. O senhor Suvendra ignorou-o.

- Você e seu marido têm um código para ocultar o significado e saber se essa mensagem é realmente dele?

- Nunca usamos nada assim! Isso é coisa da Tríade.

- Tríade - sorriu Suvendra. - Como nós, boa *gemeinschaft*.

- Ora, estou preocupada! Preciso chamar David agora mesmo!

- Os telefones não estão funcionando, por causa desses subversivos - falou Suvendra, meneando a cabeça.

- Olhe, posso pegar um táxi na rua e telefonar de Johore, no território malaio. Mafilindonésio, quero dizer - lembrou-se Laura.

- Amanhã de manhã - respondeu Suvendra.

- Não! David pode estar ferido. Atiraram nele! Morto! Ou talvez nossa filha... - sentiu um sobressalto de culpa e medo. - Vou chamar um táxi agora mesmo - chamou as informações para turistas do relogiofone.

- Táxi - o relógio anunciou em voz fina. - Cingapura tem mais de doze mil táxis automáticos e mais de oito mil com ar condicionado. A taxa inicial é de 2 ECUs para o primeiro quilômetro e meio, ou fração...

- Passe adiante - ordenou Laura.

- ...chamados na rua, ou pelo telefone 452-5555...

- Certo - Laura chamou. Nada aconteceu. - Merda!

- Tome um pouco de café - ofereceu Suvendra.

- Desligaram os telefones! - disse ela, convencendo-se do fato, mas, desta vez, com uma verdadeira dor. - A Rede caiu! Não posso entrar na maldita Rede!

- Ela é tão importante, não? Nos Estados Unidos - afirmou Suvendra, alisando o bigode.

Ela bateu em seu próprio pulso, quase se machucando.

- David devia estar falando aqui, agora mesmo! Que droga de lugar é este? - sem acesso, de repente, parecia difícil até respirar. - Olhe, você deve ter outra linha, certo? Fax, telex ou coisa assim.

- Não, lamento. As coisas são um pouco rústicas aqui em Cingapura. Só recentemente é que pudemos nos mudar para este lugar maravilhoso. - Suvendra mostrou à volta. - Muito difícil para nós. Relaxe, tome um café, Laura. Talvez essa mensagem não seja nada. Um truque do banco.

Laura bateu na testa.

- Aposto que o banco tem uma linha. Fibra óptica protegida! Até mesmo Viena não pode entrar nela. E está logo ali, na rua Bencoolen.

- Ora vejam - retrucou Suvendra. - Essa não é uma boa idéia.

- Olhe, conheço algumas pessoas daqui. O velho senhor Shaw e dois de seus guardas foram meus hóspedes. Devem-me um favor.

- Não, não - pôs a mão tampando a boca.

- Eles me devem um favor. Filhos da mãe, para que servem? O que vão fazer, atirar em mim? Pareceria grande, no Parlamento, não é? Ora, não tenho medo deles. Vou lá agora mesmo - disse ela, levantando-se.

- É muito tarde - contemporizou Suvendra, timidamente.

- É um banco, não é? Bancos trabalham 24 horas.

- No Texas, são todos como você? - indagou Suvendra, olhando-a.

- O que quer dizer com isso? - estranhou Laura.

- Não pode chamar táxi - disse ele, sendo prático. - Não pode andar debaixo da chuva. Pode apanhar um resfriado. Você vai esperar aqui, vou chamar minha mulher - afirmou ele, levantando-se.

Laura foi para fora. Ali e o rapaz do partido estavam sentados juntos na parte de trás do riquixá, debaixo da capota, de mãos dadas. Talvez isso não significasse nada. Apenas cultura diferente. Provavelmente não.

- Oi! - disse ela. - Humm... Não me lembro seu nome.

- Trinta e seis - respondeu o menino.

- Oh... Há um ponto de táxi por aqui? Preciso de um.

- Um táxi - disse Trinta e Seis, inexpressivo.

- Quero ir para o *Yung Soo Chim Islamic Bank*, na rua Bencoolen.

O agente Trinta e Seis assobiou um pouco, entre os dentes. Ali procurou um cigarro.

- Posso fumar um? - perguntou Laura.

Ali acendeu e passou para ela, sorrindo. Ela deu uma tragada. Tinha gosto de lixo queimado, com aroma de cravo. Sentiu suas papilas gustativas morrendo debaixo de uma camada rígida de saliva cancerígena. Ali estava alegre.

- Certo, madame - disse Trinta e Seis, com um gesto fatalista. - Vou levá-la. - Empurrou Ali para fora do riquixá com o cotovelo e, depois, disse: - Suba, madame. Comece a pedalar.

Ela pedalou depressa, afastando-se das docas e subindo um quilômetro pela rua Trafalgar. Nessa altura, parecia que o céu se abrira e uma chuva fortíssima começou a cair. Parou e comprou, numa esquina, uma capa de chuva de um níquel em uma máquina.

Virou pela rodovia Anson, pedalando com força, suando dentro daquele plástico barato. A chuva escorria pelas rodas e deslizava pelo calçamento, desaparecendo pelos bueiros impecavelmente desentupidos.

Havia umas poucas construções do período colonial, perto das docas; elas possuíam colunas brancas, varandas e balaústres. Mas à medida que se aproximavam do centro da cidade, os prédios começaram a ficar cada vez mais altos. A rodovia Anson tornou-se um estreito desfiladeiro de aço, concreto e cerâmica.

Era como o centro de Houston. Porém, mais do que Houston poderia atrever-se a ser: um formigueiro, um golpe brutal contra qualquer senso sadio de medida. Havia espigões enormes que ninguém imaginava que existisse, cujos alicerces cobriam quarteirões inteiros da cidade. Seus andares mais altos estavam marcados, como formas de *waffle*, com treliças triangulares. Possuía, também, colunatas, viadutos expressos cobertos de vidro, a cerca de um quilômetro acima do nível do mar.

Andar após andar erguiam-se silenciosos, como num sonho. Os edifícios eram tão inexprimivelmente grandes que perdia-se todo o senso de tamanho. Estavam dependurados sobre a Terra, como *cumulus nimbus* euclideanos, o topo perdido em

camadas de chuva cinza como aço.

Por todos os lados havia túneis dos trens *maglev* de Cingapura. Viu um disparar silenciosamente sobre o *Tanjong Pagar*, sem rodas, brilhante, com os vagões reluzindo nas cores vermelha e branca da Coca-Cola de Cingapura.

O agente Trinta e Seis entrou em uma galeria passando por portas automáticas. O ar condicionado gelou sua roupa molhada. Logo ela estava pedalando em um corredor em que havia lojas de roupas, de vídeo, centros de saúde horrorosos, em que ofereciam sangue a prestação e com desconto.

Dirigiram por cerca de dois quilômetros, passando por saguões em cerâmica espessa, com *outdoors*, que faziam mal para o cérebro. Eles andaram por vários corredores, subindo e descendo rampas, parando uma vez para pegar um elevador. Trinta e Seis casualmente apoiou o riquixá sobre as rodas traseiras, colocou-se a frente e o puxou atrás de si como se fosse um carrinho de bagagem.

As galerias estavam quase desertas. Às vezes, num restaurante ou bar, abertos a noite inteira, os clientes sóbrios e bem-vestidos comiam calmamente salada, sob murais vivos, mas inexpressivos, de margaridas e gaivotas. Certa ocasião, viram policiais, os melhores de Cingapura, em bermudas *gurkhas*, bem engomadas, com pistolas de arame e cassetetes de quase um metro de comprimento.

Não sabia mais onde era o andar térreo, mas também não importava.

Cruzaram um pequena passagem elevada e perceberam, no andar debaixo deles, uma gangue de adolescentes com suas bicicletas: meninos chineses bem-vestidos, cabelos oleosos, camisas de seda branca e bicicletas cromadas. Trinta e Seis, que estivera deitado com os pés para cima, sentou-se e, com as mãos, fez uma série de sinais para os meninos; o último gesto, sem dúvida, era obsceno. Ele reclinou-se, de novo.

- Pedale depressa - pediu a Laura.

Os meninos lá embaixo logo dividiram-se em grupos de caça.

- Deixe-me pedalar - disse Trinta e Seis.

Laura pulou para a traseira, ofegante. Ele começou a pedalar e o triciclo disparou como um raio. Fizeram curvas em duas rodas, com suas pernas fortes raspando as calças de papel.

Cruzaram o rio Cingapura, cerca de um quilômetro acima do solo, dentro de uma arcada coberta de vidro, com quiosques de sanduíches e lunetas de aluguel. Engolido pela chuva tropical, o riozinho passava, inerte, em seu impecável leito de concreto. Alguma coisa naquela paisagem deixava-a muito deprimida.

Na hora em que atingiram a rua Bencoolen, a chuva tinha parado. Alvorada tropical, da cor do hibisco, estava tocando os picos de aço mais altos, no centro da cidade.

O *Yung Soo Chim Islamic Bank* era um lugarzinho modesto, construído na década de 90, um pequeno prédio de escritórios com janelas espelhadas, de sessenta andares.

Havia uma fila do lado de fora, do comprimento de um quarteirão. O agente Trinta e Seis passou por ela em silêncio, cuidadosamente desviando-se dos táxis automáticos.

- Espere um pouco - murmurou Laura. - Eu conheço essa gente. Ela já os vira antes, no aeroporto de Granada, pouco depois do ataque. A

vibração era irreal. As mesmas pessoas só que, em vez de ianques, europeus e sul-americanos, estes eram japoneses, coreanos, sudeste-asiáticos. A mesma mistura, porém eram técnicos de olhos puxados, gângsteres com olhos ávidos por dinheiro, artistas de terceira categoria com ternos tropicais amassados. Aquele mesmo olhar nervoso, de verme, que só vivia roendo a madeira, e que ficava infeliz fora dela...

Era como se o mundo tivesse raspado uma camada de crime, numa banheira, e este quarteirão da cidade era o ralo, cheio de sujeira e cabelo.

Detritos, lixo flutuante, a ser ajuntado e jogado fora. De repente, ela imaginou a fila silenciosa e coceirenta de gente, fuzilada. A imagem dava-lhe uma alegria torpe. Sentia-se mal. Naquele lugar, perdia-se o controle. Culpa das más vibrações...

- Pare - pulou do riquixá e saiu andando pela rua. Foi deliberadamente para o início da fila onde havia dois técnicos japoneses, nervosos. - *Kon-nichiwa!* - Os dois homens olharam para ela, indiferentes. Ela sorriu. - *Denwawadoko ni arimasu ka?*

- Se tivéssemos um telefone, estaríamos usando um agora mesmo - disse o japonês mais alto. - E pode parar com esse *nihongô* de escolar. Sou de Los Angeles.

- Mesmo? - respondeu Laura. - Sou do Texas.

- Texas? - Os olhos dele arregalaram-se. - Jesus! Harvey, olhe! E ela! Como é mesmo o nome dela?

- Webster - respondeu Harvey. - Barbara Webster. Mas que diabo aconteceu com você, garota? Está parecendo um rato molhado. - Olhou para o riquixá e riu. - Vai me dizer que veio até aqui naquela bicicletinha?

- Como é que eu passo por esta fila e chego na Rede?

- Por que deveríamos dizer? Você nos crucificou no Parlamento. Devia quebrar suas pernas.

- Não sou inimiga do banco. Sou uma integracionista. Deixei isso bem claro em meu depoimento.

- Bobagem - disse Harvey. - Está-me dizendo que há lugar na sua Rizominha para caras que fazem *chips mosqueteiros!* Dane-se! Você é tão honesta quanto age? Ou virou a casaca em Granada? Eu acho que você virou a casaca! Não consigo ver como uma burguesa democrata careta vai com o PIP Por princípio!

- O senhor poderia ser mais educado com a madame - sugeriu Trinta e Seis, que conseguira atravessar a rua, trazendo seu riquixá dobrado.

"Los Angeles" examinou o rapaz e disse:

- Não me diga que anda às voltas com esses putinhos... - De repente, ele gritou agarrou a próprias pernas. - Maldição! De novo! Alguma coisa me mordeu, cara!

Trinta e Seis riu dele. O rosto de “Los Angeles” ficou tenso imediatamente. Tentou bater no rapaz, mas ele desviou-se com facilidade. Com rapidez, Trinta e Seis arrancou uma das barras do riquixá e ficou segurando-a, com um sorriso nos lábios. Seus olhos pareciam dois botões brilhantes.

“Los Angeles” saiu da fila e falou para o povo:

- Alguma coisa me mordeu! Talvez uma vespa! Se foi esse rapaz, como acho que foi, alguém aqui deve quebrar a cara dele! Maldição, fiquei aqui a noite inteira! Como esses figurões, como essa menina aqui, querem entrar, hein! Esta é a puta da Webster, gente! Lauren Webster! Prestem atenção, malditos !

As pessoas o ignoraram, do mesmo modo que o fazem com um bêbado. Trinta e Seis calmamente segurava seu bambu.

Um tamil veio mancando, pela calçada. Vestia um *dhoti,* traje típico do sul da índia. Tinha uma bandagem na perna e uma bengala trabalhada. Deu uma cutucada forte em Harvey com a ponta de borracha da bengala e pediu:

- Acalme seu amigo! Comportem-se como gente civilizada!

- Foda-se, aleijado!- xingou Harvey, indiferente.

Um táxi automático parou no meio-fio da calçada e abriu a porta. Um cachorro louco pulou fora.

Era um cachorro feio e enorme, parecendo meio *doberman*, meio hiena Seu pêlo estava molhado e escorregadio, por alguma coisa espessa e oleosa, como vômito ou sangue. Irrompeu de dentro do táxi com um rosnado feroz e avançou na multidão, como se disparado por um canhão.

Avançou sobre todos, descontrolado. Três homens caíram, gritando. O povo recuou, aterrorizado.

Laura ouvia as mandíbulas do cão mordendo, com ruído de castanholas. Arrancou um bife do braço de um gordo, depois saltou para a frente do banco. Latidos e rosnados, como se falasse a língua dos danados. As pessoas corriam pela calçada molhada, em pânico...

O cachorro saltou perto de dois metros de altura, como um peixe sendo fisgado. Sua pele derreteu. Uma cunha de chamas rompeu-o ao longo da espinha, partindo seu corpo em dois. Saíram chamas de dentro de seu corpo.

Explodiu, no ar. Uma onda de vapor, malcheiroso, atingiu o povo. O cachorro desabou sobre a calçada, morto instantaneamente, como um saco de carne carbonizada. Fachos de um fogo impossível ainda queimavam em suas entranhas...

Laura pôs-se a correr.

O tamil a segurava pelo pulso. A multidão corria sem saber direito para onde. Nas ruas, os táxis freavam abruptamente para não atropelar as pessoas desnorteadas.

- Por aqui - disse o tamil, tentando ajudar, entrando em um táxi. Estava silencioso no táxi, tudo fechado, com ar condicionado. Entrou à direita na primeira esquina e deixou o banco para trás. O tamil soltou-lhe o pulso, encostou-se no assento, e sorriu para ela.

- Obrigada - agradeceu Laura, esfregando o braço. - Muito obrigada, senhor.

- Sem problemas, certo - respondeu o tamil. - O táxi estava esperando por mim - completou. Parou e deu umas batidinhas no gesso, com a bengala. - Minha perna, vê.

Laura respirou fundo, mas ainda tremia. Meio quarteirão passou e ela já se controlava melhor. O tamil olhou para Laura, com os olhos brilhando. Ele correu muito depressa, para um homem ferido; quase machucara seu pulso ao arrastá-la.

- Se não tivesse me apanhado, eu estaria ainda correndo - disse-lhe, agradecida. - O senhor foi muito valente.

- Você também.

- Não, eu não. - Ainda tremia

O tamil parecia estar se divertindo. Apoiou o queixo contra a bengala. Um gesto lânguido, de dândi.

- Madame, a senhora estava brigando na rua com dois grandes piratas de dados.

- E? - reagiu ela, surpreendida. - Aquilo, aquilo não foi nada. - Ficou encabulada. - Obrigada por me proteger.

- Uma integracionista - disse o tamil. Estava a imitá-la. Baixou os olhos, de propósito. - Ora, aquele vodu nojento estragou seu belo casaco.

Havia um pedaço de carne asquerosa na manga da capa de Laura. Vermelha, brilhante. Ela engasgou de nojo e tentou sacudir a capa para tirá-la. Seus braços foram agarrados por trás...

- Aqui - disse o tamil, como se para ajudar. Segurou alguma coisa debaixo do nariz dela. Ouviu um estalo. Uma onda de calor estonteante tocou seu rosto. Depois, de repente, desmaiou.

Um cheiro forte penetrou na cabeça de Laura. Amônia. Seus olhos lacrimejaram.

- Luz... - resmungou ela.

As luzes lá em cima atenuaram-se. Sentia-se estranha, enjoada, como se tivesse bêbada. Estava semi-enterrada em alguma coisa. Tentou desvencilhar-se, num súbito ataque de claustrofobia...

Estava numa cadeira antiga, alguma coisa que poderia ter sido de sua avó. A sala à sua volta estava azulada, com a luz de uma televisão.

- Voltou à terra dos vivos, loirinha.

Laura meneou a cabeça. Seu nariz e garganta estavam secos.

- Eu... - espirrou dolorosamente. - Mas que droga! - Pôs os cotovelos nas contas da decoração da cadeira e forçou-se a levantar.

O tamil estava sentado numa cadeira de plástico e metal, comendo comida chinesa numa mesa de fórmica. O cheiro, de gengibre e camarões, fez Laura enjoar.

- E você? - disse, por fim.

- Quem está pensando que sou? - falou ele, observando-a.

- Chacal?

- Isso mesmo - baixou o queixo, como os tamis fazem. Laura esfregou os olhos.

- Chacal, você mudou mesmo, desta vez... Seu rosto é falso e sua pele... Seu cabelo... Nem a sua *voz é* igual.

Ele rosnou.

- Mas o que fizeram com você? - disse ao sentar.

- Segredos de ofício.

Laura olhou à volta. O quarto era pequeno, escuro e cheirava mal. Prateleiras de compensado arcavam com o peso de fitas cassetes, sacolas de lona, fios por todos os lados, montes de folhas de poliuretano, isopor e celulose.

Havia uma estante aparafusada na parede, com uma dúzia de televisores chineses baratos que mostravam cenas de rua de Cingapura. Na outra parede, dezenas de caixas de papelão de produtos abertas: flocos de milho americano, lenços de papel, sabão em pó, além das latas de tinta e fita isolante. Alguém pregara fotografias da senhorita Ting, em roupa de banho, naquela triste quitinete.

- Que lugar é este? - perguntou ela, sentindo um forte calor.

- Não pergunte.

- Mas *é* Cingapura, certo? - insistiu, olhando para o pulso, agora sem nada - Que horas são?

Chacal mostrou seu relogiofone esmagado.

- Lamento. Não sabia se podia confiar nele. - Fez um gesto para o outro lado da mesa. - Tome assento, *memsahib*. - Sorriu, cansado. - Em você, eu confio.

Laura ergueu-se e foi para a outra cadeira. Apoiou-se na mesa

- Sabe de uma coisa? Gostei de vê-lo. Não sabe por quê, mas eu sei. Chacal empurrou para ela o que restara de sua comida.

- Coma. Esteve apagada por um bom tempo. - Limpou seu garfo de plástico num lenço de papel e deu para ela.

- Obrigada. Há um banheiro neste depósito de lixo?

- Ali. Sentiu uma picada, lá no banco? Veja bem nas pernas, se há marcas de picada.

O banheiro era do tamanho de uma cabine telefônica. Tinha urinado enquanto estava inconsciente, não muito, felizmente, e as manchas não apareciam em seu jeans granadino. Limpou-se com papel higiênico e voltou.

- Sem picadas, capitão.

- Bom. Felizmente, não vou precisar escavar aquelas bolinhas búlgaras de seu traseiro. Mas que diabos estava fazendo no meio daquela gente, na frente do banco?

- Estava tentando telefonar para David, depois de vocês acabaram com os telefones.

- Por que não teve o bom-senso de ficar com seu *bwana!* Ele não é tão bobo quanto parecia. Pelo menos, teve o bom-senso de não vir para cá - disse ele, rindo.

- E você, o que está fazendo por aqui?

- Divertindo-me como nunca. Pela última vez, quem sabe? - Esfregou o nariz.

Fizeram algo com as narinas dele; estavam mais estreitas. - Treinaram-me por dez anos para alguma coisa assim. Mas agora que estou aqui, é...

Parecia escapar-lhe o sentido, deu de ombros e deixou passar.

- Assisti a seu depoimento, sabe? Uma parte. Muito tarde, mas você lhes disse as mesmas coisas que disse para nós. O mesmo em Galveston, o mesmo em Granada, o mesmo aqui, o mesmo em todo lugar, certo?

- Isso mesmo, capitão.

- Isso é bom - ele comentou, vagamente. - Sabe, em tempo de guerra... Na maior parte do tempo, não se faz nada. Tempo para pensar... Meditar... Como lá no banco, *sabíamos* que aqueles desgraçados iam correr para lá quando os telefones não funcionassem mais e que seriam aqueles mesmos desgraçados, mas vê-los... Ver tudo acontecer, tão previsível...

- Como brinquedos de corda - disse Laura. - Como insetos... Como se não tivessem a menor importância.

O outro olhou para ela, surpreso. Ela mesma estava admirada. Foi fácil dizer aquilo, sentada ali com ele, na penumbra.

- Isso! - disse ele. - Como brinquedos. Como brinquedos de corda, fingindo que tinham alma... Esta é uma cidade de fantasia. Cheia de mentira, falatório, blefes e caixas registradoras tilintando dia e noite. É Babilônia. Se algum dia houve uma Babilônia, é aqui.

- Pensei que nós éramos a Babilônia. A Rede, quero dizer.

- Esta gente é mais como vocês do que vocês mesmos - disse Chacal, meneando a cabeça.

- E? - reagiu Laura, lentamente. - Obrigada.

- Vocês não fariam o que eles fizeram com Granada.

- Não. Mas não acho que foram eles, Chacal.

- Talvez não. Mas não me importo. Eu os odeio. Pelo que são, pelo que querem ser. Pelo que querem fazer com o mundo.

O sotaque de Chacal mudara do tamil para o *patois* jamaicano. Agora, desaparecera completamente, falando inglês impecável.

- Você pode acabar com um país com brinquedos, se souber como. Não deveria ser assim, mas aconteceu. Pode-se abater o coração e a alma de um povo. Sabemos disso em Granada, e eles sabem disso, aqui. Sabemos muito bem disso - ele parou um pouco de falar, mas logo continuou: - Toda aquela conversa sobre o movimento que David achou tão bonita, políticos e alimentos para o povo... Veio a guerra e tudo desapareceu. Naquele hospício debaixo do quartel Fedon, todos estão querendo devorar uns aos outros. Sei que estou recebendo minhas ordens do maldito do Castleman. Aquele pirata gorducho, que não tem vida própria; ele é só uma *tela*. Agora, tudo é questão de *princípios*. Tática e estratégia. Como alguém que precisa fazer isto, não importa onde ou quem, só para provar que é possível...

Inclinou-se para a frente e esfregou a perna descoberta. O gesso tinha sido tirado, mas havia marcas na perna.

- Planejaram isto no quartel Fedon. Essa coisa de demônio, projeto demonstração... Tinham trabalhado ali por vinte anos, Laura, tinham tecnologia... *não-humana*. Eu não sabia nada, ninguém sabia. Posso fazer coisas com esta cidade. Eu e uns poucos irmãos soldados mandados para cá, uns poucos... Coisas que você não pode imaginar.

- Vodu - disse Laura.

- Isso. Com a tecnologia que nos deram, posso fazer coisas que você nem imagina fazer com sua magia.

- Quais são suas ordens?

- Elas não incluem você - respondeu, dirigindo-se até a geladeira enferrujada.

Havia alguma folhas de papel, dentro de uma pasta de papelão sem título. Laura pegou e abriu. Páginas e páginas de fotocópias borradas *A Doutrina Lawrence e a Insurgência Pós-Industrial*, do coronel Jonathan Gresham.

- Quem é Jonathan Gresham?

- Um gênio - disse ele, voltando à mesa, com um iogurte. - Não é pro seu bico. Nem mesmo olhe para isso. Se Viena souber que você tocou nisto, nunca mais verá a luz do dia.

- É só um livro - ela o colocou de volta sobre a mesa.

Chacal gargalhou. Começou a engolir o iogurte, como uma criança obrigada a tomar um remédio.

- Tem visto Carlotta, ultimamente?

- Não, desde o aeroporto de Granada.

- Vai deixar este lugar? Voltar para casa?

- Com toda a certeza. Oficialmente, não acabei de depor perante o Parlamento. Quero saber qual a decisão dele sobre a política de informática...

- Vamos tomar conta de Cingapura - ele meneou a cabeça.

- Não, não vão. Não importa o que façam, só vão colocar os banqueiros de dados na clandestinidade. Quero que eles fiquem em campo aberto, tudo exposto. Onde todos possam lidar honestamente.

Chacal nada dizia. Estava respirando ruidosamente, ficando nervoso. Arrotou e abriu os olhos.

- Você e seu povo estão junto ao cais, no bairro de Anson.

- Certo.

- Onde aquele louco antitrabalhista, Rashak...

- O doutor Razak, sim, aquele é seu distrito eleitoral.

- Certo. A gente de Razak, que fique em paz. Que ele governe a sua cidade, se sobrar alguma coisa. Fique aqui, e estará segura. Entendeu?

- O que quer de mim? - perguntou Laura.

- Nada. Apenas, vá para casa. Se lhe deixarem. Um momento de silêncio.

- Vai comer isso daí ou o quê? - inqueriu Chacal, afinal. Laura percebeu que tinha apanhado o garfo de plástico. Estivera com ele na mão todo o tempo, mas não tocara na comida

Pousou o garfo.

- O que é uma "bolinha búlgara", Chacal?

- Pelota - corrigiu Chacal. - A velha KGB búlgara as usava muito tempo atrás. É um pedacinho de aço, com alguns furos, e fechada com cera Quando grudadas num homem, a cera derrete com o calor de seu corpo, envenenando-o. Eles usavam rícino, principalmente, veneno bom e forte... Não o que usamos.

- O quê?

- Carbolina Espere. - Deixou a mesa, abriu um armário da cozinha e puxou um pacote de pelotas, fechado. Dentro, um cartucho plástico preto, plano. - Aqui está.

- O que é isso? Uma fita de impressora?

- Nós as prendemos nos táxis. Tem um dispositivo de mola dentro e vinte ou trinta pelotas de carbolina. Quando o táxi vê um homem na rua, às vezes o dispositivo é acionado. Um táxi não-tripulado é fácil de roubar e modificar. Os táxis perto daquele banco estavam cheios destes brinquedos. A carbolina é uma droga que atinge o cérebro, *aterroriza.* Terror no sangue, escoando lentamente, durando dias e dias! Por que trabalhar para aterrorizar algum idiota, quando você simplesmente pode *aterrorizá-lo* tão fácil e suavemente?

Chacal riu. Estava começando a falar mais depressa.

- Aquele japonês ianque na fila, à sua frente, vai pular e rodopiar, suar e ter pesadelos. Eu poderia tê-lo matado com o veneno, com a mesma facilidade. Poderia estar morto agora, mas por que matar o corpo, quando posso ferir a alma? Para todos à volta dele, vai falar de coisas assustadoras, como o fedor da carne queimando.

- Você não deveria estar me contando essas coisas.

- Porque você vai ter de contar ao governo, não é? Faça-me esse favor, vá em frente! Há doze mil táxis em Cingapura, e depois de você contar, terão de revistar todos! Muito trabalho, arruinará o sistema de transporte e podemos fazer com que os policiais deles mesmo façam esse serviço para nós! Não esqueça de dizer também o seguinte: sabotamos os trens magnéticos. E temos muito mais desses dispositivos em estoque.

Colocou a coisa na mesa, com cuidado. Como se fosse feita de vidro. As palavras começaram a se precipitar nele.

- A esta altura, eles sabem que Chacal pegou o chefão deles, Kim. Está vendo aquelas latas de tinta? - Deu risada. - As luvas estão voltando à moda, em Cingapura, para usar à noite! Capas de chuva e máscaras cirúrgicas podem ser úteis, também!

- Basta!

- Não quer ouvir sobre as minas de clipes de papel? Como são baratas e explodem uma perna até o joelho! - Socou a mesa. - Não chore!

- Não estou chorando!

- Então o que é isso em seu rosto? - Ficou de pé, empurrando a cadeira para trás. - Diga-me que vai chorar, quando me arrastarem daqui pra fora, morto!

- Não!

- Sou o diabo numa catedral! Vitrais por toda parte, mas eu tenho um raio em cada dedo! Sou *Steppin' Razor,* a Voz da Destruição; vão prender cada negro nesta cidade, procurando por nós, e sua maldita justiça social racial, quero dizer, o *caos*\ - estava gritando com ela. - Não ficará pedra sobre pedra! Nem uma parede em pé, nem um espelho que não arrebentemos! - dançava pela sala, agitando os braços, pisando nas coisas. - Fogo! Trovão! Eu posso, menina! É fácil! Tão fácil...

- Não! Ninguém precisa morrer!

- E grande! Grandioso! Uma grande aventura! Gloriosa! Ter um grande poder dentro de si e deixar correr, essa é a vida de um guerreiro! É o que eu tenho, aqui e agora, que vale tudo, qualquer coisa!

- Não, não é! - Ela gritou. - É loucura! Nada é fácil, você precisa reconsiderar...

Ele desapareceu perante os olhos dela. Foi rápido e simples. Deu um pulo para o lado e se esgueirou, como se estivesse se esforçando para passar por um buraco na realidade. Foi-se.

Ela levantou-se da cadeira, pernas ainda um pouco fracas, uma dor atrás dos joelhos. Olhou à volta, cuidadosamente. Silêncio total, o ambiente quente com cheiro úmido do lixo. Estava sozinha.

- Chacal? - As palavras caíram no nada. - Volte, fale comigo. Ouviu um sussurro de presença humana. Atrás dela, bem atrás. Voltou-se e ali estava ele.

- Você é uma menina boba, "*a mãe* de alguém!" - Estalou os dedos, debaixo do nariz dela.

Ela tentou afastá-lo. Agarrou o pescoço dela com a velocidade de um chicote.

- Vá em frente - disse ele, com fala mansa. - Respire.

Capítulo 8

Uma brisa das monções desmanchou-lhe o cabelo. Laura contemplou a cidade da cobertura do armazém da Rizome. A Rede estava totalmente desarticulada: sem telefones, emissoras de televisão sem programação, exceto uma, o canal de emergência do governo. Laura sentia o silêncio elétrico da morte nos ossos.

Cerca de quinze sócios da Rizome estavam na cobertura, morosamente devorando o café da manhã de algas e *kashi*. Laura esfregou seu pulso, sem relógio, nervosamente. Três andares abaixo dela, nas docas, uma turma de antitrabalhistas praticava o *tai-chi-chuan* matinal. Gestos suaves, langorosos, hipnóticos. Não havia líder, mas seus movimentos eram coordenados.

Barricadas pelas ruas, riquixás de bambu carregados de sacas de cimento roubadas, borracha e sacas de café. Desafiavam o toque de recolher, a súbita e draconiana declaração de lei marcial, que cobria Cingapura como um cobertor de chumbo. As ruas pertenciam ao exército. E os céus, também... Altas nuvens das monções sobre o Mar da China do Sul, pela manhã, um luzir tropical glamoroso, como seda cinza bufante. Contra as nuvens, as silhuetas dos helicópteros da polícia, como vaga-lumes.

De início, os antitrabalhistas alegaram, como antes, que estavam "observando os direitos civis". Mas à medida que mais deles se aglomeraram durante a noite do 14º dia, a desculpa ficava pior. Invadiram armazéns e escritórios, quebraram janelas e bloquearam as portas. Os rebeldes dominavam as instalações da Rizome, apropriando-se de qualquer coisa que considerassem útil...

Havia centenas deles, por toda a doca, jovens radicais com olhos de víboras, com faixas vermelho-sangue na testa, roupas de papel amassadas e máscaras cirúrgicas descartáveis, para ocultar suas identidades do vídeo da policia. Agrupavam-se nas esquinas, trocando complicados apertos de mão que valiam como senha Alguns murmuravam em *walkie-talkies* de brinquedo.

Reuniram-se ali propositadamente. Um tipo de plano de contingência As docas da Lagoa Leste eram sua fortaleza, seu território natural.

As docas estiveram decadentes durante anos, semi-abandonadas pelos embargos globais infligidos a Cingapura O poderoso Sindicato dos Estivadores protestou junto ao governo do PIP com crescente contrariedade. Até que o sindicato briguento simples e eficientemente deixasse de ter razão de existir, com o investimento deliberado do governo em robôs industriais.

Mas, com os embargos, mesmo os robôs ficavam ociosos a maior parte do tempo. Foi por isso que a Rizome abriu caminho com facilidade no ramo da marinha mercante. Era difícil para Cingapura recusar tal oferta, mesmo sabendo que os motivos da Rizome eram políticos, ponta-de-lança industrial.

O ataque do PIP contra o sindicato, como a maioria de suas iniciativas, foi inteligente, de amplas conseqüências e impiedoso. Mas nada saiu exatamente como o governo planejara. O sindicato não acabou. Depois de ficar por algum tempo desarticulado, mudou de postura. De repente, pararam de exigir trabalho e começaram a reivindicar um lazer permanente.

Laura podia vê-los ali embaixo, nas ruas. Faziam parte da categoria poucas mulheres e homens idosos. A maioria eram jovens causadores de problemas. Lera em algum lugar que certa feita, noventa por cento da agitação mundial fora causada por homens entre os quinze e os 25 anos. Estavam cobrindo as paredes e as ruas com *slogans* lindamente delineados: “Lute para não fazer nada!... Trabalhadores do mundo: relaxem!”

Os rejeitados de Razak se alimentavam com comida bacteriana barata Por anos, viveram com quase nada, jogados em armazéns abandonados, bebendo nos bebedouros públicos. A política enchia seus dias, com uma ideologia complicada, tão cheia de convoluções, como uma religião.

Como a maioria dos cingapurianos, eram fanáticos por esportes. Todos os dias, reuniam-se em turmas bem-educadas e sem um tostão no bolso, para manter-se em boa forma com exercícios saudáveis. Exceto que, no caso deles, era um combate sem armas; um esporte muito barato, não exigindo outro equipamento senão o corpo humano...

Pela maneira como andavam, era fácil identificá-los nas ruas. Sempre estavam de cabeça erguida, olhos vidrados, o olhar calmo do caratê, que derivava da consciência de que podiam quebrar ossos com as mãos. Não valiam nada, mas eram orgulhosos, languidamente aceitando qualquer doação do sistema, mas não demonstrando quase nenhuma gratidão. Legal e constitucional-mente falando, era difícil dizer por que não deixá-los sem fazer nada... Exceto, claro, que isso golpeava o coração da ética industrial.

Laura deixou o parapeito. O senhor Suvendra improvisara uma antena para seu aparelho de tevê portátil e estavam fazendo força para captar um noticiário de Johore. De repente, apareceu a imagem e todos se reuniram em torno do aparelho. Laura abriu caminho entre Ali e a jovem sobrinha de Suvendra, Dervit.

Notícias da emergência. O locutor era um mafilindonésio falando malaio. A imagem estava ruim. Era difícil dizer se era problema da televisão ou interferência proposital de Cingapura.

- Falam de invasão - Suvendra traduziu, tristemente. - Viena não está gostando do estado de emergência; dizem que é golpe de Estado!

Uma jovem repórter num *chador* muçulmano de musselina gesticulava sobre um mapa da Península Malaia. Formações de ataque de mau aspecto mostravam o alcance potencial dos aviões cingapurianos e seus navios. “Uma garota preparada para a guerra”, pensou Laura.

- Definitivamente, Viena não poderia invadir tudo isso... A Força Aérea de

Cingapura está voando para Nauru para proteger as plataformas de lançamento!... Espero que seus lasers gigantes não estejam atingindo seu próprio homem em órbita!... Aqueles pobres sujeitinhos do Pacífico devem estar amargamente arrependidos do dia em que começaram a ser um Estado-cliente de Cingapura!

Mesmo com as péssimas notícias, a televisão animou a todos. O sentimento de estar em contato com a Rede provocou um movimento solidário entre eles. Em semicírculo, ombro a ombro frente à televisão, eram quase como uma sessão do conselho da Rizome. Suvendra sentiu isso também e ergueu a cabeça com o primeiro sorriso depois de várias horas.

Laura estava discretamente silenciosa. O pessoal ainda estava ressentido por sua anterior desaparição. Saíra correndo para tentar algum contato com David e voltara inconsciente, num táxi. Contara-lhes sobre o encontro com Chacal. A primeira reação dos outros foi contar ao governo, mas este já sabia destas notícias. Os dispositivos de mola, as pelotas, as minas, o primeiro-ministro Jeyaratnam anunciara tudo aquilo pela televisão. Avisou a população e mandou que se trancassem em casa.

- Sessão do conselho? - disse Suvendra, batendo palmas.

Um jovem sócio levou a televisão para um canto da cobertura. Os outros deram-se as mãos e rapidamente cantaram uma canção da Rizome, em malaio. Em meio ao silêncio ameaçador da cidade, suas vozes altas fizeram bem. Quase fez Laura esquecer que a Rizome-Cingapura era constituída agora de refugiados na cobertura de sua própria casa.

- Para mim - Suvendra dirigiu-se a eles com toda a seriedade -, acho Que fizemos tudo o que podíamos. O governo decretou lei marcial, agora, não é? A violência está próxima, certo? Quem quiser lutar contra o governo levante as mãos.

Ninguém optou pela violência. Já tinham votado com os pés, correndo para a cobertura, para evitar os rebeldes.

- Podemos fugir da cidade? - perguntou Ali.

- Para o mar? - sugeriu Dervit, esperançosa.

Olharam para o porto. Lá estavam os navios mercantes robotizados, os guindastes gigantescos, os robôs de carga desligados pelos estivadores anti-trabalhistas, que tomaram os sistemas de controle. No mar, os hidrofólios da marinha patrulhavam a região.

- Aqui não é Granada Não vão deixar ninguém sair - falou o senhor Suvendra, terminantemente. - Dispariam em nós.

- Concordo - disse Suvendra. - Poderíamos pedir para ser presos, pelo governo.

Os outros ficaram desarvorados.

- Aqui, somos radicais. Somos democratas econômicos num regime autoritário. Estamos reivindicando a reforma de Cingapura, mas agora perdemos nossa chance. De modo que o lugar mais adequado para nós em Cingapura é a cadeia.

Um longo e meditativo silêncio. O trovão das monções ressoou no mar.

- Gostei da idéia - reconheceu Laura.

- Só estaríamos a salvo dos terroristas vodu, na cadeia - disse Ali, pensativo.

- E com menos chance de o exército fascista acidentalmente atirar em nós de propósito.

- Precisamos decidir. Não podemos consultar Atlanta - Suvendra apontou.

Todos pareciam infelizes. Laura iniciou uma *brainstorm.*

- Atlanta tem uma cadeia famosa. Martin Luther King esteve lá. Todos iniciaram uma discussão cheia de ansiedade.

- Uma vez na cadeia nada poderemos fazer.

- Sim, podemos. Embaraçar o governo! A lei marcial não vai durar para sempre.

- Não somos de nenhuma utilidade aqui, se o Parlamento está fechado. Nesse momento, foram ouvidos gritos nas ruas.

- Vou olhar - disse Laura, levantando-se.

Andou até o parapeito da laje. O barulho aumentou: era um alto-falante da polícia. Por um momento, ela pôde ver, a dois quarteirões de distância, um carro vermelho e branco da polícia movendo-se devagar pela rua deserta. Parou diante de uma barricada.

- Votamos - disse-lhe Ali, juntando-se a ela. - Vamos para a cadeia.

- Está bem.

- É o senhor Bin Awang, policial militar de Brás Basah - falou Ali, depois de observar o carro.

- Ah, sim. Lembro-me dele nas audiências.

- Está falando para se render. Voltar pacificamente para suas famílias. Os rebeldes saíram das sombras. Dirigiram-se para o carro, lentamente, sem medo. Laura podia vê-los gritando em direção ao carro de polícia, gesticulando para o policia] ao volante.

- Volte, vá embora. *Verboten.* Este é um território livre... O alto-falante na capota vociferava suas palavras de ordem.

Um dos meninos começou a pintar um *slogan* sobre o capo do carro. O policial ligou a sirene e começou a dar marcha a ré.

De repente, os rapazes puxaram suas armas. Facas longas, escondidas debaixo das camisas e nas botas. Começaram rasgar furiosamente os pneus e arrancar partes da lataria do carro. Rapidamente, o carro pareciam se desmanchar, com barulhos de metal que poderiam ser escutados a quarteirões de distância...

Laura e Ali faziam gestos de assombro. Os rebeldes estavam usando aqueles mortíferos facões cerâmicos, os mesmos que vira em Granada. As facas longas de alta tecnologia, que cortavam uma escrivaninha em dois.

Os outros rizomianos foram ver o que acontecia. Nesse momento, os rebeldes cortaram fora o capo do carro em segundos e retiraram o motor. Também arrancaram

fora a porta, com um ruído ensurdecedor. Estavam desmantelando o carro.

Puxaram para fora os soldados, aparvalhados, surrando-os até ficarem inconscientes. Pegaram o policial, também.

De repente, um helicóptero os sobrevoava.

Jogaram bombas de gás lacrimogêneo, envolvendo a cena com colunas de fumaça. Os rebeldes espalharam-se. Um estivador musculoso, com óculos de proteção, pegou uma arma roubada da polícia e disparou arame para cima. Atingiu o trem de aterrissagem do helicóptero, sem causar danos, envolvendo-o em feixes de arame plástico, mas o aparelho afastou-se.

Mais sirenes e três carros da polícia vieram para o local. Brecaram na frente do carro despedaçado. Os rapazes estavam correndo para longe, levando munição de arame roubada, e mais algumas latas. Alguns usavam óculos de proteção, que lhes davam ar de professores. As máscaras cirúrgicas ajudavam a evitar o gás.

As portas dos carros se abriram e os policiais entraram em ação, com todo o equipamento de choque: capacetes brancos, viseiras de *perspex*, pistolas de arame e cassetetes. Os rapazes protegeram-se dentro dos edifícios das redondezas. Os guardas conversaram um pouco, apontando para uma porta, prontos para investir.

Ouve-se um zunido, vindo do carro destruído. Seus assentos começavam a pegar fogo. Em poucos momentos, vários coquetéis *molotov* queimavam nas docas.

Ali gritou em malaio e apontou. Meia dúzia de rebeldes, a um quarteirão da luta, entrou com um guarda inconsciente por um buraco na parede de um armazém. Abriram caminho por entre os blocos de concreto com seus facões.

- Eles têm *parangs!* - Ali disse, com um olhar aterrorizado. - Como espadas mágicas de *kung-fu*!

Os guardas pareciam não ter vontade de entrar por aquelas portas. Laura poderia imaginar a cena: entrando bravamente com as pistolas na mão... os policiais só sentiriam uma dor repentina, e cairiam, percebendo que suas pernas foram cortadas, na altura dos joelhos... “Oh, Jesus, aqueles malditos facões! Eram mais do que lasers... Que tipo de filho da mãe inventou aquelas coisas?”, pensou Laura.

Sentia frio, à medida que percebia as implicações... Todo aquele estúpido espetáculo teatral de *kung-fu*, a idéia mais idiota do mundo, aqueles cretinos artistas marciais sem tanques nem armas podiam resistir a policiais de elite ou soldados treinados... Não, o PAT não podia enfrentar de peito aberto os policiais, mas podia fazer emboscada, fazendo os policiais entrarem nos prédios abandonados e...

Muitas pessoas iriam morrer. Estavam falando sério. Razak estava falando sério. Pessoas iriam morrer...

Os policiais entraram novamente em seus carros e bateram em retirada. Ninguém saiu para gritar ou zombar e, de certa forma, era ainda pior assim.

Os rebeldes estavam ocupados com outra coisa. Dramáticas colunas de fumaça ergueram-se ao longo de toda a doca. Várias torres estavam caídas, devido à brisa das

monções. Sem televisão talvez, sem telefones, mas agora toda Cingapura iria saber o que era guerra. Os sinais de fumaça ainda funcionavam. Sua mensagem, neste caso, era óbvia.

Lá nas docas, atrás do escritório da Rizome, três ativistas derramavam gasolina sobre um monte de pneus de caminhão roubados. Recuaram bastante e atiraram um cigarro aceso. Quando o cigarro atingiu o monte, os pneus pegaram fogo - o que fez um ruído ensurdecedor - e começaram a queimar e a crepitar.

- Como fede... - disse Dervit, esfregando os olhos.

- Na minha opinião, eu acho melhor ficar aqui do que lá embaixo, no meio da rua!

- Poderíamos nos render para um helicóptero - disse Suvendra pragmaticamente. - Há espaço aqui na laje para ele descer e, se fizermos sinal com uma bandeira branca, poderiam prender-nos rapidamente.

- Boa idéia!

- Vamos pegar um lençol, se é que nos deixaram algum...

O senhor Suvendra e um sócio chamado Bima saíram para uma incursão aos andares inferiores.

Passaram-se longos e cansativos minutos. Não houve violência, mas isso não ajudou. Só os fazia mais paranóicos, sentindo-se sitiados.

Lá embaixo, nas docas, grupos de rebeldes reuniram-se em volta de seus *walkie-talkies*. Esses rádios eram produzidos em massa, como brinquedos para crianças, um produto de exportação do Terceiro Mundo, custando uns poucos centavos. Afinal, quem precisava de um *walkie-talkie* quando se podia levar um telefone no pulso? Mas o PAT não pensava assim...

- Não creio que a polícia possa enfrentar esta situação - disse Laura. - Precisarão chamar o exército.

O senhor Suvendra e Bima voltaram com alguns lençóis deixados pelos saqueadores. Os rebeldes não os incomodaram, nem repararam neles.

O pessoal abriu um lençol sobre a cobertura. Ajoelhado, Suvendra abriu uma hidrográfica e escreveu as iniciais SOS por todo o tecido. Rasgaram outro lençol para fazer uma bandeira e braçadeiras.

- Grosseiro, mas eficiente - disse Suvendra, levantando-se.

- Agora, vamos fazer sinal para o helicóptero.

- O exército está em Johore! - gritou o menino que monitorava a tevê. Todos largaram o que estavam fazendo e correram para o aparelho. Os locutores de Johore estavam estupefatos. O exército de Cingapura fizera uma guerra-relâmpago pela estrada até Johore Bahru. Uma coluna blindada corria pela cidade, sem encontrar resistência; não que a Mafilindonésia pudesse oferecê-la naquele momento. Cingapura descreveu isso como “ação policial”.

- Meu Deus - disse Laura -, como podem ser tão imbecis?

- Estão tomando as represas - explicou o senhor Suvendra.

- O quê?

- O fornecimento de água de Cingapura vem do continente. Não se pode defender a cidade sem água.

- Já fizeram isso antes, durante a *Konfrontation* - disse a senhora Suvendra. - O governo da Malásia ficou muito irritado com Cingapura e tentou obstruir o suprimento de água.

- E o que aconteceu? - perguntou Laura.

- Atacaram Johore e dirigiram-se para *Kuala Lumpur*, capital da Malásia... Seu exército bateu em retirada, o estúpido governo malaio caiu... Depois, a nova Federação Mafilindonésia. O novo governo federal foi simpático com Cingapura, até concordaram em voltar às fronteiras antigas.

- Aprenderam a não morder o "Camarão Envenenado" - disse o senhor Suvendra. - O exército de Cingapura é bem-treinado.

- Os chineses de Cingapura trabalham duro - disse Dervit. - Causando todos esses problemas.

- Agora, somos inimigos estrangeiros, também - disse Bima, com tristeza. - Que fazer?

Esperaram por algum helicóptero da polícia. Nesse momento, achar um não era difícil; havia uma dúzia sobre as docas, silenciosos, oscilando e desviando das colunas de fumaça.

O pessoal da Rizome sacudia freneticamente a bandeira branca, quando um passou perto, com uma insolente facilidade.

O aparelho flutuou por cima deles, seu rotor invisível soprando silenciosamente. Um policial pôs a cabeça para fora, levantando a viseira. Uma gritaria confusa seguiu-se.

- Não se preocupe, Rizome! - gritou o policial, por fim. - Vamos salvá-los, não há problema!

- Quantos de nós? - gritou Suvendra, segurando o chapéu na cabeça.

- Todos! Salvaremos todos!

- Em um só helicóptero? - Suvendra gritou, confusa. O pequeno aparelho da polícia podia levar no máximo três passageiros.

Não tentaram descer. Em poucos segundos, descrevendo um arco, subiu de novo, rumo ao norte.

- Podiam apressar-se - comentou Suvendra, olhando para a frente das monções. - Vai chover logo, com certeza!

Recolheram o lençol com a sigla SOS, para que os rebeldes não o vissem caso resolvessem espiá-los. Negociar com o PAT era uma possibilidade, mas na sessão do conselho a Rizome decidiu não pressioná-lo. Os rebeldes já haviam tomado seu escritório; poderiam igualmente seqüestrar o pessoal. Já haviam seqüestrado dois policiais e um membro do Parlamento. A chance de se tomarem reféns era muito

grande.

Outros tediosos e horríveis vinte minutos passaram-se, um silêncio tenso e doentio que não enganava ninguém. A luz brilhava sobre as nuvens das montanhas e o sol do meio da manhã caía sobre a cidade silenciosa. “Tão estranho”, pensou Laura, “um blecaute de gente...”

Um outro helicóptero maior, com dois grandes rotores, veio zumbindo pelas docas. Girou sobre o próprio eixo e flutuou por algum tempo num dos cantos do armazém. Três homens de preto saltaram do aparelho sobre a cobertura. O helicóptero levantou de novo.

Os três pararam por um momento, conferindo seu equipamento, depois foram em direção das outras pessoas. Usavam uniforme preto com vários bolsos, botas de campanha, cinturões pretos de lona com coldres e acabamento de metal e munição. Levavam submetralhadoras de cano curto, de aspecto misterioso.

- Bom dia, para todos! - disse o líder, alegremente. Era um inglês alto e robusto, com rosto anguloso, cabelo grisalho, cortado curto, nariz com algumas veias saltadas e muito bronzeado. Parecia ter por volta de sessenta anos, mas muito bem-conservado. “Fracionamento de sangue?”, pensou Laura.

- 'Dia - alguém respondeu, preguiçosamente.

- Meu nome é Hotchkiss. Coronel Hotchkiss, de Armas e Táticas Especiais. Este é o oficial Lu e o oficial Aw. Estamos aqui para sua segurança, senhoras e senhores. Não precisam se preocupar, está bem? - disse-lhes Hotchkiss, dando um sorriso franco.

Hotchkiss era alto, tinha perto de l,95m de altura e pesava bem mais de noventa quilos. Seus braços pareciam troncos de árvores. Ela quase se esquecera de como os caucasianos podem ser grandalhões. Com suas grandes botas e todo aquele equipamento, era como um ser de outro planeta. Hotchkiss cumprimentou Laura, surpreso.

- Ei, querida, eu a vi na televisão.

- Nas audiências?

- Sim, eu...

Um repentino barulho causado pela porta de ferro da cobertura abrindo-se. Uma turma de rebeldes entrou gritando com bastões de bambu nas mãos.

Hotchkiss virou-se rapidamente disparando com sua metralhadora contra a porta. Uma confusão de acabar com os nervos. Dois rebeldes caíram, atingidos pelas rajadas de balas. Os outros correram, gritando. De repente todos estavam deitados, arrastando-se, aterrorizados, pelo chão.

Lu e Aw chutaram a porta, para que se fechasse e dispararam arame plástico contra os batentes, para selar. Puxaram anéis de plástico do cinturão e algemaram os dois caídos, ainda sem fôlego. Depois os fizeram sentar.

- Certo, certo - disse Hotchkiss para os outros, meneando sua mão enorme. - Só balas de gelatina, viram? Sem problemas.

A turma da Rizome lentamente levantou-se. Deparados com os fatos, ficaram nervosos, embaraçados. Os dois rebeldes, adolescentes, foram atingidos no peito, abrindo grandes buracos nas camisas de papel. A pele apresentava manchas enormes de tinta roxa indelével.

Hotchkiss cavalheirescamente ajudou Laura a ficar de pé.

- Balas de gelatina não matam - anunciou ele. - Porém, ainda tenho •una caixa cheia de munição de verdade.

- Você disparou em nós com uma metralhadora! - disse um dos rebeldes, caído.

- Silêncio, meu filho - respondeu Hotchkiss, sem se irritar. - Lu, Aw, estes dois são muito pequenos. Mande-os de volta, sim?

- A porta está selada, senhor - Lu apontou.

- Use a cabeça, Lu. Vocês têm cordas.

- Sim, senhor - Lu respondeu, sorrindo. Ele e o oficial Aw fizeram os dois meninos marcharem até a frente da cobertura. Começaram a amarrar o primeiro preso em cordas de escalar. Nas docas, três andares abaixo, foram ouvidos gritos furiosos e sanguinários dos irritados membros do PAT.

- Bem - disse Hotchkiss, casualmente -, os agitadores transformaram seu escritório num centro de operações. - Lu chutou um dos prisioneiros beirai abaixo, enquanto segurava a corda, e o menino foi gritando inutilmente, lá para baixo.

- Não se preocupem - disse Hotchkiss. - Podemos enfrentá-los, em qualquer situação.

- Nós os vimos destruindo um carro da polícia... - retrucou Suvendra.

- Mandar aquele carro foi idéia dos políticos - disse Hotchkiss, com desprezo. - Mas não é assunto nosso.

Laura notou o complexo relogiofone militar do líder da SWAT.

- O que está acontecendo, coronel? Não recebemos notícias aqui em cima. O exército realmente foi para Johore?

- Aqui não é o Texas, meu bem. O exército simplesmente está do outro lado da ponte; logo ali, a poucos minutos de distância - respondeu Hotchkiss, sorrindo para ela e erguendo dois dedos, a pequena distância. - Tudo em miniatura, vê?

Os dois oficiais chineses da SWAT prenderam o segundo rebelde com as cordas. Abaixo deles, os raivosos agitadores uivavam de frustração. Jogavam tijolos, que caíam inofensivamente no telhado.

- Jogue algumas cargas de tinta neles - gritou Hotchkiss.

Os dois chineses soltaram suas armas e debruçaram-se sobre o parapeito. As armas fizeram um barulho horrível, cuspindo cartuchos vazios. Na rua, a multidão urrava de medo e dor. Laura ouviu-os espalhando-se. Sentiu tontura.

- Está bem? - falou Hotchkiss amparando-a pelo braço.

- Certa vez, vi um homem sendo morto com tiros de metralhadora - disse ela, engolindo em seco.

- Mesmo? - disse Hotchkiss, interessado. - Já esteve na África?

- Não...

- Parece jovem demais para ter visto ação de verdade... Ah, Granada, hein? - ele a soltou. A porta da cobertura estava sendo sacudida por golpes frenéticos, do outro lado. Hotchkiss disparou as balas restantes de gelatina. Atingiram a porta, ricocheteando para todos os lados. Jogou no chão o pente de balas vazio e encaixou um segundo, como se fosse um homem que fuma um cigarro depois do outro.

- E isto, não é "ação de verdade"? - gritou Laura. Os ouvidos dela estavam zunindo.

- Isto é só teatro, benzinho - explicou Hotchkiss, paciente. - Esses radicaizinhos de gabinete nem têm fuzis. Se usássemos estas coisas nos velhos tempos, em Belfast ou Beirute, seríamos mortos, furados com armalite.

- Teatro. O que isso quer dizer?

- Lutei em guerra de verdade. Ilhas Malvinas, em 1982. Aquela foi clássica Quase nada de televisão... - Hotchkiss sorriu.

- Então o senhor é inglês, coronel? Europeu?

- Britânico. Fui da SAS - limpou o suor do rosto. - Europa! Mas que grande piada, o Exército Comum Europeu! Quando lutávamos pela pátria e pela Coroa... Bem, menina, você não entenderia, de qualquer maneira - o-lhou para o relógio. - Certo, lá vêm nossos rapazes.

Hotchkiss foi para a frente do edifício. O pessoal da Rizome seguiu-o.

Um veículo de transporte de tropas, de seis rodas de borracha, como um grande rinoceronte cinza, passou facilmente por sobre a barricada da rua. Os sacos caíam para os lados. Sua torre com canhão de água girava para todos os lados, alerta.

Atrás, dois camburões com janelas protegidas com grades de arame. Eles abriram as portas traseiras e os policiais saíram, em grande número, colocando-se em formação com seus escudos, cassetetes e capacetes.

Ninguém ofereceu resistência. Certamente, porque um par de helicópteros pairava, como vespas perigosas, sobre a rua. Suas portas laterais estavam abertas e os policiais agachados lá dentro empunhavam lançadores de bombas de gás e pistolas de arame Gatling.

- Muito simples - disse Hotchkiss. - Não adianta lutar nas ruas, quando podemos prender os chefes dos agitadores à vontade. Agora, vamos tomar um edifício cheio deles e... Puta merda!

Toda a frente do armazém caiu, como se fosse feita de papel, e seis gigantescos robôs de carga rugiram pela rua afora.

Os policiais se espalharam, desordenados. Os robôs avançaram, aleatoriamente. Havia uma brutal loucura em seus movimentos, sinal de má programação. Eram grosseiros, mas eficientes. Foram fabricados para levar carga do tamanho de um ônibus. Agora, procuravam agarrar coisas bem menores.

Os camburões foram tombados de imediato, as laterais amassadas

ruidosamente, os pneus girando inermes, no ar. O carro blindado disparou o canhão de água, quando os três robôs avançaram e começaram a bater nele, com sua cega estupidez mecânica. Por fim, viraram-no, por sobre o braço do terceiro robô, que tentava recuar, guinchando e sacudindo. O canhão disparava, sem pontaria, uma espuma branca furiosa, de quatro andares de altura.

Os rebeldes caíram sobre os policiais. As ruas brilhavam com a água, que se espalhava na correria. A luta parecia um corpo a corpo cego, demente e enraivecido, como formigas gigantes.

Laura ficou olhando, incrédula. Não podia acreditar que tudo chegara a este ponto. Numa das cidades mais bem organizadas do mundo, os homens brigavam nas ruas até a morte.

- Jesus Cristo! - disse Hotchkiss. - Estamos mais bem armados, mas desmoralizados... Porém, o suporte aéreo vai fazer alguma coisa. - Os helicópteros estavam disparando arame na multidão, sem muito sucesso. Gente demais, caos demais, tudo escorregadio. Laura encolheu-se ao ver um robô derrapando e atingindo três policiais.

A porta voltou a ser atacada, por dentro. Alguém tinha conseguido fazer passar a lâmina de um facão e serrava vigorosamente a fita plástica Viraram-se para observar a porta e, mais além, do outro lado das docas, viram um dos guindastes. O braço esqueletal girando ao redor do eixo, ganhando velocidade com uma graça cheia de força. No extremo de seu cabo, um container refrigerado voava acima das docas com força centrífuga.

De repente, o guindaste o soltou. A pesada caixa cheia de carga, do tamanho de meia casa, saiu voando, e fez um lento arco pelo espaço. Voou suavemente, girando e descrevendo uma curva, como uma bola de beisebol mal lançada

Seu vôo terminou repentinamente. Atingiu, com precisão cibernética, um helicóptero preto da polícia, que taxiava sobre as docas. Houve uma explosão quando o container rompeu-se, lançando jatos gasosos de neblina e uma chuva de caixas coloridas. O helicóptero ficou avariado e mergulhou dramaticamente na água do mar. Agora, ele estava cercado pelas caixas flutuantes, como um vagalume esmagado na grade dianteira de um carro.

- “Peixes fritos congelados da senhora Srivijaya” - murmurou a pequena Dervit, junto ao ouvido de Laura Ela identificara a carga

O guindaste voltou, suas garras procurando mais uma carga

- Como fizeram isso? - quis saber Hotchkiss.

- A máquina é muito inteligente - disse o senhor Suvendra.

- Estou ficando velho - comentou Hotchkiss, triste. - De onde controlam aquela coisa?

- De dentro do armazém - respondeu o senhor Suvendra. - Há painéis de controle...

- Muito bem. - Hotchkiss agarrou o pulso fino do senhor Suvendra. - Leve-me lá. Lu! Aw! Acelerado!

- Não - respondeu o senhor Suvendra.

Suvendra agarrou o outro braço do marido. De repente, lutavam por ele como que por uma boneca de pano.

- Não praticamos violência! - disse ela.

- Vocês o quê! - disse Hotchkiss.

- Não lutamos! - disse Suvendra, acaloradamente. - Não gostamos de vocês! Não gostamos de seu governo! Não lutamos! Prendam-nos!

- Aquele maldito guindaste vai matar nossos pilotos...

- Então parem vocês de lutar! Mandem-nos embora! - Suvendra estava quase gritando.

- Sentem-se, todos!

O pessoa] da Rizome ficou estático onde estava e sentou-se no lugar, como se fossem um só. O senhor Suvendra sentou-se também, mesmo dependurado por um dos braços pela grande pata de Hotchkiss.

- Seus malditos políticos... - disse o coronel, com desprezo e surpresa. - Não acredito! Estou ordenando que vocês, como cidadãos...

- Não somos seus cidadãos - respondeu Suvendra - Não obedecemos tampouco a seu ilegal regime de lei marcial. Prenda-nos!

- Podem ter certeza que sim, todos vocês! Que droga, vocês são tão ruins quanto os outros!

Suvendra concordou, tomando fôlego.

- Somos não-violentos, mas inimigos de seu governo, coronel, acredite!

- Você também, hein? - falou Hotchkiss, olhando para Laura. Laura encarou-o, irritada por vê-lo separá-la dos outros.

- Não posso fazer diferente. Sou uma globalista e você é um instrumento do Estado.

- Deus do céu! Vocês são um bando de filhos da puta, água com açúcar! Você! - disse, olhando para Laura e algemando-a com as mãos nas costas.

- Ele está levando Laura! - gritou Suvendra, escandalizada. - Fiquem no caminho dele!

Hotchkiss forçou Laura a levantar-se. Ela não queria, mas ergueu-se logo, com a dor nas articulações dos ombros. A gente da Rizome aglomerou-se à volta dela, agitando os braços e gritando. Hotchkiss gritou, chutou Ali na rótula e sacou sua pistola de arame. Ali, o senhor Suvendra e Bima caíram, tentando agarrar pelotas de fita plástica. Os outros saíram correndo.

Novamente, os rebeldes estavam tentando derrubar a porta. Um fresta apareceu no alto da porta. Hotchkiss gritou para o oficial Lu, que pegou um cilindro preto de pontas arredondadas, no cinturão, e atirou-o.

Dois segundos. Um lampejo cataclísmico detrás da porta, uma explosão

horrível, e a porta caiu, lançando fumaça.

- Vão! - gritou Hotchkiss.

A parte de cima da escada estava cheia de rebeldes, ensurdecidos, gritando. Um ainda estava de pé, golpeando cegamente no ar, com uma espada de cerâmica, gritando. - Mártir! Mártir! - Lu derrubou-o com uma rajada de balas de gelatina. Depois, avançaram, disparando com as pistolas de arame na multidão.

Aw jogou outra granada-relâmpago no andar de baixo. Outro trovão cataclísmico.

- Certo - disse Hotchkiss, de trás de Laura. - Querem brincar de Gandhi, pois vai ser com dois braços quebrados. Marche! - Empurrou-a pela porta.

- Protesto! - gritou Laura, esquivando-se para evitar braços e pernas. Hotchkiss puxou-a para trás, contra o peito dele.

- Escute aqui, ianque, você é uma loirinha bonita que fica muito bem na televisão. Mas se brincar comigo, vou estourar sua cabeça; e vou dizer que os rebeldes o fizeram. Onde estão os controles?

- No térreo. Nos fundos, atrás da cabine de vidro.

- Certo, vamos lá. Ande! Ande! - Grande barulho, quando Lu abriu fogo de novo. Nos lances fechados de escada, o barulho parecia perfurar sua cabeça. Laura sentiu subitamente o corpo encharcado de suor, dos pés à cabeça. Hotchkiss foi empurrando, a mão segurando o braço dela. Descia a escada de dois em dois, de três em três degraus, quase arrastando-a. Um homem grande inacreditavelmente forte; era como ser arrastada por um gorila.

A fumaça fazia mal à garganta. Havia grandes manchas nas paredes: tinta roxa ou sangue. Rebeldes caídos, gemendo, alguns gritando, mãos cobrindo olhos e ouvidos. Rebeldes colados aos corrimões, rosto enegrecido e engasgando, debaixo do plástico de arame. Tropeçou nas pernas abertas de um menino, inconsciente ou morto, o rosto estava machucado por uma bala de gelatina e sangue saía de um olho vazado...

Chegaram ao primeiro andar e à porta do lance de escada seguinte. A luz do sol, distante, entrava pela porta da frente do armazém, derrubada, onde os rebeldes e policiais ainda estavam lutando; os rebeldes levando a melhor. Dentro do cavernoso armazém, o PAT estava reagrupando seu pessoal, cortando as fitas de plástico das vítimas, com os facões, arrastando policiais capturados para trás de uma muralha de engradados... Ergueram os olhos surpresos, trinta homens enfurecidos, cobertos de suor, sujos de sangue, iluminados pela luz vinda da rua.

Por um momento, eram todos como um quadro vivo.

- Onde está a sala de controle? - cochichou Hotchkiss.

- Eu menti - Laura devolveu-lhe. - Está no segundo andar.

- Sua vaca!

Os homens do PAT estavam avançando. Alguns usavam capacetes roubados da polícia e quase todos, escudos. Um deles disparou uma pistola de arame, que quase

atingiu o oficial Aw, mas o arame enrolou-se sozinho no chão.

Laura sentou-se, deixando-se cair. Hotchkiss tentou agarrá-la, mas reconsiderou e começou a recuar. De repente, ela soltou-se e correu para a parte de trás do armazém.

Foi um torvelinho à sua volta. Os homens correndo atrás da equipe da SWAT, gritando. Outros subiram a escada onde as vítimas de Hotchkiss estavam gemendo, praguejando e chorando. Laura encolheu as pernas, cruzou as mãos ainda presas nas costas, tentando diminuir de tamanho.

Sua mente pensava depressa. Devia voltar à cobertura, para sua gente. Não, melhor ajudar os feridos. Não, tentar escapar, achar a polícia, ser presa. Não, devia...

Um adolescente malaio, de bigode, com o rosto inchado, ameaçou-a com uma espada. Apontou para cima, empurrando-a com o pé.

- Minhas mãos.

Os olhos do menino arregalaram-se. Pôs-se atrás dela e serrou a fita plástica. Os braços foram soltos com um alívio de dor e prazer nos ombros.

Ele cuspiu alguma coisa irada em malaio. Levantou-se, e viu que ela era mais alta que ele uns vinte centímetros. Ele recuou, hesitou, virou-se para alguém mais...

O armazém encheu-se de barulho e de vento. Um helicóptero tinha descido ao nível da rua e olhava para eles pelo buraco da parede da frente. Eles estavam de capacete e seus rostos sem expressão atrás dos vidros da cabine. Houve um sopro e uma explosão, quando um objeto foi lançado de lá. Atingiu o chão do armazém, rolando, ricocheteando, lançando uma névoa...

“Que droga! Gás lacrimogêneo”.

Uma lufada virulenta. Ela sentiu o ácido nos olhos. Entrou em pânico. Rastejou, de quatro. Lágrimas, dor na garganta. Falta de ar. Pulou por cima de pessoas, cega, e, de repente, estava correndo. Correndo, livre.

Lágrimas, em torrentes envenenadas, inundavam-lhe o rosto. Quando chegavam aos lábios, sentia gosto de querosene. Continuou correndo, esquivando-se do borrão cinzento dos grandes edifícios dos lados da rua. Sua garganta e pulmões pareciam cheios de espinhos.

A adrenalina chegou ao fim. Estava num choque muito grande e não sentia o próprio cansaço, mas os joelhos dobraram por si mesmos. Dirigiu-se para uma porta e caiu lá dentro.

O céu abriu-se e começou a chover. Outra monção explodiu, na vertical. Onda após onda, martelando a rua vazia. Laura agachou-se miseravelmente junto ao batente da porta, apanhando os pingos de chuva nas mãos em concha, lavando o rosto e a pele do braço, que estava exposta. De início, a água fazia tudo parecer pior: picava, como se respirasse molho de pimenta.

Tinha duas tiras de plástico presas ao corpo, na pele arranhada dos pulsos. Os pés estavam encharcados não devido à chuva, mas pela água jogada pelo canhão na frente do armazém.

Correu no meio da batalha da rua, cega. Ninguém a tocara. Exceto pela longa

fita de plástico de arame no tornozelo, ainda se retorcendo, como a cauda cortada de um lagarto. Arrancou-a de seu jeans.

Agora reconhecia o bairro. Correra até as Docas Victoria and Albert, pouco a oeste da Lagoa Leste. Para o norte, viu os prédios do conjunto habitacional de Tanjong Pagar: monótonos, inexpressivos, construção padronizada do governo.

Parou para descansar um pouco. Sentiu-se fraca e tossia muito. Queria estar de volta com seu pessoal, lá no armazém. Mas não havia jeito de chegar lá, agora. Não era sensato.

De qualquer modo, ia encontrá-los na cadeia. Era preciso sair desta zona de combate e dar um jeito de ser presa. Gostaria de ter uma cela confortável e silenciosa. Isso seria bom.

Levantou-se, passando a mão na boca. Três riquixás-triciclo passaram, indo para a Lagoa Leste, cada um apinhado com rebeldes molhados, olhando para todos os lados. Ignoravam-na. Fez sinal para que parassem.

Havia duas barricadas entre ela e Tanjong Pagar. Escalou-as, debaixo da chuva incessante. Ninguém tentou detê-la.

As portas de vidro do complexo de Tanjong foram destruídas, restando apenas as molduras em alumínio. Laura pisava com cuidado sobre cacos de vidro. O ar condicionado parecia ainda mais frio, com as roupas molhadas.

Estava num saguão de entrada, acanhado, mas limpo. As sandálias de espuma respingavam por todo o linóleo. Lugar deserto, os moradores respeitavam o toque de recolher, ficando em suas casas, nos andares superiores. No andar debaixo, lojas, oficinas de conserto de bicicletas, peixaria e salão de fracionamento de sangue, este alegremente iluminado com lâmpadas fluorescentes, esperando os clientes, mas tudo vazio.

Ouviu vozes distantes. Vozes calmas, autoritárias. Seguiu o som. Eles vinham de uma loja de vídeo com uma grande vitrine. Aparelhos baratos, de baixa resolução, do Brasil e Mafilindonésia, as cores estavam desreguladas. Ligados por toda a loja, alguns sintonizavam o canal do governo, outros piscando todo o tempo, fora do ar.

Passou pela porta. Uma fileira de sinos de latão ressoou. Lá dentro, o ar estava carregado pelo cheiro de incenso de jasmim. As paredes possuíam pos-ters de astros e estrelas da música popular de Cingapura: rapazes de *smoking* cintilante e moças bonitas com chapéus de palha de abas largas e túnicas. Laura passou cuidadosamente por cima de uma máquina de chiclete, que estava tombada

Uma velhinha tamil tinha invadido o lugar. Uma vovozinha de pouco mais de um metro de altura, corcunda e pulsos finos como um osso de passarinho. Sentada numa cadeira de lona, olhava para as telas vazias com a boca cheia de chiclete.

- Alô?

Ficou sem resposta. A velha parecia surda como uma porta; senil, mesmo. Aproximou-se dela, suas sandálias ainda estavam encharcadas. A velhinha

sobressaltou-se ao perceber Laura. Ela arrumou o *sari*, passando o lenço do ombro sobre a cabeça, encabulada

Laura passou a mão no cabelo. A água da chuva escorria por sua nuca.

- Madame, a senhora fala inglês?

A velha sorriu, tímida. Apontou uma pilha de cadeiras de lona, dobradas contra a parede.

Laura pegou uma. Tinha uma inscrição no encosto, em alfabeto tamil estilizado; provavelmente alguma coisa original e engraçada. Abriu-a e sentou ao lado da velha.

- A senhora pode me ouvir ou...

A vovó tamil ficou olhando para a frente.

Laura suspirou fundo. Era bom sentar-se novamente.

"Esta pobre velha caduca, talvez com noventa anos, aparentemente desceu as escadas para comprar comida de canário ou qualquer coisa. E muito surda ou senil para saber do toque de recolher. Deparou-se - céus! - com um mundo vazio", pensou Laura.

Com um rápido e sub-reptício movimento, a senhora colocou mais uma bolinha colorida na boca. Goma de uva. Mascou, triunfalmente.

Laura examinou as televisões. A velhinha ligara em todos os canais possíveis. De repente, no Canal 3, a imagem estabilizou-se.

Com a velocidade de um pistoleiro, a velhinha puxou um controle remoto. O locutor do governo desapareceu. O Canal 3 voltou a ser um só rugido de estática

A imagem era de um vídeo doméstico. Ela apresentava muito chuvisco, enquanto a câmera apontava para rosto do narrador. Era um chinês de Cinga-Pura, tinha cerca de 25 anos, rosto de esquilo, óculos grossos e camisa cheia de canetas penduradas.

Até que tinha bom aspecto, mas, com certeza, não era um locutor da televisão. Na rua, ninguém olharia para ele duas vezes.

O cara estava sentado em seu sofá almofadado. Uma paisagem marinha por trás de si. Bebia uma xícara de café e possuía um microfone preso ao colarinho. Ouviu-o engolindo.

- Acho que agora estou no ar.

Laura trocou um olhar com a anciã, que parecia desapontada; ela não falava inglês.

- Este é meu videocassete doméstico - disse o "Cara Normal". - Sempre dizem: "não ligue na antena do televisor, pode causar poluição de rádio". Transmite o sinal, percebe? Foi o que fiz. Estou transmitindo! Acho que sim, pelo menos.

Serviu-se de mais café, a mão tremendo um pouco.

- Hoje eu ia pedir minha namorada em casamento. Ela pode não ser lá uma grande garota, e eu não sou um grande sujeito, também, mas temos algum nível. Acho que, quando um cara precisa pedir alguém em casamento, esse casamento precisa ao menos ser possível. Nenhuma outra coisa seria civilizada.

Inclinou-se para mais perto da câmera, cabeça e ombros aumentando de tamanho.

- Mas então veio essa história de toque de recolher. Não estou gostando nada, mas sou um bom cidadão e decidi que estava tudo bem. Vá em frente, Jeyaratnam. Pegue os canalhas terroristas, ganhe a guerra contra eles. Depois, os guardas vieram para meu prédio.

Reclinou-se um pouco, mexendo-se. Um ponto de luz acabou refletido por seus óculos.

- Admiro um policial. O policial é bom, é necessário. Policial na rua, sempre digo: “Bom dia, amigo, faça um bom trabalho, mantenha tudo em paz.” Mesmo dez policiais, está tudo bem. Cem policiais e eu já estou mudando de idéia. De repente, minha vizinhança está cheia demais de polícia. Milhares. Mais do que gente. Entrando em meu apartamento. Revirando todos os quartos. Tirando minhas impressões digitais e até amostra de sangue.

Mostrou um bandagem na ponta do polegar.

- Passam-me por computador, dizem para pagar aquela multa por estacionamento proibido. E vão embora, deixam a porta aberta, nem “por favor”, nem “obrigado”, têm mais quatro milhões para importunar. Aí, ligo a televisão para ver notícia. Tem só um canal. Diz que tomamos o reservatório de Johore, de novo. “Se tem tanta água, por que o lado sul da cidade pegando fogo?”, pergunto pra mim mesmo.

Bateu a xícara de café na mesa.

- Não pode chamar a namorada. Não pode chamar a mãe. Nem pode queixar com político no Parlamento, que está fechado. Que adianta votar e essas campanhas idiotas, se tudo acaba nisso? Será que alguém mais pensa isso? Eu penso. Não sou político, mas não confio mais um milímetro no governo. Sou pessoa pequenininha, mas não sou um ninguém - o “Cara Normal” estava quase chorando. - Se isto é para o bem de cidade, onde estão os cidadãos? Ruas vazias! Onde está todo mundo? Que tipo de cidade ficou? Onde está a polícia de Viena, especialista em terrorismo? Por que isto acontece? Por que ninguém me pergunta se acho bom? Não está nada bem para mim, de jeito nenhum! Quero sucesso como todo mundo, trabalho duro e cuido de minha vida, mas é demais. Logo eles vêm me prender por causa disto que estou fazendo na televisão. Estão se sentindo melhor, por me escutar? Para mim, é melhor do que ficar aqui sentado e apodrecer.

Batiam furiosamente à porta da casa do “Cara Normal”. Assustou-se. Inclinou-se rapidamente para a frente e a tela apagou.

Laura estava com o rosto molhado. Chorava de novo. Seus olhos pareciam ter terra. Ficou descontrolada. “Que diabo, aquele sujeitinho assustado, mas corajoso. Ora, tudo pro inferno...”, pensou Laura.

Alguém gritou na porta da loja. Laura olhou, assustada. Era um sikh alto, de turbante, sério, usava camisa caqui e bermudas de gurkha. Tinha uma bra-çadeira e

divisas nos ombros e um cassetete revestido de couro.

- O que estão fazendo, madames?

- Bem... - Laura ficou de pé. O assento de lona de sua cadeira estava molhado. Olhos rasos d'água, sentia-se amedrontada e, de maneira indefiní-vel, humilhada. - Não... - ela não podia pensar em nada para dizer.

O guarda sikh olhava para ela como se tivesse vindo de Marte.

- A senhora mora aqui?

- Os tumultos, achei que podia me abrigar aqui.

- Turista? Uma americana! - encarou-a bem e tirou os óculos de aro preto de uma caixa, no bolso da camisa. - Oh! - Reconheceu-a.

- Tudo bem - disse Laura, estendendo os pulsos machucados, ainda com as algemas de plástico cortadas. - Prenda-me, guarda Leve-me para a cadeia.

O sikh ficou vermelho.

- Madame, sou apenas um segurança particular. Não posso prender a senhora. - A velhinha levantou-se de repente e foi diretamente para ele. O guarda desviou de lado, desajeitadamente, no último momento. Ela saiu, vagando pelo saguão. O guarda ficou olhando para ela, meditando.

- Pensei que eram saqueadoras. Lamento muito.

- Pode levar-me até uma delegacia?

- Com certeza, senhora... senhora Vebbler. Madame, notei que a senhora está molhada.

- Chuva. Canhão de água, também - disse Laura, tentando sorrir.

- E uma grande pena que a senhora tenha experimentado essas coisas em nossa cidade, enquanto era hóspede do governo, senhora Webster- falou o sikh.

- Não faz mal. Como se chama, senhor?

- Singh, madame.

“Todos os sikhs chamam-se Singh. Claro.” Laura sentiu-se uma perfeita idiota.

- Eu queria ir até a polícia, senhor Singh. Quero dizer, uma polícia calma, longe das brigas de rua.

Singh pôs com agilidade o cassetete debaixo do braço.

- Muito bem, madame. - Esforçou-se para não bater continência. - Faça o favor de seguir-me. - Foram juntos pelo saguão vazio. - Logo a senhora estará bem acomodada. O trabalho fica difícil nestes momentos.

- Pode crer, senhor Singh.

Entraram num elevador de carga e desceram um andar até um estacionamento empoeirado. Muitas bicicletas, alguns carros, quase todos velhos. Singh apontou com o cassetete.

- Quer ir na garupa de minha vespa, se não achar ruim?

- Claro que sim.

Singh destravou a moto e deu a partida. Subiram nela e saíram por uma rampa com um ruído agudo do motor. A chuva parou temporariamente. Singh saiu para a rua.

- Há barricadas - Laura disse.

- Sim, mas... - Singh hesitou. Pisou no freio.

Um dos caças da Força Aérea de Cingapura passou por cima deles com um rugido. Subitamente, entrou em mergulho, como se perseguisse sua própria sombra. Vôo realmente arrojado. Observaram, boquiabertos.

Algo disparou debaixo da asa do avião. Um míssil. Deixou um rastro de fumaça no ar tímido. Viu-se nas docas, uma grande explosão, com fogo alaranjado. Pedaços do guindaste pelos ares.

Um trovão ecoou pelas ruas vazias.

Singh xingou e virou a vespa.

- Inimigos atacando! Vamos voltar para um lugar seguro. Voltaram pela rampa.

- Era um jato de Cingapura, senhor Singh.

- O dever agora está claro. A senhora vem comigo, por favor - disse ele, fingindo não tê-la ouvido.

Tomaram um elevador até o sexto andar. Singh estava calado, as costas bem retas. Não queria encará-la. Levou-a pelo corredor até um saguão de apartamentos e bateu três vezes.

Uma mulher gordinha de calças largas e túnica abriu a porta.

- Minha esposa - disse Singh. Fez um gesto para que Laura entrasse.

- Laura Webster! - exclamou a mulher, espantada.

- Sim! - respondeu Laura, quase abraçando aquela mulher.

Era um apartamento pequeno, de três aposentos. Muito modesto. Três criancinhas graciosas saíram do quarto da frente: um menino de nove, uma menina e um menino ainda engatinhando.

- O senhor tem três filhos, senhor Singh?

- Sim - respondeu ele, sorrindo. Pegou o menor e acariciou seu cabelo. - Causa problemas com impostos. Tenho dois empregos. - Ele e a mulher começaram a conversar depressa em bengali ou talvez *hindi*, incompreensível, mas salpicado com termos ingleses. *Como fighterjet* e *television.*

A senhora Singh, cujo primeiro nome era Aratavari ou coisa assim, levou Laura para o quarto do casal.

- Vamos arranjar-lhe roupas secas - disse, abrindo o armário e tirando uma roupa dobrada da prateleira de cima De tirar o fôlego: seda verde esmeralda com bordados dourados. - Um *sari* vai-lhe ficar bem - enfiando a roupa nos braços da outra. Obviamente, era a melhor roupa que tinha Era algo como o que a esposa de um rajá vestiria para uma cerimônia.

- Seu inglês é muito bom - disse Laura enxugando o cabelo e o rosto.

- Sou de Manchester. Mas aqui havia mais oportunidades.

Polidamente, deu as costas, enquanto Laura tirava a blusa e o jeans ensopados. Pôs a blusa do *sari*, muito grande no busto e muito apertada na cintura A senhora Singh

ajudou-a a enrolar e prender.

Laura penteou o cabelo na frente do espelho. Seus olhos, atacados pelo gás, pareciam bolinhas de gude rachadas. Mas o lindo *sari* dava-lhe um efeito alucinatório de uma exótica majestade sânscrita "Se David estivesse aqui..." Sentiu plenamente o choque cultural, intenso e incômodo, como um *déjà vu* com uma facada.

Seguiu a senhora Singh para a sala da frente, descalça e farfalhante. As crianças riram e Singh sorriu para ela.

- Ah, muito bem, madame. Gostaria de beber alguma coisa?

- Gostaria de um pouco de uísque.

- Não temos álcool.

- Têm um cigarro? - eles ficaram chocados. - Lamento - disse Laura, sem saber direito por quê. - Foi muita bondade de vocês hospedar-me e tudo o mais.

A senhora Singh meneou a cabeça modestamente.

- Eu deveria levar suas roupas à lavanderia. Mas o toque de recolher não me deixa.

O menino mais velho levou para Laura uma lata de suco de goiaba gelado. Parecia mais cuspe com açúcar.

Sentaram-se no sofá. O canal do governo estava funcionando, com o som baixo. Um locutor chinês estava entrevistando o astronauta, que ainda estava em órbita. Expressava sua fé sem limite nas autoridades.

- Gosta de *curry*? - disse a senhora Singh, ansiosa.

- Não posso ficar - alegou Laura.

- Mas precisa!

- Não. Minha empresa votou. E questão de política. Vamos todos para a cadeia.

Os Singh não estranharam, mas ficaram descontentes, contrariados. Ela lamentava mesmo por eles.

- Por quê, Laura? - perguntou a senhora Singh.

- Viemos aqui para negociar com o Parlamento. Não damos a menor importância para a lei marcial. Agora, somos inimigos do Estado. Não podemos mais trabalhar com eles.

Singh e a mulher conversaram rapidamente, enquanto as crianças ficavam sentadas no chão, com os olhos arregalados, sérias.

- A senhora vai ficar aqui, madame, em segurança. Esse é nosso dever. A senhora é uma hóspede importante. O governo vai compreender.

- Não é mais o mesmo governo. A Lagoa Leste, toda a região, está em conflito. Estão matando uns aos outros. Eu vi. A Força Aérea acaba de lançar um míssil contra nossa propriedade. Talvez tenham matado alguns dos nossos, não sei.

A senhora Singh empalideceu.

- Ouvi a explosão, mas não deu na televisão... - voltou-se para o marido, que apenas ficava olhando para o chão. Começaram a conversar de novo, mas Laura os interrompeu.

- Não tenho o direito de colocar todos vocês em dificuldades. - Pôs-se de pé. - Onde estão minhas sandálias?

Singh levantou-se, também.

- Vou acompanhá-la, madame.

- Não; fique aqui e guarde sua casa As portas lá embaixo estão quebradas, caso não tenham notado. Os antitrabalhistas tomaram nosso armazém; poderiam vir para cá, a qualquer hora, e tomar todos como reféns. Estão falando sério, ou de brincadeira, ou qualquer coisa em que acreditem. Não têm medo de morrer também?

- Não tenho medo de morrer- insistiu Singh, corajosamente. A mulher começou a gritar com ele. Laura encontrou as sandálias; o nenê estava brincando com elas, atrás do sofá.

Singh, rosto vermelho, saiu do apartamento. Laura ouviu-o no saguão, gritando e batendo nas portas com o cassetete.

- O que está acontecendo? - perguntou ela.

As duas outras crianças correram para a senhora Singh e agarraram-se a ela, enterrando os rostos na roupa da mãe.

- Meu marido está dizendo que foi ele quem a salvou, uma mulher famosa da televisão, que parecia uma gata perdida e molhada. E que você compartilhou do pão na casa dele. E que não vai mandar uma estrangeira indefesa para ser morta nas ruas.

- Ele é hábil com as palavras, em sua língua natal.

- Talvez isso explique tudo - disse a senhora Singh, sorrindo.

- Não acho que uma lata de suco de goiaba seja "compartilhar o pão".

- Não era goiaba. Era sopa - Acariciou a cabeça da filha. - Ele é um bom homem. Honesto, trabalha duro e não é burro ou malvado. Nunca bate em mim ou nas crianças.

- Isso é muito bom.

- Estou-lhe contando isto, Laura Webster, porque não quero que jogue fora a vida de meu homem. Só porque você é política e ele não importa muito

- falou a senhora Singh, encarando-a

- Eu não sou política! - protestou Laura. - Eu sou só uma pessoa como você.

- Se você fosse como eu, estaria em casa, com a família.

Singh entrou de repente, agarrou Laura pelo braço, arrastou-a para o saguão. As portas estavam abertas por todo o corredor e ficou cheia com hindus confusos e irritados, de roupa de baixo. Quando a viram, houve um grande rumor de espanto.

Em segundos, estavam todos a rodeá-la.

- *Namaste*, *namaste* - a saudação hindu, inclinando-se, com as mãos postas. Alguém tocou respeitosamente a borda de seu *sari*. Vozes elevando-se.

- Meu filho, meu filho - um homem ficava gritando, em inglês. - Ele é do PAT, o meu filho!

O elevador abriu-se e alguns homens entraram com ela e outros correram para

as escadas. O elevador desceu devagar, os cabos rangendo, como um ônibus superlotado.

Minutos depois, estavam todos com ela na rua Laura não sabia como a decisão fora tomada ou se tomaram alguma conscientemente. Janelas foram abertas em todos os andares e as pessoas gritavam por toda a parte, no calor úmido do meio da tarde. Vinham em número cada vez maior, uma maré humana. Não com raiva, mas amalucadamente, como soldados de licença, crianças saindo da escola - correndo e gritando, batendo nos ombros. Laura puxou a manga da camisa de Singh.

- Escute, não preciso de tudo isso...

- É o povo - murmurou Singh. Seus olhos pareciam vidrados; estava em êxtase.

- Deixem ela falar - gritou um homem de roupão listrado. - Deixem ela falar!

O clamor espalhou-se. Dois meninos emborcaram uma lata de lixo na rua, transformando-a em palanque. Depois, colocaram Laura sobre ele. Aplausos frenéticos.

- Silêncio, silêncio...

Logo estavam todos prestando atenção. Ela continuou a falar.

- Sem violência! Cingapura é uma cidade moderna. - Os homens a sua volta resmungaram traduções. A multidão continuou a crescer e engrossar a sua volta. - Gente moderna não mata ninguém! - O *sari* estava escorregando do ombro. Recolocou-o no lugar. O povo aplaudiu. Via-se o branco dos olhos deles.

Era o maldito *sari*. Eles adoraram. Uma loira estrangeira, alta, num pedestal, em verde e dourado, algum ídolo demente de Kali...

- Sou só uma idiota estrangeira! - Alguns momentos antes, decidiram acreditar nela, agora riam, e aplaudiam. - Mas eu sei que não devo ferir ninguém! Quero ir para a cadeia!

Olhares de desentendimento. Ela os perdera. A inspiração salvou-a - Como Gandhi. O *mahatma*. *Gandhiji*. Um repentino silêncio.

- De modo que alguns de vocês, muito calmamente, levem-me para a cadeia. Muito obrigada. - Pulou para baixo.

- Isso foi muito bom! - disse Singh.

- Você sabe o caminho. Leve-nos, está bem?

- Certo! - Singh girou o cassetete sobre a cabeça. - Todos marchando! Para a cadeia!

Ofereceu o braço para Laura. Foram depressa, e com a multidão os seguindo.

- Para a cadeia! - gritou o “Roupão Listrado”, pulando e sacudindo os braços. - Para Changi!

Outros repetiram o grito. - Changi, Changi. - O destino parecia canalizar suas energias. O clima da situação era semelhante a um maçarico com a chama ainda baixa. As crianças corriam na frente, viravam e observavam a multidão que avançava. Admiravam, pulavam e batiam umas nas outras. As pessoas os observavam das janelas e portas.

Depois de três quarteirões, mais gente engrossava a multidão. Marcharam rumo ao norte, para a *South Bridge Road*, com os edifícios enormes do centro da cidade à frente. Um chinês magro com cabelo preto liso e penteado para trás, com ar de professor primário, apareceu junto a Laura.

- Senhora Laura Webster?

- Sim?

- Estou muito honrado em marchar com a senhora para Changi! A Anistia Internacional estava moralmente certa!

- Como?

- Os prisioneiros políticos...

O povo avançou mais e ele foi levado para longe. A multidão tinha escolta: dois helicópteros da polícia voavam sobre a rua. Laura teve medo, os o-lhos rasos d'água com a lembrança, mas o povo acenou e cumprimentou, como se os helicópteros fossem um favor especial.

Aí que ela percebeu. Agarrou o cotovelo de Singh.

- Ei! Só quero ir até uma delegacia. Não quero tomar a Bastilha!

- Como, madame? - Singh gritou, sorrindo, em arrebatamento. - Que pastilha?

"Ai, meu Deus". Se ela apenas pudesse parar um pouco. Olhou à volta, desorientada, mas o povo acenava para ela e sorria. Mas que idiota fora, ao vestir este *sari*. Era como vestir-se de néon verde.

Agora marchavam pelo meio do bairro chinês de Cingapura, rua do Templo, rua do Pagode. O psicodélico *stupa* de um templo hindu, coberto de estátuas, ergueu-se a sua esquerda.

- *Sri Mariamman* - dizia. Deusas policromas sorriam umas para as outras, como se planejassem tudo. Sirenes tocando à frente, num grande cruzamento. Ouvia-se som de alto-falantes e caminhavam na direção deles. Mil policiais mal-humorados. Um massacre.

Depois, estavam à vista. Nada de guardas, mas outra multidão de civis. Iam direto para o cruzamento: homens, mulheres e crianças. Carregavam uma faixa, com uma inscrição feita às pressas, que dizia: "Longa vida ao Canal 3".

A turma de Laura deu um suspiro, como se cada um tivesse visto uma namorada há muito perdida. De repente, todos estavam correndo, braços abertos. As duas multidões se encontraram. Laura ficou arrepiada de emoção. Havia alguma coisa naquele povo, puramente mágica; uma eletricidade social mística. Sentia isso nos ossos, algo cheio de felicidade e gratidão, oposto à loucura que vira no estádio. As pessoas caíam, mas ajudavam-se a se levantar e se abraçavam...

Ela perdeu Singh de vista De repente, estava só no meio da multidão, tropeçando ao longo de uma serpentina fractal dela Olhou pela rua. A um quarteirão de distância, havia outro grupo de pessoas e carros da polícia, vermelho e branco.

Seu coração acelerou. Separou-se da multidão e correu para eles. Os policiais

estavam cercados. Imersos no meio do povo. O povo rodeou a polícia imobilizando-a. As portas do carro estavam abertas e os guardas tentavam reprimi-los, sem nenhum sucesso.

Laura tentou abrir caminho em meio às pessoas. Todos gritavam e tinham nas mãos, não armas, mas outro tipo de objetos: sacolas de pão, rádios transistorizados, buquê de flores, roubadas de alguma janela Entregavam tudo à polícia, pedindo que levassem de presente. Uma matrona chinesa de meia-idade gritava entusiasmada para um capitão da polícia:

- Vocês são nossos irmãos! Somos todos cingapurianos. Cingapurianos não matam uns aos outros!

O capitão da polícia não tinha coragem de encarar a mulher. Estava sentado no assento do motorista boca fechada num êxtase de humilhação. Havia mais três guardas no carro, com uniforme completo de choque: capacetes, cassetetes e fuzis de arame. Poderiam ter esmagado a multidão em instantes, mas estavam tontos, anestesiados.

Um homem de camisa de seda caminhou até a janela traseira que estava aberta:

- Leve meu relógio, seu guarda! Uma lembrança! Por favor, hoje *é* um grande dia.. - O guarda meneou a cabeça, com um ar de quem não sabia o que fazer. Perto dele, seu colega mastigava um bolinho de arroz.

Laura bateu no ombro do capitão. Ele olhou e reconheceu-a. Os olhos reviraram nas órbitas, como quem dizia que ela era tudo o que faltava para tornar aquela experiência completa

- O que quer?

Laura contou-lhe rapidamente sua situação.

- Prender você aqui? Na frente de todo esse povo?

- Eu posso tirá-lo daqui - respondeu Laura. Subiu no capo do carro e abriu os braços. - Escutem todos! Vocês me conhecem, sou Laura Webster. Por favor, deixem-nos passar! Temos coisas importantes a tratar! Sim, isso mesmo, afastem-se da frente do carro, senhoras e senhores... Muito obrigada vocês são boa gente, estou agradecida..

Sentou-se no capo, apoiando os pés no pára-choque da frente. O carro arrastou-se para a frente e o povo abriu alas. Muitos, obviamente, não a reconheceram. Mas reagiram com respeito ao totem, que uma estrangeira de *sa-ri* verde sobre o capo de um carro da polícia parecia representar. Laura estendeu os braços e fez vagos movimentos para a multidão abrir passagem. O povo afastou-se mais depressa.

Passaram pela multidão. Depois disso, Laura sentou-se no banco da frente, entre o capitão e o tenente.

- Graças a Deus - disse ela.

- Senhora Webster - disse o capitão da polícia. Uma tira no peito dizia que seu nome era Hsiu. - A senhora está presa por obstrução à justiça e incitamento à rebelião.

- Está bem - suspirou Laura. - Sabe o que aconteceu com o resto do pessoal da Rizome?

- Também foram presos. Um helicóptero apanhou-os. Laura concordou,

aliviada, e perguntou:

- Eles não estão em Changi, estão?

- Não há nada errado com Changi! - disse o guarda, contrariado. - Não ouça as mentiras globalistas.

Estavam andando devagar pela rua Pickering, cheia de salões de beleza e de cirurgia cosmética. As calçadas estavam cheias de desrespeitadores do toque de recolher, todos sorridentes, mas ainda não tinham pensado em bloquear as ruas.

- Vocês estrangeiros - dizia o capitão - trapacearam conosco. Cingapura poderia ter construído um novo mundo. Mas vocês envenenaram nosso líder e nos roubaram. Foi tudo. Acabou.

- Granada envenenou Kim.

- Não acredito em Granada - disse Hsiu, meneando a cabeça.

- Mas é gente sua que está fazendo tudo isso - contou Laura. - Pelo menos, vocês não foram invadidos.

- Fomos invadidos. Não soube? - falou o capitão, encarando-a.

- O quê? A polícia de Viena veio para cá? - Ela ficou abismada.

- Não - disse o policial, com tom pessimista. - Foi a Cruz Vermelha. Por um momento, ela não conseguiu lembrar-se da referência.

- A Cruz Vermelha. Seria a agência de saúde?

- Se viesse um exército, nós faríamos picadinho deles - respondeu o capitão Hsiu. - Mas ninguém dispara na Cruz Vermelha. Já estão em Ubin, Tekong e Sembawang. Centenas deles.

- Com material e equipamentos para primeiros socorros - disse o guarda que estava comendo bolinhos de arroz.

- Auxílio para catástrofe civil - começou a rir.

- Cala a boca - disse o capitão. “Bolinhos de Arroz” apenas *son*.

- Nunca ouvi falar que a Cruz Vermelha armasse um truque desses - disse Laura.

- São as corporações globalistas - disse o capitão Hsiu, acabrunhado. - Queriam comprar Viena e matar-nos. Mas era muito caro, e ia demorar muito. Então, compraram a Cruz Vermelha, um exército sem armas, e vieram matar-nos com bondade. Entraram sorrindo e nunca mais vão sair de Cingapura. Covardes sujos.

O rádio da polícia recebeu um chamado. Uma multidão estava invadindo as instalações do Canal 4, no Marina Center. O capitão xingou em chinês e desligou.

- Sabia que iam atacar as televisões, mais cedo ou mais tarde. Que podemos fazer...

- Vamos receber ordens completamente novas, amanhã - disse o tenente, falando pela primeira vez. - Provavelmente um grande aumento no soldo, também. Muito trabalho nos espera nos próximos meses.

- Traidor - disse o capitão Hsiu, sem expressão.

- Precisamos viver - afirmou o tenente dando de ombros.

- Então ganhamos - pronunciou Laura, percebendo toda a amplidão do que ocorria, pela primeira vez. Vinha de dentro dela. Toda aquela loucura e todo aquele sacrifício, funcionaram de algum modo. Não exatamente da maneira que todos esperavam, mas aquilo era a política, não? Acabara. A Rede vencera.

- Isso mesmo - disse o capitão Hsiu, virando à direita, na avenida Clemenceau.

- Acho que não adianta prender-me, não? O protesto fica sem sentido agora. Nunca iria a julgamento sob essas acusações - riu, alegre.

- Talvez prendamos você, só para nos divertirmos - disse o tenente. Observou um carro cheio de adolescentes passar depressa, um deles carregando, pela janela aberta, uma grande bandeira de Cingapura.

- Não! - exclamou o capitão. - Depois teríamos de ouvir mais discursos globalistas dela.

- De modo algum! - Laura acrescentou apressadamente. -- Vou sair correndo daqui assim que puder, de volta para meu marido e filha.

- Você quer deixar a ilha? - interrompeu-a o capitão.

- Mais que tudo no mundo! Acredite-me.

- Poderia prendê-la, de qualquer modo - sugeriu o tenente. - Provavelmente só a burocracia levaria duas ou três semanas.

- Especialmente se não preenchêssemos os papéis - disse o policial brincalhão, e riu mais ainda.

- Se acham que estão me assustando, continuem - falou Laura. - De qualquer modo, não poderia sair, se tentasse. Não adianta. A lei marcial fechou os aeroportos.

Passaram pela Ponte Clemenceau. Era guardada por tanques, mas eles pareciam abandonados e o carro da polícia passou sem precisar parar.

- Não se preocupe, para livrar-se de Laura Webster nenhum sacrifício é demais!

O capitão levou-a ao *Yung Soo Chim Islamic Bank*.

Foi um estranho episódio. O pessoal do *Yung Soo Chim* estava todo no topo do prédio do banco, em meio à floresta de antenas de microondas e parabólicas de satélites.

Laura estava com o *sari* cobrindo a cabeça e óculos espelhados que pedira ao capitão Hsiu. Depois de passar pela segurança particular do banco, ainda com uma atmosfera de pânico e cheiro de arquivos de papel recém-queimados, tudo fora fácil. Ninguém iria pedir sua identidade, que ela nem tinha.

Ninguém a incomodou; passava como a amante eurasiana de alguém ou uma técnica excêntrica com belas roupas hindus. Se os piratas soubessem quem era, seriam capazes de qualquer coisa. Mas Laura sabia, com toda certeza, que ninguém a tocaria. Não naquele lugar, não agora, não depois de tudo o que enfrentara.

Não tinha medo. Sentia-se invulnerável, invencível, cheia de energia. Sabia que agora era mais forte do que eles. Sua gente era mais forte. Poderia andar à luz do dia,

mas eles, não. Eles achavam que tinham força para vencer as conspirações criminosas, mas os ossos deles eram de vidro.

A máquina do crime não tinha aquilo - *gemeinschaft*. Eram artistas da defecção, errantes, e não havia nada para mantê-los unidos, nenhuma confiança básica. Escondiam-se debaixo do pano protetor do governo de Cingapura e, como essa proteção acabara, o banco se arruinara. Levariam anos para se recompor, mesmo se tentassem, e a situação, a maré mundial, estava contra. Este lugar e seus sonhos estavam acabados; o futuro estava em outro lugar.

Que livro de histórias isto não daria! Como ela escapou de Cingapura, bem no meio dos banqueiros piratas. Uma procissão constante de helicópteros militares de Cingapura, com dois rotores, estava chegando ao heliporto bem equipado do banco. Duas ou três dúzias de refugiados de cada vez cabiam neles e depois podiam desaparecer no carregado céu das monções.

Os outros esperaram, espiando como corvos no parapeito protegido por uma corrente e blocos de concreto de ancoragem das torres de microondas. Alguns agrupavam-se abatidos em torno de televisores portáteis, assistindo a Jeyaratnam no Canal 2, cansado e com expressão carregada, citando a Constituição e conclamando o povo para voltar para dentro de casa.

Laura ficou perto de um carrinho de bagagem cheio de pacotes. Três homens sentavam-se do outro lado, inclinados para a frente, atentos, com os cotovelos nos joelhos. Dois japoneses e um anglo-saxão, os três com trajes de safári bem novos e capacetes de caçador. Assistiam à televisão. Era o Canal 4. “No ar, Pelo Povo”, apresentado, pela locutora principiante, e encabulada, a senhorita Ting, a ex-namorada de Kim.

Laura assistia e ouvia a uma distância discreta. Sentia uma afinidade estranha pela senhorita Ting, que obviamente fora colocada na atual situação por algum tipo de *karma* sincrônico.

Em Cingapura, agora era tudo assim: enevoado, quebradiço e suspenso no ar. No heliporto havia uma tristeza sólida, mas lá embaixo, as ruas estavam cheias de carros buzinando, um enorme partido das ruas, o povo se congratulando por seu heroísmo. Nas docas as últimas colunas de fumaça desapareciam. A Cingapura revolucionária, esses dispendiosos piratas de dados, como o âmbar-gris das entranhas de uma baleia em convalescença.

O japonês mais baixo tirou de dentro de seu capacete uma etiqueta, que o incomodava.

- Kiribati - disse ele.

- Se tivermos alguma escolha, vamos para Nauru - respondeu o anglo-saxão. Era australiano.

O japonês arrancou a etiqueta, rosto contrafeito.

- Kiribati não é nada, cara. Eles não têm linhas terrestres.

- Em Nauru, a polícia estará em toda parte. Têm medo daquelas plataformas de lançamento...

"Nauru e Kiribati", pensou Laura. Pequenos Estados do Pacífico, cuja "soberania nacional" poderia estar à venda. Bom depósito de lixo para gângsteres do banco, obviamente. Para ela, parecia tudo bem. As duas ilhas estavam na Rede e onde havia telefones, havia crédito. E onde havia crédito, havia passagens de avião. Onde havia aviões, ela estava em casa.

"Em casa", pensou, apoiando-se no carrinho, embriagada com a idéia. Não Galveston, ainda não. O chalé seria eventualmente reaberto, mas aquilo não era bem o seu lar. O seu lar era David e o nenê. Estar na cama com David, cobertas quentes, respirando ar americano, uma bela madrugada em seu quintal, talvez. Arvores, sombras dos galhos, poeira vermelha e *kudzu* da Geórgia num seguro Retiro da Rizome. A pequenina Loretta, suas costelas, pequenas e sólidas, e sorrisinho infantil. "Oh, Senhor..."

O japonês mais alto estava olhando para ela. Ela pensou que o homem estivesse bêbado. Endireitou-se, sabendo que estava sendo observada, e ele desviou o olhar, cansado. Resmungou algo que ela não conseguiu perceber.

- Que merda! - disse o australiano. - Acho que todos estão com bombas. Aquela merda de vodu de "combustão espontânea". Eles são bons, mas não *tão* bons.

O homem mais alto esfregou a nuca e estremeceu.

- Não queimaram aquele cachorro em nossa porta por nada.

- Sinto falta do pobre Jim Dae Jung - disse o japonês mais baixo, triste. - Os pés queimados, ainda dentro dos sapatos, e a cabeça encolhida, do tamanho de uma laranja

- Não dá para saber se ele pegou fogo em seu próprio banheiro. Só porque achamos os pés dele ali - respondeu o australiano, meneando a cabeça.

- Ei - disse o japonês mais alto, apontando.

Os dois outros levantaram-se, ansiosos, esperando ver outro helicóptero chegar. Mas alguma coisa estava acontecendo no céu. Havia uma camada de nuvens, faixas de vapor vermelhas como garras riscando uma pele suja.

O vento da monção começou a distorcer aquela forma. Símbolos em fumaça vermelha, rabiscados contra o céu. Letras, números:

3 a 3...

- Estão escrevendo no céu - disse o australiano, sentando-se de novo. - Gostaria de ter um binóculo. Não estou vendo o avião.

- Avião-robô, muito pequeno - disse o japonês mais alto. - Ou talvez feito de vidro. - Todos olhavam para a mensagem, protegendo os olhos.

3A3v_0\...

- Isso é um código - comentou o australiano. - Devem ser os rapazes do vodu.

O vento já soprara as primeiras letras, mas havia mais:

= A___S...

- Três-a-três-vê-espaço-zero-barra invertida-igual a a-espaço-espaço-esse - o australiano repetia lentamente. - Mas que merda estão tentando transmitir?

- Talvez seja o sinal de evacuação deles - disse o homem maior.

- E o que você pensa - respondeu o australiano.

- Não há verticais nas letras - anunciou o japonês mais baixo, triun-fante. - Má programação. Granada nunca foi boa com aviões-robô.

- Sem verticais? - repetiu o australiano, olhando para cima. - Percebo. *Babylon Falls*, hein? Babilônia cai... Mas que filhos da mãe.

- Acho que eles nunca realmente imaginaram que isto aconteceria - o baixinho falou. - Ou fariam algo melhor para anunciar.

- Mesmo assim, é preciso dar-lhes crédito - retomou o australiano. - Dedo invisível, escrevendo no céu com sangue... Provavelmente assustaria o povo inteiro, se não errassem - riu. - Lei de Murphy, hein? Agora, é só mais uma coisa esquisita.

Laura deixou-os junto ao carrinho de bagagem. Outro helicóptero chegou, um dos pequenos. Decidiu que pegaria esse, se pudesse. A conversa deixara-a inquieta

Ao se aproximar da plataforma, ouviu soluços, baixinho. Nada notável. Só gemidos e choramingos.

O homem que soluçava estava debaixo de uma caixa d'água Estava olhando para o céu insistentemente, como se estivesse com medo de uma nova mensagem.

Era um *sharpie*, como os vilões da televisão chinesa. Caras alinhados, por volta dos trinta anos, cabelos cortados a laser e piteiras de jade. Só que estava agachado, debaixo da grande e fria caixa, ombros cobertos por um cobertor preto que segurava na frente do peito. Tremia como uma cesta de siris.

Enquanto Laura o observava, ele conseguiu controlar-se, limpou os olhos. Parecia ter sido importante em outras épocas. Anos de ternos bem-cortados, handebol e garotas massagistas. Agora, parecia um *terrier* comedor de ratos, num monte de serragem.

Uma daquelas pelotas granadinas estava dentro dele, liberando seus miligramas de medo líquido. Ele sabia, qualquer um que o visse sabia. As pelotas foram divulgadas pela televisão do governo, mas ele não teve tempo de localizá-la e pedir que alguém a removesse.

Os outros o evitavam. Má sorte.

Um helicóptero de dois rotores da Guarda Costeira pousou na plataforma. Seu deslocamento de ar varreu o prédio e Laura apertou o *sari* sobre a cabeça. O "Má Sorte" pulou de pé e correu; estava na porta, ofegante, antes de todos. Quando abriu a porta, precipitou-se para dentro.

Laura seguiu-o e apertou o cinto num dos bancos de plástico do fundo. Uma dúzia de refugiados acomodou-se como pode, evitando "Má Sorte".

Uma pequena sargenta da Guarda Costeira entrou com uniforme de camuflagem e olhou para eles.

- Ei, moça - gritou o gordo, na frente de Laura - Quando vamos ter amêndoas salgadas? - Os outros refugiados riram, sem muita vontade.

A potência dos rotores aumentou e o mundo ficou lá embaixo. Voaram para o sudoeste, por entre os enormes edifícios de *Queenstown*. Depois, sobre um arquipélago cujas as ilhas tinham nomes como Samulun, Merlimau, Seraya. Havia enormes áreas de floresta tropical cortadas por hotéis e praias brancas com marinas e quebra-mares.

"Adeus, Cingapura", pensou Laura.

Mudaram o curso sobre as águas agitadas pelas monções no Estreito de Málaca. Os passageiros conversavam em voz baixa, mas ninguém se aproximou de Laura, que apoiou a cabeça no plástico ao lado da escotilha e dormiu.

Acordou quando o helicóptero parou, bocejando, tonta.

Estavam flutuando sobre um navio de carga. Os navios ficaram familiares para ela, nas docas; este era um *clipper*, com as estranhas colunas captadoras de vento, rotativas, que foram grande sucesso na década de 10. Os tripulantes, ou melhor, outros tantos refugiados, estavam no convés, com os trajes os mais diversos.

A pequena sargenta voltou, com uma metralhadora de gelatina no ombro.

- Chegamos - berrou ela.

- Não há plataforma! - disse um gordo.

- Pule - ela abriu a porta de carga. O vento entrou. Estavam a quase dois metros do convés. A sargenta bateu no ombro de outra mulher.

- Você primeiro. Vá!

De algum modo, todos conseguiram pular. Tombando, caindo, esparramando-se sobre o convés em movimento. Os que já estavam lá, ajudaram um pouco, desajeitadamente tentando amparar os que pulavam.

O último a chegar foi o "Má Sorte". Caiu como se tivesse sido chutado. O helicóptero afastou-se, mostrando uma barriga cheia de flutuadores.

- Onde estamos? - perguntou o "Má Sorte", esfregando um joelho machucado.

Um técnico chinês de dentes sujos com chapéu *songkak* respondeu-lhe.

- Este é o *Ali Khamenei*. Rumo a Abada.

- Abada! - inqueriu o "Má Sorte". - Não! Os malditos iranianos! - Os outros ficaram olhando, reconhecendo sua aflição, alguns começaram a afastar-se.

- República Islâmica - corrigiu o técnico.

- Eu sabia! - falou o "Má Sorte". - Entregaram-nos aos fanáticos do Corão! Vão cortar nossas mãos!

- Calminha - aconselhou o técnico, dando um olhar de esguelha ao "Má Sorte".

- Não se preocupe - disse uma gorda mulher européia, sensivelmente vestida para uma catástrofe, numa saia de brim e cordurol. - Examinamos a carga: há bastante *Soy Moo* e *Weetabix*. - Riu, levantando uma sobrancelha- - E conhecemos o capitão do navio, pobre idiota! Tem um retrovírus; ficou sem o sistema imunológico.

- Ah, essa não! O capitão pegou a peste? - assustou-se o "Má Sorte",

empalidecendo.

- Quem mais aceitaria este emprego, para trabalhar sozinho neste barco? - retrucou a mulher. - Está escondido na cabine do leme. Tem medo de pegar alguma infecção de nós. Tem mais medo de nós do que nós dele. - Olhou para Laura, curiosa. - Será que eu a conheço?

Laura desviou o olhar e resmungou algo sobre processamento de dados.

- Será que tem um telefone aqui?

- Vai ter de entrar na fila, querida. Todos querem usar a Rede... Tem dinheiro fora de Cingapura, é isso? Muito esperta.

- Cingapura roubou-nos - queixou-se o "Má Sorte".

- Pelo menos, tiraram-nos de lá - disse a européia, conformada. - Melhor do que esperar por aqueles canibais do vodu para nos envenenar... Ou os tribunais globalistas... Os muçulmanos não são tão ruins.

"Má Sorte" ficou olhando.

- Eles matam técnicos! Malditos anti-ocidente!

- Isso foi há anos. Talvez seja por isso que nos querem! Pare de tremer! Pessoas como nós sempre acham um lugar. - Relanceou para Laura - Você joga *bridge*, querida?

Laura meneou a cabeça.

- *Cribbage? Pinochle?*

- Desculpe, não - Laura arrumou o véu.

- Já está-se acostumando com o *chador!* - A outra provocou, sentindo-se derrotada

Laura foi até a proa, evitando grupos de refugiados que se hostilizavam. Ninguém tentou incomodá-la.

À volta do *Ali Khamenei* as águas cinzentas dos estreitos estavam cheias de barcos, cargueiros da navegação costeira Eles eram coreanos, chineses, mafilindonésios, alguns sem bandeira só com o logotipo das firmas.

Havia alguma beleza naquela paisagem. Navios azuis, pela distância, o vulto esverdeado de Sumatra. Estes estreitos, entre o continente asiático e o litoral de Sumatra, Java e Bornéu, foram as principais rotas da humanidade, desde o princípio da civilização. O local fizera Cingapura; levantar os embargos sobre a ilha seria como desobstruir uma artéria do planeta

E ela fora parte de tudo isto. Não era pouca coisa. Agora que estava só na amurada da proa com aquela agitação do convés debaixo de si, podia avaliar o que fizera. Um pequeno momento de iluminação graciosa, uma satisfação mística. Estivera fazendo o trabalho do mundo; podia sentir a sutiliza das marés *taoístas*, fazendo-a flutuar, e a carregá-la.

Ali de pé, desfazendo a tensão, respirando o ar úmido da monção sob um infinito céu cinza, não podia mais acreditar que corria perigo. De novo, era invencível.

Agora, quem tinha problemas eram os piratas. Os chefões do banco estavam todos ali no convés, em pequenos grupos conspiratórios, murmurando e olhando por sobre os ombros. Um notável número de figurões a bordo, os primeiros a embarcar, aparentemente. Podia ver que eram chefões, bem-vestidos, boa aparência. Velhos.

Tinham a pele esticada, de vampiro, devido ao tratamento feito anos a fio, de longevidade em Cingapura: filtração de sangue, terapia hormonal, vitamina E, acupuntura elétrica - só Deus sabia que tipo de porcaria mais. Talvez *tivessem* conseguido alguns anos a mais com seus métodos dispendiosos, mas agora precisavam terminar repentinamente seus tratamentos. Fazia idéia de que não seria fácil.

De madrugada, um grande helicóptero civil chegou com o último grupo de refugiados. Laura ficou junto a uma parede do convés em silêncio enquanto os refugiados desembarcavam. Mais figurões. Um deles, o senhor Shaw.

Laura recuou chocada e foi lentamente para a proa, sem olhar para trás. "Deviam ter feito algum acordo especial", pensou, essa coisa de Abada. Provavelmente, Shaw e seu pessoal já tinham arranjado isso há mais tempo. Cingapura poderia estar acabada, mas os grandes piratas tinham seu próprio instinto de sobrevivência. Para eles nada de Nauru ou Kiribati. Esses lugares eram para os trouxas. Dirigiam-se para onde o dinheiro do petróleo corria bastante e depressa. A República Islâmica não era amiga de Viena.

Duvidava que escapassem ilesos. Cingapura poderia sumir com os gângsteres do banco, e com a evidência, mas muito mais pessoas deveriam estar sabendo. Um navio tão notório, com tantos operadores dentro, deveria ter deixado um rastro muito grande. Os repórteres da televisão já estavam invadindo Cingapura debaixo da sombra da Cruz Vermelha; ansiosos pioneiros desarmados de outro exército global, com seus microfones e mini-câmeras. Uma vez o navio em águas internacionais, Laura tinha quase certeza de que os repórteres apareceriam.

Seria interessante. Os piratas não iam gostar; ficavam com urticária, quando recebiam publicidade. Ao menos escaparam dos granadinos.

Tudo indicava haver uma convicção tácita entre os cingapurianos que os granadinos acabaram. Com o banco dispersado e o governo em ruínas, simplesmente não haveria mais objetivo na campanha terrorista.

Quem sabe estivessem certos. Talvez o terrorismo bem-sucedido sempre funcionasse assim: provocar até que desabasse debaixo do peso de sua própria repressão. *Babylon Falls,* estavam se gabando disso. Talvez Chacal e seus amigos fossem para longe de Cingapura na confusão da revolta.

Se eles ainda tivessem um pouco de bom-senso, ficariam contentes em escapar triunfantes, cansados e orgulhosos. Provavelmente, até estranhariam

estar vivos. Poderiam rastejar devagarzinho para suas sombras, no Caribe, como lendas vivas do vodu, fantasmas do novo milênio, sem par. Por que não viver? Por que não desfrutar disso?

Ela gostaria de acreditar que eles escapassem. Queria que tudo tivesse

acabado; não tolerava pensar nos atos de atrocidades tecnológicas de Chacal.

Um golpe atingiu-a. Uma onda intensa de medo não definido. Por um momento, imaginou que fora atingida por uma pelota. Talvez Chacal tivesse lhe dado uma dose enquanto ela estava inconsciente e só agora a droga do medo estivesse fazendo efeito... Deus, que desconfiança horrível.

Lembrou-se de repente do agente de Viena que encontrara em Galveston, o polido e simpático russo que falara da "pressão maligna que há numa bala".

Agora, pela primeira vez, ela estava entendendo o que o homem quis dizer. A pressão da *possibilidade bruta*. Se algo fosse *possível*, não quereria dizer que em algum lugar, de alguma forma, alguém precisava fazê-la? O impulso do vodu de mexer com demônios. O diabinho dentro do perverso. Bem no fundo da alma humana, a sombra carnívora da ciência.

Era uma dinâmica, como a gravidade. Algum legado evolucionário, no fundo dos nervos humanos, invisível e poderoso, como um *software*.

Olhou para trás. Nem sinal de Shaw. Poucos metros atrás, o "Má Sorte" estava vomitando ruidosamente sobre a amurada Levantou a cabeça, limpando a boca na manga.

Ela poderia estar no lugar dele. Esforçou-se para sorrir.

Ele olhou-a com trêmula gratidão e veio para ela Quase fugiu, mas ele estendeu a mão.

- Está bem, sei que recebi uma dose e que a coisa vem em ondas. Agora estou melhor.

- O senhor é corajoso. Lamento.

- Isso é bom. Você é boa. Não me trata como um leproso - seus olhinhos de rato a estudaram. - Você não é uma de nós, não é? Não é do banco.

- Por que diz isso?

- Você é a namorada de alguém, não? - sorriu, numa cadavérica imitação de um flerte. - Há muitos chefões neste navio. Eles gostam de garotas eurasianas.

- Vou me casar, portanto, esqueça.

- Aceita um cigarro? - perguntou ele, tirando do bolso uma carteira de cigarros.

- Melhor economizá-los - disse Laura, mas pegando um.

- Não, não. Sem problemas. Posso conseguir qualquer coisa! Cigarros, componentes do sangue, megavitaminas, embriões... Meu nome é Desmond, senhorita Desmond Yaobang.

- Oi.

Ela aceitou o isqueiro. Sua boca encheu-se logo de fumaça venenosa Mas não podia entender por que estava fazendo isso.

Melhor do que não fazer nada. Sentia pena daquele homem. Talvez a presença de Desmond Yaobang mantivesse todos os outros à distância.

- O que acha que vão fazer *conosco* em Abada? - A cabeça de Yaobang dava

em seu ombro. Não havia nada claramente repulsivo sobre ele, mas o medo químico aparecia em seus olhos, nas rugas de seu rosto. Encharcara-o com uma aura de estranheza. Ela sentia um forte impulso irracional de chutá-lo. Do jeito que um bando de corvos pode bicar e ferir um deles até a morte.

- Não sei - disse Laura, o desprezo tornando-a descuidada. Olhou para as sandálias, evitando os olhos dele. - Talvez eles me dêem sapatos decentes... Eu me sentiria melhor se pudesse dar alguns telefonemas.

- Telefonemas - Yaobang repetiu nervosamente -, grande idéia. Sim, leve Desmond a um telefone e ele pode arranjar-lhe qualquer coisa. Sapatos. Claro. Quer tentar?

- Ainda não. Tem muita gente.

- Esta noite, então. Muito bem, senhorita. Esplêndido. De qualquer maneira, não vou conseguir dormir.

Ela afastou-se e encostou-se na amurada O sol estava se pondo entre duas das colunas captadoras de vento. Havia grandes nuvens, iluminadas pelo sol, num dourado renascentista. Yaobang voltou-se e olhou, mordendo os lábios, graças a Deus, calado. Junto com o entorpecimento do cigarro, isso deu a Laura um sentimento sublime. Lindo, mas não duraria, porque o sol se põe depressa nos trópicos.

Yaobang endireitou-se e apontou.

- O que é aquilo?

Laura olhou. Seus sentidos, aguçados pela paranóia, perceberam alguma coisa, um brilho distante no ar.

- Talvez um helicóptero? - falou Yaobang, forçando as vistas.

- Muito pequeno! Um avião-robô! - a luz se refletira um pouco em seus rotores e perdera-se entre as nuvens.

- Avião-robô? - repetiu ele, alarmado pelo tom da voz dela. - Será vodu? Pode atacar-nos?

- Cale a boca! - reagiu Laura, afastando-se depressa da amurada - Vou até a gávea, quero ver melhor.

Correu pelo convés, as sandálias fazendo barulho.

O mastro grande do navio tinha um cone de radar e vídeo, para o computador de navegação. Mas havia uma escada para reparo e apoio humano: um

cesto de gávea, três andares acima do convés. Laura agarrou os frios degraus de ferro, e parou, frustrada O maldito *sári,* ia enroscar-se em seus pés. Virou e cumprimentou Yaobang. Um grito lá de cima:

- Ei!

Um homem com capa de chuva vermelha, pendurado no cesto da gávea.

- O que está fazendo?

- Você é da tripulação? - Laura gritou, hesitante.

- Não, e você? Meneou a cabeça.

- Acho que vi uma coisa para lá!

- O que viu?

- Acho que era um *Canadair CL-227*!

Os sapatos do homem fizeram barulho, enquanto ele desceu rapidamente para o convés.

- O que é um *Canadair*? - Yaobang perguntou, choramingando, e andando com dificuldade. Notou um binóculo *Zeiss* no pescoço do outro homem. - Onde apanhou isso?

- Na ponte - disse o "Capa Vermelha", inexpressivamente.

- Eu lhe conheço, não? Henderson? Sou Desmond Yaobang. Seção de Contra-Comércio.

- Hennessey - corrigiu o "Capa Vermelha".

- Isso, Hennessey...

- Dê-me - pediu Laura. Agarrou o binóculo. Debaixo do poncho leve, o tórax de Hennessey era volumoso e acolchoado. Estava usando mais alguma coisa. Colete à prova de bala? Um salva-vidas.

Laura arrancou os óculos escuros, procurou apressadamente um bolso - nenhum, no *sari* - e colocou-os sobre a cabeça Focalizou o binóculo.

Achou a coisa quase na hora Ali estava ela, flutuando, maligna, no horizonte nublado. Estivera tantas vezes em seus pesadelos que não podia acreditar que estava vendo um de verdade.

Era o avião-robô que metralhara seu chalé. Não idêntico, porque este estava pintado de verde-oliva, mas do mesmo modelo: rotores duplos, forma de amendoim. Até mesmo o feio trem de aterrissagem.

- Deixa ver! - Yaobang exigia, freneticamente. Para que ficasse calado, Laura passou-lhe o binóculo.

- Ei! - Hennessey protestou. - É meu! - Era um anglo-saxão por volta dos trinta anos, maçãs do rosto saltadas e bigode pequeno e bem aparado. Não tinha sotaque; falava direitinho com sotaque americano centro-atlântico. Debaixo da capa, havia algo escorregadio e sorrateiro.

Sorriu para ela, olhando bem nos olhos.

- Você é americana? Estados Unidos?

Laura procurou os óculos escuros. Tinham empurrado o *sari* para trás, mostrando seu cabelo loiro.

- Estou vendo! - Yaobang exclamou. - Um amendoim voador!

Os olhos de Hennessey arregalaram. Reconheceu-a. Estava pensando depressa. Ela notou-o inclinando-se ligeiramente para a frente.

- Talvez seja de Granada! - disse Yaobang. - Melhor dar o alarme! Vou ficar observando a coisa; senhorita, vá correndo!

- Não, não faça isso - advertiu Hennessey. Procurou debaixo da capa e tirou uma pequena máquina, um cruzamento de chave inglesa e aplicador de massa. Chegou

perto de Yaobang, segurando o dispositivo com as duas mãos.

- Oh, Deus! - Yaobang disse, cegamente. Outra onda estava chegando; tremia tanto que mal podia segurar o binóculo. - Estou com medo - uma voz reflexiva, de menino. - Estou vendo chegar... Estou com medo!

Hennessey apontou a máquina para as costelas de Yaobang e puxou o gatilho, duas vezes. Dois ruídos, discretos, mal audíveis, mas a coisa pulou assustadoramente nas mãos de Hennessey. Yaobang sacudiu todo com o impacto, braços soltos, peito dobrado, como se tivesse sido atingido por um machado. Caiu no convés, jogando o binóculo do lado.

Laura ficou olhando, horrorizada. Hennessey acabara de abrir dois furos fumegantes na jaqueta de Yaobang. Este ficou imóvel, rosto lívido.

- Você o matou!

- Não; não tem problema. Tem uma tinta narcótica especial.

Ela olhou de novo. Só por um segundo. Da boca de Yaobang corria um filete de sangue. Ela olhou para Hennessey e começou a recuar.

Com um movimento, Hennessey centralizou a pistola no peito dela Ela viu o cano e percebeu que olhava para a morte.

- Laura Webster! Não corra, não me force a atirar! Era Hennessey. Laura congelou.

- Oficial de polícia - explicou Hennessey, olhando nervosamente para a esquerda da proa. - Convenção de Viena, Força-Tarefa de Operações Especiais. Obedeça as ordens e tudo vai ficar bem.

- Mentira! Isso não existe!

Ele nem estava olhando para ela. Continuou olhando para o mar. Ela acompanhou o olhar do outro.

Algo se aproximava do navio. Corria pela água, com rapidez assombrosa, mágica. Uma haste comprida, branca, como uma vareta, com asinhas quadradas. Atrás, um longo rastro. Atingiu a ponte de comando, na popa, uma agulha sobre uma torrente de vapor. Atravessou.

Uma explosão de fogo, mais alta que uma casa. Uma barreira de calor e um barulho enorme varreram o convés e derrubou-a. Estava caída, machucada. A proa subiu debaixo dela, como um grande animal de aço.

Foram segundos atordoantes. Pedaços de plástico e aço caindo sobre o convés. A superestrutura da ponte, o mastro do radar, as antenas telefônicas, tudo estava em chamas. Como se alguém tivesse colocado um vulcão ali: as vigas metálicas estavam retorcidas pelo calor com gotas de lava de cerâmica e plástico derretidos.

O navio balançava, parecendo que iria afundar. Hennessey levantou-se e correu para a amurada. Por um momento, ela pensou que o homem iria pular. Depois, voltou com um salva-vidas - uma grande bóia com uma inscrição em parse. Tropeçou, deu uma cambalhota, e entregou-a para ela. A pistola tinha desaparecido, escondera-a em algum lugar.

- Coloque isto! - gritou junto a seu rosto. Laura pegou-o, pensativa.

- O bote! - falou em resposta.

- Não! Não adianta! Tem uma bomba! - disse ele, meneando a cabeça.

- Seu puto!

- Quando o navio afundar, você terá de nadar depressa! Afaste-se da sucção! - disse ele, ignorando o que ela lhe dissera.

- Não!

Ela colocou-se de pé, esquivando-se da tentativa que Hennessey fizera para agarrá-la. A proa do navio estava vomitando fumaça. As pessoas corriam sobre o convés.

Voltou-se para Hennessey. Estava no chão, mãos na nuca, pernas encolhidas. Ela não entendeu nada e olhou para o mar de novo.

Outro míssil. Deslizava acima das ondas, a chama de seu jato iluminava as cristas das ondas. Acertou o alvo.

Uma explosão catastrófica, lá embaixo. Escotilhas saltando das dobradiças e subindo para o céu, como dominós incendiados. Gêiseres de fogo, subindo. O navio sacudiu como um elefante ferido.

O convés inclinava-se inexoravelmente, a gravidade puxando a todos como se fosse o fim do mundo. O vapor subia com o cheiro de água do mar fervida. Ela caiu de joelhos e foi escorregando.

Hennessey rastejou até a amurada da proa. Segurou-a, enquanto falava com alguém num telefone de campanha, do exército. Parou, puxou mais a comprida antena, e continuou a gritar. Viu-a, e gesticulou: - Salte! Nade!

Ela ficou de pé de novo, com uma vontade louca de matá-lo. Estrangular, enfiar as unhas nos olhos dele. O convés ia inclinando-se e ela caiu mais uma vez, machucando os joelhos. Quase perdeu a bóia salva-vidas.

Os tornozelos estavam molhados. Virou-se. O mar estava muito perto da proa Ondas cinzentas traziam pedaços do navio.

O medo tomou conta de Laura. Uma força para viver que lhe vinha do pânico. Rasgou o *sari* e jogou-o longe. As sandálias há muito tinham desaparecido. Puxou a bóia sobre a cabeça e os ombros. Correu até a amurada, subiu nela, e pulou.

A água cobriu-a, quente, suja. O céu estava cada vez mais escuro, mas o incêndio do navio iluminava o estreito como se fosse um campo de batalha.

Outra explosão menor, um lampejo vindo do único bote do navio. Matara-os todos. Bom Deus, iam matar todos! Quantas pessoas? Cem, 150? Foram todos conduzidos a um vagão de gado, levados para o mar, e abatidos! Queimados e afogados, como vermes!

Um avião-robô zumbiu raivosamente acima da cabeça de Laura. Ela sentiu seu vento no cabelo encharcado. Prendeu bem a bóia debaixo dos braços e começou a nadar com toda a força.

O mar parecia ferver. Lembrou dos tubarões. De repente, as profundezas escuras, debaixo de suas pernas, estavam como que cheias de espiões. Nadou com vontade, até que a força que vinha do pânico dissipou-se no estado de choque. Virou e olhou.

Estava afundando. A popa por último, erguendo-se sobre o mar com os últimos remanescentes ruídos do incêndio, os segundos marcados pela violenta pulsação do coração. Sumiu, afundando na penumbra do mar.

A noite chegara. A escuridão era como um cobertor. Ouviu o barulho da sucção e a onda atingiu-a como a uma bóia. Outro barulho, no ar. À distância, na escuridão, uma metralhadora.

Estavam matando os sobreviventes na água. Disparando neles a partir de aviões-robô, com miras infravermelhas. Começou a nadar desesperadamente para longe.

Não podia morrer naquele lugar. Morta como mais um número... David, a menina...

Um bote inflável apareceu, com vultos de homens e o murmúrio calmo de um motor. Ouviu a voz de Hennessey:

- Agarre aqui. Suba!

Subiu. Era isso ou morrer ali mesmo. Puxaram-na para dentro do bote. Hennessey sorriu para ela, ainda com as roupas molhadas. Tinha companheiros: quatro marinheiros de quepes brancos, uniformes impecáveis, escuros, com dragonas douradas.

Ela deitou-se no fundo do bote, contra um plástico preto e liso como uma enguia, com a blusa do *sari* e roupa de baixo. Um dos marinheiros jogou a bóia fora Ganharam velocidade, indo em direção ao estreito.

O marinheiro mais próximo inclinou-se sobre ela, um anglo-saxão de cerca de quarenta anos. O rosto era branco como uma maçã cortada.

- Um cigarro, madame?

Olhou para ele, que se afastou, não se importando. Laura tossiu água do mar, depois encolheu as pernas, tremendo, sentindo-se miserável. Passou-se muito tempo antes que seu cérebro começasse a funcionar de novo.

O navio não tivera uma única chance. Nem mesmo para mandar um SOS. O primeiro míssil varrera a ponte de comando: rádio, radar e tudo. Os assassinos cortaram a garganta dele antes de mais nada.

Mas matar cem pessoas no Estreito de Málaca! Cometer uma atrocidade como aquela, por certo outros navios viram a explosão, a fumaça. Fazer uma coisa dessas, tão descaradamente...

A voz de Laura, quando finalmente pôde emiti-la, estava rouca e fraca.

- Hennessey...?

- Henderson - ele corrigiu, tirando a capa de chuva por sobre a cabeça. Debaixo, um salva-vidas laranja e um colete cheio de bolsos, zíperes e fechos de

velcro. - Ponha esta capa

Empurrou-a na direção de Laura. Ela ficou segurando. Henderson riu.

- Vista! Quer enfrentar cem marinheiros de sangue quente só com roupa de baixo molhada?

Aquelas palavras não faziam muito sentido, mas ela obedeceu. Estavam correndo mais, no escuro, o bote saltando, o vento castigando a capa de chuva. Tentou vestir, mas só conseguiu depois de muitas tentativas. Aderia na pele molhada como um couro todo molhado de sangue.

- Parece que você precisa de ajuda - disse Henderson. Arrastou-se para a frente e ajudou-a a vestir-se. - Pronto. Assim fica melhor.

- Você matou todos - falou Laura. Henderson olhou para os marinheiros.

- Não me venha com essa, agora. Aliás, tive uma pequena ajuda do navio de ataque - deu risada.

O marinheiro número dois desligou o motor. Estavam boiando no escuro.

- Barco - corrigiu ele. - Nós chamamos os submarinos de “barcos”, senhor.

Na escuridão, ouviu uma cascata de água e o rumorejar de uma onda Mal podia enxergar no escuro, um vago brilho preto-azulado. Mas podia cheirar e sentir, quase sentir o gosto, contra a pele.

Era enorme. Estava perto. Um vasto retângulo de aço pintado. Uma torre.

Um monstruoso submarino.

Capítulo 9

Era grande e com vida, tiquetaqueava como um jato transatlântico e, de suas bordas, escorria água do mar com forte ejeção e um profundo zumbido, fazendo tudo estremecer. Laura ouviu aviões-robô passando por perto, quase sem ruído, no escuro, taxiando para pousar sobre aquele casco. Sons malignos, de vespas. Não podia ver, mas sabia que as máquinas podiam vê-la, iluminada pelo calor do próprio corpo.

O bote inflável bateu no submarino e deu um solavanco. Os marinheiros soltaram uma escada de corda pelo casco grande e escuro. Henderson esperou que todos saíssem. Depois, afastou o cabelo molhado dos olhos e pegou o braço de Laura.

- Não banque a idiota - disse-lhe. - Não grite, não faça cena, pois eu salvei sua vida. Não me deixe embaraçado. Ou vai morrer - mandou que ela subisse a escada, na frente.

Os degraus feriam suas mãos e seus pés descalços e o liso casco estava frio como a água das profundezas. O submarino perdia-se de vista na escuridão. Atrás dela, havia uma torre de cerca de dez metros de altura. Longas hastes de antenas brancas e pretas despontavam lá do alto. Mais uma dúzia de marinheiros se aglomerava sobre o casco, em elegantes calças de boca de sino e camisas de mangas compridas, com dragonas douradas. Estavam cuidando dos aviões-robô, levando-os para baixo por uma série de portinholas. Moviam-se na ponta dos pés, ombros curvados. Como se achassem aquela noite vazia muito opressiva. A tripulação do bote subiu rapidamente atrás deles, andando com facilidade na escada.

Esvaziaram o bote, pisando-o freneticamente, e enfiaram aquela massa molhada de borracha dentro de uma grande mochila. Tudo acabou, em poucos minutos. Estavam saltando para dentro de seu enorme quartel de aço, como ratos. Henderson levou Laura para uma escotilha num recesso do piso. A plataforma desceu, como se fosse um elevador. A escotilha fechou sobre sua cabeça com um sopro, que causou compressão nos ouvidos, e um ruído no sistema hidráulico. Imergiram no poço do elevador para um grande cilindro. Tinha dois andares: um inferior, debaixo dos pés descalços dela, de ferro sólido, e um superior, feito de grade. Era uma verdadeira caverna, com cerca de setenta metros de comprimento; a cada quatro metros havia um espaço, à direita e à esquerda, para os poços dos elevadores. Poços de três metros de diâmetro, silos de aço, as bases cheias de tomadas e cabos de força. “Como tanques de biotecnologia”, ela pensou, “grandes fermentadores”.

Duas dúzias de marinheiros passavam silenciosamente com sapatos de sola de espuma sobre os estreitos passadiços entre os silos. Estavam muito concentrados, trabalhando com os aviões-robô. Um cheiro forte de óleo quente de aviação e munição detonada. Uma atabalhoada vibração de guerra, indústria e igreja.

O compartimento estava pintado de azul-claro e os tubos de azul-escuro.

Enquanto Henderson mostrava o caminho, Laura, intrigada, tocou a fria superfície de látex de um tubo. Alguém pintara nele, cuidadosamente, estrelas de cinco pontas, cometas e pequenos saturnos. Como arte de prancha de surfe. Sonhadora e barata.

Alguns silos tinham sido cortados com maçarico e estavam cheios de ferramentas misteriosas. Haviam sido adaptados para o lançamento dos aviões-robô. Os outros eram mais velhos e pareciam intactos. Ainda serviam a sua função original, fosse qual fosse.

Henderson acionou a roda manual no centro de uma porta estanque. Abriu com uma descompressão igual à de uma garrafa térmica e abaixaram a cabeça para passar. Entraram numa espécie de câmara funerária, com material anti-acústico parecido com engradados de ovos.

Laura sentiu o mundo inclinar-se sutilmente debaixo dos pés. Um ruído de água escorrendo dos tanques de lastro e o zumbido distante dos motores. O submarino estava mergulhando. Depois, ouviu-se assustador barulho de ferro-velho, estalidos, guinchos, entrechoque de garrafas, quando a pressão começou a castigar o casco.

Depois que passaram pela câmara, foram para outro aposento com muita luz. Havia lâmpadas fluorescentes muito fortes; luz estranha, semelhante à do laser, com espectro de radiação de três bicos, projetando por cima de tudo um estranho super-realismo. Era uma espécie de sala de controle, com várias máquinas, grandes consoles inclinados, fileiras de comutadores, lâmpadas-piloto, mostradores com agulhas. Quem operava esses equipamentos eram marinheiros de cabelo curto, confortavelmente acomodados em grandes poltronas estofadas.

A sala estava cheia de marujos. Podia-se percebê-los nos espaços entre o conjunto de tubos e os monitores. A sala estava cheia do chão ao teto de equipamentos e, por isso, não se podia ver as paredes. Havia homens ali, lado a lado, em pequenos nichos ergonômicos. Soquetes para gente.

A aceleração os atingiu: Laura quase caiu. Em algum lugar, ocorreu um assobio e um tremor quando a grande massa de aço ganhou velocidade.

Na frente de Laura, um recesso, como uma banheira. Um homem estava sentado lá, com fones de ouvido enormes e segurando um volante. Parecia uma criança cercada por seu equipamento estereofônico. Acima de sua cabeça, um ressalto protegido, com a mensagem: “Luz anti-colisão - ligue para piscar”. Ele olhava fixamente para uma dúzia de mostradores envidraçados.

“Era o piloto”, pensou Laura. Não existem meios de olhar para fora num submarino. Só é possível conduzi-lo por meio de instrumentos.

Barulho de passos numa escada espiral no fundo da sala; alguém descendo do convés superior.

- Hesseltine?

- *Yo!* - respondeu Henderson, alegre. Puxou Laura pelo pulso e ela bateu com o cotovelo numa coluna vertical. - Venha! - insistiu ele.

Passaram por um labirinto para encontrar o outro homem. Este era elegante,

com cabelo preto e crespo, lábios grossos, grandes pálpebras, ar solene. Tinha dragonas nos ombros, insígnias complicadas nas mangas e um quepe de marinheiro com borda preta e letras douradas: "*Republique du Mali*". Apertou a mão de Henderson/Hesseltine. Calorosamente, os dois começaram a conversar num francês fluente.

Subiram pela escada espiral e depois caminharam por um comprido corredor escuro, sufocante. Os ombros de Hesseltine esbarravam em tudo. Continuavam conversando em francês, com entusiasmo.

O oficial levou-os a um conjunto de boxes com chuveiros.

- Ótimo - disse Hesseltine, puxando Laura de trás de si. Pela primeira vez, ele soltou seu pulso. - Você vai tomar uma ducha sozinha, menina, ou vou ter de ajudá-la?

Laura olhou para ele, sem dizer nada.

- Relaxe - ele tirou seu colete cheio de bolsos. - Você está com os mocinhos, agora. Vão lhe trazer uma roupa nova. Depois, vamos comer - sorriu para ela, viu que não estava funcionando, mas insistiu. - Escute aqui: o que estava fazendo naquele navio? Não se transformou em pirata de dados, não é mesmo? Você é algum tipo de agente duplo?

- Não, claro que não!

- Você tem algum motivo para lamentar a perda daqueles criminosos? A estupidez moral daquilo a chocou. Afinal, eram seres humanos.

- Não... - ela começou a dizer, quase involuntariamente. Hesseltine tirou a camisa, revelando um tórax queimado de sol e musculoso. Ela olhou de soslaio para o colete dele. Sabia que ali, em algum lugar, havia uma pistola.

Ele percebeu o olhar dela e o rosto endureceu.

- Vamos tomar as coisas mais simples. Entre na ducha e não saia, até eu mandar. Senão...

Ela entrou no boxe e fechou a porta, abrindo a água. Ficou ali por dez minutos, enquanto do chuveiro saía uma boa quantidade de neblina ultrassônica. Lavou o sal do que restou de suas roupas e passou um sabonete ácido e malcheiroso nos cabelos.

- Certo - gritou Hesseltine. Ela saiu vestindo a mesma capa de chuva que ele lhe dera. Hesseltine estava bem arrumado. Tinha um uniforme naval azul-escuro e amarrava os sapatos. Alguém trouxera uma blusa cinza para ela, calças de amarrar com cordão e um pulôver com capuz.

Ela vestiu as calças, ficou de costas para ele, jogou de lado a capa de chuva e rapidamente vestiu o pulôver. Virou-se e notou que ele estivera observando-a pelo espelho. Não com desejo ou admiração; tinha um aspecto frio e vago no rosto, como uma criança maldosa matando um inseto.

Enquanto ela se virava, aquele olhar desapareceu, como passe de mágica.

Ele nunca estivera espionando. Hesseltine era um cavalheiro. Aquela situação era embaraçosa, mas necessária, que os dois estavam enfrentando como adultos. De

alguma forma, Hesseltine estava conseguindo dizer tudo isso para ela, enquanto se inclinava para a frente, para amarrar os sapatos. A mentira se irradiava de seus poros, como suor.

Um marinheiro os esperava do lado de fora. Ele era um veterano muito magro e pequeno, com um bigode grisalho e olhar distante. Levou-os para a popa, até uma cabine pequena, onde o casco formava um teto redondo e inclinado. O lugar era do tamanho de uma cabaninha. Quatro marinheiros, pálidos como a morte, mangas enroladas e colarinhos abertos, sentavam-se em uma pequena mesa de café, jogando em silêncio um jogo de tabuleiro.

O oficial que falava francês estava ali.

- Sente-se - disse ele, em inglês. Laura sentou-se num banco estreito, junto à parede, perto o bastante de um dos marinheiros para sentir o cheiro de seu desodorante floral.

Do outro lado da cabine, pregados na parede, retratos de homens em uniforme de gala. Leu rapidamente dois dos nomes: De Gaulle, Jaruzelski. Sem significado.

- Meu nome é Baptiste - disse o marinheiro. - Oficial político a bordo deste barco. Vamos ter uma conversinha. Aceita um chá?

- Sim - respondeu Laura.

O vapor da ducha não oferecera água suficiente para beber. A garganta de Laura estava seca, devido ao medo e à água salgada. Sentiu que estava começando a tremer.

Não se iludia em pensar que poderia controlar a situação. Estava nas garras de assassinos. Ficou surpresa que estivessem dispostos a consultá-la sobre seu destino.

"Devem querer alguma coisa de mim", pensou. O rosto fino de Hesseltine tinha o aspecto de algo que ela rasparia da sola de uma botina. Pensou o quanto queria viver. E o que faria em troca disso.

Hesseltine riu para ela.

- Não fique com essa cara, hein, Laura. Pare de se preocupar. Agora você está em segurança.

Baptiste deu-lhe um olhar cínico. Estalos metálicos vieram das paredes. Laura ficou sobressaltada. Um dos quatro marinheiros languidamente moveu um peão com o indicador.

Ela olhou para Hesseltine; pegou uma xícara com Baptiste e bebeu. Estava momo e doce. Seria veneno? Não importava. Poderia morrer na hora em que eles quisessem.

- Meu nome é Laura Day Webster. Sou sócia do *Rizome Industries Group*. Moro em Galveston, Texas.

Tudo isso soava-lhe pateticamente frágil e distante.

- Você está tremendo - observou Baptiste.

Inclinou-se para trás e girou um termostato preso no casco. Mesmo numa espécie de sala de recreação, as paredes estavam cheias de objetos: um alto-falante,

um ionizador de ar, uma tomada com fusível, de oito soquetes, um relógio de parede indicando 12hl7, hora de Greenwich.

- Bem-vinda a bordo do *SSBN Thermopylae* - disse Baptiste. Laura nada respondeu.

- O gato comeu sua língua? - disse Hesseltine. Baptiste riu.

- Vamos lá - continuou Hesseltine. - Você estava falando como uma gralha quando pensou que eu era um maldito pirata

- Não somos piratas, senhora Webster - Baptiste tranqüilizou-a - Somos a polícia do mundo.

- Vocês não são Viena - falou Laura

- Ele quer dizer a polícia de verdade - disse Hesseltine, impaciente -, não aquele bando de burocratas cus-de-ferro. - Se vocês são a polícia, então estou presa? - perguntou Laura, esfregando os olhos vermelhos.

Hesseltine e Baptiste riram da ingenuidade dela

- Não somos legalistas burgueses - respondeu Baptiste. - Não emitimos mandados de prisão.

- Só causamos ataques cardíacos - disse Hesseltine, tamborilando os dentes com a unha do polegar. Acreditava mesmo estar sendo engraçado. Baptiste olhou para ele, meio desorientado, não entendendo o inglês. - Eu a vi na televisão de Cingapura - retomou repentinamente. - Declarou que se opunha aos paraísos informáticos, queria que eles acabassem. Mas você abordou o assunto de forma equivocada. Os banqueiros, meus antigos colegas, morreram de rir quando viram você apresentando aquela baboseira democrática perante o Parlamento.

Serviu-se de chá.

- Claro, a maioria deles tornou-se refugiada agora e muitos dos filhos da mãe estão no fundo do mar. Mas não graças a você; você estava tentando dar beijinhos neles até que eles se submetessem. Justo você, texana até os ossos. Ainda bem que não fizeram isso no Álamo.

Outro marinheiro fez um movimento no tabuleiro e o terceiro xingou, em resposta. Laura não gostou.

- Não lhes dê atenção - disse-lhe Baptiste. - Estão de folga.

- O quê? - Laura não entendeu.

- De folga - repetiu impacientemente, como se isso o embaraçasse. - São a Tripulação Azul. *Nós* somos a Tripulação Vermelha.

- Ah... O que estão jogando?

Ele não deu importância.

- Uckers.

- Uckers? O que é isso?

- Uma espécie de ludo - Hesseltine recompôs-se e sorriu para ela. - Submarinistas. Raça especial, altamente treinada. Uma elite disciplinada.

Os quatro marinheiros azuis inclinavam-se sobre o tabuleiro. Recusavam-se a olhar para ele.

- Situação delicada - retomou Baptiste. Estava falando sobre ela, não sobre ele. - Não sabemos direito o que fazer com você. Percebe? Existimos para proteger gente como você.

- Mesmo?

- Somos a linha especial de ataque da ordem global que está surgindo.

- Por que trouxeram-me aqui? Poderiam ter atirado em mim. Ou deixado que eu me afogasse.

- Ora, vamos - disse Hesseltine.

- Ele é um de nossos melhores agentes - explicou Baptiste. - Um verdadeiro artista

- Obrigado.

- Claro que ele precisava salvar uma bela mulher, no final da missão. Não poderia resistir a uma graça dramática no final!

- Mas é assim que eu sou - admitiu Hesseltine.

- E isso, então? Salvou-me apenas por capricho? Depois de matar toda aquela gente?

Hesseltine olhou para ela.

- Daqui a pouco, vai mijar na minha cabeça... Acha que eles não *me* matariam, se soubessem quem eu era? Isso não era apenas a espionagem industrial de Mickey Mouse com que você está habituada. Passei meses e meses numa operação secreta mortal por grandes objetivos geopolíticos! Aqueles caras do *Yung Soo Chim* tinham fontes de informação como ninguém e vigiavam meu rabo como falcões!

Recostou-se.

- Mas, recebo elogios? Não, nenhum - olhou para sua xícara. - Quero dizer, é tudo parte do negócio de espionagem, nada de reconhecimento...

- Foi uma operação muito bem feita - disse Baptiste. - Compare com Granada. Nosso ataque aos criminosos de Cingapura foi meticuloso, quase sem derramamento de sangue.

Laura percebeu uma coisa.

- Vocês querem que eu me sinta agradecida.

- E, queremos sim - disse Hesseltine, levantando os olhos. - Um pouco de gratidão seria o mínimo que você poderia sentir, depois de todo nosso esforço.

Ele sorriu para Baptiste.

- Olhe para a cara dela! Deveria tê-la ouvido no Parlamento, falando sem parar sobre Granada. O bombardeio de saturação acabou com a mansão que os *rastafaris* deram para ela. Ela ficou mesmo assustada.

Foi como se ele a esbofeteasse.

- Vocês mataram Winston Stubbs em minha casa! Enquanto eu estava perto dele. Com minha filha nos braços.

- Oh! - disse Baptiste, relaxando ostensivamente. - A morte de Stubbs. Aquilo não fomos nós. Foi gente de Cingapura.

- Não acredito! - respondeu Laura, deixando-se abater. - Recebemos um comunicado do ELCT assumindo a autoria!

- Um conjunto de iniciais nada significa - replicou Baptiste. - O ELCT era um antigo grupo de fachada... Na verdade, era o Comando Leão do Mar, de Cingapura. Não acho que o governo civil de Cingapura jamais tenha sabido de suas ações.

- Um monte de ex-pára-quedistas franceses, boinas verdes, *spetsnatz*, esse tipo de coisa - disse Hesseltine. - Tendem a ficar um pouco fora de controle. Quero dizer, veja bem, são caras que dedicaram suas vidas à arte da guerra. De repente, sabe, Abolição, Convenção de Viena. Um dia, são o escudo de seus países, no outro, são vagabundos, foram despedidos, e isso é tudo.

- Homens que em outras épocas comandaram exércitos e administraram bilhões em fundos do governo - afirmou Baptiste, lamentando. - Agora, não são nada; esses malditos foram colocados à margem da sociedade...

- Por advogados! - disse Hesseltine, animando-se. – Esses *peaceniks* de bosta! Mas quem iria adivinhar? Quando acontece, é tão de repente...

- Exércitos pertencem a Estados-nação - disse Baptiste. - E difícil estabelecer verdadeira lealdade militar a uma instituição global, mais moderna... Mas agora que temos nosso próprio país, a República do Mali, o recrutamento cresceu notavelmente.

- Uma coisa que ajuda, também, é que somos os “mocinhos” globais - disse Hesseltine. - Qualquer mercenário imbecil lutaria em troca de dinheiro, por Granada, por Cingapura ou por algum regime africano sanguinário. Mas nós arranjamos gente idealista, que realmente reconhece a ameaça global e está preparada para agir. Pela justiça

Ele reclinou-se, cruzando os braços. Laura sabia que não podia tirar proveito disso. Agora, estava se controlando melhor, mas tudo parecia um pesadelo. Teria entendido melhor se fossem carrascos nazistas... Mas encontrar esse polido francesinho e aquele psicótico bom menino de olhos vazios... Era tudo muito vulgar a falta de sentimento que encontrava ali...

Podia sentir as grades fechando-se a seu redor. Num instante, iria gritar.

- Você parece um pouco pálida - observou Hesseltine. - Vamos trazer-lhe comida que a reanime. Sempre há boa comida num submarino. E uma tradição da marinha - levantou-se. - Onde é a cozinha?

Baptiste deu-lhe as informações. Observou Hesseltine sair, admirando-o.

- Quer mais chá, senhora Webster?

- Sim, obrigada...

- Não acho que a senhora reconheça a genuína *qualidade* do senhor Hesseltine - disse Baptiste, servindo-a. - Pollard, Reilly, Sorge... Ele poderia ser comparado com os melhores da história! Um espião nato! Uma figura romântica. Nasceu fora do que

seria sua verdadeira época... Algum dia, seus netos vão falar desse homem.

O cérebro de Laura entrou no piloto automático. Começou a falar surrealisticamente.

- É um grande navio, este aqui. Barco, quero dizer.

- Sim, é um *Trident* norte-americano, movido a energia nuclear, que custou mais de quinhentos milhões de dólares.

Ela concordou, feito idiota:

- Hum-hum. Então este é um antigo submarino da guerra fria?

- Um submarino com mísseis balísticos, exatamente.

- O que isso quer dizer?

- Que é uma plataforma de lançamento.

- O quê? Não entendi.

- Creio que "dissuasor nuclear" é o conceito que a senhora está procurando - explicou ele, sorrindo.

- Dissuasor de quê?

- De Viena, claro. Acho que isso era óbvio.

Laura bebeu um pouco mais de chá. Quinhentos milhões de dólares. Energia nuclear. Mísseis balísticos. Era como se ele lhe dissesse que estavam reanimando cadáveres a bordo. Era horrível demais, fora de toda escala da razão e da credibilidade.

Não havia prova. Ele não mostrara nada para ela. Estavam trapaceando. Truques de mágico. Eram mentirosos. Ela simplesmente não acreditava.

- A senhora não parece perturbada - disse Baptiste, aprovando. - A senhora não teria alguma superstição em relação à energia nuclear?

Ela meneou a cabeça, não confiando em si mesma para falar em voz alta.

- No passado, houve dezenas de submarinos nucleares - disse Baptiste. - A França, Inglaterra, Estados Unidos e União Soviética possuíam alguns. Técnicas de treinamento, tradições, tudo muito bem-estabelecido. A senhora não está em perigo, esses homens são todos muito bem-treinados a partir do método de trabalho original, além de aperfeiçoamentos modernos!

- Nenhum perigo.

- Nada.

- Então, o que vão fazer comigo?

O oficial meneou a cabeça, contrariado. Uma campainha tocou. Estava na hora de comer.

Baptiste encontrou Hesseltine e levou os dois para o refeitório dos oficiais. Era um lugar pequeno e desagradável, perto de todo o barulho e agitação da cozinha. Sentaram-se em uma mesa quadrada com cadeiras de metal cobertas de vinil verde e amarelo. Três oficiais já estavam ali, sendo servidos por um taifeiro com avental e chapéu de papel novinho.

Baptiste apresentou os oficiais como capitão-tenente, capitão de segunda classe

e imediato, que, de fato, era o mais jovem do grupo. Não falou nomes e eles não sentiram falta. Dois eram europeus, alemães, talvez, e o terceiro parecia russo. Todos falavam inglês básico.

Estava claro desde o começo que o show era de Hesseltine. Laura era uma espécie de troféu de batalha ganho por ele, um docinho loiro para a câmera focalizar mais demoradamente em sua biografia cinematográfica. Ela não precisava dizer nada; eles nada esperavam dela. Os homens a olhavam de forma esquisita, numa mistura de pena, especulação e um distorcido temor supersticioso. Começaram a comer: bandejas de papel de alumínio, do forno de microondas, marcadas "AeroCubana - Clase Primera". Laura atacou sua bandeja. AeroCubana. Viajara pela AeroCubana, com David a seu lado e a filha no colo. David e Loretta. "Oh, Deus..."

Inicialmente, os oficiais estavam pouco à vontade, perturbados e excitados com os estranhos. Hesseltine irradiava charme, dando-lhes um emocionante testemunho de seu ataque ao *Ali Khamenei*. Seu vocabulário era bizarro: era só "choques" e "impactos" e "mira", mas sem falar nos seres humanos queimados e dilacerados. Por fim, seu entusiasmo quebrou o gelo e os oficiais começaram a conversar mais livremente, num jargão carregado, consistindo quase inteiramente de siglas.

Fora um dia de grandes emoções para os oficiais da Tripulação Vermelha. Depois de semanas, possivelmente meses do que se poderia chamar de tédio sufocante, atacaram e destruíram com sucesso um "alvo terrorista". Iam receber alguma espécie de recompensa; tinha a ver com "banhos de Hollywood", o que quer que isso significasse. A Tripulação Amarela, agora de serviço, passaria seu turno de seis horas numa desinteressante fuga pelo Oceano Indico. Quanto à Tripulação Azul, perdeu a oportunidade de participar da ação e não gostou nada disso.

Ela tentava imaginar do que procuravam fugir. Os mísseis - *Exocets*, eles os chamavam - voaram muitos quilômetros antes de acertar o alvo. Poderiam ter sido lançados de qualquer grande navio de superfície, no estreito, ou mesmo de Sumatra. Ninguém vira o submarino.

Aliás, como alguém suspeitaria da existência dele? Um submarino era um monstro de uma era passada. Era inútil, projetado apenas para matar, não havia "submarino de carga" ou "submarino da Guarda Costeira", ou "submarino de salvamento".

Havia pequenos submarinos de pesquisa, os batiscafos, assim como havia ainda algumas poucas espaçonaves tripuladas, igualmente obscuras, desconhecidas e de aspecto estranho. Mas aquela coisa era enorme. E a verdade, ou um temor que passava por uma verdade, estava começando a se estabelecer.

Lembrou-lhe algo que ela ouviu quando tinha mais ou menos onze anos. Uma daquelas lendas folclóricas de horror que as crianças contavam umas para as outras. Sobre o menino que acidentalmente engoliu uma agulha... Só para vê-la aparecer, anos ou décadas mais tarde, enferrujada, mas ainda inteira, ou no tornozelo ou no joelho ou

no cotovelo... Uma coisa de aço, silenciosa, deslizando, sem que ninguém soubesse nem pudesse saber em que parte de seu corpo estava... Enquanto ele crescia, se casava e arranjava algum emprego sem muita importância. Até que foi ao médico um dia, e disse: “Doutor, estou ficando velho, pode ser reumatismo, mas tenho essa estranha pontada na perna..” “Muito bem”, diz o doutor, bondoso, “ponha a perna aqui debaixo do *scanner*, vamos dar uma olhada...” “ Ah, sim, puxa doutor, ia esquecendo de lhe dizer: quando era menino gostava de brincar com agulhas. Na verdade, quase toda minha mesada era para comprar agulhas muito pontudas, perigosas, que eu espalhava por todos os lados, mas quando eu cresci e fiquei mais esperto, tinha certeza de que tinha retirado todas...”

- Está bem? - perguntou Hesseltine.

- Como? - disse Laura.

- Estamos falando de você, Laura. Decidindo se mandamos você direto para um tanque ou se a deixamos por aí.

- Não entendi - disse ela. - Vocês têm tanques? Pensei que vocês eram da Marinha

Os oficiais riram, afetadamente. O que parecia russo disse algo sobre como as mulheres do mundo não tinham ficado mais inteligentes. Hesseltine até sorriu, como se fosse a primeira coisa que ela tivesse acertado.

- Que diabo - falou ele -, vamos mostrar-lhe os tanques. Está bem, Baptiste?

- Por que não?

Hesseltine apertou a mão de todos e fez uma saída estudada. Ele, Baptiste e Laura saíram por um outro refeitório, onde trinta marujos da Tripulação Vermelha, muito bem uniformizados, estavam comendo, em torno de mesas dobráveis. Quando Hesseltine entrou, pousaram seus garfos e aplaudiram educadamente.

Hesseltine ofereceu o braço a ela Amedrontada pelos olhos inexpressivos dos homens, aceitou. Ele desfilou com Laura pela estreita passagem entre as fileiras de mesas. Os homens estavam perto o bastante para agarrá-la, sorrir ou assobiar, mas nenhum deles fez nada nem parecia ter vontade. Sentia-se o cheiro deles: sabonete e xampu, *strogonoff* e ervilhas. Num canto, um telão mostrava uma luta de boxe, que era ilegal: dois tailandeses magros socando-se e sangrando.

Estavam do lado de fora e ela soltou o braço de Hesseltine. Laura tremia a situação a deixou arrepiada

- O que há de errado com eles? - cochichou. - Tão quietos...

- O que há de errado com você. - respondeu ele. - Um rosto tão triste assim... Está deixando todo mundo nervoso.

Levaram-na à primeira sala que vira, com os silos. Saíram no piso superior, de grade. Abaixo deles, a Tripulação Amarela trabalhava com os aviões-robô, examinando peças desmontadas.

Baptiste e Hesseltine pararam junto ao silo cuidadosamente pintado. As estrelas e os cometas... Viu uma silhueta preta, uma mulher nua estilizada. Uma longa

perna esticada, cabelo jogado para trás, pose de *strip-teaser*. Um letreiro: “Tanya”.

- O que é isso? - perguntou Laura.

- E o nome do tanque - explicou Baptiste, como que pedindo desculpas, como um cavalheiro forçado a tocar num assunto indiscreto. - Os homens é que fizeram isso... Moral elevado... Sabe como é.

Moral elevado. Não podia imaginar nada mais distante disso, nos homens a bordo.

- O que é essa coisa? - indagou Laura.

- Bem, a gente entra aí, claro, e... Você não é lésbica, é?

- O quê? Não...

- Pena, eu acho... Se você não é *gay*, as características especiais não vão significar nada para você... Mas, mesmo sem as simulações, dizem que relaxa bastante.

Laura deu um passo atrás.

- São... São todos assim?

- Não - disse Baptiste. - Alguns são lançadores de aviões-robô e outros lançam mísseis. Mas cinco deles são nossos tanques de recreação; “Banhos de Hollywood”, como os homens dizem.

- E quer que eu entre aí?

- Se quiser - respondeu Baptiste, relutantemente. - Não vamos ativar as máquinas, nada vai tocar em você. Simplesmente ficará flutuando, respirando e sonhando em água do mar aquecida.

- Ficará longe dos problemas por alguns dias - disse Hesseltine.

- Dias!

- São avançados e bem-projetados - insistiu Baptiste, um pouco contrariado. - Não é uma coisa que inventamos, sabe?

- Alguns dias não representam nada! - falou Hesseltine. - Se a deixarem aí algumas semanas, talvez comece a ver sua *persona optima* e todo tipo de besteira... Mas você estará perfeitamente segura e feliz. E saberemos onde você está. Soa bem?

Laura meneou a cabeça.

- Se me dessem uma cama... Um cantinho qualquer... Não me importo.

- Por aqui não há muita privacidade. Os compartimentos aqui estão lotados - advertiu Baptiste que, porém, parecia aliviado. Ainda bem que ela não ocuparia valioso espaço no tanque. Hesseltine enrugou a testa.

- Bem, não quero ouvi-la reclamar, depois - disse ele.

- Não, não.

Hesseltine se sentiu incomodado. Olhou para seu relogiofone à prova de água e disse:

- Realmente preciso ligar para o QG e me apresentar.

- Por favor, vá em frente - disse Laura. - Fez mais do que o suficiente. Tenho certeza que estarei bem. Mesmo!

- Puxa! - respondeu Hesseltine. - Isso quase soa como “obrigado”.

Encontraram um espaço para ela num canto da lavanderia Era um lugar com muitas máquinas, frio e cheio de vapor. O ar tinha cheiro de detergente. Havia uma pequena cama embutida na parede e, sobre ela, toalhas dependuradas com o nome de seus donos, num emaranhado de fios. Tinha também duas velhas prensas a vapor, de lavanderia.

Havia várias caixas de velhos filmes de Hollywood, do tipo mecânico e espesso, que eram passados em projetores. Todos eles estavam etiquetados: *Monroe nº 1, Monroe nº 2, Grable, Hayworth, Ciccone.* Preso à parede, havia um telefone antigo para uso interno, com fio longo e espiralado. Ao vê-lo, lembrou-se da Rede. Depois, de David, de sua família e de sua gente.

Ela desaparecera do mundo deles. Será que pensavam que ela estava morta? Ainda estavam procurando por ela, tinha certeza. Mas procurariam nas prisões de Cingapura, nos hospitais e, por fim, nos necrotérios. Mas não num submarino. Nunca.

Um homem da Tripulação Vermelha arrumou a cama com gestos rápidos e eficientes. Sacou uma tesoura cromada, muito afiada

- Deixe ver essas mãos.

Os dois braceletes das algemas plásticas ainda estavam nos pulsos de Laura. Ele conseguiu cortá-los, mas com dificuldade.

- A faca que você usou antes devia ser muito afiada - disse ele.

- Obrigada.

- Não me agradeça. Foi idéia de seu amigo, o senhor Hesseltine.

- Qual é seu nome? - indagou Laura esfregando os pulsos esfolados.

- Jim está bem. Ouvi dizer que você é do Texas.

- Sim. Galveston.

- Eu também, mas mais adiante, no litoral. Corpus Christi.

- Jesus! Somos praticamente vizinhos.

- E, acho que somos.

Jim parecia ter 35 anos, talvez quarenta. Tinha rosto largo e anguloso, cabelos ruivos, rareando. A pele era cor de papel, tão pálida que se podia ver as veias do pescoço.

- Será que posso fazer uma pergunta? - disse ela. - O que você está fazendo aqui?

- Protegendo as pessoas - respondeu Jim, nobremente. - Protegendo-a agora mesmo, caso decida fazer alguma besteira. O senhor Hesseltine disse que você é esquisita. Algum tipo de política.

- Oh - disse ela. - Quero dizer, como veio parar aqui?

- Já que está perguntando, vou responder - puxou um banco que estava embutido na parede e sentou-se. Ficou um pouco mais alto do que ela, pernas dependuradas, pescoço inclinado para não bater no teto. - Algum tempo atrás, fui um pescador profissional. De camarões. Meu pai também, assim como meu avô... Mas puseram-nos

numa enrascada e não pudemos escapar. A Polícia de Caça e Pesca do Texas, com um milhão de leis ambientais, veio atrás de nós. Não que eu seja contra essas leis. Mas a lei americana não deteve os nicaragüenses e os mexicanos. Trapacearam. Limparam os melhores pesqueiros, levaram tudo e venderam o produto mais barato, em nossos mercados. Perdemos nosso barco! Perdemos tudo. Fomos para o seguro-desemprego, não tínhamos nada.

- Lamento.

- Não, não lamenta tanto quanto nós... Bem, eu e alguns amigos com o mesmo problema tentamos nos organizar, proteger nossas vidas e nossas famílias... Mas os *Texas Rangers,* deve ter sido algum alcagüete, me apanharam com um revólver. Sabe que, hoje em dia, um homem não pode ter um revólver nos Estados Unidos nem mesmo para proteger sua casa! Então, a coisa ficou preta para mim... E aí ouvi sobre uns caras de minha, hum..., organização sobre recrutamento no estrangeiro. Grupos para proteger as pessoas, esconder as pessoas, ensinar como lutar. Foi assim que fui parar na África.

- África - repetiu Laura. O som desta palavra já a assustava.

- E ruim, lá - disse ele. - Pragas, tempestades de areia, guerras. A África está cheia de homens como eu. Exércitos particulares, guardas palacianos, mercenários, conselheiros, comandos, pilotos... Mas sabe o que nos faltava? Liderança

- Liderança?

- Exatamente.

- Há quanto tempo você mora dentro deste submarino?

- Gostamos daqui.

- Você nunca sai? Não tem uma licença para ir à superfície?

- Não sentimos falta. Não com o que temos. Somos reis, aqui embaixo. Reis invisíveis. Reis de todo o maldito mundo - sorriu, baixinho, levantando os pés. - Você parece cansada, hein?

- Eu... - não adiantava negar. - Sim. Estou.

- Vá em frente, durma um pouco. Vou ficar aqui sentado e vigiando. Ele não disse mais nada.

Hesseltine estava tentando ser simpático.

- É um pouco chato.

- Não, não mesmo - Laura retrucou. Ela afastou-se um pouco, amarfanhando os lençóis de sua cama. -- Estou bem, não se importe comigo.

- Não se aborreça! Boas notícias! Acertei tudo com o QG enquanto você dormia. Eles têm um dossiê sobre você; sabem quem você é! De fato, até me elogiaram por ter salvo você.

- Em Bamako, Mali.

- Ah!

- Eu sabia que estava fazendo o certo. Quero dizer, um agente como eu aprende a orientar-se pelo instinto. Parece que você é uma moça importante, à sua maneira -

sorriu e pediu desculpas. - Enquanto isso, porém, tem de ficar aqui na lavanderia.

- Está bem - estavam sozinhos no aposento. Um grande silêncio. - Na realidade, eu até poderia lavar algumas roupas, se você quisesse.

- Essa foi boa, Laura - riu Hesseltine. - Engraçado. Não, eu pensei que, já que você está aqui, que tal alguns videogames.

- O que é isso?

- *Computer games,* você sabe.

- Oh! - levantou-se. Afastar-se um pouco das paredes e dele... Para dentro de um vídeo. Maravilhoso. - Vocês têm uma simulação de Governo Mundial? Ou talvez Bacia Amazônica?

- Não, estes são jogos antigos das décadas de 70 e 80... Jogos das tripulações originais, para passar o tempo. Sem muitos gráficos ou memória, mas são interessantes. Inteligentes.

- Claro - disse Laura. - Eu poderia tentar.

- Ou então gostaria de ler? Há uma grande biblioteca a bordo. Você se surpreenderia com o que esses caras lêem. Platão, Nietzsche, todos os grandes. Muita coisa especializada, também.

- Especializada?

- Isso mesmo.

- Vocês têm *A Doutrina Lawrence e a Insurgência Pós-Industrial,* de Jonathan Gresham?

Hesseltine arregalou os olhos.

- Dessa vez, você me pegou. Mas onde ouviu falar disso?

- Chacal Thompson me mostrou.

Por fim, ela conseguira impressioná-lo. Ficou contente. Foi um desafio, e uma coisa estúpida, mas pelo menos conseguira atacá-lo, desequilibrá-lo. Afastou o cabelo dos olhos e sentou-se.

- Têm um exemplar? Não li o tanto quanto queria.

- Quem é esse Thompson?

- Granadino. Filho de Winston Stubbs.

Hesseltine sorriu, sem acreditar no que estava ouvindo, e até levantou-se.

- Não pode ser Nesta Stubbs.

- O verdadeiro nome de Chacal é Nesta Stubbs? - perguntou Laura, surpresa.

- Não; não pode ser. Nesta Stubbs é um psicótico. Um assassino enlouquecido por drogas! Um cara como ele é vodu puro, poderia devorar uma dúzia de você no café da manhã.

- E por que eu não posso conhecê-lo? Conheço você, não?

- *Ei*! Não sou terrorista; estou de seu lado.

- Se Chacal, ou Nesta, soubesse o que você fez com o povo dele, ficaria com mais medo de você do que você dele.

- Mesmo? - respondeu Hesseltine. Repensou, depois gostou: - E, acho que sim!

E ele teria razão, não é?

- Mas viria atrás de você. Se soubesse.

- Cuidado com o que diz! Vejo que você até torceria por ele... Bem, não tem problema. Chutamos o traseiro deles uma vez e daqui a dois meses nem existirá Granada... Olhe, ninguém que pense como você precisa ler um louco como Gresham. Vou mandar-lhe um computador.

- Certo.

- Você não vai me ver mais. Vou embora de avião no turno amarelo. Era sempre assim com Hesseltine. Ela não fazia idéia do que deveria dizer, mas precisava manifestar-se.

- Eles sabem mesmo manter você sempre ocupado, não é?

- Eu é que sei... Ainda há Luxemburgo, sabe? O *EFT Commerzbank*. Acham que estão a salvo, já que estão no meio da Europa. Mas seus centros bancários estão em Chipre, e Chipre é uma ilhota confortável. Pense em mim, quando eles estiverem lá, estourando uns champanhes.

- Pode crer que sim.

Ele estava mentindo. Nem iria passar perto de Chipre. Talvez nem deixasse o barco. Provavelmente iria entrar num tanque, para ser bolinado por bonecas de borracha de Hollywood, enquanto flutuava no limbo... Mas deveria ter alguma razão para que ela pensasse em Chipre. Isso poderia significar que, algum dia, deixariam-na ir. Ou pelo menos Hesseltine pensava que sim.

Laura não viu Hesseltine novamente.

O tempo passou. O submarino funcionava segundo um ciclo de dezoito horas: seis horas de serviço e doze de folga. O sono ficava dividido entre os turnos, de modo que dia e noite, como em toda profundeza oceânica, tornavam-se sem significado. A cada turno, um marinheiro trazia-lhe uma refeição e escoltava-a ao banheiro. Tomavam cuidado para não tocar nela.

Sempre levavam-na à mesma toalete que, pelo aroma, era esterilizada pouco antes. “Sem contato com fluidos corporais”, pensou ela.

Estavam tratando-a como se ela fosse um caso de retrovírus. Talvez fosse o que pensassem. Nos velhos tempos, os marinheiros costumavam correr para terra, beber tudo o que encontrassem e foder tudo o que tivesse saias. Porém, todas as prostitutas de cais começaram a morrer de retrovírus.

Mas o mundo tinha combatido bem o vírus. Contido, pelo menos. Ele estava sob controle. Exceto na África

“Será que toda a *tripulação* tinha retrovírus?”, pensou Laura

A máquina de videogame tinha tantos recursos quanto o relogiofone de uma criança. Os jogos eram acoplados no terminal, pequenos cassetes presos por molas, gastos pelo uso. Os gráficos eram grosseiros, grandes pixels escalonados, e podia-se ver as telas refazendo-se, aos saltos. Coisa vitoriana.

Não se importou com a imperfeição, mas os temas eram notáveis.

Um jogo chamava-se *Missile Command*. O jogador comandava pequenos círculos na tela, que representavam cidades. O computador os atacava com armas nucleares: bombas, jatos, mísseis balísticos.

A máquina sempre ganhava, aniquilando toda a vida numa explosão luminosa. Em outros tempos, fora um jogo para crianças. Era completamente doentio.

Outro era chamado de *Space Invaders*. As criaturas invasoras eram caranguejinhos de pixels e cães diabólicos, *Ovnis* de outro planeta. Figuras desumanizadas, marchando tela abaixo em grupos. Sempre ganhavam. Podia-se matá-los às centenas, até ganhar novas fortalezas para disparar lasers ou bombas, mas no fim você sempre morria. O computador sempre ganhava. Fazia tão pouco sentido. Deixar o computador ganhar todas as vezes, como se o circuito pudesse desfrutar da vitória. E todo esforço, não importava quão heróico, sempre terminava no Armageddon. Tudo tão estranho, tão do século XX.

Havia um terceiro jogo que envolvia uma espécie de comedor redondo amarelo. O objetivo era comer tudo o que aparecesse, incluindo, às vezes, os pequenos inimigos azuis.

Jogava quase sempre este jogo, pois o nível de violência era menor. Não que gostasse muito dele, mas com o passar dos turnos, as horas vazias chegavam sempre, e ela descobria a qualidade compulsiva, obsessiva... A descuidada insistência em romper todos os limites da sanidade que eram a marca do Pré-milênio. Jogou até ficar com as mãos machucadas.

Rub-a-dub-dub, three men in a tub: the butcher, the butcher and the butcher... Três marinheiros tripulavam o bote inflável, debaixo de um sol a pino e de um céu sem nuvens, sobre um infinito oceano, oscilando suavemente. Os quatro eram as únicas pessoas que jamais existiram. O pequeno ponto do bote de borracha era a única terra.

Estavam sentados juntos e usavam abrigos aluminizados, com capuz, de fechar com cordão. A roupa brilhava sob o forte e ofuscante sol.

Laura tirou seu capuz. Puxou as mechas de seu cabelo, engordurado. O cabelo crescera. Desde que entrara no submarino não conseguira lavá-lo.

- Levante o capuz - advertiu o marinheiro número um.

- Quero sentir o ar - disse Laura, meneando a cabeça, meio tonta.

- Não vai lhe fazer bem - disse o número um, ajustando as mangas. - Sem a camada de ozônio, está pedindo um câncer na pele, debaixo de um sol como este.

Laura foi cautelosa:

- Dizem que aquele problema do ozônio foi um exagero.

- Claro, claro - desdenhou o número um. - Se aceitar a palavra de seu governo.

Os outros dois marinheiros riram, pessimistas; uma risada curta, sumindo na total calma do oceano.

- Onde estamos?

O marinheiro número um olhou pela borda do barco. Mergulhou sua mão na água do mar e observou-a pingar, murmurando:

- País dos celacantos...

- Que horas são?

- Duas horas para o fim do turno amarelo.

- Que dia é hoje?

- Vou gostar de ver você ir embora - disse o marinheiro número dois, de repente. - Você me dá coceiras.

Laura não respondeu. Fez-se um terrível silêncio. Estavam à deriva, bonecos de papel de alumínio em uma bolha flutuante. Ela imaginou qual seria a profundidade do oceano, debaixo do fino fundo do bote.

- Você sempre gostou da Tripulação Vermelha - disse o marinheiro número três, com repentina amargura. - Você sorriu para a Tripulação Vermelha quinze minutos. Mal sorriu para alguém da Tripulação Amarela.

- Não foi minha intenção - respondeu Laura - Lamento muito.

- Ah, é. Claro que lamenta.

- Aí vem o avião - comentou o marinheiro número um.

Laura levantou a cabeça, protegendo os olhos. O céu estava cheio de estrelinhas - uma ilusão de óptica, que seguia os movimentos do globo ocular.

Não tinha certeza de como eram chamadas, ou o que as provocava, mas tinha algo a ver com os níveis de luminosidade. Depois, viu algo abrindo-se no céu, se estatelando e, finalmente, desdobrando-se como um cisne de origami. Grandes asas de um laranja vivo. Vinha planando.

O marinheiro número dois examinou seu telefone militar, procurando o sinal de orientação. O marinheiro número três prendeu um comprido saco vazio a um cilindro de hidrogênio e começou enchê-lo.

Depois, outra carga foi lançada, e mais uma. O marinheiro número dois comemorou, alegre. Planadores de carga cruzavam o céu, losangos marrons do tamanho de ônibus, com grandes asas desdobradas de plástico laranja. Lembravam a Laura os besouros das noites de verão no Texas. Desceram em espirais abertas.

Suas fuselagens curvas mergulharam e pousaram sobre a água, com graça. Faziam algumas ondas. As asas dobraram-se de novo, com fortes estalidos e rangidos.

Agora ela podia ver o avião que os lançara, um *airbus* cerâmico, de grandes asas, pintado de azul-céu por baixo, as superfícies de cima com camuflagem de deserto, marrom e amarela. O marinheiro número um ligou o motor do bote inflável e foi até a carga mais próxima. Esta era maior do que o bote, um grande cilindro flutuante, cheio de anéis de reboque.

Os marinheiros números dois e três estavam tentando fazer subir o balão meteorológico. Soltaram-no e ele lançou-se para cima, desdobrando voltas e mais voltas de um cabo fino, com um chiado raivoso.

- Certo - disse o número um, prendendo a ponta do cabo a uma série de grampos nas costas do colete de Laura. - Dobre os joelhos, encolha-se e passe os braços em volta deles. Fique com a cabeça para baixo e cerre bem os dentes. Quando sentir o avião apanhando o cabo, vai subir como louca. Solte o corpo. Como num salto de pára-quedas.

- Eu não sabia que ia ser assim! - disse Laura, ansiosa. - Pára-quedas! Eu nunca saltei!

- Certo - disse o número dois, impaciente - Mas deve ter *visto* como é na *televisão.*

- Um *skyhook é* o mesmo que um salto de pára-quedas, mas ao contrário - disse o marinheiro número um, querendo ajudar. Dirigiu-os para o primeiro volume de carga. - O que acha que é isto?

- Nova carga de mísseis - disse o número dois.

- Não, cara, é comida. Tem um refrigerador na lista

- De modo algum, aquele ali é a geladeira - voltou-se para Laura. - Não ouviu o que eu disse? Agarre as pernas!

- Eu...

Sentiu-se atropelada por um carro. Um puxão terrível, como se o *skyhook* quisesse separar os ossos de sua carne. Voou para cima, como se disparada por um canhão, braços e joelhos estirados e queimando.

A vista escureceu, o sangue foi para os pés, com a aceleração. Estava inerme, quase desmaiando, o vento soprando furiosamente contra suas roupas. Começou a girar, o mundo azul batendo e volteando, como um carrossel infinito. Suspensa no espaço, sentiu um súbito êxtase místico. Terror sublime, assombro absoluto: Simbad puxado para cima pelo pássaro Roca de Madagascar, África Oriental. Debaixo dela, leito azul de mar revoluteante: barcos de brinquedo, mentes de brinquedo...

Uma sombra, por cima dela. Rugido poderoso de hélices, o zumbido de uma polia. Então, estava lá em cima, dentro do avião. Escuridão da lua do dia: caixas e engradados com inscrições pintadas, teia de aranha de amarrações com cabos de aço. Um guindaste interno puxou o cabo, trazendo-a mais para dentro do compartimento de carga, e jogou-a no chão. Ficou ali, machucada, sem fôlego.

Sentiu o avião aumentar a velocidade. Agora que já a recolhera, subia, com o nariz para cima e gastando energia num vôo continental.

Estava numa caverna voadora preta, cheirando a plástico, oleado e poeira africana. Lá dentro era escuro como o interior de uma garrafa térmica.

- Acendam as luzes! - gritou ela. Nada. Ouviu o eco de suas palavras.

Estava só. O avião não era tripulado. Um gigantesco robô.

Com muito custo conseguiu tirar o colete. Tentou diversas formas para ligar o comando da luz. Pediu auxílio genérico ao sistema, em inglês e japonês. Nada Ela era apenas uma carga - e ninguém ouve cargas.

Começou a ficar frio. O ar ficou rarefeito. Estava congelando. Depois de dias

no ar inalterável do submarino, o frio atacou-a como um choque elétrico. Encolheu-se em sua roupa aluminizada Puxou as mangas sobre as mãos e a barra da calça sobre os pés. Levou as mãos ao rosto. Não conseguia vê-las, mesmo a um centímetro. Cobriu-o com as mãos e respirava dentro delas. Bafejo gelado, do ar do Himalaia. Encolheu-se, tremendo.

Isolamento, negror e a vibração grave dos motores.

A aterrissagem acordou-a O pouso de borboleta com a precisão cibernética Depois, meia hora de ansiedade interminável, enquanto o calor invadia a cabine e o medo, seu corpo. Será que a haviam esquecido? Estaria perdida? Um erro de computador em algum banco de dados do ELCT? Apenas um detalhe, que seria morto e enterrado...

As portas do compartimento abriram, deixando entrar a claridade e o ar, misturado com poeira e cheiro de combustível.

Alguém, usando botas, subia as escadas. Um homem europeu, queimado de sol, de uniforme caqui, com a camisa umedecida de suor, olhou para dentro do avião. Avistou-a, encolhida junto a uma carga coberta de lona.

- Venha - disse ele, fazendo sinal com o braço. Ela viu um cano metálico em seu punho fechado, parte de uma coisa presa sob o braço. Era o cano de uma metralhadora.

- Venha - repetiu ele. Laura levantou-se.

- Quem é você? Que lugar é este?

- Sem perguntas - disse o estranho, indicando o caminho com a cabeça. - Vamos.

Fê-la andar debaixo do sol escaldante. Estava num aeroporto deserto. Pistas poeirentas, casamata baixa, com biruta encardida e uma bandeira tricolor caída: vermelho, dourado e verde. Via-se um grande hangar à distância, claro e semelhante a um celeiro, e havia um ruído insistente de motores a jato.

Um furgão estava à espera. Ele era branco como uma ambulância, com pneus-balão, janelas reforçadas com grades e pára-choques grandes de ferro.

Dois policiais negros abriram a porta traseira. Usavam bermudas caqui, meiões, óculos escuros, cassetetes curtos, pistolas, com uma fileira de balas de chumbo no cinto. Os dois estavam suarentos e calmos, irradiando uma ameaça descuidada, mãos calejadas pousadas sobre os cassetetes.

Ela subiu no furgão. A porta bateu e foi trancada. Estava só e com medo. A lataria de metal estava muito quente para poder encostar e o piso, coberto de borracha, cheirava sangue, suor, provocado pelo medo, e urina.

Pessoas tinham morrido ali. Laura adivinhou, podia sentir a presença daquelas agonias com um peso no coração. “Morte, surras e sangria, aqui, sobre estes tapetes nojentos de borracha.” Deram a partida e o furgão entrou em movimento; ela tombou. Depois de algum tempo, reuniu toda a coragem e olhou pela janela.

Calor insuportável, o sol brilhando no céu e muita poeira no caminho. Cabanas redondas, de adobe; nem mesmo era adobe de verdade, apenas lama vermelha, seca, com varandas improvisadas de plástico e zinco. Trapos sendo usados como toldos, para fazer um pouco de sombra. Fios de fumaça. As cabanas em forma de cúpula ficavam todas juntas umas das outras, uma onipotente favela estendendo-se pelos morros, montes de lixo, até onde a vista podia alcançar. Bem ao longe, uma fileira de chaminés lançava fumaça suja no céu sem nuvens. Uma fundição? Ou refinaria?

Podia ver as pessoas. Nenhuma delas movia-se: agachavam-se, entorpecidas, como lagartos, na sombra das marquises e dos toldos. Podia sentir grandes e invisíveis multidões assim, esperando pela noite, nas sombras quentes, pelo que quer que passasse para refrescar aquele lugar esquecido por Deus. No caminho, havia fezes humanas, ressecadas pelo sol, com moscas em volta. Estas eram enormes e nojentas, como besouros grandes.

Nada de pavimentação. Nada de valetas, canalização, eletricidade. Viu alguns alto-falantes montados em postes no meio das favelas maiores. Um deles erguia-se por sobre um fétido botequim, um superbarraco de plástico. Na frente, havia vários homens agachados na sombra, bebendo em garrafas antigas de vidro ou se divertindo com jogos com pedrinhas, na terra batida. Acima de suas cabeças, o alto-falante emitia sons numa língua irreconhecível.

Os homens ergueram a cabeça quando o furgão passou, quietos, sem fazer muito movimento. As roupas estavam encardidas. As roupas eram *americanas:* camisetas de brinde em farrapos, calças de poliéster xadrez e sapatos sociais de couro, com saltos grandes, fora de moda há décadas, enfeitados com metais. Os turbantes eram compridos trapos de cores berrantes.

O veículo foi adiante, de buraco em buraco, levantando uma nuvem de poeira. Sua bexiga queimava. Aliviou-se num canto, onde cheirava menos.

As favelas não acabavam. Eram cada vez mais lotadas e feias. Entrou numa região onde os homens tinham cicatrizes, levavam abertamente grandes facas na cintura e usavam cabeças raspadas e tatuagens. Um grupo de mulheres vestidas de aniagem gordurenta gritava, sem muito entusiasmo, sobre um corpo morto esticado na porta de um barraco.

Observou fragmentos do mundo exterior, o mundo dela, que se soltara da realidade, e fora turbilhonando para o inferno. Havia sacos de aniagem, com um brasão desenhado, onde duas mãos se cumprimentavam amigavelmente, e uma inscrição um pouco apagada em francês e inglês: “100% farinha de trigo, presente do povo do Canadá ao povo do Mali”. Um adolescente usava uma camiseta do Euro-Disney World, com o slogan: “Visite o Futuro!”. No caminho, podiam ser notados barris de óleo, enegrecidos pela fumaça do lixo, que cobria os dizeres em árabe, e também pedaços de uma camioneta coreana, com as janelas totalmente cobertas de lama.

Depois, avistou uma hospedaria ou igreja, suja de fumaça, com suas paredes altas cuidadosamente pintadas com uma terrível iconografia de santos com chifres. Seu

teto de barro brilhava com vitrais de fundos de garrafa.

O furgão prosseguiu essa marcha durante horas. De repente, estava no meio de uma cidade grande, uma metrópole. Havia centenas de milhares de habitantes. Mali era enorme, bem maior que o Texas. Parecia um imenso ninho de ratos. Todas as alternativas de se viver em outro país do continente foram eliminadas pelo desastre africano. Os sobreviventes da seca reuniam-se em gigantescos acampamentos urbanos, como o que via. Estava em Bamako, capital do Mali.

Capital do ELCT. Naquele lugar era a polícia secreta que dirigia as pessoas. Comandavam uma nação arruinada e sem esperança, uma série de acampamentos monstruosos.

Com um pensamento repulsivo, Laura entendeu como o ELCT executara aqueles massacres sem a menor cerimônia. Havia, naquela cidade acampamento, um bolsão de miséria grande o bastante para sufocar o mundo. Ela sempre soubera que as coisas eram ruins, na África, mas nunca imaginou que a vida, naquele continente, significasse tão pouco. Percebeu, com um ímpeto de terror fatalista, que a vida dela mesma era pequena demais para importar. Estava no inferno e as coisas eram bem diferentes.

Por fim, passaram por uma cerca de arame farpado. Entraram num pátio empoeirado, com calçamento e torres de vigia. O coração de Laura deu um salto, quando ela notou o aspecto familiar e amigo da casa em sua frente; as paredes eram marrons, feitas de concreto. Estavam aproximando-se de um edifício suntuoso como seu chalé da Rizome, em Galveston, mas muito maior e construído com linhas progressistas e modernas; as mesmas técnicas escolhidas por David.

Pensar em David era tão doloroso que ela logo o afastou da memória. Eles entraram no edifício, passando pelas tenebrosas portas elevadiças de ferro. Ela percebeu que as paredes eram duplas e tinham espessura de cerca de um metro e meio de puro concreto. O furgão parou. Uma espera. O europeu abriu as portas:

- Fora.

Saiu, para um calor sufocante. Estava no meio de uma arena, pátio de terra batida para exercícios, cercado por uma muralha marrom, que mais parecia uma fortaleza. O europeu levou-a até uma porta de ferro, uma porta blindada que a levaria à prisão. Dois guardas se postaram atrás dela. Eles entraram, num saguão iluminado por lâmpadas solares presas ao teto.

- Chuveiro - disse o europeu.

A palavra soava mal. Laura parou onde estava.

- Não quero tomar banho.

- Há uma toalete, também.

Ela meneou a cabeça. O europeu olhou por cima dos ombros dela e fez um ligeiro sinal de cabeça.

Um cassetete atingiu-a na junção do pescoço com o ombro. Foi como ser atingida por um raio. Todo o lado direito ficou amortecido; caiu de joelhos.

O choque passou e a dor veio. Dor de verdade, não a coisinha leve que chamara de “dor” no passado, mas uma sensação muito profunda. Não podia acreditar que era isso o que tinha acontecido, ser golpeada com um cassetete. Já podia sentir que isso mudava sua vida.

- Levante - disse ele, com a mesma voz cansada.

Ela levantou-se. Levaram-na ao chuveiro. Ali, havia uma carcereira. Despiram-na e a mulher fez uma revista das cavidades do corpo, enquanto os homens examinavam sua nudez com um interesse profissional e distante. Foi empurrada para debaixo do chuveiro e recebeu uma pasta que cheirava como inseticida. A água era forte e salobra e a pasta não fazia espuma. O chuveiro foi desligado antes que ela pudesse remover o sabão.

As roupas e sapatos foram levados embora. A carcereira deu-lhe uma injeção nas nádegas de 5 cc de um líquido amarelo.

O europeu e os dois guardas saíram e duas guardas femininas chegaram. Laura recebeu calças e uma camisa, amassada e áspera, de brim com listras brancas e pretas. Vestiu a roupa, tremendo. Ou a injeção estava começando a fazer efeito ou ela estava imaginando que sim. Sentia-se tonta e enjoada, não muito longe de uma verdadeira loucura.

Continuou pensando que chegaria o momento em que poderia tomar uma atitude e pedir que a matassem com dignidade. Mas eles não pareciam ansiosos para matá-la, e ela também não parecia ansiosa por morrer. Começava a perceber que um ser humano poderia ser surrado até se transformar em qualquer coisa. Ela não queria ser surrada novamente, não até melhorar seu auto-controle.

A carcereira disse alguma coisa em francês crioulo e apontou a toalete. Laura meneou a cabeça. A carcereira olhou-a como se fosse uma idiota e deu de ombros, anotando algo em sua prancheta.

As duas guardas femininas prenderam suas mãos nas costas. Uma puxou um cassetete grande, enrolou-o com habilidade na corrente de metal das algemas de modelo antiquado e levantou os braços de Laura até ela ser forçada a dobrar-se para a frente. Levaram-na para fora, dirigindo-a como um carrinho de feira pelo saguão, subindo por escadas estreitas protegidas por grades. No andar de cima, passaram por uma longa série de portas de ferro com postigos.

Pararam na cela 31 e esperaram até um carcereiro aparecer. Levou cinco minutos; durante esse tempo, ficaram mascando chiclete e fazendo considerações sobre Laura em algum dialeto mali.

O carcereiro finalmente abriu a porta e a jogaram para dentro. A porta foi fechada.

- *Ei*! - gritou Laura. - Estou algemada! Vocês esqueceram as algemas! - O postigo se abriu e ela viu um olho e parte da ponte de um nariz. Fechou-se de novo.

Estava numa cela. Numa prisão. Num Estado fascista. Na África. Começou a imaginar se haveria lugares piores no mundo. “Será que haveria algo pior?”,

pensou.”Sim, poderia estar doente.”

Começou a sentir febre.

Uma hora é:

Um minuto e um minuto e um minuto e um minuto e um minuto.

E um minuto e um minuto e um minuto e um minuto e um minuto.

Então outro e outro minuto e mais outro e ainda outro e mais outro.

E um minuto e depois mais dois minutos. Depois, mais dois minutos.

Então, dois minutos. Depois, dois minutos. E então, um minuto.

Depois, mais um minuto igual a este.

Depois, mais dois. E mais dois, de novo.

Até aqui, trinta minutos.

Depois, é só repetir tudo isso de novo.

A cela de Laura tinha pouco menos de quatro metros de comprimento por três de largura. Tinha mais ou menos o tamanho do banheiro no lugar-onde-ela-costumava-viver, o lugar no qual ela não se permitia pensar. A maior parte do espaço era tomada por sua cama. Tinha quatro pernas de aço tubular e um estrado de barras planas de aço. Em cima do estrado, havia um colchão de palha e algodão, que não possuía cheiro muito forte, mas deveria ter pertencido a alguma pessoa doente, pois em uma de suas pontas estava com uma mancha de sangue desbotada.

Na parede havia uma minúscula janela. Na realidade, era um buraco de cerca de quinze centímetros de diâmetro, quase do tamanho de uma manilha. Tinha 1,20 m de espessura e era vazado na areia-concreto maciça. Possuía uma grade de metal fino do lado de fora. Ficando diretamente na frente desse furo, podia-se ver um pedaço do céu do deserto. Fracas lufadas de vento ocasionalmente vinham pela abertura.

A cela não tinha encanamento. Logo aprendeu a rotina, ouvindo as outras prisioneiras. Batia-se na porta e gritava-se, em francês crioulo mali, se você soubesse falar. Depois de algum tempo, dependendo da boa vontade, uma das guardas apareceria e a levaria para a latrina: uma cela como as outras, mas com um furo no chão.

No sexto dia, ouviu os gritos pela primeira vez. Parecia vir do andar de baixo. Nunca ouvira gritos tão cruéis, nem mesmo durante os tumultos em Cingapura. Havia uma qualidade primitiva neles: podia passar por barreiras sólidas, como concreto, metal, osso, o crânio humano. Em comparação com esses gritos, os do povo em pânico eram até alegres.

Ela não entendia nenhuma palavra, mas, às vezes, havia uma pausa Ocasionalmente, pensara ouvir um zumbido elétrico.

Abriam suas algemas para as refeições e para a latrina. Depois, fechavam-nas de novo, forte e cuidadosamente, bem alto em seus pulsos, para não se soltar dando a volta com os braços em torno do corpo e ficar com as mãos na frente. Como se isso importasse, como se pudesse se soltar de um só salto e arrebentar a porta de aço para fora das dobradiças, com as unhas.

Depois de uma semana, os ombros estavam doloridos e o queixo e rosto esfolados, de tanto dormir de bruços. Porém não se queixava. Vira rapidamente um de seus colegas prisioneiros: um homem asiático, talvez japonês. Estava algemado, as pernas amarradas e tinha os olhos vendados.

Durante a segunda semana, começaram a algemá-la pela frente. Isto fazia grande diferença. Sentia com ébria irracionalidade que realmente conseguira algo; aquela era uma pequena, mas importante mensagem que lhe fora enviada pela administração da prisão.

Enquanto estava deitada, à espera do sono, sua mente suave e lasciva-mente se desintegrando, pensava no progresso conseguido, talvez apenas uma marca numa prancheta, mas algum tipo de formalidade institucional ocorrera Ela existia.

De manhã, convenceu-se de que poderia significar alguma coisa. Começou a exercitar-se fazendo flexões.

Conservava noção do tempo riscando a parede granulosa, debaixo de sua cama, com a aresta das algemas. No 21° dia, pôde tomar outro banho e fizeram outra revista Em seguida, foi levada até o inspetor das prisões, que era um americano branco, grandalhão e sorridente. Vestia um longo *djellaba* de seda, calças azuis e sandálias de couro, enfeitadas. Encontrou-a num escritório com ar condicionado, no andar de baixo, com cadeiras de metal e uma escrivaninha grande, de aço, com tampo de compensado laqueado. Nas paredes, havia alguns retratos com moldura dourada de homens de farda: Galtieri, North, MacArthur.

Um guarda fez Laura sentar-se, na frente da mesa, numa cadeira dobrável de metal. Depois de suar durante dias na cela, o ar condicionado parecia um frio polar, e ela tremia

O guarda soltou-lhe as algemas. A pele debaixo delas estava calejada. No pulso esquerdo havia uma casca da qual escorria um líquido.

- Boa tarde, senhora Webster - disse o inspetor.

- Alô - respondeu Laura. Sua voz estava rouca

- Tome um pouco de café. E muito bom; do Quênia - convidou o inspetor, empurrando uma xícara com pires, por sobre a mesa. - Tiveram boas chuvas, este ano.

Laura assentiu, indiferente. Pegou o café e bebeu um pouco. Alimentara-se com a comida da prisão por semanas: *scop* e, às vezes, uma tigela de mingau. Bebia água com gosto de metal, dois litros por dia, com sal, para evitar desidratação. O café quente atingiu-a com seu forte paladar, como chocolate belga. A cabeça girava.

- Sou o inspetor das prisões. Como vê, estou em minha viagem de rotina por aqui.

- Que lugar é este?

- Este é o Instituto Reformatório Penal Moussa Traore, em Bamako - respondeu o inspetor.

- Que dia é hoje?

- E... - ele consultou o relogiofone. - Seis de dezembro, 2023. Quarta-feira.

- Minha gente sabe que estou viva?

- Estou vendo que a senhora vai direto ao assunto - disse o inspetor, languidamente. - De fato, senhora Webster, não. Eles não sabem. Veja, a senhora representa uma séria quebra de segurança. Está causando-nos uma bela dor de cabeça.

- Uma bela dor de cabeça?

- Sim... Veja, graças às circunstâncias peculiares em que salvamos sua vida, a senhora ficou sabendo que temos a bomba.

- Como? Não entendi.

- A bomba, a bomba atômica - disse o inspetor, enrugando a testa um pouquinho.

- Então é isso? Estão conservando-me aqui por causa de uma bomba atômica?

- O que a senhora quer dizer com isso? Esteve no *Thermopylae*. Nosso navio - as rugas na testa do inspetor se aprofundaram.

- Quer dizer o barco, o submarino?

- Será que devo me explicar mais? - perguntou ele, encarando-a.

- Estou um pouco confusa. Acabo de passar três semanas na solitária. Laura, tonta, pousou a xícara cuidadosamente na escrivaninha, a mão tremendo. Depois parou, tentando pôr as idéias em ordem.

- Não acredito no senhor - disse, por fim. - Eu vi um submarino, mas não sei se é um lançador de mísseis nucleares. Tenho apenas sua palavra e a dos tripulantes sobre isso. Quanto mais penso nisso, mais difícil acreditar. Nenhum dos antigos governos nucleares seria idiota o suficiente para perder um submarino inteiro. Especialmente com mísseis nucleares a bordo.

- A senhora por certo tem uma fé muito grande nos governos - disse o inspetor. - Se temos a plataforma de lançamento, pouco importa onde ou como obtivemos as ogivas, não é? O problema é que a Convenção de Viena *acredita* no dissuasor e nosso acordo com eles requer que o mantenhamos em segredo. Mas a senhora conhece o segredo.

- Não acredito que a Convenção de Viena faria acordos com terroristas nucleares.

- Possivelmente não, mas somos contra terroristas. Viena sabe muito bem que estamos fazendo o trabalho em lugar dela. Mas imagine a infeliz reação se se espalhasse a notícia que nossa República do Mali tomou-se uma superpotência nuclear.

- Que reação? - Laura disse, sem entonação.

- Bem, a grande massa, a plebe global, entraria em pânico. Alguém acabaria fazendo algo precipitado e seríamos forçados a usar nosso dissuasor desnecessariamente.

- Quer dizer, explodir uma bomba atômica em algum lugar.

- Não teríamos escolha. Se bem que nós preferiríamos não seguir esse curso de ação.

- Certo, suponha que acredito no senhor - o café a estava atingindo, agora, dando-lhe energia, como champanhe fino. - Como o senhor pode ficar aí sentado e dizer que explodiria uma bomba atômica? Não vê que é fora de propósito fazer isso?

O inspetor meneou a cabeça, devagar.

- A senhora sabe quantas pessoas morreram na África nos últimos vinte anos? Pouco mais de oitenta milhões. Chocante, não é? Oitenta milhões. E o pior de tudo é que isso só não basta: a situação está ficando pior. A África está doente e precisa de uma grande cirurgia. Os shows secundários que apresentamos em Cingapura e Granada foram meros eventos de relações públicas, em comparação com o que é necessário fazer aqui. Mas sem um dissuasor, não vão nos deixar sozinhos para cumprir o que é necessário.

- Está falando em genocídio.

Ele meneou a cabeça fortemente, como se já tivesse escutado tudo aquilo e esperasse que ela dissesse coisa melhor.

- Queremos salvar o africano de si mesmo. Podemos dar a essa gente a ordem que eles precisam para sobreviver. O que Viena oferece? Nada. Porque os regimes da África são governos nacionais soberanos, a maioria signatários de Viena! Por vezes Viena fica falando sobre subverter um regime particularmente desagradável, mas ela não dá solução permanente. O mundo exterior pôs a África no ostracismo.

- Ainda enviamos ajuda, não?

- Isso só aumenta a miséria. Alimenta a corrupção.

- Não entendo - falou Laura, esfregando a testa, que suava.

- Simples. Precisamos ter sucesso onde Viena fracassou. Viena nada fez sobre os paraísos informáticos, nada sobre a África Viena está fraca e dividida Há uma nova ordem global chegando, e não está baseada em governos nacionais obsoletos. Está baseada em grupos modernos como sua Rizome e meu Exército Livre.

- Ninguém votou em vocês. Não têm autoridade. São justiceiros!

- Você mesma é uma justiceira - retrucou calmamente o inspetor das prisões. - Uma diplomata metida a justiceira interferindo com os governos em benefício de sua multinacional. Como vê, temos tudo em comum.

- Não!

- Nem poderíamos *existir* se não fosse por gente como a senhora dona Laura. Vocês nos financiaram. Vocês nos criaram. Servimos as suas necessidades - tomou fôlego e sorriu. - Somos sua espada e seu escudo.

Laura afundou-se na cadeira e disse:

- Se estamos do mesmo lado, estão por que estou em sua cadeia? Ele inclinou-se para a frente, entrecruzando os dedos.

- Eu lhe contei, senhora Webster; por motivos de segurança atômica! Por outro lado, não vemos razão por que não deveria entrar em contato com seus colegas e familiares, para que saibam que está viva e em segurança. Significaria muito para eles, tenho certeza. A senhora poderia escrever uma declaração.

Laura falou, indiferente. Sabia que ele viria com algo desta espécie.

- Que tipo de declaração?

- Uma declaração já pronta, claro. Não podemos deixá-la sair por aí falando de nossos segredos atômicos num telefone para Atlanta. Mas poderia gravar um *videotape*. Que enviaríamos para eles.

- Eu preciso ver a declaração primeiro. Ler. Pensar a respeito - respondeu. O estômago dela embrulhou.

- Faça isso. Pense - tocou em seu relogiofone e falou em francês. - Comunique-nos sua decisão.

Outro guarda chegou e levou-a para uma cela diferente. Não a algemaram mais.

A nova cela de Laura tinha o mesmo comprimento que a primeira mas possuía duas camas e um metro e meio a mais de largura Não era mais forçada a usar algemas. Tinha seu próprio penico e uma jarra de água maior. Recebia mais *scop*, e o mingau era de melhor qualidade e, às vezes, com pedacinhos de bacon de soja

Deram-lhe um baralho e uma *Bíblia* em brochura, distribuída pela missão de Bamako das testemunhas de Jeová, em 1992. Pediu um lápis para rascunhar sua declaração. Recebeu uma máquina de escrever para crianças, com um pequeno monitor embutido na tampa. Escrevia muito bem, mas não imprimia e não podia ser usada para cifrar mensagens.

Os gritos eram mais altos, debaixo da nova cela. “Diversas vozes”, pensou ela, “e diversas línguas”. Os gritos continuavam, de hora em hora. Depois, uma interrupção para o café dos torturadores. Em seguida voltavam ao trabalho. Acreditava haver diversos torturadores. Seus hábitos diferiam. Um deles, durante o cafezinho, gostava de cantar baladas sentimentais francesas.

Certa noite, foi acordada por uma rajada abafada de metralhadora. Seguiram-se mais cinco tiros de misericórdia, mais altos. Mataram gente, mas não os que foram torturados, pois dois deles voltaram na noite seguinte.

Demoraram duas semanas para lhe trazer a declaração. Era pior do que imaginara. Queriam que ela dissesse para a Rizome e para o mundo que fora seqüestrada em Cingapura pelos granadinos e estava presa no complexo subterrâneo do quartel Fedon. Era um texto ridículo; não achava que a pessoa que o rascunhara sabia inglês corretamente. Algumas partes lembravam-lhe o comunicado do ELCT emitido logo depois do assassinato de Winston Stubbs.

Não duvidava mais que o ELCT matara Stubbs e disparara contra sua casa. Era óbvio. A morte por controle remoto era o método dele. Não podia ter sido Cingapura, a pobre, brilhante e lutadora Cingapura. Seus soldados, profissionais como Hotchkiss, teriam matado Stubbs de frente e nunca se gabariam disso.

Deveriam ter lançado, em algum ponto, o avião-robô de um navio de superfície. Não poderia ter vindo do submarino nuclear; a menos que tivessem mais de um, o que era uma idéia horrível. O submarino não poderia ter viajado rápido o suficiente para

atacar Galveston, Granada e Cingapura na duração da sua aventura. Já estava pensando nisso como aventura, algo que pertencia ao passado, antes do cativeiro. Mas a América era um país aberto e muitos norte-americanos pertenciam ao ELCT. Gabavam-se abertamente de que podiam ir a qualquer lugar, e ela acreditava.

Laura acreditava agora que havia alguém - uma instalação, um espião, um de seus Henderson/Hesseltines - na própria Rizome. Seria tão fácil para eles, diferente de Cingapura. Tudo o que o infiltrado precisaria fazer era fingir, trabalhar duro e sorrir.

Recusou-se a ler a declaração já pronta. O inspetor das prisões olhou para ela com desagrado.

- Você acha que com essa provocação está conseguindo alguma coisa?

- Essa declaração é uma mentira. Propaganda criminosa, provocação, visando a matar pessoas. Não vou ajudá-lo a matar pessoas.

- Tanto pior. Achei que poderia mandar aos seus um cumprimento de Ano-Novo.

- Escrevi minha própria declaração. Não disse nada a seu respeito ou sobre Mali, o ELCT e as bombas. Só digo que estou viva e tem algumas palavras que meu marido vai reconhecer, para que saiba que sou eu mesma.

- Que espécie de idiotas pensa que somos, senhora Webster? Acha que vamos deixá-la mandar mensagens secretas, algo que elaborou em sua cela depois de semanas de sua... astúcia feminina? - perguntou o inspetor, rindo.

Jogou a declaração na gaveta de sua escrivaninha.

- Não fui eu quem escreveu isso. Não fui eu quem tomou a decisão. Pessoalmente, não acredito que seja uma boa declaração. Conhecendo Viena, é mais provável que eles invadam aquele castelo de cupins do quartel Fedon do que o pulverizem à força de bombas, como deveriam ter feito em 2019. Mas, se quiser arruinar sua vida, ser declarada legalmente morta, ser esquecida, vá em frente.

- Sou sua prisioneira! Não finja ser minha decisão.

- Não seja boba. Se eu quisesse, poderia forçá-la a qualquer coisa.

Laura continuou calada.

- Acha que é forte, não? - o inspetor meneou a cabeça. - Você pensa que, se a torturássemos, seria alguma espécie de romântica legitimação moral. A tortura não é nada romântica, senhora Webster. É uma coisa, um processo: tortura é tortura, isso tudo. Não a torna mais nobre. Só a machuca. Assim como um motor se gasta, se girar muito depressa, com muita força, por muito tempo. Você nunca se cura, nunca supera. Como não se consegue superar o envelhecimento.

- Não quero me machucar. Não pense que quero.

- Vai ler isso ou não vai? Não é tão importante, assim. Você não é tão importante.

- Você matou um homem dentro de minha casa. Matou gente a minha volta. Mata gente nesta prisão, todos os dias. Não sou melhor do que eles. Não acredito que vá deixar-me sair, se puder. Assim, por que não me mata também!

Ele meneou a cabeça e suspirou.

- Claro que vamos deixá-la sair. Não temos motivo para conservá-la aqui, uma vez superada a ameaça à segurança. Não podemos ficar escondidos para sempre. Algum dia, vamos simplesmente governar. Algum dia, Laura Webster será uma digna cidadã numa grande e nova sociedade global.

Passou-se um longo momento. A mentira dele ultrapassou toda a compreensão de Laura, como algo visto pelo outro lado do telescópio. Por fim, ela falou, muito calmamente.

- Se tem alguma importância, ouça-me. Vou enlouquecer sozinha naquela cela. Prefiro estar morta do que louca.

- Então, agora, é suicídio? - ele era como um tio, cético, tentando consolá-la. - Claro que você já pensou em suicídio. Todos pensam. Muito poucos o fazem. Mesmo homens e mulheres sob trabalhos forçados em campos de extermínio descobrem razões para continuar vivendo. Nunca cortam fora suas línguas, abrem as veias com as unhas, dão cabeçadas na parede ou qualquer dessas tolas fantasias infantis - ergueu a voz. - Senhora Webster, aqui a senhora está no nível mais alto. Está sob custódia especial. Acredite-me, as favelas desta cidade estão cheias de homens e mulheres, e mesmo crianças, que alegremente matariam para ter uma vida fácil como a sua.

- Então, por que não deixa que eles me matem?

- Eu realmente gostaria que a senhora não se comportasse assim - suspirou e falou no relogiofone.

Depois de algum tempo, os guardas vieram e levaram-na.

Laura fez greve de fome. Deixaram-na, por três dias. Depois, deram-lhe uma companheira.

A companheira de quarto era uma mulher negra que não falava inglês. Era baixa e tinha rosto alegre. Quando sorria, notava-se que faltavam dois dentes da frente. O nome dela era algo como Hofuette ou Jofuette. A moça apenas sorria e encolhia os ombros, com o inglês de Laura. Não conhecia outros idiomas e não se lembrava de uma palavra estrangeira por mais de dois dias. Era analfabeta.

Laura tampouco teve sorte com a língua de Jofuette. Era chamada bambara, ou coisa assim. Estava cheia de fonemas aspirados, estalos de língua e tonicidades estranhas. Aprendeu como dizer algumas palavras para cama, comer, dormir e cartas. Ensinou-a a jogar. Levou dias, mas tinha muito tempo.

Jofuette vinha do andar de baixo, de onde vinham os gritos. Não fora torturada, ou, pelo menos, não deixaram marcas. Entretanto Jofuette vira gente ser morta. Matavam no pátio de exercício, com metralhadoras. Às vezes, matavam um só homem com cinco ou seis metralhadoras; a munição era velha e muitos cartuchos falhavam. Porém tinham-na em grande quantidade. Toda a munição de cinqüenta anos de guerra fria acabou nas zonas de batalha da África, junto com o restante do ferro-velho.

Ela não viu de novo o inspetor das prisões. Não era ele quem dirigia o lugar. Jofuette conhecia o diretor e imitava a maneira de ele andar; era muito engraçado.

Laura tinha certeza que Jofuette era pessoa de confiança deles, talvez uma espiã. Pouco importava. Jofuette não falava inglês e Laura não tinha segredos. Mas Jofuette, ao contrário de Laura, podia sair no pátio de exercício e misturar-se com os outros prisioneiros. Podia conseguir algumas coisas: cigarros de baixa qualidade, uma caixa de drágeas de vitaminas, agulha e linha Era bom tê-la por perto, melhor do que ninguém.

Laura aprendeu coisas sobre a prisão. Truques para passar o tempo. A saudade era o inimigo. Qualquer ligação com o mundo exterior seria muito dolorosa para sobreviver, ela sabia. Passava o tempo inventando recursos *antimnemônicos* e de paciência. Quando era hora de chorar, chorava. Não pensava no que poderia acontecer com ela, com David e a filha, a Galveston, à Rizome, ao mundo, mas em atividades profissionais, principalmente. Escrever textos de relações públicas. Conferenciar para autoridades sobre terrorismo no Mali. Escrever discursos de campanha para candidatos da Rizome.

Passou várias semanas escrevendo um longo manual de vendas chamado *As Mãos e os Pés de Loretta*. Memorizou-o e repetia sentença por sentença, em silêncio, dentro da cabeça, lentamente, um segundo por palavra, até chegar ao fim. Depois, acrescentava uma sentença e repetia tudo de novo.

O manual imaginário não era bem sobre o bebê, o que seria muito doloroso. Era simplesmente sobre as mãos e os pés dele. Descrevia a forma e a textura das mãos e dos pés, seu cheiro, seu toque, sua utilidade potencial se produzidos em massa. Desenhou caixas para as mãos e pés, fez *jingles* de publicidade e *slogans* de marketing à antiga.

Organizou mentalmente uma loja de roupas. Desde os tempos de escola, nunca entendera muito de moda, somente depois de entrar no colegial e descobrir os meninos. Mas essa era uma butique da alta moda, uma loja que impunha moda para a população mais abastada de Atlanta. Havia galáxias de chapéus, exércitos de meias e sapatos, turbilhões de saias, amplos bordéis em tecnicolor de *lingerie sexy*.

Decidiu por dez anos. Concluiu que ficaria dez anos na cadeia. Tempo suficiente para destruir as esperanças; a esperança era o mesmo que angústia.

Um mês e um mês e um mês e um mês. E mais outro mês e outro e outro e outro. E depois três e depois mais um.

Um ano.

Estivera na cadeia por um ano. Um ano não era tempo demais. Tinha 33 anos. Passara muito mais tempo fora do cativeiro do que dentro, 32 vezes mais. Pessoas haviam ficado na prisão muito mais tempo. Gandhi passara anos na prisão. Passaram a tratá-la melhor. Jofuette fez um acordo com uma das guardas femininas. Quando ela estava de serviço, deixava Laura ir para o pátio de exercício, de noite, quando não havia outros prisioneiros.

Uma vez por semana, traziam um antigo videocassete para a cela e um televisor branco e preto fabricado na Argélia. Fitas, também. A maioria delas, antigos jogos de futebol americano. A antiga versão do futebol, de corpo-a-corpo, fora banida havia muitos anos. O jogo era espetacularmente brutal: grandes amontoados de gladiadores com capacetes e armadura. Cada quatro jogadas deixavam um jogador ferido. Às vezes, Laura fechava os olhos e só ouvia o maravilhoso fluxo da língua inglesa. Jofuette gostava dos jogos.

Depois, os filmes: *Iwo Jima*. *Os Boinas Verdes*. Violência fantástica, alucinante. Os inimigos levavam tiros e caíam, como bonecos de papel. Às vezes, os mocinhos também levavam tiros, quase sempre no ombro ou no braço. Faziam uma careta, apenas, e imobilizavam o local ferido.

Depois de uma semana, chegou um filme chamado *The Road to Morocco*. Passava-se no deserto africano e tinha Bing Cosby e Bob Hope. Laura tinha vagas memórias de Bob Hope, achava que o tinha visto quando era criança, e ele já era muito velho. No filme, era jovem e muito engraçado, de uma forma pré-milenar estranha. Era muito dolorido assisti-lo: tocava fundo em seus sentimentos, que ela tentava esquecer. Teve de parar a fita muitas vezes para limpar as lágrimas. Por fim, tirou a fita e colocou-a na caixa, novamente.

Jofuette meneou a cabeça, disse algo em bambara e colocou a fita de novo. Ao fazê-lo, um pedacinho de papel de cigarro caiu de uma fenda da lateral da caixa. Laura apanhou-o.

Desdobrou-o, enquanto Jofuette assistia à televisão, sem desviar o olhar. No papel, estavam escritos vários nomes em letras pequenas e borradas. Não fora usada tinta para escrevê-los, mas, talvez, sangue. A lista:

Abel Lacoste - Euro Serviço Consular
Steven Lawrence - Osfam America
Marianne Meredith - ITN Canal 4
Valeri Chakalov - Viena
Georgi Valdukov - Viena
Sergei llyushin - Viena
Kazuo (?) Watanabe- Mitsubishi
(?) Riza-Rikabi - EFT Commerzbank
Laura Webster- Rizome IG
Katje Selous- A. C. A. Corps
E mais quatro.

Capítulo 10

O segundo ano passou mais depressa do que o primeiro. Já estava acostumada. A prisão fazia parte de sua vida. Não desejava mais as coisas que havia perdido; não conseguia mais dizer para si mesma o nome delas sem fazer um grande esforço. Não tinha mais anseios: estava mumificada. Monástica, acabada.

Mas podia sentir o passo acelerando, a vibração, com o movimento da aranha, da teia do distante mundo exterior.

Agora, ouvia tiros quase todas as noites. Quando a levavam para se exercitar no pátio, via furos de balas nas paredes, como o chalé tinha ficado. A terra batida estava infestada de moscas e no ar, o fedor do sangue.

Certo dia, através da pequena janela de sua cela, pode ver enormes nuvens de fumaça. Durantes horas, os caminhões entravam e saíam ruidosamente da prisão. À noite, eram assassinadas várias pessoas pelo esquadrão de fuzilamento. Ouvia-se gritos, ordens, gente implorando e implacáveis rajadas de metralhadora. Tiros de misericórdia, rápidos. Portas batendo e motores em movimento.

Jofuette ficou assustada durante vários dias. Finalmente, duas guardas femininas vieram buscá-la. Vieram sorrindo e, na língua dela, disseram que tudo estava acabado, que iam deixá-la sair. A guarda mais alta sorriu sugestivamente e pôs as mãos na cintura e rebolou. Referia-se ao namorado ou, talvez, ao marido de Jofuette. Ou ainda estivesse sugerindo uma noitada na cidade, na glamorosa Bamako.

Jofuette sorriu, trêmula. Uma das guardas deu-lhe um cigarro e o acendeu gentilmente.

Laura nunca mais a viu.

Quando trouxeram o videocassete para a sessão semanal, Laura esperou até que se fossem. Depois, pegou a máquina com as duas mãos e bateu-a contra a parede, várias vezes. Ela ficou estraçalhada, um emaranhado de fios e placas de circuitos. Estava esmagando as placas com os pés quando ouviu um ruído de chave na fechadura, e dois guardas entraram correndo.

Tinham cassetetes nas mãos. Laura lançou-se contra eles, de punhos cerrados. Jogaram-na no chão, com facilidade.

Levantaram-na e começaram a surrá-la. Forte e metodicamente. Bateram na cabeça, nos rins. Jogaram-na na cama e bateram nas suas costas. Parecia que estava sendo eletrocutada, as pancadas eram como choques elétricos. Batiam nela com cintas e cassetetes, marcando-lhe o corpo.

Sentia um rugido dentro da cabeça. O mundo desapareceu.

Uma mulher estava no outro lado da cela, sentada na cama de Jofuette. Ela era loira e usava um vestido azul. Qual era sua idade - quarenta, cinqüenta? Rosto triste e calmo, rugas de sorriso, olhos esverdeados. Olhos de coiote.

“Mãe...?”

A mulher olhou para ela: lembrança, piedade, força. Era repousante olhar para ela. Repousante como um sonho: “Está vestindo meu tom favorito de azul”, pensou ela. “Mas quem é...?”

Laura reconheceu a si mesmo. Alívio e alegria.

“Sei quem é. Eu mesma.”

Sua *persona* ergueu-se da cama. Atravessou a cela em silêncio, andando graciosamente. Ajoelhou-se ao lado de Laura e encarou-a. Era mais velha, mais forte, mais sábia.

“Aqui estou eu.”

- Estou morrendo.

“Não, você vai viver. Vai ficar como eu.”

A mão parou a poucos centímetros de seu rosto, acariciou o ar. Podia sentir seu calor; via a si mesma na cama, rosto triste, machucada e paralisada. Pobre Laura. Podia sentir a cálida torrente de cura e simpatia vir de fora, olímpica, alçando vôo. Pobre corpo surrado, nossa Laura, mas ela não vai morrer. Ela vive. “Eu vivi.”

Agora, dormia.

Durante um mês, ficou muito doente. A urina sempre tinha sangue, porque seus rins foram afetados. Grandes manchas nas costas, braços e pernas.

Ferimentos profundos, até os músculos, inchaços sobre os ossos: hematomas, era como os chamavam na aula de primeiros socorros. Estava doente e movia-se com dificuldade, mal podia comer. Para dormir era uma luta constante, porque não achava uma posição confortável, a que sentisse menos dor.

Levaram embora os restos do aparelho de vídeo. Tinha certeza que deram-lhe uma injeção de alguma coisa: parecia haver uma marca de agulha pouco acima do pulso, um dos poucos pontos em que os guardas não bateram. Uma mulher, lembrou-se; vira uma médica, talvez tivesse falado com ela, ainda semiconsciente, e foi tudo: uma experiência com a *persona optima*.

Fora surrada por guardas fascistas. Também vira sua *persona optima*. Não tinha certeza sobre o que era mais importante, mas sabia que as duas coisas eram pontos críticos de sua vida.

Talvez tivesse visto uma médica. Só fantasiara a respeito dela, sonhando que vira a si mesma. Provavelmente era tudo o que uma *persona optima* significava para qualquer um: estresse, ilusão e uma profunda crise psíquica. Mas nada disso importava.

Tivera uma visão. Não importava de onde tinha vindo. Apegou-se a ela e gostou que a deixassem na solitária, porque podia rir alto e abraçar a imagem. Acariciá-la.

Ódio. Nunca os odiara tanto como agora. Sempre fora muito dócil, assustada e achava que iria encontrar meios para entrar num acordo, como se eles fossem gente como ela. Foi o que fingiram ser, mas agora sabia que a pretensão deles era mais uma

de suas mentiras. Ela jamais se juntaria a eles ou pertenceria a seu grupo. Não conseguia ver o mundo como eles ou veria o mundo através de seus olhos. Era séria inimiga deles até a morte. Isso era ponto passivo.

Sabia que sobreviveria. Algum dia, dançaria sobre seus túmulos. A atitude deles não fazia sentido, não racionalmente. Era fé. Eles cometeram um erro e deram a ela sua fé.

Foi acordada por um barulho. Soava como uma torneira gigante, soltando jatos d'água e o grito agudo de um cano vibrando. O barulho se aproximava e ficava cada vez mais forte.

Depois, parecia ouvir tambores monstros ou sons de fogos de artifício. Um clarão, trazendo muito calor, entrou pela pequena janela de sua cela. Outro clarão. Uma súbita e trovejante explosão, desta vez muito perto. Era um terremoto. As paredes tremeram. Luz quente, vermelha, o horizonte estava pegando fogo.

No pátio, guardas correndo para todos os lados e gritando uns para os outros. Estavam com medo; e Laura ouviu o medo nas vozes deles com um gosto selvagem de alegria animal. Lá fora, os tiros fracos de armas leves. Depois distante, com um atraso, o som estridente das sirenes.

Dentro da prisão, as pessoas batiam nas portas. Alguém no segundo andar batia ferozmente em sua porta. Tiros abafados. Os prisioneiros do nível superior gritavam em suas celas. Ela não conseguia entender o que diziam. Mas conhecia o tom. Era de raiva e alegria

Dobrou as pernas e ficou sentada na cama. A distância, atrasados, ouviu canhões antiaéreos. Vários aviões cruzavam o céu.

Alguém estava bombardeando Bamako.

- Sim, isso mesmo! - gritou Laura. Pulou da cama e correu para a porta e a chutou, com toda a força.

Na noite seguinte, vieram metralhando. Novamente o som de jatos, em formação cerrada, fazendo vôos rasantes sobre a prisão. Ouvia suas metralhadoras cuspindo fogo, um vomitar compulsivo. O barulho às vezes diminuía quando os jatos afastavam-se, sobrevoando o centro da cidade. Som de bombas ou mísseis. O céu ficava claro com as explosões.

Depois, sempre com atraso, ouvia o fogo antiaéreo, mas desta vez melhor organizado. Baterias de canhões e zunido agudo, que deveria ser de foguetes ou de mísseis terra-ar.

Os jatos foram embora. O radar do Mali deveria estar fora de ação, ela concluiu, reconfortada. Caso contrário, os guardas dispariam contra os jatos quando eles estivessem se aproximando, não esperando que eles arrasassem tudo. Os invasores, provavelmente, tinham destruído os radares logo no início da batalha.

Nunca ouvira algo tão sublime. O céu fora transformado em inferno, na fúria dos anjos. Nem se importava se a prisão fosse atingida. Tanto melhor.

Lá fora, os guardas disparavam rajadas de metralhadora contra o céu negro. Aquelas balas iriam cair em algum lugar, talvez sobre uma favela. Loucos. Amadores.

Vieram buscá-la pela manhã. Dois guardas. Estavam suando, o que não era novidade, pois todos suavam na prisão. Porém estavam nervosos e agitados, olhos arregalados e medrosos.

- Como vai a guerra? - perguntou Laura.

- Que guerra? - disse o guarda número um, leão-de-chácara de meia-idade, que já vira muitas vezes antes. Não era um dos que a surraram. - É um exercício.

- Exercício contra ataque aéreo? Bem no meio da noite? No centro de Bamako?

- Sim. Era nosso exército, fazendo exercícios. Não se preocupe.

- Acha que vou acreditar nessa besteira?

- Sem conversa! - Algemaram Laura fortemente. Doía. Por dentro, ela ria deles.

Levaram-na para o pátio. Depois, colocaram-na na carroceria de um caminhão. Não era um furgão fechado da polícia secreta, mas um caminhão militar, para andar no deserto, coberto com uma lona e pintura de camuflagem marrom e amarelo. Tinha bancos de madeira para soldados e latões de água e combustível.

Amarraram as pernas dela numa das barras de suporte debaixo do banco. Ficou ali sentada, exultando. Não sabia para onde estava indo, mas agora tudo seria diferente.

Ficou ali, suando sob aquele sol, por dez minutos. Depois, trouxeram outra mulher. Ela era branca e tinha cabelos loiros. Amarraram-na no banco oposto e saíram, fechando a carroceria.

O motor foi ligado, com grande ruído, e começaram a andar. Laura examinou a estranha. Era muito magra e usava uniforme de prisioneira. Parecia ter trinta anos. Seu rosto lhe era familiar. Percebeu que ela e a estranha poderiam ser irmãs, de tão parecidas. Olharam uma para a outra e sorriram, embaraçadas.

O caminhão saiu pelos portões.

- Laura Webster! - disse Laura.

- Katje Selous. - A estranha inclinou-se para a frente, estendendo as duas mãos algemadas. Uma agarrou os pulsos da outra e sacudiram, desajeitadamente, sorrindo.

- Katje Selous, *A. C. A. Corps*! - disse Laura, triunfante.

- O quê?

- Não sei o que significa, mas vi numa lista de prisioneiros.

- Ah! *Azanian Civil Action Corps*. Sou médica. Campo de refugiados.

- Então, você é da África do Sul?

- Agora, chamamos de Azania. E você, é americana?

- *Rizome Industries Group*.

- Rizome - Katje limpou o suor da testa, pálida, de tanto ficar encarcerada. - Não consigo distinguir umas das outras, as multinacionais... - sorriu. - Vocês fabricam loção para bronzear? Aquela loção que faz a pessoa ficar negra?

- Hã? Não! - Laura interrompeu-se. - Não sei, talvez fabriquem, hoje. Estive fora de ação.

- Acho que são vocês que fabricam. - Katje parecia solene. - Muito importante; maravilhoso.

- Meu marido usou essa loção. Pode ter dado a idéia para a Rizome. Ele é muito inteligente. Seu nome é David. - Falar de David fez emergir uma emoção há muito presa em sua alma. Acorrentada na carroceria de um caminhão que só Deus sabia para onde estava indo e com essas poucas palavras ressuscitadoras percebeu que era parte do mundo novamente. O grande e sadio mundo de maridos, crianças e trabalho. As lágrimas logo cobriram seu rosto. Sorriu para Katje e encolheu os ombros, como que pedindo desculpas, e olhou para o chão.

- Deixaram você na solitária, hein?

- Temos uma filha, também. Chama-se Loretta.

- Deixaram você presa mais tempo que eu. Há quase um ano que me levaram do campo.

Laura meneou fortemente a cabeça.

- Eles... - limpou o pigarro. - Você sabe o que está acontecendo?

Katje fez que sim.

- Sei um pouco. Ouvi dos outros reféns. Nas duas últimas noites ocorreram ataques aéreos azanianos. Minha gente. Nossos comandos, acho. Atacaram os reservatórios de combustível. O céu ficou claro a noite inteira!

- Azanianos - repetiu Laura.

Então era isso. Ouvira um combate entre Mali e Azania. Parecia obscuro e improvável. Não que uma guerra africana fosse improvável, aconteciam todo o tempo. Ela tomava conhecimento delas por meio de pequenas notas nos jornais ou nos poucos segundos que lhes dava a tevê a cabo. Mas daí a que fossem reais, que acontecessem num mundo real de poeira, calor e metal voando para todos os lados...

Sul-africanos não apareciam muito nas notícias. Não estavam em moda.

- Sua gente deve ter voado por muito tempo.

- Não muito. Temos porta-aviões - disse Katje, orgulhosa. - Nunca assinamos sua Convenção de Viena.

- É? - Laura assentiu.

Katje olhou para ela clinicamente, uma médica procurando sinais de doenças.

- Você foi torturada?

- O quê? Não. Há cerca de três meses, deram-me uma surra. Depois que eu quebrei uma máquina - respondeu, sentindo-se embaraçada por mencionar o fato. Parecia inadequado. - Não foi como aqueles pobres diabos, no andar de baixo.

- Humm... É, eles é que sofreram.

Era apenas o reconhecimento de um fato. Um julgamento de alguém que viu aquilo várias vezes. Katje olhou pela traseira do caminhão. Estavam no centro de Bamako, paisagem de um pesadelo sem fim de casebres e barracos. Nuvens de fumaça amarela de péssimo aspecto erguiam-se de uma refinaria distante.

- E a senhora, doutora Katje, foi torturada?

- Sim. Um pouco. No início. Você foi atacada? Estuprada?

- Não. Nunca pareciam pensar nisso. Não sei por quê...

Katje encostou-se no banco, concordando.

- É a política deles. Deve ser porque o líder do ELCT seja uma mulher.

- Uma mulher! - disse Laura, espantada.

- Sim... Nós, do sexo frágil, estamos progredindo, hoje em dia - falou Katje, sorrindo.

- Que espécie de mulher faria...

- Os rumores dizem que ela é uma bilionária norte-americana de direita. Ou uma aristocrata britânica. Talvez as duas coisas, hein? - Katje tentou abrir as mãos, com ceticismo; as algemas fizeram barulho. - Durante anos, o ELCT não foi grande coisa... apenas mercenários. De repente, ficou muito organizado. Um novo líder, alguém esperto e determinado, com mais visão. Uma de nós, garotas modernas - riu um pouco.

Não parecia haver muito mais a dizer sobre aquele assunto. Provavelmente, era mentira.

- Para onde acha que estão nos levando?

- Para o norte, para o deserto. E tudo que sei. - Katje pensou mais um pouco. - Por que eles a deixaram trancada, separada de nós? Nunca a vimos. Costumávamos ver sua criada, e só.

- Minha o quê?

- Sua companheira de cela, a pequena informante bambara, lá do andar de baixo. Desculpe. Sabe como é, numa cadeia. As pessoas ficam malucas. Nós chamávamos você de “Princesa Rapunzel”.

- As pessoas ficam malucas. Pensei que vi minha *pcrsona optima*. Mas era você, não era, doutora? Você e eu somos parecidas. Você entrou e me tratou, depois de minha surra, não foi?

- *Persona optima*. Muito americano... Você é da Califórnia? - retrucou Katje.

- Texas.

- Com certeza, não fui eu, Laura. Nunca a vi antes na vida.

Longa e estranha pausa.

- Você acha mesmo que somos parecidas?

- Claro.

- Mas eu sou uma *bôer*, uma *afrikaaner*. E você tem esse aspecto americano, mestiço.

Chegaram a um impasse. A conversa ficou por aí enquanto o calor e a poeira entravam na carroceria vazia do caminhão. Laura estava tratando com uma estranha. Perderam a ligação, em algum ponto. Ela já sentia sede e nem tinham saído ainda da cidade. Esforçou-se para retomar o fio da conversa.

- Mantiveram-me na solitária, porque disseram que eu sabia segredos atômicos.

- Você viu uma bomba? - perguntou Katje, sobressaltada.

- O quê?

- Há rumores de um campo de provas no deserto do Mali. Onde o ELCT tentou construir uma bomba.

- Primeira vez que ouço falar disso. Mas vi o submarino deles. Dizem que tinha ogivas atômicas e mísseis a bordo. Só sei disso, porque atingiram e afundaram um navio em que eu estava.

- *Exocets!* - perguntou Katje, séria.

- Sim, isso mesmo.

- Mas poderiam haver outros mísseis, com maior alcance, hein? O bastante para atingir Pretória?

- Acho que sim. Mas não prova que eram bombas nucleares.

- Mas se eles nos levarem a esse campo de provas e encontrarmos uma grande cratera de areia vitrificada, isso provaria alguma coisa, não?

Laura nada respondeu.

- Isso se associa a uma coisa que o diretor me disse certa vez - falou Katje. - Que realmente não precisavam de mim como refém, porque nossas cidades já eram os reféns.

- Meu Deus, por que as pessoas têm de falar assim? - disse Laura. - Granada, Cingapura... - Tudo isso deixava-a muito cansada.

- Sabe o que penso, Laura? Acho que eles estão nos levando para o campo de provas. Para fazer uma declaração, entende? Eu, porque sou uma azaniana, e nós, os azanianos, somos o povo que eles precisam impressionar no momento. Você, porque esteve no navio deles. O sistema de mísseis.

- Pode ser. E daí? Vão nos deixar ir?

Os olhos esverdeados de Katje ficaram distantes.

- Sou uma refém. Não vão deixar Azania atacá-los sem um preço.

Laura não podia aceitar isso.

- O preço é muito alto, não? Matar duas prisioneiras inocentes?

- Provavelmente vão matar-nos na frente das câmeras. E mandarão a fita à inteligência do exército azaniano.

- Mas vocês, azanianos, contariam para o mundo, não é?

- Estamos contando sobre o ELCT para o mundo desde o começo. Ninguém acreditaria em nós se disséssemos que o Mali tem a bomba. Ninguém acredita no que dizemos. Só nos desdenham e nos chamam de “Estado agressivo imperialista”.

- É uma pena - respondeu Laura, desanimada.

- Nós “somos” um império. O presidente Umtali é um grande guerreiro. Todos os zulus são grandes guerreiros.

- Sim, nós, americanos, tivemos também um presidente negro.

- Ora, aquele cara não era de nada. Vocês ianques nem *têm* um governo de

verdade; só cartéis capitalistas. Mas o presidente Umtali lutou em nossa guerra civil. Trouxe a ordem, onde havia selvageria. Um brilhante general. Um estadista de verdade.

- Gostei de saber que tudo está indo bem - disse Laura.

- Os negros azanianos são os melhores negros do mundo! Ficaram ali sentadas, suando. Laura não podia deixar passar essa.

- Olhe, não sou uma grande patriota ianque, mas que tal... sabe... jazz, blues, Martin Luther King?

- Martin Luther King - Katje acomodou-se em seu banco. - Tudo foi só um piquenique para ele, em comparação com nosso Nelson Mandela.

- Sim, mas...

- Os negros ianques nem mesmo são negros. São mulatos, na verdade. Parecem todos europeus.

- Espere um pouco...

- Você nunca viu nossos negros , mas eu vi os seus. Os negros americanos lotam nossos melhores restaurantes e jogam com seu forte dinheiro global em *Sun City*... são ricos e moles.

- Eu mesma, venho de uma cidade de turismo.

- Estamos numa grande economia de guerra, precisamos daquela moeda forte... Lutar contra o caos... O pesadelo sem fim que é a África... Nós, africanos, sabemos o que significa sacrifício. Parece duro, hein? Lamento. Mas vocês estrangeiros não entendem.

- É verdade - disse Laura, olhando para a traseira do caminhão.

- Parece ser o dever de minha geração pagar pelos erros da história

- Você está mesmo convencida de que vão nos matar, não é mesmo? A outra pareceu distante.

- Lamento que você tenha se envolvido.

- Eles mataram um homem em minha casa. Foi onde tudo começou para mim. Sei que não parece muito, uma só morte, em comparação com o que tem acontecido na África. Mas eu não podia deixar passar. Não podia esquivar-me de minha responsabilidade pelo que aconteceu em minha própria casa Acredite, tive muito tempo para pensar no assunto. E ainda acho que estava certa, mesmo que me custe a vida.

Katje sorriu.

Tinham se juntado a um comboio. Dois meias-lagartas blindados entraram atrás deles, pulando pela estrada esburacada, as metralhadoras sacudindo em suas torres.

- Eles acham que têm uma resposta - disse Katje, olhando para os blindados. - Em Mali, era pior quando eles chegaram.

- Não posso imaginar nada pior.

- Não é algo que se possa imaginar, é preciso ver.

- Você tem uma resposta?

- Agüentamos e esperamos por um milagre. Salvar quem pudermos... Estávamos conseguindo alguma coisa naquele campo, acho, antes que fosse tomado pelo ELCT.

Capturaram a mim, mas o resto de meu pessoal escapou. Estamos acostumados a caminhadas, o deserto está cheio de escorpiões.

- Você estava em Mali?

- Na verdade, na Nigéria. Mas isso é apenas uma formalidade. Não há uma autoridade centralizada. Só há chefes de tribo. Frente Tribal Fulani, as Forças Fraternas Sonrai, todo tipo de exército de bandidos, ladrões, milícias. O deserto fervilha com eles. As máquinas do ELCT também.

- Que quer dizer com isso?

- É como eles preferem trabalhar. Por controle remoto. Quando localizam os bandidos, atacam-nos com aviões-robô. Ficam perseguindo-os pelo deserto. Como hienas de aço matando ratos.

- Jesus!

- Eles são os especialistas, os técnicos. Aprenderam coisas no Líbano, Afeganistão e Namíbia. Como lutar contra os terceiro-mundistas sem ser tocados por eles. Nem mesmo olham para eles, exceto pelos monitores dos computadores.

Laura sentiu que os reconhecia.

- Foram eles, sim... Vi tudo isso acontecer em Granada.

- O presidente do Mali achou que fizeram um bom trabalho. Fez deles sua guarda palaciana. Ele é uma marionete. Acho que o mantêm drogado.

- Vi o cara que governa Granada. Aposto que esse presidente do Mali nem existe. Nada é senão uma imagem num monitor e alguns discursos pré-gravados.

- Eles podem fazer isso?

- Em Granada, eles fizeram. Eu vi o primeiro-ministro deles desaparecer no ar.

Katje ficou pensativa. Laura podia ver no rosto dela: pensava se Laura era louca ou se estava ficando ou se o brilhante mundo da televisão gerava algo tenebroso e assustador em seus escuros cantos de vodu.

- É como se eles fossem mágicos - disse a outra, por fim. - E nós somos apenas gente.

- Sim - concordou Laura. Levantou dois dedos. - Mas nós temos solidariedade e eles estão ocupados, matando uns aos outros.

- Mas nós vamos ganhar - falou Katje, sorrindo.

Começaram a conversar sobre outros prisioneiros. Laura memorizara toda a lista. Marianne Meredith, correspondente da televisão, era a chefe das prisioneiras. Foi ela quem inventou - ou, talvez, já conhecesse - os melhores métodos de passar mensagens. Lacoste, o diplomata francês, era o intérprete; seus pais eram emigrados da África e conhecia duas línguas das tribos do Mali.

Torturaram os três agentes de Viena. Um deles confessara, os outros dois foram soltos ou mortos.

Steven Lawrence fora preso num campo da Oxfam. Os campos eram freqüentemente atacados, porque produziam *scop,* a fonte principal de alimento para

milhões de saarianos. O mercado negro da proteína unicelular era a principal atividade econômica da região. O "governo" da Mauritânia, por exemplo, era pouco mais que um cartel de scop. Recebia doações estrangeiras, possuía algumas minas de potassa e um exército; isso era a Mauritânia.

O Chade era uma pervertida nação burocrata, onde, periodicamente, uma minoria de aristocratas mandava os bandoleiros esvaziar suas armas automáticas sobre a população faminta. O Sudão era governado por um lunático muçulmano radical que consultava dervixes, enquanto as fábricas faliam e os aeroportos se deterioravam. A Argélia e a Líbia eram Estados de um só partido, mais ou menos organizados nas regiões litorâneas, mas na mais total anarquia tribal no sertão do Saara. O governo da Etiópia só era mantido devido à proteção de Viena; era frágil e estava cercado por uma dúzia de "frentes de ação" camponesas.

Todos eles tiravam seu veneno da herança letal do século anterior. Possuíam uma quantidade enorme de armamentos obsoletos, passados de governo para governo por preços baratíssimos. Da América ao Paquistão, dos *mu-jahedin* aos guerrilheiros somalis, sem nada que justificasse essa operação a não ser um sagrado desespero pelo martírio... Da Rússia para um grupo de tiranos marxistas que disparam em tudo que pareça com um intelectual burguês... Bilhões em auxílio foram jogados no sul do Saara, que, permanentemente, degeneravam governos em bizarros funis de dívidas e cobiça. Com a situação piorando, cada vez mais armas se tornavam necessárias para manter a ordem", a "estabilidade" e a "segurança nacional". O mundo exterior dava um grande suspiro de alívio que todo aquele lixo mortal fosse jogado nas mãos de gente ainda desesperada para se matar uns aos outros.

Ao meio-dia, o comboio parou. Um soldado deu-lhes água e mingau. Estavam em pleno Saara; tinham estado viajando o dia todo. O motorista tirou as correntes de suas pernas. Não havia para onde correr.

Laura saltou, ficando exposta ao sol escaldante. O ar aquecido distorcia o horizonte e o comboio parecia naufragado numa praça em brasa. O comboio tinha três caminhões: o primeiro, de soldados; o segundo, com equipamentos de rádio; e o terceiro era o delas. Os dois meias-lagartas iam atrás. Ninguém saiu deles, nem tampouco suas guarnições se alimentaram. Eram robôs, grandes versões carnívoras de um táxi-ônibus comum.

A luz do deserto era sedutora. Laura teve um impulso hipnótico de correr para o horizonte de prata, para desaparecer sem dor na paisagem infinita, como gelo seco, deixando só pensamento puro e uma voz em meio ao vento.

Tempo demais numa cela. O horizonte era estranho, exercia atração sobre ela, como se tentasse arrancar sua alma pelas pupilas dos olhos. A cabeça enchia-se com estranhos pensamentos. Logo recuperou o controle e subiu novamente para a sombra da lona do caminhão.

Viajaram por toda a tarde e noite. Não havia areia, só solos rochosos, erodidos, como paisagem marciana. Quilômetros de pedras rachadas pelo sol; horas e

horas, de morros de arenito em milhões de tons de marrom e bege, cada um mais tedioso que o outro. Passaram por outro comboio militar à tarde e um avião distante cruzou o horizonte sul.

À noite, deixaram a estrada e os caminhões foram estacionados em círculo. Os soldados fincaram estacas de metal nas pedras à volta do acampamento. “Monitores”, pensou Laura. Comeram de novo, o sol se pôs, um estranho ocaso do deserto, que deixava o horizonte claro com um fogo cor-de-rosa. Os soldados deram a cada uma delas um cobertor do exército, para dormir nos bancos do caminhão. Algemaram um de seus pés, para que não atacassem algum soldado no escuro e o despedaçassem com as unhas.

Assim que o sol se pôs, o calor desapareceu. Durante toda a noite fez muito frio. Com a primeira luz da manhã, ouvia-se as rochas estalando como tiros, atingidas pela luz solar.

Os soldados abasteceram os caminhões com latões de combustível. Só nessa hora ela se lembrou dos latões. Poderia ter arrumado um modo de derramar um deles sobre o caminhão e atear fogo. Mas, com certeza, não teria forças para carregar um latão nem arranjaria fósforos.

Receberam mais mingau, desta vez com lentilhas. Depois, partiram para os costumeiros cinqüenta quilômetros diários, sacolejando para todos os lados, machucando-se e engolindo poeira dos dois caminhões à frente.

A esta altura, já tinham contado tudo uma para a outra. Como Katje crescera num campo de reeducação, porque seus pais eram *verkrampte,* reacionários, em vez de *verligte,* liberais. Esses campos não eram tão ruins como se dizia. Os bôeres estavam acostumados com os campos. Os britânicos os criaram durante a Guerra dos Bôeres e eles próprios usavam o termo “campo de concentração” para designar o lugar em que ficavam os civis bôeres seqüestrados. O pai de Katje conservou seus negócios na cidade, enquanto facções negras rivais estavam ocupadas em “colocar colares” umas nas outras, ou seja, colocando pneus cheios de óleo nas cabeças das vítimas e queimando-as vivas em público...

A Azania sempre fora uma série de acampamentos de trabalhadores migrantes aglomerados em barracas e bairros negros mantidos em isolamento por policiais com chicotes de couro de rinoceronte e pela necessidade de salvos-condutos. Havia também intelectuais “banidos”, proibidos por lei de se reunir em grupos de mais de três pessoas, assim formando um território tribal independente, que era a redoma legal em que se enclausurava a pessoa...

Laura ouviu a outra contando tudo isto, aquela loira que tanto se parecia consigo, e em resposta só podia dizer: “Bem... Claro, eu também tenho problemas... Por exemplo, minha mãe e eu não nos entendemos muito bem. Eu sei que não parece grande coisa, mas acho que se você estivesse em meu lugar, teria outra opinião.”

Os caminhões diminuíram a marcha. Estavam descendo um morro.

- Acho que estamos chegando - disse Laura, tentando se mexer.

- Deixe-me olhar - disse Katje, casualmente. Levantou-se, foi até a traseira do caminhão e olhou à volta da lona, segurando-se. - Eu sabia... Um *bunker* de concreto. Jipes e... uma cratera. Laura, uma cratera grande como um vale.

Então, o meia-lagarta atrás delas explodiu. Simplesmente voou em pedaços como um bibelô de porcelana, instantânea a graciosamente. Katje olhou para aquilo com uma expressão de alegria infantil e Laura de repente estava no chão, para onde lançou-se por reflexo que a atingiu mais depressa do que poderia pensar. Um trovão encheu o ar. Ouvia-se o martelar das armas automáticas, com suas balas perfurando a lona numa linha reta, como uma máquina de costura, deixando entrar a luz do sol pelos buracos e cruzando bem onde estava Katje. Ela deu um pequeno pulo, quando a linha de balas cruzou-a. Depois, virou-se e olhou para Laura, com uma expressão de surpresa, e caiu de joelhos.

O segundo meia-lagarta capotou, quando algo atingiu-o no eixo da frente, deixando-o em chamas. No ar, o zunido das balas. Laura rastejou até onde Katje estava de joelhos. Esta segurava o estômago com as duas mãos, quando as tirou, estavam cobertas de sangue. Katje olhou para Laura e caiu no chão do caminhão, desajeitadamente, bem devagar.

Estavam matando os soldados do caminhão da frente. Ela podia ouvi-los morrer. Não parecia que respondiam ao fogo, tudo estava acontecendo depressa demais, com uma rapidez letal, em segundos. Ouviu o fogo de metralhadoras atingindo a cabine de seu caminhão, vidros voando, fragmentos de metal em vôo supersônico. Mais balas, rompendo o piso de madeira do caminhão, lascas voando alegremente pelo ar, como confete. Mais uma vez, o truque das espadas atravessando o barril, balas rompendo a lona do caminhão, com o ruído dos impactos na carroceria.

Silêncio.

Mais tiros, à queima-roupa. Tiros de misericórdia.

Uma mão preta segurando uma arma apareceu no fundo do caminhão, usando óculos cobertos de poeira e no rosto um véu azul escuro. A pessoa olhou para as duas e murmurou algo ininteligível. Voz de homem. O homem com véu pulou para dentro, caiu agachado e apontou a arma para Laura. Ela ficou imóvel, sentindo muito medo.

O homem gritou e acenou para fora. Tinha uma capa azul e túnica de lã, e em seu peito várias bolsas de couro penduradas com grampos. Possuía uma bandoleira de cartuchos e uma adaga recurvada, quase do tamanho de um facão de mato, e usava grossas e sujas sandálias. Fedia como um animal selvagem, o forte almíscar de dias de sobrevivência no deserto e suor. Passaram-se alguns minutos. Katje fez um ruído rouco com a garganta. As pernas estremeceram duas vezes e os olhos fecharam, mostrando o branco dos olhos. Estado de choque.

Outro homem com véu apareceu nos fundos do caminhão. Os olhos ocultos por óculos de cor, carregando um lança-foguetes. Apontou para o caminhão. Laura olhou bem, viu o brilho de uma das lentes e percebeu então que era uma câmera de vídeo.

- *Ei*! - Laura sentou-se e mostrou para a câmera as mãos amarradas.

O primeiro assaltante olhou para o segundo e disse alguma coisa, um longo fluxo de polissílabos. O segundo concordou e baixou a câmera.

- Você pode andar?

- Sim, mas minha amiga está ferida.

- Saia, então. - Puxou a tampa da carroceria do caminhão, que rangia muito, as balas a haviam deformado. Laura rastejou depressa para fora.

O homem com a câmera olhou para Katje.

- Ela está mal. Teremos de deixá-la para trás.

- Ela é uma refém azaniana. Importante.

- Os malianos vão curá-la, então.

- Não, vão matá-la! Não podem deixá-la morrer aqui! Ela é médica, trabalha nos campos de refugiados!

O primeiro assaltante voltou trotando, com o cinturão do motorista morto, com fileiras de balas e um chaveiro. Estudou bem as algemas de Laura, pegou a chave certa e abriu-a. Deu-lhe as algemas e as chaves, com uma mesma elegante, a mão sobre o coração.

Outros assaltantes do deserto, cerca de duas dúzias, estavam saqueando os caminhões quebrados. Dirigiam pequenos e esqueletais *buggies*, do tamanho de jipes, feitos de tubos, barras e arame. Os carros saltitavam, ágeis, silenciosos como bicicletas, com o ruído das rodas de tela de arame e o gemido leve das molas. Os pilotos usavam véus e túnicas. Pareciam grandes, estufados, fantasmagóricos. Dirigiam sentados em selas acomodadas sobre volumes de carga e amarradas por baixo de lona.

- Não temos tempo - o assaltante com a câmera acenou para os outros e gritou na língua deles. Gritaram em resposta, e os homens a pé começaram a subir nos carros e guardar o butim: munição, armas e latões de combustível.

- Quero que ela viva! - gritou Laura.

O bandido alto, com óculos, rosto coberto pelo turbante, corpo coberto de cinturões e armas olhou para ela. Laura enfrentou-o sem piscar.

- Certo, a decisão é sua.

Ela sentiu o peso das palavras dele. Estava lhe dizendo que era livre, de novo. Fora da prisão, no mundo das decisões e conseqüências. Uma forte sensação de euforia tomou conta dela.

- Leve minha câmera. Não mexa nos botões - o estranho tomou Katje nos braços e colocou-a em seu *buggy*.

Laura seguiu-o, carregando a câmera. A estrada aplainada queimava seus pés descalços. Foi aos pulos para a sombra do *buggy*. Olhou para o declive.

A armação de ferro de uma torre vaporizada marcava o *ground zero,* o ponto de explosão. A cratera atômica não era tão funda quanto imaginara. Era rasa e ampla, marcada com faixas esquisitas, pequenos montes de cacos de vidro como lama

rachada. Parecia comum, arruinada, esquecida, como uma velha escavação para resíduos tóxicos.

Os jipes estavam se afastando do *bunker*, fazendo barulho para subir a ladeira. Tinham soldados na traseira, a guarnição do campo de provas, armados de metralhadoras pesadas.

A um quilômetro de distância, abriram fogo. Laura viu a poeira levantando quinze metros abaixo deles, e depois o barulho distante dos tiros.

O estranho estava arrumando a carga com todo o cuidado. Olhou um pouco para os jipes que se aproximavam, como olharia para um relógio de pulso. Virou para Laura e disse:

- Vá atrás e segure-a.

- Está bem.

- Certo, ajude-me com ela - Sentara Katje no espaço livre de carga, a seu lado. Os olhos de Katje estavam abertos de novo, mas estavam vidrados.

Os tiros de metralhadora ricochetearam nos restos de um dos meias-lagartas. De repente, o jipe da frente foi pelos ares. Uma emboscada. Caiu com força, capotando, homens e pedaços de carro voavam. Depois, o barulho da explosão da mina terrestre alcançou-os. Os dois outros jipes desviaram para o acostamento da estrada. Laura levantou-se, passando o braço em torno dos ombros de Katje.

- Abaixe a cabeça - O estranho subiu e pôs o *buggy* em movimento. Arrancaram, silenciosamente. Fora da estrada, pelo deserto.

Em alguns instantes, estavam bem longe, no deserto cheio de dunas, com lascas de pedras e grandes rochedos brilhando ao sol. Ocasionalmente, avistavam arbustos de um metro de altura e pequenos trechos de grama seca. O calor da tarde era mortal, refletindo-se do solo como raios-X.

Uma bala atingira Katje perto do umbigo e saíra pelas costas, atingindo uma costela. No forte calor, as duas feridas cicatrizaram rápido; manchas de sangue coagulado nas costas e no estômago. Tinha um corte profundo no tornozelo, causado por lascas de pedra.

Laura não estava ferida Raspara, levemente, um dos dedos, quando se jogara no chão do caminhão. Foi tudo. Estava admirada com sua sorte, até lembrar que fora metralhada duas vezes na vida sem mesmo estar num maldito exército...

Percorreram cerca de cinco quilômetros, sacudindo e desviando-se para todos os lados. O assaltante diminuiu a velocidade.

- Eles virão atrás de nós - gritou para ela. - Não com jipes, mas com aviões. Preciso correr sem parar e vamos ficar ainda algum tempo debaixo do sol. Proteja-a do sol. Cubra sua cabeça.

- Com o quê?

- Procure nesta bolsa. Não, naquela! Estas são minas terrestres.

Laura abriu uma lona e colocou-a sobre Katje. Depois pegou outra mochila. Havia roupas; encontrou uma camisa militar, suja. Colocou-a sobre a cabeça e

pescoço, fazendo com as mangas um turbante, que enrolou na testa.

Depois de tentar diversas chaves, conseguiu abrir as algemas de Katje. Jogou-as para fora do jipe, com as chaves. Coisas más como vermes de metal.

Subiu no monte de carga, atrás de seu salvador. Ele lhe passou os óculos.

- Experimente isto.

Os olhos dele eram azul-claro.

Ela colocou os óculos. As bordas de borracha pressionavam seu rosto, frias com o suor dele. O brilho torturante desapareceu de imediato. Estava agradecida.

- Você é americano, não?

- Da Califórnia - baixou o véu, mostrando-lhe o rosto. Era um véu tribal complicado, metros de tecido enrolado em seu rosto e cabeça, formando um alto e estriado turbante, com as pontas sobre os ombros. Uma grossa tinta vegetal anil tinha sido passada em sua boca e em seu rosto anglo-saxônico.

Tinha barba ruiva de duas semanas, já grisalha. Sorriu um pouco, mostrando seus dentes americanos incrivelmente brancos.

Parecia um apresentador de televisão, horrivelmente deformado. Ela presumiu de imediato que era um mercenário, algum tipo de assessor militar.

- Quem é sua gente?

- Somos a Revolução Cultural Inadin. E você?

- *Rizome Industries Group*. Laura Webster.

- Mesmo? Você deve ter uma longa história para contar. - Olhou para ela com um súbito e intenso interesse, como um gato quieto espreitando uma presa.

Sem aviso, sentiu um poderoso lampejo de *déjà vu*. Lembrou-se de ter viajado para um exótico parque com animais selvagens, com a avó. Colocaram-na na janela do carro para ver um grande leão devorando uma carcaça. A lembrança veio-lhe claramente: grandes dentes brancos, pêlo bonito e o focinho sujo de sangue até os olhos. O leão levantou a cabeça calmamente e olhou para ela exatamente como o estranho o fazia agora.

- O que é um *inadin?* - quis saber Laura.

- Conhece os tuaregues? Tribo do Saara? Não, hein? - puxou parte do turbante, sobre os olhos. - Bem, não importa. Chamam a si mesmos “Kel Tamashek”. *Tuareg é* o nome que os árabes lhes deram, e significa “os esquecidos”.

O veículo estava acelerando de novo, desviando-se com agilidade das pedras maiores. A suspensão absorvia bem os choques. “Bom projeto”, ela pensou. As rodas largas, de arame, mal deixavam trilha.

- Sou um jornalista. *Free-lance*. Faço a cobertura das atividades deles.

- Qual é seu nome?

- Gresham.

- Jonathan Gresham?

Gresham observou-a demoradamente. Surpreso, pensativo. Estava reavaliando-

a. Ele sempre parecia estar avaliando-a.

- Os disfarces nunca funcionam - disse, por fim. - Bem, o que há? Fiquei famoso?

- Você é o coronel Jonathan Gresham, autor de *A Doutrina Lawrence e a Insurgência Pós-Industrial*.

Gresham parecia encabulado.

- Escute, eu estava todo errado, naquele livro. Até então, não sabia de nada. A maior parte é teoria, pura bobagem. Você não leu, não é?

- Não, mas conheço gente que tinha grande consideração por ele.

- Amadores.

Ela olhou para Gresham. Ele parecia ter nascido no limbo e sido educado no inferno.

- É, acho que sim.

Gresham continuou falando.

- Ouviu sobre mim por meio dos carcereiros, hein? Sabia que tinham lido minhas coisas. Viena leu, também, não parece que lhes fez algum bem.

- Deve significar alguma coisa! Sua turminha, com esses *buggies*, acabou com todo um comboio!

Gresham apertou os olhos, como um artista de vanguarda elogiado por um reacionário.

- Se eu tivesse uma espionagem melhor... Lamento por sua amiga, Laura. Azares da guerra.

- Poderia ter sido eu.

- Sim, depois de algum tempo, você entende isso.

- Acha que ela vai viver?

- Não, não creio. Se um de nós tivesse uma ferida dessas, daríamos um tiro de misericórdia. Eu mesmo poderia fazer isso. - Olhou para Laura, estava querendo ser claramente generoso.

- Ela não precisa de mais balas, necessita de uma cirurgia. Há um médico por aqui?

Ele meneou a cabeça.

- Há um campo de refugiados azaniano, a três dias de viagem. Mas não vamos para lá, precisamos nos reunir em nosso armazém local. Temos de cuidar de nossa própria sobrevivência, não podemos fazer gestos cavalheirescos.

- Ela está morrendo! - disse Laura, puxando a túnica de Gresham.

- Você está na África. Mulheres agonizantes são comuns, aqui.

Laura deu um profundo suspiro. Chegara no fundo do poço.

Olhou à volta, tentando clarear as idéias. A mente estava em frangalhos. O deserto a sua volta parecia consumi-la. Todas as complexidades desapareciam: era duro, simples e elementar.

- Quero salvar a vida dela, Jonathan Gresham.

- Essa tática é má - evitou olhar para Laura, prestando atenção na estrada. - Eles não sabem que ela está ferida mortalmente. Se for uma refém importante, esperam que sigamos para aquele campo. Não vivemos até agora fazendo o que o ELCT espera

Ela afastou-se um pouco. Mudou a argumentação.

- Se eles atacarem aquele campo, a Força Aérea Azaniana vai pisotear em cima do que sobrou da capital.

Ele olhou-a como se ela tivesse enlouquecido.

- Verdade. Há quatro dias, os azanianos atacaram Bamako, duramente. Depósitos de combustível, comandos, tudo. Eles têm porta-aviões próprios.

- Mas ora, vejam só... - Gresham sorriu, de repente. Era um sorriso de deboche. - Conte-me mais, Laura Webster.

- Foi por isso que estavam levando-nos para o campo de provas atômico. Para fazer uma declaração de propaganda, assustar os azanianos. Vi o submarino nuclear deles. Até vivi a bordo. Por algumas semanas.

- Jesus Cristo! - disse Gresham. - Viu tudo isso? Você é uma testemunha ocular?

- Sim, vi.

Ele acreditava. Ela podia ver que era difícil para ele, que eram novidades que mudavam os pressupostos básicos de sua vida. Ou pelo menos os pressupostos básicos de sua guerra, se é que havia alguma diferença entre sua vida e sua guerra. Mas reconheceu que ela lhe contara a verdade. Estava passando entre eles algo fundamental e humano.

- Precisamos fazer uma entrevista - murmurou ele.

Uma entrevista. Ele tinha uma câmera. Ela sentia-se confusa, aliviada, obscuramente envergonhada. Ela olhou para trás, para o alicerce moral. Ainda estava lá.

- Salve a vida de minha amiga.

- Podemos tentar.

Levantou-se na sela e puxou algo do cinturão: um leque branco, enorme. Abriu-o sobre a cabeça. Ele o sacudiu, fazendo sinais. Pela primeira vez Laura percebeu que havia outro tuaregue, um *buggy*, quase perdido no calor, estava a cerca de um quilômetro ao norte. Ela mal enxergava quem sinalizava em resposta.

Katje gemeu, lá atrás, um som animal.

- Não a deixe beber muita água - Gresham avisou. - Limpe seu suor.

Laura foi para trás.

Katje estava acordada, consciente. Havia algo vasto e elementar, terrificante, sobre sua provação. Havia tão pouco que pudesse ser feito pelas palavras ou pelo pensamento - não havia maneira de argumentar com a morte. O rosto dela era como uma caveira e estava lutando sozinha.

Com o passar das horas, Laura fez o que pode. Uma palavra ou duas com

Gresham e ela descobriu o pouco que ele podia ajudar. Colocou um apoio para a cabeça e os ombros de Katje. Bolsas de água destilada. Passou uma gordura para proteger a pele do corpo, que cheirava à de animal, e uma tinta preta no rosto para impedir a reflexão de luz. A ferida nas costas era a pior. Estava aberta e Laura receava que fosse infeccionar. A cicatriz tinha-se aberto duas vezes, com as sacudidas, e um fio de sangue descia pela espinha.

Pararam uma vez, quando bateram numa pedra e a roda dianteira direita ficou avariada. Também uma outra vez, quando Gresham pensou ver aviões de reconhecimento, mas era um par de abutres.

Com o pôr-do-sol, Katje começou a delirar. Pedaços esparsos de toda uma vida. Seu irmão, advogado. As cartas da mãe em papel de carta florido. Chás. Escola de etiqueta. Sua mente tentava agarrar, no delírio, alguma visão a quilômetros e anos de distância. Um pequenino centro de ordem humana num horizonte desolado.

Gresham dirigiu até bem depois do pôr-do-sol. Parecia conhecer a região. Nunca o viu consultando um mapa.

Por fim, parou num canal fundo de arroio; um *wadi*, como ele o chamou. O solo arenoso do rio seco estava cheio de arbustos de cerca de um metro de altura, que cheiravam a creosoto e estavam cheios de espinhos irritantes.

Gresham desceu, levando uma mochila. Puxou seu facão de mato e começou a cortar os arbustos.

- Os aviões são mais perigosos, depois que escurece. Usam infravermelho. Se nos acharem, vão atirar no veículo. - Começou a colocar os ramos sobre o *buggy*, camuflando-o. - Vamos dormir longe dele. Junto com a bagagem.

- Está bem - Laura saiu do *buggy*, cansada, suja, até os ossos. - Como posso ajudar?

- Vista-se adequadamente para o deserto. Veja o que há na mochila.

Ela levou a mochila para o outro lado do veículo e começou a procurar algo: camisas, sandálias, uma longa e desbotada túnica azul, toda amassada e manchada. Tirou sua blusa de presidiária.

Ficou chocada com sua magreza. Podia ver todas as costelas. Magra, velha e cansada, como alguma coisa que deveria ser morta. Pôs a túnica pela cabeça: as costuras dos ombros estavam sobre seus cotovelos e as mangas cobriam seus dedos. Era grossa e amaciada pelo uso excessivo. Cheirava a Gresham, como se ele a tivesse abraçado.

Estranho pensamento, estonteante. Ficou envergonhada Espetáculo lamentável. Gresham não desejaria uma louca como ela... O chão subiu e foi de encontro a ela. Ficou num amontoado de seus próprios braços e pernas, pensando no que teria acontecido. Um tempo indeterminado passou, uma dor vaga e ondas de tontura.

Gresham levava-a em seus braços.

Olhou para ele, sem entender. Ele deu-lhe água. A água a reanimou o suficiente para sentir o quanto estava mal.

- Você desmaiou - disse ele.

Ela fez que sim, entendendo, afinal. Gresham carregara-a, como se fosse um feixe de balões. Ela estava leve, oca, os ossos de um passarinho.

Havia uma pequena barraca presa à parede do arroio. Uma proteção simples contra o vento, com um teto de camuflagem para deserto. Sob aquele teto, observou um vulto escuro junto à roupa de Katje; outro dos assaltantes tuaregues, com um longo fuzil de franco-atirador nas costas. Gresham colocou Laura no chão, trocou algumas palavras com o tuaregue, que assentiu, sombrio. Laura rastejou para baixo da tenda, sentindo uma lã grossa debaixo de si: era um tapete.

Encolheu-se sobre ele. O tuaregue cantarolava desafinadamente, debaixo de um céu de estrelas muito brilhantes.

Ela foi acordada com o vapor do chá que estava sendo preparado. O céu mal começara a clarear, um vermelho da aurora despontando no leste. Alguém jogara uma manta sobre ela, durante a noite. Tinha um travesseiro, também, uma mochila com alguma coisa escrita num alfabeto estranho. Sentou-se, com o corpo dolorido.

O tuaregue entregou-lhe uma xícara, gentilmente, como se fosse algo precioso. O chá quente era marrom escuro, doce e saboroso, com um cheiro forte de hortelã. Laura bebeu um pouco. Fora fervido, não fermentado, e atingiu-a como um narcótico forte e adstringente. O gosto era ruim, mas podia sentir que enrijecia sua garganta como couro curtido, reforçando-a para sobreviver mais um dia.

O tuaregue quase virou-se de costas, envergonhado, e discretamente ergueu o véu. Bebericou fazendo ruído, apreciando. Abriu uma bolsa e ofereceu a ela: pelotinhas marrons de alguma coisa, como amendoins. Algum tipo de scop seco. Tinha gosto de serragem adocicada. Café da manhã. Ela comeu duas mancheias.

Gresham emergiu da penumbra, como um vulto enorme enrolado até os olhos, com outra mochila sobre o ombro. Jogava punhados de alguma coisa sobre a areia, com gestos rápidos, rituais. Alguma camuflagem, talvez? Não fazia idéia

- Ela conseguiu sobreviver a esta noite - disse-lhe Gresham, limpando as mãos. - No amanhecer, até falou um pouco. Teimosos, esses bôeres.

Laura levantou-se, o corpo dolorido. Sentia-se envergonhada.

- Não estou ajudando muito, não é?

- Este não é seu mundo. - Gresham ajudou o tuaregue soltar e dobrar a tenda. - Sem perseguição, desta vez... Plantamos algumas tochas, que talvez enganem os aviões. Ou podem pensar que somos comandos azanianos. Ao menos, espero. Poderíamos provocar alguma coisa interessante.

A confiança dele terrificou-a.

- Mas se o ELCT tem a bomba... Você não pode provocar gente que pode destruir cidades inteiras!

Ele pouco ficou impressionado.

- O mundo está cheio de cidades - Gresham olhou seu relógio num bracelete de

couro trançado. - Há um longo dia pela frente, vamos andar.

Tinha recolocado tudo no *buggy*; deslocou parte de sua carga para o caminhão. Katje estava num ninho de tapete, na sombra de uma lona, olhos abertos.

- Bom dia - ela murmurou.

Laura ficou sentada ao lado dela, apoiando suas costas e pernas. Gresham colocou o *buggy* em movimento. Demorou para dar partida. “Bateria no fim”, pensou ela.

Tomou o pulso de Katje. Pulso leve, fraco.

- Vamos levá-la de volta pra sua gente Katje.

Katje piscou, vagarosamente. Seu rosto estava pálido, com as veias aparecendo. Fez força para falar.

- Ele é um selvagem, um anarquista.

- Tente descansar. Você e eu vamos sobreviver a isto. Vamos viver para contar a história.

O sol despontou sobre o horizonte, uma vivida bola amarela de calor.

O tempo foi passando e o calor aumentando aos poucos. Estavam deixando o Saara e chegando numa região que tinha algo mais parecido com terra. Talvez tivesse sido um terreno para pastagem, porque havia ossadas de gado.

Ela nunca tivera consciência do desastre africano. Era continental, planetário. Viajaram milhares de quilômetros sem ver outro ser humano, sem ver nada senão alguns pássaros e rastros de lagartos. Pensou que Gresham estava sendo abusado, deliberadamente brutal, mas entendeu como devia importar-se pouco com o ELCT e todo seu armamento. Eles viviam aqui, isto era seu lar. Um bombardeio atômico não poderia piorá-lo. Só aumentaria este território.

No meio da tarde, um caça do ELCT avistou um dos *buggies* tuaregues e o destruiu. Laura nem viu o avião, nenhum sinal do encontro mortal, exceto uma distante coluna de fumaça. Pararam e buscaram abrigo por meia hora, até que o avião-robô esgotasse sua munição ou seu combustível.

As moscas os acharam imediatamente, enquanto esperavam. Enormes e atrevidas moscas saarianas, que pousavam nas roupas manchadas de sangue de Katje como ímãs. Tinham de ser espantadas, mandadas para longe, mas não queriam ir embora. Elas faziam um pequeno arco, zumbindo, e voltavam ao mesmo lugar. Laura lutou bravamente contra elas, piscando quando pousavam em seus óculos, tentando lamber a umidade de seu nariz e lábios.

Por fim, a caravana, espalhada, trocou sinais com os leques. O motorista sobrevivera, sem ferimentos; um companheiro o recolhera, assim como o que sobrara do veículo.

- Agora, tudo acabou - disse-lhe Gresham, enquanto dirigia. Desencavara de algum lugar um par de velhos óculos de sol. - Sabem para onde vamos, se já não sabiam. Se tivéssemos bom-senso, ficaríamos escondidos para descansar e consertar os veículos.

- Mas ela vai morrer.

- Aposto que ela não passa desta noite.

- Se ela passar, nós também vamos.

- O palpite não é mau.

Pararam, depois do anoitecer, numa aldeia de camponeses abandonada. As casas eram feitas de adobe e sem tetos, arrancados pelo vento. Havia arbustos espinhosos nas ruínas de um curral e um longo fosso dividia a antiga roça em duas. O solo nos canais de irrigação rudimentares estava tão carregado de sal que até brilhava. O profundo poço de pedra estava seco. Várias pessoas viveram naquele lugar; gerações e gerações, mil anos tribais.

Deixaram o *buggy* escondido em uma das casas arruinadas e fizeram o acampamento no fundo de um fosso, a céu aberto. Laura estava mais forte. Não sentia mais tontura, nem dores pelo corpo. O deserto a reduzira a alguma camada do ser em que a vitalidade era puro reflexo. Desistiu de preocupar-se. Era um ascetismo animal.

Gresham armou a tenda e esquentou uma tigela de sopa, com uma resistência elétrica. Depois saiu, a pé, até algum posto avançado de sua caravana. Laura bebeu a sopa de proteína com muito gosto. O cheiro acordou Katje.

- Estou com fome - murmurou ela.

- Não, você não deve comer.

- Por favor, preciso. Só um pouquinho. Não quero morrer com fome.

Laura reconsiderou. Sopa. Não era muito pior do que água, com certeza.

- Você esteve comendo - Katje acusou-a, olhos vidrados, de fantasma. - Você comeu tanto. E eu fiquei sem nada.

- Está bem, mas só um pouquinho.

- Não seja sovina.

- Estou tentando pensar no que é melhor para você... - Sem resposta, só olhos dolorosos, cheios de suspeita e esperança febril. Laura inclinou a tigela e Katje engoliu desesperadamente.

- Deus, sinto-me bem melhor. - Ela sorriu, num ato de comovedora coragem. - Sinto-me melhor... Muito obrigada. - Encolheu-se de novo, respirando fundo.

Laura reclinou-se, dentro de seu *djellaba*, endurecido pelo suor, e adormeceu. Acordou quando percebeu Gresham entrando na barraca. Estava muito frio de novo, aquele frio lunar do Saara, e podia sentir o calor irradiando do corpo dele, grande, macho, viril. Ela sentou-se e ajudou-o a entrar debaixo do tapete.

- Fizemos um bom percurso, hoje - disse ele, baixinho. A voz suave do deserto, uma pequeníssima perturbação do silêncio. - Se ela viver, poderemos chegar ao campo de seu povo no meio da manhã. Espero que o lugar não esteja cheio de comandos azanianos. O longo braço da lei e da ordem imperialista.

- Imperialista. Essa palavra não significa nada para mim.

- Você precisa chegar até eles - falou Gresham. Estava olhando para Katje,

desacordada, inconsciente. - Certa vez, pareceu que o formigueirinho deles ia desabar, mas superaram tudo... O resto da África desabou e a cada ano eles progridem mais, eles e seus malditos policiais e livros de regras.

- São melhores que o ELCT! Pelo menos, ajudam.

- Que diabos, Laura. Metade do ELCT é composta de fascistas brancos que se dividiram quando a África do Sul se democratizou. Não existe nenhuma diferença... Sua amiga médica pode ter uma cenoura, em vez de um chicote, mas a cenoura é o chicote, de um outro modo.

- Eu não entendo - tudo parecia tão injusto. - O que você quer?

- Quero liberdade - mexeu em sua bolsa. - Existem mais coisas em nosso movimento do que você pensa, vendo-nos agir dessa maneira. A Revolução Cultural Inadin não é apenas mais uma droga de nome de fachada. Eles "são" a favor da cultura, estão lutado por isso, morrendo por isso... Não que tudo o que temos seja puro e nobre, mas as linhas se cruzam aqui: a da população e a dos recursos. Cruzaram-se na África, num lugar chamado desastre. Depois disso, tudo fica mais ou menos confuso. Mais ou menos um crime.

O *déjà vu* atacou-a de novo. Sorriu baixinho.

- Já ouvi isso antes. Em Granada e Cingapura, nos paraísos informáticos. Você também pertence às ilhas. Uma ilha nômade num mar de deserto. Sou sua inimiga, Gresham.

- Sei disso. Mas estou fingindo que não.

- Eu pertenço àquele mundo exterior, se algum dia puder escapar.

- Garota de corporação.

- Eles são minha gente. Eu tenho marido e uma filha e há dois anos que não os vejo.

As novidades não o surpreenderam.

- Você esteve na guerra. Pode voltar pro lugar que chama de "lar", mas nunca mais vai ser a mesma coisa.

Era verdade.

- Eu sei. Posso sentir dentro de mim o peso de tudo o que eu presenciei.

Ele tomou a mão dela.

- Quero ouvir tudo. Tudo sobre você, Laura. Eu sou mesmo um jornalista. Trabalho para vários lugares, como *Sacramento Internet*, *Cooperativa Municipal de Vídeo da Cidade de Berkeley* e uma dúzia de outros, aparecendo e desaparecendo. Tenho meus patrocinadores... E tenho maquilagem de vídeo em uma de minhas mochilas.

Ele estava mesmo falando sério. Ela começou a rir. Derreteu-lhe os ossos. Apoiou-se contra ele no escuro. Ele abraçou-a. De repente, estavam se beijando, a barba dele arranhando o rosto dela. Os lábios e o queixo de Laura estavam queimados de sol; podia sentir os pêlos da barba de Gresham através de uma camada engordurada de óleo e suor. O coração dela começou a batei acelerado, numa excitação louca, como

se tivesse sido jogada de um penhasco. Ele a empurrou contra o chão. Estava indo depressa e ela estava pronta; nada mais importava.

Katje gemeu alto, junto aos pés deles, inconscientemente. Gresham parou, depois rolou de lado.

- Puxa, desculpe.

- Tudo bem - respondeu Laura, com dificuldade.

- Estranho demais - disse ele, relutante. Sentou-se, tirando o braço debaixo da cabeça dela. - Ela está ali morrendo, com aquela maldita roupa de Dachau... E eu deixei minhas camisinhas no *buggy*.

- Acho que precisávamos delas.

- Pode crer que sim, estamos na África. Um de nós poderia ter o retrovírus e só saberíamos anos depois - era franco, sem ficar embaraçado.

Ela sentou-se. O ar estava carregado com a intimidade deles. Laura tomou a mão dele e a acariciou. Não fazia mal. Entre eles, as coisas estavam melhores, a tensão desaparecera. Ela sentia-se aberta para ele e grata por isso. O melhor dos sentimentos humanos.

- Está bem - disse Laura. - Ponha seu braço em torno de mim. Segure-me. É bom.

- *Tá* certo - um longo silêncio. - Quer comer?

O estômago dela revirou.

- *Scop*, meu Deus! Estou enjoada.

- Tenho um pouco de abalone da Califórnia e umas latas de ostras defumadas, que estive economizando para uma ocasião especial.

Ela ficou com água na boca.

- Ostras defumadas. Não! Verdade?

Ele bateu em sua bolsa

- Aqui mesmo. Em minha bolsa de fuga. Não queria perdê-las nem que pusessem fogo no *buggy*. Espere. Vou acender uma vela.

Puxou o zíper. Acendeu uma luz. Os olhos dela se encolheram.

- Os aviões vão ver isso?

A vela acendeu-se, iluminando o rosto dele e uma mecha de cabelos castanho-avermelhados.

- Se nos pegarem, vamos morrer comendo ostras - puxou três latas do fundo da bolsa. Papel americano, brilhando. Tesouros maravilhosos do império do consumismo.

Abriu uma lata com sua faca. Comeram com as mãos, ao estilo nômade. O rico sabor atingiu o atrofiado paladar de Laura como uma avalanche. O aroma inundou sua cabeça; sentia-se tonta de prazer. O rosto estava quente e havia um zunido em seu ouvido.

- Na América, pode-se comer isto todo dia - ela precisava dizer isto em voz alta, para testar o milagre que representava.

- São melhores quando não se pode tê-las. Coisa danada não? Pervertida. Como bater na cabeça com um martelo, porque fica tão bom, quando você pára - bebeu o molho da lata -Algumas pessoas funcionam assim.

- Foi por isso que veio para o deserto, Gresham?

- Talvez. O deserto é puro. As dunas: só curvas e formas. Como bons gráficos de computador - pôs a lata de lado. - Mas não é tudo. Este lugar é o cerne do desastre. O desastre é onde eu vivo.

- Mas você é americano - disse ela, olhando para Katje. - Escolheu vir para cá.

Ele pensou naquilo.

Ela podia sentir que ele estava elaborando alguma coisa. Alguma confissão deliberada.

- Quando eu era menino, em minha classe na escola, apareceram uns caras da televisão, com câmeras. Queriam saber o que pensávamos do futuro. Fizeram algumas entrevistas. Metade respondeu que seria médico ou astronauta, bobagens desse tipo. A outra metade achava que iria morrer frita no *ground zero* - sorriu, distante. - Eu era um destes. Sofria de *sinistrose*. Sabe, fica-se acostumado, depois de algum tempo. Você vai para onde se sentir incomodado, quando as coisas melhoram - encarou-a. - Você não é assim?

- Não. Nasci tarde demais, acho. Tinha certeza de que podia tornar as coisas melhores.

- Sim. Essa é minha desculpa também.

Katje remexeu-se, incomodada.

- Quer abalone?

Laura meneou a cabeça.

- Obrigada, mas não posso. Eu não posso aproveitar assim, na frente dela - o rico alimento estava invadindo o corpo de Laura com uma verdadeira embriaguez. Inclinou a cabeça no ombro dele. - Será que ela vai morrer?

Sem resposta.

- Se ela morrer, e você não chegar ao campo, o que vai fazer comigo?

Longo silêncio.

- Vou levar você pro meu harém, onde vou cobrir seu corpo com prata e esmeraldas.

- Meu bom Deus! Que mentira maravilhosa.

- Não, não vou. Vou achar alguma maneira de devolvê-la a sua Rede.

- Depois da entrevista?

Ele cerrou os olhos.

- Não tenho certeza se é uma boa idéia, afinal. Você poderia ter um futuro no mundo exterior se ficasse de boca calada sobre o ELCT, a bomba e Viena. Mas se contar o que sabe... Vai ser um grande lance.

- Não me importo. É a verdade e o mundo precisa saber. Preciso contar, Gresham. Tudo.

- Não seria inteligente - replicou ele. - Vão deixá-la de lado, não vão escutá-la.

- Vou fazer com que escutem. Eu posso.

- Não, não pode. Vai acabar no desvio como eu. Censurada, esquecida. Eu sei, eu tentei. Você não é grande o bastante para mudar a Rede.

- Ninguém é grande o bastante. Mas é preciso mudar.

Ele soprou a vela.

Katje acordou-os antes do nascer do sol. Ela vomitou e estava tossindo. Gresham acendeu a vela e Laura ajoelhou-se perto dela.

Katje estava inchada e queimando em febre. A cicatriz da barriga tinha aberto e sangrava de novo. A ferida cheirava mal, um cheiro de morte, merda e infecção. Gresham ergueu a vela

- Peritonite, acho.

Laura sentiu o desespero chegando.

- Eu não devia tê-la alimentado.

- Você a alimentou?

- Ela pediu tanto! Eu precisava. Tive dó...

- Laura não pode alimentar alguém que levou um tiro.

- Maldição! Não há nada a fazer com alguém assim... - limpou as lágrimas: raiva. - Maldição, ela vai morrer, depois de tudo!

- Ainda não está morta. Vamos embora.

Colocaram-na no caminhão, tropeçando no escuro. Surpreendentemente, Katje começou a falar. Resmungando, em inglês e *afrikaans*. Orações. Iria morrer e falava com Deus. Para o Deus louco que dirigia a África, como se Ele estivesse vendo e dirigindo tudo isso.

O campo tinha dois quilômetros quadrados, muitas casamatas de concreto brancas e era cercado por um alto muro metálico reforçado. Foram por uma estrada com cercas nos dois lados, até chegar no centro daquele lugar.

Crianças acorriam à cerca Centenas delas, seus rostos passavam. Laura não conseguia olhar para elas. Fitou um só rosto no meio da multidão. Uma adolescente negra, que usava com um berrante vestido vermelho, ganho de alguma norte-americana. Vários relógios digitais baratos estavam dependurados em seus braços, muito magros.

Ela chamara a atenção de Laura Cativara-a. Enfiou os braços pela cerca e pedia, entusiasticamente:

- *Mamselle, mam'selle! Le théde Chine, mam'selle!La canne à sucre!*

Gresham continuou dirigindo, sério. A garota gritava mais alto, sacudindo a cerca com os braços finos, mas a voz dela foi abafada pelas das outras. Laura quase virou para olhar, mas parou no último momento, humilhada

Portões à frente. Um pára-quedas militar, listrado, fora aberto para fazer sombra. Soldados negros usavam uniforme camuflado, chapéus de abas largas, com o

distintivo do regimento. “Comandos”, pensou ela, “da tropa azaniana”. Depois dos portões, um campo menor, dentro do maior, com grandes edifícios metálicos, pré-fabricados. Um heliporto. Um centro administrativo.

Gresham diminuiu a velocidade.

- Não vou entrar neste maldito lugar.

- Está bem. Vou cuidar de tudo.

Um dos guardas tocou um apito e levantou a mão. Eles pareciam curiosos com o *buggy*, mas não preocupados. Eram soldados da cidade bem alimentados. Amadores.

Laura desceu, arrastando as sandálias de Gresham.

- Preciso de um médico! - gritou ela. - Tenho uma azaniana ferida, ela trabalha aqui no campo! Arranje uma maça!

Correram para olhar dentro do carro. Gresham ficou em sua sela. Ele se destacava dos outros devido a suas roupas esvoaçantes, a cabeça oculta pelo véu e turbante. Um soldado com divisas no braço aproximou-se dela.

- Mas quem é você, porra?

- Sou a pessoa que trouxe esta mulher. Depressa, ela está morrendo! Ele é um jornalista americano e está ligado em áudio, de modo que cuidado com o que diz, cabo.

O soldado observou-a. Túnica desbotada, camisa suja enrolada na cabeça, olhos protegidos com gordura preta.

- Tenente - disse ele, ofendido. - Sou um tenente, moça.

Ela conversou com os administradores azanianos numa de suas enormes cabanas Quonset. As prateleiras das paredes estavam cheias de latarias, equipamento médico, peças protegidas com graxa. Havia um isolamento nas paredes redondas e no teto, que acabavam com o barulho do ar condicionado.

Um funcionário do campo com jaqueta branca, o rosto cheio de cicatrizes tribais, circulava entre eles com garrafas de Fanta laranja gelada

Contara a eles a versão resumida dos acontecimentos, mas os azanianos estavam nervosos e confusos, e não pareciam esperar muito de uma aparição do deserto, como ela. O diretor do campo era um negro azaniano, imponente, fumando charuto, chamado Edmund Mbaqane. Ele estava fazendo uma força danada para parecer um burocrata inflexível e acima de todas as coisas.

- Estamos muito agradecidos, senhora Webster... Desculpe-me se pareci tão abrupto, inicialmente. Ouvir mais uma história desse regime genocida de Bamako faz o sangue de qualquer um ferver.

Mbaqane não tinha fervido muito, aliás, nenhum deles. Eram civis, a milhares de quilômetros de casa, se expondo e nervosos. Estavam contentes em receber de volta uma das suas, mas ela não voltara pelos canais governamentais e pensavam, afinal, o que poderia significar isso.

O Corpo de Ação Civil Azaniano parecia ter sido reunido visando a uma correção política multiracial. Havia dois ordenanças negros, *colored*. Por alguns instantes, Laura encontrara uma mulher franzina, com trancas e chinelos, a doutora

Chandrasekar, mas ela estava agora na clínica, cuidando de Katje. Laura pressupôs que a doutora Chandrasekar fosse a vida e a alma daquele lugar; era uma pessoa que falava rápido e parecia exausta.

Havia também um *afrikoaner* chamado Bamaard, que deveria ser algum tipo de diplomata ou agente de ligação. Tinha cabelos castanhos e a pele era de um negro brilhante e artificial. Bamaard parecia ter compreensão da situação política melhor do que os outros. Talvez fosse por esse motivo que seu hálito cheirasse uísque e ficasse perto do capitão dos pára-quedistas. O capitão era um zulu forte e feio, que poderia ser um perigo numa briga de bar.

Todos pareciam apavorados. Por isso que sempre a reconfortavam.

- Pode descansar, senhora Webster - disse-lhe o diretor. - O regime de Bamako não vai tentar mais nenhuma aventura! Não vão atacar este campo novamente. Não enquanto o porta-aviões azaniano *Oom Paul* estiver patrulhando o Golfo da Guiné.

- Excelente navio - confirmou o capitão dos pára-quedistas. Barnaard assentiu e acendeu um cigarro. Fumava um *Panda Brand* chinês, sem filtro.

- Depois do incidente de ontem, a Nigéria protestou veementemente contra a violação de seu espaço aéreo. Ela é signatária de Viena. Esperamos gente de Viena por aqui amanhã de manhã. Qualquer que seja a briga deles conosco, não acredito que Bamako se importaria em ofender os vienenses.

Laura imaginou se Barnaard acreditava no que dizia. Os isolacionistas azanianos pareciam ter mais fé em Viena do que as pessoas que estavam mais perto dela.

- Vocês têm aquela loção de bronzear? - perguntou-lhe Laura.

- Desculpe - respondeu ele, parecendo um pouco ofendido.

- Eu queria ver o rótulo... Saber quem a fabrica?

- Mas claro. Uma fábrica brasileira. Unitika alguma coisa - disse ele, sorrindo.

- Rizome-Unitika.

- Então é uma das suas, hein? - Barnaard fez uma mesura, como se isso explicasse muito. - Nada tenho contra multinacionais! Assim que quiserem retomar seus investimentos, sob supervisão adequada, é claro...

Um telex começou a funcionar. Notícias de casa. Os outros se aproximaram. O diretor Mbaqane chegou perto de Laura.

- Não tenho certeza se entendi o papel desse jornalista norte-americano que a senhora mencionou.

- Ele estava com os tuaregues.

O diretor tentou não parecer confuso.

- Sim, temos alguns dos assim chamados tuaregues, por aqui, ou melhor, *Tel Tamashek*... Suponho que ele quer certificar-se de que estão sendo bem-tratados.

- Ele tem mais um interesse cultural - retrucou Laura. - Mencionou algo sobre falar com eles.

- Cultural? Eles estão se saindo muito bem. Talvez pudesse mandar-lhe uma delegação de anciãos das tribos, para refrescar a cabeça dele. Abrigamos de bom grado qualquer grupo étnico em necessidade: bambara, marka, song-hai... Temos um contingente bastante grande de sarakolê, que nem mesmo são de origem nigeriana.

Ele parecia esperar uma resposta. Laura bebeu o refrigerante de laranja e concordou. Barnaard desviou a atenção e logo avaliou a mensagem como sem importância.

- Ah, mais um daqueles jornalistas! Justo agora.

O diretor calou-o com um olhar.

- Como pode ver, senhora Webster, estamos com muito trabalho... Mas se faz questão de um passeio pelo campo, tenho certeza de que o senhor Barnaard ficaria mais do que contente em explicar nossa política para a imprensa internacional.

- Muita consideração de sua parte - disse Laura. - Infelizmente, eu mesma preciso dar uma entrevista.

- Bem, acho que posso entender; deve ser um pouco chato. Reféns libertadas das famigeradas prisões de Bamako - lidou com seu cachimbo, com ar paternalista. - Certamente vai ser o grande assunto em Azania. Uma das nossas, regressando da prisão. Vai fazer bem para nosso moral; especialmente no meio desta crise - o diretor falava com ela, e por meio dela, em benefício de seus funcionários. Estava funcionando, conseguia reanimar o pessoal. A opinião que ela fazia sobre ele melhorou.

Ele continuou:

- Sei que a senhora e a doutora Katje devem ser muito amigas. O elo sagrado entre os que lutaram juntos pela liberdade! Mas não precisa se preocupar, senhora Webster. Nossas orações estão com Katje Selous! Tenho certeza que ela vai ficar boa!

- Espero que sim. Tome conta dela. Foi muito corajosa.

- Uma heroína nacional! Claro que vamos! E se houver alguma coisa que possamos fazer pela senhora...

- Pensei que talvez, um chuveiro.

- Céus! Claro, minha querida. E roupas... Sara é de seu tamanho - disse Mbaqane, rindo.

- Quero ficar com este *djellaba* - ela o deixou intrigado. - Quero aparecer frente à câmera com ele, vai dar uma imagem melhor.

- Ah, vejo que sim.

Gresham estava fazendo uma reportagem na periferia do campo. Laura, que andava por ali, tomava cuidado para ficar fora do alcance da câmera.

Ficou chocada com a beleza do rosto dele. Estava barbeado e com toda a maquilagem para aparecer no vídeo: lápis para os olhos, batom para os lábios e base. Sua voz mudara: era melíflua, cada palavra pronunciada com a precisão de um grande locutor.

"... a imagem de um deserto arrasado. Mas o *Sahel* foi outrora o lar dos Estados mais fortes e mais prósperos da África negra. O império *songhai*, os impérios do Mali e de Gana, a cidade *sagrada* de *Timbuctu*, com seus eruditos e bibliotecas. Para o mundo muçulmano, o Sahel era sinônimo de exuberante riqueza, com ouro, marfim, plantações de toda espécie. Grandes caravanas cruzavam o Saara, frotas de canoas com tesouros passavam pelo Rio Niger..."

Ela passou por ele. O restante de sua caravana tinha chegado, e os tuaregues montaram seu acampamento. Não os trapos e cabaninhas que usavam durante os ataques, mas seis grandes e resistentes abrigos. Eram cúpulas pré-fabricadas, cobertas com camuflagem para deserto. Dentro, tinham barras metálicas de reforço.

Da traseira de seus carros, os nômades com véu no rosto desenrolavam esteiras de metal que pareciam lagartas de tanque. Na forte luz do sol da tarde, as esteiras brilhavam devido ao silicone preto. Eram longas fileiras de fotocélulas.

Ligavam os cubos das rodas dos *buggies* aos cabos de eletricidade. Moviam-se com desenvoltura: era como se estivessem dando água para os camelos. Conversavam em voz baixa, em *tamashek*.

Enquanto um grupo estava descarregando os *buggies*, os outros desenrolavam tapetes à sombra de uma das cúpulas. Começaram a fazer chá, com uma resistência elétrica. Laura juntou-se a eles. Pareceram um tanto embaraçados por sua presença, mas aceitaram-na como uma interessante anomalia. Um deles tirou um tubo de proteína de uma velha caixa de couro e abriu-o contra o joelho. Ofereceu a ela uma mancheia, fazendo uma reverência. Ela pegou a proteína das mãos do homem e comeu. Depois, agradeceu-lhe.

Gresham chegou com seu *cameraman*. Estava limpando o rosto maquilado num pano embebido em óleo. Parecia cansado.

- Como foi no campo?

- Não tive certeza se iam deixar-me ir.

- Eles não funcionam assim. E o deserto que prende as pessoas aqui... - sentou-se ao lado dela. - Falou a respeito da bomba?

Ela meneou a cabeça.

- Eu queria, mas não consegui. Já estão tão nervosos, e há os comandos com aquelas armas... Mas Katje vai lhes contar, se sobreviver. É tudo tão confuso, eu estou confusa. Tive medo que eles entrassem em pânico e me prendessem. E a você também.

A idéia surpreendeu-o.

- O quê? Expor-se e se envolverem conosco? Não creio. - Pôs a mão sobre a câmera. - Conversei com aquele capitão dos pára-quedistas, quando encerrei nossa entrevista. Sei o que ele pensa. Tática *afrikaaner* clássica: coloca suas carroças cobertas em círculo, todos os homens atrás das barricadas, para repelir os zulus. Claro que ele mesmo é um zulu, mas segue os regulamentos... Tem um campo cheio de refugiados adolescentes para manter a calma e a paz... Ele acha que somos amigos. Até

agora.

- O pessoal de Viena vem aí, também.

- Cristo! - Gresham pensou a respeito. - Quantas pessoas virão?

- Não me disseram. Acho que depende do que Viena quer. Contaram-me sobre os protestos do governo nigeriano.

- A Nigéria não vale nada. Possuí apenas tanques soviéticos de oitenta anos e um exército que ataca e queima Niamey a cada ano... Se vier muita gente de Viena, haveria problemas. Mas não mandariam muita gente a um campo de refugiados. Se Viena se deslocasse para valer contra o Mali, atacaria Bamako diretamente.

- Nunca fariam isso. Estão com medo da bomba.

- Não sei. Espiões dão maus soldados, mas eles tomaram Granada há seis meses e foi um osso duro de roer.

- Eles fizeram o quê? Invadiram Granada?

- Acabaram com eles dentro de seus buracos de rato. Tática estúpida, porém, assalto frontal, desorganizado... Perderam mais de doze mil homens - ergueu as sobrancelhas com espanto dela - Você esteve em Granada, Laura. Pensei que sabia. O ELCT devia ter-lhe contado; foi um grande triunfo de sua maldita política.

- Nunca me contaram coisa alguma.

- O culto do segredo. Vivem disso - olhou para o campo. - Muito bem. Enviaram-nos alguns de seus *tamashek* dóceis.

Gresham entrou em uma das cúpulas, acompanhado de Laura. Alguns dos refugiados do campo chegaram, relutantemente.

Eram homens velhos. Usavam camisetas, bonés de beisebol feitos de papel, sandálias chinesas de borracha e calças de poliéster rasgadas.

Os tuaregues inadin os cumprimentaram com uma lânguida e polida ritualidade. Gresham traduziu para ela:

"O senhor está bem? Sim, muito bem, e você? Eu e os meus estamos bem, obrigado. E a gente do senhor, está bem? Sim, muito bem. Graças a Alá. Sim, graças a Alá, senhor."

Um dos inadin ergueu a chaleira e serviu o chá vagarosamente, cerimonioso. Todos tomaram. Depois, começaram a fervê-lo de novo, jogando açúcar mascavo na chaleira já cheia de folhas. Todos sentados, conservaram educadamente a respeito do chá, espantando sem irritação as moscas. O calor mais forte do dia acabara.

Gresham traduzira estranhos segmentos de trivialidades solenes. Ficaram no fundo da barraca, fora do círculo. O tempo passava devagar, mas estava contente de estar sentada perto dele, a mente ficando clara, como um deserto.

Então, um dos inadin tirou uma flauta. Um segundo veio com um complicado xilofone de madeira e cabaças, amarradas com couro. Tocou algumas notas, para experimentar, apertou uma corda, enquanto um terceiro procurava algo dentro da túnica. Puxou uma tira de couro. Numa das pontas, havia um sintetizador de bolso.

O homem com a flauta abriu o véu: seu rosto negro estava pintado de azul-anil.

Tocou um acorde rápido com a flauta, e começaram.

O ritmo acelerou, com notas altas e sonoras saídas do xilofone, da flauta e do estranho e primitivo sintetizador.

Os outros acompanhavam a música com palmas e súbitos gritos agudos. De repente, um deles começou a cantar em *tamashek*.

- Ele canta sobre seu sintetizador - murmurou Gresham.

- O que diz?

Humildemente adoro os atos do Altíssimo,
Que deu ao sintetizador o que é melhor que uma alma.
Assim, quando toca, os homens se calam,
E suas mãos cobrem os véus para esconder as emoções.
Os problemas da vida estavam a empurrar-me para o túmulo,
Mas graças ao sintetizador,
Deus devolveu-me a vida.

A música parou. Os refugiados do campo aplaudiram um pouco, depois pararam, confusos. Gresham olhou para seu relógio, levantou-se, carregando a câmera

- Isso foi só para começar - contou para Laura. - Voltarão para cantar mais tarde e vão trazer suas famílias, espero.

- Vamos fazer a entrevista.

- Tem certeza que quer? - disse ele, hesitante.

- Sim.

Ela seguiu-o até outra tenda. Era guardada por dois dos tuaregues inadin e estava cheia de bagagem. Havia tapetes e uma bateria extra dos *buggies*. Ligados a ela, um teclado e um monitor, modelo especial, com um console de madeira de lei trabalhado à mão.

Gresham sentou-se na frente dele, com as pernas cruzadas, no chão.

- Detesto esta máquina - anunciou ele, passando as mãos sobre suas linhas esguias. Ligou a câmera de vídeo a uma das entradas do console.

- Gresham, onde está sua caixinha de maquilagem?

Passou-a para ela. Laura abriu o espelhinho. Estava muito magra e sua raiva voltou-se contra si mesma.

"Que diabo", pensou ela, enquanto passava base em seu rosto cadavérico. "Alguém vai pagar por isso."

Começou a pintar os lábios.

- Gresham, precisamos pensar num meio de provocar esses azanianos. Eles são antiquados em relação à informação. Não vão me deixar chegar perto do maldito *telex* deles, e querem autorização de Pretória.

- Não precisamos deles.

- Precisamos, para alcançar a Rede! E vão querer ver a fita primeiro, vão saber de tudo.

- Laura, olhe a sua volta - disse ele, meneando a cabeça.

Ela baixou o espelho e fez como ele pedira. Estavam dentro de uma cúpula. Lona sobre barras metálicas e tela de galinheiro.

- Está sentada debaixo de uma antena parabólica.

- Vocês acessam satélites? - perguntou, abismada.

- Como você acha que se comunica com a Rede do meio do Saara? A retransmissão é difícil, mas, nas horas certas, pode-se trabalhar bem.

- Como podem fazer isso? De onde vem o dinheiro? - um horrível pensamento atingiu-a. - Gresham, você está trabalhando com um paraíso informático?

- Não. Se bem que já trabalhei com eles antes. Todo o tempo. - Pensou mais um pouco. - Talvez eu devesse começar meu próprio paraíso. A concorrência está fraca e eu bem que poderia fazer algum dinheiro.

- Não faça isso. Nem pense nisso.

- Você deve conhecer esse negócio muito bem. Poderia ser minha assessora - a piada não teve graça. - Você viria atrás de mim, não é? Você e sua legião de pessoas da corporação, todos corretinhos.

Ela nada disse.

- Lamento. Mas, pouco importa, agora... De qualquer modo, eu não enviaria esta fita a um paraíso informático.

- O que quer dizer? Para onde a enviaria?

- Para Viena, é claro. Para que eles saibam que eu sei, que tenho uma vantagem sobre eles. O ELCT tem a bomba e chantageou Viena. Assim, Viena fez um negócio com eles, que eles arrasassem com os paraísos, enquanto davam cobertura aos terroristas nucleares. Viena falhou, e sei que eles falharam. Para me calar, teriam de me caçar e matar, mas eu tenho prática em fuga. Com alguma sorte, poderiam comprar-me. Depois, me deixariam em paz, da maneira como deixaram o Mali em paz.

- Isso não é o bastante! Todos devem saber. O mundo todo.

- Acho que poderíamos atingir Viena, se jogarmos direito. Eles não se importam em comprar as pessoas, quando precisam. Pagarão nosso silêncio. Mais do que você poderia pensar - disse Greshan, meneando a cabeça.

Ela segurou o espelho na frente do rosto.

- Lamento, Gresham. Simplesmente não me importo com Viena ou seu dinheiro. Eu não sou assim. Preocupo-me com o mundo em que vivo.

- Eu não vivo em seu mundo. Tanto pior, se pareço um grosso. Mas posso dizer-lhe uma coisa: se você quiser voltar a ser quem era e viver sua vidinha confortável naquele seu mundão, é melhor não chutar a canela dele. Talvez eu pudesse sobreviver a um truque desses, fugindo e me escondendo aqui no deserto, mas acho que você não conseguiria. O mundo não dá a mínima para os seus motivos, vai cair em cima de você. É assim que funciona. - Ele estava lhe dando uma aula. - Você pode

fugir, atacar um ponto aqui e ali, mas não pode enfrentar o mundo.

Ela ajeitou o cabelo, olhando no espelho. Cabelo de presidiária. Lavou-o no campo azaniano e o calor o deixara espetado. Parecia que levara um susto. Ele prosseguiu.

- Não adianta sequer tentar. A Rede nunca vai passar essa fita, Laura. Os serviços noticiosos nunca passam fitas sobre reféns terroristas. Exceto Viena, que sabe que é verdade, todos pensarão que não. Que você está falando sob pressão ou que tudo é falso.

- Você fez aquela gravação no campo de provas nuclear, não? Pode acrescentar a ela minha declaração. Vamos ver se eles refutam isso!

- É o que eu vou fazer, com certeza. Mas, de qualquer modo, eles refutariam.

- Você ouviu minha história. Eu fiz com que você acreditasse, não? Aconteceu, Gresham. É verdade.

- Eu sei que é - deu-lhe um cantil de couro.

- Eu posso fazer isso - disse-lhe ela, sentindo-se frágil. - Enfrentar o mundo. Não um cantinho dele, mas todo a sua massa gigantesca. Sei que posso. Tenho jeito para essa coisa.

- Viena vai pisar em cima de você.

- Essa coisa é que vai pisar em cima de Viena.

Ela bebeu um pouco da água do cantil e empurrou o conjunto de maquilagem fora do alcance da câmera. Colocou o cantil nos joelhos.

- É muita coisa para eu guardar. Preciso contar. Agora E tudo o que sei. - Olhando para a câmera, alguma coisa brotava dentro dela, forte, e com adrenalina. Elétrico. Todo aquele medo, estranheza e dor, empacotados numa caixa de ferro.

- Pode gravar, Gresham. Estou pronta. Vai.

- Está no ar.

Ela encarou o olho de vidro do mundo.

- Meu nome é Laura Day Webster. Vou começar com o que aconteceu comigo a bordo do *Ali Khamenei,* nas proximidades de Cingapura...

Ela transformou-se em um condutor. Sem um roteiro, ela improvisava, mas tudo saiu claro e forte. Como se fosse algo para sempre. A verdade, a transbordante verdade.

Gresham fazia perguntas para ela. Tinha preparado uma lista. Objetiva, incisiva. Era como se a apunhalasse. Deveria feri-la, mas só abriu mais o fluxo. Ela atingira um nível que nunca tocara antes. Um êxtase, pura arte fluida. Possessão.

Ela não conseguiu manter a consciência. Não sentia mais o tempo passar, mas sentia o quanto tinha falado. Ficou rouca e gaguejou um pouco. A razão lhe fugia aos poucos; a paixão fazia-a balbuciar.

- Pronto, acabou - disse ele, por fim.

- Faça outra pergunta

- Não tenho mais nada a perguntar. Acabou. Ponto final.

Gresham desligou a câmera

- Oh! - ela passou as mãos no tapete, limpando o suor, distraída Esgotada.

- Quanto durou?

- Você falou durante noventa minutos. Acho que posso editar e reduzir para uma hora.

"Noventa minutos. Pareceram dez", pensou ela.

- Como me sai?

- Notável - ele falava com sinceridade. - Aquele momento em que sobrevoaram o campo, é o tipo de coisa que ninguém poderia inventar.

Ela ficou sem entender.

- O quê?

- Você viu. Quando os jatos passaram aqui por cima - Ele ficou olhando para ela. - Aviões a jato. Os malienses sobrevoaram o campo.

- Nem ouvi.

- Bem, você olhou para cima, Laura, e esperou. Depois voltou a falar.

- Eu estava possuída por um demônio. Nem sei direito o que disse - tocou o rosto, que estava todo borrado, pois havia chorado. - Desmanchei a maquilagem. E você me deixou continuar.

- *Cinema verité*. É real. Nu e cru. Como uma granada de verdade.

- Então retransmita - disse a ele, ébria de emoção. Deixou-se cair para trás, no lugar em que sentara. Sua cabeça bateu numa pedra que estava sob o tapete, mas a dor até que era parte importante de sua vivência.

- Eu não sabia que seria assim - disse ele. Havia um temor real em sua voz. Era como se, pela primeira vez, tivesse percebido que tinha algo a perder. - Poderia acontecer, eu poderia ficar perdido na Rede. As pessoas poderiam acreditar. - Remexeu-se, incomodado, onde estava sentado. - Inicialmente, preciso pensar nas alternativas. E se Viena cair? Seria grande, mas poderiam reestruturar-se e voltar com dentes mais afiados depois. Neste caso, eu me ferraria e perderia tudo o que tentei criar aqui. Coisas como essa podem acontecer, quando se atiram granadas.

- Precisa relaxar - disse ela, veemente. - Vai relaxar, mais cedo ou mais tarde. O ELCT sabe. Viena sabe, talvez mesmo os governos... Um segredo assim grande deve aparecer, mais cedo ou mais tarde. Não é apenas o que nós fazemos. Mas somos as pessoas certas no lugar certo.

- Gosto desse raciocínio, Laura. Vai soar bem, se eles nos prenderem.

- Isso não importa. De qualquer modo, eles não podem tocar em nós, se todos souberem da verdade! Vamos lá, Gresham! Você tem os malditos satélites, pense numa maneira de chegar até eles!

- Eu já tenho - levantou-se, passou por ela, desenrolando um cabo. Depois de um momento, ela apoiou-se num cotovelo e olhou pela porta triangular, atrás dele. Era o fim da tarde e os tuaregues estavam carregando nas costas duas das cúpulas.

Bocejavam com suas bocas de tomadores de chá sob o céu do Saara.

Gresham voltou. Olhou para ela deitada no tapete.

- Você está bem?

- Estou vazia. Limpa. Absolvida.

- Você falou assim, todo o tempo - sentou-se com as pernas cruzadas na frente de seu console e digitou cuidadosamente.

Passaram-se alguns minutos.

A voz de uma mulher saiu do console.

- Atenção, fonte de transmissão na África do Norte, latitude 18°10'15"; longitude, 15°10'18". Você está transmitindo numa freqüência destinada à Convenção Internacional de Comunicações apenas para uso militar. Está advertido para interromper de imediato.

Gresham limpou a garganta.

- Vassili está por aí?

- Vassili?

- Sim.

- Certo, a transmissão está boa. Espere, por favor.

Momentos depois, veio a voz de um homem. Seu inglês não era tão bom quanto o da mulher.

- É Jonathan, certo?

- Sim. Como está tudo?

- Muito bem, Jonathan! Você recebeu as fitas que lhe enviei?

- Sim, Vassili, obrigado, *spassiba*. Você foi muito generoso. Como sempre. Tenho algo muito especial para você desta vez.

A voz ficou cautelosa.

- Muito especial, Jonathan?

- Vassili, é uma matéria que não tem preço. Impossível de obter em qualquer outro lugar.

Silêncio infeliz.

- Devo perguntar se pode esperar pela nossa próxima passagem sobre sua região. Estamos no momento com um pequeno problema de abordagem. Problema pequeno.

- Acho melhor dar atenção imediata a isto, Vassili.

- Muito bem. Vou ligar o misturador - houve um intervalo de alguns instantes. - Pronto para transmissão.

Gresham digitou em seu console. Zunido agudo. Reclinou-se e disse para Laura:

- Isto vai levar algum tempo. Os misturadores são lentos no velho Memorial Gorbatchov.

- Aquilo era a estação espacial russa?

- Isso mesmo - Gresham esfregou as mãos, depressa. - As coisas estão lá em cima.

- Acaba de enviar nossa fita para um cosmonauta!

- Isso mesmo. - Cruzou as pernas, apoiando os cotovelos nos joelhos. - Vou lhe dizer o que acho que pode acontecer. Vão ver a fita primeiro, lá em cima. De início, acharão que é loucura. Mas talvez acreditem. E se acreditarem, não poderão segurar o assunto, porque as conseqüências são muito violentas.

- Então, vão retransmitir para Moscou e para aquele outro lugar, a Cidade das Estrelas. As equipes de terra vão trabalhar com a gravação e os *apparatchiks* farão as cópias. Não porque achem uma supermatéria e necessitem muitas cópias, mas porque precisam delas para estudar o assunto. Vão começar a mandá-las para todos os lugares. Para Viena primeiro, é claro, porque têm gente deles lá. E, por via das dúvidas, para o resto do bloco socialista também...

Ele bocejou, tampando a boca com a mão fechada.

- Depois, aqueles caras da estação vão perceber que deram o golpe publicitário de suas vidas. Se alguém vai dar o golpe, serão eles. Tenho alguns contatos, mas são os maiores idiotas que conheço! Aposto dois contra um que vão começar a transmitir tudo aquilo diretamente. Se tiverem permissão da Cidade das Estrelas. Ou talvez mesmo sem permissão.

- Eu não entendo, Gresham. Transmissão direta? Soa como coisa de lunático.

- Você não sabe como é lá em cima! Espere um pouco, você sabe, já viveu num submarino. Mas veja, eles estão queimados, desde que a pequenina Cingapura lançou aquele sujeitinho com o laser. Porque eles têm estado lá há anos pendurados na beirada do infinito e ninguém lhes dando atenção. Não percebeu como o pobre do Vassili está? Parecia um radioamador enfurnado em algum porão!

- Mas eles são cosmonautas! Profissionais treinados, fazem ciência espacial. Biologia. Astronomia.

- Isso! Muitas garotas e glória, puxa! - Gresham meneou a cabeça. - Dou três dias para eles.

- Certo... e depois? Se não funcionar?

- Vou chamá-los de novo. Ameaçar dar a gravação a alguém mais. Há outros contatos... E ainda temos a fita original. Até conseguirmos que nos ouçam ou até que Viena nos pegue. Ou até mesmo que o ELCT faça uma demonstração sobre uma cidade e torne a novidade óbvia para todos. Que é que temos de esperar, não é?

- Meu Deus! O que fizemos poderia causar... um pânico mundial...

Ele deu de ombros.

- Tenho certeza de que Viena tem dito isso a si mesma, enquanto, na verdade, não fez nada durante esses anos todos. Apenas encobriu e protegeu as pessoas que dispararam contra sua casa.

Um raio de raiva afastou o medo dela.

- Isso mesmo!

- Na verdade, esse foi um dos menores crimes deles, mas imaginei que iria deixar você ligada - disse ele, sorrindo.

- Viena deixou-os fazer. Sabiam quem matou Stubbs e vieram até minha casa e mentiram para mim. Porque temiam algo pior - pensou ela, em voz alta.

- Pior? Vou lhe dizer uma coisa. Pense nas conseqüências políticas. Viena existe para manter a ordem contra o terrorismo e vocês estiveram alimentando terroristas durante anos. Vão pagar por isso, esses hipócritas.

- Mas Gresham, e se começarem a bombardear as cidades? Milhões poderiam morrer.

- Milhões? Depende de quantas ogivas eles tiverem. Não são uma superpotência. Cinco ogivas? Dez? Quantos tubos de lançamento havia naquele submarino?

- Mas eles podem fazer isso! Poderiam acabar com cidades inteiras, matar pessoas inocentes, enquanto estas dormem tranqüilamente. Por nenhuma razão sensata! Só uma estúpida política fascista e luta pelo poder... - a voz dela ficou rouca.

- Laura, sou mais velho que você. Conheço essa situação. Lembro-me claramente. - Sorriu. - Vou lhe dizer como funcionava. Nós só esperavamos e continuávamos vivendo, e só. Nunca aconteceu, talvez nunca aconteça. Neste meio tempo, que bem isso está lhe causando? - Levantou-se. - Terminamos, aqui. Venha comigo, há algumas coisas que quero que você veja

Ela seguiu-o meio contra a vontade, sentindo-se arrasada. Ficava assustada da maneira como ele falava do assunto, tão sem cerimônia - dez ogivas para ele era comum. Vivera numa época em que havia milhares de ogivas, o bastante para exterminar toda a vida humana.

Responsável por mortes em massa. Enchia-a de repugnância. Seus pensamentos corriam e, de repente, ela queria fugir para o deserto, sumir. Nunca mais queria estar perto de alguém que tivesse envolvido com essas coisas ou estado sob a sombra daquele tipo de horror.

Mas eles estavam por todo lugar, não é? Pessoas que faziam política com armas atômicas. Presidentes, primeiros-ministros, generais... Velhinhos em parques, com seus netos e tacos de golfe. Ela os vira, vivera entre eles...

Ela era um deles. Sua mente ficou anestesiada. Gresham parou, tocou em seu cotovelo.

- Olhe.

Era noite. Uma multidão mal-vestida, de cerca de cem pessoas, tinha-se reunido na frente de uma das cúpulas. Esta estava metade aberta, como um anfiteatro improvisado. Os músicos inadin estavam tocando novamente e um deles dançava e cantava. Sua canção tinha vários versos. Outro inadin dançava ao compasso, às vezes dando um forte grito de aprovação. A multidão acompanhava com satisfação.

- O que ele está dizendo? - perguntou Laura.

Gresham começou a recitar a poesia com sua voz de locutor de televisão:

Ouve, povo dos Kel Tamashek,
Somos os inadin, os ferreiros.
Sempre vagamos em meio às tribos e clãs,
Sempre levamos suas mensagens.
A vida de nossos pais era melhor que a nossa,
Eade nossos avós, ainda melhor.
Há algum tempo, nosso povo viajava por todo lugar,
Kano, Zanfara, Agadez.
Agora, vivemos nas cidades e somos transformados em números e letras.
Agora, vivemos nos campos e comemos comida mágica, dentro de tubos.
Gresham parou.

- A palavra que eles usam para mágica é tisma. Significa "a arte secreta dos ferreiros".
- Continue - pediu ela.

Nossos pais tinham leite, doce e tomaras,
Nós só temos urtigas e espinhos.
Por que sofremos assim?
Será o fim do mundo?
Não, porque não somos homens maus,
Não, porque agora temos tisma.
Somos ferreiros, que têm a magia secreta,
Somos ourives que vêem o passado e o futuro.
No passado, esta terra foi rica e verde.
Agora, é rocha e poeira.

Gresham parou novamente, observando os tuaregues. Dois levantaram-se e começaram a dançar, braços esticados para o lado, girando e ondulando, pés calçando sandálias, marcando o compasso. Era uma dança lenta, elegante, elegíaca. O cantor ficou de pé, de novo.
- Agora vem a melhor parte - comentou Gresham.

Mas onde há rocha, pode haver grama,
Onde há grama, vem a chuva.
As raízes da grama vão segurar a chuva,
As folhas da grama vão domar a tempestade de areia.
Mas nós fomos inimigos da grama.
Por isso sofremos.

O que nossas vacas não comeram, os carneiros comeram.
O que os carneiros não quiseram, as cabras consumiram.
O que as cabras deixaram para trás, os camelos devoraram.
Agora, precisamos ser amigos da grama,
Precisamos pedir desculpas para ela e tratá-la bem.
Seus inimigos são nossos inimigos.
Precisamos matar a vaca e o carneiro,
Precisamos sacrificar a cabra e decapitar o camelo.
Por mil anos amamos nossos rebanhos.
Por mil anos, devemos cuidar da grama.
Vamos comer a comida tisma *para viver,*
Vamos comprar camelos de ferro da Go Motion
Unlimited, em Santa Clara, Califórnia.

Gresham cruzou os braços. O cantor continuou.

- Tem muito mais, mas esse é o espírito geral. A pergunta seguinte era óbvia:

- Foi você quem escreveu a música para eles?

- Não - disse, orgulhoso. - É uma canção antiga, com outro arranjo.

- Ah, logo vi.

- Alguns dessa turma poderão juntar-se a nós, outros poderão ficar. A vida no deserto é dura. - Olhou para ela. - Vou embora pela manhã.

- Amanhã? Tão cedo?

- Tem de ser assim.

A crueldade daquilo a atingiu fortemente. Não a crueldade em si, mas crueldade que vinha da necessidade. Soube de imediato que nunca mais o veria. Sentia-se dilacerada, aliviada, em pânico.

- Bem, você conseguiu, não foi? - disse com a voz embargada. - Salvou-me e também a minha amiga. - Ela tentou abraçá-lo.

- Não, não aqui. Não na frente deles - disse ele recuando. Pegou-a pelo braço: - Vamos lá dentro.

Levou-a para dentro da cúpula. Os guardas ainda estavam lá, patrulhando. “Contra ladrões”, pensou ela. Tinham medo de ladrões e vândalos do campo. Mendigos. Parecia tão patético, que ela começou a chorar.

Gresham ligou o monitor de seu computador. Uma luz âmbar inundou a tenda. Voltou à porta da cúpula e falou com os guardas. Um deles disse-lhe algo num voz aguda e começou a rir. Gresham fechou a porta, e trancou-a.

Ele percebeu as lágrimas dela.

- Para que isso?

- Você, eu. O mundo. Tudo - limpou o rosto na manga. - Aquela gente do campo não tem nada. Mesmo você tentando ajudá-las, elas vão roubar essas suas coisas, se

deixarem.

- Ah! - disse Gresham, menos preocupado. - É o que os altos intelectuais chamam de “nível vital da corrupção”.

- Não precisa falar assim, agora que posso ver o que está tentando fazer.

- Oh, Deus - Gresham se lamentou. Foi até o outro lado da cúpula onde a luz do monitor estava suave e juntou algumas mochilas. Levou-as para perto do monitor de seu terminal e espalhou-as, para que servissem de almofadas. - Venha cá, sente-se aqui comigo.

Ela foi. As almofadas tinham um cheiro agradável de resina. Estavam cheias de sementes de grama. Ela notou que algumas já estavam pela metade. Estiveram plantando grama nos fossos, enquanto fugiam.

- Não fique pensando que eu sou como você - disse ele. - Honesta e suave, desejando o melhor para todo o mundo... Garanto-lhe que tenho boas intenções, mas intenções não importam muito. Corrupção é o que conta.

Não estava mentindo. Estavam sentados juntos, a poucos centímetros de distância, mas algo o consumia tanto que ele nem queria olhar para ela.

- O que você acabou de dizer não faz nenhum sentido para mim.

- Certa vez, estive em Miami - ele disse. - Faz muito tempo. O céu estava cor-de-rosa! Parei um cara na calçada, e disse: “Parece que vocês estão com um grave problema de partículas na atmosfera.” E ele me disse que o céu estava cheio da África. Era verdade! Era o *harmattan*, a tempestade de areia. O solo do Saara atravessava o Atlântico. E eu disse comigo mesmo: “Aquele é seu lugar, ali é sua casa”

Olhou bem nos olhos dela.

- Sabe quando as coisas pioraram, aqui? Quando tentam ajudar, com medicina, irrigação. Cavaram poços profundos, com água doce e abundante e, é claro, os nômades se assentaram. Em vez de conservar seus rebanhos em movimento, dando um tempo para os pastos se recuperarem, deixaram que comessem tudo, até pedra, por quilômetros ao redor de cada poço. E as oito ou dez crianças que cada mulher africana tem sobreviveram todas. Não é que o mundo não se importou. Por gerações, lutaram heróica, altruísta e nobremente para executar uma atrocidade.

- Isso é muito complicado para mim, Gresham. Que coisa perversa!

- Você sente gratidão por mim, porque acha que salvei-a. Uma ova! Fizemos o máximo para matar a todos naquele comboio. Atacamos aquele caminhão com metralhadoras, três vezes. Não sei como você sobreviveu.

- Azares da guerra...

- Eu adoro a guerra, Laura. Gosto dela, como o ELCT. Eles gostam de matar pés-de-chinelo com robôs. Eu sou mais visceral. Em algum lugar dentro de mim, eu queria o *Armageddon*, e isto aqui é o que há de mais parecido. Onde a Terra está arrasada e todas as doenças chegam a um fim.

Ele chegou mais perto.

- Mas isso não é tudo. Não sou inocente o bastante para deixar o caos entregue

a si mesmo. Eu tenho o cheiro da Rede, Laura. Do poder, do planejamento, dos dados, do método ocidental e de outras coisas que não vale a pena enumerar. Nunca. Mesmo se destruir a liberdade. A Rede perdeu a África uma vez, estragou-a tanto que ela ficou má e selvagem, mas vai reconquistá-la algum dia. Verde e agradável, e sob controle, como todo o mundo.

- Desse jeito eu ganho e você perde. É isso o que está tentando dizer-me? Que somos inimigos? Talvez sejamos inimigos de alguma forma abstrata que só existe em sua cabeça. Mas como pessoas, somos amigos, não somos? E eu nunca lhe faria mal conscientemente.

- Mas você não pode evitar. Tem me feito mal mesmo antes que eu soubesse que você existia. - Inclinou-se para trás. - Talvez minhas abstrações não sejam as suas, de modo que vou devolver-lhe um pouco das suas. Quem você acha que financiou tudo isto? Granada. São meus maiores patrocinadores. Winston Stubbs... Esse era um homem de visão. Nem sempre éramos absolutamente sinceros um com o outro, mas éramos aliados. Foi muito duro perdê-lo.

- Eu me lembro... Disseram que davam dinheiro para grupos terroristas - disse ela, espantada.

- Não escolhi a origem do dinheiro. Nunca pude permitir-me esse luxo, este meu projeto, o dinheiro, é tudo coisa da Rede, e a corrupção pelo dinheiro está em seu cerne. Os tuaregues nada têm para vender; são nômades do Saara, miseráveis. Não têm nada que a Rede queira; então eu mendigo e roubo de alguns árabes saudosistas, com recordações do deserto, enquanto saem por aí em suas limusines... Negociantes de armas, os poucos que sobraram... Até recebi dinheiro do ELCT, nos velhos tempos, antes que a "Condessa" ficasse caduca.

- Katje contou-me essa! Que é uma mulher que dirige o ELCT. A "Condessa"! E verdade, então?

Ele ficou desconcertado, com a surpresa.

- Ela não o dirige, exatamente, e não é realmente uma condessa, esse é apenas seu nome de guerra... Mas sim, eu a conheci, nos velhos tempos. Eu a conheci muito bem, quando éramos mais jovens. Tão bem quanto a conheço.

- Vocês eram amantes*?*

- E nós, Laura, somos amantes*?* - retrucou, sorrindo.

O silêncio se prolongou, um silêncio do deserto interrompido pelas exclamações distantes dos tuaregues. Ela olhou nos olhos dele.

- Eu falo demais - reconheceu ele, triste. - Sou um teórico.

Ela levantou-se e tirou a túnica, jogou-a no chão. Sentou-se ao lado dele, nua, à luz do monitor.

Ele estava calado. Desajeitadamente, ela desabotoou a camisa dele e passou a mão em seu peito. Ele abriu sua capa e deitou-se sobre ela.

Acariciou-a suavemente. Pela primeira vez, percebeu algo vital, profundo, nela.

Laura estava viva de novo. Como se a alma dela tivesse dormido, como um braço algemado e, agora, a circulação estava restabelecida, numa torrente de sensações.

Passou-se um momento cornos estalidos abafados de um preservativo de látex. Então ele estava sobre ela, e dentro dela. Laura enrolou as pernas em volta dele, a pele em fogo. Carne e músculo movendo-se no escuro, o cheiro de sexo. Ela fechou os olhos, imersa na emoção.

Ele parou por um momento. Ela abriu os olhos. Estava olhando para ela, o rosto iluminado. Estendeu o braço e digitou algo no teclado.

A máquina foi mudando os canais. A luz piscava, enquanto mostrava imagens via satélite. Incapaz de evitar, ela virou a cabeça para espiar.

Paisagem urbana/paisagem urbana/árvores/uma mulher/comerciais/escrita /imagem/imagem/imagem.

Estavam se deslocando no tempo e no ritmo do aparelho, olhos erguidos, fixos no monitor. A pressão disparou por ela como um raio canalizado. Deu um grito. Ele a agarrou com força e fechou os olhos. Ia acabar logo. Ela fez o que pôde para ajudá-lo.

E acabou. Ele deslizou para o lado, tocou o monitor. A imagem congelou numa estação meteorológica, fileiras de números em silêncio, um frio azul de computador, de altos e baixos.

- Obrigada. Você foi bom comigo.

Ela ainda estava trêmula. Achou sua túnica e vestiu-a, a mente e o corpo num turbilhão. Quando a realidade voltou, sentiu uma maré de felicidade, de libertação.

Estava acabado, não havia mais nada a temer. Eram pessoas, juntas, um homem e uma mulher. Sentiu uma onda de afeto por ele. Estendeu a mão. Surpreendentemente, ele acariciou-lhe a mão. Então ergueu-se e afastou-se, em meio à penumbra da televisão.

Ela ouviu-o remexendo numa bolsa. Voltou logo. Brilho de uma lata.

- Abalone.

Ela ficou sentada. O estômago roncou. Riram, descontraídos, em seu desembaraço a crueza da intimidade. Ele abriu a lata e comeram.

- Deus, é tão bom - disse ela.

- Nunca comi nada cultivado na terra. As plantas estão cheias de inseticidas mortais. As pessoas são loucas de comer essas coisas.

- Meu marido costumava dizer isso todo o tempo.

Ele levantou a cabeça, devagar.

- Vou embora amanhã - repetiu. - Não se preocupe com nada.

- Está bem, eu estarei bem.

Palavras sem sentido, mas a preocupação existia era como se tivessem se beijado. A noite caíra, estava frio. Ela tremeu.

- Vou levá-la de volta ao campo.

- Posso ficar, se você quiser.

Ergueu-se e ajudou-a a levantar.

- Não. Lá é mais quente.

Katje estava deitada numa cama, o aroma de flores destacando-se ao cheiro do desinfetante. Não havia muitos equipamentos modernos, mas aquilo era uma clínica, e eles salvaram sua vida.

- Onde encontrou essas roupas? - sussurrou ela.

Laura tocou sua blusa, caindo em si. Era uma blusa vermelha, de número maior, e uma saia amassada.

- É de uma das enfermeiras; Sara... não sei pronunciar seu sobrenome.

Katje achou engraçado. Era a primeira vez que Laura a vira sorrir.

- Sim... em todo campo há uma garota assim... Você deve ser popular.

- Eles são boa gente. Trataram-me muito bem.

- Você não lhes contou... sobre a bomba.

- Não; deixei isso para você. Acho que não acreditariam em mim.

Katje deixou aquela mentirinha sair flutuando, deixou passar. *Noblesse oblige* ou talvez ainda estivesse sob o efeito de anestésicos.

- Eu lhes disse... Agora, não me importo... Eles que se preocupem.

- Boa idéia, poupe suas energias.

- Não vou mais fazer isso. Vou para casa. Ser feliz. - Fechou os olhos.

A porta se abriu. O diretor Mbaqane entrou pomposamente, seguido por Barnaard, o político, e o capitão dos pára-quedistas.

E então, o pessoal de Viena. Três deles. Dois homens com roupa de safári e óculos escuros e uma russa de meia-idade, elegante, com jaqueta, calças caqui justas e botas de couro. Pararam junto à cama.

- Então, estas são nossas heroínas - disse a mulher, alegremente. - Meu nome é Tamara Frolova, este é o senhor Easton e o senhor Neguib, de nosso escritório do Cairo.

- Como vão? - disse Laura, automaticamente. Quase levantou para apertar as mãos deles, mas desistiu. - Esta é a doutora Katje... Está muito cansada, receio.

- Não é de surpreender. Depois de escapar por tão pouco.

- A senhora Tamara tem muito boas notícias para nós - disse Mbaqane. - Foi declarado um cessar-fogo. O campo está fora de perigo! Parece que o regime do Mali está preparado para discutir a paz!

- Uau! - disse Laura. - Eles vão entregar as bombas?

Um silêncio constrangedor.

- Uma pergunta natural - disse Tamara - Mas acho que está havendo algum equívoco - meneou a cabeça. - Não há bombas, senhora Webster.

- Eu já estava esperando por isso! - disse Laura, ficando em pé.

- Por favor, sente-se senhora Webster.

- Senhora Tamara, deixe-me falar com você como pessoa. Não sei o que seus

chefes lhe mandaram dizer, mas acabou. Não pode fugir mais - o rosto de Tamara gelou.

- Sei que sofreu uma provação, senhora Webster, mas não se deve ser irresponsável. Deve pensar, primeiro. Declarações impensadas desse tipo são um claro perigo público para a ordem internacional.

- Eles estavam me levando, nós duas, para um campo de provas atômico! Para fazer chantagem nuclear! Com a Azania, desta vez. Só Deus sabe se já não intimidaram vocês.

- A área que você viu não era um campo de provas.

- Pare de ser idiota! Nem é preciso a fita de Gresham. Você pode ter enganado estes pobres médicos, mas os espiões azanianos não vão se contentar com palavras. Vão querer sobrevoar o deserto para achar a cratera.

- Estou certa que isso poderá ser arranjado! - disse Tamara. - Depois de terminar as atuais hostilidades.

Laura riu.

- Eu sabia que você ia dizer isso, também. Esse é um arranjo que vocês nunca vão fazer, se puderem evitar. Mas toda essa dissimulação acabou. Vocês esquecem que nós estivemos lá. O ar estava cheio de pó de urânio. Eles podem testar nossas roupas e vão descobrir a radiatividade. Talvez não seja muito, mas é uma boa prova. - Ela virou para Mbaqane. - Não os deixe chegar perto daquelas roupas, porque vão acabar com as evidências, depois de nos pegarem.

- Não vamos pegar ninguém - disse Tamara.

Mbaqane limpou o pigarro.

- Vocês disseram que as queriam para depor. Um interrogatório.

- As roupas não provam nada! Essas mulheres estiveram nas mãos de um provocador e terrorista! Ele já cometeu um sério crime informático, com a ajuda da senhora Webster. E agora que a ouço, posso ver que não foi contra a vontade dela - virou-se para Laura. - Senhora Webster, devo proibi-la de falar mais! A senhora está presa.

- Céus! - disse Mbaqane. - Não pode estar se referindo ao jornalista!

- Esta mulher é cúmplice dele! Senhor Easton, por favor, prenda-a.

Easton sacou uma pistola de arame de seu coldre. Katje abriu os olhos.

- Esses gritos... por favor, não atirem em mim, também.

Laura riu descontroladamente.

- Que engraçado... Tudo isso é ridículo! Tamara, escute o que você mesma falou. Gresham salvou-nos das prisões da morte do Mali, para cobrir nossas roupas com pó de urânio. Acha que alguém vai acreditar nisso? O que vai dizer depois que o Mali lançar uma bomba nuclear sobre Pretória? Deveria ter vergonha.

Bamaard falou para os vienenses. Meditativo:

- Vocês nos encorajaram a atacar o Mali. Disseram que teríamos seu apoio, secretamente. Disseram que éramos a maior potência da África e deveríamos restaurar

a ordem... Mas vocês... - a voz dele tremeu. - Vocês sabiam que eles tinham a bomba! Queriam ver se eles a usariam contra nós!

- Essa foi uma acusação muito grave! Nenhum de vocês é diplomata global e estão agindo fora de sua competência...

- O quanto devemos ser bons antes de podermos julgar vocês? - perguntou Laura.

Easton apontou a pistola. Mbaqane bateu em seu pulso e a pistola caiu, ruidosamente. Os dois homens se encararam, desconcertados. Mbaqane conseguiu falar, num tom agudo, lívido:

- Capitão! Prenda esses infiéis imediatamente!

- Diretor Mbaqane - o capitão trovejou. - O senhor é um civil. Eu recebo minhas ordens de Pretória.

- Vocês não podem nos prender! - disse Tamara. - Não têm competência para isso!

O capitão falou de novo.

- Mas aceito sua sugestão, agradecido - puxou sua pistola calibre 45 e apontou para a cabeça do senhor Neguib. - Jogue sua arma no chão!

Neguib puxou sua pistola de arame cuidadosamente.

- Vocês estão criando um sério problema internacional.

- Nossos diplomatas vão pedir desculpas, se me forçar a abrir fogo.

Neguib deixou a arma cair.

- Saíam da clínica e deixem suas mãos bem à vista. Meus soldados vão mantê-los sob custódia - dirigiu-os calmamente para a porta.

Barnaard não pôde resistir e fez uma provocação.

- Esqueceram-se de que meu país também tem urânio?

Tamara deu meia-volta. Estendeu o braço, apontando para Laura.

- Está vendo? Está vendo, agora? Está começando tudo de novo!

Capítulo 11

No aeroporto de Galveston, Laura conseguiu fugir dos jornalistas. Já estava com prática nisso. Eles não tinham tanta sede por suas palavras, sabiam que poderiam entrevistá-la mais tarde.

- Bem-vinda à Cidade da Diversão - o furgão disse-lhe. - Alfred A. Magruder, prefeito. Por favor, anuncie seu destino claramente no microfone. *Anuncie usted...*

- Chalé Rizome.

Ligou o rádio e pegou a metade final de uma nova música: *O entulho cai em Bamako*. Música agressiva, explosiva. Estranho como aquele estilo de música voltara rapidamente a fazer sucesso. Estranheza, nervosismo e clima de guerra.

A cidade não mudara muito. Não a deixaram mudar muito. Os mesmos velhos e imponentes edifícios, as mesmas palmeiras, as mesmas centenas de pessoas nas ruas de Houston, naquele dia em menor número, por causa da frente fria de dezembro.

A Igreja de *Ishtar* estava anunciando abertamente. Os templos eram quase respeitáveis, surgindo em qualquer lugar, numa época de guerra e de prostitutas. “Carlotta estava certa sobre isso.” Pensou em Carlotta, perdida em algum ponto de seu submundo, mostrando seu sorriso radiante, drogada e piscando para algum cliente. Talvez seus caminhos se cruzassem novamente, em algum lugar, mas Laura duvidava. O mundo estava cheio de Carlottas, cheio de mulheres cujas vidas não eram delas mesmas. Ela nem sabia o verdadeiro nome de Carlotta

A ressaca estava muito forte, resultado de uma chuva tropical. O mar quebrava na praia do Texas em meio ao céu nublado. Havia dezenas de surfistas teimosos no mar, em seus trajes característicos. Mais da metade deles tinha pele negra.

Inicialmente, avistou o mastro da bandeira. A bandeira do Texas e o emblema da Rizome. Ao vê-la, comoveu-se. Lembranças, maravilhas, ressentimentos. Amarguras.

Os jornalistas a esperavam na entrada do pátio da Rizome. Astutamente, colocaram um ônibus na passagem para que o furgão não pudesse entrar. O chapéu e os óculos escuros não a ajudariam. Desceu.

Cercaram-na a três metros de distância, como determinado pelas leis de privacidade. Uma pequena vantagem.

- Senhora Webster, senhora Webster! - depois, uma voz em meio a eles. - Senhorita Day!

Laura parou.

- Como?

- Uma palavra sobre seu próximo divórcio, senhorita Day - falou o sujeito ruivo, sardento, com expressão atrevida.

Ela olhou-os bem. Olhos, câmeras.

- Conheço gente que poderia devorar todos vocês no café da manhã.

- Obrigado, obrigado, essa foi grande, senhorita Day.

Cruzou a praia. Subiu as escadas próximas à calçada, que lhe eram familiares. Os corrimões, que pareciam entrar no mar, estavam velhos, mas os toldos listrados eram novos. O chalé parecia um bom lugar, com seus alegres arcos e torre de castelo de areia com grandes janelas redondas. Alegria inocente, banho de sol e limonada, um maravilhoso lugar para uma criança.

Entrou no bar, deixou a porta fechar-se atrás de si. O ambiente estava escuro. O bar estava cheio de estrangeiros. Ar refrigerado pela terra, cheiro de coquetéis de vinho e tortilhas. Mesas e cadeiras de vime. Um homem olhou para ela. "Um dos homens da turma de demolição de David", ela pensou, "não da Rizome, mas eles sempre gostaram de ficar por aqui". Esquecera seu nome. Ele hesitou, reconhecendo-a, mas não teve certeza.

Ela passou por ele, como se fosse um fantasma, ignorando-o. Uma das meninas da senhora Delrosário passou por ela com uma caneca de cerveja. A menina parou e virou-se.

- Laura, é você?

- Alô, Inez.

Elas não podiam abraçar-se. Inez estava carregando a cerveja. Laura beijou-lhe o rosto.

- Você está crescida, Inez... Já pode servir essas coisas?

- Tenho dezoito. Posso servir, mas não posso beber.

- Bem, não vai demorar muito, não é?

- É, acho que não... - ela estava com um anel de noivado. - Minha *abuela* vai gostar de ver a senhora, eu gostei, também.

Laura apontou com a cabeça para o povo.

- Não lhes diga que estou aqui, todos fazem tanta onda...

- Certo, Laura - Inez estava embaraçada. As pessoas ficavam assim desde que ela se tornara celebridade global: sem fala, com ar de veneração. E até mesmo a pequena Inez, de quem Laura costumava trocar fraldas e vestir para irem à praia. - Vou vê-la depois, *né*?

- Claro - Laura entrou pelos fundos do bar e foi para a cozinha. Nenhum sinal da senhora Delrosário, mas o cheiro de seus quitutes estava no ar, despertando suas lembranças. Passou por várias panelas com o fundo de cobre no refeitório. Havia hóspedes da Rizome falando de política, podia-se ver que era isso, pelo aspecto tenso de seus rostos, a agressão estampada.

Não era só o medo. O mundo tinha mudado. Tinham engolido as ilhas e isso caiu em seu estômago como uma droga. As esquisitices da ilha estavam por todo o lugar, diluída, abafada e incomodando...

Ela não podia encará-los, ainda não. Subiu a escada da torre; a porta não queria abrir. Ela quase investiu contra a porta, a cabeça abaixada. Os códigos deviam ter

mudado. Ela usava um novo relogiofone, que não estava programado para o chalé. Tocou-o.

- David?

- Laura, você está no aeroporto?

- Não. Estou aqui, na escada.

Silêncio. Através da porta e dos poucos centímetros que ainda os separavam, ela podia senti-lo, preparando-se para o encontro.

- Entre...

- É a porta. Não posso abri-la.

- Ah, sim. Vou abri-la. - Abriu. Ela tirou os óculos escuros.

Ela entrou e jogou o chapéu sobre uma mesa banhada pela luz do sol, que entrava por uma das janelas da torre. Toda a mobília era diferente. David levantou-se de seu console favorito. Ela percebeu que o marido não era mais o mesmo.

Ele mexia com um jogo chamado Governo Mundial. A África estava uma bagunça. Veio cumprimentá-la. Um homem esbelto, negro, cabelo curto e óculos de grau. Tomaram as mãos um do outro, por um momento. Depois abraçaram-se fortemente, sem nada dizer. Ele perdera peso; ela podia sentir seus ossos.

- Você parece bem - disse ela, afastando-se

- E você também - mentiras. Ele tirou os óculos e colocou-os no bolso da camisa. - Na verdade, não preciso deles.

Laura ficou pensando quando é que começaria a chorar. Podia sentir a necessidade se aproximando. Ela sentou-se num sofá e ele numa cadeira, do outro lado da mesa de café.

- O lugar está bonito, David. Muito bonito.

- Webster e Webster: construímos para durar.

Foi a gota d'água. Começou a chorar fortemente. Ele deu-lhe um lenço de papel e foi para o lado dela no sofá, passando o braço sobre seus ombros. Ela deixou.

- Nas primeiras semanas, nos primeiros seis meses, eu sonhei com este dia, Laura. Eu não podia acreditar que você estivesse morta. Pensei que estivesse em alguma prisão em Cingapura. Ela é uma militante política, eu dizia às pessoas, alguém a prendeu, e vão deixá-la sair quando as coisas melhorarem. Depois, falaram que você estava no *Ali Khamenei*, e eu soube que era o fim. Finalmente a apanharam, mataram minha mulher. Eu estava do outro lado do mundo. Não pude ajudar em nada - passou os polegares pelos cantos dos olhos. - Acordei naquela noite pensando em você, se afogando.

- Não foi sua culpa - disse ela. - Foi sua culpa, foi? Nós vivíamos muito bem, era para durar para sempre.

- Eu a amava de verdade. Quando a perdi, fiquei arrasado.

- Quero que saiba, David, que não o culpo por nada - fez-se um longo silêncio. - Eu também não esperaria, se fosse comigo. O que você e Emily fizeram foi certo,

para os dois.

David fitou Laura com os olhos rasos d'água. O gesto dela, perdoando, o humilhara.

- Não há fim para seu sacrifício, não é?

- Não me culpe! Não sacrifiquei nada, não queria que isto nos acontecesse! Fomos separados de repente, eles roubaram nossas vidas.

- Não precisávamos fazer nada daquilo. Escolhemos. Poderíamos ter deixado a empresa, fugir para algum lugar, apenas sermos felizes - ele estava tremendo. - Eu teria sido feliz, não precisava de nada, a não ser de você.

- Não poderia ser de outra forma, se quiséssemos viver no mundo! Tivemos má sorte. Má sorte existe. A vida nos pregou uma peça que nos machucou - sem resposta. - David, pelo menos estamos vivos.

Ele gargalhou.

- Que diabo, você está mais do que viva, Laura. Você é uma maldita celebridade. O mundo inteiro a conhece. Um tremendo escândalo, uma novela. Não "vivemos no mundo"; o mundo vive em nós agora. Saímos para lutar pela Rede e ela nos destruiu. Não foi nossa culpa, claro que não! Todo o maldito dinheiro, a política e as multinacionais nos agarraram e nos despedaçaram!

David socou o joelho com o punho, com raiva, e continuou:

- Mesmo se Emily não tivesse aparecido, e eu não a amo como amei você, como poderíamos voltar a nossa vida normal? Ao nosso pequeno casamento, nosso nenê, nossa casinha?

Ele riu, com um som agudo e infeliz.

- Quando eu era viúvo, havia muita raiva e dor, mas a Rizome tentou cuidar de mim, achavam que tudo foi... dramático. Odiei-os pelo que nos fizeram, mas pensei: Loretta precisa de mim, Emily se interessa por mim, talvez eu possa recomeçar. Continuar vivendo.

Ele estava tenso como uma corda de violão.

- Mas sou uma pessoa mesquinha, carente. Não sou Hamlet, príncipe da Dinamarca, não sou Deus. Só queria minha mulher, minha filha e meu trabalho, alguns amigos com quem beber cerveja e um belo lugar para viver.

- Mas eles não nos deixaram ter isso. Pelo menos, fizemos com que pagassem pelo que fizeram - retrucou ela.

- Você fez com que pagassem.

- Eu estava lutando por nós!

- Sim, e você ganhou a guerra, mas para a Rede, não para você e eu. - Cruzou os dedos. - Sei como isso é egoísta. Sinto vergonha, às vezes. Aqueles filhos da puta, no submarino, ainda estão lá com suas quatro preciosas bombas atômicas feitas em casa, e se dispararem uma, vai pulverizar um milhão de pessoas como nós. Eles são maus, precisam ser combatidos. Então você e eu importamos, certo? Mas não consigo enxergar deste modo; sou mesquinho e só posso ver você e eu.

Ela tocou as mãos dele.

- David, ainda temos Loretta. Não somos estranhos. Fui sua esposa, sou a mãe de sua filha. Não queria ser o que acabei me tornando agora. Se tivesse escolha, escolheria você.

Ele limpou os olhos. Estava lutando contra seus sentimentos, tomando-se distante. Polido.

- Bem, vamos nos ver às vezes, não? Feriados, esse tipo de coisa. Mesmo que eu esteja no México e você ainda esteja na companhia.

- Sempre gostei do México.

- Você pode ir lá e ver no que estamos trabalhando. O projeto Iucatã... Alguns daqueles caras de Granada... As idéias deles não eram tão más.

- Vamos ser. Bons amigos, quando a dor passar. Não nos odiamos, não queríamos ferir um ao outro. Só dói tanto porque foi bom, enquanto durou.

- Foi bom mesmo, não é? Quando tínhamos um ao outro. Quando ainda estávamos no mesmo nível - olhou para o rosto dela, riscado de lágrimas. De repente, ela pode ver o David que perdera, em algum lugar. Ele era como um menininho.

Fizeram uma festa para ela. Como outras festas em sua homenagem em Azania e em Atlanta, se bem que a sala estava cheia de gente que ela gostava. Fizeram um bolo. Ela cortou e todos cantaram. Sem jornalistas, graças a Deus. Uma festa só da Rizome.

Ela leu um pequeno discurso que escrevera no avião, quando estava retornando. Falou sobre o chalé, como o inimigo matara um hóspede, insultando a casa deles e a companhia, sobre como revidaram, não com metralhadoras, mas com a verdade e a solidariedade. Pagaram um preço pela resistência, em problemas e tragédias.

- Mas hoje, a conspiração do Mali foi totalmente arruinada. O regime granadino foi varrido. Os cingapurianos fizeram uma revolução. Mesmo os banqueiros de dados europeus, *los morfinos,* perderam seus paraísos seguros e foram dispersos ao vento. [Aplausos]

- Até Viena foi esfacelada na convulsão mundial, mas a Rizome está mais forte do que nunca. Provou seu direito ao futuro. Nós, as pessoas do chalé, podemos nos orgulhar de nosso papel na história global.

Todos aplaudiram. Todos ficaram muito emocionados. Ela estava sentindo-se muito melhor com esse tipo de coisa. Fizera tantas vezes que todo o medo se fora.

A formalidade acabou e as pessoas começaram a conversar mais à vontade. As senhoras Delrosário e Rodriguez chegaram às lágrimas. Laura consolou-as. Foi apresentada ao novo coordenador do chalé e a sua mulher, que estava grávida. Falaram bastante sobre como o lugar era agradável e como tinham certeza que iam gostar. Laura fez seu papel de “humilde Laura”, paciente e desligada.

As pessoas sempre pareciam surpresas ao vê-la falar normalmente, sem puxar os cabelos, nem ficar histérica. Todos formaram a primeira impressão dela ao ver a fita de Gresham. Ela começou a ver fita, uma das inúmeras cópias pirateadas, somente

uma vez e desligou antes do fim, incapaz de suportar sua intensidade. Sabia, porém, o que os outros pensavam a respeito; lera os comentários. Sua mãe enviara-lhe um álbum com eles, cuidadosamente recortados dos jornais do mundo.

Às vezes, pensava sobre esses comentários, quando era apresentada a estranhos e os via conversando sobre ela. Eles a julgavam, possivelmente, pelas bobagens que viram e leram.

"A senhora Laura Webster foi enfaticamente convincente, mostrando toda a fúria inocente de uma burguesa ofendida", *Imprensa Livre*, de Leningrado. "Ela expôs suas queixas para a câmera como a amante de um bandido, exigindo vingança por um insulto", *Paris Despatch*. "Feio, histriônico, irritantemente insistente, um testamento que em última análise era desagradável demais para não se acreditar nele", *The Guardian*. Lera este último dez ou doze vezes e pensou até em telefonar para o homenzinho irônico e insignificante que escrevera aquilo, mas, de que adiantaria? A fita funcionou, foi tudo, não era nada, comparado com o que disseram dos infelizes que dirigiam Viena

Mas tudo isso era notícia velha. Agora, todos falavam do submarino, eram especialistas no assunto. Não era, claro, um submarino *Trident*, norte-americano. O ELCT mentira para ela sobre isso, o que não era surpresa. Dissera a todo o mundo que estivera num submarino *Trident*, quando um *Trident* era, de fato, um tipo de míssil.

Mas Gresham pedira-lhe uma descrição e esta deixou tudo mais claro. O barco era um antigo submarino lança-mísseis russo, classe Alfa, vendido há muitos anos para o Djibuti e tido como afundado, com toda a tripulação. Claro que não afundara; a infeliz tripulação fora morta com gás pelos sabotadores do ELCT a bordo, contratados como mercenários, e todo o submarino foi capturado intacto.

Quase toda a história estava completa agora, com alguns pedaços novos aparecendo a cada dia. Tinham os arquivos de computador do ELCT, capturados em Bamako. Os agentes do ELCT no além-mar estavam se rendendo por todos os lados, dando o nome de seus companheiros, arruinando seus ex-empregadores, numa orgia séptica de confissão.

A "Condessa" estava morta Suicidara-se com um tiro em seu *bunker*, em Bamako, e mandou cremar seus restos, deixando um longo, vociferante e lunático testamento, onde dizia que a história iria vingá-la Era o que alegavam, ao menos. Não havia prova legítima de sua morte. Ela mesma providenciara.

Ainda não tinham certeza da verdadeira identidade da mulher. Havia pelo menos cinco boas candidatas, direitistas ricas que desapareceram em um ou outro ponto no submundo dos piratas de dados e espionagem global. Isso sem contar as lendas que surgiram e teorias conspiratórias fantásticas.

O fato estranho e doentio era que o povo gostava dessas coisas. Gostava da idéia de uma condessa má e seus seguidores, mesmo que os testemunhos e confissões mostrassem a indigência mental de tudo aquilo. A mulher era uma doente mental. Velha trêmula e caduca, cercada por fanáticos e aproveitadores.

Mas as pessoas não viam a coisa assim. Não conseguiam compreender a absoluta banalidade da corrupção. Em algum profundo nível inconsciente, gostavam da convulsão política da insegurança e da mórbida perversidade do terror nuclear. O medo era um afrodisíaco, uma chance de jogar fora a perspectiva a longo prazo e viver para o momento. Em outros tempos, *sempre* fora assim. Agora que ela estava vivendo a situação, ouvindo o povo falar a respeito, ela entendia

Alguém convidara o prefeito. Magruder começou a explicar-lhe detalhes legais para a reabertura do chalé. Apesar de seu jeito agressivo, ele se colocava na defensiva sobre o que fizera. A conversa estava chata e ela, para se desvencilhar do prefeito, escolheu uma forma muito delicada:

- Oh, desculpe, há alguém ali que eu tenho de ver - deixou-o e foi ao acaso, na direção de uma estranha. Uma mulher negra de cabelo curto e de franja, sozinha num canto, bebendo soda e água de arroz.

Era Emily Donato. Viu Laura aproximando-se e olhou-a com uma expressão do mais puro horror animal. Laura parou, surpresa.

- Oi, Emily.

- Oi, Laura - ela queria ser educada.

Laura percebeu o rosto de Emily endurecer e viu-a controlar o impulso de fugir.

De repente, o burburinho da sala ficou mais baixo. As pessoas as olhavam pelo canto dos olhos.

- Preciso de uma bebida - disse Laura. Uma frase sem sentido, mas precisava dizer alguma coisa.

- Vou buscar-lhe uma.

- Não, vamos sair daqui - ela empurrou a porta e saiu para a varanda. Ali havia poucas pessoas que, apoiadas no parapeito, observavam as gaivotas. Laura passou por elas. Emily acompanhou-a, relutante.

Foram para a parte de trás do prédio. Estava ficando frio e Emily, em seu vestido simples, de mangas curtas, cruzou os braços.

- Esqueci meu casaco... Não, está bem. Certo - pôs sua bebida sobre o parapeito.

- Você cortou o cabelo - disse Laura.

- É... Viajo muito, nestes dias - silêncio sepulcral. - Viu o julgamento de Arthur?

- Mas gostei que você nunca me apresentou pro filho da mãe - respondeu Laura, meneando a cabeça.

- Ele fez-me sentir como uma puta - disse Emily. Simples, abjeto. - Ele era do ELCT! Às vezes, ainda não consigo aceitar isso. Que eu estava dormindo com o inimigo, que estraguei tudo, que foi tudo minha culpa - começou a chorar. - E depois, isto! Nem sei por que apareci aqui. Gostaria de estar lá no México. Gostaria de estar no inferno!

- Pelo amor de Deus, Emily, não fale assim!

- Desgracei meu cargo. Desgracei a companhia. E Deus sabe o que fiz com minha vida pessoal - soluçava. - Agora, veja o que fiz: traí minha melhor amiga. Você estava na cadeia e eu dormia com seu maldito marido! Você deve estar querendo que eu morra!

- Não, não estou! Eu sei, eu estive morta. Não é nada bom.

Emily olhou-a. Aquela observação fora chocante.

- Eu a conhecia bem. Eu costumava depender de você. Você foi a melhor amiga que já tive. Sabe, quando vim aqui ver David pela primeira vez, eu pensei que estava fazendo um favor para você. Quero dizer, eu gostava dele, mas ele não estava fazendo muito bem para o moral da Rizome. Queixando-se, atormentando os outros, bebendo muito. Eu disse: minha amiga gostaria que eu cuidasse de David. Tentei fazer algo realmente bom, e foi a pior coisa que já fiz.

- Eu faria a mesma coisa.

- Não é isso o que eu quero. Quero que você me diga o quanto me odeia. Não posso suportar vendo você tão mais nobre que eu - falou Emily, sentando-se numa das espreguiçadeiras e acomodando as pernas.

- Certo, Emily - a verdade saltou da boca de Laura. - Quando penso em você e David dormindo juntos, tenho vontade de rasgar sua garganta.

Emily, espantada, ouviu aquelas palavras e disse:

- Não posso suportar isso, acho que vou fugir.

- Não fuja, Emily. Ele não merece isso. É um bom homem. Não me ama mais e não pode tomar outra atitude. David e eu ficamos distanciados demais.

Emily ergueu os olhos. Surgiu uma esperança.

- Então é verdade? Não vai tirá-lo de mim?

- Não - ela forçou as palavras a saírem com leveza. - Vamos nos divorciar. Não vai ser complicado... Exceto pelos jornalistas.

Emily olhou para o chão. Aceitou o presente.

- Eu o amo, você sabe. Quero dizer, ele é simples e meio confuso, de vez em quando, mas tem seus pontos positivos - não tinha nada a ocultar. - Nem mesmo preciso das pílulas. Eu só o amo. Estou acostumada com ele. Estamos até pensando em ter um filho.

- Mesmo? - Laura sentou-se. Era um pensamento tão estranho, que não a chocou. Parecia agradável, de alguma maneira. - Já estão tentando?

- Ainda não, mas... Laura, vamos sobreviver a isto, não vamos? Quero dizer, não vai ser como antes, mas não precisamos nos matar. Vamos nos relacionar bem.

- Sim, claro - longo silêncio..

Ela inclinou-se para Emily. Agora que tudo estava em pratos limpos entre elas, algo fazia com que a velha amizade estivesse voltando. Uma espécie de estímulo movimentou-se em Laura. Emily sorriu. Podia sentir a mesma coisa também.

Durou o bastante para elas voltarem abraçadas.

Todos sorriram.

Laura passou o Natal na casa de sua mãe, em Dallas. Loretta estava lá. Uma garotinha que correu quando viu aquela senhora de chapéu e óculos escuros e escondeu o rosto no vestido da avó.

Era uma coisinha linda Maria-chiquinhas loiras espetadas, olhos verdes. Muito falante. Depois de ficar à vontade, disse:

- Vovó derramou leite - e sorria.

Cantou uma musiquinha de Natal, onde a maioria dos versos eram “na na na na” no máximo volume. Depois de se acostumar com ela, sentou-se no colo de Laura e chamava-a de “Rarra”.

- Ela é uma maravilha - disse Laura a sua mãe. - Você se deu muito bem com ela.

- Ela é uma alegria tão grande para mim - disse Margaret Alice Day Garfield Nakamura Simpson. - Perdi você, mas fiquei com ela; agora tenho as duas. E um milagre. Não passo um dia sem que eu me maravilhe com isso. Nunca estive tão feliz assim.

- Mesmo, mãe?

- Tive meus bons e maus momentos, mas esta é a melhor época para mim. Desde que me aposentei, joguei fora o jogo, é só eu e Loretta. Somos uma família; é como se fôssemos uma pequena equipe.

- Você devia ser feliz quando estava junto de papai. Lembro-me. Sempre pensei que éramos felizes.

- Bem, éramos, sim. Não era tão bom assim, mas era bom. Até a Abolição. Até que comecei a trabalhar dezoito horas por dia. Eu poderia ter abortado você, seu pai queria, mas eu não quis. Este é o ponto mais importante de minha vida. Se quisesse viver neste mundo, precisaria fazer isto primeiro. Então eu o fiz, e perdi-o. Vocês dois.

- Deve ter doído terrivelmente. Eu era jovem e não entendia direito as coisas; só sabia que me feria.

- Lamento, Laura. Sei que é tarde, mas peço-lhe desculpas.

- Obrigado por dizer isso, mãe. Lamento, também - ela riu. - Engraçado que tudo tenha acabado assim. Depois de todos esses anos. Só umas palavrinhas.

A mãe dela tirou os óculos, enxugou os olhos.

- Sua avó entendeu... Nunca tivemos muita sorte, Laura. Mas sabe, acho que estamos melhorando! Não é ao estilo antigo, mas é alguma coisa. Somos famílias nucleares, não? Pré-industrial.

- Talvez tenhamos melhor sucesso agora - respondeu Laura. - Eu estraguei tudo muito mais do que você, mas talvez não a machuque tanto.

- Eu deveria ter visitado você mais, enquanto estava crescendo. Mas havia o trabalho e, detesto ter de dizer isto, o mundo está cheio de homens - ela hesitou. - Sei que você não quer pensar nisso agora, mas acredite, sempre acontece.

- *É* bom saber disso - olhou para a árvore de Natal, piscando entre duas pinturas japonesas dependuradas na parede. - Agora, os únicos homens que vejo são jornalistas. Não é muito divertido. Desde que Viena perdeu a parada, eles estão por aí como loucos.

- Nakamura era jornalista - sua mãe disse, pensativa. - Sabe, nunca fui muito feliz com ele, mas certamente foi intenso.

Cearam juntas, na pequena e elegante sala de jantar de sua mãe. Havia vinho, presunto e um creme de *scop* recentemente inventado na Inglaterra, que tinha gosto de patê. Comeram o patê até se fartar.

- *É* bom, mas não é bem como patê - sua mãe se queixou. - É mais como... *mousse* de salmão.

- E muito caro. Provavelmente custa dez centavos.

- Bem - respondeu a mãe, tolerante -, eles precisam compensar o que gastaram em pesquisas.

- Vai ser mais barato, quando Loretta for grande.

- Então, estarão fabricando *scop* com gosto de tudo... O pensamento era um pouco assustador.

"Estou ficando velha", pensou Laura. "A mudança em si começa a me deixar assustada."

Afastou aquela idéia. Brincaram com Loretta até chegar a hora de ela ir dormir. Depois conversaram agradavelmente por uma ou duas horas, bebendo vinho e comendo queijo. Laura não estava feliz, mas o pior tinha passado; já estava se recuperando. Ninguém sabia onde ela se encontrava e isso já era uma bênção. Dormiu bem.

Na manhã seguinte, trocaram presentes.

O Comitê Central estava reunido no Retiro Montanhês da Rizome. Lá estava a nova diretora-presidenta, Cynthia Wu. O comitê em si era o suficientemente grande para dar quorum: García-Meza, Sharon, Kaufmann e De Valera. Gauss e Salazar estavam numa conferência de cúpula, enquanto o velho Saito estava de férias, curtindo uma praia em algum lugar. Claro que Suvendra estava lá, feliz por encontrar Laura Mas seu estado de espírito para outras coisas não era dos melhores.

Acampando. Estavam fazendo muito disso, nos últimos tempos. Atlanta era uma grande cidade. Comentava-se a boca pequena que poderia tornar-se *ground zero*.

Era uma típica refeição do Comitê Central. Sopa de lentilha, salada e pão integral. Simplicidade voluntária. Todos comeram e tentaram parecer mais felizes do que os outros.

O escritório de telecomunicação lembrava o estilo de Frank Lloyd Wright: blocos de concreto alternados com vidro, colocados e rebaixados com séria elegância geométrica. O edifício parecia adequado para a senhora Wu, uma anglo-saxônica com cara de professora primária. Ela estava na casa dos sessenta e progredira trabalhando na seção de Engenharia Marítima. Chamou os participantes da reunião à ordem.

- Graças a nossos contatos - disse -, estamos recebendo esta fita com três dias de antecedência e antes de ser editada pela Rede. Acho que este documentário serve como pedra angular do trabalho político que executamos sob meu predecessor. Proponho que façamos uma reavaliação de nossa política. Observando melhor, nossos planos iniciais parecem ingênuos e seriamente comprometidos - notou a mão levantada de De Valera. - Comentário?

- O que, exatamente, você está definindo como sucesso?

- Segundo me recordo, nossa estratégia original era encorajar os paraísos informáticos a se juntarem. Manobrar para que eles se tornassem uma estrutura burocrática, de *gesellschaft*, que seria mais facilmente controlada; assimilada, se assim o quiserem. Pacificamente. Há alguém aqui que acha que a política funcionou?

- Funcionou contra o *EFT Commerzbank*. Se bem que, admito, não foi pela nossa mão. Mesmo assim, ainda têm pequenos problemas legais. Inofensivos - falou Kaufmann.

- Só porque temem ser mortos - disse Suvendra. - A raiva da Rede se tornou uma força temível!

- Vamos encarar - disse De Valera. - Se conhecêssemos a verdadeira natureza do ELCT, nunca nos atreveríamos a nos envolver! Por outro lado, os paraísos perderam, não é? E nós ganhamos. Mesmo nossa ingenuidade funcionou em nosso favor; pelo menos ninguém pode acusar a Rizome de ter apoiado o ELCT, não importa o quanto os paraísos nos atormentaram.

- Em outras palavras, nosso sucesso foi causado, principalmente, pela sorte - foi logo dizendo a senhora Wu. - Concordo, tivemos sorte. À exceção daqueles sócios da Rizome que pagaram o preço de nossa aventura. - Não precisou olhar para Laura para ressaltar o ponto.

- Verdade - reconheceu De Valera. - Mas nossos motivos foram bons e lutamos bem.

A senhora Wu sorriu.

- Orgulho-me disso como qualquer um. Mas espero nos darmos melhor na atual situação política. Agora que a verdade apareceu e podemos tomar o que alegremente chamamos de decisões bem-informadas. - Ela sentou-se, tocando seu relogiofone. - Vamos assistir à fita.

As luzes diminuíram e o monitor na cabeceira da mesa foi ligado.

- Aqui é Diarme Arbright da *3N News*, falando de Tânger. A entrevista exclusiva que vão ver foi feita sob condições de grande perigo pessoal para nossa equipe. Nos desertos das Montanhas do Ar, da Argélia, isolados, sem apoio, nós quase fomos reféns nas mãos da agora famosa Revolução Cultural Inadin...

- Que glória! - ironizou García-Meza.

- Sim - disse Sharon, de dentro da confortável escuridão da *gemeins chaft*. - Gostaria de saber quem é o cabeleireiro dela.

O filme continuou, com a narrativa de Dianne. Jipes brancos andavam, saltitando, pelo solo pedregoso da montanha. A equipe da tevê usava roupa de safári, chapéus, lenços e botas.

Uma multidão de tuaregues, com *buggies*, emergia do nada. Os jipes ficaram cercados com armas apontadas por todos os lados. O ataque parecia ser verdadeiro pelas expressões no rosto da equipe jornalística; trepidante *cinema verité*. Câmeras bloqueadas por mãos calejadas.

De volta a Dianne, em algum lugar de Tânger.

- Eles nos revistaram para saber se não carregávamos algum dispositivo de espionagem e depois vedaram nossos olhos. Ignoraram nossos protestos, amarraram nossas mãos e pés, e puseram nós quatro em seus veículos, como gado. Andamos durante horas por um território dos mais acidentados e pobres da África. A gravação que vão ver a seguir foi feita numa região "liberada" pela RCI. Nesta montanha, há uma fortaleza super secreta, onde finalmente fomos colocados frente a frente com o chamado gênio estratégico da RCI: o ex-coronel das Forças Especiais, Jonathan Gresham.

Mais filmagem. Retomaram fôlego. Uma caverna com paredes rústicas e lâmpadas dependuradas no teto alto. Dianne estava sentada num tapete, de pernas cruzadas, de costas para a câmera.

A frente dela, Gresham, de turbante, véu e capa, sentado numa cadeira de vime com o espaldar imitando cauda de pavão. Atrás dele, à direita e à esquerda, dois lugares-tenentes tuaregues, com fuzis automáticos dependurados, bandoleiras pretas, espadas cerimoniais tuaregues, com empunhaduras incrustadas de jóias e bainhas trabalhadas, facas de combate, granadas e pistolas.

- Pode continuar - falou Gresham.

A senhora Wu parou a fita

- Laura, você é nossa especialista, nesta situação. É ele?

- Sim, é ele. Tomou um banho de loja, mas é Jonathan Gresham.

- Eles sempre têm essa aparência? - perguntou De Valera.

- Não durariam cinco minutos assim, em campanha Aquelas espadas idiotas, todo aquele arsenal, Gresham está usando apenas para impressionar a moça - respondeu Laura, sorrindo.

- Nunca vi uma figura mais assustadora - disse sinceramente a senhora Wu. - Por que esconde o rosto? Sua foto deve estar em algum arquivo.

- Está usando o *tagelmoust* - explicou Laura. - O véu e o turbante são tradicionais para os tuaregues. Uma espécie de *chador* para homens.

- Isso é um truque - disse Sharon, com muita leveza na voz. Estava assustada, também.

- Obrigada, coronel Gresham - Dianne estava assustada, mas indo bem. Uma profissional. - Vou começar perguntando por que concordou com esta entrevista?

- Por que resolvi concedê-la a você ou por que resolvi dar entrevista?

- Vamos começar com o por que resolveu dar uma entrevista.

- Sei o que aconteceu em seu mundo - disse Gresham. - Acabamos com o jogo viciado de Viena e a Rede quer saber por quê. O que ganhamos com isso? Quem somos nós, o que queremos? Quando a Rede quer saber, manda seu exército: jornalistas. Mas quis me encontrar com uma pessoa, exatamente você. Dependo de você para avisar o resto.

- Não tenho certeza se estou entendendo, coronel. Não posso falar em nome de meus colegas de imprensa, mas com certeza não sou um soldado.

- O regime do Mali dirigiu contra nós uma guerra de extermínio. Também entendemos a ameaça muito mais insidiosa que vocês representam, com seus exércitos de *cameramen*. Não queremos seu mundo. Não respeitamos seus valores e não nos importamos em ser atingidos. Não somos uma atração turística, somos uma revolução, não um zoológico. Não vamos ser domados ou dominados. Pela própria natureza de vocês, por sua própria presença, forçariam nossa assimilação. Isso não vamos permitir.

- Coronel, o senhor mesmo foi um jornalista, além de soldado, e um teórico da cultura. Deve saber que o interesse popular pelo senhor e por suas atividades é muito intenso.

- Sim, eu sei. Por isso que espero, literalmente, cobrir este deserto com os ossos de seus colegas, nestes próximos anos. Mas sou um soldado, não um terrorista. Quando nossos inimigos, seus colegas, forem mortos em nossas regiões liberadas, morrerão sabendo por que motivo. Presumindo, claro, que posso confiar que você vá cumprir bem seu trabalho.

- Não vou censurá-lo, coronel. Também não sou de Viena.

- Sim, sei disso. Sei que você empurrou a cobertura do ataque terrorista de Granada muito além dos limites de Viena, arriscando um pouco sua carreira. Por isso, escolhi você, é inteligente.

O segundo *cameraman* focalizara rapidamente a entrevistadora. Dianne sorriu para Gresham. Covinhas. Laura sabia o que a outra estava sentindo. Adquirira alguma intimidade com Dianne, naqueles últimos dias. Fizera uma entrevista com ela, que saíra muito boa. Ela até sabia qual era o cabeleireiro de Dianne.

- Coronel, sabia que seu livro sobre a doutrina Lawrence agora é um *best-seller!*

- Foi pirateado. E expurgado.

- O senhor poderia explicar um pouco da doutrina para nossos telespectadores?

- Acho que é melhor que eles leiam - disse Gresham, relutante. Relutância fingida. - Há mais de um século, Lawrence... Ele era inglês, da Primeira Guerra Mundial... descobriu como uma sociedade tribal se defendia do imperialismo industrial... A revolta árabe impediu a invasão cultural turca, literalmente em sua raiz. Fizeram isto com guerrilhas contra as ferrovias e telégrafos, o sistema de controle

industrial dos turcos. Para ter sucesso, entretanto, os árabes foram forçados a usar artefatos industriais, como algodão-pólvora, dinamite e comida enlatada. Para nós, é a energia solar, explosivo plástico e proteína unicelular.

Ele fez uma pausa.

- Os árabes cometeram o erro de confiar nos ingleses, que eram simplesmente os turcos, mas sob outro nome. A Primeira Guerra Mundial foi uma guerra civil proto-rede e os árabes foram deixados de lado. Até que veio o petróleo, quando foram assimilados. Bravos esforços como a revolta iraniana de 1979 foram muito pequenos e vieram muito tarde... já estavam lutando pela televisão.

- Coronel, o senhor fala como se não esperasse que ninguém simpatizasse com o senhor.

- Não mesmo. Vivo segundo seu sistema. Viena, Mali, Azania, é tudo maquinário imperial, só que com marcas diferentes.

- O analista político britânico Irwin Craighead descreveu-o como “o primeiro intelectual de direita respeitável, desde T. E. Lawrence”.

Gresham tocou em seu véu.

- Sou um anarquista tribal pós-industrial. Isso é considerado “de direita”, hoje em dia? Você vai ter de perguntar a Craighead.

- Tenho certeza que *sir* Irwin gostaria muito de discutir as definições.

- Eu não irei à Inglaterra e se ele tentar invadir nosso território, vai ser tocaiado como qualquer outro.

A senhora Wu parou a fita.

- Esta ladainha de ameaças de morte é muito chata.

- Dianne conseguiu irritá-lo - disse De Valera. - Típico de direitista; cheio de arrogância!

- *Ei*! - objetou García-Meza. - Você é que deveria se envergonhar, De Valera, você e seu sistema monetário socialista fechado...

- Por favor, não comecem com isso de novo - disse Kaufmann. - De qualquer modo, ele é interessante, não? Aqui está um sujeito que poderia ser um herói mundial, não para todos, talvez, mas para muitos de nós e não só ele está lá, no inferno, mas convenceu essas pobres almas a juntarem-se a ele!

- A ideologia dele é hipnótica - disse De Valera. - Se ele quiser ser um eremita do deserto, poderia mudar-se para o Arizona e deixar de pagar as contas telefônicas. Não precisa os lança-foguetes de quase dez metros.

- Estou com De Valera, neste aspecto - disse Sharon. - Ainda não vejo onde entra a estação espacial russa.

- Ele está confuso - disse Laura. - Não tem certeza se o que está fazendo está certo. É como se ele quisesse ser o mais diferente, mas não pode se esquecer de nós. Está cheio de ódio por si mesmo, eu não entendo.

- Vamos deixá-lo falar - disse García-Meza

Assistiram mais. Dianne perguntou a Gresham sobre o ELCT.

- O regime do Mali está acabado; o submarino é apenas um detalhe - e começou a falar sobre o “imperialismo” azaniano. Detalhando como as estradas poderiam ser minadas, fazer emboscadas a comboios, cortar as comunicações, até que o “expansionismo” azaniano não fosse mais “economicamente sustentável”.

De repente, começou a falar de seus planos para recuperar o deserto.

- A agricultura é a mais antiga e renitente das biotecnologias humanas. Em vez de haver fazendeiros sem raízes em campos de esterilização azanianos, deveriam existir tribos nômades de ativistas eco descentralizados...

- Ele é completamente maluco - comentou De Valera.

- Acho que todos concordamos quanto a isso - disse a senhora Wu, baixando o som, - A pergunta é: qual é a nossa política? Gresham seria menos ameaçador para nós do que Granada ou Cingapura? Ele certamente cultiva uma linha agressiva.

- Granada e Cingapura eram piratas e parasitas - disse Laura. - Conceda-lhe só um pouquinho, ele só quer ficar em paz.

- Vamos lá - disse De Valera - E todo aquele maquinário de tecnologia de ponta? Não conseguiu aquilo vendendo bijuterias.

- Ah! - entrou García-Meza - Então é aí que ele é vulnerável.

- Por que deveríamos atacar alguém que lutou contra o ELCT? - disse Suvendra. - E se ele não pôde assustar ou derrotar essa gente, será que nós poderíamos?

- Boa argumentação - disse a senhora Wu.

Observaram Gresham encostar-se um pouco em sua cadeira de vime e resmungar uma ordem para o lugar-tenente a sua esquerda. O tuaregue fez continência, elegantemente, e saiu fora do campo da câmera.

- Ele está num deserto que ninguém quer - disse Suvendra - Por que forçá-lo a vir até nós?

- O que ele poderia fazer para nós? - disse De Valera - É um ludita.

Laura interveio com veemência.

- Pode voltar a fita atrás? Acho que aquele homem que saiu do lado dele era Chacal Thompson.

Todos se espantaram. A senhora Wu voltou a fita.

- Sim, isso mesmo - repetiu Laura. - Aquele modo de andar, aquela continência. Debaixo daquele véu, tem de ser ele. Chacal, Nesta Stubbs. Claro, para onde mais ele iria? Fiquei pensando onde é que ele poderia estar.

- Que coisa horrível - disse De Valera.

- Não, não é - disse-lhe Laura - Ele está por lá, no deserto, com Gresham. Não está aqui.

- Meu Deus - interveio Sharon. - Pensar que fico acordada a noite, pensando em bombas atômicas. Seria melhor avisarmos Viena já.

Todos olharam para ela.

- Boa jogada - elogiou De Valera. - Viena... Puxa! Isso vai mesmo assustá-lo.

- Que faremos agora? - perguntou a senhora Wu, esfregando a testa

- Acho que pensei numa coisa - falou Laura. - Podemos proteger as linhas de suprimento dele, para que ninguém mais o incomode! Sei de um suprimento que significa para ele mais do que tudo: camelos de ferro, da *Go-Motion Unlimited*, de Santa Clara. Devíamos fazer algumas consultas.

- *Rizome-GoMotion* - disse Sharon. - Não soa mal.

- Bom, falou García-Meza - Ele é vulnerável, como eu disse. Transporte: isso nos daria influência sobre ele.

- Poderíamos ficar melhor se esquecêssemos o assunto - disse De Valera. - É quente no Saara. Talvez todos eles evaporem.

- Ninguém jamais vai esquecer Gresham - falou Laura. - Eles nunca esquecem o que não podem ter... É melhor incorporarmos aquela empresa - olhou para todos à volta da mesa, iluminados pela luz da televisão. - Não percebem? Camelos de ferro: o *look* de Jonathan Gresham. Todo pretenso valentão, individualista feroz e fanático por enduro deste planeta vai querer um. Em seis meses, o Arizona estará cheio de caras de *tagelmousts* de náilon, quebrando o pescoço - apoiou o queixo nas mãos. - E não há coisa alguma que ele possa fazer contra isso.

- Poderia valer milhões - considerou De Valera. - Que diabo, vou apostar nisso. - Levantou a cabeça. - Quando é que essa coisa vai ao ar?

- Em três dias.

- Podemos fazer alguma coisa?

- Na Califórnia? Com certeza - disse a senhora Wu. - Se fizermos tudo direito.

Então, partiram para fazer tudo direito.

Laura estava limpando a cozinha quando seu relogiofone tocou. Ela apertou um botão nele e a porta abriu. Charles Cullen, ex-diretor-presidente da Rizome, estava no corredor, de jeans.

- Senhor Cullen - disse ela, surpresa. - Não sabia que tinha voltado para Atlanta.

- Só visitando os velhos amigos. Desculpe por não avisar, mas seus novos protocolos de telefone... Espero que não se importe.

- Não, gostei de vê-lo. Entre. - Eles se abraçaram brevemente, com um beijo no rosto. Ele olhou para ela e sorriu.

- Você ainda não sabe, não é?

- Sabe o quê?

- Assistiu o noticiário?

- Não, há dias que não vejo nada - disse Laura, jogando algumas revistas para fora do sofá. - Não suporto, deprimente demais, muito ruim.

Cullen deu uma boa risada.

- Bombardearam Hiroshima - disse ele.

Laura ficou branca e agarrou-se ao sofá.

- Calma - disse ele. - Eles se ferraram! Não funcionou! - Empurrou uma poltrona atrás dela. - Aqui, Laura, sente-se, desculpe... Não explodiu! Está no jardim de uma casa de chá no centro de Hiroshima. Desativada, inútil. Veio voando pelo céu, dando cambalhotas, pelo que disseram as testemunhas, acertou a casa, e está lá, enterrada. Quebrada em alguns pedaços.

- Quando foi que aconteceu?

- Há duas horas. Ligue a televisão.

Ligou. Eram dez da manhã, hora de Hiroshima. Ensolarada manhã de inverno. A área estava cercada por um cordão de isolamento. Uniformes amarelos, máscaras, contadores *geiger*. Boa tomada aérea do helicóptero. Pequeno edifício de madeira e cerâmica em alguma área destinada a restaurantes.

O míssil estava lá, destruído. Parecia algo caído de uma lata de lixo. A maior parte era motor, tubos de cobre arrebentados e aço corrugado rasgado.

Ela tirou o som.

- Não está cheio de urânio?

- Ah, tiraram a ogiva antes de qualquer outra coisa. Intacta. Acham que o detonador falhou. Explosivo convencional. Estão examinando isso agora.

- Aqueles malditos filhos de uma puta! - Laura gritou e socou a mesinha de café. - Como puderam escolher Hiroshima!

Cullen sentou-se no sofá. Não conseguia parar de sorrir. Em parte surpreso, em parte nervosismo mesmo. Ela nunca o vira sorrir tanto. Esta crise estava fazendo todo mundo agir estranhamente.

- Alvo perfeito - disse ele. - Grande o bastante para mostrar que tinham mesmo intenção e pequena o bastante para mostrar que tinham limites. Estão evacuando Nagasaki, neste momento.

- Meu Deus, Cullen.

- Ah, me chame de Charlie. Tem alguma coisa para beber?

- Hã? Claro. Boa idéia - chamou o armário de bebidas.

- Você tem Drambuie! - pegou dois cálices de licor. - Beba também.

- Ele serviu, derramou um pouco na mesa de café. - Opa!

- Meu Deus, pobre Japão - bebeu um pouco. Não pôde fazer outra coisa, senão dizer logo o que pensava. - Acho que isso quer dizer que eles podem *nos* pegar.

- Não vão pegar ninguém - disse ele, bebendo. - O mundo todo está atrás deles. Detectores de som, sonar, tudo o que pode flutuar. Que diabo, espalharam toda a Força Aérea de Cingapura no Mar da China Oriental. Captaram a bomba se aproximando pelo radar do aeroporto, traçaram a trajetória... - seus olhos se acenderam. - Aquele submarino vai ser afundado. Posso sentir isso.

Ela encheu os copos de novo.

- Desculpe, está no fim.

- O que mais você tem aí?

- Hã... Licor de cereja. E bastante saque.

- Ótimo! - estava olhando para a televisão. - Não vamos encomendar mais. Está calmo aqui onde você mora, mas, acredite, está ficando estranho, nestes corredores.

- Tenho cigarros - confessou ela.

- Cigarros! Puxa, acho que não fumo desde que era menino.

Ela pegou os cigarros atrás do armário de bebidas e trouxe seu antigo cinzeiro.

Ele afastou os olhos da televisão, mudou para um comunicado do primeiro-ministro japonês. Figura de proa, inexpressivo.

- Lamento - disse ele. - Não queria me intrometer em sua vida assim. Eu estava em seu prédio antes de ouvir as notícias e... De fato, estava esperando que pudéssemos... sabe... ter uma boa conversa

- Ora, converse comigo, de qualquer jeito. Porque senão vou ter um ataque. Ainda bem que você está aqui, Charlie. Eu detestaria ter de assistir isso sozinha.

- Eu também. Obrigado por dizer isso.

- Você deveria estar com Dóris.

- Dóris?

- É o nome de sua esposa, não? Será que esqueci?

Ele ergueu as sobrancelhas.

- Laura, Dóris e eu estamos separados há dois meses. Se ainda estivéssemos juntos, eu a teria trazido comigo - olhou para a televisão. - Desligue isso - disse, de repente. - Só posso pensar em uma crise de cada vez.

- Mas...

- Dane-se, é coisa de *gesellschaft*. Está fora de nosso controle.

Desligou. De repente, ela pode sentir a ausência da Rede como se tirassem um pedaço de seu cérebro.

- Acalme-se. Respire fundo - disse ele. - Esses cigarros nos fazem mal, de qualquer jeito.

- Eu não sabia a respeito de Dóris, desculpe.

- Foi a aposentadoria. As coisas iam bem enquanto eu era o diretor-presidente, mas ela não suportou a aposentadoria. Quero dizer, ela sabia que isso iria acontecer, é o comum, mas...

Ela olhou para o macacão de jeans dele. Estava puído nos joelhos.

- Acho que eles levam esse ritual da aposentadoria muito longe... O que fizeram com você?

- Estou na casa dos velhos. Arrumamos as camas, lembramos dos velhos tempos e, às vezes, trabalhamos no campo. Não é tão mau. Pelo menos, nos dão alguma perspectiva a longo prazo.

- Postura muito correta, Charlie.

- É o que quero dizer. A crise da bomba deixou todo mundo obcecado, mas a perspectiva a longo prazo ainda está lá, se puder recuar o bastante. Granada e

Cingapura tinham idéias malucas, desvairadas, mas se formos espertos, e muito cuidadosos, poderíamos usar esse tipo de potencial radical com sensatez. Há um mundo de coisas a serem endireitadas, primeiro... Talvez muito mais, se esses desgraçados nos bombardearem... mas, algum dia...

- Algum dia o quê?

- Não sei mesmo como chamar isso... Algum tipo de aperfeiçoamento básico, genuíno, na condição humana.

- Realmente, isso nos ajudaria - sorriu para ele, gostando de ouvir aquilo. Ela gostava dele, por ter lembrado o longo prazo, no meio de toda aquela bagunça Foi a melhor hora para lembrar aquilo. - Gostei – disse ela. - Parece um trabalho interessante. Poderíamos conversar a respeito. Trabalhar um pouco na Rede.

- Sim, eu gostaria. Quando voltar à atividade - parecia embaraçado. - Não me importo em ficar afastado, um pouco. Não enfrentei bem a situação. O poder... Você deve saber disso, Laura. Melhor que qualquer um.

- Você se saiu bem, todos dizem isso. Você não é responsável pelo que aconteceu comigo. Entrei na chuva para me molhar.

- Jesus! E muito bom ouvir você dizer isso - olhou para o chão. - Eu receava este encontro... Quero dizer, você foi muito boa, as poucas vezes em que nos encontramos, mas eu não sabia como você tinha reagido.

- Bem, é nosso trabalho! É o que fazemos, o que somos.

- Você acredita mesmo nisso, não? A comunidade.

- Preciso. É tudo o que me restou.

- Sim - reconheceu ele. - Eu também - sorriu. - Não pode ser tão mau, quero dizer, estamos todos no mesmo barco. Aqui estamos nós. Solidariedade, Laura.

- Solidariedade.

Tocaram os cálices e beberam o que restou do Drambuie.

- É bom - disse ele, olhando à volta - Bonito apartamento.

- Eles mantêm os jornalistas à distância... Tem uma bela varanda, também. Gosta de alturas?

- Sim, onde estamos? Quadragésimo andar? Nunca me oriento bem nestes prédios grandes de Atlanta. - Levantou. - Eu até que gostaria de tomar ar fresco.

- Está bem.

Laura foi até a varanda; as portas duplas abriram. Ficaram lá, olhando a rua embaixo.

- Impressionante - disse ele.

Do outro lado da rua, viam outro prédio, andar sobre andar, algumas cortinas abertas, brilho nas telas de televisão. No andar de cima, a varanda estava aberta e ouviam conversas. O tom aumentando.

- É bom estar aqui - disse ele. - Vou lembrar-me deste momento. Onde eu estava, o que estava fazendo. Que diabo, todos se lembrarão. Daqui a anos. Pelo resto

de nossas vidas.

- Acho que você está certo. Tenho certeza que sim.

- Vai ser o pior de tudo, ou o fim de alguma coisa.

- Vai... Eu deveria ter trazido a garrafa de saque - inclinou-se contra o parapeito. - Você não me culparia, não é, Charlie? E se tivesse ocorrido o pior? Porque eu participei disso, mesmo.

- Nem pensei nisso.

- Quero dizer, sou só uma pessoa, mas fiz o que uma pessoa pode fazer.

- Não se pode pedir mais que isso.

Houve um grito animal, lá em cima. Alegria, raiva, dor, difícil discernir.

- Acertaram! - disse ele.

As pessoas estavam correndo para as ruas. Chegavam a pular fora dos furgões. Corriam de um lado para outro, cegamente. Pontinhos distantes, de anônimos, pulando: a multidão.

Sirenes tocavam. As pessoas se abraçavam. Estranhos se beijando. Uma multidão se abraçando. As janelas começaram a se abrir por toda a rua.

- Acertaram-no - disse ele, de novo. Laura olhou para baixo, para o povo.

- Todos estão felizes.

Ele teve o bom-senso de nada dizer. Só estendeu a mão para ela.

Autor: Bruce Sterling

Os anos 80 foram sacudidos por um movimento que surgiu dentro da Ficção Científica e que provocou uma revisão das visões de futuro realizadas até então e estabelecendo o início de uma nova tendência no gênero: o Movimento *Cyberpunk*.

De qualquer forma, o conceito *cyberpunk* associa-se a uma realidade computadorizada em que pessoas e informações se equivalem. E apresenta um trabalho de análise muito séria sobre o impacto social do advento das inteligências artificiais e dos experimentos tecnológicos aplicados não somente no dia-a-dia dos seres humanos, como também dentro deles, em seus cérebros ou nas reentrâncias de sua pele.

E a invasão da mente com computadores cerebrais interfaciais, inteligência artificial e neuroquímica; e a invasão do corpo com membros protéticos, circuitos implantados, cirurgia cosmética e alteração genética.

Embora expressa essencialmente em literatura, essa tendência *cyberpunk* tem óbvias ligações com o cinema, quadrinhos, música, ecologia, roupas etc Além disso, a postura de questionamento de seus integrantes - Bruce Sterling, William Gibson, entre outros - adquiriu enorme destaque, provocando e estimulando variados debates.

Um bom exemplo dessa nova (e dura) visão do mundo é o filme *Blade Runner- O Caçador de Andróides,* baseado em um livro de Philip K. Dick, visto que todos os autores *cyberpunk* são unânimes em situar no filme algumas inspirações visuais mais constantes para o movimento. Os filmes *Robo-Cop* e *O Exterminador do Futuro* poderiam ser outros bons exemplos.

Torna-se cada vez mais fácil identificar sinais *cyberpunk* na produção de filmes e vídeos atuais, ou encontrá-los em alguns quadrinhos que foram (não sem razão) revolucionários: *Batman - O Cavaleiro das Trevas,* de Frank Miller, e *Watchmen,* de Alan Moore.

Como toda tendência, também esta parte de dados reais: no caso, a incrível presença do computador na vida cotidiana de todos e a velocidade com que, por meio dele, volumes imensos de informação e possibilidades estão ao alcance de qualquer pessoa.

Nas projeções do futuro, as gigantescas corporações do Primeiro Mundo controlarão ou tentarão controlar todo o fluxo de informações, produtos e serviços. O grande desafio é o Terceiro Mundo, por ter a posse de versões pirateadas da tecnologia de ponta e disposto a não jogar pelas regras das grandes corporações, que detém o poder no mundo por meio do controle informático e econômico. Nesse contexto, o Brasil será um dos países mais importantes. Há dezenas de citações ao Brasil nos livros *cyberpunks* e Bruce Sterling, o principal articulador e ideólogo do movimento, já afirmou que adora assistir à tevê brasileira por meio de sua antena parabólica.

Segundo Sterling, a década que passou foi uma era de reavaliação, integração, influências híbridas, velhas noções libertadas e reinterpretadas com uma perspectiva e sofisticação bem mais abrangentes; e que os *cyberpunks* têm em mente um ponto de vista global de amplo alcance.

As ferramentas da integração global - as redes dos meios de comunicação via satélite, as corporações multinacionais - fascinam os *cyberpunks* e figuram constantemente em seu trabalho. "A consciência global é mais do que um artigo de fé para os *cyberpunks*, representa uma busca deliberada", diz Bruce Sterling.

Nos meados da década de 80, Sterling lançou um jomalzinho chamado *Cheap Truth*, sob o pseudônimo de Vicent Omniaveritas, e usou esse espaço para descarregar todo seu descontentamento com a FC que se produzia na época e que, para ele, parecia incapaz de evoluir com as cada vez maiores e mais rápidas mudanças na tecnologia e na sociedade.

A seu lado estavam os escritores Lewis Shiner, John Shirley, Rudy Rucker e William Gibson. Os cinco criaram um grupo, que batizaram de O Movimento. A expressão "*cyberpunk*" apareceria mais tarde, cunhada por Gardner Dozois, editor-chefe da *Isaac Asimov Magazine* americana, pensando em seus aspectos básicos: a ambientação de alta tecnologia, impregnando até mesmo as classes mais baixas com um amplo leque de variações tecnológicas (daí a prefixo *cyber);* e o niilismo, a negação dos valores morais e o abandono de qualquer espécie de esperança, seja pela redenção dos homens seja pela própria salvação dos personagens como indivíduos (por isso o sufixo *punk).*

Ou, como esclareceu o ensaísta Julian Dibbel: "*Cyberpunk* é a cibernética fria e científica fundida ao punk explosivo e anárquico."

Uma definição mais erudita foi oferecida por um professor especialista em FC da Universidade da Califórnia em Riverside: "Trata-se de prosa ótica, desenhando uma nova realidade e refletindo uma fusão cada vez maior entre a matriz eletrônica e o cérebro humano, o mundo como uma aldeia global, imerso numa noite perpétua de rock, estimulantes artificiais e sexo sintético."

De qualquer forma, o Movimento surgiu no interior da Ficção Científica. Não tinha líder: William Gibson, considerado por alguns como guru, após o sucesso fulminante de seu livro *Neuromancer*- obra em que melhor se definiram os objetivos do grupo -, sempre negou essa liderança. Esta confusão talvez decorra justamente desse seu primeiro romance, que foi o ganhador dos prêmios Hugo, Nébula e o Philip K. Dick de 1984.

O nome deste último não é mera coincidência: juntamente com nomes como Samuel Delany, J. G. Ballard, Thomas Pynchon, John Varley, Alfred Bester, Harlan Ellison, uma das influências nas obras literárias do movimento foi também Phillip K. Dick. O que nos dá a entender que o Movimento *Cyberpunk* representou, talvez, uma revivificação de estilos, um resgate do que melhor se fez no passado - principalmente

da *New Wave*, um movimento que na década de 60 abriu novas perspectivas na FC, para temas até então ignorados e para aspectos psicológicos não explorados de temas já conhecidos, vistos por ângulos totalmente pioneiros e explorando mais os conhecimentos das áreas chamadas "humanas", como sociologia, música, poesia, antropologia, arqueologia, e que, como os *cyberpunks*, foi revolucionário precisamente por combater os cânones vigentes da FC da época.

Mas isso não quer dizer que o movimento, hoje considerado extinto por seus integrantes, não tenha sido uma proposta válida: como diz o escritor Bráulio Tavares, cada época tem a FC que merece, ou seja, cada época tem uma visão de futuro. A visão que os anos 80 e 90 têm de seu futuro próximo é basicamente a de uma sociedade hedonista e niilista, que cultua ferozmente os avanços da tecnologia para todos os usos, seja simplesmente estético (próteses para aumento das capacidades corporais) ou social (drogas alucinógenas ou estimulantes) ou ainda para a necessidade fundamental da aldeia global: a comunicação, onde se utilizaria o ciberespaço, uma dimensão criada por computador e à qual o usuário tem acesso direto, sensorialmente.

Segundo o conceito de Gibson, ciberespaço é uma "alucinação consensual, que pode ser experimentada diariamente pelos usuários através de *softwares* especiais... Linhas de luz que abrangem o universo não-espacial da mente, constelações infindáveis de dados...". É a chamada realidade virtual.

A Nasa, através de seu departamento de pesquisas, o Ames Research Center, desenvolveu uma tecnologia de "realidade virtual" proporcionada pelo ciberespaço. O aparelho consiste de *eyephones* (óculos com monitor de vídeo para cada olho), com dois *displays* de cristal líquido, como pequenos televisores do espaço gerado pelo *software*. Com um *dataglove*, uma luva de comando, pode-se manusear objetos existentes no ciberespaço. O lado curioso desses equipamentos é que são totalmente inspirados nas informações "técnicas" contidas em *Neuromancer*, de Gibson, gerando novamente a polêmica sobre quem, na realidade, está inventando o futuro: cientistas ou escritores?

O *cyberpunk* leva em consideração os avanços da ciência, que, hoje, são tão profundamente inquietantes e revolucionários que já não se podem dominar; irrompem na cultura em geral, são invasores, encontram-se em toda parte.

Ele sabe que a tecnologia atingiu um auge febril e sua influência já chegou ao nível da rua. Como salientou Alvin Toffler - uma das grandes influências para muitos *cyberpunks* - em seu livro *A Terceira Onda;* "A revolução técnica que reformula nossa sociedade não se baseia na hierarquia, mas na descentralização; não na rigidez, mas na fluidez."

O *cyberpunk* mostra um universo hipertecnológico verdadeiramente convincente, associado a um estilo surrealista e fascinante que faz o futuro se parecer muito próximo do presente.

A visão do futuro humano é enlouquecedora, onde drogas potentes são coisa comum e o acesso à informação é a moeda mais valorizada.

A tecnologia é visceral, intensa, sutil e profundamente íntima, não somente fora de nós, mas junto de nós, sob nossa pele e, com freqüência, em nossas mentes.

Há, sem dúvida, uma ênfase nos implantes feitos no corpo humano, como mandíbulas de lâminas retrateis nos dedos, e onde redes de computadores e cérebros estarão em ligação.

E interessante notar que o Movimento - talvez inconsciente ou até deliberadamente - acabou sendo fiel a sua proposta justamente por ter acabado e que seus autores principais estão procurando a evolução e o amadurecimento. Com Bruce Sterling não é diferente.

Nascido em Brownsville, Texas, em 1954, Sterling teve seu primeiro conto, *Man-Made Self,* publicado em *Lone Star Universe* após uma marcante participação no mais famoso workshop de criação literária de Ficção Científica, na Universidade de Clarion, aos 21 anos de idade.

Em 1977, lança o romance *Involution Ocean,* um dos contemplados da coleção *Discovery Series* da Jove Press, coordenada pelo editor e escritor Harlan Ellison. Na época, Ellison declarou que o rapaz havia feito um *tour de force* absolutamente notável: a qualidade de sua prosa e o vigor de sua narrativa, numa história envolvente que reconta, no mundo de Nullaqua, as histórias de Moby Dick e Duna, confirmam isso desde a primeira página.

Três anos depois, 1980, lança um novo romance, *The Artificial Kid.* Imaginem um mundo chamado Reverie (que, em inglês, muito sugestivamente, significa devaneio), onde as pessoas alcançam tranqüilamente a idade de duzentos anos e os jovens, para não se sentirem esmagados pelo peso enorme da experiência das gerações mais antigas, se entregam de corpo e alma à arte do combate, que mistura o código de honra samurai à técnica cibernética e ao fetichismo yuppie; não uma laranja mecânica, mas eletrônica. Esse livro de Sterling poderia ser chamado de "Guia Básico para o Leitor *Cyberpunk*". Nele encontram-se praticamente todos os tópicos que depois seriam explorados por ele próprio e pelos integrantes do Movimento.

Depois de *The Artificial Kid,* Sterling publicou, em 1985, *Schismatrix,* uma história passada no mesmo universo de *The Swarm,* de 1982, e outros quatro contos publicados entre 82 e 85. Este romance expande seu campo de ação - em vez de se deter apenas em um planeta, como Nullaqua em *Involution Ocean* ou Reverie em *The Artificial Kid,* a história abrange todo o nosso sistema solar - e se passa em uma época com a qual ainda podemos nos identificar, provavelmente daqui dois ou três séculos.

Sterling é um escritor vigoroso; suas palavras não são vagas, ele realmente acredita no que escreve, tanto quanto seus personagens nas ideologias pelas quais lutam. Mas essa firmeza de princípios, se, como transmissora de idéias, é fundamental, também tem seu lado negativo; seus protagonistas são quase sempre dotados de reserva moral e de ingenuidade que por pouco não os tornam inverossímeis; o que se salva é o forte domínio e conhecimento que Sterling demonstra possuir da alma de seus

personagens. Às vezes, no entanto, temos a nítida impressão de que os protagonistas irão sucumbir a fortes impulsos morais e ter atitudes que as circunstâncias não permitiriam.

Naturalmente, essa ingenuidade e conjunto de princípios - que Gibson, por exemplo, descarta totalmente, talvez justificando a validade dos prêmios de *Neuromancer*- são partes integrantes da formação do autor, as pistas que nos permitem indicar como ele vê o mundo. Até a época de *Schismatrix,* fica-nos a impressão de que Sterling realmente consegue passar seus objetivos e criar personagens que mudam no decorrer dos acontecimentos e são cheios de contradições, como todo ser humano. Mas, apesar disso, não demonstra ter uma visão completa dos fatos e trata os conceitos do *way-of-life cyberpunk* como certos, sem questionamentos.

Entretanto, *Piratas de Dados (Islands in the Net)* que recebeu o Campbell Memorial *Award* de 1989 como melhor romance de FC do ano, sem dívida, nos apresenta uma nova fase do talento criativo de Bruce Sterling ou, como nas palavras do escritor e crítico Normam Spinrad, "parece assumir uma visão revisionista de certas suposições tradicionais do *cyberpunk*".

O tempo é cedo na história do *Homo cyberneticus.* A guerra foi banida e os vastos arsenais nucleares, desmantelados; as corporações burocráticas de hoje foram substituídas por conglomerados multinacionais, como o grupo Rizome em que Laura Webster, a personagem central, trabalha.

Rhizome (rizoma) é um tipo de caule subterrâneo, cuja face inferior produz raízes adventícias, que são o ponto de partida de novos pés e cuja face superior emite um ou vários rebentos aéreos por ano. Caracteriza-se como órgão de reserva (estoque de comida) e também como ramo reprodutivo. Sterling, aqui, claramente compara sua nova estrutura de corporação transnacional a uma rede ou cadeia de raízes.

O grupo Rizome é administrado segundo um sentimento de camaradagem que marca uma grande e feliz família. O grupo se define dizendo que tem pessoas e trabalho que precisa ser feito.

Já a integração global, expressa através da Rede, é a soma dos telefones, televisões, computadores, satélites de comunicações e outras coisas a que estamos potencialmente ligados hoje em dia e a que todo país dito civilizado está em ligação. Todos têm acesso e sem ela se sentem perdidos, como a mãe de Laura diz: "Talvez as pessoas não estimem suas posses agora como fazíamos no pré-milênio. Como poderiam? Todo o dinheiro delas vai para a Rede. Para jogos, negócios ou televisão. Coisas que vêm pelos fios. Os jovens destes tempos talvez não sonhem com uma Mercedes ou uma hidromassagem, mas vão ficar se gabando o tempo todo por causa de seu acesso aos dados."

Mas existem alguns países que não fazem parte da Rede, apesar de totalmente rodeados por ela, a ponto de formarem verdadeiras ilhas, isoladas do fluxo de informações e tentando exercer um controle sub-reptício dele, transformando-se em piratas de dados, roubando ou duplicando informações e tecnologias. Naturalmente,

essas ilhas, que nem sempre são geográficas, pertencem ao Terceiro Mundo.

Aqui percebemos que Sterling desenvolveu uma crítica mais aguda, porque centrada em uma realidade atual, o confronto Primeiro Mundo *versus* Terceiro Mundo; ele parece compreender melhor como essa dominação cultural-tecnológica realmente se processa. E não é para se espantar. Há alguns anos, Sterling viveu durante algum tempo em Madras, índia. A vivência cotidiana num dos países mais pobres do Terceiro Mundo parece ter exercido uma influência essencial na construção deste romance - seguindo os passos de John Brunner e seu *Stand on Zanzibar.* Em vez de se preocupar com o lado místico das coisas, ele tirou de seus dias na índia os subsídios necessários para a compreensão de que seus romances anteriores não tinham essa preocupação com os despossuídos, os párias, alijados da evolução tecnológica e social.

Sterling já era um escritor completo ao lançar, em 1977, seu *Involution Ocean,* que pode dividir o lugar de seu melhor romance ao lado de *Piratas de Dados.* Mas é com este último que verdadeiramente cresceu sua compreensão do que é a tão falada e debatida aldeia global.

Mesmo que Charles Brown, editor da *Locus* - a mais importante revista de FC - , tenha dito que "o *cyberpunk* é na realidade mais um dispositivo de *marketing* do que qualquer outra coisa"; mesmo que os *cyberpunks* odeiem essa etiqueta, alegando que ela não reflete claramente a diversidade do que eles estão fazendo e que não pensam em termos de ser *cyberpunks,* apenas estão sendo etiquetados dessa maneira; mesmo que tenham objeções ou restrições ao termo que nenhum deles escolheu, mas acabam aceitando por funcionar como um mecanismo de mercado para ajudar a promover e divulgar seus trabalhos - ainda assim podemos perceber que a FC de hoje encontra-se num raro estado de fermentação, e por isso tranqüilamente concordamos com William Gibson quando ele disse que "o *cyberpunk* já tem um legado: o de ter abalado as estruturas da Ficção Científica, com isso possibilitado uma renovação, que já se fazia necessária, no gênero."

F F e S. A.

MIKROPŒDIA SCIENTIÆ

Rizoma

Quando pensamos no caule de uma planta, em geral imaginamos uma estrutura cilíndrica que liga as raízes à parte superior. Ele pode ser duro e grosso, como o tronco das árvores, ou fino e flexível, como o de um pé de feijão.

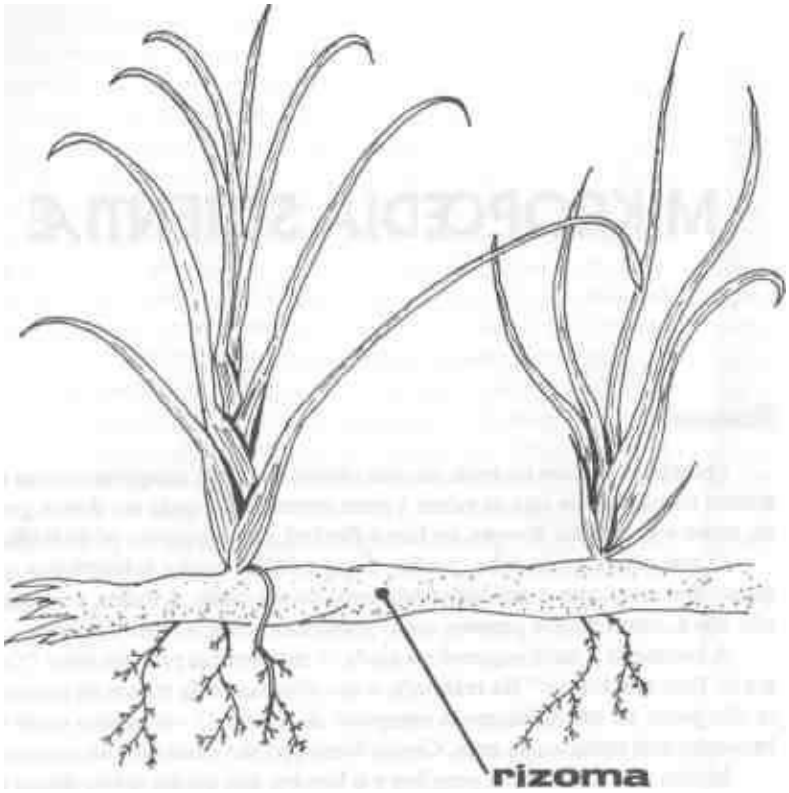
O que pouca gente sabe, porém, é que existem caules subterrâneos que pouco têm a ver com o conceito tradicional de um caule. A batata, por exemplo, não é, como muitos pensam, uma "gorda raiz", mas o caule da planta.

A bananeira é mais enganadora ainda. A maioria das pessoas diria: "Calma lá. Essa tem tronco." Na realidade, o que chamamos de tronco da bananeira não passa de um aglomerado compacto de folhas. O verdadeiro caule da bananeira está embaixo da terra. Caules desse tipo são chamados de *rizoma*.

Muitas plantas, como o gengibre e o bambu, têm caules subterrâneos do tipo rizoma. Eles têm, basicamente, duas funções: podem servir de reserva de alimento e como mecanismo de reprodução assexuada. De um ponto do rizoma podem brotar folhas e raízes e surgir uma nova planta, ligada à primeira.

Após algum tempo, poderemos ter uma verdadeira rede de indivíduos interligados, formando ao mesmo tempo um organismo único. Dificilmente poderemos distinguir a planta-mãe das plantas-filhas.

Muitas corporações multinacionais estão, hoje em dia, orientando se para uma estrutura do tipo rizoma. O conceito de "matriz e filiais" está se tomando rapidamente obsoleto. Cada indivíduo faz parte da organização, mas, ao mesmo tempo, tem existência autônoma. A administração e as decisões são completamente descentralizadas, porém, nem por isso, a organização se desagrega, continuando a formar um organismo único.



Um bom exemplo atual desse tipo de organização anárquica (no bom sentido do termo) é o correio mundial. Não existe uma matriz que comande o funcionamento dos correios nacionais. Pelo contrário, eles têm completa autonomia. Entretanto, a troca de correspondência internacional funciona às mil maravilhas, justamente por ter estrutura do tipo rizoma.

Essa tendência administrativa pode ser extrapolada para a estrutura política e talvez, dentro de algumas décadas, a humanidade descubra que os governos são um mal desnecessário.

Quem sabe, nos inspirando no rizoma das bananeiras, consigamos construir, no futuro, a sociedade sonhada pelos anarquistas utópicos.

Piratas de Dados

Ao contrário do que muita gente pensa, a grande revolução do final deste século não foi na Informática, mas sim na Telemática; não na área da computação, mas na de transmissão de dados.

Ter um computador pessoal, em casa ou no escritório, cuja capacidade de processamento é superior à dos grandes computadores de uma década atrás, pode representar uma grande mudança no estilo de vida do indivíduo, mas não chega a causar uma revolução social.

Agora, quando esse computador pode, por meio de uma rede telefônica comum, interligar-se a outros computadores ou a grandes bancos de dados, estaremos nos

defrontando com algo que realmente pode afetar toda a estrutura da sociedade.

Além das óbvias alterações, que têm provocado na rotina dos indivíduos - basta lembrar de como os bancos funcionavam há cerca de 25 anos -, essas redes de comunicação tendem a se interconectar cada vez mais, formando um imbricamento de fluxo de informações absurdamente complexo, criando com isso situações inéditas.

Visto que essa complexidade cresce exponencialmente com o crescimento da rede, em muitos sistemas já não se tem uma idéia muito clara de quem está ligado com quem e onde certos dados estão fisicamente localizados.

Isso representa um alvo tentador para uma categoria especial de delinqüentes: os piratas de dados. Trata-se, normalmente, de pessoas com QI elevado e com tendências anti-sociais ou, no mínimo, dotadas de um estranho senso de humor.

Para muitos piratas - também chamados de *hackers*, arrombadores -, a utilidade dos dados furtados é secundária; o importante é a satisfação de violar um sistema teoricamente dotado de mecanismos de segurança. Há um duelo entre os que criam as travas e os que descobrem maneiras de iludi-las.

O tipo de arrombamento mais "bruto" e deselegante é o de se "grampear" a linha pela qual transitam as informações, ou seja, os dados. Eles são simplesmente desviados para uma linha clandestina, que os leva até um computador, onde são armazenados para posterior decifração. Esse tipo de furto costuma ser efetuado por profissionais - serviços de espionagem industrial ou militar. A finalidade é pragmática e não lúdica.

Outro tipo, mais sutil e, portanto, mais do agrado dos *hobbistas*, é o de se acessar uma rede fingindo ser um terminal autorizado. Obviamente isso implica ultrapassar um ou mais bloqueios, fornecendo senhas.

A própria capacidade bruta de processamento do computador pode ser usada para a descoberta da senha. Digamos, por exemplo, que a senha solicitada consista numa seqüência de quatro letras escolhidas entre as 26 do alfabeto. Um simples cálculo mostra que existem 26 x 26 x 26 x 26 = 456.976 combinações diferentes.

Um microcomputador dotado de sistema de discagem automática tonal demoraria pouco mais de dois segundos para acessar essa rede e emitir uma das combinações como senha. Na pior das hipóteses, após cerca de dez dias de processamento, o sistema será violado - no filme *War Games*, uma situação dessas é descrita com muito realismo. Ainda assim, trata-se de um método "bruto", que usa só a capacidade de processamento, não a inteligência.

Vamos exemplificar para percebermos a diferença entre os dois mecanismos. Imagine que um amigo lhe estenda um pedaço de papel e diga: "Responda rapidamente, o que colocar no lugar do ponto de interrogação?"

$(x - a)(x - b)(x - c)...(x - z) = ?$

Se você fornecer essa mesma pergunta a alguém que raciocina de forma "bruta", como o computador do exemplo anterior, a pessoa começará a efetuar as operações indicadas, começando por:

(x-a)(x-b)

pegando, em seguida, o resultado e multiplicando-o por (x - c):

$[x^2 - (a + b)x + ab](x - c)$

e assim sucessivamente até chegar no (x - z).

Acontece que a própria maneira na qual a pergunta foi formulada constitui um dos dados do problema: aquele “responda rapidamente...” já exclui o processo de resolução “bruto”. Se ele quer uma resposta rápida, qualquer processo demorado não levará à solução desejada.

Uma vez excluído um procedimento, nossa mente fica livre para pensar em outros aspectos do problema, como, por exemplo, quais são todos os termos da expressão. No momento em que tentamos imaginá-los, percorrendo o alfabeto até o fim, surge o estalo. Um dos binômios da expressão será:

(x-x)

que é igual a zero. E, se um dos fatores do produto de binômio é nulo, o produto inteiro também o será. A resposta rápida será, então, 0.

Recentemente, começaram a ser desenvolvidas linguagens de computação que tiraram o monopólio do raciocínio inteligente da mente humana. Com essas linguagens podemos construir programas que rejeitam a solução “bruta” e procuram, com todas as informações a seu dispor, construir uma solução inteligente.

O problema a seguir foi proposto - obviamente não em termos coloquiais, mas devidamente codificado - a dois computadores programados de maneira “bruta” e “inteligente”:

“Num tabuleiro de xadrez serramos fora a casa que fica num dos cantos e a que fica diagonalmente oposta, sobrando, portanto, 62 casas.

“Pegamos 31 pedras de dominó de tamanho tal que cada uma delas cubra duas casas do tabuleiro e tentamos distribuí-las sobre o mesmo.

“De quantas maneiras diferentes podemos dispor as pedras de dominó de forma que o tabuleiro fique totalmente coberto?”

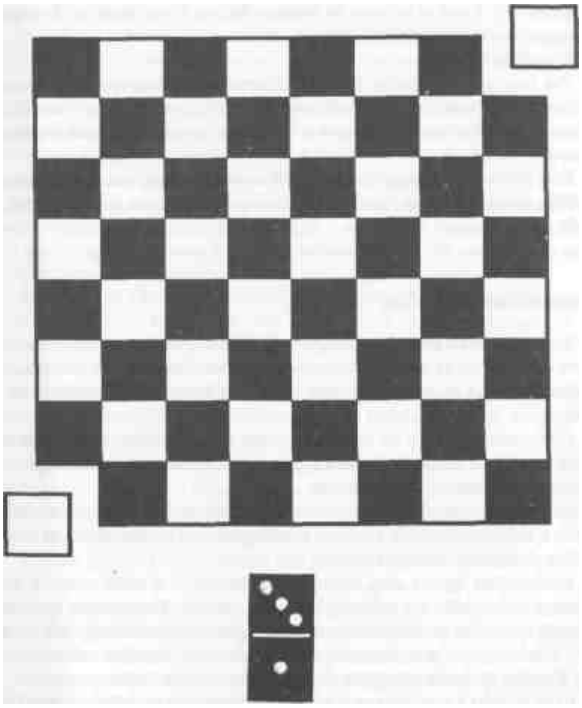
O computador “bruto”, após horas de processamento - que para um computador representam quase uma eternidade -, forneceu uma resposta que, traduzida em linguagem coloquial, dizia: “Tentei todas as combinações possíveis e, em nenhuma delas, consegui cobrir totalmente o tabuleiro.”

O computador programado para solucionar de maneira “inteligente”, após uns poucos segundos, deu uma resposta que, traduzida, seria: “Cada pedra de dominó deverá cobrir uma casa branca e uma preta. O tabuleiro, portanto, só poderá ser totalmente coberto se o numero de casas brancas for igual ao de pretas.”

Ao serrarmos fora casas diagonalmente opostas, eliminamos duas casas da mesma cor. Logo, o número de brancas deixou de ser igual ao de pretas: não existe maneira de cobrir o tabuleiro.

O computador “bruto”, após horas de processamento - que para um computador

representam quase uma eternidade -, forneceu uma resposta que, traduzida em linguagem coloquial, dizia: “Tentei todas as combinações possíveis e, em nenhuma delas, consegui cobrir totalmente o tabuleiro.”



O computador programado para solucionar de maneira “inteligente”, após uns poucos segundos, deu uma resposta que, traduzida, seria: “Cada pedra de dominó deverá cobrir uma casa branca e uma preta. O tabuleiro, portanto, só poderá ser totalmente coberto se o numero de casas brancas for igual ao de pretas.”

Ao serrarmos fora casas diagonalmente opostas, eliminamos duas casas da mesma cor. Logo, o número de brancas deixou de ser igual ao de pretas: não existe maneira de cobrir o tabuleiro.

Humilhante, não?

Por isso que afirmações do tipo “criamos um código que nem em um milhão de anos poderá ser decifrado pelo mais rápido computador” devem ser aceitas com muita reserva. Talvez a afirmação seja verdadeira para processos “brutos”.

Para piratas espertos, porém, auxiliados por computadores “inteligentes”, o milhão de anos pode se transformar em alguns minutos e muitas gargalhadas de escárnio.

Transmissão de Dados

Mesmo os mais primitivos déspotas de tempos remotos conheciam o poder da informação. O líder político ou militar, que dispusesse de informações atualizadas, tinha (e ainda tem) mais condições de exercer eficientemente o poder.

Como conseqüência, ao longo da história da humanidade detectamos todo um arsenal de meios destinados a transmitir rápida e eficientemente uma quantidade crescente de informações.

Detectamos também que a humanidade teve de lançar mão, em várias épocas e culturas, das mais criativas tecnologias para a transmissão de informações. A escrita é um bom exemplo.

Basicamente temos dois tipos de transmissão: o meio material que contém a informação e a informação pura e simples. Na primeira categoria podemos colocar as mensagens escritas, transportadas por mensageiros ou velozes estafetas, que se revezavam em desenfreadas jornadas, utilizando os mais diversos meios de transporte. Foram os ancestrais dos atuais correios.

Com relação a segunda categoria - a transmissão da informação pura e simples -, as revoluções se sucedem e estamos longe de atingir o limite da eficiência. Começamos com os sinais de fumaça dos índios norte-americanos ou com os tambores nas selvas africanas, passando pelas torres de sinalização dos romanos e pelo heliógrafo (espelho que reflete a luz do Sol) ou pela luz de uma lanterna à noite, que podem produzir um piscar facilmente codificável e é utilizada para transmissão de informações.

O limite, com esse sistema, é o alcance da visão. A distância pode ser aumentada além desse alcance estabelecendo-se postos de retransmissão, que passam adiante a informação recebida. Esse conceito é usado, modernamente, nas estações retransmissoras de sinais de tevê, tanto em terra, quanto pelos satélites artificiais.

No século passado, descobriu-se que um sinal elétrico correndo por um fio metálico podia transmitir esses códigos “piscantes” a distâncias muito maiores: estava inventado o telégrafo.

Posteriormente, com a invenção do rádio, o código “piscante” começou a ser transmitido pelo espaço. Esses sinais, ao serem refletidos nas camadas superiores da atmosfera, permitiam transmissões a longas distâncias sem a necessidade da instalação de “linhas”. Era o radiotelégrafo.

Antigamente o código “piscante” era introduzido manualmente na linha. Com a evolução tecnológica isso começou a ser feito de maneira automática e com maior rapidez, através dos computadores, capazes de produzir um código tão rápido que as ondas de rádio não conseguem transmitir.

Essa rapidez é facilmente explicável: imagine uma dessas campainhas residenciais, onde um badalo bate num sino sessenta vezes por segundo. Se utilizar o código morse, em que o “traço” (_) dure dois segundos e o “ponto” (.) um segundo, para representar a letra N (_.) do alfabeto, você deverá apertar o botão da campainha dois segundos, fazer uma pausa e apertar um segundo para enviar a informação. Isso corresponde a 120 badaladas, pausa, sessenta badaladas.

Agora digamos que se queira “compactar” a mensagem, enviando-a mais rapidamente: dobrando o ritmo teremos sessenta badaladas para o traço e trinta

badaladas para o ponto, multiplicando o ritmo da mensagem por dez. Poderíamos transmitir o N com seis badaladas, pausa, três badaladas.

E claro que essa compactação não pode prosseguir indefinidamente: se tentarmos transmitir o N com 2/5 de badalada, pausa e 1/5 de badalada, por exemplo, mensagem nenhuma será enviada. Quando o ritmo da mensagem supera um certo limite, determinado pela freqüência de "base" (em linguagem técnica dizemos "da onda portadora"), a transmissão se toma inviável.

Se a campainha bate sessenta vezes por segundo, não podemos ter a pretensão de enviar mais que umas dez letras por segundo.

Da mesma forma, as ondas de rádio têm freqüência própria que limita o ritmo com o qual podemos intercalar uma mensagem em sua transmissão.

Essa limitação atualmente começa a criar verdadeiros "congestionamentos" nos canais de comunicação existentes. Como solucionar esse problema?

Voltando à analogia da campainha, vislumbramos duas soluções: a primeira consiste em se acrescentar um mecanismo que possa dosar a intensidade da badalada. Se a campainha passar a dispor de um repertório de badaladas do tipo "muito fraca", "fraca", "média-fraca".....”fortíssima", podemos

associar uma letra a cada tipo de intensidade. Mudou-se, obviamente, o tipo de codificação e como conseqüência a quantidade de informações que podem ser transmitidas por segundo aumentou muito.

Na transmissão de dados por fio ou por rádio, esse processo passou a ser denominado de "modulação" e permitiu a transmissão de uma quantidade muito maior de informações por unidade de tempo. Corresponde à passagem da telegrafia para a telefonia e da radiotelegrafia para a radiofonia.

A segunda solução para resolver a limitação da transmissão das informações corresponderia a aumentar a freqüência das badaladas da campainha Se, com sessenta badaladas por segundo consigo transmitir umas dez letras por segundo, com seiscentas badaladas por segundo serão cem letras por segundo.

Foi isso, na realidade, que se começou a fazer com a radiofonia: a transmissão de um sinal por microondas (freqüência alta) é muito mais "densa" e rica em informações do que por ondas médias (freqüência mais baixa).

Acontece que, aumentando-se a freqüência das ondas eletromagnéticas de rádio, elas deixam de ser de rádio e se tornam infravermelho ou até luz visível. Neste caso, o ideal seria conseguirmos transmitir nosso sinal usando luz como "portadora" e não mais ondas de rádio.

Transmitir um sinal luminoso pelo ar, porém, apresenta alguns inconvenientes, e isso nós sabemos desde o tempo da sinalização com fogueiras.

Em primeiro lugar, a tendência de qualquer feixe de luz é a de ir se alargando conforme se propaga e esse efeito é tanto mais acentuado quanto maior é a distância de propagação.

Esse inconveniente, porém, pode ser diminuído se usarmos luz coerente (laser). Mesmo assim, existem outros dois: a luz não faz curvas nem vira esquinas e qualquer neblinazinha inviabilizaria o sistema de transmissão.

O ideal seria inventarmos um "tubo" flexível pelo qual a luz pudesse se propagar, sem perdas apreciáveis de potência ao longo do percurso.

E isso também foi feito. Foram inventadas as fibras ópticas, verdadeiros "fios" de vidro especial que conduzem a luz em seu interior. Eles são tão flexíveis que podemos dar um nó em um deles e, mesmo assim, a luz que se propaga em seu interior acompanhará o nó e sairá pela outra extremidade.

A freqüência da luz é tão maior do que a das ondas de rádio, que a quantidade de informações que podem ser transmitidas num código "piscante" é simplesmente fantástica.

Só para se ter uma idéia, um fototelégrafo, baseado na atual tecnologia de fibras ópticas, é capaz de transmitir meio milhão de páginas (como as desse livro) por segundo.

Na realidade, os sistemas atuais usam toda essa capacidade para multiplexar a transmissão, ou seja, para transmitir uma quantidade menor de informações, mas em vários canais diferentes.

Seria como limitar a transmissão a mil páginas por segundo, dispondo, na mesma fibra, de quinhentos canais simultâneos que transmitissem a essa velocidade.

E isso porque estamos ainda engatinhando. Nossa tecnologia está limitada, por enquanto, à do fototelégrafo, ou seja, à do pulso de luz que transita pela fibra óptica e transporta informações apenas na base do "liga/desliga".

Quando os engenheiros conseguirem realizar um PLL *(phase locked loop)* que funcione a contento, poderemos modular o sinal luminoso que transporta a informação. Nesse momento a velocidade de transmissão de dados ficará multiplicada por pelo menos três ordens de grandeza.

Fibras Ópticas

A luz, como se sabe, propaga-se com diferentes velocidades nos vários meios transparentes. No vácuo, sua velocidade máxima é de 300 mil quilômetros por segundo. Já na água e no vidro, ela se propaga, respectivamente, com as velocidades de 225 mil e 192 mil quilômetros por segundo.

Para caracterizar o comportamento de um meio transparente em relação à luz, define-se um número denominado *índice de refração,* que é calculado de uma maneira simples: basta dividir a velocidade de propagação da luz no vácuo pela velocidade no meio transparente em questão.

Para a água, o índice de refração valerá:

300.000/225.000 = 1,33.

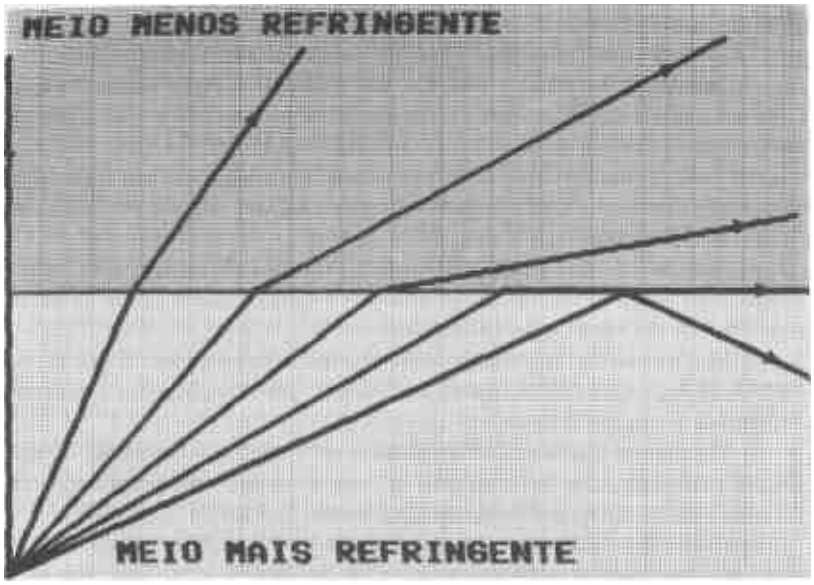
Para o vidro teremos:

300.000/192.000 = 1,56 ou seja, o vidro é mais refringente do que a água.

Para o vácuo - e, aproximadamente, para o ar -, este índice vale 1.

Vemos, então, que quanto mais refringente o meio, mais devagar a luz se propagará nele.

Digamos agora que um feixe de luz esteja se propagando num certo meio e atinja o limite, ou melhor, a superfície de separação com outro meio, de índice de refração diferente. Dois fenômenos ocorrerão: uma parte do feixe passará para o segundo meio e outra será refletida de volta para o primeiro. É por isso, por exemplo, que podemos ver nossa imagem refletida numa poça d'água: parte da luz penetra na poça e parte é refletida.



Se o feixe incidir sobre a superfície de separação dos dois meios de maneira oblíqua, o desvio em relação a perpendicular poderá aumentar ou diminuir, dependendo do segundo meio ser menos ou mais refringente. Quando você mergulha um bastão na água, por exemplo, ele parecerá “quebrado”, devido justamente a esse fenômeno: os raios de luz, ao passar da água para o ar, sofrerão um desvio, responsável pela aparente “quebra” da parte submersa.

Quando a luz passa de um meio mais refringente (a água) para um meio menos refringente (o ar), um estranho fenômeno ocorre: quanto mais oblíquo o raio que incide, mais inclinado é o raio que passa ao segundo meio. Se ele incidir num ângulo bem rasante, a transmissão para o segundo meio passará a ser impossível e toda a energia luminosa será refletida de volta ao primeiro. Dizemos que houve uma reflexão total.

Se o leitor já passou por alguma experiência de mergulho, deve ter notado que a máscara do companheiro ou o mostrador do relógio, vistos de certos ângulos, se comportam como espelhos. E que os raios luminosos, ao tentar passar do vidro para o ar - atrás da máscara ou no interior do relógio -, sofrem reflexão total.

Os engenheiros de telecomunicações, ao adotar fibras ópticas para a transmissão de informações por meio de luz, se defrontaram com o seguinte problema:

como não deixar que os raios de luz que penetram numa extremidade da fibra a percorram inteira, sem escapar no meio do caminho, mesmo que a fibra esteja curvada ou mergulhada num meio mais refringente que o vidro?

A solução encontrada foi relativamente simples: a fibra óptica é constituída de um fio de vidro - suficientemente fino para ser bem flexível - de índice de refração relativamente alto. Esse fio é revestido por uma capa, também de vidro, mas bem menos refringente.

Com isso fica garantido que a reflexão total ocorrerá na superfície de separação dos dois vidros, independendo do que possa eventualmente estar fora da fibra.

Assim garantimos que o raio de luz que percorre a fibra se mantenha sempre em seu interior, acompanhando eventuais curvas e só emergindo ao atingir a outra extremidade.

As fibras ópticas, assim fabricadas, são usadas em transmissão de dados e em sistemas nos quais a luz deve ser conduzida por meio de caminhos sinuosos, como, por exemplo, os endoscópios para uso médico.

Isso significa, por exemplo, poder pegar uma gravação de vídeo de horas e compactá-la em segundos. Não se tratará mais de meio milhão de páginas, mas sim de milhões de livros por segundo.

Como estamos no limiar dessa tecnologia, provavelmente dentro de alguns anos, ao assistirmos um filme de Ficção Científica da década de 90, poderemos ficar admirados com o fato de saltarem faíscas elétricas de um painel de controle danificado. “Como éramos ingênuos”, diremos nessa ocasião, “achar que no futuro ainda se usaria eletricidade para transmitir sinais.”

Será um sentimento análogo ao que temos hoje quando vemos, num romance ambientado no ano 3000, o herói sacar de uma régua de cálculo para computar a órbita do foguete.

Pierluigi Piazzi

Table of Contents

Folha de Rosto
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Autor: Bruce Sterling
MIKROPŒDIA SCIENTIÆ